UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

BRUNA CAMILA BOTH

SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA EM CUIABÁ – MT (1960-1980)

Rio Claro - SP
2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"Júlio de Mesquita Filho"
Instituto de Geociências e Ciências Exatas Campus de Rio Claro

BRUNA CAMILA BOTH

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA EM CUIABÁ – MT (1960-1980)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

Orientadora: Ivete Maria Baraldi

Rio Claro - SP
2014

370.71 Both, Bruna Camila
B749s Sobre a formação de professores de matemática em Cuiabá - MT (1960-1980) / Bruna Camila. Both - Rio Claro, 2014
402 f. : il., figs., fots., mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Ivete Maria Baraldi

1. Professores – Formação. 2. Mapeamento da formação de professores. 3. Universidade Federal de Mato Grosso. 4. História oral. 5. História da educação matemática. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

BRUNA CAMILA BOTH

SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA EM CUIABÁ – MT (1960-1980)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

Comissão Examinadora

Profª. Dra. Ivete Maria Baraldi (Orientadora – Unesp - Bauru)

Profª. Dra. Andréia Dalcin (UFRGS – Porto Alegre)

Profº. Dr. Antonio Vicente Marifioti Garnica (Unesp - Bauru)

Resultado: Aprovado

Rio Claro, SP 08 de dezembro de 2014.

À meus pais, Alfredo e Salete, e irmãos, Eliete e Cássio. A educação, amor, cuidado e atenção recebidos de vocês permitiram que eu chegasse até aqui.

Agradecimentos

A Deus

Inicialmente agradeço a Deus pelo dom da vida, pelas oportunidades e portas que me abriu, pela força que me concedeu, me auxiliando a suportar mesmo os momentos mais difíceis, pelo discernimento nas decisões e persistência para chegar até aqui. Enfim, por estar sempre junto a mim.

À minha família

Se aqui concluo essa etapa de minha vida foi porque vocês sempre estiveram comigo. O carinho, confiança, atenção, conselhos, mas acima de tudo o amor que recebi e recebo todos os dias é que permitiram estar aqui hoje. Muito obrigada pelas horas de telefone e Skype e mesmo longe, cuidarem e se fazerem tão presentes em minha vida, saibam que essa dissertação também é um pouquinho de vocês.

À professora Ivete

Sempre falo que quando vim para Rio Claro Deus colocou vários anjos para me cuidarem e ajudarem nessa caminhada, um deles foi a senhora. Muito obrigada professora Ivete, que mais do que orientadora foi mãe e amiga, soube me aconselhar, cobrar, elogiar e compreender. Agradeço sempre por, mesmo sem conhecer direito, ter escolhido a senhora e a senhora ter me escolhido, o cuidado que teve comigo e com nosso trabalho foi fundamental para que pudéssemos apresentar essa versão.

À Elmha e professora Saleti

Muito obrigada Elmha Coelho Martins Moura e professora Maria Saleti Ferraz Dias Ferreira pelas sugestões de possíveis depoentes. As conversas que tivemos foram fundamentais para que chegássemos aos nomes de nossos entrevistados.

Aos meus colaboradores

Agradeço aos professores Suíse Monteiro Leon Bordest, Claudio Mellado, Nilda Bezerra Ramos, Carlos Antônio Dornellas, Elisete de Miranda, Aquiles Leite do Nascimento, Heliete Martins Castilho Moreno, Sérgio Antônio Wielewski e Vinícius Machado Pereira dos Santos, meus colaboradores, sem os quais não teria sido possível apresentarmos essa versão histórica para a formação de professores de Matemática em Cuiabá. Sou imensamente grata a cada um de vocês, pois não apenas me ofereceram suas recordações para que eu pudesse escrever este trabalho, mas me acolheram e se colocaram à disposição me ajudando em tudo o que precisei no decorrer destes dois anos. Muito obrigada a todos vocês.

Ao departamento de Matemática da UFMT

Agradeço a todo o Departamento de Matemática da UFMT de Cuiabá. Obrigada pela ajuda, atenção, espaço e tempo cedidos a mim durante minha pesquisa de campo, bem como pela documentação, esse apoio foi fundamental para a concretização desta pesquisa.

À banca

Agradeço aos professores Antonio Vicente Marafioti Garnica e Andréia Dalcin por terem aceitado compor a banca, tanto de qualificação quanto de defesa deste trabalho, bem como pelas considerações e sugestões muito proveitosas por meio das quais pudemos concluir o trabalho aqui apresentado.

À Raíla, Patrícia e Fábio

A vocês muito obrigada, foram meus espelhos durante a graduação e mesmo depois, sou grata a todos os ensinamentos, conselhos e apoio que me deram.

À Jaqueline e Luana

Muito obrigada por terem me acolhido, vocês foram fundamentais para que eu conseguisse me adaptar nos primeiros tempos aqui em Rio Claro.

À Nana e Ju

Meninas vocês sabem que foram e são fundamentais para mim, anjos com os quais fui morar, uma irmã e uma mãe que Deus me deu aqui em Rio Claro, no caso da Nana até antes, ainda em Ribeirão Cascalheira. Saibam que sem o apoio de vocês não sei como teria suportado, muito obrigada por todo o carinho, atenção, amor, alegrias, conselhos que me deram. Amo vocês.

À Amanda e Mazzi

A vocês dois meu muito obrigada, amigos verdadeiros que carregarei para o resto de minha vida. Vocês tornaram minha estadia e minha escrita da dissertação mais fácil, pois estavam sempre me apoiando, conversando, me distraindo, ajudando a retirar um pouco da tensão do momento. Vocês são muito especiais para mim.

À Fernanda, Luana, Marta, Sandra, Alex, Marília, Franciele e Marinéia

Aos amigos que fiz em Rio Claro: Fernanda, Luana, Marta, Sandra, Alex, Marília, Franciele e Marinéia, vocês alegraram meus dias aqui, tornaram mais fáceis os momentos de saudade de casa, de desespero com os prazos, de preocupações com a dissertação. Vocês se tornaram fundamentais em minha vida e sempre os levarei no coração. Sei que em determinado momento nossas vidas tomarão rumos diferentes mas vocês estarão sempre comigo, pois são meus amigos! Obrigada por fazerem parte de minha vida.

Aos colegas e amigos do GHOEM e ao Marcelo

Agradeço a todos os colegas e amigos do GHOEM pelas leituras, discussões, reflexões, com vocês aprendi muito e quero continuar aprendendo. Agradeço de modo especial ao Marcelo Bezerra de Morais que, por meio das conversas, discussões, sugestões sempre proveitosas, muito me auxiliou no desenvolvimento deste trabalho.

Aos colegas e amigos do PPGEM

Obrigada pela companhia e momentos felizes que passamos juntos, eles tornaram minha vida em Rio Claro mais fácil.

Ao Anderson

Obrigada por ter entrado em minha vida em um momento tão especial, você me proporcionou novo ânimo para finalizar este trabalho.

Aos meus amigos de Água Boa

Muito obrigada pela paciência, carinho e compreensão, vocês foram e são muito importantes para mim.

À Capes e Unesp

Agradeço a Capes pelo auxílio financeiro recebido bem como a Unesp por ter concedido espaço e oportunidade para a realização do presente estudo.

A todos que contribuíram

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento desta dissertação.

RESUMO

A presente investigação visa compor uma versão histórica a respeito da formação de professores de Matemática, entre as décadas de 1960 a 1980, em Cuiabá, Mato Grosso. Para isso buscaremos elaborar compreensões sobre cursos de formação para docentes dessa área, ofertados na região e período em questão, tecendo relações com as então vigentes políticas educacionais. Como metodologia adotada, para atender à nossa proposta, nos valemos da História Oral, por meio da qual constituímos narrativas que, juntamente com fontes escritas e imagéticas, nos permitiram compor nossa análise, destacando, sempre que possível e/ou necessário, convergências/divergências entre elas, de modo a constituir nossa narrativa para a formação de professores de Matemática em Cuiabá, formulada a partir de diferentes vozes, fontes e perspectivas. Nossa pesquisa almeja também contribuir para o projeto maior de *Mapeamento da formação e atuação dos professores de Matemática no Brasil*, do Grupo de História Oral e Educação Matemática, GHOEM, do qual fazemos parte.

Palavras-chave: Mapeamento da Formação de Professores. Universidade Federal de Mato Grosso. História Oral. História da Educação Matemática.

ABSTRACT

This present research aims to compose a historic version about the formation of Mathematics professors, between the decades 1960 to 1980, in Cuiaba, Mato Grosso. To do this, we will seek to develop understandings about courses for teachers in this area, available in the region and period above mentioned, building relations with the current educational policies. As methodology adopted in order to meet our proposal, we made use of Oral History, through which we constitute narratives that along written and image sources, enabled us to compose our analysis, highlighting, as much as possible and/or necessary, convergences/divergences between them, in order to form our narrative for training of Mathematics professors in Cuiaba, formulated from different voices, sources and perspectives. Our research also aims to contribute to the larger project of *Mapping of the Formation and Activities of Mathematics Professors in Brazil*, from the group of Oral History and Mathematics Education, GHOEM, of which we are part.

Keywords: Mapping of Professors Formation. Federal University of Mato Grosso. Oral History. History of Mathematics Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **11**

CAPÍTULO I – MAPEAMENTO, HISTÓRIA, NARRATIVAS: ALGUMAS APREENSÕES **15**

1. O PROJETO DE MAPEAMENTO 15
2. HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA: INVENÇÕES DO PRESENTE 18
3. NARRATIVAS: UM MODO DE ALCANÇAR O QUE BUSCAMOS 20
   3.1. História Oral: algumas discussões metodológicas 22
   3.2. Nossa pesquisa 26

CAPÍTULO II – FORMAÇÃO DOCENTE EM MATEMÁTICA: NARRATIVAS DE PROFESSORES **29**

1. SUÍSE MONTEIRO LEON BORDEST 32
2. CLAUDIO MELLADO 46
3. NILDA BEZERRA RAMOS 67
4. CARLOS ANTÔNIO DORNELLAS 86
5. ELISETE DE MIRANDA 118
6. AQUILES LEITE DO NASCIMENTO 137
1. HELIETE MARTINS CASTILHO MORENO 154
2. SÉRGIO ANTÔNIO WIELEWSKI 169
3. VINÍCIUS MACHADO PEREIRA DOS SANTOS 218

CAPÍTULO III – CUIABÁ E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA **241**

1. CONTEXTUALIZANDO O CENÁRIO DE INVESTIGAÇÃO ESPAÇO-TEMPORALMENTE .. 243
2. PRIMEIROS MOVIMENTOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA CAPITAL MATO-GROSSENSE 262
3. A UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA EM CUIABÁ 282
   3.1. A Universidade 282
   3.2. O curso de Matemática 299
   3.2.1. Licenciaturas Plenas e Curtas 310
   3.3. Gepemat e a formação continuada de professores da Educação Básica 332
4. O MOVIMENTO MIGRATÓRIO E A IDA DE PROFESSORES FORMADOS À MATO GROSSO... 342
5. SÓ MAIS ALGUMAS LINHAS... 356

REFERÊNCIAS **359**

APÊNDICE **371**

APÊNDICE A – ROTEIROS DAS ENTREVISTAS 371
   Roteiro de entrevista 1 371
   Roteiro de entrevista 2 372
APÊNDICE B – CARTAS DE CESSÃO 374

ANEXOS **379**

ANEXO A – RECONHECIMENTO DO CURSO DE MATEMÁTICA DA UFMT NO DIÁRIO OFICIAL EM 1974. 379

ANEXO B – EMENTA CICLO PROFISSIONAL DA PRIMEIRA LICENCIATURA PLENA EM MATEMÁTICA OFERECIDA PELA UFMT. 381
ANEXO C – FORMADOS EM MATEMÁTICA NO ICLC E NA UFMT (1969 - 1993/1). 384
ANEXO D – PORTARIA DE CRIAÇÃO DO NAEC. 392
ANEXO E – EMENTA LICENCIATURA PLENA EM MATEMÁTICA UFMT 1986. 394

INTRODUÇÃO

O trabalho por nós desenvolvido visa compor uma versão histórica acerca da formação dos professores de Matemática na capital mato-grossense, Cuiabá, tendo como período de interesse as décadas de 1960 a 1980. É nesse espaço de tempo que se instala no estado o primeiro curso superior para a formação desses profissionais, sendo ofertado, em primeiro momento, como uma Licenciatura Plena em Matemática, depois convertida em Licenciatura de Curta Duração em Ciências, com habilitação em Matemática, e posterior reconversão para Licenciatura Plena (DORILEO, 1977; UFMT, 1974, 1985).

O interesse em estudar a formação de professores decorre de minha graduação, que cursei na Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, em um curso a distância, por meio da Universidade Aberta do Brasil, UAB, na cidade de Ribeirão Cascalheira[1].

Enquanto ainda cursava a faculdade comecei a lecionar em duas escolas de minha cidade natal, Água Boa[2], onde residia enquanto estudava. Trabalhei um ano na Escola Estadual Antônio Gröhs e outros três na Escola Cooperensino e, durante essa experiência, me deparei com grandes contrastes na formação dos docentes, principalmente quando observava as diferenças entre as metodologias utilizadas por professores formados há mais tempo e os recém-formados.

Concomitante a isso, tive acesso a diversos estudos e pesquisas que enfocam o processo de formação dos educadores que ensinam Matemática, apontando metodologias de ensino, práticas pedagógicas, desafios e possibilidades, bem como saberes docentes bastante diferenciados.

Assim, essa inquietação se acentuava cada vez mais. Em janeiro de 2012 em visita à minha irmã, Eliete Grasiela Both, que cursava o mestrado em Rio Claro, ela sugeriu a ideia de prosseguir com meus estudos. Minha irmã, que já me incentivava, juntamente com a Amanda Queiroz Moura, enfatizou bastante a importância de fazer um mestrado. Comentaram, nessa ocasião, a respeito do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp, de Rio Claro.

Dessa forma, fiquei sabendo do projeto maior do Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática, GHOEM, denominado Mapeamento, que visa construir versões históricas a respeito da formação e atuação de professores de Matemática nas diversas regiões

[1] Município do interior de Mato Grosso, localizado acerca de oitocentos e setenta quilômetros a nordeste de Cuiabá.

[2] Localizada a setecentos e cinquenta quilômetros a nordeste da capital mato-grossense e a cento e cinquenta quilômetros ao sul de Ribeirão Cascalheira, onde eu cursava a graduação em Ciências Naturais e Matemática.

brasileiras. Soube que, nesse grupo, com relação ao estado de Mato Grosso, havia sido realizada apenas uma pesquisa (LANDO, 2002), como trabalho de especialização, estudando o ensino de Matemática em Sinop[3].

Portanto, vi a possibilidade de unir meu interesse ao projeto maior do GHOEM, principalmente porque minha vontade em estudar histórias dos diferentes acontecimentos relacionados às áreas de Ciências Naturais e Matemática já havia sido "plantada" durante a graduação, curso no qual questões relacionadas à História dessas ciências foram bastante trabalhadas. Surge assim este projeto de pesquisa. Inicialmente, pensei em verificar como se dava a formação dos professores de Matemática nos quatro *campi* da UFMT, mas em minha entrevista na seleção do mestrado, quando em conversa com a professora Ivete Maria Baraldi, minha atual orientadora, e com a professora Heloisa da Silva, aceitei mudar em parte meu objeto de estudo.

Em posteriores trocas de e-mails com a professora Ivete, ela me mostrou que o que eu propunha era muito amplo para um mestrado e que eu acabaria por analisar uma instituição. Foi então que nosso foco se voltou para Cuiabá, que foi selecionada por ser a primeira cidade do estado a oferecer curso superior para a formação desses professores. Cabe destacar que, nesse período, eu não possuía experiência alguma voltada ao desenvolvimento de pesquisas, assim julguei que teria que ter um motivo, também histórico[4], para escolher um dos quatro *campi*. Desse modo, optei por Cuiabá pela justificativa apresentada acima, mesmo sendo o *campus* de Barra do Garças bem mais próximo e acessível ao desenvolvimento da pesquisa. Ainda é interessante comentar que eu poderia, por exemplo, estudar a respeito do curso de graduação por mim cursado, já que era uma experiência inovadora no estado, até cheguei a pensar a respeito, no entanto, não me sentia a vontade para analisá-lo, tendo eu sido "fruto" deste. Dessa forma considerei como uma opção mais acertada a escolha por Cuiabá, mesmo sendo ela muito distante de minha cidade natal e com um modo de vida/deslocamento bastante diferente do que estava acostumada.

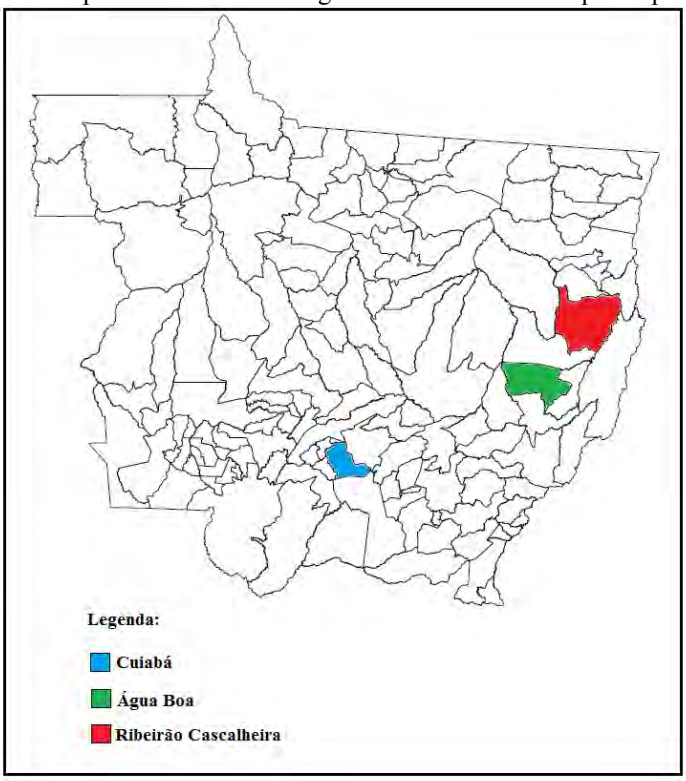
Abaixo, na Figura 1, disponibilizamos um mapa com as três cidades aqui citadas: Água Boa, minha cidade natal e onde residia até recentemente, Ribeirão Cascalheira, cidade em que cursei minha graduação, e Cuiabá, capital do estado e local de interesse desta pesquisa.

---

[3] Município localizado a 500 quilômetros ao norte de Cuiabá.

[4] Muitas vezes, poderíamos realizar pesquisas em realidades mais próximas a nós, mas pela falta de experiência e conhecimento relacionado à pesquisa, não percebemos que aquele também poderia ser um tema de interesse. No meu caso, imaginava que uma pesquisa em minha própria região não poderia gerar uma dissertação/tese, hoje percebo que todo o tema é passível de estudo, não sendo o lugar geográfico ou temporal em que ocorreu que determina sua relevância.

Figura 1: Mapa de Mato Grosso: algumas cidades em destaque na pesquisa.



Fonte: IBGE (2010)[5].

Como nosso foco direcionador tivemos a intenção de *estudar aspectos de como ocorreu a formação de professores de Matemática em Cuiabá, entre as décadas de 1960 a 1980* e, para isso, nos valemos da metodologia História Oral, com a qual pudemos inventar uma versão histórica de amplitude diferenciada, formulada a partir, especialmente, dos depoimentos de pessoas envolvidas com nosso objeto de pesquisa. Como colaboradores na constituição dessa narrativa, temos alunos e professores das primeiras turmas de Matemática, tanto do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá (ICLC) quanto da UFMT. Participaram também de nossa pesquisa o primeiro chefe do Departamento de Matemática da Universidade Federal e professores desta instituição desde as décadas de 1970-1980.

Embora não fosse nossa ideia inicial, acabamos direcionando nossa pesquisa, devido aos depoentes e depoimentos coletados, para a formação do professor que passou a atuar em nível superior em Cuiabá. Cabe lembrar que muitos desses docentes também atuaram na Educação Básica, mas em sua totalidade foram professores da Universidade Federal de Mato Grosso. A maioria deles eram professores da rede sem formação, que ao procurarem-na e se formarem em nível superior, foram convidados a comporem o quadro de professores da UFMT e dela passaram a fazer parte.

[5] O mapa sofreu pequenas alterações por nós realizadas. Destacamos as cidades de nosso interesse, assim como estabelecemos uma legenda.

Como forma de atingir os nossos objetivos e responder a questão direcionadora do estudo apresentamos nossa dissertação, constituída por um capítulo metodológico, no qual explicitamos a metodologia por nós utilizada e alguns conceitos que defendemos; também é composta por um segundo capítulo em que disponibilizamos as narrativas constituídas por meio das entrevistas realizadas, e, por fim, um terceiro capítulo em que trazemos a nossa versão/narrativa para a formação de professores estudada.

De modo geral, em nosso capítulo intitulado *Mapeamento, História, Narrativas: algumas apreensões* abordamos discussões acerca do Projeto de Mapeamento, do qual participamos, também a respeito da concepção de História que adotamos e o papel das narrativas como forma de alcançar o que buscamos. Para finalizá-lo, argumentamos acerca da História Oral e dos procedimentos seguidos, bem como sobre o modo como isso foi empregado em nosso estudo.

Já no capítulo *Formação docente em Matemática: narrativas de professores* apresentamos nossos colaboradores e disponibilizamos suas narrativas, constituídas a partir das entrevistas com eles realizadas.

Por fim no capítulo *Cuiabá e a formação de professores de Matemática,* construímos uma narrativa, nossa versão, para essa formação, de modo especial dos docentes da UFMT. Para isso, nos valemos dos depoimentos e de fontes escritas que conseguimos localizar, de modo a atender as pretensões dessa pesquisa. Após essa exposição geral, convidamos o leitor a conhecer nosso estudo de modo mais detalhado.

CAPÍTULO I – MAPEAMENTO, HISTÓRIA, NARRATIVAS: ALGUMAS APREENSÕES

1. O Projeto de Mapeamento

Por meio desta pesquisa, almejamos elaborar compreensões acerca da formação dos professores de Matemática na capital mato-grossense, tendo como período de interesse as décadas de 1960 a 1980. Para isso, levantaremos informações sobre possíveis cursos que visavam à formação docente nessa área, em Cuiabá, buscando tecer relações com as políticas educacionais que vigoravam no período e objetivando, dessa forma, constituir uma versão histórica sobre essa formação na região abordada.

O presente estudo, cujos objetivos foram acima destacados, configura-se como mais uma peça do projeto de *Mapeamento da Formação e Atuação de Professores de Matemática no Brasil*, realizado pelo Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM[1]), do qual fazemos parte. As pesquisas realizadas no Mapeamento têm sido norteadas pelas narrativas, as quais são o pano de fundo que permitem com que os estudos se apresentem do modo como se mostram. Trata-se de uma das formas de escrever a História da Educação Matemática Brasileira, no que diz respeito à formação de professores, pois busca

> Mapear – ou cartografar – a formação e a prática de professores de Matemática, portanto, é um projeto dinâmico que, se permite compreensões, por exemplo, por cotejamentos (sempre parciais) entre instâncias de formação, instituições formadoras, modos de atender ou subverter legislações etc, também permite que o leitor se perca, pois nunca o mapeado estará configurado de forma definitiva de modo a brandamente submeter-se aos cotejamentos que talvez seu leitor quisesse realizar (GARNICA, 2013a, p.38).

Ao realizarmos o mapeamento, "reordenamos, interpretamos, fantasiamos, estabelecemos verdades que julgamos poder sustentar" (GARNICA; FERNANDES; SILVA, 2011, p.242). Essa proposta, fundamentada na História Oral, permite dar mais vida ao traçado histórico e acrescentar informações às suas entrelinhas, podendo ser caracterizada pela metáfora de uma cartografia que está sempre em processo, apoiada na presença e na ausência que "traduz um esquecimento coerente, expressa um ponto de vista, pressupõe um contexto em que se enraíza" (GARNICA, 2013a, p.38). Acreditamos que todo mapa tem seus destaques, pois valoriza o momento, o tempo, a trama e o contexto em que foi construído, sendo alguns aspectos abordados e outros não:

[1]Grupo interinstitucional composto por profissionais de diversos estados brasileiros, que dedicam suas pesquisas a Educação Matemática.

> um mapa é um cenário de relevâncias que não são ditadas apenas pelo cartógrafo, mas também pelo cartografado e pelos que contribuem para a cartografia; é uma expressão de pontos de vista, um jogo entre presenças e ausências, não um retrato do que "está lá", mas um registro dos sentidos percebidos, dos significados que atribuímos ao que pensamos que lá esteja, um jogo de escalas (GARNICA, 2013a, p. 46).

Desse modo, com esse projeto de mapeamento não buscamos completude ou comparação, estando, portanto, em constante construção, pois conforme a lente e escala em que olhamos, o assunto de interesse se mostra de uma ou outra forma, é múltiplo e diferente, e essas particularidades nos permitem tecer compreensões.

A identidade de cada objeto de estudo não é fixa, mas construída a cada dia por meio da atribuição de significados. Cada lugar, tempo, contexto possui suas especificidades, o que também se reflete nas instituições e na educação em si, logo, precisa e é valorizado nesse amplo projeto do GHOEM.

Uma tendência que vem ganhando destaque nos trabalhos em história da educação, enfatiza certos centros institucionais como referências para a constituição de outros, como se houvesse uma reprodução de modelos estabelecidos. Buscando ampliar essa visão, o *Mapeamento* tem mostrado que muitos espaços formativos importantes foram e são negligenciados, espaços que escapavam aos modelos e referências desses centros usualmente tratados pelas investigações em história da educação. Mostrar esses elementos não enfocados pela historiografia da educação é um modo de justificar a importância deste projeto na medida em que se busca um movimento de descentralização. Portanto, é seu papel essencial ressaltar essas pluralidades, sejam complementares ou contraditórias.

Dentre as posições assumidas por pesquisadores de nosso grupo de pesquisa, em especial os participantes desse projeto já exposto, têm-se:

> (a) tomar "teorização" como processo; (b) metodologia não como um mero conjunto de passos procedimentais, mas como um caminho a ser trilhado em companhia da suspeição; (c) a cartografia ou o trabalho de compor e gerar coleções como metáforas – no sentido mais amplo possível – que permitem compreender a natureza de um Projeto sobre a formação de professores de Matemática no Brasil; (d) a opção por mobilizar, como pano de fundo, variadas fontes e recursos "teóricos"; e (e) as noções de amplitude, descentralização, jogos de escala e apropriação/mobilização que subjazem ao *Mapeamento* proposto, resta [...] nossa opção central, mas não única, por uma metodologia, a História Oral, o que implica trazer à cena as narrativas, suas potencialidades e suas formas. (GARNICA, 2013a, p.50-51).

Em meio aos trabalhos já realizados acerca da formação de professores de Matemática no Brasil junto a essas posições, que são adotadas ou reconfiguradas, destacamos o de Lando (2002), Baraldi (2003), Gaertner (2004), Galetti (2004), Cury (2007), Fillos (2008), Cury (2011), Fernandes (2011), Martins-Salandim (2012), Morais (2012), Macena (2013) e Toillier (2013). Desenvolvidos em diferentes estados brasileiros, como: Mato Grosso, São Paulo, Santa Catarina, Goiás, Paraná, Tocantins, Maranhão, Rio Grande do Norte e Paraíba. Há, ainda, o livro organizado por Garnica (2014), com capítulos que são frutos dos trabalhos aqui apontados.

Por meio destas pesquisas faz-se possível perceber, ao colocarmos o foco em cenários bem diversificados[2], a "inexistência de uma identidade única para o professor de Matemática no Brasil, a presença constante do signo da urgência e da carência, a contraposição entre igualdade de condições e desigualdade de oportunidades" (GOMES, 2014, p.32). Além disso, esses trabalhos permitem mostrar a presença marcante, por exemplo, da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES) na formação de professores que, até o início dos estudos desenvolvidos pelos membros do grupo, não tinha grande visibilidade. No entanto, hoje em dia existem outros trabalhos tratando sobre tal campanha e um estudo um pouco mais detalhado pode ser encontrado em Baraldi e Gaertner (2013).

Isso posto, cabe destacar nossa colaboração ao mapeamento, que se dará por meio da busca de formular uma versão histórica sobre como ocorria a formação de professores de Matemática em Cuiabá – MT, nas cercanias da criação do primeiro curso de licenciatura. Escolhemos a capital mato-grossense, pois foi a primeira cidade no estado a ofertar formação em nível superior em Matemática, iniciada em 1966 no Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá (ICLC), que foi incorporado à Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) a partir de sua fundação em 10 de dezembro de 1970 (DORILEO, 1977, 2005; SILVA, 1997; SIQUEIRA; DOURADO; RIBEIRO, 2011; TAVARES, 2001). Assim, temos como período de interesse as décadas de 1960 a 1980, o que se justifica pela criação do primeiro curso superior em Matemática do estado e pelo retorno às Licenciaturas Plenas, após alguns anos de vigência das Licenciaturas Curtas (UFMT, 1974, 1985).

Ao desenvolvermos um projeto como esse, nos vemos colaborando com a linha de pesquisa História da Educação Matemática Brasileira e, portanto, exercendo, em parte, o papel do historiador que tem por tarefa, segundo Garnica, Fernandes e Silva (2011), "de modo plausível, inventar vácuos e preenchê-los" (p. 228). Desse modo, inventamos o vácuo a

[2] Cabe aqui destacar que o espaço delimitado pelas pesquisas realizadas no Grupo nem sempre tem como referência a Geografia.

respeito da formação de professores em Cuiabá, mais especificamente na área de Matemática, entre as décadas de 1960 a 1980. Além disso, acreditamos que constituímos fontes, a partir das narrativas que, de acordo com o enfoque dado a elas por estudos que possam vir a utilizá-las, podem tornar-se fontes históricas (como são para este trabalho). Assim sendo, julgamos importante expor uma nossa visão de História que permeia o trabalho.

2. História e Historiografia: invenções do presente

> A História é viagem que conecta e mistura tempos e espaços, que interpenetra coisas e representações, realidade e discurso, razões e sentimentos, matéria e sonho, desejo e obrigação, liberdade e determinação. (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 30).

Tudo o que nos chega às mãos, de alguma forma, por acaso ou não, ao ser produzido no passado, obedeceu a intencionalidades. "A evidência é produzida de uma certa vidência, é construção de uma forma de ver, de uma visibilidade e de uma dizibilidade social e historicamente localizada" (ALBUQUERQUE JR, 2007, p.25). De tal modo, as evidências são fabricadas em seu próprio tempo, mas somos nós que damos destaque, ressaltamos umas e descartamos, deixamos no esquecimento, outras.

Todo evento histórico é fruto do tempo, sociedade, discurso e natureza, é criado por meio dessas relações, sejam elas conflituosas ou amenas, é uma mistura entre ação e representação, matéria e memória. Ao narrarmos acontecimentos históricos precisamos nos posicionar perante eles, nos mantendo em um espaço intermediário entre o objetivismo e subjetivismo, sabendo que

> a História não se passa apenas no lugar da natureza, da coisa em si, do evento, da matéria ou da realidade, nem se passa apenas do lado da representação, da cultura, da subjetividade, do sujeito, da ideia ou da narrativa, mas se passa entre elas, no ponto de encontro e na medição entre elas, no lugar onde estas divisões ainda são indiscerníveis, onde estes elementos e variáveis se misturam (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 28).

Portanto, a História é heterogênea, formada pela justaposição de elementos, de eventos de características diversas. É fruto de escolhas, sejam pelo acaso, do que restou do passado, ou das seleções e simplificações realizadas pelo pesquisador, dependendo, dessa forma, de ações e experiências do presente e do passado. "A História é formada de incompletudes, por histórias que não aparecem e por vestígios ainda submersos" (TOILLIER, 2013, p. 37). Não podendo carregar um discurso de construção e, sim, um de desconstrução, voltando-se a compreender os fragmentos e diferenças que somos. É uma invenção no presente que,

amparado em resquícios deixados pelo passado, o interroga, sendo o passado parte do próprio presente, portanto, "o dado não é dado, mas recriado" (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 63), com isso podemos falar de um passado flexível, que se modifica a cada ação do presente.

Já os documentos são traços deixados pelos pensamentos e ações humanas do passado, consequências da sociedade e relações de força e poder exercidas sobre ela, sendo, devido a isso, sempre necessário analisá-los visando melhor entendimento do que se passou. O conhecimento acerca do passado está em constante progresso, se transformando e aperfeiçoando e, não se baseia apenas em documentos de arquivos, como também em "um poema, um quadro, um drama: documentos para nós, testemunhos de uma história viva e humana, saturados de pensamento e de ação em potência" (FEBVRE, 1977, p. 20-21). Não existem mais fontes privilegiadas ou temas que não possam ser abordados, atualmente, tudo é historicizável e pode se tornar fonte histórica.

Nenhum documento pode ser tido como a visão real do que ocorreu, como um espelho a refletir o momento, pois são sempre resultados de seleções de quem o produziu ou estava de algum modo envolvido com ele, são "registros espúrios, contingentes, equívocos, aguardando o acalanto da decifração, o fervor da leitura e a aventura da interpretação. Todo documento contém, em si mesmo, um componente de distorção da realidade" (SALIBA, 2012, p.317-318).

Uma História começa por meio de algum acontecimento que chama atenção, cercado de silêncios e vazios, que anseiam por explicação. São as indagações das pesquisas que determinam as fontes a serem utilizadas e somente após essa seleção é que se torna possível discernir onde começam e terminam os documentos abordados. "Os personagens parecem sempre os mesmos, mas se tornam diferentes à medida que estão conectados a uma outra história, que participam de uma outra trama, que estão localizados em um outro tempo e espaço" (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 68), como em nosso projeto de Mapeamento, que apesar de ter o objetivo geral de mapear a formação de professores de Matemática no Brasil, é singular em cada região e estudo realizado.

Para elaborar o seu narrar, o pesquisador se depara com diferentes materiais, em certos momentos não conciliáveis, resultando, algumas vezes, em um final não esperado, com a junção de elementos que não estavam articulados. "Os objetos e as marcas deixadas pelo passado não traziam em si mesmos seu sentido, o passado não era o documento, nem os vestígios por ele deixados, mas a compreensão da trama histórica em que estavam envolvidos" (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 53-54). Assim, o pesquisador tem o papel de transformar informações inteligíveis em algo propício à interpretação.

Por meio da História podemos tornar presente algo ausente, significando o passado para as sociedades atuais. No entanto, não o recompomos de modo inteiro, como foi vivido, pois mesmo enfocando diferentes aspectos e observando em diferentes escalas, algo sempre nos escapará aos olhos, portanto, esse processo é contínuo e infinito, assim como o projeto de Mapeamento. Não podemos, portanto, falar em História "verdadeira", pois se assim o fizermos negligenciamos "como, por que e por quem essa história definitiva e unívoca é construída" (GARNICA, 2013b, p.92).

A escrita histórica sempre é lacunar e sujeita a novas interrogações, não podendo, portanto, ser esgotada em uma única pesquisa ou em várias delas, sempre haverá pontos a serem esclarecidos, novos enfoques a serem dados. Ao enunciarmos certo tema estamos apenas produzindo um discurso nas infinitas facetas que o compõem. "A História é como um labirinto de corredores e portas contíguas, aparentemente todas semelhantes, mas que, dependendo da porta que o sujeito escolhe abrir, pode estar provocando um desvio, um deslizamento para um outro porvir" (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 73). Devido a essa visão

> Percebemos o passado como um abismo que não se para de cavar; quanto mais queremos nos aproximar dele, mais nos afastamos. [...] Inventado, a partir do presente, o passado só adquire sentido na relação com este presente que passa, portanto, ele anuncia já a sua morte prematura (ALBUQUERQUE JR, 2007, p.61).

Essa invenção da história pode ser feita de diferentes formas, sendo uma delas por meio das narrativas, que nos permitem articular o passado a partir do presente. Assim, optamos por utilizá-las para realizarmos nossa invenção histórica e, portanto, decidimos discutir seu papel nesse processo.

3. Narrativas: um modo de alcançar o que buscamos

Como as narrativas são meios possíveis e interessantes para a invenção histórica, visando concretizar nossa pesquisa, nos valeremos delas. Comumente, em nosso dia a dia, ao nos comunicarmos, contamos histórias, narramos acontecimentos, compartilhamos experiências e descrevemos ações. O narrar perpassa a fala e registra-se, também, na escrita, carregando nesta, muitas vezes, traços da oralidade de quem a escreveu. Essa marca é uma particularidade muito importante, como afirmado por Benjamin (1987, p. 198), quando se refere às narrativas escritas, "as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos".

As narrativas comumente são pano de fundo das pesquisas do mapeamento e a História Oral é o meio mais frequentemente utilizado para compô-las, podendo ser construídas não apenas de modo escrito ou oral, embora sejam estes os modos mais usados em nosso grupo. Tratam-se de partes fundamentais na vida e formação do ser humano, nos estruturamos por meio delas, seja quando somos os autores ou quando narradas por outras pessoas, que direta ou indiretamente nos envolvam. É, portanto, uma forma muito comum de construir conhecimento. Cada qual narra de um modo e seleciona o que quer ou não contar. O estudo das narrativas pode, assim, ser compreendido como o meio em que os narradores experienciam o mundo.

> En sentido amplio, podemos decir que los humanos, en su relación con los demás y consigo mismos, no hacen más que contar/imaginar historias, es decir, narrativas. Es, entonces, tanto un modo básico de pensamiento, de organizar el conocimiento y la realidad. [...] La narrativa autobiográfica ofrece un terreno donde explorar los modos como se concibe el presente, se divisa el futuro, y – sobre todo – se conceptualizan las dimensiones intuitivas, personales, sociales y políticas de la experiencia educativa (BOLÍVAR; DOMINGO; FERNÁNDEZ, 2001, p. 19).[3]

Desse modo, podemos entender as narrativas como as experiências destacadas em relatos, dando significado ao vivido. Elas permitem a visualização de diferentes pontos de vista, que dialogam com outros textos e vozes, propiciando variadas interpretações e indicativos para ações. São "a própria noção de temporalidade e, portanto, articulam o próprio passado e seus eventos" (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 43).

O eu expresso no relato é um eu reconstruído, baseado no eu oculto, fruto de ansiedades, no contado em autobiografia, no produzido pelos outros, por meio de biografias, no desejado, idealizado, e no real, o que verdadeiramente é. Portanto, cada história de vida relatada é consequência de muita reflexão e construção, na qual atuam diferenciados segmentos (BOLÍVAR; DOMINGO; FERNÁNDEZ, 2001).

As narrativas podem ser utilizadas para diferentes fins dentro de um processo historiográfico como, por exemplo, compreender o processo de formação docente e sua trajetória. Essas narrativas criam realidades ao serem transmitidas, sendo que, segundo Garnica (2013a), "as narrativas orais, registradas em momentos de entrevista, são as matérias

[3] Em sentido amplo, podemos dizer que os humanos, em sua relação com os demais e consigo mesmos, não fazem mais que contar/imaginar histórias, ou seja, narrativas, que são um modo básico de pensar, de organizar o conhecimento e a realidade. [...] A narrativa autobiográfica permite explorar os modos como se concebe o presente, se divisa o futuro e, sobretudo, como se conceitualizam as dimensões intuitivas, pessoais, sociais e políticas da experiência educativa (Tradução nossa).

primas por excelência de todo um processo hermenêutico que, entretanto, não dispensa narrativas outras, como, por exemplo, as escritas" (p. 52).

O relato organiza, reestrutura, reconstrói, cria um fio condutor temporal, dá sentido a elementos da história que pareciam dispersos, permitindo a compreensão das circunstâncias, motivos, causas, desenrolar, efeitos e conclusões de certos acontecimentos. Diversas histórias narradas separadamente podem organizar-se em uma sequência por meio da temporalidade, assim, é impossível separar qualquer narrativa de sua temporalidade.

O relato é um fragmento da história, que, apesar de singular, apresenta características comuns: é construído em função de quem narra e de quem ouve; é o passado recriado a partir do presente, das concepções que se têm atualmente a respeito do que aconteceu, uma autocriação de quem narra; reconta o que é real para si; (re)constrói continuamente a identidade do narrador, que pode mudar, ou não, conforme a situação; as narrativas individuais são influenciadas pelo coletivo, assim como este é reconstruído por meio delas (BOLÍVAR; DOMINGO; FERNÁNDEZ, 2001).

Com essa forma de encarar as narrativas, pode-se dizer que o mundo e as experiências humanas passaram a ser vistos como texto, e buscam-se metodologias para lidar com essas novas leituras (GARNICA, 2005), assim, também adotamos uma para realizar nossa leitura: optamos pela História Oral por considerá-la um meio eficiente de concretizar nosso estudo.

3.1. História Oral: algumas discussões metodológicas

Ao consideramos a História em permanente criação, vemos na História Oral um meio de mostrar essa fluidez, trabalhando com narrativas. Como toda metodologia, ela também depende da base teórica e experiencial do pesquisador, assim sendo, não abarca apenas os procedimentos a serem seguidos, mas também sua fundamentação, que no decorrer do trabalho devem ser constantemente questionados, avaliados, testados, permitindo o conhecimento de possibilidades e limites de cada ação, bem como seus embasamentos (GARNICA, 2013b). É processo, movimento, "entremeada por reflexões, sistematizações, aproveitamentos e abandonos: uma antropofagia" (GARNICA, 2013a, p. 35).

Na História Oral nos valemos de depoimentos, frutos de entrevistas, buscando compor uma versão histórica a partir, também, da memória de seus participantes. Desse modo consideramos a existência de versões históricas, que não são tidas como verdades absolutas, mas como perspectivas por meio das quais o tema de interesse se mostra, podendo sempre existir outras histórias de acordo com o enfoque dado. Nessa metodologia, as narrativas são a

matéria-prima com a qual trabalhamos, nela produzimos intencionalmente fontes, que surgem do diálogo e do interesse do entrevistador.

Em nosso estudo, trabalhamos com depoimentos fornecidos por pessoas que estiveram envolvidas com o foco de interesse da pesquisa. No entanto, estes não são nossa única vertente, utilizamos também fontes escritas, documentais e imagéticas. Baseado nisso, buscamos realizar um cotejamento entre as fontes, almejando um trabalho de amplitude diferenciada, ou seja, assim como os registros escritos auxiliam os orais, dos documentos surgem questionamentos que não podem ser respondidos pelos próprios. Neste momento, as entrevistas e as narrativas construídas a partir delas permitem expandir os dados que já se encontravam disponíveis.

Assim, a metodologia por nós adotada possibilita respostas que não poderiam ser obtidas de outra forma. Por meio dos depoimentos podemos disparar a operação historiográfica[4], o ponto de partida para a compreensão do que estudamos, e com o apoio das fontes escritas, analisar nosso objeto de interesse.

Os registros escritos fazem parte do trabalho desde o início, permitindo embasamento sobre o tema, construção do roteiro das entrevistas, melhor compreensão do período estudado, estruturação e complementação das textualizações, tendo seu ápice na análise dos dados. A junção de ambas as fontes, oral e escrita, permite tornar o objeto de estudo mais acessível.

Além das fontes já descritas é comum o uso das imagéticas, que auxiliam a memória a reinventar o passado, são ricas em detalhes que, por vezes, a fala não consegue descrever. As fotografias são uma possibilidade de ter o passado disponível para acesso sempre que desejado, sendo assim, também nos ajudam a compreender nosso objeto de estudo.

Portanto, ao empregarmos variadas fontes, trabalhamos de modo que dialoguem entre si, sendo que cada uma permite o olhar de uma perspectiva diferente, mesmo que, por vezes, conflitante. Nossa consulta a outros referenciais não visa confirmação de informações, validação, mas sim, complementação, esclarecimento, compreensão de perspectivas e cotejamento de possibilidades para a invenção que nos propomos.

A História Oral permite-nos o acesso a informações que ainda não haviam sido registradas, pois não tinham recebido atenção em pesquisas anteriores. Assim, concebemos uma versão produzida por diferentes vozes e perspectivas, tão subjetiva quanto qualquer outra, até mesmo as formuladas apenas por meio de documentos escritos. Permitindo a recriação de diferentes histórias, o que nos lembra Cohen (2000, p. 25) quando nos diz que "A

[4] Operação historiográfica aqui é entendida com uma dupla perspectiva, abordando tanto o aspecto memorialístico da pesquisa, quanto o historiográfico, nos valendo para isso de fontes orais e escritas.

História é apenas um outro texto numa procissão de textos possíveis, sem qualquer garantia de significação singular".

Ao nos valermos da História Oral, produzimos intencionalmente fontes, versões da história que, até aquele momento, estavam registradas apenas na memória dos participantes. Cabe ressaltar que a memória deve ser vista como uma construção feita no presente, a partir das ideias atuais, de acontecimentos e experiências vivenciadas no passado. Consideramos a memória como uma fonte vital da História e, assim, seu registro deve ser feito de modo cuidadoso e ético. Sabendo que ao fazê-lo não somos neutros, ao adentrar neste ambiente de pesquisa, passamos a fazer parte dele e tudo o que falamos e expressamos a partir dele carrega nossa impressão, interpretação, ponto de vista. Portanto, o pesquisador não é neutro diante de seu objeto de estudo.

À vista disso, temos então, de modo sucinto, como pontos essenciais da metodologia da História Oral: ter uma concepção de História, com pressupostos que a tornam possível; considerá-la como um método de criação de fontes historiográficas, por meio da oralidade; e não acreditar em uma única História e, sim, em versões dela, considerando seus atores e memórias, não deixando de valorizar o que já se tem oficialmente sobre o assunto (GARNICA, 2013b). Além da fundamentação teórica, a História Oral comumente se vale de alguns procedimentos, embora não se resuma a eles. Possui ações que, costumeiramente, são seguidas em nosso grupo de pesquisa.

A pesquisa inicia-se com a escolha do tema e elaboração da pergunta diretriz, em sequência selecionam-se possíveis colaboradores, construindo, então, o roteiro da entrevista, que é realizada como próximo passo. De posse dos depoimentos, começam as transcrições e posteriores textualizações, com as quais se retorna ao colaborador para que este as leia e sejam realizadas as alterações necessárias, sendo, a seguir, assinada a carta de cessão dos direitos autorais. Dando continuidade, tem-se o arremate do trabalho pela análise dos dados, que julgamos ter iniciado na escolha do foco da pesquisa, perpassando todas as etapas do estudo, sendo mais fortemente assumida neste momento, por meio do cotejamento entre fontes orais, escritas e imagéticas. Buscaremos, portanto, caracterizar cada etapa acima descrita.

A questão diretriz conduz a bibliografias e documentos que possam ser necessários à concretização dos objetivos, bem como dá indícios de possíveis colaboradores, que são posteriormente selecionados pela relação com o tema estudado.

Com os depoentes escolhidos, solicita-se a participação na pesquisa; após um estudo prévio dos futuros cooperantes e esclarecido o que se busca de cada um, elabora-se o roteiro

para as entrevistas, que pode trazer à tona questões esquecidas, voluntária ou involuntariamente, por eles. Procura-se deixá-lo o mais amplo possível, para que questões importantes não sejam omitidas.

As entrevistas podem ocorrer em tantas sessões quantas forem necessárias, em comum acordo entre pesquisador e pesquisado, até que os resultados atendam às pretensões. Apesar de seguirem o mesmo roteiro, nem sempre possuem o mesmo eixo norteador, pois não é apenas o entrevistador e seu roteiro que conduzem a entrevista, tendo o entrevistado papel fundamental, determinando a direção a ser seguida. Esse momento da entrevista é bem retratado nas palavras de Portelli (2010, p. 20):

> A ideia de que existe um observado e um observador é uma ilusão positivista: durante todo o tempo, enquanto o pesquisador olha para o narrador, o narrador olha para ele, a fim de entender quem é e o que quer, e de modelar seu próprio discurso a partir dessas percepções. A "entre/vista", afinal, é uma troca de olhares.

Ao término das entrevistas iniciam-se suas transcrições, ou seja, é feito o registro escrito do que foi gravado, respeitando tudo o que foi dito. A partir delas são produzidas as textualizações, que permitem uma "limpeza" do texto, retiram-se vícios de linguagem, repetições, o texto torna-se mais homogêneo, a sequência cronológica ou temática dos acontecimentos pode ser reordenada, visando, também, atender ao eixo temático do estudo. Cabe ressaltar que, embora sejam suprimidas certas partes do registro oral, muitas ainda permanecem no texto, permitindo que, ao lê-lo, o colaborador se reconheça falando.

As textualizações dependem fundamentalmente do pesquisador e podem receber diferentes versões, de modo a apurar o texto, sempre em negociação com o depoente. Geralmente, são reordenadas pelo entrevistador e o colaborador a assina confirmando o dito. Trata-se de um texto repleto de interpretações e vieses, sendo um exercício de análise e diálogo entre autor do estudo e seu depoente.

A necessidade de transposição do oral para o escrito, segundo Garnica (2013a), se justifica especialmente por três fatores: durabilidade; maior facilidade de trabalho de operacionalização dos registros; e maior destreza no momento de interpretação, pois com a transcrição e textualização o pesquisador acaba imergindo mais intensamente nas ideias comunicadas pelo depoente.

De posse das transcrições e textualizações retorna-se com estas aos entrevistados, para que possam conferi-las. Essa certificação pode ocorrer em companhia do pesquisador ou ser um ato solitário do colaborador. Após a conferência e alterações solicitadas, a carta de cessão

é assinada, cedendo total, ou não, permissão de publicação do que foi produzido. Esta carta tem seus termos respeitados de modo radical.

Com a assinatura em mãos, reforça-se a análise dos dados, buscando construir significados a partir das textualizações e demais documentos encontrados, de forma a atender aos objetivos propostos, pois o trabalho não se encerra ao coletarem-se as informações, sendo necessário um arremate, que depende muito do fôlego teórico do pesquisador e de sua interpretação. Analisar não é julgar testemunhos e colaboradores, nem se trata de estabelecerem-se verdades absolutas ou preencherem-se completamente as lacunas, mas sim, de abrir possibilidades para outras pesquisas. Trata-se da produção de uma nova narrativa a partir das entrevistas, memória, presente e passado dos colaboradores e do pesquisador.

Nos trabalhos desenvolvidos por membros do Ghoem, referentes ao mapeamento, alguns tipos de análise são recorrentes, tais como: análise narrativa de narrativas, por categorias ou de singularidade. No primeiro caso, produz-se um texto narrativo, construído pelo pesquisador a partir de suas compreensões, formuladas por meio das narrativas e demais fontes que possam auxiliar, é a versão/invenção histórica do autor do estudo para seu tema de interesse. Na análise por categorias são elencadas convergências para as narrativas, articuladas com base na pergunta diretriz e nos objetivos que se têm para o estudo, elaborando, assim, uma interpretação própria a respeito do foco da pesquisa. Por fim, na análise de singularidade estabelece-se o fio condutor de cada narrativa, cada uma é olhada como singular e busca-se destacar suas marcas individuais.

Após essa breve exposição dos procedimentos metodológicos, destacamos a seguir como os efetivamos no decorrer de nossa pesquisa, de modo a melhor contextualizá-la.

3.2. Nossa pesquisa

Como ponto inicial de toda pesquisa temos a escolha do tema e assim o fizemos; dando sequência, elaboramos nossa pergunta diretriz, por meio da qual já se iniciou a análise de dados para a pesquisa, a seleção e priorização de determinados pontos. Foi ela que nos forneceu indicativos para a escolha de colaboradores e de materiais para a produção de dados.

Então, começamos nossa busca documental focando o período a ser estudado, localizamos documentos oficiais, artigos, livros, teses e dissertações que tratavam a respeito do ensino superior em Mato Grosso, abarcando também versões históricas da UFMT; em específico, recolhemos documentos abordando o curso de Matemática da referida época. Os materiais encontrados possibilitaram embasamento sobre o período, instituição e cursos acima

referidos, facilitando a construção do roteiro, realização das entrevistas, textualizações e análise.

Essa documentação foi localizada em sites oficiais[5] da internet, na Biblioteca Central da UFMT, Departamento de Matemática, Reitoria e Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR) da Universidade Federal de Mato Grosso, bem como no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso e Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT). Além destes, recebemos, posteriormente, de nossos depoentes outros documentos pertinentes à pesquisa.

Assim, tendo estabelecida a questão diretriz e de posse de alguns documentos, surgiram sugestões de possíveis colaboradores, escolhidos por terem sido alunos ou professores do ICLC e da primeira turma da UFMT, estudantes de turmas iniciais da UFMT e seu primeiro chefe do Departamento de Matemática, docentes fundadores/ participantes do Núcleo de Apoio ao Ensino de Ciências (Naec) e do Grupo de Ensino e Pesquisa em Educação Matemática (Gepemat), além de pesquisadores interessados na história do curso.

Para chegar-se aos nomes dos educadores entrevistados, foi iniciado um diálogo com antigos professores de minha graduação, bem como com uma colega do mesmo Programa de Pós-Graduação de Rio Claro, que indicaram o nome de Heliete Martins Castilho Moreno e Carlos Antônio Dornellas. A primeira sugeriu que entrássemos em contato com a professora Elisete Miranda, Carlos Antônio Dornellas (já sugerido) e Aquiles Leite do Nascimento. Já o professor Carlos forneceu o nome de Vinícius Machado Pereira dos Santos, Claudio Mellado, Nilda Bezerra Ramos e Sérgio Antônio Wielewski; também em conversa com uma das professoras responsáveis pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Elizabeth Madureira Siqueira. Recomendou-se, ainda, a procura à docente Suíse Monteiro Leon Bordest, que lecionou no Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá, conhecendo bastante de sua história. Portanto, alguns colaboradores indicaram o nome de outros possíveis, formando uma rede e compondo o quadro final.

Depois de estabelecidos os participantes, entramos em contato, por e-mail e/ou telefone, solicitando a colaboração na pesquisa e obtendo, na maioria dos casos, respostas positivas. Começamos, então, a nos aprofundar em leituras que nos auxiliassem na construção do roteiro, que permitissem um melhor embasamento na hora das entrevistas e conhecimento acerca da pessoa entrevistada.

---

[5] Consideramos, aqui, como sites oficiais aqueles disponibilizados por instituições de ensino, órgãos governamentais, entre outros.

Para a elaboração do roteiro, também estudamos trabalhos já realizados no GHOEM. Optamos por questões abertas, de modo que ao falar, o entrevistado teve liberdade para comentar sobre o assunto e, sempre que necessário, pudemos fazer intervenções ou outros questionamentos que surgiram. De posse dele, o enviamos aos sujeitos da pesquisa, possibilitando uma organização prévia das exposições. Juntamente com o roteiro, para os professores com os quais não havíamos tido muitas conversas, enviamos uma carta de apresentação, destacando as principais ideias e interesses da pesquisa em andamento. Marcamos, então, as datas para a realização das entrevistas, que tiveram seu início em 30 de julho de 2013 e término em 21 de dezembro do mesmo ano. Todos os depoentes se mostraram bastante receptivos.

Como cenário das entrevistas, tivemos a Universidade Federal de Mato Grosso, o Centro Universitário de Várzea Grande (Univag), a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) ou a residência do colaborador em questão, tendo sido deixado ao seu critério a escolha do local, hora e dia a ser feita. Das nove entrevistas, seis foram realizadas em Cuiabá, uma em Várzea Grande, outra em Ilha Solteira e, por fim, uma última em São José dos Campos. As duas últimas são cidades paulistas, onde residiam no momento da entrevista dois colaboradores. Foram momentos muito interessantes em que alguns deles realmente abriram suas vidas, buscaram fotografias para serem compartilhadas e documentos que guardavam da época pesquisada.

A partir do áudio das entrevistas, as transcrevemos e, posteriormente, textualizamos. Nesta etapa, suprimimos algumas repetições ou vícios de linguagem, acrescentamos notas de rodapé, visando complementar informações dadas, e reordenamos o texto de modo a deixá-lo tematicamente organizado. As textualizações são as fontes potencialmente historiográficas por nós produzidas.

Então, retornamos aos nossos colaboradores os dois textos, transcrição e textualização; nesse momento, os depoentes puderam ler e alterar o que acharam necessário. Feitos os ajustes solicitados, foram assinadas as cartas de cessão, permitindo o uso do material produzido por meio das entrevistas e dos fornecidos por eles.

Ao término dessas etapas passamos a nos dedicar com maior ênfase à análise própria da pesquisa historiográfica, visto que esta já havia iniciado nos estudos para escolha do tema e questão diretriz. Optamos, em nosso estudo, por uma análise de narrativa de narrativas, ou seja, por construirmos a nossa versão a partir dos depoimentos e dos demais documentos que localizamos a respeito. Por meio de nossa análise buscamos responder nossa questão diretriz, bem como atender aos objetivos que propusemos.

CAPÍTULO II – FORMAÇÃO DOCENTE EM MATEMÁTICA: NARRATIVAS DE PROFESSORES

Em busca de sanar nossa inquietação inicial acerca do objeto de nosso estudo, procuramos documentações que pudessem nos dar suporte e, além delas, selecionamos pessoas que estivessem, de algum modo, envolvidas com a formação dos professores no período enfocado. Para chegarmos até eles, procuramos, inicialmente, por professores de minha graduação, dentre os quais Maria Saleti Ferraz Dias Ferreira[1], e por uma colega de nosso Programa de Pós-Graduação, Elmha Coelho Martins Moura[2]. Por meio de conversas realizadas com elas, consegui alguns nomes: professor Carlos Antônio Dornellas e professora Heliete Martins Castilho Moreno.

De posse desses nomes, entrei em contato por e-mail relatando minha ideia de pesquisa e solicitando colaboração. Começamos, então, uma conversa informal, por e-mails, na qual novos nomes foram aventados. Esse procedimento, em que um depoente indica possíveis outros é muito frequente em História Oral e em nosso grupo de pesquisa GHOEM: trata-se do que comumente chamamos "critério de rede". Além do critério de rede também buscamos por nomes em documentos, livros e outros arquivos escritos disponíveis, que possuíam relação com nosso foco de interesse.

Aqui cabe destacar que obtivemos resposta positiva, quando solicitada a contribuição na pesquisa, em praticamente todos os contatos. Conversamos com 11 professores, nove dos quais são nossos depoentes; a décima[3], embora tenha inicialmente aceitado participar, por motivos de saúde em sua família, foi excluída. O 11º possível colaborador consultado preferiu não participar.

Dentre os entrevistados encontram-se profissionais com diferentes titulações e formações. São professores, alguns dos quais aposentados, das áreas de Geografia/Geociência, Matemática Pura, Aplicada, Educação Matemática e especialistas formados em Matemática ou Física. É importante destacar o porquê de uma profissional da área de Geografia/Geociência em nossa pesquisa; com ela buscamos, especificamente, esclarecimentos acerca do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá, ICLC, pois ela foi uma das primeiras funcionárias dessa instituição. Vale comentar que ao escolhermos nossos

[1] Doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Carlos, coordenadora adjunta da Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFMT.
[2] A professora Elmha conhecia muitos docentes do Departamento de Matemática da UFMT de Cuiabá.
[3] Professora aposentada do Departamento de Educação da UFMT.

colaboradores procuramos por professores não apenas de Matemática, já que docentes de áreas distintas atuam em cursos de Matemática. No entanto, com a única professora da área de Didática com que conseguimos contato, que lecionou tanto no ICLC quanto na UFMT, não foi possível gravar a entrevista.

Em todos os encontros ou conversas informais fui muito bem acolhida. Independente de onde foram realizadas as entrevistas, nas casas dos colaboradores, UFMT, Univag[4] ou Unesp, meus depoentes pararam seus compromissos e se dedicaram a reviver acontecimentos presenciados há muitos anos.

Como empecilhos, tenho a relatar minha pouca experiência, especialmente no que diz respeito à vivência em uma cidade grande, pois morava em Água Boa, uma cidade do interior de Mato Grosso que possui pouco mais de vinte mil habitantes. Portanto, minhas maiores dificuldades relacionaram-se ao deslocamento até Cuiabá e os modos próprios de vida nas cidades de grande porte, e até mesmo à falta de familiaridade com a Universidade Federal, tendo assim dificuldades, inclusive, em localizar algumas instalações.

Para finalizar essa parte introdutória e dar início às narrativas de nossos professores, ressaltamos brevemente quem são eles:

Suíse Monteiro Leon Bordest é professora aposentada da UFMT e orientadora no mestrado em Geografia desta Universidade. Trabalhou no ICLC desde seu início e acompanhou a transição deste Instituto para a Universidade. Sua entrevista e a posterior legitimação da textualização ocorreram em sua casa, em Cuiabá.

Claudio Mellado, professor aposentado pela UFMT, assim como a professora Suíse, trabalhou no ICLC, acompanhou sua transição para a Universidade. Sua entrevista foi realizada em sua casa em São José dos Campos – SP, bem como a legitimação da textualização que também ocorreu neste local.

Nilda Bezerra Ramos, professora aposentada pela UFMT e pelo Instituto Federal de Mato Grosso, foi aluna da primeira turma de Matemática de Cuiabá, do ICLC. Participou do Grupo de Ensino e Pesquisa em Educação Matemática, Gepemat. Tanto sua entrevista quanto a assinatura da carta de cessão foram realizadas em sua residência, em Cuiabá.

Carlos Antônio Dornellas, professor da UFMT desde 1975, aluno da primeira turma de Matemática desta instituição. Sua entrevista foi gravada na Unesp de Ilha Solteira, onde cursa o doutorado em Engenharia Elétrica. Já a legitimação da textualização produzida foi feita em sua sala, no Departamento de Matemática da UFMT, em Cuiabá.

---

[4] Centro Universitário Várzea Grande.

Elisete de Miranda, professora aposentada da UFMT, assim como o professor Carlos, foi aluna da primeira turma de Matemática dessa Universidade, participou ativamente do Núcleo de Apoio ao Ensino de Ciências, Naec, e do Gepemat. Tanto sua entrevista quanto a assinatura da carta de cessão ocorreram em sua casa, em Cuiabá.

Aquiles Leite do Nascimento, professor da Universidade Federal de Mato Grosso e coordenador do curso de Matemática do Centro Universitário de Várzea Grande, aluno da terceira turma de Matemática da UFMT. Sua entrevista e a legitimação da textualização foram realizadas em sua sala na Univag, na cidade de Várzea Grande[5].

Heliete Martins Castilho Moreno, professora aposentada da UFMT, passou a compor o quadro docente desta Universidade em 1977, participou ativamente do Naec e do Gepemat. Sua entrevista e a assinatura da carta de cessão dos direitos autorais realizaram-se no Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso.

Sérgio Antônio Wielewski, professor da UFMT desde 1987, participou tanto do Naec quanto do Gepemat. Sua entrevista foi gravada na sala destinada ao Gepemat, no Departamento de Matemática da UFMT. Já a legitimação da textualização ocorreu em um laboratório do Departamento.

Vinícius Machado Pereira dos Santos, professor da UFMT desde 1989, já realizou estudos, de certa forma, voltados ao nosso foco de interesse nessa pesquisa. Tanto sua entrevista quanto a legitimação da textualização foram realizadas no Departamento de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso.

[5] Trata-se de um município vizinho a Cuiabá, com o qual a capital faz divisa pela margem esquerda do Rio Cuiabá e a Barra do Rio Coxipó. A proximidade entre as duas é tão grande que se não fosse pelos rios seria difícil distingui-las.

1. Suíse Monteiro Leon Bordest

Sou Suíse Monteiro Leon Bordest, nasci no Rio de Janeiro, no Hospital Beneficência Espanhola, em 31 de agosto de 1942. Sou filha de Neuza Ribeiro Monteiro da Silva e Ubaldo Monteiro da Silva. Pertenço a famílias mato-grossenses, tradicionalmente radicadas em Cuiabá e Várzea Grande. Minha mãe é da família Ribeiro de Azevedo, de Cuiabá, e meu pai Monteiro da Silva, família originária de Nossa Senhora do Livramento[1]. Nasci no Rio de Janeiro porque meus pais moraram lá temporariamente, o meu pai fazia um curso militar, mas vim praticamente bebê para Cuiabá.

Estudei do Jardim de Infância à Faculdade como aluna externa, com as Irmãs Salesianas[2]. Fiz o Curso Primário, hoje Ensino Fundamental, da primeira à quarta série no Asilo Santa Rita[3], depois fui para o Ginásio Coração de Jesus[4], onde fiz um exame e comecei o antigo Ginásio ou Ensino Fundamental II, da quinta à oitava, e a Escola Normal. Nesse tempo não havia professores com formação em curso superior que nos davam aula. Embora competentes, não possuíam essa formação, a não ser que fosse alguma irmã superiora, porque, às vezes, as Irmãs Salesianas vinham da Itália para o Brasil, mas não sei de alguma. A Escola Normal era o ápice da formação dos docentes.

---

[1] Distante cerca de trinta quilômetros de Cuiabá.
[2] Congregação religiosa da Igreja Católica.
[3] Localizado na Rua Joaquim Murtinho, no Bairro Centro Sul, em Cuiabá.
[4] Hoje Colégio Coração de Jesus, endereçado na Rua Comandante Costa, no Centro da capital mato-grossense.

Naquele período, era quase uma tradição em Cuiabá as moças fazerem Curso Normal, mas também eram ofertados o Clássico e o Científico no Colégio Estadual de Mato Grosso, hoje Maria Müller[5]; era um dos colégios de ponta da capital, juntamente com o Colégio dos Padres, São Gonçalo[6], onde só estudavam meninos, e o Ginásio Coração de Jesus das Irmãs Salesianas, que tinha apenas meninas como estudantes, hoje em dia ambos são mistos. Tanto o São Gonçalo quanto o Coração de Jesus são Salesianos, mas o São Gonçalo é bem mais antigo, funciona desde o século XIX. Foi nele que estudou Dom Francisco de Aquino Corrêa[7].

No curso Primário, fase do Getúlio Vargas como presidente da República, pouco entendíamos de política, mas ouvíamos comentários prós e contra o governo, principalmente por emissoras de rádio e jornais. Em 1954, após uma fase de transtornos políticos no país, houve o episódio do suicídio do presidente, o povo acompanhou e chorou consternado seu velório e enterro. Lembro-me das manchetes da Revista "O Cruzeiro"[8] que chamavam atenção para o detalhe sentimentalista do brasileiro "O mesmo povo que marchou contra o governo Vargas, dias antes, foi o que chorou copiosamente sua morte". Ainda na década de 1950, Juscelino Kubitschek projetou-se no cenário político com a construção e inauguração da nova capital, Brasília. Nessa época estava iniciando a minha graduação em Lins[9], em uma faculdade também salesiana. No início da década de 1960 abriu-se a fase política do presidente Jânio Quadros, que teoricamente, pretendia limpar o país da corrupção e ficou conhecido pela "vassourinha"[10], mas renunciou antes do término de seu governo, sendo substituído por João Goulart, que foi deposto pelo Golpe Militar de 1964.

Nesse período, final da década de 1950 início dos anos 1960, não tínhamos faculdades aqui, a única que existia, mas ainda assim estava no início, era de Direito; então, ou você fazia Direito ou buscava estudo em outras cidades/estados. Como estudava com as Irmãs Salesianas, fiquei sabendo de uma faculdade católica em Lins[11], também dessa congregação, e fui cursá-la.

---

[5] Escola Estadual Liceu Cuiabano "Maria de Arruda Müller".
[6] Colégio Salesiano São Gonçalo, endereçado na Avenida Dom Bosco, Bairro Dom Aquino.
[7] Foi arcebispo de Cuiabá, governador do estado de Mato Grosso de 1918 a 1922, um dos fundadores da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, foi o único mato-grossense a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.
[8] Revista lançada no Rio de Janeiro em 1928, principal revista ilustrada da primeira metade do século XX, deixou de circular em 1975.
[9] Distante quatrocentos e trinta quilômetros da capital São Paulo.
[10] Utilizou como slogan em sua campanha presidencialista "varre, varre vassourinha, varre a corrupção", daí o termo vassourinha.
[11] Faculdade "Auxilium" Ciências e Letras de Lins.

Sempre gostei da profissão docente e depois que com ela me envolvi nunca mais a deixei. Casei-me, tive três filhos que me acompanharam para fazer o mestrado, ainda pequenos. Depois fiquei viúva e com três filhos adolescentes fui fazer o doutorado; sempre que pude participei de congressos, inclusive há duas semanas cheguei de Bogotá (Colômbia). Nunca parei, me aposentei em 1994, mas continuei na Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, orientando no mestrado.

Mas voltando à minha graduação, morava como semi-internato, lá tinha a parte onde morávamos e comíamos. Assim, de 1960 a 1963 fiz o Curso de Geografia e História na Faculdade "Auxilium" Ciências e Letras de Lins, São Paulo. Ao longo de seus quatro anos, cursávamos a disciplina de Filosofia, isso não era exclusivo do nosso, mas se dava em todo curso. Depois, com o governo militar, a disciplina de Filosofia acabou. Na educação a Filosofia está muito presente, até mesmo na metodologia usada sempre há alguma relação com uma base filosófica, daí a importância de seu estudo.

Já em 1964, fiz um curso de especialização em Educação, no Centro Regional de Pesquisas Educacionais, CRPE, na Universidade de São Paulo - USP, na capital. Ele foi possível por meio da Secretaria de Educação de Cuiabá, que me indicou. Como aqui não havia habilitações para professores ou técnicos da Secretaria de Educação, eles faziam cursos de um ano na USP, no CRPE. Diziam que o prédio estava condenado, tanto que logo após nossa saída mandaram derrubar. Foi também nesse ano de 1964 que houve o golpe militar, em primeiro de abril. Então estudávamos em meio a muita tensão, durante as aulas ficavam policiais no corredor e o comentário sobre a prisão de conhecidos era constante, nossos professores, de repente, não apareciam mais, porque tinham sido presos ou pressionados a irem embora.

Para falar sobre esse período fiz uma rememoração desse tempo tão antigo e percebi que a maior parte da minha vida profissional se deu no período militar, porque comecei minha graduação em 1960 e logo a seguir, em 1964, fiz a especialização, no ano do golpe. De Lins vim para Cuiabá, fiquei sabendo desse curso em São Paulo e fui cursá-lo, ao seu término retornei, então fui dar satisfação à Secretaria. Pediram-me que desse um curso para diretores, isso logo que cheguei. Ele ocorreu onde hoje se instala o Nono Batalhão de Engenharia de Construção, 9º BEC[12], na época funcionava um Centro Educacional para professores, uma parte da Secretaria de Educação alojava-se neste local. Lá foram ofertados outros cursos de formação para diretores e professores da rede pública e vinham docentes de fora para ministrá-los.

[12] Localizado na Avenida Fernando Corrêa da Costa, no Bairro Boa Esperança.

Ao término desse curso que ministrei, lecionei um ano na rede pública do estado, na Escola Normal Pedro Celestino, que funcionava no Palácio da Instrução[13]. Então fiz concurso para a Escola Técnica Federal[14], onde lecionei Geografia para o Ginásio, nunca trabalhei com o Primário, e Geologia para o antigo Segundo Grau, atual Ensino Médio, lá permaneci por quase quinze anos. Concomitantemente, trabalhei no Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá, ICLC[15]. Embora formada em um curso de Geografia e História, por quase todo o meu tempo de docência atuei na Geografia, trabalhei com História apenas quando se fez necessário. Deixei a Escola Técnica anos mais tarde, para dedicar-me em tempo integral à Universidade[16].

Quando cheguei de volta à Cuiabá, após minha especialização, o governador era o doutor Fernando Corrêa da Costa[17], que foi sucedido pelo Pedro Pedrossian[18]. Era sempre assim, uma fase do Partido Socialista Democrático, PSD, e outra da União Democrática Nacional, UDN, essas duas siglas mandavam no estado.

O doutor Fernando era da UDN e saiu dando lugar ao Pedrossian que era apoiado pelo PSD, coligado ao Partido Trabalhista Brasileiro, PTB. Ao entrar um governo, havia briga do outro partido tentando encontrar algo para anular a eleição, mas não conseguiram tirar o Pedrossian, além disso, sempre que um novo governador assumia, em um único ato demitia todos os funcionários do estado, pois não havia concurso; saía no Diário Oficial a demissão de todos os contratados contrários ao governo. No entanto, não foi isso que ele fez, não deu os cargos para aqueles que o apoiaram, trouxe gente de fora entre eles muitos jovens. Dizem que foi uma nova fase para Cuiabá porque acabou aquele pessoal da UDN/PSD/UDN, os que o apoiaram ficaram muito descontentes, mas não fizeram nada. Muitos desses funcionários, que eram recém-formados e que vieram de fora, passaram também a dar aula no ICLC, pois já eram formados principalmente em Economia e Geologia.

Depois de muitos anos de trabalho e após vinte anos de militarismo, retorna a democracia ao país, com a posse de presidentes eleitos pelo povo. Alguns anos mais tarde, em 1994, me aposentei, mas continuei nos nascentes cursos de mestrado da Educação e da Geografia. Desse modo, o período da minha atuação como professora do Departamento de Geografia, na UFMT, insere-se predominantemente no período do governo militar. Pelas

---

[13] Localizado na Rua Antônio Maria, Bairro Centro Sul de Cuiabá.
[14] Atual Instituto Federal de Mato Grosso.
[15] Criado em 26 de julho de 1966, encerrou suas atividades em 30 de dezembro de 1971.
[16] UFMT, sempre que a palavra universidade se apresentar em letra maiúscula fará referência a Universidade Federal de Mato Grosso.
[17] Governou Mato Grosso desde início de 1951 a início de 1956 e, posteriormente, de 1961 a início de 1966.
[18] Foi governador do Estado desde o início de 1966 ao início de 1971.

sucessivas trocas de presidentes antes do término de seu mandato evidencia-se uma fase conturbada da política brasileira, com repercussões de greves.

No contexto do governo militar deu-se a instalação da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso. O Ministro de Educação Jarbas Passarinho[19] deu posse ao primeiro reitor: professor Dr. Gabriel Novis Neves[20].

Outro fato de destaque, no decorrer de minha carreira docente foi a divisão do estado[21], que ocorreu enquanto fazia o mestrado. Ela influenciou no ensino na Universidade e em outros cenários do Estado. Após um período de tensão política, pois Campo Grande sempre lutava pela divisão do estado ou para que fosse capital, os resultados da divisão se mostraram satisfatórios para os dois estados, que têm muitos aspectos em comum, como as formas de relevo, bacias hidrográficas, vegetação, economia, cultura, entre outros, o Pantanal é um exemplo. Hoje os dois estados, mais do que nunca, se complementam como partes de uma nação que aspira uma educação cada vez mais valorizada.

Falando agora da formação dos professores de Matemática, em Cuiabá, na década de 1960, ela se dava de forma similar às outras disciplinas. Em princípio, sem uma formação específica, apenas pela Escola Normal, posteriormente por meio de um curso ofertado nas férias, a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, CADES[22], e mais tarde, agora realmente a nível superior, com o ICLC. Mas, praticamente desconheço como se dava a formação em Matemática do ICLC, pois nós da Geografia temos mais ligação com outros departamentos, sei que a Nilda Bezerra Ramos[23] foi aluna dele, ela foi uma professora muito dedicada, tanto na Escola Técnica Federal, onde foi minha colega, quanto na Universidade, faz tempo que não a vejo. Dessa época, lembro-me do professor Claudio Mellado[24], do Leonardo Slhessarenko[25] e do Moacyr Freitas[26]. Este último é meu confrade no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

No ICLC o contato entre professores se restringia mais aos da mesma área, por exemplo, eu tinha mais contato com o pessoal da Geologia, pois como os cursos eram à noite,

---

[19] Foi ministro da Educação desde 30 de outubro de 1969 a 15 de março de 1974.
[20] Em 16 de março de 1971foi designado reitor *pro-tempore*, ocupando o cargo de reitor da UFMT até 1981.
[21] A Lei que decretava a divisão do estado foi assinada em onze de outubro de 1977, porém Mato Grosso do Sul se instalou, realmente, em primeiro de janeiro de 1979.
[22] Trataremos mais a respeito dessa Campanha em nosso capítulo de análise.
[23] A professora Nilda Bezerra Ramos é nossa colaboradora, sua narrativa pode ser encontrada na seção *2.3 Nilda Bezerra Ramos*.
[24] O professor Claudio Mellado é nosso colaborador, sua narrativa pode ser encontrada na seção *2.2 Claudio Mellado.*
[25] Economista de formação, um dos professores fundadores da Universidade, o qual criou o Núcleo de Pesquisas Econômicas da UFMT.
[26] Arquiteto, professor e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

o pessoal trabalhava durante o dia, então chegavam à secretaria, assinavam o ponto, e já iam para suas salas, assim, embora tivéssemos algum contato com os outros professores, não era muito frequente. Nesse tempo também havia professores mais antigos como o Cesário Neto[27], que era da área de Línguas, e o Benedito Figueiredo[28], ambos já falecidos.

Naquele tempo, eram raríssimos os professores que saíam para fazer graduação fora, assim o curso de férias, CADES, de três meses, era muito popular, para lecionar nele vinham professores de outros estados. Ao término do curso os alunos prestavam um exame, uma avaliação, e recebiam como se fosse um certificado, vamos dizer que, correspondente à graduação, autorizando-os a lecionar. Meu pai o fez para Matemática, mas era ofertado nas diferentes áreas.

Ele chamava tanta atenção e era tão conceituado perante os professores que quando cheguei como professora formada, com quatro anos de faculdade, falaram-me que para dar aula precisava fazer esse curso, pois ele é que capacitava para a docência. Assim muitos se formaram, sendo que destes vários procuraram, posteriormente, o ICLC para, de fato, ter o título de professor. Com a vinda da Universidade esse curso deixou de existir.

Com relação ao Instituto, ele foi criado ligado à Secretaria de Educação do estado de Mato Grosso. Na época, os Secretários de Educação envolvidos foram: Dr. Hermes Rodrigues de Alcântara[29], depois o professor Carioca e o Oscar da Costa Ribeiro[30]. O Instituto era uma instituição pequena, quase sem dinheiro, que durante sua existência teve três diretores. Primeiro o professor Dr. Nilo de Campos Póvoas, acho que havia sido também diretor da Faculdade de Direito[31], seguido por Jecelino Reiners, um sociólogo, e Attílio Ourives, que era o diretor no período da transição. Com a inserção do ICLC à Universidade, esta passou a ter como seu primeiro reitor o professor Dr. Gabriel Novis Neves.

Em seu primeiro ano funcionaram no Instituto os cursos de Geografia, Letras, Matemática e História Natural, e mais tarde começou Economia. Inicialmente, não tinha um espaço físico próprio, então era atendido no Colégio Estadual de Mato Grosso, depois no Palácio da Instrução, no ano seguinte na Escola Técnica Federal de Mato Grosso, por fim construíram um prédio, onde hoje é a Escola Estadual José Barnabé de Mesquita, na Rua

---

[27] Antônio Cesário de Figueiredo Neto.
[28] Professor Fundador da UFMT, da qual recebeu o título de Professor Emérito, foi um autodidata da Língua Portuguesa.
[29] Secretário entre 09 de fevereiro de 1961 a 30 de junho de 1965.
[30] Assumiu a Secretaria em 1966.
[31] A Faculdade de Direito iniciou seus trabalhos em 1934, tendo sido fechada e reaberta por diversas vezes, se instalando, de fato, em 1957.

Barão de Melgaço, no Bairro do Porto, perto da ponte nova. Falaram-me que lá, atualmente, funciona um Centro de Educação de Jovens e Adultos, CEJA.

Quando o construíram ninguém sabia que seria criada a Universidade, então estavam buscando uma melhor estrutura para dar continuidade ao ICLC. Desta escola fomos para o primeiro bloco construído no Campus da UFMT, onde funciona hoje o Instituto de Ciências Humanas e Sociais, ICHS. Quando fomos para a Cidade Universitária só existia esse bloco que era o primeiro, na entrada, tudo funcionava nele, inclusive o Departamento de Matemática, todo o bloco de Tecnologia, que surgiu um pouco depois, mas já é bem antigo, e a biblioteca. Depois, com o tempo, isso foi se expandindo. Atualmente os prédios da época, que tem uma arquitetura diferente, já estão todos reformados, praticamente não há mais a estrutura antiga.

De modo geral, os professores que atuavam no Instituto eram apenas graduados em formações universitárias específicas. Assim, os primeiros cursos foram cogitados pensando na existência e possibilidade de contar com pessoas que se dispusessem a lecionar na faculdade. Todos os professores eram formados em instituições superiores fora do estado de Mato Grosso, com exceção dos advogados.

Lembro que quando estava cursando a especialização em São Paulo, daqui de Cuiabá me pediram o currículo, que busquei em Lins e trouxe, pois estavam pensando em criar uma Faculdade e os cursos que se estabeleceriam seriam em função dos professores disponíveis. Encontraram professores para os cursos de Matemática, Línguas, História Natural e Geografia, para este último existiam três professoras formadas: Josefina Paes de Barros, Iolanda Néspole, que ao se concursar no Rio de Janeiro foi embora, e eu. Portanto, quem começou mesmo o curso de Geografia foi a professora Josefina, que já estava aqui, e eu, que estava chegando.

Depois começaram a chegar outros professores que estavam estudando fora, mas que eram de Cuiabá, e os que tinham chegado devido a outros contatos. Lembro-me da Leonor Ferreira e da Amélia Lúcia Neves que, também, fizeram o curso de Geografia em Lins, elas passaram a integrar o quadro do ICLC, mas a Leonor casou e foi para a universidade de Londrina e depois de Brasília.

Quando fiquei sabendo que daria aula no Instituto, ainda em São Paulo, fui à USP falar com o professor Aziz Ab" Saber[32], que era uma pessoa de projeção na época. Ele me deu a ementa do curso e me explicou como eu deveria dar as aulas, me forneceu a bibliografia,

[32] Geógrafo referência em temas relacionados ao meio ambiente e aos impactos ambientais causados por atividades humanas.

cedeu sacos de livros, me chamava de „menina", pois nessa época tinha apenas vinte e um anos. Disse-me que quando o procurei, uma professora de Juiz de Fora tinha acabado de sair, ela já era formada há dez anos e nunca havia lecionado, mas na época estava abrindo uma universidade em sua cidade, então foi pedir ajuda, ele não a ajudou, mas a mim como era recém-formada auxiliou.

Em seu início, o ICLC era muito carente de material, os professores forneciam praticamente tudo, dávamos os nossos livros. E para montar a grade dos cursos, nos reunimos por áreas e os próprios professores a formularam, ela se manteve até os primeiros tempos da Universidade, quando foi reformulada. Isso também acontecia quando tínhamos vestibular, cada área elaborava suas questões, era muito artesanal, na verdade ajudávamos em tudo relacionado a ele, inclusive a corrigir as provas, não tínhamos uma comissão para isso.

O Instituto não tinha um dinheiro específico para pagar professores, pois surgiu mesmo da vontade do pessoal da Secretaria de Educação e dos cuiabanos que idealizavam e sentiam a necessidade de cursos de nível superior. Com a Universidade já foi diferente, pois ela recebe um montante que dizem ser o segundo ou o maior do estado, em valor monetário.

Recebíamos um pró-labore de 100.000 cruzeiros, o equivalente a cem reais hoje[33], ou seja, era só para dizer que pagavam alguma coisa, que não estávamos lecionando de graça. Mas o salário não era o objetivo. Os professores ofereciam sua contribuição em apoio à causa e na expectativa de mudanças no campo intelectual. Na verdade ninguém via naquele valor irrisório um salário. Entendiam sim, como uma semente que futuramente iria germinar e se expandir.

Nesse tempo, fazíamos tudo para que o curso tivesse boas condições para continuar. Inicialmente os professores eram convidados a trabalhar no Instituto, nessa época quem dava aula nos cursos nem sempre era formado na área, por exemplo, dentistas eram professores, mantinham sua profissão e também eram docentes, um dos motivos dos cursos serem ofertados no período noturno.

A cada ano abria uma nova turma, na Geografia não ficou nenhum ano sem. Os cursos em que isso não ocorreu talvez tenha sido por falta de professores, mas não sei se realmente foi isso. A professora Luzia Guimarães[34], que foi reitora da UFMT, estudou no ICLC, começou o curso de Matemática lá, mas não terminou, depois cursou Contabilidade na Universidade Federal.

---

[33] Modo de dizer que o salário era um valor simbólico.
[34] Primeira mulher a assumir a reitoria da Universidade, cargo que ocupou de 1992 a 1996.

Como docente, iniciei seguindo o padrão curricular de Lins, de como havia começado lá, embora em meu curso tivesse mais disciplinas. Sendo esta a primeira vez em que daria aula, segui a orientação do professor Aziz Ab‟ Saber, comecei, no primeiro ano, com Geomorfologia[35].

Devido à abertura de turmas novas, as dificuldades começaram já no segundo ano, com o surgimento de novas disciplinas para serem ministradas pelo mesmo professor nas séries seguintes e ainda com novos vestibulares. Além do aumento na carga horária, que em certo momento se tornaria insustentável, não teríamos aumento salarial, embora trabalhássemos mais. Desse fato houve uma "paralização" das aulas até que as partes se entendessem e admitissem novos professores. Mais tarde, ao final da década de 1960, aconteceram passeatas, noites de vigília na Praça Alencastro[36], visitas ao Palácio do Governo, que funcionava onde hoje é a prefeitura, conversas com o governador Pedrossian, entre outros. Nelas expúnhamos nossos problemas e reivindicávamos a Universidade Federal para Cuiabá, já que havia a possibilidade desta ser instalada em Campo Grande, na época parte do mesmo estado, cidade natal do governador. Assim, a Fundação Universidade Federal de Mato Grosso foi uma reivindicação da sociedade cuiabana.

A UFMT foi criada no período militar, enquanto o Pedrossian era o governador. Nesse tempo surgiram as fundações universidades em vários estados do país, pois se começou a entender que somente as universidades existentes não eram suficientes.

Em Mato Grosso questionava-se onde seria, em Cuiabá ou Campo Grande, esta já tinha a Faculdade Dom Bosco e na capital havia a Faculdade de Direito, que funcionava em prédio próprio, aos fundos de onde hoje é o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, e o ICLC, que estava no começo. Então batalhamos para que ficasse em Cuiabá, mas não foi fácil. Muitos políticos entraram na luta apoiando que ficasse aqui. O governador acabou cedendo, pois a pressão que sofreu foi muito grande, assim a Universidade Federal ficou na capital, sendo, no entanto, logo em seguida criada, também, uma universidade em Campo Grande, para contrabalancear.

Voltando ao Instituto, a população já sentia a necessidade de uma instituição superior, assim, quando ele foi criado, representava uma nova oportunidade de fazer o curso superior no próprio estado, mas para sua criação a população não fez manifesto, nem saiu às ruas pedindo, foi mais uma ação da Secretaria de Educação mesmo, como já havia dito. Ele não era uma instituição do estado, mas sim da cidade de Cuiabá.

---

[35] Trata-se de uma parte da Geografia que estuda as formas da superfície terrestre.
[36] Localizada à Rua Joaquim Murtinho, Centro Norte.

Por meio dele pessoas com experiência no ensino e outras profissões puderam obter um diploma e muitos jovens passaram a sonhar com a continuidade de seus estudos e com avanço intelectual. O ICLC chamava atenção como uma nova oportunidade da formação intelectual, não apenas dos descendentes de famílias mais abastadas, mas também para jovens menos favorecidos, pois os cursos aconteciam à noite e, às vezes, eram complementados com aulas aos sábados durante o dia, assim, pessoas que trabalhavam podiam frequentar. Representou um avanço para a região, na época Cuiabá estava muita afastada dos grandes centros, tanto pelos diferentes meios de comunicação, quanto pela distância mesmo.

Muitos, com longa experiência, mais até do que nós professores, passaram a buscar os cursos, diretores de escolas, professores antigos com grande bagagem, que visavam o título de professor. Dessa forma, como alunos, havia profissionais de carreira, que buscavam valorização profissional e avanços no conhecimento intelectual, e jovens que queriam dar continuidade aos estudos, mas não eram turmas muito grandes. O nível era bom e muitos desses primeiros formandos passaram a lecionar na UFMT, já no início da sua fundação. O nome deles consta na lista de professores fundadores da Universidade.

O ICLC e a antiga Faculdade de Direito foram embriões da potencialidade intelectual, política e cultural da atual Universidade Federal de Mato Grosso. Os cursos implantados no início, frutos das entidades que a constituíram, foram bem recebidos e continuaram funcionando predominantemente à noite. Os alunos dos cursos iniciados no Instituto foram diplomados como acadêmicos da UFMT, pois o curso começou em 1966, então em 1969 já era para se formar uma turma, mas nesse tempo já estava para ser criada a Universidade, que se concretizou em 1970, assim o pessoal do ICLC foi "encampado" pela UFMT e recebeu um certificado, não como formados do primeiro, mas sim da última. Sendo que, após a abertura da UFMT, o Instituto foi deixado para trás e a transição se deu de modo tranquilo.

Falando dos cursos no período noturno, na UFMT, na área de Geografia lutamos bastante para abrirem no período diurno, pois precisávamos de claridade. Por exemplo, eu lecionava Geomorfologia, a qual dependia muito de laboratório, cartografias, entre outros, logo necessitava de luz e, para as saídas de campo, a mesma coisa. Por fim aceitaram, e inicialmente começamos dando aula no sábado durante o dia. Somente após certo tempo é que se tornou diurno realmente.

Alguns cursos demoraram para se instalar na Universidade Federal, como História, que só foi criado após a abertura do Núcleo de Documentação Histórica e Regional, NDHIR, que passou a fazer parte do mesmo instituto que a Geografia, Serviço Social, Sociologia e Antropologia, lá no Instituto de Ciências Humanas e Sociais, ICHS.

A falta de professores formados ainda era grande, então muitos desses alunos recém-formados se tornaram docentes da Universidade, não se fazia concurso, eles eram convidados. Os que integraram o quadro docente da UFMT, nesse período, foram considerados, como disse, professores fundadores. Já os professores do Instituto, além de fundadores se tornaram, também, titulares. Para se conseguir uma titularidade em uma universidade leva-se muito tempo, tem todo um caminho a ser seguido, mas na época não foi assim, surgiram várias Fundações no Brasil e elas deram essa titulação para os fundadores. Mas, não sei exatamente como foi o aproveitamento dos professores, se todos os do Instituto passaram a compor o quadro docente da Universidade.

Com a incorporação do ICLC à UFMT o reconhecimento dos cursos aconteceu automaticamente, na verdade, não houve um reconhecimento formal. Sendo que, devido à federalização os cursos passaram por mudanças, como no caso da antiga História Natural, da qual surgiram os cursos de Geologia e Biologia.

Em relação à transição do Instituto para a Universidade vejo somente pontos positivos, principalmente sobre as possibilidades intelectuais e culturais que foram incomensuravelmente ampliadas. A UFMT acompanha as mudanças do seu tempo. Não há termos de comparação entre Cuiabá da década de 1960 para os dias atuais do segundo milênio. O mundo evolui numa complexidade tal, que qualquer comparação fica muito simplificada. Entendo que nestas respostas, sem saudosismo, registramos alguns poucos momentos de nossas vidas, mas conscientes de que nossos diferentes olhares não conseguem apreender o todo de uma fase da nossa história. Outras pessoas terão outras versões e darão outras respostas para estas perguntas.

Alguns anos depois, quando já docente da UFMT, recebi uma indenização pelo tempo de serviço prestado no ICLC, isso aconteceu justamente quando fui fazer o mestrado, com esse dinheiro eu e meu marido compramos nossas passagens e fomos para Salvador para a seleção e, posteriormente ingresso na pós-graduação. Nessa época existiam pouquíssimos cursos de mestrado no país, tinha Geografia Física e Geografia Humana na USP, havia mestrado também no Rio de Janeiro e em Salvador, isso em 1977.

Aqui cabe contar como dei continuidade à minha formação. De 1977 a 1980 cursei o mestrado na Universidade Federal da Bahia, UFBA, em Salvador, e de 1987 a 1991 o doutorado na Universidade Estadual Paulista, Unesp, de Rio Claro, tendo como orientador o professor Antônio Christofoletti[37]. Cursei tanto o mestrado como o doutorado na área de Geociências, mais voltado à Geografia Física e Geomorfologia. Mas como depois de

[37] Foi professor titular do Departamento de Geografia da Unesp de Rio Claro, autor de diversos livros.

aposentada me envolvi muito com a educação dei uma guinada em minha área de interesse. Hoje, inclusive, participo de um grupo de estudos na Educação Ambiental e outro voltado a estudos de Merleau-Ponty dentro da Universidade, com o professor Luiz Augusto Passos, que trabalha bastante com fenomenologia.

Agora voltando ao início da Universidade, dávamos aula e fazíamos pesquisa na biblioteca, nos livros, no entanto, com a saída de professores para o mestrado isso começou a mudar. Com elas passamos a conhecer laboratórios, a trabalhar com cartografias, com imagens de satélites, a realizar saídas de campo, então quando voltávamos do mestrado passávamos a exigir isso, que começava a ser incentivado pela UFMT.

A extensão ganhou seu espaço e a pesquisa passou a ser mais estimulada, especialmente após o final da década de 1970, quando se implantou o regime de Dedicação Exclusiva, embora ainda seja necessário um maior fomento voltado a ela, pois se encara realmente como obrigação da Universidade a graduação, assim os professores devem dar aulas para atendê-la. Não deveria funcionar assim, pois se prega ensino, pesquisa e extensão, então todos os ramos deveriam ser valorizados. Assim, posso dizer que o ensino mudou completamente após o estabelecimento de sua relação com a pesquisa e publicações. Hoje temos uma editora reconhecida, bem conceituada, que nos dá respaldo.

Fui docente tanto do ICLC quanto da UFMT, são tantos anos de docência que muitos professores da Universidade foram meus alunos da Geografia, entre eles coordenadores de curso. Enquanto estive ligada às atividades do quadro de professores, vivenciei na Universidade um período efervescente de discussões devido à própria inquietude política do país, que repercutia na vida acadêmica, além de outras reivindicações. Os professores participavam presencialmente e ativamente desses movimentos reivindicatórios da Associação dos Docentes da Universidade Federal de Mato Grosso, Adufmat.

Quando voltei do doutorado, estava cheia de ideias, porque a cada curso que fazemos se integram novas coisas. Poderia ter parado no mestrado, mas aí nunca participaria de um programa de pós-graduação, mesmo que continuasse dando aula e fazendo pesquisas com meus alunos. Eram poucos os que saíam para fazer mestrado/doutorado e quando começaram a fundar os cursos de pós-graduação na Universidade, necessitavam de pessoas para seus credenciamentos, assim quando cheguei do doutorado pude contribuir com meu currículo para o credenciamento de cursos de pós-graduação.

Nesse período já estava quase me aposentando, então após minha aposentadoria, em 1994, continuei ligada aos seus cursos de mestrado voltados para a Ecologia, Educação e Geografia. Permaneci orientando no Programa de Pós-Graduação, PPG, em Educação por

mais de quinze anos, trabalhei por pouco tempo orientando na Ecologia, e no PPG em Geografia continuo até os dias atuais, portanto, ainda oriento nos cursos de mestrado da UFMT. Agora, após aposentada, já tenho praticamente o mesmo tempo de serviço.

Desse modo pude acompanhar muitas transformações na vida acadêmica, política e da estrutura física do Campus. De um lado ganhamos um Campus que se expande para outras áreas, centenas de novos cursos na graduação e dezenas na pós-graduação, mas para dar lugar a novas construções perdemos nossos bosques e áreas de preservação da margem de córregos e nascentes, com prejuízos ao meio ambiente.

Desde cedo entendi que aqui em Cuiabá deveria continuar a construção da minha existência. Assim, sem perder a dimensão da nossa pequenez no universo, vi no magistério minha possibilidade de contribuir com outros seres que integram nosso planeta. De outro lado pude permanecer ao lado de meus familiares, mesmo me afastando em alguns períodos desta cidade, para complementar meus estudos. Como já me referi, na década de 1960 fui buscar essa formação no curso de Geografia e História na Faculdade "Auxílium" de Lins. Anos mais tarde na UFBA, Salvador, e depois na Unesp de Rio Claro, além de vários cursos de verão em Portugal, e outras especializações, mas sempre quis compartilhar e trocar conhecimentos com colegas e alunos. Talvez por isso continue orientando e participando de grupos de estudos em programas da UFMT.

Entendo que em qualquer época, ser professor/a significa ser compromissado com a profissão, particularmente com a formação intelectual e ética de nossos alunos. A primeira fase de minha vida está relacionada à Cuiabá, cidade onde todos se conheciam, dos passeios no Jardim Alencastro, do Cine Teatro Cuiabá, domingueiras nos clubes: Feminino e Náutico, dos banhos nos rios e córregos da cidade e redondeza. Lembro-me das alunas uniformizadas nas missas de domingo, procissões nos dias santos e nos desfiles da semana da pátria. A relação aluno/professor era acima de tudo de respeito e admiração pela categoria. No meu entendimento hoje e sempre o significado de ser professor deve consubstanciar-se na pessoa que recebe um diploma e faz um juramento. O compromisso ético, político com a academia se transforma historicamente, mas não deixa de existir.

Lembro-me que em um livro, na época de minha graduação, dizia que um engenheiro tinha que ser competente para construir pontes, casas e estradas, mas o professor tinha que ser muito mais, porque ele construía seres humanos, e eu acho que é, mais ou menos, isso.

Ao longo desse período de quase meio século vivemos fases diferentes de nossa história, bem como diferentes momentos do desenvolvimento tecnológico e de novos paradigmas. Foram muitas as mudanças, especialmente no campo tecnológico, onde a internet

fez a grande revolução. Os sindicatos ganharam força e as reivindicações profissionais deixaram de ser individualizadas para coletivas. A educação antes elitizada chega às camadas mais carentes por meio da expansão do ensino público. Essas e muitas outras mudanças influenciaram na formação dos professores. No passado, passávamos grande parte do tempo nas bibliotecas, quase sempre muito bem aparelhadas para a época, havia exigências sobre conteúdo e linguagem, porque as provas eram dissertativas. Por outro lado os meios de comunicação hoje proporcionam aos estudantes conhecimentos jamais imaginados naquele tempo.

Na educação vivemos muito do trabalho em equipe, com troca constante de conhecimento. Aprendemos continuamente, seja preparando uma aula, levando um aluno para o campo, lendo dissertações ou participando de bancas. Então, nesse sentido, me vejo como uma pessoa privilegiada, pois sempre tive a oportunidade de aprender e nunca tive depressão, não tive tempo para isso. Eu não quis e não pude parar, sempre há coisas a serem feitas, o que nos obriga a viver um mundo novo. Assim, com relação a minha vida profissional, embora não ganhe muito bem, gosto muito de meu modo de viver.

Para finalizar, agradeço pela lembrança do meu nome para este relato que, por meio destas respostas, permitiu-me recordar e refletir sobre esse período da minha vida profissional. Obrigada.

2. Claudio Mellado

Sou Claudio Mellado. Nasci em Mantena[1], Minas Gerais, em 1943, no dia 19 de outubro. Estudei em Mantena até o Ensino Fundamental e fiz o Ensino Médio na Escola Preparatória de Cadetes do Ar, na Aeronáutica em Barbacena[2], fiz três anos. Depois, em Belo Horizonte, fiz vestibular para a Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, em 1965 para Engenharia Mecânica. Na verdade, era um agrupamento: tinha Engenharia Civil, Mecânica e Elétrica, mas pensei em fazer Engenharia Mecânica ou Civil, estava na dúvida, mas provavelmente Mecânica, porque gostava de Física. Nesse momento, me dei conta que se eu estava matriculado na universidade para fazer Engenharia Mecânica porque gostava de Física, então eu tinha que fazer Física, assim, saí da Engenharia, prestei vestibular para Física e fiz o curso.

Casei em Mantena, com uma mineira, e terminado o curso, recém-formado em licenciatura em Física, fui para Cuiabá, porque eu soube que lá estavam para criar uma Universidade[3] e eu queria participar do começo dela. Fui para Cuiabá especificamente para isso, sem conhecer ninguém a não ser um irmão que era engenheiro e morava lá. Atualmente, sou casado pela segunda vez, tive filhos no primeiro casamento e agora, no segundo, tenho um filho de dezessete anos e uma filhinha de quinze, ela está fazendo o nono ano do Ensino

[1] Distante de Belo Horizonte cerca de quatrocentos e cinquenta quilômetros.
[2] Localizada a cento e setenta quilômetros de Belo Horizonte.
[3] Fazendo referência a Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Cabe destacar que sempre que a palavra universidade se apresentar em letra maiúscula estará referenciando a UFMT, a partir desse trecho do texto.

Fundamental e o menino, que é mais alto do que eu, está no terceiro ano e sonha em fazer Ciências da Computação em São Carlos[4], na Universidade de São Paulo, USP.

Eu fiz o Ensino Primário em Mantena, havia um concurso, um exame para passar dos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental, que era o Primário para fazer o Ginásio, era chamado de Exame de Admissão[5]; fazíamos os quatro primeiros anos, realizávamos o exame, se passássemos, fazíamos o Ginásio. Depois eu não sei se tinha concurso ou exame para fazer o Científico, eu tive que fazer porque fiz na Aeronáutica, nesse caso era concurso e não Exame de Admissão.

Na Aeronáutica não era separado em Clássico, Normal e Científico, lá era especificamente para ser piloto aéreo. Trezentos colegas passaram no concurso, eu estudei três anos lá e, infelizmente, fui reprovado no exame médico, no final do terceiro ano, quando faltava um mês para começarem os treinamentos de voo, devido a um pequeno problema no ouvido.

Fiz minha licenciatura na UFMG e, nesse período, a diferença entre licenciado e bacharel era muito clara, até mais do que hoje em dia; bacharelado era para quem queria trabalhar com pesquisas ou em empresas da área privada, e licenciatura para os que queriam ser professor. Como eu queria ser professor, fiz licenciatura. Ainda, a diferença entre o bacharelado e a licenciatura era que o primeiro se aprofundava um pouco mais nas disciplinas de Física e na licenciatura estudavam-se as disciplinas pedagógicas.

Nesse período, éramos levados a não valorizarmos as disciplinas pedagógicas, era como se elas fossem apenas uma necessidade para nos formarmos, nós nos preocupávamos com as disciplinas que eram comuns ao bacharelado; já as pedagógicas, nós levávamos a sério no limite necessário apenas para concluí-las, pois sem elas não teríamos o diploma.

Assim o fato de não terem as disciplinas pedagógicas, pouco valorizadas por nós, ocasionava que os bacharéis não estavam preparados para dar aulas no Ensino Médio, enquanto que o licenciado sim. Portanto, entre o bacharel apenas graduado e o licenciado, este último tinha, pressupunham-se, mais condições de ser professor, isso também era válido entre engenheiro e licenciado. Comento isso porque tinha muitos engenheiros que estavam dando aulas de Matemática, então entre um engenheiro que não foi preparado para dar aula em nenhum nível, pelo menos não é essa a ênfase de seu curso, e um profissional que foi preparado para o Ensino Médio, o licenciado tinha preferência, mesmo na Universidade. Na

[4] Localizada acerca de duzentos e trinta quilômetros da capital São Paulo.
[5] Exame de Admissão ao Ginásio, instituído em 1931 perdurou por quarenta anos, era uma forma de selecionar os alunos que continuariam os estudos no Ginásio, atual Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano).

ausência de pós-graduação, o licenciado é aquele que tem prioridade para ser professor de Matemática, inclusive nas áreas de Engenharia, lecionando Cálculo I e II. Assim, eu, mesmo tendo apenas licenciatura, de certa forma poderia ser professor da Universidade, então, decidi ir para o Mato Grosso.

O professor, quando me formei, era considerado, mas quem fazia licenciatura, geralmente não havia passado em um curso de Engenharia, então já que não conseguia fazer Engenharia faziam licenciatura. Eu, no entanto, tenho o prazer de ter escolhido a licenciatura, tendo passado em Engenharia, inclusive tenho uma declaração da secretaria do curso de Engenharia dizendo: "Declaro que Claudio Mellado é aluno do curso de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais". Cheguei à secretaria e pedi uma declaração de que era aluno, a secretária organizou os papéis, na época era tudo muito fácil, fez uma declaração, o diretor assinou e me entregou, guardo-a até hoje; após recebê-la pedi o cancelamento de meu curso, ela tomou um susto, tentou argumentar que eu devia estar enganado, que queria era trancá-lo, mas não, falei que já havia feito vestibular para Física e passado, portanto queria mesmo era cancelar o curso de Engenharia.

Na verdade eu só me matriculei no primeiro ano, não cheguei a cursar o primeiro semestre de Engenharia. Falar que eu tinha conseguido passar em Física era bobagem de minha parte, pois, naquela época, eram trinta vagas e vinte e cinco candidatos, todos passavam, já em Engenharia eram dez candidatos por vaga, então eu tenho o prazer de ter passado em Engenharia e Física.

Mas voltando, com relação a esse sentimento de cursar Física por não ter passado em Engenharia, pelo menos na turma em que fiz parte, era bem perceptível. Inclusive, o curso começava com vinte e cinco e terminava com dez, porque ao longo dele os colegas conseguiam passar e saíam. No entanto, quem terminava o curso é porque queria mesmo ser professor, era quase como uma missão, falavam muito em sacerdócio, dávamos aula por prazer mesmo. Os professores levavam a sério suas aulas, nunca convivi com um professor que estivesse insatisfeito com sua profissão.

Quando você terminava uma licenciatura e ia para um colégio, ali você só encontrava pessoas entusiasmadas, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio, eu não me lembro de ter convivido com um colega de colégio que estivesse insatisfeito, com vontade de mudar de profissão, sempre gostavam, não há dúvida. Na verdade, quando falei que só fazia licenciatura quem não tinha conseguido fazer outras coisas, me referia a começar o curso, é claro que no meio tinha pessoas e eu gosto e quero me incluir como aqueles que tinham condições de passar em Engenharia, tanto que pediu uma declaração de que era estudante

desta e a cancelou para fazer licenciatura, mas quem a finalizava realmente queria ser professor.

Ao falar-se em formação de professores as pessoas sempre falam que antigamente era melhor, que as coisas eram mais sérias, mas acho que isso é uma constante na humanidade. Há poucos dias atrás eu estava lendo um livro sobre a decadência do Império Romano, e um personagem lá no ano 300 estava falando para o outro que os seus filhos não queriam nada com as coisas, ficavam só vadiando, não eram sérios como eles foram. O que quero dizer com isso é que no ano 300 as pessoas eram sérias, já no ano 315, 320 não eram mais tanto, então isso de „no meu tempo era melhor" não é de hoje.

Havia um respeito entre professores e alunos isso era regra geral, embora sempre tenha havido exceções. Sentíamos que os alunos estavam querendo perguntar, mas esse interesse foi diminuindo gradativamente com o passar dos anos, de modo que a impressão que me ficou quando me aposentei, é que o relacionamento professor e aluno já não era aquela mágica, aquela coisa fantástica que tinha no começo, porém isso não me fez perder a vontade de ser professor, apenas me fazia um pouco saudoso de uma época em que os alunos pareciam que se interessavam mais.

Isso me faz pensar nos professores que tive na minha graduação, dois me vem à mente: Antônio Máximo[6] e Beatriz Alvarenga[7]. Eles marcaram pela atuação na época e, também, por terem escrito um livro posteriormente, que ficou bastante conhecido e é muito usado, por coincidência o livro de Física do Alexandre, meu filho de dezessete anos, que está fazendo o terceiro ano do Ensino Médio, é do Antônio Máximo e da Beatriz Alvarenga.

Falando de minha graduação, lembrei-me de um colega de classe chamado Ricardo Schor, foi em 1970, portanto, quarenta e tantos anos depois, lembrei-me dele porque acho que ele era um gênio, tirava dez em todas as matérias, em todas as provas de todos os anos. Lembro que no começo, quando iniciamos o curso, ele ficava meio quietão, mas quando o professor dava uma "escorregada" no quadro ele falava: "Professor desculpa, mas tem um errinho ali" e os professores ficavam sem graça, mas isso foi no começo, já ao final do curso as coisas estavam diferentes, o professor estava tentando explicar um assunto e não estava conseguindo direito, então pedia ajuda para o Ricardo: "Como poderíamos explicar melhor esse fenômeno aqui Ricardo Schor?".

---

[6] Juntamente com Beatriz Alvarenga escreveu livros didáticos de Física, considerados *best-sellers* na área desde a década de 1970.

[7] Formou-se em Engenharia Civil em 1946, mas mesmo antes de formada já lecionava, encontrou realização na docência em Física.

Ainda pensando em meu curso, comecei-o exatamente em 1965, portanto, a ditadura já estava com um ano. Eu me casei cedo, me casei ainda como estudante de Física e precisava trabalhar para sustentar a mim e a minha mulher, então durante todo o meu período de estudo de Física eu estava ou em uma sala de aula estudando ou em uma sala de aula trabalhando. Eu me levantava seis e meia da manhã e dormia onze da noite, e não tinha tempo, disposição e pensamento para saber que estava acontecendo uma revolução no país, ficar sabendo eu até fiquei, mas só parei para pensar na ditadura, na revolução, alguns anos depois de formado, quando já estava trabalhando em Cuiabá; no meu período de estudante eu estava tentando sobreviver como estudante e casado.

É claro que eu sei, racionalmente e por leituras, que havia diferença de hoje em dia, inclusive, atualmente tenho um razoável conhecimento de política e de economia, que estão fora da minha área de Física enquanto formação. Eu me interesso por política e economia global, mas enquanto estava em Belo Horizonte não sentia diferença, não esbarrava com pessoas que estavam preocupadas com esse assunto, fossem elas colegas, professores ou na rua. Acontece que se eu esbarrasse com alguns deles eu não perceberia se eram a favor ou contra a ditadura, se eu estivesse passando por um grupo que estivesse discutindo política, provavelmente eu não notaria o assunto, pois estava passando a caminho de algum lugar, sempre em cima da hora para cumprir compromissos, portanto, eu não vi acontecer.

Outro ponto relacionado de certa forma à política, foi durante o período que trabalhei na UFMT, quando ocorreu a divisão do estado, nessa época havia, assim, certa rivalidade entre os cuiabanos e os campo-grandenses, mas acho que isso não afetou o interior da Universidade, eu não senti diferença. No entanto também nunca participei de grupos políticos, partidários ou não, assim as consequências da divisão ou não do estado, não era um assunto que me chamava a atenção. Eu fiquei à margem das coisas, no máximo sabia o nome do governador de cada um desses dois estados, não me preocupava em saber de que partido eram, a minha preocupação era muito voltada para as coisas do ensino, então não conseguia perceber influências positivas ou negativas.

Eu comecei a falar e agora me lembrei de minha experiência como docente. Em minha época de Belo Horizonte, o professor era respeitado, era especial, hoje ainda é especial, mas o que quero dizer é que havia um relacionamento professor-aluno que fazia com que tivéssemos prazer, realmente, de entrar na sala de aula. Além do mais havia aquela formalidade, o professor ia para o colégio com terno e gravata, mesmo no Ensino Médio. Eu dei aulas no

Colégio Estadual de Belo Horizonte[8] e em alguns colégios particulares, Colégio Santo Agostinho[9], Colégio Marconi[10], eu estudava Física, mas dava aula de Matemática nos colégios. Comecei a lecionar ainda no primeiro ano da graduação.

Ao longo dos quatro anos lecionei desde a quinta série do Ensino Fundamental, naquela época tinha outro nome, acho que era primeiro ano do Ginásio, até o terceiro ano do Ensino Médio, que era o Científico na época; no Ensino Médio trabalhei com Física. Depois na UFMT, no curso de Matemática, Introdução à Matemática I e II e Física I, II, III e IV. Lecionei a vida toda, até mesmo quando fazia parte da administração da Universidade nunca deixei de dar aula. Sendo que, a partir do momento em que entrei na Universidade nunca mais tive nenhum outro trabalho como professor, me dedicando, exclusivamente à UFMT.

Cabe lembrar que vim parar na educação depois de ter feito o vestibular para Engenharia, porque gostava de Física e depois me dei conta que se eu gostava de Física tinha que fazer Física e não Engenharia e comecei a dar aulas para sobreviver, eu comecei dando aulas particulares em Belo Horizonte, depois lecionei em cursinho e em colégios, então à medida que o tempo foi passando eu fui me conscientizando de que realmente estava na área certa, que eu tinha um prazer especial em dar aula. Assim, logo no comecinho do curso de Física percebi que realmente estava no lugar certo, dessa forma me tornei professor de Física, mas pensava que seria professor do Ensino Médio, para mim foi uma surpresa quando estava no final do curso e meu irmão, em Cuiabá, ligou falando: "Olha será criada uma Universidade e você está sendo convidado para vir ser professor dela", para mim foi maravilhoso.

E, assim, cheguei a Cuiabá em dezembro de 1970; para começar, nessa época, o asfalto acabava a mil quilômetros de lá, quer dizer, os últimos mil quilômetros era estrada de chão. Era uma cidade bastante provinciana, assim, muito afastada de tudo, praticamente não se usava avião, tinha os voos, mas era uma minoria que os usava, de modo que a alternativa era carro. Mas era uma cidade com belezas naturais fantásticas, eu que morei em Belo Horizonte até essa época, ficava fascinado com a beleza da cidade, do rio, o entorno: Chapada dos Guimarães[11] e Santo Antônio do Leverger[12], era fantástico.

---

[8] Escola Estadual Central, Escola Estadual Governador Milton Campos, Rua Fernandes Tourinho, Bairro Lourdes.
[9] Endereçado na Avenida Amazonas, Bairro Santo Agostinho.
[10] Colégio Municipal Marconi, localizado na Avenida do Contorno, Bairro Santo Agostinho.
[11] Trata-se de um município distante de Cuiabá, cerca de setenta quilômetros.
[12] Localizado a trinta quilômetros de Cuiabá.

Eu me aposentei em 1991, mas continuei em Cuiabá por mais uns dez anos, depois mudei para João Pessoa, na Paraíba, morei um ano lá e fui para Fortaleza, onde fiquei uns seis ou sete anos, e depois vim para São José dos Campos[13], aqui estou morando há três anos.

Portanto, cheguei a Cuiabá em 1970 e saí por volta de 2004, 2005, mais ou menos, ela já era uma cidade grande, moderna, o asfalto já tinha chegado lá há muitos anos. Falo bastante em asfalto, porque sempre gostei muito de viajar, então morava em Cuiabá e passava férias dirigindo, saía de lá com a família e ia para Natal, Fortaleza, Terezina ou então para Porto Alegre. Eu dirigia muito nas férias, por isso sempre falo no asfalto, ele faz uma diferença grande.

Em Cuiabá comecei a trabalhar no Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá, ICLC, com a formação de professores, pensando nessa formação e como se dava antes de me mudar para lá, presumo baseado no que eu encontrei em 1970, 1971, ou seja, que não havia licenciados em Matemática para lecionar essa disciplina. Já no começo da Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, os professores do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá, e mesmo os primeiros professores de Matemática da Universidade, eram basicamente engenheiros e economistas que trabalhavam em Cuiabá não como professores, mas eles eram também professores, tiravam algumas horas do seu tempo, do seu trabalho de engenharia ou de economista e davam aulas, então não havia professor profissional no começo da Universidade.

Depois de um ano no ICLC, cabe lembrar que quando comecei a trabalhar lá ele já estava instalado onde hoje é a UFMT, começa a Universidade, aquela euforia, todo mundo muito feliz porque estava sendo criada uma Universidade Federal, todos muito satisfeitos de estar participando daquele momento de criação. Era uma coisa, assim, fantástica, todo mundo com vontade de trabalhar, de fazer o máximo, mas com pouco conhecimento. Nesse período procuramos saber como era em outros lugares, pensávamos: "Como será que eles estão fazendo em Belo Horizonte, São Paulo e em outras cidades?". A ideia era tentar fazer o melhor possível procurando se espelhar nas universidades que já existiam e que poderiam, de algum modo, servir de exemplo. Encontramos muita dificuldade em termos de professores, era muito difícil consegui-los.

No começo da Universidade só tinha dois níveis de professores, auxiliares de ensino ou titulares, o começo da carreira e o final. Os concursos para professor assistente, adjunto e novos titulares só iniciou alguns anos depois. Por cerca de uns cinco anos, mais ou menos, só havia professores auxiliares de ensino e os titulares fundadores, estes últimos estavam

[13] Município distante noventa e cinco quilômetros de São Paulo, capital.

presentes em todos os cursos, professores fundadores em Direito, Letras, Geografia, História, Matemática, Física, Química, Biologia e Geologia.

O ato de criação da Universidade dizia que professor fundador é professor titular, então quem era professor do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá e da Faculdade de Direito, que continuou depois na Universidade, se tornou professor titular no começo dela.

O acesso, a admissão para Universidade como professor foi, para mim, muito fácil porque tinha um irmão recém-chegado lá, acredito que há uns dois anos, mais ou menos, que trabalhava no departamento de água, o Judismar[14], e conhecia algumas pessoas do Instituto, conversou com elas e disse que tinha um irmão se formando em Física, elas ficaram muito satisfeitas em receber alguém licenciado nessa área. No começo da Universidade nós éramos dois físicos: João Vasconcellos Coelho[15] e eu, o João era do sul do país. Então nós éramos os dois únicos licenciados, eu não posso lhe afirmar com certeza se eram em todas as áreas, mas não havia um único licenciado em Matemática e nós éramos os dois únicos de Física, isso em 1971 ou 1972 quando a Universidade foi criada.

Com relação à formação dos cursos eu tenho pouca informação, porque, como disse, iniciei como professor no Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá, que já tinha esses cursos que vinham de alguns anos. Não conheço bem essa história, mas sei que tinha um curso de Direito mais antigo, não sei quando foi criado o curso de Matemática, mas quando eu entrei no ICLC o curso já estava formado.

Imagina, tinha pouco tempo que eu estava em Cuiabá, dois ou três meses, recém-formado, apenas com licenciatura, nenhum tipo de especialização, nem aperfeiçoamento, não conhecia ninguém lá e, portanto, não tinha a menor possibilidade de participar, de exercer algum tipo de influência na criação, melhoria ou modificação desses cursos, eu era tão somente um professor, e ainda, assim, um pouco indeciso. Estava ali até com um pouco de receio de dar aulas, porque era a primeira vez que eu estava lecionando em uma instituição superior, logo a minha mente estava voltada para a disciplina que eu estava dando, a preocupação do contato com os alunos.

Eu não tinha o sentido crítico para pensar se aquela disciplina que eu estava lecionando era ou não a mais adequada naquele momento, se deveria ou não ser modificada, nada disso. Estava ansioso para conseguir dar conta do recado, entrar na sala de aula e transmitir aqueles assuntos do currículo, daquela matéria. Então eu não sei como começou o

[14] Judismar Melado foi também professor da UFMT.
[15] Um dos primeiros professores a compor o Departamento de Física da UFMT.

curso de Matemática, sem contar que eu era físico, era um professor de Física dando aula básica de Matemática em um curso de Matemática.

Como estava no começo dos cursos eu iniciei dando aulas de Matemática no básico, havia dois anos de básico e depois dois de específico na área de Ciências e Tecnologia, ou seja, Matemática, Física e Engenharia, portanto eram dois anos de básico e depois a continuação dos cursos. Assim, tinha as matérias básicas e eu dava aula na parte básica de Matemática para todos os cursos que precisassem daquela disciplina.

Sempre pensei em ser professor, para mim a minha vida profissional era sala de aula, contato com os alunos, com uma disciplina a ser ministrada, de preferência em Física, em Matemática foi por necessidade da Universidade e não por minha escolha.

Eu tive, não era o comum, mas tive turmas de cento e cinquenta alunos porque eram todos os que fariam Introdução à Matemática I e depois Introdução à Matemática II, isso antes de Cálculo I. Essa Introdução à Matemática I e II era ministrada para vários cursos e não havia muitos professores, então dávamos aula para um número maior de alunos, nessa fase inicial.

Nesse curso de Matemática muitos engenheiros continuaram lecionando, pois sem dúvida alguma, não havia licenciados em Matemática trabalhando nele, como também não houve no começo da Universidade.

Demorou um tempo até o curso ficar realmente com a cara da UFMT, porque no começo, 1972, basicamente a preocupação era conseguir professores para todas as disciplinas e conseguir o espaço físico, construir prédios. Tudo estava no começo, não havia, por exemplo, toda aquela parte das Ciências e Tecnologia, na época toda a parte da Engenharia, Física, Química, Matemática estava por ser construída. Existia apenas a parte próxima às piscinas, onde a arquitetura é bem diferente, tinha só ali na frente, tudo aquilo lá dos fundos tinha que ser construído, portanto, todos os cursos funcionavam nos prédios da frente. Era tudo muito acanhado para aquele Instituto que estava se transformando em uma Universidade, tinha muita ambição, muita gente querendo e pouco espaço, então nesse primeiro momento a preocupação era espaço físico e conseguir professores.

Por falta de mais pessoas, na organização inicial do curso eu fui indicado, na época não havia eleição para chefe de departamento e para diretores, eram indicações, aliás, era mais assim: “Olha você vai ter que aceitar esse cargo aqui”, não havia procura pelo cargo, havia pessoas procurando você, tentando te convencer a assumi-lo.

Nosso reitor era o doutor Gabriel Novis Neves[16], o vice-reitor na área acadêmica era o professor Benedito Pedro Dorileo[17] e na área administrativa o professor Attílio Ourives[18], havia também um professor chamado Ivo Cuiabano Scaff[19], cuiabano até no nome, ele foi o primeiro coordenador do Centro de Ciências e Tecnologia, isso já no comecinho de 1972. Não lembro se foi o Ivo, o professor Dorileo ou o professor Gabriel que me convidou, mas eles falaram: "Olha Claudio é o seguinte, nós estamos com duas chefias de departamento: de Física e de Matemática, mas nós já escolhemos o professor João Vasconcellos Coelho para ser o chefe do Departamento de Física, então você vai aceitar a chefia do Departamento de Matemática". Nós estávamos em uma época em que fazíamos o que fosse necessário, então eu fui o primeiro chefe do Departamento de Matemática, apesar de ser físico.

Comecei a chefia em 1972, ou seja, foi no começo do começo, então tive só um ano no ICLC, onde não tive nenhum cargo administrativo, e aí já em 1972, com a criação da Universidade praticamente, assumi a chefia da Matemática.

Eu não sei falar muito bem até quando fiquei na chefia, porque aí a coisa começou a complicar, complicar no bom sentido. Eu não sei se foi em 1973 ou em 1974 que o Ivo Cuiabano Scaff se afastou da direção do Centro de Tecnologia, então o professor Gabriel Novis Neves chegou para mim e falou: "Claudio vou te indicar para diretor do Centro de Tecnologias", isso com dois anos de Cuiabá, ainda recém-chegado, pois dois anos é pouco. Eu tomei um susto tão grande que falei para o doutor Gabriel: "Professor me dá vinte e quatro horas para pensar" e vinte e quatro horas depois eu cheguei para ele e disse que aceitava, mas com isso estava me afastando do que eu queria, que era ser professor, sala de aula, então falei que aceitava com a condição de que pudesse continuar dando aulas, ao que ele me respondeu que eu não ganharia nenhum centavo a mais por isso, no entanto, eu não me importava, pois só não queria me afastar da docência.

Tornei-me diretor, que naquela época chamavam de coordenador do Centro, sendo chefe dos chefes dos departamentos de Engenharia Civil, Elétrica e Sanitária, de Física, Química, Matemática, Biologia, História Natural e Geologia, ou seja, dois anos de Cuiabá, recém-formado e diretor do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia.

No período em que fui diretor do Centro de Tecnologia continuava chefe do Departamento de Matemática, isso até o dia em que o reitor me indicou para ser o presidente

[16] Primeiro reitor da Universidade, permaneceu no cargo de 1971 a 1981.
[17] Reitor da UFMT de 1982 a 1984.
[18] Um dos professores mais antigos da Universidade.
[19] Engenheiro químico e ambientalista.

da Comissão Permanente do Concurso Vestibular, COPEVE, então percebi que era presidente da comissão de vestibulares, diretor do Centro e chefe do Departamento de Matemática.

Certo dia o presidente da comissão de vestibulares teve que encaminhar um ofício para o diretor do Centro de Tecnologia, solicitando um professor de Matemática para preparar questões para os vestibulares e como, naquela época, as coisas necessitavam de certa formalidade para que pudessem ser atendidas, então pensei: "Puxa vida, vamos mudar essa coisa". O presidente da COPEVE, Claudio Mellado, mandou um ofício para o diretor do Centro de Tecnologia, Claudio Mellado, pedindo um professor de Matemática para preparar questões de vestibulares, o diretor do Centro, por sua vez, mandou um ofício para o chefe do Departamento de Matemática, Claudio Mellado, para conseguir o professor, que finalmente pode ser indicado.

Nessa hora cheguei para o reitor e falei: "Você pode escolher um, qualquer um dos cargos, realmente havia desprendimento de minha parte, pode me deixar na COPEVE, no Departamento de Matemática ou no Centro, mas só quero um deles", então continuei coordenador do Centro, acho que fiquei mais um tempo ainda como presidente da COPEVE, mas deixei o Departamento de Matemática. Não sei direito em que ano foi isso, mas deve ter sido por volta de 1974 ou 1975.

Havia, então, uma necessidade premente de conseguir professores e uma das atividades que tive como diretor que considero das mais importantes, era sair de Cuiabá para tentar contratá-los. Quando eu ficava sabendo que teria uma reunião na USP, por exemplo, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, SBPC, ou um encontro de professores quaisquer, ia para a USP, me escrevia para o encontro e uma vez que lá estava, visitava vários setores. Se nós estivéssemos precisando de professor de Física, ia para o grupo reunido da Física, chegando certo momento das discussões falava: "Pessoal eu tenho uma intervenção a fazer, sou professor e vim de Cuiabá, Universidade Federal de Mato Grosso", enquanto a turma esperava o que eu tinha a dizer, escrevia no quadro: "A Universidade Federal de Mato Grosso está precisando de professor de Física, se você tiver interesse, depois desse encontro estarei na sala tal, aqui na USP e no seguinte horário, para receber os candidatos".

Então na hora combinada ia para a sala e aguardava, sempre iam um ou dois, o professor Sérgio Scala[20] é um deles que trabalhou lá. Quando eles chegavam eu tentava convencê-los a ir para Cuiabá, falava: "Você será contratado como professor auxiliar de ensino, sem concurso, não precisa fazer concurso, se falar que aceita e mostrar o seu diploma de graduação, não é de aperfeiçoamento, especialização, mestrado, ou doutorado, se me

[20] Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo, professor da Universidade Federal de Mato Grosso.

mostrar que você tem Licenciatura em Física, então, você está contratado, em tempo integral e dedicação exclusiva", e comentava sobre o salário, às vezes, eles ficavam um pouco na dúvida se iam ou não. Perguntavam como era e nessa hora eu mostrava fotografias com as quais conseguia convencer as pessoas, fotografias de Santo Antônio do Leverger, da Igreja de Cuiabá, da praça, de Chapada dos Guimarães: "Esses paraísos você frequentará se aceitar ir!".

Isso aconteceu com Física, Matemática e Química, como eu era o diretor do Centro estava preocupado com todos esses cursos, então seguidamente viajava para uma cidade diferente para poder conseguir mais professores. Não sei quantos contratei dessa maneira, dez ou quinze, de Belo Horizonte, São Carlos e na USP. Depois ficou mais fácil, porque esses que foram contatavam outros amigos e conhecidos, então comecei a receber telefonemas de várias partes do Brasil: "O João Batista[21] me avisou que você está contratando e eu também estou interessado", começou a ficar mais fácil, mas durante uns dois anos a minha maior atividade era essa de encontrar professores.

Depois que começaram a se formar as primeiras turmas, esses ex-alunos, também passaram a atuar na Universidade, quase todos os professores da área de Física e Matemática da UFMT de hoje são ex-alunos de lá.

Havia também a necessidade de contratar professores para o reconhecimento dos cursos. Não lembro se houve dificuldades no reconhecimento da Física ou da Matemática, mas houve uma situação muito interessante na Engenharia Civil que ainda não era reconhecida e os alunos já estavam no último ano, logo isso se tornava necessário e os alunos estavam pressionando. Nós recebemos um grupo do Ministério da Educação, que estavam fazendo todas as análises, nessa época já havia alguns mestres, mas faltava um para a Engenharia, na área de estradas, então o reitor me pediu que o contratasse e que não voltasse sem, eu pesquisei e cheguei à conclusão que o melhor lugar para conseguir um mestre em estradas, talvez, fosse São Paulo.

Sempre batia primeiro na USP e depois ia para outros lugares, minha procura por professores sempre começava lá, pois no início procurava os professores nos encontros de Física e de Matemática, sempre que via que haveria um me escrevia, dava preferência para a USP porque naquela época nós só conhecíamos São Paulo, quer dizer era Cuiabá-São Paulo, Cuiabá-Rio de Janeiro. A ligação com São Paulo e Rio de Janeiro era tão forte que quando as pessoas diziam que estavam indo viajar, já perguntavam se era para o Rio ou São Paulo. Mas, naquela época, São Paulo era mais acessível para nós, pois o avião saía de Cuiabá e baixava em São Paulo, logo não tinha sentido chegar a São Paulo e ir procurar professores em outras

[21] Nome fictício.

cidades. A USP era e ainda é a maior universidade do Brasil, assim se tornava a mais adequada e, também, mais acessível em termos de acesso mesmo, mas não no sentido de conseguir, nunca consegui convencer um professor da USP a ir para Cuiabá, porém conseguia convencer professores que estavam participando de encontros lá, ela me permitia contatos.

Então, na busca pelo mestre em estradas, novamente lá cheguei e eles me falaram que eu não conseguiria ninguém, pois os candidatos não aceitariam, mas me sugeriram que fosse a São Carlos, na Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, que lá provavelmente alguém toparia.

Fui, e na UFSCar me disseram que nenhum professor da universidade aceitaria também, porém conheciam um profissional que não era professor, mas tinha mestrado em estradas, como eu queria. Ele trabalhava em São Carlos mesmo, então peguei seu nome e endereço e fui ao escritório desse engenheiro, que era mestre em estradas, falei: "Olha, eu estou contratando professor para ir para Cuiabá, professor de estradas" e ele: "Deus me livre, de jeito nenhum, eu sou engenheiro, trabalho aqui em São Carlos eu não tenho a menor intenção de ir para lá". Insisti dizendo que não precisava ficar anos em Cuiabá, poderia passar um ou dois anos, depois retornava, seria contratado em tempo integral e dedicação exclusiva, o que seria ótimo para seu currículo, mas ele nem sequer deixou-me terminar direito, disse que não podia se afastar por dois anos, pedi, então que passasse um ano em Cuiabá, no qual ele seria contratado, mas novamente afirmou que não podia se afastar por um ano, tentei seis meses, e ele recusou: "Vamos deixar a conversa, eu não quero, sou engenheiro profissional aqui, não posso ir para Cuiabá de jeito nenhum".

As fotografias de Chapada dos Guimarães e Santo Antônio do Leverger não adiantaram nada. Mudei, então, minha oferta: "Vamos fazer o seguinte, você não vai dar aulas para os alunos do curso de Engenharia, mas sim instruir os professores deles, para que eles possam transmitir os seus conhecimentos, nesse caso nós vamos organizar um curso, serão seis meses". Finalmente ele concordou, seriam seis meses de curso, mas somente nos fins de semana, fechamos nisso, no entanto, "Eu não posso te contratar para dar um curso de seis meses, quero te contratar para ser professor da Universidade Federal de Mato Grosso, mas fica combinado que você como professor será designado para dar um curso para os professores de lá". Acordo feito, a Universidade pagou para ele as passagens de ida e volta todo final de semana, para que fosse dar aula para os engenheiros, professores do curso. Assim, ele como contratado entregou seu currículo, que foi encaminhado para o Ministério de Educação e Cultura, MEC, o qual autorizou. Agora se tinha condições para reconhecer o curso de Engenharia.

Outro papel que tinha, enquanto diretor do Centro era de organizar cursos de aperfeiçoamento ou de especialização em áreas específicas. Tenho aqui o certificado do primeiro curso de especialização ministrado no Centro de Ciências Exatas e da Terra, da UFMT, em Matemática, que se tornou um documento histórico pelo seu teor, ele foi ministrado pelos professores: Osvaldo Sangiorgi[22], Irineu Bicudo[23], Luiz Henrique Jacy Monteiro[24], Renate Watanabe[25] e Paulo Boulos[26], que compunham o Grupo de Estudos de Ensino de Matemática de São Paulo, o GEEM, eles trabalhavam, preferencialmente, na Universidade Mackenzie em São Paulo. Nesse certificado também consta o conteúdo trabalhado (Figuras 2 e 3).

Figura 2: Certificado do primeiro curso de especialização ofertado pelo Centro de Ciências Exatas e Tecnologia da UFMT.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Certificado

Certificamos que

CLÁUDIO MELLADO

Frequentou com Aproveitamento o CURSO de ESPECIALIZAÇÃO EM MATEMÁTICA, Ministrado no Centro de Ciências Exatas e Tecnologia pelos Professores OSWALDO SANGIORGI, IRINEU BICUDO, LUIZ HENRIQUE JACY MONTEIRO, RENATE WATANABE e PAULO BOULOS, do GEEM (Grupo de Estudos de Ensino de Matemática - São Paulo).

PERÍODO DE REALIZAÇÃO 25/5/73 A 15/12/73 CARGA HORÁRIA - 486hs.

Cuiabá, 10 de Janeiro de 1975.

REITOR

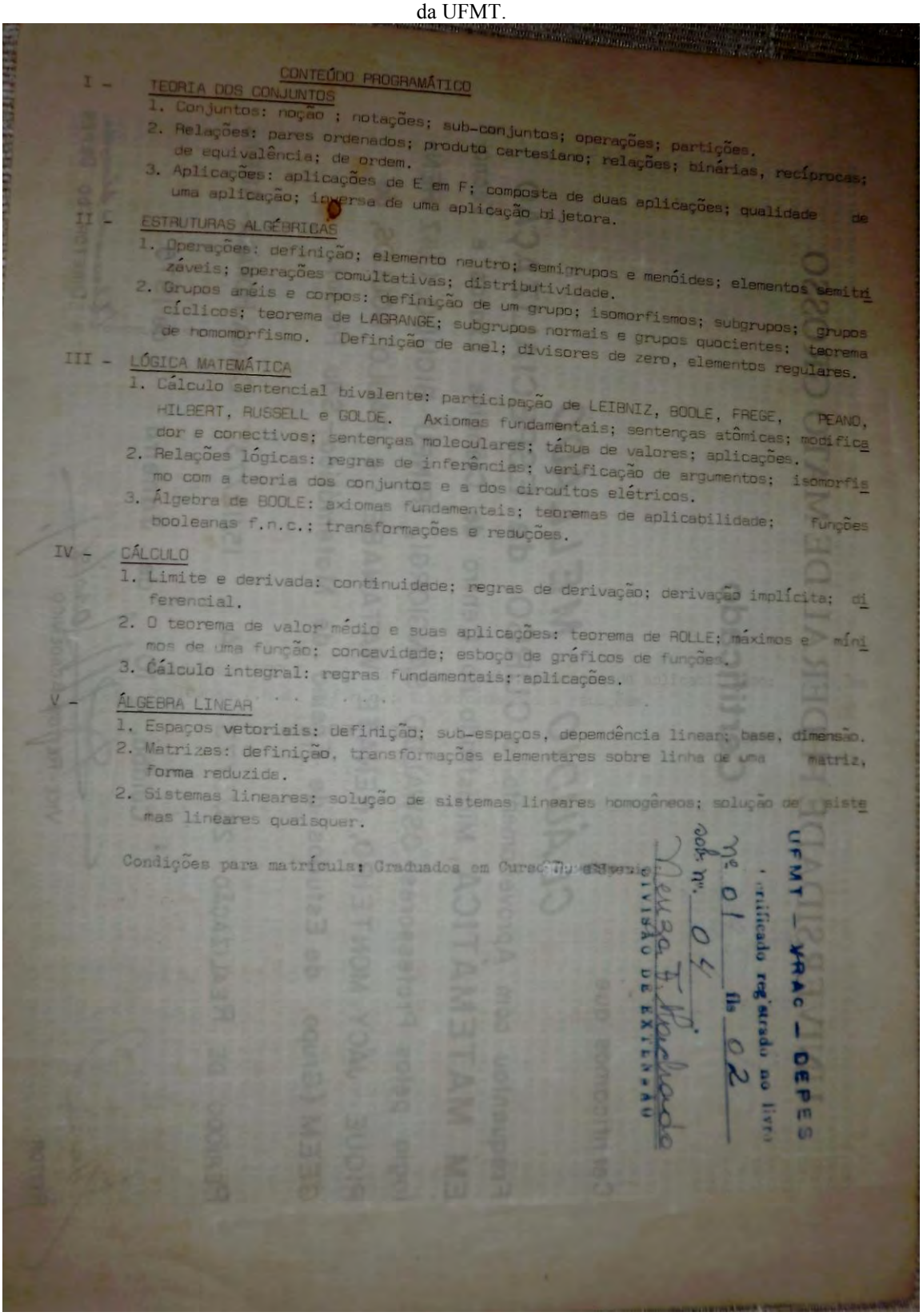
VICE-REITOR ACADÊMICO

DIRETOR DO DEPES

Fonte: Acervo pessoal do depoente.

[22] Pós-doutor pela Universitat Gesamthochschule Paderborn, autor de livros didáticos e professor titular da Universidade de São Paulo.
[23] Professor titular da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp, de Rio Claro.
[24] Doutor em Ciências, em 1950, pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, FFCLUSP.
[25] Mestre pela Academic Year Institute da University of Illinois, professora titular da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
[26] Professor Livre-Docente da Universidade de São Paulo, autor de diversos livros didáticos.

Figura 3: Conteúdo do primeiro curso de especialização ofertado pelo Centro de Ciências Exatas e Tecnologia da UFMT.



CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

I - TEORIA DOS CONJUNTOS

1. Conjuntos: noção ; notações; sub-conjuntos; operações; partições.
2. Relações: pares ordenados; produto cartesiano; relações; binárias, recíprocas; de equivalência; de ordem.
3. Aplicações: aplicações de E em F; composta de duas aplicações; qualidade de uma aplicação; inversa de uma aplicação bijetora.

II - ESTRUTURAS ALGÉBRICAS

1. Operações: definição; elemento neutro; semigrupos e menóides; elementos semitrizáveis; operações comultativas; distributividade.
2. Grupos anéis e corpos: definição de um grupo; isomorfismos; subgrupos; grupos cíclicos; teorema de LAGRANGE; subgrupos normais e grupos quocientes; teorema de homomorfismo. Definição de anel; divisores de zero, elementos regulares.

III - LÓGICA MATEMÁTICA

1. Cálculo sentencial bivalente: participação de LEIBNIZ, BOOLE, FREGE, PEANO, HILBERT, RUSSELL e GOLDE. Axiomas fundamentais; sentenças atômicas; modificador e conectivos; sentenças moleculares; tábua de valores; aplicações.
2. Relações lógicas: regras de inferências; verificação de argumentos; isomorfismo com a teoria dos conjuntos e a dos circuitos elétricos.
3. Álgebra de BOOLE: axiomas fundamentais; teoremas de aplicabilidade; funções booleanas f.n.c.; transformações e reduções.

IV - CÁLCULO

1. Limite e derivada: continuidade; regras de derivação; derivação implícita; diferencial.
2. O teorema de valor médio e suas aplicações: teorema de ROLLE; máximos e mínimos de uma função; concavidade; esboço de gráficos de funções.
3. Cálculo integral: regras fundamentais; aplicações.

V - ÁLGEBRA LINEAR

1. Espaços vetoriais: definição; sub-espaços, depemdência linear; base, dimensão.
2. Matrizes: definição, transformações elementares sobre linha de uma matriz, forma reduzida.
2. Sistemas lineares: solução de sistemas lineares homogêneos; solução de sistemas lineares quaisquer.

Condições para matrícula: Graduados em Curso

UFMT – VRAC – DEPES
Certificado registrado no livro
Nº 01 fls 02
sob nº 04
DIVISÃO DE EXTENSÃO

Fonte: Acervo pessoal do depoente[27].

[27] Transcrição literal do texto contido no documento:
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
I – TEORIA DOS CONJUNTOS

Um curso de quatrocentas e oitenta e seis horas, realizado bem no começo da Universidade, ainda em 1973, nesse período eu ainda era chefe do Departamento de Matemática e como chefe fui aluno dele, além de organizador. Para a escolha dos professores da especialização entrei em contato com o Osvaldo Sangiorgi, que para mim era um ídolo, pois estudei o Ensino Médio com seus livros, ou seja, depois de ter estudado com seus livros poder contratá-lo para dar um curso foi uma coisa fantástica. Fui a São Paulo, contratei-o e ele ficou encarregado de convidar os outros professores, só fiz o contato e contrato com ele, oficialmente. Assim, as pessoas que têm especialização em Matemática, ainda no começo, em Cuiabá, foi devido a esse curso.

Mas, voltando para o curso de Matemática, desde sua instalação ele se manteve firme, se em algum momento deu alguma enfraquecida foi por falta de candidatos, pouca procura para o vestibular, mas isso bem no começo. Depois que se finalizou a disciplina de Introdução à Matemática, que tinha muitos alunos, as outras turmas em que trabalhei eram pequenas, com quatro, cinco alunos. Lecionei Física I, II, III e IV, me aposentei trabalhando esta última, que

---

1. Conjuntos: noção; notações; sub-conjuntos; operações; partições.
2. Relações: pares ordenados; produto cartesiano; relações; binárias, recíprocas; de equivalência; de ordem.
3. Aplicações: aplicações de E em F; composta de duas aplicações; qualidade de uma aplicação; inversa de uma aplicação bijetora.

II – ESTRUTURAS ALGÉBRICAS

1. Operações: definição; elemento neutro; semigrupos e menóides; elementos semitrizáveis; operações comultativas; distributividade.
2. Grupos anéis e corpos: definição de um grupo; isomorfismos; subgrupos; grupos cíclicos; teorema de LAGRANGE; subgrupos normais e grupos quocientes; teorema de homomorfismo. Definição de anel; divisores de zero, elementos regulares.

III – LÓGICA MATEMÁTICA

1. Cálculo sentencial bivalente: participação de LEIBNIZ, BOOLE, FREGE, PEANO, HILBERT, RUSSELL e GOLDE. Axiomas fundamentais; sentenças atômicas; modificador e conectivos; sentenças moleculares; tábua de valores; aplicações.
2. Relações lógicas: regras de inferências; verificação de argumentos; isomorfismo com a teoria dos conjuntos e a dos circuitos elétricos.
3. Álgebra de BOOLE: axiomas fundamentais; teoremas de aplicabilidade; funções booleanas f.n.c; transformações e reduções.

IV – CÁLCULO

1. Limite e derivada: continuidade; regras de derivação; derivação implícita; diferencial.
2. O teorema de valor médio e suas aplicações: teorema de ROLLE; máximos e mínimos de uma função; concavidade; esboço de gráficos de funções.
3. Cálculo integral: regras fundamentais; aplicações.

V – ÁLGEBRA LINEAR

1. Espaços vetoriais: definição; sub-espaços, dependência linear; base, dimensão.
2. Matrizes: definição, transformações elementares sobre linha de uma matriz, forma reduzida.
3. Sistemas lineares: solução de sistemas lineares homogêneos; solução de sistemas lineares quaisquer.

Condições para matrícula: Graduados em Curso Superior.

é a parte de Ótica. Mesmo com poucos alunos lá na UFMT nunca se falava em reduzirem-se cursos, mas sim em criarem-se novos.

No começo não havia Licenciatura Curta, somente Plena. Mais tarde foram ofertadas umas licenciaturas para atender aos professores de Cáceres[28] e Rondonópolis[29], os cursos eram oferecidos nessas duas cidades e depois, em um segundo momento, eles iam para a Universidade, em Cuiabá, para uma complementação.

Eu fiz minha Licenciatura Plena, mas lembro de quando se implantou a Licenciatura Curta na UFMT. Era uma coisa meio difusa, pensava-se que estávamos tendo certo retrocesso, no sentido de que teria no começo uma Licenciatura Curta, para depois fazer a habilitação. Havia uma impressão de que se você desde o começo já entrasse com o curso escolhido o rendimento seria melhor, mas hoje não penso mais assim, acho uma ideia boa, penso que ter uma formação geral para depois partir para o específico é muito mais razoável do que você desde o começo já ser encaminhado para aquela direção.

Usando como exemplo algo fora da área de Ciências, eu acredito que as pessoas deveriam ter uma formação humanística muito mais forte do que recebem; eu como físico tive um contato muito ligeiro com as áreas de Sociologia, Psicologia e Antropologia e penso que isso fez falta dentro da sala de aula, como professor de Física. Não que eu ache que o curso de Física tenha que ter essas disciplinas, mas ao menos deveriam ser feitos alguns encontros, pequenas palestras, ou coisa que o valha. Sendo a favor disso, mais ainda eu acho que ter uma formação científica para depois partir para as habilitações é mais adequado, mas naquela época havia uma impressão de que nós estávamos regredindo, esse era o meu sentimento.

Sempre lecionei na área de Ciências e também para turmas de Engenharia, porque a disciplina Ótica, Física IV, fazia parte de seu currículo. E tenho uma curiosidade a contar, sempre tive mania de durante as provas ficar andando para lá e para cá na sala, como tinha que ficar em silêncio para que os alunos pudessem fazer as provas com tranquilidade e para passar o tempo eu fazia estatística.

Observava quantos estavam fumando, porque naquela época se fumava em sala de aula, quantos usavam calça jeans ou estavam de tênis, quantos eram rapazes, quantas eram moças, então posso dizer, deixando o cigarro, o tênis e as calças jeans de lado, pensando apenas nos rapazes e nas moças, quando eu comecei a lecionar para as turmas de Engenharia Civil havia nelas trinta alunos, dos quais vinte e oito eram rapazes e duas moças, com o passar dos anos se mantinha o número de alunos, mas a proporção começou a mudar: vinte e cinco

[28] Município distante duzentos e vinte quilômetros da capital.
[29] Localizada a duzentos e quinze quilômetros de Cuiabá.

rapazes e cinco moças, vinte rapazes, dez moças, sendo que quando me aposentei já tinha invertido, ou seja, em um curso que começou como masculino, já tinha vinte e cinco moças e cinco rapazes. Isso aconteceu em Engenharia, Física, Química e Matemática, baseado nisso, acredito que hoje a proporção deve estar maior, mudou muito. Isso então é uma curiosidade da minha época de vivência como professor.

Falando em ser professor, vejo que com o passar do tempo a formação de professores, em termos de transmissão do conhecimento, foi adensando à medida que os professores foram crescendo em sua formação, primeiro apenas graduados, depois especialistas, mestres e doutores, inclusive quando me aposentei, grande parte dos professores já tinham mestrado.

Com relação ao mestrado e doutorado eu sempre penso se fui prejudicado, ou não. Veja bem, o que você tem que fazer para ser um professor titular? Primeiro graduação, depois mestrado e doutorado para, então, conseguir ser professor titular, atualmente não se consegue esse cargo sem o doutorado. Eu comecei o primeiro ano da minha carreira como titular, sem ter especialização, depois, como coordenador do Centro de Tecnologia, competia a mim dar o sim no desejo de professores da área de Ciências Exatas e Tecnologia de fazer o mestrado. Eu recebia as solicitações, muito frequentemente para fazer mestrado na França, USP ou no Rio Grande do Norte.

Constantemente, assinava para que os professores pudessem se ausentar da Universidade Federal de Mato Grosso para fazer mestrado, durante esse período eles recebiam uma bolsa, e eu não pude fazer, autorizava as pessoas a fazerem e eu mesmo não pude sair porque estava na direção da Universidade. Sem contar que se aceitasse fazer mestrado eu teria que sair com bolsa de estudo, abrindo mão do salário que recebia como diretor do Centro, tendo por objetivo unicamente aumentar meu conhecimento, mas não por galgar na carreira do magistério. Então acabei não fazendo mestrado e doutorado, e hoje fico pensando, se seria bom se eu não tivesse aceitado o cargo da direção, pois assim, talvez, eu teria feito. Porém, talvez, porque eu teria que sair para fazer um mestrado, um doutorado, não para subir na carreira, isso foi algo complicado em minha cabeça durante algum tempo, hoje já passou e aquela sede de conhecimento que eu tinha, procurei sanar de uma maneira autodidata, inclusive saindo um pouquinho até da área da Física.

Acho que o tempo que passei na UFMT foi o melhor de minha vida. Foi bom trabalhar lá, eu não sei como está hoje o relacionamento entre professores e professores e administradores, mas era muito bom. Não tive nenhum tipo de problemas de relacionamento, embora nunca fui muito dado a várias amizades, pois sempre fui muito retraído nessa questão,

o coleguismo era fantástico, uma coisa muito boa e além disso, tinha o prazer constante em trabalhar na área em que sempre quis atuar.

Para fazer minhas considerações, vou falar de um assunto pessoal, mas que tem relação com o que falarei a seguir, pois não teria muito sentido minha fala final sem certa fase de minha vida.

Há vinte e dois anos atrás eu me casei pela segunda vez e formei uma nova família, tive um filho, Alexandre, e uma filha. Depois de alguns anos de aposentado eu e a Ana Rita, minha esposa, mudamos para João Pessoa e depois para Fortaleza, onde moramos três anos, então nos separamos, aliás, nos separamos ainda em João Pessoa. Aí começa uma coisa meio diferente, nós nos separamos em João Pessoa, mas continuamos morando na mesma casa e nos tornamos amigos, uma amizade tão forte que resolvemos mudar para Fortaleza, não como casados, mas como amigos. Naquela cidade, moramos três anos juntos a ponto de mudar de apartamento e não deixar a companhia um do outro. Nós não tínhamos ninguém, assim continuamos morando juntos por mais um ano, então ela me falou que estava pensando em vir morar em São José dos Campos e me chamou para vir junto, eu decidi ficar e ela veio. Fiquei morando sozinho em Fortaleza, cidade onde também moravam minha mãe e irmã.

Então durante três anos eu vinha três ou quatro vezes por ano para São José visitar os meus filhos, vinha no aniversário do Alexandre, em abril, no aniversário da Raissa, em agosto, vinha, também, em dezembro e talvez mais uma vez. Embora tivéssemos nos divorciado de papel passado em Fortaleza, éramos amigos e quando eu vinha a São José ficava hospedado na casa da Ana Rita, isso durou três anos, nesse período eu namorei e ela também.

Em dezembro de 2010, há dois anos e meio, eu estava aqui, ela chegou, virou para mim e falou: “Você quer casar comigo?” Pensei uns trinta segundos, mais ou menos, e aceitei, então, novamente nos casamos de papel passado. Essa questão de casar de papel passado é porque sou comodista, penso que você estar junto com uma pessoa com papel assinado ou não é a mesma coisa, não vejo diferença, a não ser quando você precisa provar que está casado. Se você está só junto, dependendo do que for fazer, precisa apresentar duas testemunhas, e eu sou um cara comodista, que prefere mostrar um papel onde está escrito que sou casado, então é esse o motivo de nos casarmos.

Estou contando isso porque, em 2010, o Alexandre estava fazendo o nono ano do Ensino Fundamental, e eu cheguei em uma hora muito especial na vida dele, porque ele queria fazer Mecatrônica, uma mistura de Engenharia Mecânica com Computação, e estava pensando em fazer o curso técnico em Mecatrônica, porque já estaria na direção do curso que

ia tentar cursar. Com meu retorno à família cheguei a tempo de salvá-lo de fazer o curso técnico, e agora entra a parte professor outra vez, por isso que contei toda essa história.

No meu retorno, em relação ao Alexandre, eu pude orientá-lo da melhor maneira naquilo que ele queria, falei a ele que se queria fazer Mecatrônica, não deveria fazer um curso técnico nisso, o curso técnico é ótimo, mas é para quem quer terminar o Ensino Médio e partir para o emprego, e se quer fazer Mecatrônica na universidade não poderá ter um emprego. Afirmei que com minha volta eu teria condições de bancar os seus estudos, desde que fizesse em uma universidade pública, pois não tenho dinheiro para pagar uma boa universidade particular.

Conversei com ele, que se estivesse disposto a estudar, faria o curso que quisesse em uma universidade pública. Então, ele fez uma pergunta mágica para mim: "Você me ajuda?" "Ajudo, claro, se você quiser!" Até esse momento eu nunca tinha ajudado ele, dessa forma, no ensino. Nunca ajudei um filho a fazer tarefas de casa, se ele queria fazê-la, eu perguntava o assunto e tirava dúvidas sobre, e depois que ele tinha aprendido fazia a tarefa. Assim, quando o Alexandre me pediu ajuda, eu disse que o orientaria nos estudos.

Ele foi fazer o primeiro ano do Ensino Médio e combinamos: ele estudava na parte da manhã, e todas as tardes nos encontrávamos durante uma hora para estudar, decidimos que eu lhe ajudaria em Física, Química, Matemática e Biologia, no entanto, eu não conheço Biologia e depois cheguei à conclusão que ele a aprendia com mais facilidade do que eu para ajudá-lo, logo, cancelei Biologia, mas não cancelei Química, porque comecei a me interessar por ela, eu como físico passei a vê-la de uma maneira bem mais próxima da Física.

Dessa forma, durante o ano de 2011, nos encontramos todos os dias à tarde, durante uma hora, para estudarmos juntos. O Alexandre era um aluno mediano, daquele que fica em recuperação em duas, três matérias, depois consegue passar, isso perpetuou por todo o Ensino Fundamental. Ao final do primeiro ano do Ensino Médio ele já não pegou recuperação em nada.

Então, em 2012, em seu segundo ano, aumentamos para duas horas de estudo por dia e a minha surpresa é que, um ano depois, ele continuava interessado. Eu nunca forcei nada, apenas aceitei orientá-lo, não gosto de falar vamos ter aula de Matemática ou de Física, eu falo vamos estudar. E agora em 2013 ele está no terceiro ano do Ensino Médio, no segundo ano ele já era o melhor aluno da turma, e nesse ano de 2013 são três horas por dia de estudo, e ele continua entusiasmado.

Dentro de trinta dias, mais ou menos, lá pelo dia quinze de setembro, ele deverá terminar todo o estudo de Matemática, Física e Química do Ensino Médio, é claro que quando

falo terminar significa estudar da primeira página do livro dele, no caso da Física, do livro da Beatriz Alvarenga e do Antônio Máximo, até a última resolvendo todos os problemas. Então é toda a teoria mais todos os problemas da primeira página até a última em Física, Química e Matemática, sendo que em Química estamos estudando juntos, frequentemente ele me explica uma parte de um fenômeno que eu não consegui entender direito.

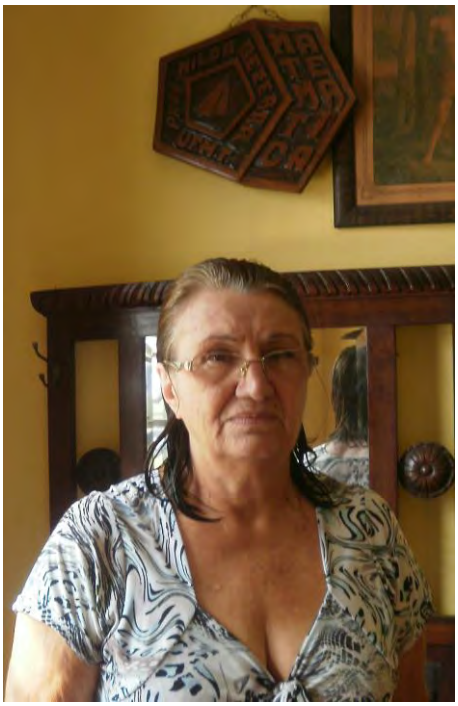
Acho isso fantástico, estou me realizando como professor; a pedido do meu filho sou professor de Física e de Matemática dele e colega de Química, com isso a meta dele é fazer o curso na USP. Acredito que ele tenha, agora, cinquenta por cento de chances de passar em um vestibular, ele já não quer mais fazer Mecatrônica, do mesmo jeito que eu entrei na Engenharia e depois resolvi fazer Física, ele descobriu, sem influência minha, posso garantir, que ele queria fazer Mecatrônica por causa da computação, pela parte de computação e não de mecânica, então pensou em porque perder tempo estudando mecânica se quer fazer computação, assim, ele vai fazer Ciências da Computação.

Portanto, eu continuo tendo prazer em ser professor, e agora a felicidade de ser professor particular de meu filho, professor particular não, estudante junto com ele, porque eu também sou contra essa ideia de dar aula particular. Eu sento ao lado dele, ele abre o livro e começa a ler alto, e eu vou acompanhando a leitura com ele para saber se não está saltando alguma coisa e se a entonação está certa. Sempre digo a ele que é necessário um bom conhecimento da Língua Portuguesa, caso contrário não conseguirá entender a lógica dos problemas de Matemática, Física e Química, a interpretação é a base, é muito necessária.

Enquanto ele lê, eu tiro suas dúvidas e discutimos, depois na hora dos exercícios ele os faz e eu dou uma pista aqui, outra ali; em alguns, quando ele não consegue de jeito algum, eu dou uma pista mais clara, mas é ele que fica o tempo todo com o lápis e o papel na mão, isso que eu considero dar aula particular.

Então, atualmente, tenho esse prazer de estar estudando junto com meu filho e tenho esperança de que quando ele estiver fazendo a Ciência da Computação, que me transmita informações. Aí vamos inverter os papéis já que da computação ele entende muito mais do que eu, como todo adolescente entende mais de computação do que um adulto.

3. Nilda Bezerra Ramos



Sou Nilda Bezerra Ramos, nasci em vinte e seis de outubro de 1944, professora aposentada, formada em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, fui aluna de sua primeira turma. Iniciei meu curso no Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá, ICLC[1], mas me formei na UFMT, que incorporou o ICLC. Colei grau em 13 de dezembro de 1969.

Sou cuiabana, nasci em um sítio que pertencia ao município de Cuiabá, lugarejo conhecido como Mata Grande ou Serra Acima, que atualmente faz parte de Chapada dos Guimarães[2], local onde fui registrada. Naquele tempo Cuiabá precisava ser um Portal da Amazônia[3], pois assim receberia verba do Governo Federal, visando organizar um meio de fazer parte deste Portal, consideraram uma grande faixa de terra como pertencente à capital, esta passava pelo município de Campo Verde[4], abrangendo o Rio da Casca[5], assim como Mata Grande, distrito de Chapada, toda essa região pertencia a Cuiabá. Nesse tempo Chapada dos Guimarães era o maior município em extensão territorial do país, abrangia toda a parte norte de Mato Grosso.

Eu vim cedo para Cuiabá, pois na fazenda não tinha escola. No Primário[6] morei em

---

[1] Esta instituição será melhor esclarecida no decorrer da narrativa, bem como, em um capítulo à parte.
[2] Trata-se de um município distante de Cuiabá, cerca de setenta quilômetros.
[3] O Portal da Amazônia seria uma forma de ocupar e desenvolver o território amazônico e Mato Grosso como portal tornava isso mais fácil.
[4] Distante cerca de cento e trinta quilômetros de Cuiabá.
[5] Afluente do Rio Manso, em suas águas encontram-se três usinas hidroelétricas: Casca I, Casca II e Casca III.
[6] Atual Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano).

um internato em Chapada dos Guimarães, no São José, onde estudei. Passei quatro anos como interna depois vim para cá, tinha que fazer a Admissão ao Ginásio[7]. Em princípio meu pai alugou uma casa, depois comprou uma perto do quartel[8], ela existe até hoje, na Rua Brigadeiro Eduardo Gomes[9], número seiscentos, nós ficamos morando na capital e meu pai no sítio, não foi fácil, nunca fomos ricos.

No fundo desta nossa casa morava uma senhora, ela e o marido trabalhavam fora, tinham dois guris que deixavam lá em casa. Eram pequenos e eu dava aula para eles, ensinava-os. Assim, comecei a lecionar muito cedo, eles iam para casa já tomado banho. Um deles é o doutor Rubens, desembargador[10], até hoje ele lembra que a família Bezerra o alfabetizou e onde me encontra vem falar comigo. Na época em que ficava com eles, eu estudava no Colégio Estadual, tinha treze, catorze anos, com isso ganhava um troquinho para ajudar, pois não tinha emprego em Cuiabá. Nunca lecionei para o Primário, só para esses meninos, sempre para alunos maiores, pois lecionava para o Segundo Grau.

Nós somos dez irmãos, cinco casais, e meu pai que morava na fazenda sempre nos dizia que não tinha muito o que nos deixar, mas que gostaria de pelo menos nos dar ensino, o estudo, pois assim poderíamos crescer na vida, e nós estudamos. Eu estudei, a Rita Francisca Gomes Bezerra Casseb tem dois cursos, Matemática e Engenharia Civil, a Nilce Gomes Bezerra, mais velha que eu, fez Pedagogia, dava aula para o Primário, mas antes de ser pedagoga havia feito uns cursos para dar aula em Minas Gerais, não sei que curso era. Já a Helena, a caçula, fez Direito, ela também foi minha aluna na Escola Técnica. Na época em que estudou já existiam outros cursos técnicos, hoje é juíza da Vara Cível, trabalha no tribunal aqui em Cuiabá.

Dos irmãos, cada um fez alguma coisa, então o meu pai nos deu o ensino. Um deles é policial do Governo Federal, outros dois trabalham na Embratel, destes um é o Nivaldo Gomes Bezerra, que foi um dos fundadores desta empresa, ele começou nela lá no Maranhão dando cursos, atualmente também é professor, lecionando de vez em quando, embora já seja aposentado. E o mais velho trabalhava no Departamento Nacional de Estradas e Rodagens, DNER, também aposentado. Todos estudaram e tiveram uma profissão, então acho que nesse ponto meu pai ficou satisfeito, pois conseguiu que todos estudassem.

Eu sou uma das mais velhas, então ficava com a criançada aqui para estudar, isso

---

[7] Exame de Admissão ao Ginásio, instituído em 1931 perdurou por quarenta anos, era uma forma de selecionar os alunos que continuariam os estudos no Ginásio, atual Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano).
[8] 44º Batalhão de Infantaria Motorizado Laguna.
[9] Localizada no Bairro Popular, em Cuiabá.
[10] Rubens de Oliveira Santos Filho, eleito desembargador do Tribunal de Justiça de Mato Grosso em 1998 e em 2011 se tornou presidente deste Tribunal, mais alto cargo do Poder Judiciário Estadual.

depois que saí do internato, todos vinham para cá e estudávamos. Quando cursava Matemática, estudava à noite no Colégio Estadual, onde funcionava o ICLC, ia e voltava a pé. Estudava de noite e lecionava nesse mesmo colégio de dia.

Nesse tempo, Cuiabá era pequena, conhecíamos muita gente, meu vizinho sempre vinha caminhando e conversando conosco à noite. Até já tinha ônibus circular, mas a distância entre a escola e minha casa era muito pequena, então compensava mais ir a pé, nessa época caminhávamos bastante.

Depois que me aposentei voltei para o sítio, ele fica em um pequeno vilarejo que chamamos de Serra Acima. Nesse tempo o governo estava organizando as divisas de municípios e precisavam decidir se aquela região ficaria para o município de Chapada dos Guimarães ou para o de Campo Verde. Como eu era a presidente da Associação dos Pequenos Produtores de Serra Acima, organizei uma reunião no Centro Comunitário desta comunidade. Compareceram duzentas pessoas, então votamos em qual gostaríamos de fazer parte, o município de Campo Verde recebeu um voto e os demais foram para Chapada dos Guimarães. Após a votação houve a legalização e Serra Acima passou a fazer parte do território de Chapada dos Guimarães.

Com relação aos meus estudos, como mencionei anteriormente, cursei o Primário no colégio interno, minhas professoras eram as freiras, então eu fui muito bem educada, elas eram realmente professoras, tanto é que fiz a Admissão porque era obrigada a fazer. Depois do quarto ano Primário você era obrigado a fazer o Exame de Admissão, que era um ano, após o qual se podia fazer a primeira série do Ginásio, que hoje é a quinta série. Eu o cursei e tirei de letra, porque já tinha visto tudo aquilo lá com as freiras que eram muito rigorosas e ensinavam muito.

À época, além do Científico funcionava o curso Normal, que era na Escola Normal Pedro Celestino[11]. Eu cursei o Científico no Colégio Estadual, na verdade estudei lá desde a quinta série ou primeiro ano do Ginásio até seu quarto ano, e dei sequência no Científico, fazendo o primeiro e segundo ano naquela escola. Queria fazer Medicina e aqui não tinha, então fui para Curitiba, onde morei um ano, lá fiz o terceiro ano no Colégio Estadual do Paraná[12].

Nesse momento, percebi que não tinha estudado nada no Colégio Estadual em Cuiabá, o conteúdo que eu deveria saber não havia sido dado. Só sabia um pouquinho de Trigonometria que tinha visto com a professora Aída Figueiredo, porém bem pouco. Ela me

[11] Localizada no Palácio da Instrução, na Rua Antônio Maria, Bairro Centro Sul.
[12] Localizado na Avenida João Gualberto, no Centro da capital paranaense.

deu aula de Matemática no Ensino Médio, era muito boa professora, embora não tenha me ensinado tudo o que eu precisava saber; era formada em Matemática e já era idosa quando foi minha professora. Seu filho se aposentou na UFMT, fez Engenharia Civil, trabalhava sempre em contato com a reitoria.

Mas voltando ao meu tempo em Curitiba, meu irmão estava de casamento marcado, então vim para Cuiabá, quando retornei adoeci e não consegui passar na prova. Gostava muito de Física, era uma sonhadora, na verdade eu queria ser física, então estudava muito essa matéria e, apesar disso, na hora da prova me deu um branco, só assinei e entreguei, esqueci tudo, deu um branco total, não fui capaz nem de ler. Só cheguei em casa porque um colega me levou.

Depois disso voltei para Cuiabá, aí apareceu o ICLC, decidi fazer. Na época de sua criação só existia o curso de Direito em Cuiabá, então os cuiabanos queriam outros, o que impulsionou seu surgimento. Dele fomos para a Universidade[13], foi muito trabalho.

Quando comecei no ICLC gostava de Física, mas não tinha esse curso lá, se tivesse acho que o teria feito, gostava de viajar e a Física me proporcionava isso. Dos cursos ofertados pelo Instituto o que mais me atraiu foi Matemática, eu gosto dessa área, assim, me escrevi nele em 1966. Lembro que nessa época, também, veio a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES), mas não a cursei, fui direto para a graduação.

Começar um curso superior foi muito gratificante e gostoso, ainda mais uma licenciatura, pois se formar professor quando me formei, era uma coisa de outro mundo, porque não existia professor formado, era uma honra muito grande. Não me lembro de todos os meus colegas, recordo-me que a Luzia Guimarães[14], que foi reitora da UFMT, era de minha turma, ela abandonou o curso e fez Ciências Contábeis.

Eu era ótima em Matemática, aprendi-a com as freiras, logo, gostava da área desde cedo, mas nunca gostei muito de Português. Durante minha vida estudantil tive bons professores, como um do Ginásio que era o diretor da escola e dava aula de Ciências, ele tinha garra de ensinar. Ainda do Colégio Estadual recordo-me do professor Ranulfo Paes de Barros, que ensinava muito bem Português e do João Crisóstomos de Figueiredo, que mais tarde foi meu colega no Colégio Estadual.

O João Crisóstomos de Figueiredo não fez faculdade, ele era autodidata, aqui tínhamos

---

[13] UFMT, sempre que a palavra universidade estiver em letra maiúscula fará referência à Universidade Federal de Mato Grosso.

[14] Primeira mulher a assumir a reitoria da Universidade, cargo que ocupou de 1992 a 1996.

muito disso. Outro que era autodidata era o Cesário Neto, professor de Português, escritor de livros que, inclusive, eram muito bons; ele e sua esposa, Célia, embora não tivessem faculdade, recebiam como se fossem formados, pois eram autodidatas.

Lembro-me que o João Crisóstomos disse, certa vez, que tirava o chapéu para mim, pois alguém levou algumas questões de Matemática que não haviam conseguido resolver e eu consegui solucioná-las, ele ficou impressionado. Essas coisas nos marcam.

Agora falando de meu curso, ele começou em 1966, foi um dos primeiros ofertados pelo Instituto. Estudávamos no porão do Colégio Estadual de Mato Grosso, hoje Liceu Cuiabano[15], cursávamos embaixo e os alunos da escola tinham aula em cima, começamos estudando lá, pois não tínhamos um prédio próprio. Ali funcionavam todos os cursos que começaram junto com o nosso, como o de Português e de Geografia, as salas eram separadas por biombos.

Do Colégio Estadual fomos para a Escola Normal Pedro Celestino, no Palácio da Instrução, e posteriormente para a Escola Barnabé de Mesquita[16], de onde só saímos para instalação permanente na Universidade Federal.

Nós éramos vinte e três alunos no curso de Matemática, mas o Instituto era lotado, pois muitos estudavam lá, inclusive a mulher do Júlio Campos[17], a Isabel. Ela cursava Português, hoje já faleceu, teve câncer. Eu sou Bezerra e ela era Campos, as pessoas achavam que tínhamos inimizade devido à política[18], mas não, éramos muito amigas.

Os professores de Matemática do ICLC eram todos engenheiros, não tinham matemáticos formados. Foram os nossos professores que montaram a grade da graduação em Matemática do Instituto. Os engenheiros, quando entravam em sala, diziam que estudaríamos e aprenderíamos juntos, mas eram ótimos professores. Dentre eles lembro-me do Garcia Neto[19], que foi governador do Estado, era amigo de meu pai, ambos eram do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, PMDB, bem políticos, coisa que eu não era. Recordo-me, também, que no último ano o Leonardo Slhessarenko[20], que era do exército e esposo da Serys[21], ex-senadora do Estado, me deu aula. Ele era interessante, muito rígido, me

---

[15] Escola Estadual Liceu Cuiabano "Maria de Arruda Müller", localizada na Rua General Ramiro Noronha, no Bairro Quilombo de Cuiabá.
[16] Escola Estadual José Barnabé de Mesquita, localizada na Rua Barão de Melgaço, no Bairro do Porto.
[17] Ex-governador de Mato Grosso, atual deputado federal.
[18] Refere-se à rivalidade política entre Júlio José de Campos e Carlos Bezerra, ambos, atualmente deputados federais de Mato Grosso.
[19] José Garcia Neto governou Mato Grosso de 1975 a 1978.
[20] Economista de formação, um dos professores fundadores da Universidade, onde criou o Núcleo de Pesquisas Econômicas da UFMT.
[21] Serys Marly Slhessarenko ex-professora da Universidade Federal de Mato Grosso, foi também Secretária Municipal de Educação de Cuiabá, 1986, e Secretária de Educação do Estado de Mato Grosso, 1988.

acompanhava nas escolas quando eu ia lecionar. O professor Moacyr Freitas[22] lecionava Desenho ou Perspectiva, algo assim; teve também o Antônio Rodrigues da Silva[23] e o Luis Lotufo[24], que trabalhou Cálculo conosco, já o professor Enzo Ricci[25] lecionava Física, sempre falava para que nunca deixasse de preparar a aula, por mais que eu soubesse dá-la deveria sempre preparar, pois assim nunca me daria um branco, isso é uma coisa muito séria, que nunca esqueci. O professor Enzo Ricci também havia sido meu professor no Ginásio, ele lecionava no Colégio Estadual, era um excelente professor de Física, após a transição do ICLC para a UFMT ele se tornou professor da Universidade.

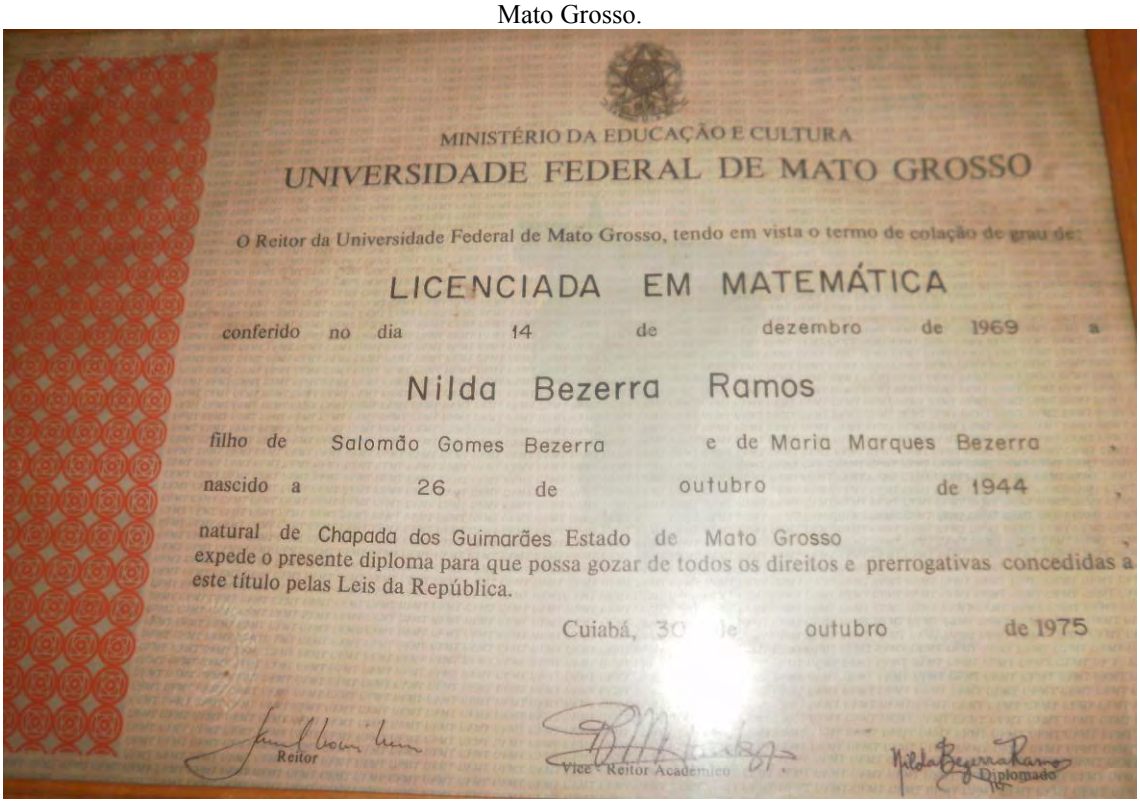
Às vezes, as pessoas vão lecionar sem terem se preparado e falam cada besteira. Eu nunca deixava de preparar, mas já estava tão acostumada que fechava os olhos e preparava minha aula assim, pensava o que cada livro trazia sobre o assunto e selecionava qual era o melhor para ser ensinado, sabia tudo de cabeça.

Lá na Universidade me chamavam de computador ambulante, nunca levava máquinas para a sala, porque naquele tempo não existia celular, nem mesmo calculadora, fazia tudo em minha cabeça. Certos cálculos que eu fazia, deixava os alunos impressionados.

Mas, voltando ao meu curso, tínhamos todas as disciplinas do currículo de Matemática Plena, o professor de Álgebra era o Garcia Neto, ainda está vivo, mora em uma chácara de Chapada, pois é mais calmo. Embora o curso tivesse disciplinas de Didática, ministradas por professoras de outras áreas, se parecia com um bacharelado. Nosso curso foi reconhecido posteriormente, junto com a turma que começou na UFMT em 1972; recebi meu diploma em 1975 (Figura 4).

[22] Arquiteto, professor e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.
[23] Professor fundador da UFMT.
[24] Professor fundador da UFMT.
[25] Foi professor fundador da Universidade, mas antes disso lecionou na Faculdade de Filosofia de Mato Grosso e no ICLC.

Figura 4: Diploma da Professora Nilda Bezerra Ramos do primeiro curso de Matemática de Mato Grosso.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

O Reitor da Universidade Federal de Mato Grosso, tendo em vista o termo de colação de grau de:

LICENCIADA EM MATEMÁTICA

conferido no dia 14 de dezembro de 1969 a

Nilda Bezerra Ramos

filho de Salomão Gomes Bezerra e de Maria Marques Bezerra,

nascido a 26 de outubro de 1944,

natural de Chapada dos Guimarães Estado de Mato Grosso

expede o presente diploma para que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas concedidas a este título pelas Leis da República.

Cuiabá, 30 de outubro de 1975

Reitor

Vice-Reitor Acadêmico

Diplomado

Fonte: Acervo pessoal da depoente.

Quando eu ainda estava cursando Matemática, queriam que eu mudasse para Engenharia, pois a maioria de meus colegas já havia desistido do curso e estavam em outro, ao final dele éramos apenas três e eles enfatizavam isso, porém não quis, preferi terminar o que tinha começado. Nessa época, antes de 1969, já tinha outros cursos, como Engenharia e Ciências Contábeis, assim a Universidade começou antes de me formar.

Embora não tenha acompanhado de dentro o período da transição do ICLC para a UFMT, sempre estava por lá e o clima era tranquilo, não vi nenhuma perturbação, ela ocorreu de modo natural. Os cuiabanos queriam muito essa Universidade, então ela foi criada e se firmou, queriam, mas não saíram muito às ruas. Para sua fundação os políticos batalharam em Brasília, como foi o caso do Garcia Neto. Então a Universidade Federal se tornou a única instituição de nível superior do Estado e o ingresso de alunos era limitado, entravam poucos alunos por turma.

Depois de formada, em 1973, comecei a lecionar na Universidade, mas antes disso, quando cursava o terceiro ano de minha graduação, meu colega Mauro Custódio[26], que era professor do Ginásio na Escola Técnica Federal de Mato Grosso[27] e, também, trabalhava no

[26] Um dos três alunos que concluíram o curso de Matemática do ICLC.
[27] Atual Instituto Federal de Mato Grosso.

Banco do Brasil, me chamou para trabalhar lá, pois um professor de Matemática tinha saído e estavam precisando.

À época em que lecionava no Estado, no Colégio Estadual de Mato Grosso, hoje chamado de Liceu Cuiabano, tive como aluno o Dante de Oliveira[28]. Tive muitos alunos que foram para a política.

Comecei lecionando Matemática, no Colégio Estadual, para o Ginásio, depois passei a trabalhar no Científico também. Quando iniciei ainda não tinha começado minha graduação, não sei direito se foi em 1960 ou 1961. Consegui lecionar no Estado, pois era boa em Matemática e eles estavam precisando de professor. Comecei minha carreira docente quando vim de Curitiba.

Com relação ao Mauro, que foi quem me convidou para a Escola Técnica, morreu cedo, ele foi transferido como gerente do Banco do Brasil para Barão de Melgaço[29]; ele gostava muito de beber, certo dia tomou um gole, caiu no banheiro, bateu a fronte e faleceu, uma fatalidade. A esposa dele mora aqui em Cuiabá, é muito amiga minha até hoje.

Aceitei sua proposta e em 20 de março de 1968 comecei a trabalhar na Escola Técnica, nesse tempo havia o período probatório e minha carteira só foi registrada em 02 de maio de 1968. Quando comecei era muito jovem no meio de rapazes muito altos, dava conta com energia, era muito brava, ninguém brincava em sala.

Fiquei bastante tempo trabalhando sozinha no Científico nos cursos de Eletrotécnica e Estradas, lecionava para os primeiros, segundos e terceiros anos, era a única professora de Matemática da escola que trabalhava com esse nível de ensino.

Estudei sozinha como uma condenada, fui autodidata porque não havia ninguém para quem eu pudesse perguntar, conversar, trocar ideias, tirar dúvidas, foi muito difícil. Às vezes, eu passava a noite para resolver algum problema, mas Deus é sábio e na hora certa dá as respostas.

Às vezes conseguia descobrir alguma coisa de madrugada, depois da meia-noite dava um estalo, isso é de Deus. De madrugada era o melhor horário para fazer o que precisava, corrigir provas e preparar aulas, porque era silencioso. Eu estudava muito, pegava muitos livros, até outro dia ainda os tinha aqui, no quarto que hoje é a biblioteca, eram muitos livros, comprava-os quando conseguia, porque aqui não tinham muitos para vender, depois é que começaram a vir. Quando comecei a estudar, mandávamos buscar livros de Minas Gerais que

[28] Prefeito de Cuiabá de 1993 a 1994, saindo para assumir o governo do estado, de 1995 a 2002. Elaborou uma emenda constitucional, que leva seu nome, propondo a volta das eleições diretas.
[29] Município distante cerca de cento e dez quilômetros de Cuiabá.

era mais fácil, pois São Paulo era longe. Íamos à livraria Santa Terezinha no centro e encomendávamos, era caro, porém necessário, nesse período não existia telefone, o que complicava as coisas.

Então, entrei na Escola Técnica em 1968 e só saí aposentada, depois de ter deixado a UFMT. Na escola dava vinte horas aula por semana, trabalhava todos os dias, às vezes, lecionava até no sábado. Lembro-me do coronel Octayde Jorge da Silva[30] (Figura 5), ele chegou à Escola Técnica depois de mim, em 1969, para ser chefe do departamento de ensino, ele nunca foi diretor, dizia que tirava o chapéu para mim por ter chegado lá antes dele.

Figura 5: Professora Nilda na primeira fila, à esquerda. Professor Octayde terceiro da esquerda para a direita, na primeira fila.

Fonte: Acervo pessoal da depoente.

Certa vez, me pediu se eu queria dar aula de Matemática Comercial e Financeira, eu não tinha visto essa disciplina em meu curso, então lhe pedi um semestre para me preparar, ele me deu prazo até agosto, eu comprei cinco livros sobre o tema e os devorei. Depois dei aula desse assunto até para os professores da Universidade.

Falando nisso, vou contar como me tornei professora da UFMT, quando ingressei como docente lá o único professor formado em Matemática, além de mim, era o Luiz Gonzaga[31], que foi meu colega, e tinha começado a lecionar na Universidade um pouco antes. Em 1973 aconteceria um curso de especialização, quem era o chefe do Departamento de

[30] O Instituto Federal de Mato Grosso, em Cuiabá, recebeu seu nome como homenagem.
[31] Foi professor da Universidade, iniciando a docência nesta instituição em 1972, chefe do Departamento de Matemática de 1973 a 1974.

Matemática à época era o Claudio Mellado[32], eu queria fazê-lo. Fui conversar com o Claudio e ele me disse que eu só poderia cursá-lo se aceitasse ir trabalhar na Universidade. O curso começou em maio, ou seja, no meio do semestre, então não dava para entrar naquele momento, mas em 13 de agosto de 1973 passei a fazer parte de seu quadro docente.

Em maio comecei a especialização, foi a primeira a ser ofertada, visando montar e capacitar os professores da Universidade Federal, que no curso de Matemática eram grande parte engenheiros, eles precisavam dessa especialização para que o curso fosse reconhecido. Nela lecionaram não apenas matemáticos, mas professores de outras disciplinas. Era um curso bem geral, mas na área de Matemática, vieram vários professores de fora para ministrá-lo, como o Osvaldo Sangiorgi[33], Paulo Boulos[34], Irineu Bicudo[35], Renate Watanabe[36], todos autores de livros.

Foram quatrocentos e oitenta e seis horas, estudamos de maio a novembro, à noite, no final de semana, sexta, sábado e domingo. Trabalhávamos muito, entre os conteúdos estavam Cálculo, Álgebra e Computação. Saíamos, às vezes, às duas da manhã de lá, nesse horário a Universidade estava cheia de sapos.

Tive sorte de meu marido não ser cuiabano, porque senão nunca me deixaria fazer essa especialização, foram trinta e nove homens e eu. Em minha graduação, também já foi assim, formei-me juntamente com o Mauro Custódio e o Luiz Gonzaga Coelho. A área da Matemática era só masculina, fui a primeira mulher professora do Departamento de Matemática, aliás, de todo o Centro de Tecnologia.

Comecei a lecionar na Universidade, mas continuei lecionando na Escola Técnica, nesta trabalhava todas as manhãs e naquela todas as tardes, então trabalhava o dia inteiro e, às vezes, tinha aula até o começo da noite, pois na UFMT eles tinham um horário intermediário, de cinco as sete.

Na Universidade Federal a carga horária era de quarenta horas, tinha muitas aulas; no início, lecionávamos em um prédio em sua entrada. Todos os ingressantes de cursos que, de alguma forma necessitavam de Matemática, entre eles as engenharias e a Geografia, esta devido aos mapas, tinham que ter algumas aulas de Matemática, por chegarem muito fracos.

O pessoal não ia diretamente para o curso, tinha que fazer pelo menos uma pré-seleção

---

[32] O professor Claudio Mellado é nosso colaborador, sua narrativa pode ser encontrada na seção *2.2 Claudio Mellado.*

[33] Pós-doutor pela Universitat Gesamthochschule Paderborn, autor de livros didáticos e professor titular da Universidade de São Paulo.

[34] Professor Livre-Docente da Universidade de São Paulo, autor de diversos livros didáticos.

[35] Professor titular da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp, de Rio Claro.

[36] Mestre pela Academic Year Institute da University of Illinois, professora titular da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

de todas as disciplinas, era o Ciclo Básico[37]. Eu lecionava Matemática para esses alunos que estavam entrando na Universidade, isso logo que ingressei. Nesse Ciclo trabalhavam muitos professores, de diferentes disciplinas, como a Isabel Campos, de Português, e a Serys Slhessarenko, de Sociologia.

Eles precisavam de professores de Matemática para o Ciclo, mas ele não era específico do curso de Matemática, era geral atendendo a diferentes áreas. Enquanto o Ciclo perdurou, ministrei aula nele, pois em certo momento houve uma reforma e o ciclo deixou de existir, as coisas mudavam muito, sempre mudam, hoje até os nomes são diferentes.

Para que a Universidade andasse e crescesse, foi feito um esforço muito grande, o pessoal trabalhou bastante. Com o tempo vieram pessoas de fora para lecionar, mas os daqui é que pegaram no chifre do boi, professores mato-grossenses, cuiabanos. Fazíamos por prazer em ver a coisa caminhar, ir em frente. E com o doutor Gabriel[38] como reitor, hoje com mais de oitenta anos, a Universidade teve sua melhor época financeira, pois, em dezembro de 1980, era a que mais recebia no estado.

Na Universidade[39] foi muito bom, porque lá eu me fiz como estudante e depois como professora de Matemática, de Cálculo. Mas, quase não lecionei no curso de Matemática, porque normalmente quem pegava Álgebra era a Olga Sartori[40], trabalhei mais com Cálculo nas engenharias Civil, Elétrica e Sanitária, lecionando também para a Agronomia e Engenharia Florestal, ministrava dezoito horas aulas por semana, era a carga máxima. A tarde inteira de segunda, quarta e sexta, depois troquei, peguei terça, quinta e o sábado até o meio-dia, dei muita aula.

Nunca tive medo de nada, já lecionava na Escola Técnica e o terceiro ano, último ano de lá, era bastante pesado, ensinava Cálculo para os alunos, assim, quando entrei na Universidade Federal não tive dificuldade em lecioná-lo. Trabalhava matrizes, funções linear e quadrática, montávamos as curvas, máximo, mínimo, conjuntos, desde os Naturais até Reais, Irracionais, equações, raízes de i, demonstrações, tudo isso na Escola Técnica. Portanto, na UFMT não foi tão complicado quanto no início lá.

O Jurandir Melado[41], que era o chefe do Ciclo Básico, sempre falava que gostava de

---

[37] Também chamado de Primeiro Ciclo, visava recuperar insuficiências na formação dos alunos, que pudessem ser sanadas em pouco tempo, e melhor orientá-los quanto à carreira a seguir, fazê-lo se integrar a vida universitária. Tinha caráter seletivo com relação ao Ciclo Profissional, tendo duração mínima de dois e máxima de quatro períodos. Esse ciclo era composto de disciplinas obrigatórias comuns, de área, de setor e optativas.
[38] Gabriel Novis Neves primeiro reitor da Universidade, permaneceu no cargo de 1971 a 1981.
[39] Aqui se refere à Universidade como o todo, primeiramente com relação ao ICLC e, posteriormente, como a UFMT, pois o Instituto se uniu à Faculdade de Direito para a fundação da Universidade Federal de Mato Grosso.
[40] Subchefe do Departamento de Matemática de 1974 a 1977 e chefe de 1978 a 1981.
[41] Engenheiro Agrônomo e professor aposentado da UFMT.

mim, porque eu só começava a reclamar quando ele me dava cinco turmas. Nesse Ciclo as turmas eram de quarenta e seis alunos, sei disso por meio do diário e era o que saía no edital, mas cheguei a lecionar em turmas com mais de cinquenta alunos.

Em minhas aulas de Cálculo, gostava muito de Serge Lang[42] como autor, era uma beleza, lia com facilidade, já os livros de Paulo Boulos[43] eu achava muito complicado, mas ele era um excelente professor.

Ao longo dos anos, o curso de Matemática passou por algumas dificuldades para manter-se, principalmente por falta de alunos em certos momentos. Isso passou, pois o estado precisa de professor de Matemática, mas ainda hoje falta, o que me deixa preocupada.

No início da Universidade lembro que tínhamos uma mesona grande na sala dos professores e na hora do intervalo sentávamos em torno dela; os papos eram gostosos, uma delícia, muito bom, mas ainda nessa época não tinha muitos matemáticos, mais o pessoal das outras áreas mesmo, eram muitos professores para muitas salas. O pessoal dava aula e no intervalo nos reuníamos, era muito aconchegante, se conversava bastante.

Para progredirmos na carreira docente, dentro da Universidade, fazíamos concurso interno, eu cheguei até a classe D 4[44], ou seja, a mais alta. Tínhamos que estudar bastante para esses concursos e enfrentarmos uma banca, fiz alguns deles, lembro-me de quando a Olga Sartori me avisou que teria, nesse tempo já havia mais matemáticos no Departamento.

Um dos concursos tinha vaga para Álgebra, eram vários professores nessa área, mas as vagas eram na quantidade dos professores que lá estavam, já com relação aos professores da Engenharia, tinha sido aberta apenas uma vaga para Cálculo. Com vinte dias de antecedência a pessoa que estava concorrendo recebia uma lista com os vinte tópicos, assuntos, do concurso.

No sábado já seria o sorteio do tema, então na sexta-feira fui ver porque não haviam me procurado, tinham me esquecido como concorrente de Cálculo. Todos receberam vinte dias antes, eu era a única que não. Sorteei o ponto que nortearia meu trabalho escrito e minha aula, no sábado. Falo que para Aquele nada é impossível, o dedo de Deus é poderosíssimo, meu tema foi demonstrar as fórmulas de derivação, todas elas.

Tudo o que eu precisava estava na ponta da língua, demonstrei uma por uma, são muitas e precisava fazê-las em uma hora. A sorte é que o quadro era comprido, demonstrava, explicava, até acabou o giz e tiveram que buscar mais. O irmão do reitor, que era o Gabriel

---

[42] Autor estadunidense que marcou um novo modo de ensinar Cálculo no Brasil.
[43] Lecionou na primeira especialização em Matemática ofertada pela UFMT, em 1973.
[44] Mais alta classe que um docente de nível superior, de universidade federal, pode atingir, com exceção do cargo de titular.

Novis Neves, o Pedro Novis estava na banca, ele ficou encantado com minha aula. No entanto, eu não sabia se havia sido boa ou não, eles não falaram nada.

Saí de lá como se tivesse sido reprovada, só descobri essa história do Pedro ter gostado depois que me aposentei, quando a secretária me falou que certo dia o Gabriel havia ido lá para conhecer quem era a professora que tinha dado aquela aula, pela qual seu irmão se encantou. Ele foi à Tecnologia e pediu quem era eu, isso me encheu de satisfação.

A Regina Célia Baldino Figueira Lisboa[45] comentou que não era necessário estudar, ela já havia feito mestrado e voltado, mas sua aula não foi muito boa, ela passou, porém não com uma notona, enquanto a minha acho que foi lá em cima.

Sempre tive esse jeito meio assim, usando aquela sainha e sapatinho baixo para aguentar tantas horas, pois trabalhava muito, nunca usava calça. Eu era uma pessoa simples, já as minhas colegas iam todas pintadas, impecáveis, eu não, sempre tive o jeito da cuiabana simples que sempre fui.

Era muito bom, eu gostava de ensinar, sempre gostei, nunca tive nenhuma dificuldade para isso. Levava meus livros para a sala, mas, às vezes, esquecia-me de usá-los, só lembrava quando já tinha passado a hora de serem úteis, os exemplos estavam todos em minha cabeça. Tinha um bom domínio de conteúdo, estudava muito.

Gosto muito de lecionar, por certo tempo ministrava aula particular, mas nunca cobrava, se era uma hora nunca precisávamos desse tempo para que o aluno entendesse. Não sei como Deus me deu esse dom de ensinar.

Certa vez recebi alguns alunos do Colégio dos Padres[46]. Comentavam que os alunos de lá eram excelentes, mas esses não foram tanto. Chegaram perguntando se eu daria aula de Cálculo para eles, se eu havia feito curso fora para isso, falei que não havia tido essa oportunidade, mas que ensinaria a eles um pouquinho do que sabia, do que tinha aprendido. Ao final ficaram surpreendidos com as aulas e comentaram: "Não parecia que a senhora sabia!".

Muitos já foram meus alunos, entre eles, como disse, alguns que se tornaram políticos, como o Dante de Oliveira, que foi governador do estado, o Wilson Santos[47], ex-prefeito de Cuiabá, Eliene Lima[48], deputado federal, este levei para a Escola Técnica, até hoje onde me

---

[45] Terceira chefe do Departamento de Matemática, cargo que ocupou de 1974 a 1977.
[46] Colégio Salesiano São Gonçalo de Cuiabá.
[47] Atuou como prefeito de 2005 a 2010, foi deputado estadual de 1990 a 1998, ano em que se tornou deputado federal, cargo que ocupou até 2004, saindo para as eleições e posteriormente assumir a cadeira de prefeito da capital.
[48] Iniciou sua carreira política em 1992, sendo vereador de Cuiabá, se tornou deputado federal em 2006, cargo para o qual foi reeleito em 2010.

vê, tem um carinho muito grande por mim. Sempre procurei fazer tudo o que estava ao meu alcance, plantei sementinhas, trabalhei muito.

Eu tinha prazer em ser professora, corrigi muitas provas, fiz questões para os vestibulares da Universidade, ninguém sabia quando era eu que estava fazendo, muitas das que propunha eram de minha elaboração, inéditas, isso fica por baixo do pano, ninguém podia saber, pois era perigoso.

Às vezes não trabalhávamos pelo dinheiro, era pelo prazer de dar aula. Até hoje, quando ando por aí, encontro pessoas com o cabelo branco que vem conversar comigo, pois foram meus alunos. São muitos alunos ao longo de vinte e cinco anos e não lecionava só na UFMT, lecionava na Escola Técnica também. Hoje minha irmã Rita leciona nessa última, ela foi minha aluna na Universidade em Engenharia, hoje já fez mestrado.

No tempo em que trabalhava na Universidade não tinha tempo e conversava pouco, só dava minha aula. Era muito trabalho, mas tínhamos prazer em fazê-lo, os alunos sentavam, sabiam que era aula de Cálculo e tinham que prestar atenção. Não reprovava muita gente, dos quarenta e seis alunos, às vezes, quando muito, quatro reprovavam, e esses, normalmente eram por faltas, pois com isso perdiam o fio da meada, Matemática tem disso.

Recordo-me que teve na Universidade o Núcleo de Apoio ao Ensino de Ciências, Naec, isso no início dos anos 1980, mas não fiz parte dele. Eu participava de umas reuniões para decidir, por exemplo, se fulano poderia ou não sair para fazer mestrado. Como o caso do Aquiles[49], que queria fazer, mas tinham chegado dois professores de volta, que não tinham conseguido, foram, ficaram, gastaram, na UFMT todos ficaram trabalhando no lugar deles e não conseguiram fazê-lo. Estavam com medo de liberá-lo, de ir e não dar retorno, todos iam dizer não, mas eu intervi, disse que garantia, que podia ir por minha conta, pedi para deixarem-no ir, ele foi e voltou. Ao final encadernou sua tese e me deu de presente, gosta muito de mim.

Lá dentro, quase ao final dos anos de 1980 teve também o Grupo de Ensino e Pesquisa em Educação Matemática, Gepemat, ele foi muito bom, faziam uma Matemática diferente, desse eu fiz parte. Ensinávamos os professores das escolas estaduais e das particulares; uma das escolas atendidas ficava aqui perto de casa, o Colégio Leonardo Da Vinci, agora ele está no Grande Templo da Igreja Assembleia de Deus, no bairro do CPA[50]; a Olga Sartori participa

---

[49] O professor Aquiles Leite do Nascimento é nosso colaborador, sua narrativa pode ser encontrada na seção *2.6 Aquiles Leite do Nascimento*.

[50] Bairro Morada da Serra, também conhecido como Centro Político Administrativo (CPA), abrange quatro etapas: CPA I, II, III e IV, é um grande bairro de Cuiabá que abriga cerca de sessenta mil moradores, possui estruturas nas áreas de saúde, alimentação, esportes, entre tantas outras necessárias a um local tão grande.

dela.

Lecionava também em um colégio no bairro Coxipó[51], mas nesse eu não ia, ajudava mais no Médici[52] ministrava aula para os professores, uma formação continuada para ensinar um jeito diferente de explicar o conteúdo, o jeito do Gepemat. Além disso, apresentamos algumas palestras.

Tínhamos uma apostila com métodos diferenciados, trabalhava o conteúdo junto com a metodologia. Um exemplo era *dois vezes três* (2x3), ensinava-se por meio da soma de parcelas iguais, dois, dois, dois, utilizavam-se botões, material concreto. Do modo que era ensinado, o aluno enxergava o porquê de dar seis, ele contava, então na verdade ensinávamos a contar, não decorava a tabuada, mas a sabia, pois entendia o processo.

Nas tardes que eu tinha livre ajudava a Olga Sartori nas escolas, participava das reuniões do Gepemat, aprendia e ia ajudar, mas nunca levei um centavo a mais no salário por causa disso, fazia por gosto, por aprender, para ensinar melhor. A Olga e a Heliete Castilho Moreno[53] se destacam no grupo, que era composto, nessa época, em sua maior parte por mulheres. Nós, Gepemat, fomos muito para São Paulo, ajudamos a montar a Sociedade Brasileira de Educação Matemática, SBEM, estamos entre as fundadoras, eu, Olga Sartori, Heliete e Elisete de Miranda[54].

Essas viagens que fazíamos, em geral nas férias, a Universidade pagava, cobria o avião e a estadia, algumas delas duravam até uma semana. Lá em São Paulo demos alguns cursos sobre nossa metodologia, como eu gostava muito de Trigonometria[55], lecionei um sobre isso. O pessoal vibrava com nossos cursos e com as novidades que levávamos. Falavam: "É de Mato Grosso e o pessoal de lá estuda!", aqui sempre estudamos muito, desde o começo de Cuiabá as pessoas eram muito estudiosas.

O Gepemat era muito bom, eu gostava e até hoje me lembro da forma como ensinávamos, mas ele parou, não sei por quê. Vinha um pessoal lá de Minas Gerais, eles comandavam esse processo, isso era um pouco caro e o pessoal não queria pagar, talvez seja por isso.

Com relação ao meu currículo, não fiz mestrado ou doutorado, porque para que eu

---

[51] Bairro próximo a Universidade Federal de Mato Grosso.
[52] Escola Estadual Presidente Médici.
[53] A professora Heliete Martins Castilho Moreno é nossa colaboradora, sua narrativa pode ser encontrada na seção *2.7 Heliete Martins Castilho Moreno*.
[54] A professora Elisete de Miranda é nossa colaboradora, sua narrativa pode ser encontrada na seção *2.5 Elisete de Miranda*.
[55] Durante a entrevista comentou como trabalhavam o ciclo trigonométrico no Gepemat. Para isso particionava o raio de medida um em dez unidades e encontrava as relações seno e cosseno contando o número de partições relativas às medidas dessas relações para cada ângulo. E a partir disso era possível encontrar as outras relações trigonométricas tais como: tangente, secante e cossecante.

pudesse ir, outros teriam que ficar no meu lugar. Tive oportunidade, mas como tinha meu marido que era funcionário e as crianças, não fui; tenho quatro filhos e não poderia deixá-los aqui, era muito mãezona, cuidava muito de meus filhos. Era mãezona, também na Universidade com meus alunos. Eu optei e não me arrependo, porque estudei aqui e dos que foram, muitos não conseguiram a titulação.

Recebi uma homenagem da Universidade, o Centro Acadêmico de Matemática, Camat, leva o meu nome, até me deram uma recordação disso (Figura 6). Fui homenageada porque fui aluna da Matemática e não deixei o curso morrer, pois no final éramos três, eu, Mauro e Luiz Gonzaga Coelho, ele morava em Várzea Grande, não tinha ônibus, era difícil para vir, portanto, não era todo dia que vinha à aula. Começamos em vinte e três alunos, mas com o passar do tempo muitos colegas foram desistindo ou mudando de curso, como disse anteriormente, sobrando apenas nós três. Assim, eu era um terço da turma, assisti a muitas aulas sozinha e os professores tinham que ministrá-las, os trabalhos eu fazia para mim e para o Mauro, e assim foi possível nos formarmos. Por isso o pessoal do CAMAT lembrou-se de mim.

Figura 6: Símbolo da homenagem prestada à professora Nilda pelo CAMAT.

Fonte: Acervo pessoal da depoente.

Como forma de me aprofundar nos estudos, cursei cinco especializações, todas aqui, não tínhamos férias, as cursávamos e trabalhávamos nelas nesse período, sempre que dava vinham professores de São Paulo para lecioná-las. Nesse tempo, década de 1980, já havia mais professores de Matemática.

Devido a esses cursos que fiz, meu currículo ficou bom. Para montar e aprovar os

cursos de Engenharia Civil, Elétrica e Florestal precisavam de bons currículos para mostrar para o Ministério de Educação e Cultura, MEC. O meu foi um dos que ajudou. Cinco cursos foram reconhecidos por meio do auxílio de meu currículo, no entanto, a Matemática não está entre eles. Gostavam de meu currículo devido àquela primeira especialização, de quatrocentos e oitenta e seis horas de trabalho, de 1973; os nomes dos professores que o ministraram também pesavam, assim como minhas notas; em uma de suas disciplinas somente o Claudio Mellado tirou A, mas eu não fiquei muito longe, tive B, muitos chegaram ao C, do B acho que a média era até nove ou nove e meio.

Todos me respeitavam muito, diziam que tiravam o chapéu para mim, por, apesar de não ter feito mestrado ou doutorado, nunca ficar aquém deles. Por exemplo, o Aquiles Leite do Nascimento estava fazendo mestrado e, às vezes, me ligava pedindo ajuda; sempre o ajudei, ainda bem que meu marido nunca teve ciúmes. Eu era sempre uma das mais velhas, mas não aparentava muito, falam que eu não mudei nada, tenho sessenta e nove anos.

Quando me aposentei pela UFMT, fiquei somente na Escola Técnica passando a ter Dedicação Exclusiva, nunca quis sair de lá, pois eles que me acolheram. Depois me aposentei em definitivo, em 1990 ou 1991, já faz um tempão. Fui para o sítio onde lecionei em uma escola que leva o nome de meu pai, não tive dificuldade em ensinar lá. Montei um curso de Ensino Médio e lecionei nos três anos, formei dezesseis alunos, os quais atualmente já fizeram faculdade, nessas em que o pessoal estuda no final de semana, eles vinham para Cuiabá para isso.

Aposentei-me porque precisava sair, os alunos mudaram, estava muito difícil trabalhar com eles. Eu fiquei velha e o jeito dos alunos mudou, aumentou a falta de educação. Eu não aceitava, por exemplo, na Universidade, alunos que queriam badernar; em minha sala não entrava ninguém de short e nem de chinelo, era uma forma de respeito. Certa vez, apareceu um rapaz do exército que parecia estar só de sunga, falei para ele: “Olha meu filho, quando você tiver uma roupinha para entrar aqui você entra e assiste à aula, porque na minha sala, desse jeito, você não entra”.

Ao longo de minha carreira docente tive alguns problemas. Durante todo o tempo em que lecionei os alunos podiam se matricular na disciplina que precisavam, mesmo que ela não fosse daquele curso, exceto os discentes da Matemática, como, por exemplo, o Cálculo que era ofertado em diversos cursos. Eu dava aula no sábado e um crente da Igreja Adventista se matriculou na disciplina, ele não podia frequentar as aulas, pois a igreja não permitia. Veio falar comigo dizendo que eu precisava lhe dar as presenças devido a isso, falou-me que sua igreja o protegia, mas eu disse que como não estava presente receberia falta, pois tinha a

opção de cursar a disciplina em outros horários. Se eu lhe desse presença, teria que dar aos outros também.

Ele procurou a reitoria junto com o pastor, mas o reitor lhe disse que a professora em sala de aula é autônoma, autoridade, fazia o que queria e ele não podia intervir. Ele chegou a vir aqui em casa me procurar, mas fui irredutível, ele podia ter feito com outra turma, era um mau aluno, então, ele e um colega reprovaram. Dentro da legalidade sou muito reta, muito honesta, ninguém me derruba, e a reitoria sempre me apoiou, porque, graças a Deus, era certa, cumpria minhas obrigações, nunca faltei aula, não chegava atrasada, embora, às vezes, não dava tempo de almoçar, pois saía meio-dia da Escola Técnica.

O tempo que passei na UFMT foi muito bom, gostei bastante, era prazeroso dar aula para aqueles meninos, eles descobriam, faziam aquelas curvas com minúcia e chegavam ao ponto máximo e ao mínimo, com a derivada, por meio das funções. Na Matemática conseguíamos fazer isso e o desenho ficava lindo. Era um prazer ensinar aos alunos aqueles problemas de derivada, até hoje sonho lecionando, gostava de ensinar.

Mas quando saí não me deu um vazio, me aposentei porque precisava, tinha problema de saúde e a medicina em Mato Grosso, em Cuiabá, é muito precária. Acompanhei minha mãe a uma consulta quando adoeceu e tudo o que o médico falava servia a mim também. Passado um tempo, em um determinado dia, com minha filha doente fui ao hospital, lá tive uma tontura muito forte, o médico, que era meu amigo me mandou sentar, era o doutor Braga[56], mandou que procurasse certo médico, pois achava que eu estava com problema cardíaco.

Nessa época, já tinha todos os meus filhos, fui ao mesmo médico de quando acompanhei minha mãe. Ele me examinou e ficou sério, me disse que tinha um problema cardíaco grave, mandou-me fazer um „catatau" de exames. Com a idade ele foi se agravando, então senti que precisava parar, por isso logo me aposentei; tive que fazer tratamento, agora estou bem, mais estabilizada. Porém, não aguento fazer muito esforço físico, quase não varro a casa e não carrego peso.

Como falei dos meus filhos, minhas duas filhas foram minhas alunas na Escola Técnica, já meu filho não, nunca queria estudar, mas agora que casou, está fazendo Direito, e um dos filhos que crio, também, está cursando Direito.

Só lembrando mais uma coisa do tempo da Universidade. Quando comecei a trabalhar nela, não ganhava quase nada, mil cruzeiros, então eu não podia sair da escola porque lá pagavam melhor. Ambas eram Federais, tanto é que tenho duas aposentadorias pelo mesmo Ministério, por toda a vida lutaram para que eu saísse de uma.

[56] Médico nefrologista.

Falando na aposentadoria, depois que você se aposenta, o salário diminui. Ganho três mil da UFMT, é pouco, por isso não podia sair da escola, depois de aposentada pela UFMT, me tornei dedicação exclusiva nela, então lá ganho cinco mil.

Se eu tivesse feito mestrado ou doutorado meu salário aumentaria, mas como não fiz, ele ficou lá embaixo; eles não valorizam o tempo em que seguramos as pontas da Universidade para que outros fossem fazer mestrado, aumentava um pouquinho mais alunos em minha sala, mas não tinha importância. Hoje as pessoas não fazem mais isso, eu fiz com prazer, porque sempre gostei de ensinar.

Para encerrar, digo que meu grande objetivo sempre foi estudar para ensinar e trabalhar, e o consegui. Nunca tive dificuldade com aluno, nunca me disseram que não tinham entendido algo, eu sempre conseguia fazê-los entender, mesmo quando minha disciplina era pesada, eu tinha um jeitinho. Portanto, me sinto realizada.

4. Carlos Antônio Dornellas

Eu sou Carlos Antônio Dornellas, nasci em primeiro de abril de 1954, formado na primeira turma de Licenciatura em Matemática[1] da UFMT e até por acaso sou professor de Matemática. Esse "até por acaso" foi, digamos, na época do curso de graduação, onde o objetivo era cursar Engenharia. Inscrevi-me para a seleção do Instituto Tecnológico de Aeronáutica, ITA[2], de 1972 (não participei, por questões financeiras). Acabei inscrevendo-me no vestibular para o curso de Licenciatura Plena em Matemática do Centro Pedagógico de Três Lagoas, vinculado à Universidade Estadual de Mato Grosso, com sede em Campo Grande - MS. Após os primeiros dias de aula, por necessidade de trabalhar, fui selecionado e comecei a trabalhar na Escola Técnica Estadual de Comércio de Três Lagoas, lecionando Matemática no 1º e 2º anos do Curso Técnico de Contabilidade. Hoje, com certeza, acho que nasci para isso.

Gosto de ficar sentado fazendo cálculos e simulações, criando um novo teorema, a demonstração adequada para ele, então penso que se tem uma rota traçada por Aquele que nos rege, imagino que ser professor de Matemática é a primeira parte dela, eu não sei o que vem depois, mas estou nessa primeira parte. E, às vezes, me emociono com essas questões que vemos hoje em dia, como o desprezo com a educação por parte de nossos dirigentes, só

[1] Turma do primeiro semestre de 1975.
[2] O instituto dispõe de cursos de graduação e pós-graduação ligados à Engenharia, considerado o mais renomado centro de ensino de Engenharia do país.

pensam nela na hora de capturar o nosso voto, depois volta a ser a mesma coisa. Teremos que sair para muita passeata na rua, para poder enfiar na cabeça de nossos dirigentes que a educação é fundamental. Quem tem educação sabe se cuidar e vai ter uma saúde melhor, vai saber escolher melhor os seus representantes, terá a cortesia necessária com seu vizinho, com seu colega de trabalho. A educação é tudo, é o que podemos ter como um legado a ser deixado para as outras gerações.

A minha formação na Educação Básica é meio antiga. Quando estudava fazíamos o Grupo Escolar[3], mas antes tinha o Jardim de Infância, depois realizávamos um exame de admissão[4] para entrar no Ginásio[5]. Na época em que o terminei, ainda tinha vaga sobrando, mas quando faltava, ou eram poucas vagas, precisava-se fazer outro exame para entrar no Segundo Grau[6]. Parece que éramos mais bem selecionados naquela época, quem saia do Grupo Escolar realmente sabia ler, escrever e fazer conta, o que não acontece hoje com alguns que saem do Segundo Grau, infelizmente.

Lembrando-me desse tempo... Eu tinha um tio, que fez Pedagogia e depois mestrado em Educação em São Carlos. Ele tinha uma coleção muito grande de histórias em quadrinhos, gibis, e toda vez que eu ia à casa de minha avó, lá em Mirandópolis[7], ficava horas mexendo com eles. Não sabia ler, mas comecei vendo história em quadrinhos e, como nelas tem um balãozinho de falas, isso me incentivou à leitura, acho que esse foi o primeiro fator para me fazer aprender a ler. Assim, quando entrei para a alfabetização já sabia ler alguma coisa, falando nisso descobri há pouco tempo que minha professora de alfabetização ainda está viva em Mirandópolis.

No ano em que terminei o Ginásio eles mudaram a estrutura do Ensino Médio; em 1969 era Científico, Normal e Clássico[8], tinha também o técnico em Contabilidade, equivalente ao Segundo Grau. Em Mirandópolis, onde estudei, tinha o Científico, o Normal, o Clássico e o curso técnico em Comércio. Então eles mudaram para o que chamaram de Colegial[9], tinha a turma de Ciências Exatas e a outra seria de Ciências Humanas ou algo assim, em minha escola foi só Ciências Exatas e o Magistério, esse último era o antigo Curso Normal. Isso foi até minha formação no Ensino Médio.

---

[3] Correspondente às 4 primeiras séries do Ensino Fundamental atual.
[4] Exame de Admissão ao Ginásio, instituído em 1931 perdurou por quarenta anos, era uma forma de selecionar os alunos que continuariam os estudos no Ginásio, atual Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano).
[5] Correspondente às 4 últimas séries do Ensino Fundamental.
[6] Atual Ensino Médio.
[7] Município paulista, localizado a seiscentos quilômetros de São Paulo.
[8] Os antigos Científico, Clássico e Normal correspondem ao Ensino Médio de hoje.
[9] Atual Ensino Médio.

Os meus professores, em minha visão de aluno, eram rígidos e nesse tempo o senso de responsabilidade era maior, os pais colocavam os filhos nas mãos dos professores e pediam para que esses cuidassem bem da formação, bem como informação deles.

Antigamente os professores se formavam por meio da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, CADES[10]. Com esse curso os professores que não possuíam licenciatura eram considerados aptos a lecionarem no antigo Ginásio, Científico, Clássico e Normal. Isso aconteceu aqui no estado de São Paulo, mas me parece que também funcionou a nível nacional. Eu tive alguns professores que o cursaram para lecionar no Ginásio, mas aqui no interior de São Paulo, no início da década de 1970, já tinha várias licenciaturas particulares para formar professores.

Naquela época o estado de São Paulo pagava o melhor salário para professores do Ensino Médio e Fundamental, isso acabou gerando uma briga em relação às normalistas de Três Lagoas, que vinham dar aulas em São Paulo e eram hostilizadas pelas colegas daqui, o salário era quase três vezes o de lá.

Do Ensino Médio parti para a graduação. Quando a comecei, a Lei de Diretrizes e Bases - LDB, que estava em vigor era 5692/71, que tinha o foco voltado para a questão profissional. Nesse período em Mato Grosso, o falecido José Fragelli[11] havia assumido o governo, naquela época o governador era indicado, não escolhido por eleição. Ao definir seu secretariado se pautou na competência profissional e não política, assim, trouxe boa parte do secretariado de fora. O Secretário de Educação, Joaquim Barbosa, veio do Rio de Janeiro, juntamente com sua equipe de planejamento, ao incumbir-se da secretaria tentou trocar muita coisa lá, pois internamente havia uma briga entre os partidos políticos, como se fosse a casa deles. Durante seu secretariado buscou disseminar a LDB 5692/71, aprovada em agosto de 1971, para isso elaboraram um projeto intitulado Bola de Neve e, assim, no início de 1972 programaram seminários, que aconteceram em sábado e domingo em todas as cidades do antigo estado do Mato Grosso, que era o „grandão" ainda[12].

Nessa época, eu estava começando a docência, iniciei com dezessete anos, em Três Lagoas, mas quando busquei meu registro ele só foi lançado a partir do dia em que completei dezoito. Todos os professores participaram desses seminários, de cerca de dois dias, efetivos e interinos, que era o meu caso, para que se familiarizassem com a lei sob a qual o ensino estava subordinado. Esse projeto gerou o apelido carinhoso de Bolinha para o Secretário de

[10] Trataremos mais a respeito dessa Campanha em nosso capítulo de análise.
[11] Governador de Mato Grosso no período de 1970 a 1974.
[12] Neste período Mato Grosso ainda não havia sido dividido, logo, Mato Grosso do Sul ainda fazia parte dele.

Educação, Joaquim Bolinha; esse jeito de ser chamado foi fortalecido, pois durante seu secretariado colocou nos banheiros femininos um quadro da Luluzinha[13], personagem de uma história em quadrinhos, e nos masculinos um quadro do Bolinha[14].

Nesse mesmo ano, 1972, comecei meu curso de Matemática em Três Lagoas, sendo que até então nunca havia pensado que em minha vida seria professor. Nessa época toda família brasileira, fosse pobre ou rica, sonhava em ter um filho engenheiro, então me preparei, parei um ano de trabalhar e fiquei só estudando, me inscrevi para o vestibular em Engenharia no ITA, mas quando chegou próximo ao período das provas concluí que não estava preparado.

Em conversa com um tio, agora já falecido, ele me falou que conhecia uma pessoa que, estando na mesma situação que eu, começou a fazer Matemática para depois entrar em Engenharia; sugeriu-me que fizesse o mesmo para não perder tempo, assim me inscrevi para o vestibular de Matemática de Três Lagoas, na época eu morava em Castilho[15] que fica bem próximo a essa cidade.

As aulas começaram no dia 21 de fevereiro de 1972 e o curso era à tarde. Eu precisava trabalhar para me manter e para ajudar em casa, pois tinha três irmãos mais novos. Estava meio complicado encontrar serviço morando em Castilho e estudando à tarde em Três Lagoas, de repente alguém me cutucou do lado e falou: "Dá aula ué, você não está fazendo Matemática? Seu curso é para formar professor de Matemática e tem muitos lugares precisando". Então pensei: "Logo eu que judiei tanto de professor em minha vida, não dá", mas foi assim que comecei a dar aulas de Matemática.

Na semana seguinte em que as aulas tinham começado, fiz um teste em uma escola particular e na Escola Técnica de Comércio de Três Lagoas, nessa última o Segundo Grau era um curso Técnico em Contabilidade[16]. A escola já estava inserida na Lei 5692[17] e da quinta à oitava série a pessoa recebia algumas aulas de preparação para ser técnico, auxiliar administrativo de escritório, aprendiam noções de arquivo e datilografia, coisas assim. Desse modo, quando a pessoa terminava o Primeiro Grau já tinha, mais ou menos, alguma qualificação para ser um auxiliar de escritório. No Primeiro Grau o curso era à noite e o pessoal trabalhava durante o dia.

---

[13] Personagem feminina de desenho animado e história em quadrinho.
[14] Personagem masculino de desenho animado e história em quadrinho.
[15] Distante cerca de seiscentos e cinquenta quilômetros da capital paulista.
[16] Sempre que a palavra contabilidade se apresentar em letra maiúscula fará referência ao curso.
[17] Lei 5692 de 1971, que propôs a reforma educacional para os ensinos de Primeiro e Segundo Graus, atuais Ensino Fundamental e Médio.

Nessa época em Três Lagoas, que devia ser um décimo ou menos do tamanho que é hoje, comecei a lecionar. Os primeiros dias foram fantásticos, descobri algumas salas em que eu era o mais novo dela, com dezessete anos, a maioria dos alunos tinha em torno de trinta, os mais novos deviam ter uns quinze, dezesseis anos, que eram os que estavam „em dia" com os estudos. Eu, realmente, me sentia a melhor das pessoas dentro da sala nos primeiros dias; Deus sempre dá a cruz no peso certo para conseguirmos carregar e esse emprego que arrumei por precisão de me manter acabou virando a cachaça que eu tomo até hoje.

Eu estudava a tarde e dava aula à noite em Três Lagoas, então pegava carona para Castilho, chegava em casa, aproximadamente, à uma hora da manhã. Comecei no Segundo Grau; lecionava Matemática Comercial e Financeira para o primeiro e segundo ano do curso técnico. Ainda em 1972, apareceram algumas substituições que chamavam de turno rotativo, eles arrumavam o calendário, pois tinham poucas salas de aula, e no decorrer do ano você conseguia ter três turnos no dia, turnos rotativos, sem férias. Também trabalhei em outro colégio, com quinta ou sexta série, ministrando aula extra de substituição. Dei aula de Introdução a Estatística no Curso Normal, mas por pouco tempo.

Quando estava terminando o ano de 1972 tive um aluno de Andradina[18], Miquelino Gulla que já faleceu, ele trabalhava há trinta anos com contabilidade, sabia tudo de legislação e coisas assim. Só tinha feito o antigo Grupo Escolar, que era de primeira a quarta série. Iniciava-se com o Preparatório, que era o Jardim de Infância, depois se fazia o Grupo Escolar, a seguir um pequeno vestibular, o Exame de Admissão, então se entrava no Ginásio, antigamente funcionava dessa forma e muito bem até. Mas ele tinha feito o curso de Madureza[19], que é o mesmo supletivo que hoje chamam de Educação de Jovens e Adultos, EJA; na Madureza ficou devendo duas disciplinas, acho que Português e Matemática, e a Escola Técnica de Comércio, assim como toda escola de Ensino Médio em Mato Grosso, aceitou, condicionalmente, alunos que deviam duas matérias para fazer o Segundo Grau.

Esse senhor gostou tanto da história de voltar para a escola que decidiu que queria montar uma escola de Contabilidade particular, porque achava o ensino muito fraco, sempre falava que era tanta coisa para aprender e as crianças não sabiam nada de contabilidade. No início foi complicado, pois ele não conseguia conviver com o professor de contabilidade em sala de aula, por fim, o professor Nivaldo, percebendo que era melhor se aliar a ele, nomeou o

[18] Localizada a seiscentos e quarenta quilômetros de São Paulo, capital.
[19] Curso destinado a jovens e adultos que não haviam concluído seus estudos. A idade mínima para cursar o referente ao Ginásio, atual Ensino Fundamental, era dezesseis e para o Colegial, hoje Ensino Médio, dezenove anos.

seu Miquelino para ser seu monitor. A partir de então foi uma maravilha, o Nivaldo viajava e ele ia dar aula.

Com isso, ele fortaleceu sua ideia e me convidou para ser seu sócio. Ele sempre me dava carona, pois morando em Andradina entrava em Castilho e me deixava em casa, isso dava uns três quilômetros a mais de estrada para ele. Após a proposta, expliquei que não tinha onde cair morto, então como poderia ser seu sócio, ganhando o salário de interino, que era o salário mínimo mais alguma coisa. Mas ele afirmou que as coisas que a escola precisaria ele já tinha, pois tinha uma escola de datilografia e centros de consulta do Sistema de Proteção ao Crédito, SPC, em cidades da região.

Naquela época o SPC funcionava como se fosse uma franquia, que era instalada em algumas cidades; o seu Miquelino era responsável por Pereira Barreto[20] e Andradina, com isso tinha certa condição financeira, e me falou que não precisava me preocupar com isso, que eu entraria com o trabalho.

Fechado o acordo, fomos atrás da Delegacia de Ensino de Três Lagoas, falamos à delegada sobre nosso interesse em colocar um curso particular de Contabilidade e a coisa andou bem. Ao final de 1972 já tínhamos, mais ou menos, engatilhado várias coisas, entre elas onde a escola poderia funcionar. As escolas municipais, geralmente, não tinham aula à noite, então já tínhamos visto a respeito de uma delas com o atual prefeito.

A Delegacia de Ensino de Três Lagoas nos deu todas as informações necessárias para montarmos o projeto e foi nesse momento que fui parar em Cuiabá, justamente para pedir autorização, protocolar a autorização para essa escola. Assim, conheci a capital e por sinal gostei muito, tanto que estou lá até hoje. Quando cheguei já tinha sido fechado o calendário, tinham o aprovado na semana anterior, com os novos cursos.

Nós não tínhamos nenhuma ligação política que pudesse resolver nosso lado, naquela época era muito comum isso, infelizmente, até hoje o é. Decidi procurar um modo de melhorar o projeto para tentar, novamente, no meio do ano de 1973.

A pessoa que havia me selecionado para trabalhar na Escola Técnica de Comércio tinha sido convidada para trabalhar na assessoria do Joaquim Bolinha e em 1972 foi para Cuiabá. A presidente do Diretório Acadêmico do Centro Pedagógico de Três Lagoas, que cursava Licenciatura em Geografia, também tinha sido convidada a trabalhar na assessoria de um secretário e aceitou, mudando-se ao final de 1972, também, para lá. Assim, quando fui para a capital fiquei hospedado na casa delas e conversa vai, conversa vem, tinha uma pessoa que morava com elas que era chefe da Divisão de Ensino Médio, que analisava tecnicamente

[20] Distante da capital paulista cerca de seiscentos e trinta quilômetros.

esses projetos, e outra que era da Divisão de Programas Especiais, que mexia com audiovisual e livros didáticos. Conversamos sobre meu contrato de interino, que ainda não havia completado um ano, e conseguimos negociar para eu ser datilógrafo da Divisão dos Programas Especiais, da qual faziam parte as divisões subordinadas ao Departamento de Educação, na Secretaria de Estado, que por coincidência tinha seu prédio de funcionamento no interior da Universidade Federal de Mato Grosso, veja como as coisas são amarradas, porque naquela época não tinha carro e a Divisão, sendo no interior da Universidade, facilitava para que eu frequentasse as aulas do curso de Matemática.

Eu fazia todo meu serviço das sete e meia até no máximo oito e meia, então ia estudar os projetos de escolas técnicas que existiam em Mato Grosso. Eu havia feito a transferência de meu curso para a Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT[21], pois antes estudava na antiga Universidade Estadual de Mato Grosso, que na divisão do estado se tornou Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, então na parte da tarde estudava na Universidade Federal.

Nessa transferência aproveitaram metade das disciplinas que havia cursado em Três Lagoas e eu continuei a tocar a coisa, à tarde eu estudava na Universidade[22] e como era pertinho se não tinha aula voltava, trabalhava e ia levando.

Quando faltava mais ou menos um mês e meio eu já comecei a escrever o projeto da nossa futura escola, o projeto que montei incluía quatro cursos técnicos: Contabilidade, Administração, Estatística e Secretariado. Os cursos técnicos em Estatística e Administração, em nível de Segundo Grau, ainda não existiam, eu os montei a partir dos estudos que fiz dos outros; li também livros de escolas técnicas de outros estados. Parece que quando você quer uma coisa ela flui mais rápido, é uma beleza, assim em início de junho o projeto já estava pronto, só faltava submetê-lo aos trâmites legais.

No início de julho vim para Andradina, onde minha família estava morando, para realizar encaminhamentos com meu sócio e quando ocorreu o encontro ele me diz que o ex-diretor da Escola Técnica de Comércio, o Silverinha, arrumou um sócio aqui de Ilha Solteira[23] e montou uma escola particular, não sei se ela ainda existe, com os cursos técnicos em Contabilidade e Eletrotécnica, ou seja, nos passou a perna.

---

[21] Nessa época já era Universidade Federal de Mato Grosso, que foi criada em 10 de dezembro de 1970, seus primeiros cursos iniciaram em 1972.

[22] Fazendo referência a UFMT, sempre que a palavra universidade se apresentar em letra maiúscula designará a Universidade Federal de Mato Grosso.

[23] O professor Carlos cursa doutorado em Engenharia Elétrica pela Unesp de Ilha Solteira, assim sua entrevista foi realizada nessa cidade.

Nós tínhamos feito tudo à boca pequena, evitávamos conversar sobre o assunto, os que sabiam eram a delegada regional de ensino e o pessoal da assessoria da prefeitura de Três Lagoas, pois os havíamos consultado. Mas esse diretor foi beneficiado, porque houve a mudança de prefeito entre 1972 e 1973 (Três Lagoas era zona de segurança devido à usina, não havia eleição e o prefeito que entrou era tio do diretor da escola) e nessa política toda conseguiram autorização na hora, em agosto de 1973 já estava tudo pronto para funcionar. Nós nem cogitamos abri-la em outro lugar, pois os negócios do seu Miquelino eram todos em Andradina.

Nessa época, eu já estava apaixonado por Cuiabá e decidi que para Andradina só voltava para passar as férias, gostei de Cuiabá, pois sair de uma cidade pequena e ir para uma um pouco maior sempre é interessante; acho que a minha alma era mato-grossense e eu não sabia, apenas por um acidente eu não nasci lá, mas fui e fiquei.

O curso da UFMT tinha a estrutura um pouco diferente, mas logo me adaptei, em 1975 visando terminar o curso, fiz umas dez ou doze disciplinas, o normal era fazer oito, mas dessa forma o concluí no meio do ano. No curso de verão daquele ano fiz duas disciplinas: Física, com carga horária elevada, e Psicologia da Educação II, as demais que faltavam fiz todas no primeiro semestre. Como a estrutura era diferente foi como se eu tivesse feito o curso em três anos, pois estudei lá nos anos de 1973, 1974 e 1975. Na UFMT precisávamos cumprir créditos e para isso não necessariamente tínhamos que cursar oito semestres.

Quando cheguei, Cuiabá era uma cidade gostosa, pequena, a Avenida Mato Grosso era um córrego que descia para a Prainha que, também era um riacho. A cidade terminava ali, o bairro CPA[24], por exemplo, não existia; acho que ela tinha cem mil habitantes naquela época, todo mundo se conhecia, a Universidade não tinha duzentos professores, se bem que em 1973 tinha apenas três anos de existência.

Não contarei a história da Universidade, só mencionei isso, pois o curso de Matemática só começou a funcionar no Campus em 1972, antes funcionava espalhado pela cidade. Para formar a UFMT eles juntaram a Faculdade de Direito e o antigo Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá, ICLC. Esse Instituto teve apenas uma turma de Matemática, pois o que seria a segunda teve apenas um aluno escrito, que até já faleceu, começaram oferecendo o curso para ele, mas não foi possível o manter só para um, ele assinou o termo de desistência, então fecharam a turma. O candidato era o Coronel Zeferino, dentista do exército, devido ao

[24] Bairro Morada da Serra, também conhecido como Centro Político Administrativo (CPA), abrange quatro etapas: CPA I, II, III e IV, é um grande bairro de Cuiabá, que abriga cerca de sessenta mil moradores, possui estruturas nas áreas de saúde, alimentação, esportes, entre tantas outras necessárias a um local tão grande.

seu emprego lhe falaram que poderia transferir-se para outro lugar, São Paulo ou Curitiba, por exemplo, e então fazer Matemática lá, mas ele acabou desistindo, não buscou mais o curso, nem quando começou na UFMT. Assim, os formados nessa área, pelo ICLC, foram a professora Nilda Bezerra Ramos[25], o Luiz Gonzaga Coelho[26] e o Mauro Custódio[27], que já faleceu, esses três começaram no Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá.

Alguns documentos acerca do ICLC e do início da UFMT podem ser encontrados no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e no Arquivo Público do estado, lá, provavelmente, devem ter coisas guardadas, porque, graças a Deus, desde aquela época já tinham pessoas preocupadas com a história do órgão. Lembro-me que sempre estavam falando do pessoal da documentação, para se dar atenção a ela, não se tinha tantos biblioteconomistas como hoje, mas a preocupação em se conservar a história das organizações já era grande.

Depois da turma do Instituto foi a nossa, eu fui da segunda turma de Cuiabá, ao contrário de Três Lagoas, que quando comecei o curso, já tinha um pessoal fazendo o terceiro ano.

Naquela época as coisas aconteciam muito rápido e, consequentemente, havia dificuldades; a primeira que vejo era em relação aos professores que ensinavam a parte que seria fundamental da própria Matemática, não eram matemáticos, nem licenciados em Matemática; meus professores de Cálculo e Cálculo Numérico eram engenheiros. Por exemplo, meu professor de Cálculo I, até já faleceu, era engenheiro agrônomo; de Cálculo II, III e IV, Geometria e Geometria Analítica eram engenheiros civis; Cálculo Numérico, engenheiro químico; Cálculo Vetorial, engenheiro mecânico e de Geometria Descritiva, arquiteto. Entre eles estavam o Antônio Rodrigues[28], Luís Lotufo[29], Pelágio Palma Filho[30] e o Otacílio Canavarros[31].

Mas também tinha o lado positivo disso, pois assumíamos a responsabilidade, já que não tínhamos professor de Matemática, procurávamos estudar por fora e aprender, pelo menos eu comecei a procurar, tentar cobrir as brechas estudando nos livros da biblioteca, para suportar as limitações dos professores que lecionavam para nós.

---

[25] A professora Nilda Bezerra Ramos é nossa colaboradora, sua narrativa pode ser encontrada na seção *2.3 Nilda Bezerra Ramos*.

[26] Foi professor da Universidade, iniciando a docência nesta instituição em 1972, chefe do Departamento de Matemática de 1973 a 1974.

[27] Um dos três alunos que concluíram o curso de Matemática do ICLC.

[28] Antônio Rodrigues da Silva, professor Fundador da Universidade.

[29] Professor fundador da UFMT.

[30] Um dos professores Fundadores da Universidade Federal.

[31] Otacílio Borges Canavarros, professor do Departamento de Matemática da UFMT em 1972, um dos Fundadores desta Universidade.

Por exemplo, hoje estou com cinquenta e nove anos de idade e os únicos exercícios que tenho dificuldade em resolver são os de análise combinatória, em contrapartida, podem dar-me qualquer integral e no máximo em meia hora terei o resultado, se a função é contínua e conforme for seu traçado, a integral, algebricamente, pode ser resolvida, mas em análise combinatória não tenho facilidade, embora, certamente se eu sentar, arrumar um tempinho e começar a estudá-la terei condições de saber. Essa é a única coisa em termos de Ensino Médio que tenho dificuldade.

Mas voltando a falar dos professores que tive, alguns deles me marcaram, entre eles o João Vasconcellos Coelho[32], o qual conseguimos que fosse homenageado há alguns anos, ele foi o meu tipo inesquecível e não era professor de Matemática, é vivo até hoje, se aposentou como professor titular da Universidade Federal, e depois disso fez mestrado e doutorado.

Marcou-me por ser uma pessoa simples, o primeiro contato que tive com ele foi em março de 1974, não foi bem no início do mês porque nesse período teve a grande enchente[33] em Cuiabá, o que atrasou o começo das aulas. Ainda não se tinha um professor para lecionar Introdução à Física II e ele como chefe do Departamento de Físico-química, foi para a sala de aula.

Foi ele que montou as estruturas das Licenciaturas Plenas de Física e Química no final de 1971, pois o reitor, Gabriel[34], ligou para o coordenador do Centro, o professor Ivo Cuiabano Scaff[35], ao qual o professor João Vasconcellos estava subordinado, e pediu para que criassem as estruturas da Licenciatura Plena em Física e Química. O professor Ivo passou o pedido ao João Coelho, que cumpriu o solicitado em um mês e pouco. Para isso teve que correr atrás, viajar para onde tinha esses cursos, porque o pessoal que entrou no vestibular de 1972 já seria submetido a essa grade. Fiquei sabendo dessa história depois de muito tempo, quando o Ivo me contou, mas não sei quem montou a grade de Matemática, com isso acabo ficando uma espécie de filho bastardo, não sabendo quem é o pai.

Naquela época, os livros usados foram os do Dalton Gonçalves[36], autor famoso, que tem uma coleção de quatro livros de Física para o Segundo Grau. Na disciplina de Introdução a Física II, estudamos a parte referente à eletricidade, magnetismo e ótica, o professor João Coelho deu sua primeira aula de forma fantástica; chegou, se apresentou, nos informou que estávamos sem professor, deu uma palestra sobre o que viria a ser o nosso curso, foi incrível.

---

[32] Foi um dos primeiros professores do Departamento de Física da UFMT.
[33] Maior enchente já causada pelo Rio Cuiabá na área metropolitana da capital, o rio atingiu mais de 14 metros, bairros ribeirinhos foram destruídos e milhares de pessoas ficaram desabrigadas.
[34] Gabriel Novis Neves primeiro reitor da Universidade, permaneceu no cargo de 1971 a 1981.
[35] Engenheiro químico e ambientalista.
[36] Professor e autor de livros de Física.

Em uma só aula ele falou, com muita simplicidade, de tudo o que estudaríamos em eletricidade, magnetismo e ótica. Ele me marcou, pois mostrou que ensinar pode ser uma coisa simples.

Quando me tornei professor da Universidade procurei copiá-lo nesse ponto, ou seja, a minha primeira aula é sempre uma palestra sobre todo o curso, como será, os pré-requisitos para fazê-lo e no que precisam se dedicar mais para fazer bem o curso. Já entrego toda a programação, um plano de ensino, para cada aluno, nele constam os dias que terão provas, quais trabalhos farão e data de apresentação deles. Assim, no primeiro dia, o jogo já está com as regras estabelecidas, não deixo nada para ir acontecendo ao acaso.

Mas voltando aos professores da UFMT, só em 1974 que começaram a aparecer professores que tinham curso de licenciatura na área de Matemática, na verdade a Nilda e o Luiz Gonzaga já davam aula na Universidade em 1973, mas a Nilda trabalhava mais com a turma inicial de Introdução à Matemática, disciplina que já havia cursado em Três Lagoas, sendo dispensado dela em Cuiabá; já o Luiz me deu aula de Álgebra I.

Então, em 1973 quem tinha Licenciatura Plena em Matemática, no Departamento de Matemática, era a Nilda Bezerra Ramos e o Luiz Gonzaga Coelho e o primeiro chefe do Departamento, professor Claudio Mellado[37], tinha Licenciatura em Física.

Em 1974 chegaram a Olga Sartori[38], lá do Paraná, que trabalhou com a Prática de Ensino[39], a Lourdes Aroca[40], acho que de São Carlos, e um casal, a Regina Célia Balbino Figueira Lisboa[41], aparentada do desembargador João Antônio Neto, e o falecido Victor Hugo de Souza Lisboa[42], mas não sei onde cursaram suas Licenciaturas Plenas. Enquanto que em 1975 veio a Maria Elizabeth Milanezi de Paula[43] que era de Guaraçaí - SP, a Beti.

Mas, apesar de formados em Matemática, penso que estes professores tinham uma formação tão precária quanto a nossa. Passado algum tempo do início da Universidade, surgiu a preocupação de sair para capacitação, eu saí um pouco mais tarde, em 1977, casei-me em julho e ainda em lua de mel saí para fazer mestrado.

Nesses primeiros tempos havia a apreensão da instituição em validar a titulação de seus professores, então realizaram um curso de especialização em 1975, de trezentas e sessenta horas, chamado Metodologia no Ensino Superior, realizado no Departamento de

[37] O professor Claudio Mellado é nosso colaborador, sua narrativa pode ser encontrada na seção *2.2 Claudio Mellado*.
[38] Chefe do Departamento de Matemática de 1978 a 1981.
[39] Sempre que ensino se apresentar em letra maiúscula faz referência a uma disciplina.
[40] Subchefe do Departamento de Matemática entre 1978 a 1981.
[41] Chefe do Departamento de Matemática de 1974 a 1977.
[42] Chefe do Departamento de Matemática de 1981 a 1985.
[43] Professora aposentada do Departamento de Matemática, da UFMT.

Educação. Eu não o cursei, pois quando iniciou, no começo do ano, ainda estava terminando meu curso, pois me formei em julho, embora aceitassem matrícula até agosto, mas eu queria fazer uma especialização em Matemática mesmo.

Ainda no primeiro semestre de 1976, chegou um professor americano, enviado pelo Corpo da Paz, o Timothy Costigan, que tinha feito mestrado no estado de Washington, em Matemática Aplicada. Ele também ministrou uma especialização no primeiro semestre, a qual eu fiz. Ele andava com a mala cheia daqueles livros da coleção Schaum[44].

Anterior a esses, foi dado um curso de especialização, em 1973, pelo pessoal do Grupo de Estudos de Ensino de Matemática, GEEM, lá do Mackenzie, cursado pelos engenheiros da UFMT, visando arrumar a papelada para reconhecimento do curso pelo antigo Conselho Federal de Educação; para que esse reconhecimento fosse possível o quadro docente precisava ter pelo menos especialização, em agosto de 1974, com os professores já especialistas, o reconhecimento se concretizou.

Posteriormente, conheci alguns dos professores que trabalharam nessa especialização. Um deles foi patrono de nossa turma (eu pedi ao reitor e ele aceitou), o Osvaldo Sangiorgi[45]. Foram também docentes do curso a Renate Watanabe[46] e o Paulo Boulos[47], este já visitei em São Paulo, no período ele era professor da Politécnica da USP. Esses foram os principais professores que ministraram o curso, que foi, justamente, para titular o pessoal para o reconhecimento do curso. Nesse período foram reconhecidas as Licenciaturas Plenas em Matemática e História Natural.

Dessa forma, nosso curso foi reconhecido. No entanto, o anterior ao nosso, o do ICLC, não sei como ficou o procedimento legal, mas o pessoal formado nele pode exercer a profissão tranquilamente. A legislação que eles estavam subordinados era a mesma de Licenciatura Plena que eu fiz, depois é que veio a Resolução 30/74[48] criando as Licenciaturas Curtas, essa questão de universidade periférica[49]. Embora fosse uma resolução em nível nacional, algumas instituições como a USP, a Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, e a Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, não a colocaram em vigor. A adesão à Licenciatura Curta dependia do reitor. O nosso, o Gabriel Novis Neves, obstetra, podia ter

[44] Série de livros desenvolvidos por Daniel Schaum, que abrange variados temas acadêmicos.
[45] Pós-doutor pela Universitat Gesamthochschule Paderborn, autor de livros didáticos e professor titular da Universidade de São Paulo.
[46] Mestre pela Academic Year Institute da University of Illinois, professora titular da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
[47] Professor Livre-Docente da Universidade de São Paulo, autor de diversos livros didáticos.
[48] Resolução 30 de 1974 do Conselho Federal de Educação, que instituía a Licenciatura Curta em Ciências do 1º Grau com Habilitações Plenas em Matemática, Física, Química ou Biologia.
[49] Universidade periférica no sentido de ser afastada dos grandes centros, recebendo, devido a isso também, menos verba.

deixado a Licenciatura Plena em Matemática e em História Natural, esta não existia em nenhum outro local, foi dela que, mais tarde, criou-se a Geologia e a Licenciatura em Biologia. Falo dessas duas licenciaturas, pois tinham acabado de ser reconhecidas e já foram colocadas em processo de extinção, para que fosse instalada a Licenciatura em Ciências de Curta Duração, de mil novecentas e vinte horas, com habilitações em Matemática, Física, Química e Biologia. No entanto, quem havia entrado na Licenciatura Plena em Matemática ou em História Natural se manteve nessa modalidade até o final do curso, a Licenciatura Curta passou a valer, nesses casos, apenas para os ingressantes.

As Licenciaturas Plenas em Física e Química não tinham sido reconhecidas ainda, certamente, porque faltavam laboratório e titulação dos professores. Como esses cursos não tinham sido reconhecidos a Universidade tratou deles da forma mais simples, todos os alunos foram transferidos para a Licenciatura em Ciências, fazendo depois qualquer uma das habilitações; isso foi uma sacanagem, pois o pessoal da Física e da Química tinham feito o vestibular para Licenciatura Plena nessas áreas e foram obrigados a se adequarem ao novo curso. Esse foi um grande erro da instituição. O pessoal que já estava no curso acabou atrasando a formatura, alguns em quase um ano, porque tiveram que cursar disciplinas de outra área.

A Licenciatura Curta em Ciências do 1º Grau começou em 1975, e coube ao Departamento de Matemática, talvez por sempre ser um dos mais sérios da Universidade, a administração da Licenciatura de Curta Duração em Ciências. Então, enquanto cursavam a parte de Ciências ficavam conosco, depois seguiam para as suas habilitações.

A meu ver, na época, esse tipo de licenciatura deixava a desejar quando comparado com a Plena, apesar de que meu curso era pleno, não se caracterizava muito como uma licenciatura por faltarem disciplinas pedagógicas, mas também não se enquadrava em um bacharelado por ser fraquíssimo.

Assim, em 1981, quando voltei do mestrado a primeira briga que arrumei e, para a qual consegui diversos aliados das áreas de Física, Química e Biologia, foi justamente para voltar a ter Licenciatura Plena. Mas também não era fácil naquela época. Tínhamos que cuidar o que falávamos, porque para quem não gostava de alguma coisa a porta da rua era a serventia da casa. O sindicato de docentes foi fundado quando eu estava fazendo o mestrado e, nesse período, muitos foram mandados embora da UFMT, porque participaram da criação da Associação dos Docentes. Assim, brigávamos pela reconversão, mas não de forma radical.

Comecei a idealizar o que seria uma Licenciatura Plena, de modo a possibilitar ao aluno descobrir sua paixão no curso, auxiliando na escolha do caminho a seguir. Hoje, graças

a Deus, quem faz Licenciatura Plena em Matemática pela UFMT tem orientação; se o interesse for a Álgebra, Matemática Aplicada, Otimização, tem doutores na área que podem orientar, então o aluno não está só. Se ele realmente tem a missão de se tornar matemático, ou quiser trabalhar com Educação Matemática, lá temos vários doutores que poderão encaminhá-lo. Hoje está muito diferente de quando cursei a minha graduação, apesar da qualidade ter diminuído consideravelmente.

As Licenciaturas Curtas caíram quando apresentamos aos "tecnocratas lá de cima" um argumento que eles não conseguiram rebater, tendo, portanto, que nos atender, correr atrás do MEC para corrigir o que vinha sendo feito, mudar, voltar a ser Licenciatura Plena. O que informamos a eles foi que o pessoal que não conseguia entrar para a Engenharia Civil ia fazer Licenciatura em Ciências, porque era apenas dois anos, nos quais se fazia toda uma preparação de Física, Química, Matemática e Biologia para um vestibular. A pessoa que fazia essas mil novecentas e vinte horas, além de poder ser professor de Matemática, Desenho e Ciências de Primeiro Grau, "estava na ponta dos cascos" para fazer vestibular na área de Ciências Exatas, a partir desse momento não tiveram mais argumentos para mantê-la.

Essa reconversão na UFMT ocorreu em 1985, quando chegamos para os nossos superiores e falamos que Ciências nunca mais; então, o vestibular de 1985 para Ciências não ocorreu, logo não recebemos alunos, acho que foi nesse mesmo ano que os órgãos superiores aprovaram e autorizaram novamente a Licenciatura Plena.

Ficou um ano sem vestibular o primeiro para Licenciatura Plena, novamente, foi em 1986, que deu início à primeira turma. Em 1987, nós fomos o segundo curso mais procurado lá da parte debaixo (área de ciências exatas e de tecnologia), ficando atrás apenas da Engenharia Civil, que sempre foi o curso mais procurado dessa parte. Isso recebeu influência de alguns fatores, entre eles que de 1986 para 1987, se não me engano, o plano de carreira do professor de Mato Grosso foi um dos melhores do Brasil. Além disso, nós também fizemos um trabalho de marketing muito bom; em 1986 fomos a várias escolas e cursinhos para falar do curso de Matemática. Nessa época, ainda não existia o curso de Computação, então nós, na parte das optativas, colocamos algumas disciplinas diferenciadas, o aluno podia continuar estudando mais sobre Física, ele fazia três disciplinas de Física Geral e Experimental e podia continuar por meio da Física Geral Experimental IV ou Mecânica Quântica. Ou ainda, podia voltar seus estudos para a Pesquisa Operacional ou Informática, pois montamos Processamento de Dados I e II, abordando computação e alguma coisa a mais de Educação Matemática. Portanto, teve a questão do salário, mas tinha, também, muitos querendo fazer

Computação, que foram fazer Matemática pensando em fazerem as optativas voltadas a isso, esses fatores aliados aumentaram a procura pelo curso de Matemática.

Quando fomos criar a estrutura do curso após as Licenciaturas Curtas, tivemos boas assessorias: do Sérgio Lorenzato[50], da Maria Laura Mouzinho Leite Lopes[51], do pessoal de Belo Horizonte da UFMG, o Reginaldo Naves de Souza Lima[52], a Maria do Carmo Vila[53] (fez o doutorado em Educação Matemática na Universidade de Laval no Canadá), da Nilza Bertoni[54], do Ubiratan D"Ambrósio[55], cada um deu uma pequena contribuição.

Ao montarmos essa estrutura, criamos uma disciplina de cento e oitenta horas intitulada Matemática para o Ensino, uma denominação errada para o que pretendíamos. Essa disciplina seria um barco que passaria em um canal, onde de um lado estão os Fundamentos de Matemática e do outro a Didática da Matemática, ele devia parar um pouquinho de cada lado.

A ideia, com essa disciplina, era de, talvez, vendo a melhor maneira de ensinar logaritmos, aprendia-se melhor logaritmos. Normalmente, quem trabalhava com ela era o pessoal da Educação Matemática, mas quando os alunos chegavam ao Cálculo I ou na Álgebra Linear tinham dificuldade, não que a culpa fosse dos educadores, mas, não intencionalmente, de repente o barco estava parando mais de um lado, tanto que hoje foi mudado, agora se chama Fundamentos da Matemática, e proporciona certo afunilamento.

Agora que falei do tempo das Licenciaturas Curtas e de sua reconversão para Plenas, lembrei-me do Núcleo de Apoio ao Ensino de Ciências, Naec, que começou na década de 1980, acho que em 1981 ou 1982. O pessoal da Matemática que participava era a Heliete[56] e a Elisete[57], da Química a Lydia Parente Lemos[58] e da Física o Sérgio Scala[59], acho que eles

---

[50] Sérgio Aparecido Lorenzato, pós-doutor em Educação Matemática pela Universidade Laval, Canadá, professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp.

[51] Primeira doutora em Matemática no Brasil, em 1949, pela Faculdade Nacional de Filosofia, Universidade do Brasil.

[52] Professor da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG.

[53] Foi professora da Universidade Federal de Minas Gerais, atualmente faz parte do quadro docente da Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP.

[54] Foi a primeira presidente da Sociedade Brasileira de Educação Matemática, SBEM. Deu importantes contribuições à licenciatura em Matemática, ao que recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade de Brasília.

[55] Doutor em Matemática pela Universidade de São Paulo, professor da Universidade Bandeirante de São Paulo, UNIBAN, credenciado, também, em programas de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, da Universidade de São Paulo, USP/SP, e na Unesp de Rio Claro.

[56] A professora Heliete Martins Castilho Moreno é nossa colaboradora, sua narrativa pode ser encontrada na seção *2.7 Heliete Martins Castilho Moreno*.

[57] A professora Elisete de Miranda é nossa colaboradora, sua narrativa pode ser encontrada na seção *2.5 Elisete de Miranda*.

[58] Lydia Maria Parente Lemos dos Santos, docente da UFMT, mestre em Educação por essa mesma universidade.

[59] Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo, professor da Universidade Federal de Mato Grosso.

promoviam treinamento para professores. Naquela época a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Capes, financiava cursos de especialização, fornecendo bolsa para o pessoal que estava em exercício, em sala de aula, eram incentivos bons.

Depois do Naec se formou o Grupo de Ensino e Pesquisa em Educação Matemática, Gepemat. Os professores desse grupo também deram dois cursos de especialização, vinha participante de todo o Mato Grosso, ficavam o final de semana fazendo cursos, o pessoal trabalhava no sábado e domingo. Eu não participei dele, mas acompanhei seu processo de criação, inclusive fiquei muito triste quando recebi a notícia do falecimento da professora Maria Laura Mouzinho Leite Lopes, pois ela ajudou nesse processo.

Lembro que seu marido, o Leite Lopes[60], era físico e na época do governo militar tiveram que fugir, não fugir exatamente, mas se continuassem no Brasil seriam presos, receberam a oportunidade, se quisessem, de ir para o exterior e foram. Penso que a história da professora Maria Laura merece até uma tese de doutorado, porque ela foi a primeira mulher a se doutorar em Matemática no Brasil, ela foi clássica. A última vez que a vi foi em 2007, estava no Colóquio Brasileiro de Matemática e escutei sua voz, fazia anos que não a via, conversamos bastante, ela tinha uma capacidade e tanto.

O Gepemat, por exemplo, foi ideia dela[61]. Acho que foi em seu exílio na França que ela começou a ter contato com a Educação Matemática e despertar seu interesse em trabalhar com ela, pois, pelo que li, o berço da Educação Matemática foi lá, com o nome de Didática da Matemática. Desse momento em diante, ela deixou um pouco de lado a parte teórica de seu doutorado em Matemática, feito em 1949, se não me engano.

Não sei quem da UFMT tinha contato com ela, mas foi feito o convite para que falasse a respeito do Projeto Fundão, para que se fizesse um intercâmbio com ele. Ela chegou numa quinta-feira e ficou em Cuiabá por uns três dias, nesse tempo fez tanta coisa que nem dá para acreditar, já devia ter uns setenta anos, mas eu nunca vi tanta energia e disposição como a dela, fiquei impressionado.

Tínhamos duas equipes para cuidar de atendê-la, enquanto uma descansava a outra lhe dava assistência; lembro-me que a levei no Pantanal, peguei-a umas três horas da manhã no hotel para que pudesse ver o dia amanhecer lá, deixei-a no hotel meio dia para almoçar, e às duas da tarde o pessoal levou-a para conhecer Chapada dos Guimarães.

Nessa sua estadia, falou sobre o Projeto Fundão, deu uma palestra de Educação Matemática, se reuniu com os professores e no domingo começou a nascer o Gepemat. Ela

[60] José Leite Lopes.
[61] Da professora Maria Laura Mouzinho Leite Lopes.

sentou com o pessoal e ajudou a montar um projeto, não sei se foi o da SESu[62] ou o do PADCT[63], pois que eu me lembre eles realizaram esses dois projetos. O da SESu ofertou curso de especialização para professores, foi muito bom.

Nesse período, o Sérgio Wielewski[64] era estagiário lá no Departamento, ele levou a máquina de datilografia para a casa da professora Beti, onde todos se encontraram inclusive a professora Maria Laura, enquanto umas estavam sentadas em uma mesa trabalhando, outras faziam o almoço e o Sérgio datilografava o projeto. Assim, quando a professora Maria Laura foi embora, na tarde de domingo, o projeto já estava prontinho.

No Rio de Janeiro ela já tinha criado o Grupo de Pesquisa em Educação Matemática, GEPEM, que unificava o pessoal do Fundão e da Santa Úrsula. Neste grupo eles desenvolviam um projeto de ensino na favela da Maré[65], próxima a Universidade Federal. Então nos ajudou em Cuiabá também.

Mas falando agora de minha vida profissional, durante minha graduação trabalhei na Secretaria de Educação onde fiquei até o final de 1973, no entanto, em novembro desse ano me cansei, briguei com umas freiras, uma era chefe do Departamento de Educação e a outra do Departamento de Pessoal, que me falaram que a porta da rua era a serventia da casa. Voltei para a sala de aula no Colégio Nilo Póvoas[66], que fica no morro da Luz. Passei a lecionar Matemática e Desenho Geométrico para quinta e sexta série, isso ainda no final de 1973, quando somos novos fazemos muita coisa ao mesmo tempo.

Em 1974, continuei no Nilo Póvoas de manhã e estudando à tarde na Universidade. No período matutino, no segundo semestre, fui monitor de Introdução a Matemática I; monitor, naquela época, ia para dentro de sala de aula e tinha que tomar conta. A minha primeira experiência com monitoria foi em uma turma extra, com alunos de Geografia, Serviço Social, entre outros, trabalhava com eles duas vezes na semana. E no período noturno para não ficar sem nada para fazer, também no segundo semestre, dava aula de Matemática Comercial, no Colégio São Gonçalo[67], e de Matemática, em um cursinho pré-vestibular.

Mas voltando à Universidade, ela estava em seu começo quando cheguei, portanto, o tempo todo eram criadas coisas novas. Por exemplo, no ano de 1973 foi denominada

---

[62] Secretaria de Educação Superior, uma das unidades do MEC, responsável pelo ensino superior.
[63] Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
[64] O professor Sérgio Antônio Wielewski é nosso colaborador, sua narrativa pode ser encontrada na seção *2.8 Sérgio Antônio Wielewski*.
[65] Bairro na zona norte do Rio de Janeiro.
[66] Escola Estadual Professor Nilo Póvoas, localizada na Rua Diogo Domingos Ferreira, Bairro Bandeirantes.
[67] Colégio Salesiano São Gonçalo, Avenida Dom Bosco, Bairro Dom Aquino.

Universidade da Selva[68] e como um de seus projetos a Cidade Laboratório de Humboldt, em Aripuanã[69]. Visitei essa última em 1997, ainda existem algumas ruínas lá indicando o que foi um dia. Imagino que ela tenha terminado devido a alguma situação política, desvio de verbas, o que deve ter afastado as pessoas sérias.

Por esse projeto da Cidade de Humboldt já se tinha um conhecimento grande da Floresta Amazônica em 1972, 1973, praticamente o mesmo que se tem hoje, se ele tivesse continuado quantas outras coisas já poderiam ser conhecidas. Muitos cursos da Universidade Federal seriam beneficiados, na época em que ele estava ativo tinha Licenciatura Plena em História Natural, que em termos de trabalho de campo seria fantástico, e no curso de Economia, de repente, quantas novas teorias poderiam ser desenvolvidas a respeito do aproveitamento da Amazônia Legal. Penso que sua desativação ocasionou uma perda muito grande em termos de conhecimento científico.

Bem, falando nesse período, é interessante destacar que as questões do governo militar, as perseguições, aquela coisa toda, não eram sentidas lá dentro, até sabíamos quem era comunista e quem não era, pois a cidade era pequena, mas ninguém falava nada para não ser preso.

Deixando de lado esse projeto e voltando para os primeiros tempos da UFMT. Queríamos um restaurante lá dentro e, também, um Diretório Central de Estudantes, DCE, que não existia, mas tínhamos necessidades que suplantavam a questão do DCE, que era algo mais político. Uma vez o ministro Ney Braga foi à Universidade inaugurar alguma obra e alguém furou o cerco e colocou no bolso do paletó dele uma cartinha pedindo a criação do restaurante universitário.

A primeira coisa que criamos como estudantes na Universidade foi o Clube Atlético Universitário, CAU. Já existia a Federação Mato-grossense de Esportes Universitários, FEMEU, mas ela cuidava apenas do esporte, sem qualquer função política, então o CAU foi nossa primeira forma de tentar tampar essa lacuna, que mais tarde veio a ser preenchida pelo DCE.

Na verdade, a primeira coisa mais próxima ao DCE a ser criado na UFMT foi o Centro Mato-grossense de Estudos de Geologia, CEMATEGE, que eles copiaram da Universidade de São Paulo, USP. Nesta os estudantes haviam alugado uma casa fora da universidade, e em

---

[68] Também chamada de UNISELVA, foi uma iniciativa da UFMT de se fazer presente, também, na selva amazônica, especialmente por meio do Projeto Humboldt.
[69] Distante da capital Cuiabá cerca de mil quilômetros.

Cuiabá, por meio do CEMATEGE, seguiram o mesmo caminho. Então, o primeiro Diretório Acadêmico de Curso, criado como centro de estudos, foi o da Geologia.

Já em relação à nossa alimentação como estudante, conseguíamos passar, mesmo que precariamente, pois já existia no estado um restaurante, inclusive tinha o nome da esposa do Pedro Pedrossian, governador do estado, o Restaurante Estudantil Maria Aparecida Pedrossian, Remap, não sei quem quis homenageá-la, mas graças a ele tínhamos um lugar para comer com um preço acessível.

Ele foi criado porque não existia Ensino Médio no interior do estado de Mato Grosso, apenas em Três Lagoas, Campo Grande, Corumbá, Cuiabá e Cáceres, essa última era uma cidade grande que ficou parada no tempo, não sei se Dourados já tinha. Quem era da parte onde hoje é Mato Grosso do Sul ia cursar o Segundo Grau em Campo Grande e os que faziam parte do atual Mato Grosso vinham estudar em Cuiabá, então criaram o Remap para atender a esses estudantes. Para utilizá-lo a pessoa precisava comprovar carência, que não tinha parentes em Cuiabá e que estava lá para trabalhar e estudar. Ele acabava salvando, também, nós estudantes da Universidade, eu fui freguês até depois de formado, mas certo dia descobriram que eu já não ganhava o salário mínimo, então fiquei com vergonha e deixei de frequentar.

Nesse período existia uma briga muito grande entre Campo Grande, que diríamos era a capital comercial do estado e Cuiabá que era a capital política, então a compensação que o Pedro Pedrossian, governador do estado na época e posterior governador de Mato Grosso do Sul, encontrou foi manter a Universidade Federal em Cuiabá e criar a Estadual em Campo Grande.

A concorrência, disputa, entre Cuiabá e Campo Grande sempre existiu, especialmente na época da divisão do estado, mas acho que ela não influenciou no interior da Universidade. Depois que fui para Cuiabá acabei perdendo um pouco o contato com o pessoal da Matemática e da universidade de Campo Grande, mas ela era muito bonita, com ruas bem largas.

Para alguns essa rivalidade pode até ser encarada como uma motivação, quando olhada no sentido de que se Campo Grande já tem isso, então temos que fazer na Universidade também, visando melhoras. Em termos econômicos a divisão propiciou um salto qualitativo, pois em 1978, 1979, acreditava-se que Mato Grosso teria uma função parecida com de território, que dependeria de recursos federais para sobreviver, não conseguiria ter autonomia. Então começaram a vir famílias inteiras do norte do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, e o imenso vazio que começava em Chapada dos Guimarães se

estendendo até o Pará, pois entre eles só existia Aripuanã e alguma outra cidadezinha, passou a ser preenchido.

O pessoal chegava, às vezes, sem nada, acredito que a maioria recebeu gratuitamente as terras para colocar algum incentivo, mais tarde outros começaram a vir, vendiam o que tinham no Rio Grande do Sul e compravam vinte vezes mais em Mato Grosso, aumentando muito a ocupação das terras.

Com isso, se considerarmos dados quantitativos de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, talvez Mato Grosso esteja bem melhor do que Mato Grosso do Sul. Quando o estado foi dividido Mato Grosso do Sul era considerado um estado desenvolvido, ao nível de Paraná e Santa Catarina. Não sei o que aconteceu, se as administrações em Mato Grosso do Sul foram muito negligentes, se bem que em Mato Grosso acredito que tal fato também aconteça... Mas o projeto traçado pelo Grande Arquiteto do Universo sempre se concretiza, não há quem o arruíne ou mude, então Mato Grosso está muito bem, graças a Deus, cresceu muito, as cidades se desenvolveram.

Falo desse desenvolvimento, pois quando fui Delegado do Ministério da Educação e do Desporto[70], DEMEC, inaugurei a Escola Agrícola de Campo Novo dos Parecis[71], foi fantástico, toda a cidade abraçou o projeto e quando voltei lá, alguns anos depois, a escola estava arrumadinha, melhorou bastante. Tangará da Serra[72], em 1973, era uma „currutela" de Barra do Bugres[73], hoje é uma cidade muito bonita, bem arrumada. Primavera do Leste[74], Sorriso[75], Juína[76], Juruena[77] e tantas outras, cresceram bastante. Na época em que fui delegado do DEMEC, poderia ter aproveitado para conhecer mais cidades, mas ficava mais dentro de Cuiabá, fiquei nesse cargo do dia 22 de junho de 1995 até quando pedi minha exoneração, em 03 de abril de 1998, quase três anos, sendo que em dezembro desse mesmo ano a delegacia do ministério foi fechada.

Voltando para a UFMT, o professor Dorileo[78] fez o papel de legislador, cuidou de toda a estrutura legal da Universidade, estudou bastante para isso. Em seus discursos sempre falava

---

[70] O Delegado era um representante do Ministro da Educação do estado.
[71] Escola Agrícola Municipal Dorvalino Minosso. Geralmente as escolas agrícolas eram voltadas ao antigo Primeiro Grau, mas essa de Campo Novo dos Parecis ao se cadastrar já visava atender ao antigo Segundo Grau. Dentre as escolas agrícolas uma que ganhou destaque foi a de São José do Rio Claro, pois a comunidade local fazia grande questão de mantê-la em funcionamento.
[72] Distante duzentos e quarenta quilômetros de Cuiabá.
[73] Localizada acerca de cento e sessenta quilômetros da capital.
[74] Dista de Cuiabá cerca de duzentos e trinta quilômetros.
[75] Quatrocentos e vinte quilômetros a separam da capital mato-grossense
[76] Município mato-grossense distante setecentos e cinquenta quilômetros da capital.
[77] Localizada a mais de oitocentos quilômetros de Cuiabá.
[78] Benedito Pedro Dorileo, primeiro vice-reitor acadêmico da UFMT.

da Universidade de Barcelona, mas podia ter sido melhor, acho que foi insuficiente, porque se compararmos a UFMT com a Universidade de Aveiro em Portugal, ambas com a mesma idade, percebemos a diferença; isso também acontece comparando-a com outras instituições, não necessariamente universidades federais, mas instituições públicas que começaram na década de 1970. Embora, talvez, isso também tenha relação com o isolamento de Cuiabá ou mesmo por o pessoal pensar muito pequeno.

Por exemplo, uma coisa que não me sai da cabeça é ter aeroporto em Várzea Grande, sendo que em Cuiabá existia campo de aviação e lugares bem melhores para sua construção, distando uns dez quilômetros do centro.

Eram tantos locais excelentes, a Universidade poderia ter se instalado em outro local, que à época estava a disposição. Ela era grande em 1970, mas ninguém imaginou que iam vender tantos terrenos em seu entorno e acabaria sufocada. Tanto que hoje o Hospital Universitário será construído na estrada para a cidade de Santo Antônio do Leverger[79], lugar distante quinze quilômetros da UFMT, estão pensando em levar todos os cursos da área da saúde para lá, que é uma área cinco, seis, vezes maior que a da Universidade hoje.

Há muito tempo comentam sobre a desativação do Nono Batalhão de Engenharia e Construção, 9º BEC, um exército próximo à Universidade Federal, nele já chegou a funcionar provisoriamente algumas coisas da Universidade antes de 1972. Se o desativarem, ali caberia toda a Faculdade de Educação, todas as licenciaturas, assim a parte de formação profissional poderia ficar ali.

Enquanto isso não acontece vão construindo-se prédios e prédios, pois em termos de espaço não cabe mais nada lá. Alguns comentam em desativar o zoológico, mas isso piorará as coisas, pois transferindo tudo o que tem nele para o Parque Mãe Bonifácia, deixando o estado gastar o dinheiro para mantê-lo, não resolverá o problema do espaço. Como passa um córrego ali, se ele não for canalizado, ao menos vinte metros de cada lado precisam ser preservados.

Então é melhor deixá-lo lá mesmo, no final de semana é uma festa com a visita das crianças, embora nós, trabalhando do lado, muitas vezes não aproveitamos. O pôr-do-sol é extremamente gratificante, algumas aves do Pantanal vêm e passam o dia ali e outras do zoológico saem de manhã cedo e vão passar o dia no Pantanal em Barão de Melgaço[80].

Até uns vinte anos atrás não existiam estudos no mundo para ver como isso começou, mas na verdade o início foi, mais ou menos, assim: há muitos anos atrás o pessoal do

[79] Localizada a trinta quilômetros de Cuiabá.
[80] Distante cerca de cento e dez quilômetros da capital.

zoológico pegou umas aves que chamam de cabeça seca para colocar lá, então cortaram suas asas para não saírem. E como é comum acontecer, o serviço de hoje foi deixado para amanhã, e assim sucessivamente, as asas cresceram e de repente eles começaram a voar, voltando ao final da tarde.

Isso só foi entendido algum tempo depois, quando já existiam alunos de Biologia na Universidade, os quais descobriram essa troca, esse intercâmbio com o Pantanal de Barão de Melgaço, ou seja, a turma de Melgaço ia lá para passar o dia no zoológico, ia para a cidade, e alguns do zoológico iam para o Pantanal. Percebido isso, não cortaram mais as asas e no entardecer fica aquele *‚quê'*, uma turma levantando voo e indo embora e outra chegando, às vezes, acho que é mais bonito lá do que dentro do Pantanal. Então não se deve acabar com ele, enquanto puder mantê-lo.

Mas agora falando novamente do curso, atualmente, se for analisar, uns vinte por cento de cada turma quer se tornar professor de Matemática, os outros oitenta estão lá porque foi mais fácil de entrar ou porque já trabalham, principalmente, como funcionários públicos e querem ter um curso superior para serem promovidos, não estão ali porque gostam de Matemática ou porque querem aprender Matemática.

Certa vez, tive uma aluna que já tinha curso de Química, e estava fazendo Matemática para se preparar melhor para concurso. Falei a ela para não perder seu tempo, disse que não precisava se matricular em um curso de Matemática para isso, que se tivesse vaga poderia assistir a aula sem pagar nada, que seria legal seu interesse, mas que não precisava ser aluna do curso para aprender Matemática, falei também que ela poderia pegar os livros do Segundo Grau e estudar ou mesmo as apostilas de concursos. Ela acabou desistindo, tinha um emprego bom na área da justiça, não exercia seu bacharelado em Química, mas ela queria outro concurso e buscou a Matemática pensando nisso.

Portanto, ultimamente está complicado, começamos o semestre na expectativa, sonhando que aparecerá uma virtuose, mas está difícil. Na minha época, década de 1970, quem fazia Matemática, Física, Química estudava mais, até além do esperado, porque nossos professores eram limitados. Estudávamos Física no livro do Resnick[81] e Halliday[82], que até hoje é usado, o Halliday dá a resposta dos exercícios ímpares, os pares nós fazíamos e o professor João Vasconcellos Coelho corrigia, ele falava com seu jeito de gaúcho: "Tu pode ficar satisfeito que tá bom" e nos indicava novas pesquisas, fazíamos, também, todos os exercícios dos livros do Paulo Boulos e do Granville. Assim íamos levando, quando não

[81] Robert Resnick, professor e autor de livros didáticos de Física.
[82] David Halliday, assim como Resnick, foi autor de livros didáticos de Física e professor.

tínhamos tempo de fazer todos, copiávamos de algum colega, mas todo mundo se preocupava em estudar além do que era cobrado, infelizmente isso foi se deteriorando.

Mudando o foco e falando em cenário político-educacional, no período em que estudei o que marcou foi a Resolução 30, a qual entrou e ocasionou toda a modificação nas licenciaturas, que mais tarde conseguimos contornar. Tempo depois algumas vozes reclamaram e não achei tão errado; tentando melhorar acabamos cometendo outro erro, podíamos ter deixado a Licenciatura em Ciências. Em alguns lugares no Brasil se manteve a Licenciatura Plena em Ciências, então poderíamos também ter mantido.

Dizem que o tempo é o senhor da razão e na realidade é isso mesmo, com o passar do tempo percebemos que aquela licenciatura não era tão ruim assim. Se alguém estivesse com pressa de começar a trabalhar poderia fazer a licenciatura em Ciências para atuar em uma escola, lecionando da 5ª à 8ª série. Cada um poderia escolher se queria fazer Matemática, Física, Química, ou qualquer outra licenciatura ou mesmo Engenharia Civil.

Isso de começar um curso pensando em outro também aconteceu comigo, minha ficha caiu quando precisei trabalhar em Três Lagoas e me cutucaram dizendo que se estava fazendo uma Licenciatura em Matemática, era para lecionar essa disciplina. Quando isso aconteceu pensei em minha época de colégio, às vezes, eu estudava um pouco mais, não por querer aprender, mas porque queria encostar o professor na parede, meu Deus do céu, e se eu pegasse alguns alunos iguais a mim, estaria ferrado, então estudei dobrado, me preparava muito bem para não passar vergonha na sala de aula.

Eu trabalho desde os treze, catorze anos de idade, só parei no último semestre de 1971 para me preparar para o vestibular, mas meu primeiro emprego, mesmo, foi como professor interino em Três Lagoas, e, realmente, a ideia de fazer Matemática era para depois fazer Engenharia. Mas eu me senti tão bem como professor que eu poderia fazer Engenharia Civil em Cuiabá, se eu quisesse, por vestibular ou depois de ter terminado Matemática. No entanto, apenas com cinquenta e sete anos de idade que vim fazer doutorado em Engenharia Elétrica, para dizer que estou fazendo alguma coisa de Engenharia, apesar de estar trabalhando só com Matemática.

Apesar de já ter falado um pouco, anteriormente, sobre minha vida profissional, cabe contar como me tornei professor da UFMT. Formei-me em 26 de julho de 1975, em primeiro de agosto deste mesmo ano, comecei a trabalhar no Departamento de Matemática da UFMT. Lembro-me que colei grau, acho que em um sábado, e na segunda-feira passei no Departamento. No último semestre do último ano, como cursei oito disciplinas, deixei outra

pessoa lecionando em meu lugar na escola estadual e fiquei só com o estágio da Matemática e à noite continuava lecionando em um cursinho pré-universitário.

Fui o primeiro estagiário do Departamento de Matemática, e precisava ficar lá, fazia monitoria de qualquer disciplina do Departamento, o pessoal passava, expunha suas dúvidas e eu atendia a todos. Tinha algumas aulas de manhã e outras à tarde, então eu ficava o dia inteiro na Universidade. Com relação aos turnos de aula, geralmente, os semestres ímpares funcionavam à tarde e os pares pela manhã.

Como disse, logo após minha formatura passei no Departamento e perguntei se tinha algum serviço por lá, me falaram que sim e que me contratariam para ser professor de Cálculo I e II (Agronomia e Engenharia Florestal). De nossa turma foram contratados três, desses o único que ainda está na ativa sou eu, um deles foi o José Figueira de Gusmão[83], contratado para lecionar Introdução a Matemática I e II e o outro o Nilson José Alves Negrão[84]. A Elisete entrou depois, acho que no ano seguinte, ela também foi minha colega de graduação, mas antes de vir cursar Matemática na UFMT, ela fez uma licenciatura ofertada pelo projeto do Premem[85].

Ser professor nesse período era mais pelo status do currículo do que pelo salário, pois pagavam muito mal, quem recebia bem eram os técnicos, que ficavam dentro da Universidade, esses ganhavam muito bem, já o professor ganhava uma mixaria. Assim, se formar professor quando me formei, não era grande coisa, éramos um pouquinho mais respeitados pelas famílias dos nossos alunos, o pessoal tinha aquela história de que alguns alunos, no dia do professor, levavam um presentinho para ele, lembravam de nós nesse dia, hoje em dia não tem mais essas coisas. Às vezes, temos a satisfação de ver algum ex-aluno ou alguém que orientamos fazendo pós-graduação, mestrado, doutorado, ou alguns em destaque na sociedade, virando até deputado ou algo assim. O prefeito de Cuiabá, Mauro Mendes[86], por exemplo, foi meu aluno de 1981 a 1984, o Maurinho. Vivemos dessas satisfações, mas é difícil sentir que você, de fato, é uma pessoa formadora de opinião, que todo professor o é, a sociedade devia respeitar o professor por isso, porém ela valoriza quem tem dinheiro, "esse é o cara", infelizmente o professor "não é o cara".

Mas aprendi muito sendo professor e considero que a melhor forma de aprender é ensinando, e com essa história de dar aula em cursinho, tive uma base boa de Matemática do

---

[83] Aposentado pelo Departamento de Matemática da UFMT.
[84] Foi coordenador do curso de Licenciatura em Ciências de Curta Duração da UFMT.
[85] Licenciatura de Curta Duração em Matemática do Premem (Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio), realizado pelo Cecine (Centro de Ensino de Ciências do Nordeste).
[86] Prefeito com mandato de 2013 a 2016.

Segundo Grau, aprendi preparando as aulas. Às vezes, tinha alguns exercícios que davam trabalho para sair, então levava para o pessoal da Universidade, se mesmo assim não conseguíamos resolvê-lo eu sentava e tentava até conseguir, porém isso quase não acontecia, pois no material que utilizava tinha quase todos os exercícios resolvidos, os que não estavam sempre consegui resolver de forma correta.

Naquela época a coisa era meio ditatorial e o Tiago do DNER, que acho que se aposentou pelo DNIT[87] de Mato Grosso como engenheiro civil, estava dando aula de Cálculo III e IV, e professor da Universidade era obrigado a ser fiscal quando tinha vestibular. Ainda em 1975, houve o vestibular e ele teve que viajar, por conta do DNER, e não foi aplicá-lo, o pessoal da UFMT reclamou e queria descontar de seu salário, então pediu demissão.

Na primeira semana em que estava lecionando Cálculo I e II, a Regina Célia me chamou e falou que mudaria o meu contrato, que pegaria mais duas disciplinas e receberia a mais para isso, eu aceitei. Lá os contratos eram de doze e de vinte e quatro horas, então o meu se tornou de vinte e quatro horas, passei a lecionar também Cálculo III e IV. Assim, em meu primeiro semestre, que foi de agosto a dezembro de 1975, dei aula de Cálculo I, II, III e IV, os quatro Cálculos. Nesse período, no Cálculo I, na Agronomia, foi meu aluno o João Carlos de Souza Maia[88], vice-reitor da Universidade.

Naquele semestre, portanto, fiquei com os quatro Cálculos e ainda trabalhei nos dois cursinhos, pois tinha aberto um novo no segundo semestre de 1975, e como eram muitas aulas no pré-vestibular, arrumei aulas para dois professores que fizeram graduação comigo na UFMT. Nesse tempo, convidaram-me para uma consultoria, na Secretaria de Estado de Educação, Seduc, sobre currículo de Matemática para o Segundo Grau, então também trabalhei com essa consultoria.

Essa consultoria que dei para a Seduc de Mato Grosso, no segundo semestre de 1975, visava uma sugestão de programa de Matemática para ser dado no Segundo Grau, para que o aluno, caso continuasse seus estudos, aquilo lhe servisse não apenas para passar no vestibular, pois não pode ser pensado assim, embora se tenha que considerar isso, mas também para o aluno que faria Contabilidade, Engenharia ou qualquer outro curso, para que pudesse ter uma boa formação de Matemática.

Foi feita uma oficina e apresentado o que vinha sendo feito, depois foi minha vez de apresentar os resultados para a Seduc, consideravam meu acesso à Universidade como algo fundamental. Na apresentação dos planos de ensino teve um professor que havia passado dois

[87] Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes.
[88] Vice-reitor com vigência de mandato de 2012 a 2016.

meses ensinando matrizes, determinantes e sistemas lineares, isso que na época eram mais horas aulas de Matemática semanais, não dava para acreditar. Mas, uma visita à Seduc quase vinte e cinco anos depois, me mostrou que não mudou nada, ainda tem gente fazendo isso.

Com nossos esforços no Departamento de Matemática na UFMT, visando melhoria no ensino dessa disciplina, principalmente no Segundo Grau, descobrimos que as pessoas não tentam ensinar o que não sabem e também não querem aprender. Então, se o professor gosta de matriz, fica enrolando nela o máximo que puder, porque assim não precisa preparar aula, dão qualquer coisa.

Essa é uma questão que não sei como resolver, se fosse secretário de educação do município ou do estado, acho que esse seria o problema mais difícil de ser resolvido, é preciso cobrar, tem que ter algum mecanismo para isso. Aqui no estado de São Paulo colocaram uma questão de produtividade, os sindicatos ficaram indignados, mas esse negócio é bom, se meu aluno passou na olimpíada é sinal que meu trabalho está sendo bem feito ou então alguém que me antecedeu ensinou o aluno a estudar.

Penso que uma cobrança maior é necessária, nós educadores não somos cobrados, e os sindicatos ainda enfatizam isso, meu Deus do céu! Eu faço questão de ser avaliado, quando estou na ativa, encaminho meus planos de ensino para o coordenador do curso, antes de entregar para os alunos, para que seja apreciado e submetido à aprovação do colegiado do curso, faço a minha parte. Não está tendo essa cobrança e tem que ter, não tem porque ter medo de avaliação. Será que teremos que criar uma peça teatral para começar a apresentar em todas as escolas do país? Mostrar que vale a pena, porque um país não poderá ser de primeiro mundo se não evoluir na educação. Um país com a oitava ou décima economia do mundo e com uma posição no ranking na educação que nos assusta.

Infelizmente, isso não afeta a maioria de nossos colegas professores, e deveria assustar, o pessoal tinha que sair na rua para que o Secretário Municipal de Educação percebesse que eles estavam certos e brigasse com o Secretário Estadual, que consequentemente apelaria para o MEC, que teria que se posicionar. Os conselhos de Educação Básica e de Educação Plena precisam fazer alguma coisa, mas quem participa do Conselho Nacional de Educação ou de qualquer uma das Câmaras está lá por indicação, se é da escola pública é por indicação política, e a das particulares por indicação do Comitê das Escolas Particulares, não tem ninguém competente, com algumas exceções. Eu até acho que a educação terá remédio, mas penso que não será no meu tempo.

Falo isso porque a educação tem piorado, pode até parecer coisa de gente antiga, mas nesse país esqueceram que o mérito é o papel mais importante na avaliação, para qualquer

coisa, não só na escola e no trabalho. Ficam criando cotas daqui e dali, mas se você reparar, o presidente do país mais poderoso do mundo é negro, ele não está lá porque tem uma cota para ter negro na presidência, ele está lá porque soube, no mundo dominado pelos brancos, ter astúcia para jogar. A mesma coisa com aquele inglês que é negro e soube ser o melhor possível na Fórmula 1, não precisou de cota; enquanto que em nosso país existem pessoas com ideias tão estúpidas como achar que você precisa ter cota para resolver os problemas. O que precisamos é melhorar o ensino no Primeiro e no Segundo Grau, para que, de repente, as pessoas que não têm acesso, possam tê-lo, para que tenham melhores professores, laboratórios e escolas, permitindo que entrem no jogo e garantam seu lugar com o seu mérito.

Mas, voltando a falar da UFMT, lembro que Karl Marx[89] definia as classes sociais como sempre estando em conflito, isso também acontece com a Universidade que sempre está em conflito, embora tenha melhorado bastante, principalmente em termos de programa de pós-graduação. No início lembro que os departamentos, principalmente, os que davam maior assistência às licenciaturas, procuraram dar apoio para que o mestrado em Educação começasse a funcionar.

Mais tarde, quando ele correu o risco de ser fechado, começou uma busca por doutores. Na época, eu estava na chefia do Departamento de Matemática e o Nicanor Palhares de Sá[90], que era o coordenador do programa de pós-graduação, e o Tarso Mazzotti[91] vieram falar comigo. Havia poucos doutores na Universidade, então me pediram se tinha alguém com doutorado na área, que pudesse dar um apoio à Educação. Como não tinha pediram para que, se pudéssemos, trouxéssemos pessoas para trabalhar no programa de pós-graduação em Educação, permitindo que ele pudesse se manter funcionando.

O João Afonso Silva, professor do nosso Departamento, que estudava em Rio Claro, hoje já aposentado, ficava em uma república com outro rapaz, um holandês ou algo assim, que conhecia o diretor do Instituto de Didática da Matemática de Bielefeld lá da Alemanha, o Michel Otte[92]. Consegui o fax dele, escrevi uma carta e pedi para o Paulo Afonso Orlando de

---

[89] Viveu no século XIX, foi um sociólogo, filósofo, historiador, jornalista, economista e revolucionário socialista alemão. Suas teorias a respeito da sociedade, política e economia ficaram muito conhecidas.

[90] Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, está na UFMT desde 1984.

[91] Tarso Bonilha Mazzotti, doutor em Educação pela Universidade de São Paulo, foi professor da UFMT de 1987 a 1992.

[92] Doutor em Matemática pela Universitat Munster, na Alemanha. Linhas de pesquisas em que atua no mestrado e doutorado em Educação da UFMT: Matemática e Resolução de Problemas, Aspectos Epistemológicos e Históricos da Matemática e Educação Matemática, e Pensamento Teórico e Conhecimento Comum em Matemática (Informações retiradas do site <www.ie.ufmt.br>).

Morais[93] (professor do Departamento, que também já se aposentou há algum tempo) traduzi-la para o inglês.

Naquela época só tinha um aparelho de fax na reitoria, de onde o passamos. No terceiro fax trocado, o Otte já estava arriscando falar algumas coisas em português. Ele tinha dado uma palestra em Rio Claro e me falaram que tinha gostado muito do Pantanal, isso me deixou mais otimista, pensei que talvez pudesse ir nos ajudar e foi isso que aconteceu. Nesse terceiro fax já mandou os formulários do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico, DAAD, para preenchermos para que pudesse vir para Cuiabá. Corremos, preenchemos e mandamos uma cópia para um escritório do DAAD no Rio de Janeiro, mandamos também para a Alemanha.

Preenchemos os documentos em 1992 e em 1993, eu até já havia saído da chefia do Departamento, o Otte foi para Cuiabá. Ele tinha um trabalho para fazer em Rio Claro com aquele casal: Terezinha[94] e David Carraher[95], que estudavam psicologia cognitiva em Recife, então ficou uns dias lá. Eu fiz um projetinho e mandei para a Capes e foi aprovado, esse projeto financiou a estadia de dez, doze dias, dele conosco; o DAAD pagou a passagem até Cuiabá, logo, não precisamos gastar com isso.

Ao chegar à capital, conversou e conheceu o pessoal do Gepemat e da Educação e após esse período optou por Cuiabá. Depois eu pedi para ele o título de professor Honoris Causa, ao que ele falou que isso era coisa que o Dornellas inventou para levá-lo para lá. E, desse modo, contribuímos com o Programa de Pós-Graduação em Educação. Além do Otte tinha um rapaz, que depois passou em outro concurso nosso, que estava terminando o doutorado no Canadá, na Universidade de Laval, que idealizávamos que viesse a participar do programa de pós da Educação.

As primeiras orientandas do Otte foram a Elisete e a Heliete, sendo que dessa forma começou a participação do Departamento de Matemática junto ao programa de mestrado em Educação. Acho que isso se deu efetivamente em 1994, o Otte vinha e passava um mês em Cuiabá, mas ao final da tarde de sexta-feira ele largava tudo para ir para o Pantanal.

---

[93] Paulo Afonso Orlando de Morais, professor do Departamento de Matemática desde 1976.
[94] Terezinha Nunes Carraher, psicóloga e professora universitária, autora do livro: Na vida dez, na escola zero.
[95] David Willian Carraher, professor de Psicologia em Recife, na Universidade Federal de Pernambuco.

De cabeça, eu não sei quantos mestres e doutores ele orientou, dos que orientou no doutorado, que estão no departamento tem o Sérgio, a Gladys Wielewski[96], a Luzia Palaro[97], o Alexandre Silva Abido[98] e o Demilson[99].

Hoje, em termos de programa de pós-graduação em Matemática, na UFMT, temos o Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional, PROFMAT[100], para o qual parece que a ideia do pessoal da Coordenação Nacional é de no prazo de uns cinco anos cada Universidade ter o seu próprio, pois eles emprestaram o filho para aprendermos a cuidar e depois desse tempo cada um cuida do seu filho.

Nós até tentamos montar a uns cinco anos um programa, mas não com um projeto específico de Matemática, ele seria interdisciplinar, onde entraria Matemática e Estatística, mas não deu certo. O projeto não funcionou e depois o pessoal largou de mão, vamos ver de agora para frente, para daqui uns dois anos talvez seja possível. Se der tudo certinho daqui um ano devo estar de volta à Cuiabá, imagino que agora conseguiremos, pois temos um número maior de pessoas com doutorado e já temos o Profmat encaminhado de modo que possa continuar.

Os esforços desses últimos cinco anos se entrelaçam primeiro com as olimpíadas das escolas públicas, segundo por aquele treinamento dos professores do Ensino Médio, aquelas aulas que o pessoal do Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada - Impa - promovem, justo eles que há quarenta anos hostilizavam a área de ensino, e hoje em dia estão realmente ensinando Matemática e, por fim, o Profmat. Então essas três coisas são interligadas e isso está funcionando muito bem, portanto, indiferente de quem entrar no governo temos que bater o pé para não mexer nisso, se for possível melhorar: ótimo! Mas é preciso manter de onde está para cima.

Atualmente, a estrutura para formar profissionais é melhor, mas o material humano com que trabalhamos não. Acho que há certo exagero na imposição de tantas horas para a formação profissional, que o professor empurra goela abaixo. Na UFMT, agora, temos Educação Matemática I, II, III e IV e o conteúdo passou a ser insignificante, sendo que ele é

---

[96] Doutora em Educação Matemática, atua na graduação e Pós-Graduação na UFMT, pesquisando a respeito da História da Educação Matemática, História da Matemática, Resolução de Problemas, Pensamento Matemático e Didática da Matemática.

[97] Foi coordenadora de ensino de graduação em Matemática da UFMT.

[98] Doutor em Educação, 2012, pela UFMT.

[99] Demilson Benedito do Nascimento, já atuou na chefia do Departamento de Matemática.

[100] O PROFMAT trata-se de uma pós-graduação *stricto sensu*, semipresencial, que visa aprimoramento da formação dos professores da Educação Básica em exercício. Ofertado nacionalmente por uma rede de instituições de Ensino Superior, no contexto da Universidade Aberta do Brasil (UAB), sendo coordenado pela Sociedade Brasileira de Matemática (SBM). Aos professores da rede pública que o cursam é prevista bolsa de estudos da Capes.

tão importante. Na formação profissional é necessário saber Matemática, não adianta o professor ser simpático, envolvente, se não souber Matemática, essas coisas tem que estar interligadas. Talvez, primeiro a pessoa deva aprender Matemática para depois aprender a ensiná-la.

Em 1985, imaginávamos que poderíamos fazer isso simultaneamente, mas hoje chego à conclusão que não é assim. Nos últimos três anos, antes de me afastar para o doutorado, eu trabalhava com Fundamentos de Matemática e dos setenta alunos que entravam sete ou oito o terminavam, mas esses eram bons alunos em Educação Matemática, Didática, Psicologia, entre outras, sem problema algum; tinham domínio do conteúdo e tiveram uma boa formação profissional, porém esses podem ser parte daqueles vinte por cento que querem fazer Matemática.

Agora, principalmente com a vinda do Exame Nacional do Ensino Médio, Enem, nós, como professores, precisamos encontrar a melhor estratégia para trabalhar. Quando entramos em sala sondamos os alunos para ver o que poderemos trabalhar e a melhor forma de o fazermos para permitir que aprendam o conteúdo, buscamos conhecer a turma. Talvez seja mais cômodo para a Universidade deixar tudo por conta do Enem, porque assim qualquer confusão não cai sobre a instituição, mas isso acaba ocasionando que muitos alunos se inscrevam em cursos nos quais não tem interesse, apenas porque conseguiriam entrar. Se aplicarmos um questionário no primeiro dia de aula, aos quarenta alunos na Matemática, perguntando por que querem ser professor dessa disciplina, provavelmente, receberemos como resposta que queriam ser engenheiros, ou algo assim, e farão Matemática para aproveitar algumas disciplinas, eu também sou fruto disso, como já falei.

Além disso, outra coisa que nos deixa muito triste e sem saber o que fazer é em relação à quantidade de analfabetos funcionais que recebemos, isso em uma Universidade Federal, imagina nas particulares.

Então, visando melhor atender e valorizar o que os alunos sabem, há uns dez, quinze anos, após a realização das provas faço uma segunda correção dela com o aluno, sento com cada um e peço que me explique como chegou ao resultado, busco entender o raciocínio utilizado e em certos momentos me surpreendo, quando apresentam caminhos que eu não havia pensado, com isso também aprendo, mas nem sempre é fácil, são muitos alunos, muitos trabalhos e provas, e poucos professores para atender. A cada prova são cerca de setenta alunos e preciso dispensar pelo menos cinco minutos com cada um, embora tenha essa questão do tempo, é uma oportunidade de me aproximar deles, de entender porque não conseguiram fazer certo exercício e dar uma orientação, indicar livros, sites, para um novo

estudo, permitindo que ainda tenham tempo de se recuperar. Mas, fazendo isso me sinto aquele colibri que foi buscar a água e está borrifando o incêndio da floresta, se vai dar certo eu não sei, mas quem sabe tenham outros colibris por aí para ajudar.

Considero muito importante esse trabalho que você está fazendo e espero que outros também o façam, falando nisso, lembro-me de uma pesquisa voltada à formação de professores de Matemática no antigo estado de Mato Grosso, quando Mato Grosso do Sul ainda fazia parte de Mato Grosso, o projeto era de um rapaz de Sinop[101], Denizalde Jesiel Rodrigues Pereira[102], estava pesquisando junto com um professor de História, ele fez o doutorado na Unicamp, em Educação, sua proposta inicial era continuar essa pesquisa, no entanto, não sei se deu sequência a ela, pois não me deu mais retorno. Eu acho que devemos reviver a história da profissão do professor de Matemática, temos que mostrar as dificuldades pelas quais nossos colegas passaram/passam e precisamos cobrar de quem pode resolver esses problemas, para que esse profissional possa fazer um trabalho melhor. O que me entristece é que a solução existe e é factível, mas não vemos acontecer, acho que a primeira coisa que precisa acontecer é uma igualdade curricular. Enquanto isso não acontece, mais nos motivamos a sair nas ruas para protestar.

Para finalizar quero compartilhar alguns momentos que temos vivido juntos, eu e meus colegas de graduação, seguidamente nos encontramos: em 1998 ou 1999, por exemplo, fiz um churrasco em casa e dos sete que se formaram somente duas não foram, a Rosa Maria Taques, que está para esse lado de São Paulo, acho que em Presidente Epitácio, e a Maria Gonzaga de Mello, que depois fez mestrado em Biblioteconomia.

O nosso último encontro foi interessante. Fomos eu, Elisete, Nilson e Figueira, nós quatro, mandamos rezar uma missa na mesma igreja em que foi rezada nossa missa de formatura, no Santuário Nossa Senhora Auxiliadora, do colégio dos padres. A esposa do José Figueira marcou tudo direitinho com o padre para que nossa turma fosse uma das intenções da missa. Ao final da celebração o padre mandou que os formandos de Matemática fossem lá na frente, acho que ele entendeu errado, o pessoal ficou até assustado, um careca, eu de cabelo branco, só a Elisete que deve pintar o cabelo que não parecia tanto. Então explicamos para o padre que não era isso, que na realidade estávamos comemorando trinta e cinco anos de formados e aí ele fez a correção.

---

[101] Município localizado a quinhentos quilômetros da capital.

[102] Sua tese de doutorado teve como título: História do movimento democrático que criou a Sociedade Brasileira de Educação Matemática – SBEM.

Então, sempre tenho disso, esses dias liguei para o José Figueira, ele seguidamente me manda e-mail para começarmos a organizar, porque em 2015 são quarenta anos de formados, vamos fazer alguma coisa não podemos deixar passar em branco.

5. Elisete de Miranda

Meu nome é Elisete de Miranda, nasci em Cuiabá, capital de Mato Grosso no dia dezenove de maio de 1952, onde começa minha história de vida, e isso já faz algum tempo! Meus pais: Bertides de Miranda, profissão motorista e Juvita de Miranda, dona de casa, ambos nasceram na zona rural de Várzea Grande-MT e mudaram-se para Cuiabá onde construíram sua família com seis filhos. Sou a terceira filha, antes de mim, nasceram Neuzenir e Marly, depois, vieram Marlene, Euclides e Mariley. Meus pais fizeram apenas o curso Primário, enfrentaram muitos desafios, mas sempre com serenidade, souberam educar os filhos com sabedoria e dignidade. Meu pai tinha pouco conhecimento acadêmico, mas considerava importante "estudar para ser alguém na vida" e não mediu esforços para que estudássemos, vislumbrando, assim, um futuro melhor para nós. Morei sempre aqui em Cuiabá, sinto orgulho de ser cuiabana. Sou solteira, tenho uma filha que se chama Maíra, sinto-me realizada como mulher e mãe. Minha filha é algo especial que aconteceu em minha vida, temos uma ótima convivência, pautada na amizade, companheirismo e compreensão.

Minha formação escolar se deu em escolas públicas da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso. Fiz o curso primário (1959-1962) no Grupo Escolar Leovegildo de Melo e o ginasial (1963-1966) no Ginásio Brasil. Prossegui os estudos, fazendo o curso científico (1967-1968) no Colégio Estadual de Mato Grosso - hoje Liceu Cuiabano (1º e 2º anos), e no Colégio Ateneu Dom Bosco em Goiânia (1969) fiz o 3º ano, finalizando o curso Secundário. Depois ingressei no Ensino Superior na Universidade Federal de Mato Grosso, concluindo o curso de Matemática em 1975.

Comecei a trajetória profissional ministrando aulas de matemática na rede Estadual de Ensino de Cuiabá, de quinta a oitava série do Ensino Fundamental (1972 a 1975) depois no Ensino Médio de 1976 a 1980 e por fim ingressei no Ensino Superior trabalhando na UFMT, de 1978 a 1996, um sonho que se tornou realidade. Em cada uma dessas etapas houve um aprendizado, mas foi na UFMT como professora do Departamento de Matemática no decorrer de 18 anos que conquistei as melhores oportunidades de crescimento profissional, ampliando meus saberes e práticas, fazendo cursos de especialização, de mestrado e principalmente dedicando às atividades relacionadas ao ensino, à pesquisa e extensão. Hoje sou aposentada pela Universidade[1], mesmo depois de aposentada continuei trabalhando.

[1] UFMT, sempre que a palavra Universidade se apresentar com letra maiúscula fará referência à Universidade Federal de Mato Grosso.

Pensando em Cuiabá de outrora, era uma cidade pequena, pouco desenvolvida, mas tranquila para se morar, você conhecia todo mundo, saía na rua e encontrava as pessoas e as famílias, os rios eram limpos, a região do porto[2], onde se localizava o mercado do peixe era bonita. Na cidade quase não havia violência, como a de hoje, brincávamos na rua até tarde da noite, não tinha problema algum, era muito legal. No meu tempo de escola, ou seja, quando estudávamos no Primário[3] e no Ginásio[4] andávamos muito a pé, pois não havia transportes coletivos em Cuiabá e no „calorão" que fazia e continua fazendo nesta cidade, não era agradável caminhar pelas ruas durante o dia.

No período correspondente ao Ginásio convém destacar o seguinte: era muito rígida, por parte da direção da escola, a exigência aos alunos em participarem do desfile de sete de setembro, era uma coisa inaceitável, mas que devia ser acatada, digo isso porque, às vezes, não queríamos nem podíamos (financeiramente), mas os pais eram obrigados a comprar uniforme especial para os filhos desfilarem. Além disso, tínhamos que cumprir muitas horas de ensaios para o desfile. Hoje em dia, percebe-se que há liberdade de escolha, participam do desfile aqueles que desejam, não há uma obrigatoriedade. Outro agravante era que o professor de Educação Física, no colégio em que estudei, era militar, e cobrava disciplina. De modo geral nas aulas de outras matérias, havia muita seriedade dos professores, eles eram bastante exigentes, mas em contrapartida dominavam os conteúdos a serem abordados e realmente aprendíamos. Os alunos faziam fila antes de entrar para a sala de aula, cantavam o Hino Nacional, também as datas comemorativas eram respeitadas. Eu não via isso como uma exigência, e sim como uma questão baseada na ética e moral, acho que mostrava esse lado. Penso que as pessoas desse tempo eram mais responsáveis com os estudos, desde jovens, muitos já trabalhavam para sustentar seus estudos. Hoje por exemplo, "no meu entender" observo que as novas gerações não são tão comprometidas com as obrigações do cotidiano, como deveriam ser, é claro que há exceções. Acredito que levamos para a vida profissional valores que cultivamos na vida de estudante.

No Ginásio o professor de Matemática, não tinha formação específica de Matemática, mas tinha domínio e transmitia com propriedade o conteúdo. Já no ensino Secundário, dentistas, agrônomos ou profissionais de áreas afins, competentes ministravam aulas de Física, Química e às vezes de Matemática, devido à escassez de professor dessa área, isso é um fato que ainda perdura. Eu tive uma professora que tinha formação em Matemática, mas

[2] Porto do Rio Cuiabá, tido como o berço da capital.
[3] Atual Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano).
[4] Atual Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano).

não era formada em Mato Grosso, a professora Aída Figueiredo, mãe do Cristóvam Marcelo de Figueiredo, professor da UFMT. Em se tratando da formação de professores existia o curso da CADES[5], que algumas pessoas faziam para lecionar, no entanto, sobre esse curso sei apenas o seguinte: quem não era graduado precisava fazê-lo, obtendo assim uma autorização/registro para lecionar.

Quando conclui o curso de Matemática em 1975, ainda estávamos em plena Ditadura militar brasileira (1964-1985), durante esse período, os militares interferiram na conjuntura social do país limitando as liberdades coletivas e individuais, com a instituição dos atos institucionais (AI"s). O presidente da República detinha plenos poderes para governar de acordo com princípios ditatoriais. Diante dessa situação eu não procurava participar de grupos ativos de discussão, inclusive achava os Centros Acadêmicos da Universidade, os Diretórios Centrais de Estudantes, DCEs, não muito atuantes. Já, no Secundário[6], quando cursei o Científico, eles eram mais ativos; fui colega de sala do Dante de Oliveira[7] que era membro do DCE do nosso colégio, na década de 1970 , ele já era bem comprometido com as questões políticas, tanto que se tornou governador do Estado. Na Universidade, como a nossa turma era pequena, não participávamos muito de discussões, e devido ao meu trabalho, então saía da faculdade e dirigia para a Escola Polivalente onde lecionava, não me envolvendo com os movimentos, pois tinha pouco interesse e também certo medo ou receio, sei lá! Mas nesse período de repressão não era permitido falar o que realmente se pensava, principalmente em se tratando de educação e política.

Mais tarde veio para Cuiabá o curso de Matemática do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá, ICLC. Sobre esse curso sei que duas pessoas o fizeram, sendo concluintes dele a professora Nilda Bezerra[8] e o professor Luiz Gonzaga[9] que, foram nossos professores na UFMT e posteriormente tornaram-se nossos colegas de trabalho.

O Instituto começou funcionando no Liceu Cuiabano[10], colégio localizado na parte central da cidade, onde fiz o curso científico, anteriormente chamado de Escola Estadual[11],

---

[5] Campanha de Difusão e Aperfeiçoamento do Ensino Secundário.
[6] Atual Ensino Médio.
[7] Governador de Mato Grosso entre 1995 e 2002 e prefeito de Cuiabá de 1993 a 1994. Elaborou uma emenda constitucional propondo a volta das eleições diretas, a qual leva seu nome.
[8] Nilda Bezerra Ramos, aposentada pela UFMT, local onde trabalhou como professora desde 1973. Colaboradora desta pesquisa.
[9] Luiz Gonzaga Coelho, professor aposentado pela UFMT, onde começou a lecionar em 1972.
[10] Escola Estadual Liceu Cuiabano "Maria de Arruda Müller", localizada na Rua General Ramiro Noronha, no Bairro Quilombo de Cuiabá.
[11] Escola Estadual de Mato Grosso.

nessa época havia em Cuiabá também a Faculdade de Direito[12], que funcionava em um local separado do ICLC. Sei que no Instituto de Ciências e Letras funcionava também o curso de Ciências Econômicas, mas com relação ao de Matemática só fiquei sabendo quando conheci a Nilda e o Luiz Gonzaga.

Todos os cursos do Instituto funcionavam no mesmo local, mas ele não tinha sede própria. De acordo com minha irmã o Instituto foi transferido para a Escola Barnabé de Mesquita[13], quando esta foi instalada no prédio construído no final da Rua Barão de Melgaço, bairro do Porto. Não sei quanto tempo o ICLC funcionou lá, depois o mesmo foi para a Universidade.

Não me lembro do período da transição do ICLC para a UFMT, pois morava em Goiânia onde concluí o curso Secundário. Quando voltei para Cuiabá participei de um processo seletivo e ingressei em um curso[14] realizado em Recife, o qual estava incluído no projeto do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio (Premem) de abrangência nacional, em que dez alunos de todas as capitais brasileiras foram selecionados para fazê-lo. Chegando à Recife constatamos que o curso era Licenciatura de Curta Duração, abrangendo as duas áreas do conhecimento, Ciências e Matemática. Dos alunos selecionados pelas Secretarias de Educação dos Estados, cinco foram indicados para Ciências e cinco para Matemática. Os selecionados de Cuiabá, para Matemática, fomos: o Luiz Gonzaga, a Rosa do Carmo Taques, eu, a Udenyr Amorim de Oliveira e a Celina Dias Pereira.

Tal curso tratava-se de uma Licenciatura de Curta Duração oferecido pelo Centro de Ensino de Ciências do Nordeste, Cecine/UFPE, com duração de um ano organizado de forma intensiva, tínhamos aula o dia inteiro, bem como nos finais de semana, isso para cumprirmos toda a carga horária estipulada. Fizemos todas as disciplinas de cunho metodológico (Didática, Estrutura do Ensino, Prática de ensino...) e também as de fundamentação Matemática. Esse curso transcorreu um pouco diferente da Licenciatura Curta que veio depois. Tanto é que o curso não se chamava de Curta Duração, e sim Licenciatura em Ciências e Licenciatura em Matemática; similar à proposta curricular da Licenciatura Curta, mas com carga horária maior. Recebemos nosso diploma pela Universidade Federal de Pernambuco, UFPE (Figuras 7 e 8, já na Figura 9 é disponibilizado o histórico escolar, da depoente, correspondente ao referido curso). Este curso foi decisivo para minha escolha

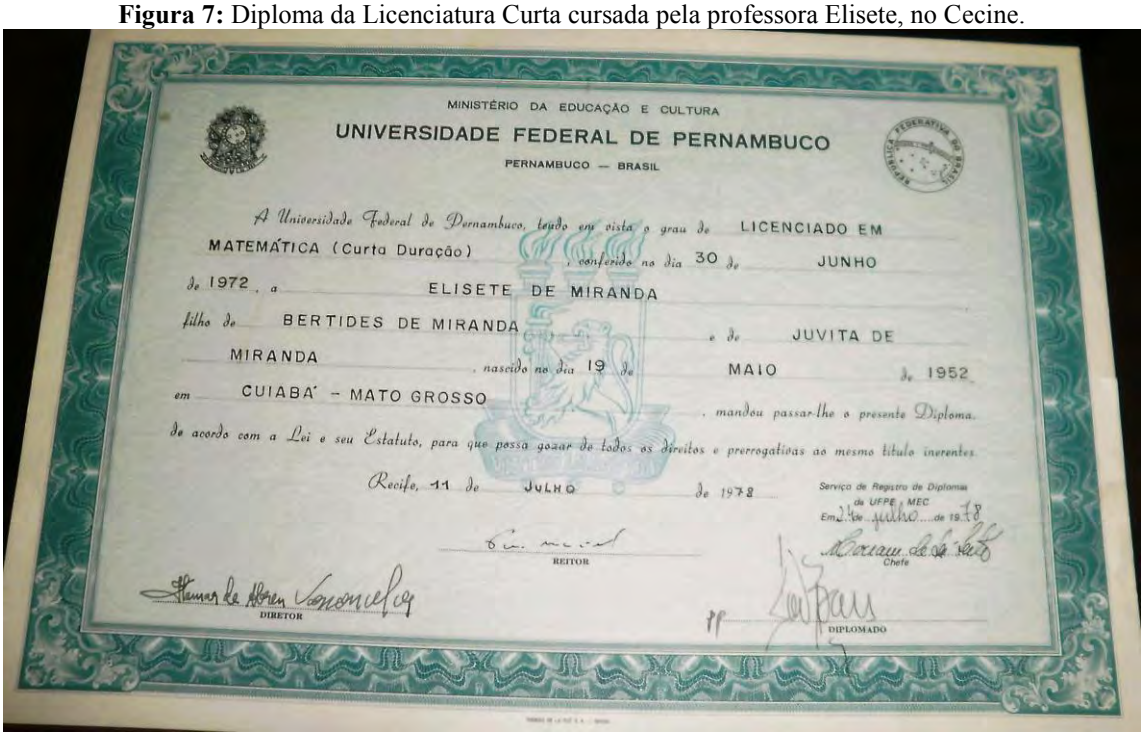
[12]A Faculdade de Direito, bem como o ICLC, foram incorporadas à Universidade Federal de Mato Grosso, no período de sua criação.

[13] Escola José Barnabé de Mesquita, recebeu este nome em homenagem ao escritor e jurista cuiabano José Barnabé de Mesquita.

[14] Licenciatura de Curta Duração em Matemática do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio (Premem), realizado pelo Centro de Ensino de Ciências do Nordeste (Cecine).

profissional. Talvez se não o tivesse concluído não teria a oportunidade de fazer o curso de Matemática da UFMT.

Figura 7: Diploma da Licenciatura Curta cursada pela professora Elisete, no Cecine.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

PERNAMBUCO — BRASIL

A Universidade Federal de Pernambuco, tendo em vista o grau de LICENCIADO EM MATEMÁTICA (Curta Duração), conferido no dia 30 de JUNHO de 1972, a ELISETE DE MIRANDA filho de BERTIDES DE MIRANDA e de JUVITA DE MIRANDA, nascido no dia 19 de MAIO de 1952 em CUIABÁ - MATO GROSSO, mandou passar-lhe o presente Diploma, de acordo com a Lei e seu Estatuto, para que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas ao mesmo título inerentes.

Recife, 11 de JULHO de 1978

REITOR

DIRETOR

DIPLOMADO

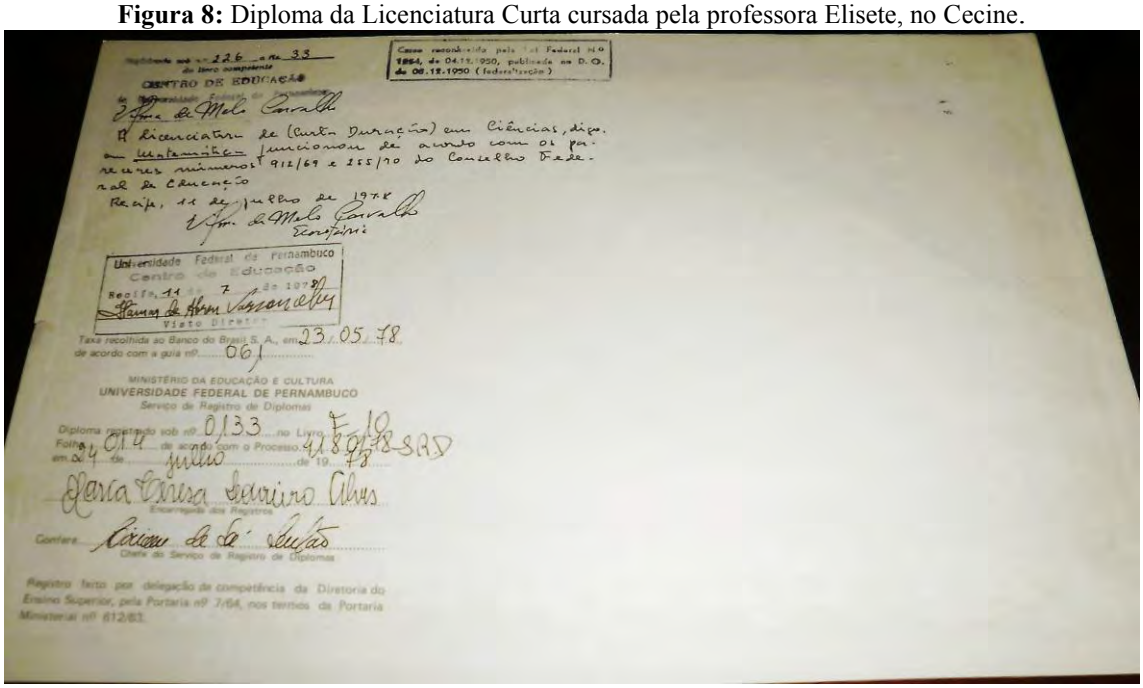
Serviço de Registro de Diplomas da UFPE / MEC

Em 24 de julho de 1978

Chefe

Fonte: Acervo pessoal da depoente.

Figura 8: Diploma da Licenciatura Curta cursada pela professora Elisete, no Cecine.



Registrado sob nº 126 em 33 do Livro competente

CENTRO DE EDUCAÇÃO

da Universidade Federal de Pernambuco

Curso reconhecido pela Lei Federal nº 1954, de 04.11.1950, publicada no D.O. de 08.12.1950 (federalização)

A licenciatura de (Curta Duração) em Ciências, digo, em Matemática funcionou de acordo com os pareceres números 912/69 e 255/70 do Conselho Federal de Educação

Recife, 11 de julho de 1978

Secretário

Universidade Federal de Pernambuco

Centro de Educação

Recife, 11 de 7 de 1978

Visto Diretor

Taxa recolhida ao Banco do Brasil S.A., em 23.05.78 de acordo com a guia nº 061

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Serviço de Registro de Diplomas

Diploma registrado sob nº 0133 no Livro F-10 Folha 014 de acordo com o Processo 218078-SRD em 24 de julho de 19 78

Encarregada dos Registros

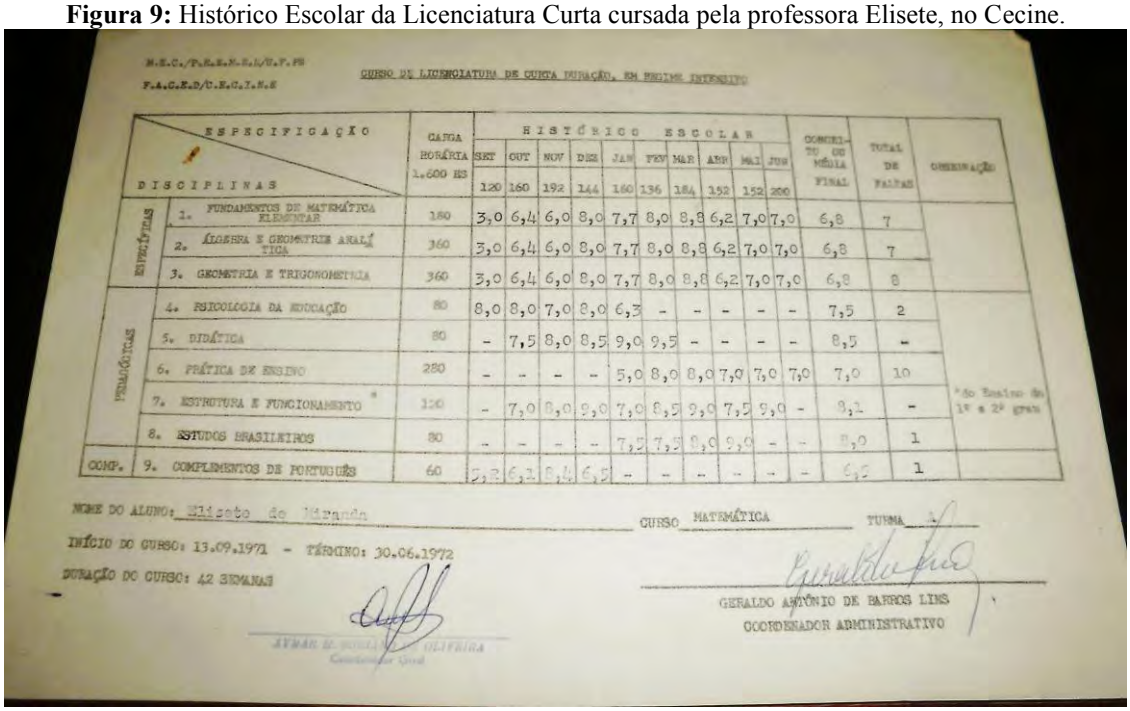
Confere

Chefe do Serviço de Registro de Diplomas

Registro feito por delegação de competência da Diretoria do Ensino Superior, pela Portaria nº 7/64, nos termos da Portaria Ministerial nº 612/63.

Fonte: Acervo pessoal da depoente.

Figura 9: Histórico Escolar da Licenciatura Curta cursada pela professora Elisete, no Cecine.



M.E.C./P.R.E.N.E.L/U.F.PE
F.A.C.E.D/U.E.C.I.E

CURSO DE LICENCIATURA DE CURTA DURAÇÃO, EM REGIME INTENSIVO

	ESPECIFICAÇÃO / DISCIPLINAS	CARGA HORÁRIA 1.600 HS	HISTÓRICO ESCOLAR SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	CONHECIMENTO DA MÉDIA FINAL	TOTAL DE FALTAS	OBSERVAÇÃO
			120	160	192	144	160	136	184	152	152	200			
ESPECÍFICAS	1. FUNDAMENTOS DE MATEMÁTICA ELEMENTAR	180	3,0	6,4	6,0	8,0	7,7	8,0	8,8	6,2	7,0	7,0	6,8	7	
	2. ÁLGEBRA E GEOMETRIA ANALÍTICA	360	3,0	6,4	6,0	8,0	7,7	8,0	8,8	6,2	7,0	7,0	6,8	7	
	3. GEOMETRIA E TRIGONOMETRIA	360	3,0	6,4	6,0	8,0	7,7	8,0	8,8	6,2	7,0	7,0	6,8	8	
PEDAGÓGICAS	4. PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO	80	8,0	8,0	7,0	8,0	6,3	-	-	-	-	-	7,5	2	
	5. DIDÁTICA	80	-	7,5	8,0	8,5	9,0	9,5	-	-	-	-	8,5	-	
	6. PRÁTICA DE ENSINO	280	-	-	-	-	5,0	8,0	8,0	7,0	7,0	7,0	7,0	10	
	7. ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO *	120	-	7,0	8,0	9,0	7,0	8,5	9,0	7,5	9,0	-	8,1	-	*do Ensino de 1º e 2º grau
	8. ESTUDOS BRASILEIROS	80	-	-	-	-	7,5	7,5	8,0	9,0	-	-	8,0	1	
COMP.	9. COMPLEMENTOS DE PORTUGUÊS	60	5,2	6,2	8,4	6,5	-	-	-	-	-	-	6,5	1	

NOME DO ALUNO: Elisete de Miranda CURSO MATEMÁTICA TURMA 4

INÍCIO DO CURSO: 13.09.1971 - TÉRMINO: 30.06.1972

DURAÇÃO DO CURSO: 42 SEMANAS

GERALDO ANTÔNIO DE BARROS LINS
COORDENADOR ADMINISTRATIVO

AYMAR DE [illegible] OLIVEIRA
Coordenador Geral

Fonte: Acervo pessoal da depoente.

O curso proposto pelo Cecine/ UFPE destinava-se a formar professores para trabalhar na Escola Modelo[15] em Cuiabá denominada Escola Polivalente Santos Dumont, localizada no Bairro Várzea Ana Poupino, na qual dar-se-ia a implantação da Lei 5692/71[16], que tinha como foco principal a questão da orientação para o trabalho e oficinas práticas. Foi um período de bastante investimento de recursos financeiros para essas escolas, só a remuneração do professor deixou a desejar não atingindo patamares reivindicados pela categoria.

A Escola Polivalente de Cuiabá, hoje Escola de 1º Grau Santos Dumont, foi a primeira escola em que trabalhei, porque tivemos que cumprir o contrato firmado com a Secretaria de Educação de MT, por ter sido preparada em Recife para compor o quadro de professores da nova escola e porque nela havia toda infraestrutura, como por exemplo: biblioteca bem equipada com livros de todas as áreas e com os livros que usávamos com os alunos (estes

[15] Escolas criadas em todo o país no período militar como parte da reforma educacional prevista na Lei 5692/71, que tornou o ensino de Primeiro e Segundo Grau (atuais Ensino Fundamental e Médio) obrigatório e profissionalizante. Visava preparar os alunos para o mercado de trabalho, atendendo a sociedade com mão-de-obra qualificada. Deixou de existir devido a grande oneração financeira que despendia para sua manutenção, tanto de pessoal quanto para atender aos laboratórios e demais estruturas. A equipe de planejamento destas escolas era composta de educadores e pela Equipe de Planejamento de Ensino Médio, EPEM, apoiada pelo Programa de Expansão do Ensino Médio, Premem, que buscavam, por meio destas escolas, a expansão e melhoria do Ensino Médio. Este projeto além da implantação das escolas e mudança no ensino, visava treinamento de professores. Todas as capitais e o Distrito Federal seriam atendidas e com isso esperava-se uma menor procura pelo Ensino Superior. (RESENDE, 2008).

[16] Aprovada em agosto de 1971, direcionava os antigos Ensino de Primeiro e Segundo Graus, atuais Ensino Fundamental e Médio, para o trabalho, ou seja, tinha caráter profissionalizante. As disciplinas possuíam um núcleo nacional comum obrigatório e uma parte específica para atender as particularidades de cada região e alunos.

recebiam gratuitamente); laboratório específico para aulas de Desenho, nessa época tinha Desenho no currículo do Primeiro Grau, e quem lecionava Matemática, também ficava com Desenho. Foi gratificante trabalhar na Escola Polivalente, apesar da baixa remuneração salarial que recebíamos, dispúnhamos de estrutura adequada para trabalhar e hoje, às vezes, não se tem muita estrutura (faltam cadeiras, faltam professores, prédios em péssimas condições etc). Trabalhamos nessa escola por quatro anos, uma experiência valiosa, o primeiro trabalho a gente nunca o esquece.

Em julho de 1975, assim que formamos na UFMT, a Rosa e eu deixamos de lecionar na Escola Polivalente, porque inicialmente era uma Escola Modelo de primeira linha, depois perdeu sua identidade e se transformara em uma escola como as outras, sem atrativos/incentivos, principalmente em se tratando de política salarial. Eu solicitei remoção, em 1976, para a Escola Estadual Presidente Médici[17], inaugurada nesse período, e lá permaneci até 1978. Nesta escola, passaram a ser diretores, membros da equipe da diretoria da Escola Polivalente, e muitos professores descontentes com a situação de descaso das autoridades com a questão salarial, solicitaram suas remoções para outras escolas, pois o que havia sido prometido não estava sendo cumprido, a nível do Estado .

O que me levou a buscar a área da educação como formação e posterior atuação foi a necessidade de inserção no mercado de trabalho. Eu precisava trabalhar e, naquela época, o Magistério oferecia mais facilidades, tanto é que tive contrato imediato de professor interino, quando do retorno do curso de Recife. Além da necessidade de trabalho, outras razões foram fundamentais, o gostar de Matemática, ser útil para a educação de uma pessoa... Quando me formei, se fôssemos pensar em salário, não era o motivador, era realmente o gostar de ensinar que falava mais alto, e que influenciava em nossas decisões.

No decorrer de minhas atividades docentes comecei a lecionar de quinta a oitava série, pois a Escola Polivalente em que fomos trabalhar era um Ginásio orientado para o trabalho, que ofertava vagas para o nível de quinta a oitava série. No Ensino Médio, lecionei pouco, porque no Médici trabalhei na coordenação do curso de Administração, que era oferecido nessa escola, além do de Contabilidade, ambos os cursos técnicos voltados para o trabalho.

Quando voltamos de Recife, apenas o Luiz já era licenciado em Matemática, enquanto que a Rosa e eu tivemos de fazer a complementação, entramos na UFMT com o pedido de matrícula em nível de graduado para fazer a complementação do curso, que ocorreu de 1972 a 1975. Eu entrei na UFMT em 1972 e fiz o curso de Matemática gradativamente, terminando-

[17] Localizada na Avenida Mato Grosso, no Bairro Araés em Cuiabá.

o em1975. Fui colega do Dornellas[18] e dos outros[19], dessa que era a primeira turma de Matemática.

Quanto ao primeiro curso de Matemática da UFMT (1972-1975), como aluna entrei com aproveitamento de estudos, por ter cursado a Licenciatura Curta em Recife. A Rosa e eu já trabalhávamos na Escola Polivalente Santos Dumont[20] e fazíamos três matérias no curso de Matemática, logo, não éramos apenas estudantes, e assim fomos levando paralelamente o curso na UFMT e o trabalho na escola. Quando estudava na Universidade, 1972 a 1975, ela funcionava um período de manhã e o outro à tarde, ou seja, se a aula era à tarde lecionávamos na Escola Modelo nos outros períodos. O regime de trabalho na escola era de quarenta horas semanais. Era bem intenso, tínhamos os trabalhos da faculdade para fazer e os da escola para corrigir, mas os levávamos para casa, havia essa possibilidade.

Estar na Universidade no seu início, como aluna, fazia me sentir muito bem, porque sempre gostei de estudar, principalmente Matemática. A turma do curso de Matemática tinha poucos alunos por isso tínhamos aulas juntamente com a turma de Engenharia nas disciplinas que eram comuns aos dois cursos. Éramos poucas mulheres, por exemplo, na Matemática éramos quatro alunas, a Maria, a Rosa, eu, e a Neuza e na Engenharia Civil, a turma similar a nossa, tinha três ou quatro mulheres num total de quarenta ou cinquenta alunos. Alguns professores assim comentavam: "Ah! As madames!" A gente se olhava e entendia isso como sendo uma crítica: "O que essas meninas estão fazendo aqui?". Eles, os meninos, sempre achavam que só eles dominavam a Matemática, mas as mulheres sempre saíam bem nas provas, obtinham as melhores notas. As pessoas, na década de 1970, achavam estranho ver mulheres fazendo Matemática, pois isso não era tão comum, hoje isso acontece de modo natural, em todas as profissões e no mercado de trabalho tudo caminha para um certo equilíbrio.

O curso da UFMT era denominado de Habilitação em Matemática, a Licenciatura de Curta Duração entrou depois, não sei bem o período, acho que quando terminamos houve a reformulação. Agora, analisando o nosso curso, com outro olhar após ter atuado como professora, observo que o mesmo tinha mais cara de bacharelado do que de licenciatura. Tinha pouca carga horária da parte pedagógica, fazíamos apenas Didática Geral, Estrutura e Funcionamento do Ensino e Prática de Ensino.

---

[18] Carlos Antônio Dornellas, professor da Universidade desde agosto de 1975. Chefe do Departamento de Matemática de 1985 a 1989 e no ano de 1992. Colaborador desta pesquisa.

[19] Com isso destaca, que mesmo já tendo a Licenciatura Curta, começou seu curso na UFMT sendo colega dos alunos da primeira turma de Matemática da UFMT.

[20] Como dito anteriormente, foi construída como uma Escola Modelo, visando atender a lei 5692/71, que almejava o ensino profissionalizante.

Éramos oito possíveis formandos, no entanto, o colega Sinair não fez todas as disciplinas, logo, foram concluintes da primeira turma de Matemática, em julho de 1975, os seguintes alunos: Carlos Antônio Dornellas, José Figueira de Gusmão[21], Nilson Alves Negrão[22], Rosa do Carmo Taques, eu, Maria Gonzaga de Mello e Neuza Rosa da Silva (Figura 10, enquanto que na Figura 11 a professora Elisete aparece fazendo o juramento solene). O curso só foi reconhecido após a colação de grau da primeira turma. Quando obtivemos a documentação, após alguns meses, ele já havia sido reconhecido (nas Figuras 12 e 13 estão disponíveis fotografias do diploma e nas Figuras 14 e 15 o histórico escolar da depoente referente ao curso).

Figura 10: Colação de grau da primeira turma de Matemática da UFMT, em 1975[23].

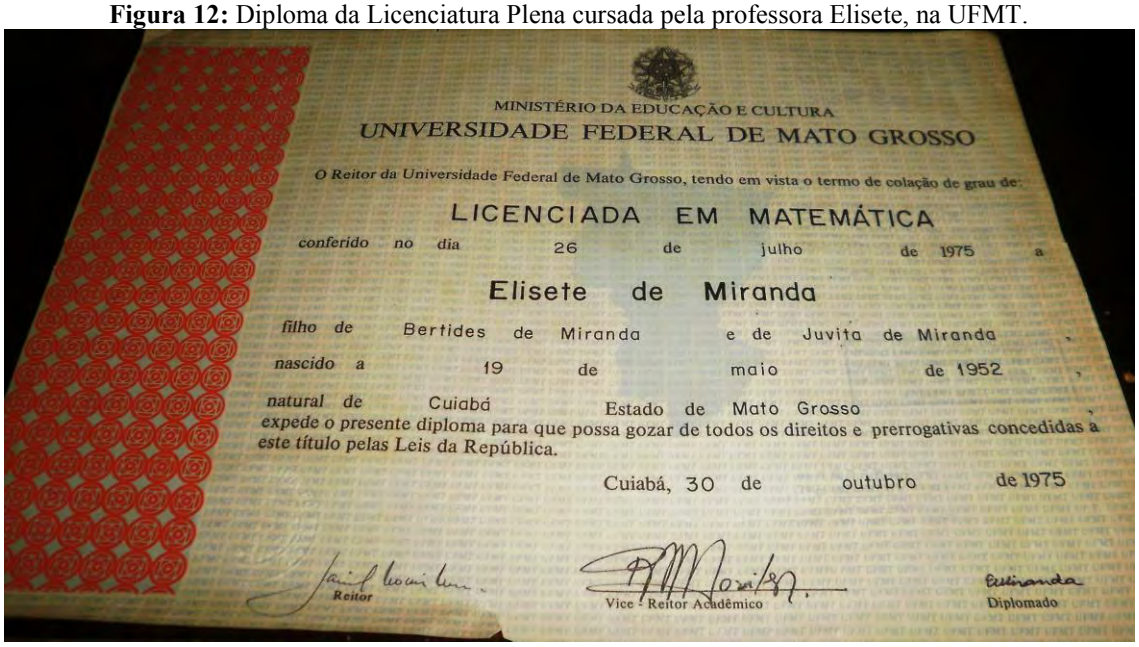
Fonte: Acervo pessoal da depoente.

[21] Ingressou como docente da Universidade em 1975.
[22] Passou a fazer parte do quadro docente da UFMT em 1975.
[23] Na parte inferior da foto, da esquerda para a direita, Maria, Nilson, Elisete, José Figueira, Rosa, Neusa e Carlos Dornellas.

Figura 11: Professora Elisete fazendo o juramento, na colação de grau da primeira turma de Matemática da UFMT, em julho de 1975.

Fonte: Acervo pessoal da depoente.

Figura 12: Diploma da Licenciatura Plena cursada pela professora Elisete, na UFMT.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

O Reitor da Universidade Federal de Mato Grosso, tendo em vista o termo de colação de grau de:

LICENCIADA EM MATEMÁTICA

conferido no dia 26 de julho de 1975 a

Elisete de Miranda

filho de Bertides de Miranda e de Juvita de Miranda,

nascido a 19 de maio de 1952,

natural de Cuiabá Estado de Mato Grosso,

expede o presente diploma para que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas concedidas a este título pelas Leis da República.

Cuiabá, 30 de outubro de 1975

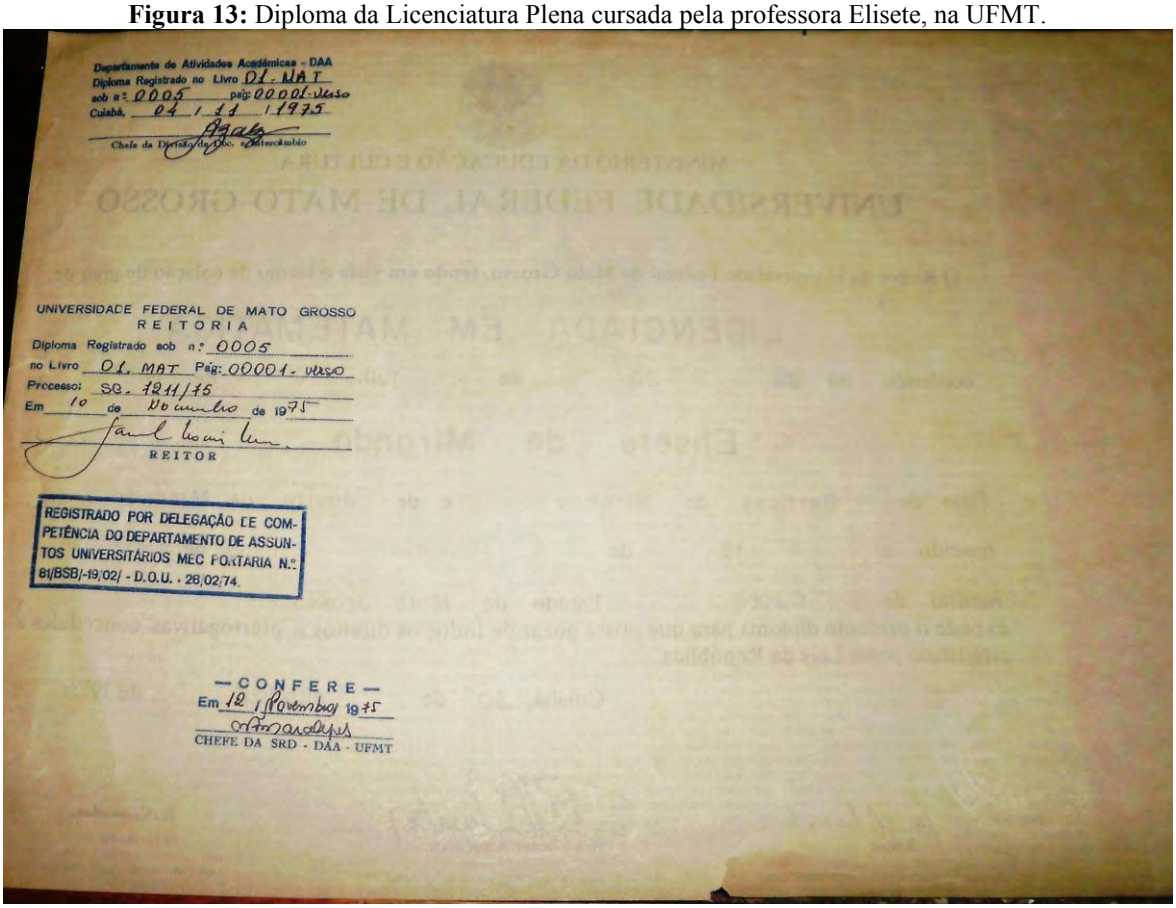
Reitor

Vice - Reitor Acadêmico

Diplomado

Fonte: Acervo pessoal da depoente.

Figura 13: Diploma da Licenciatura Plena cursada pela professora Elisete, na UFMT.



Departamento de Atividades Acadêmicas - DAA
Diploma Registrado no Livro 01-MAT
sob n.º 0005 pág. 00001-verso
Cuiabá, 04 / 11 / 1975
Chefe da Divisão de Doc. e Intercâmbio

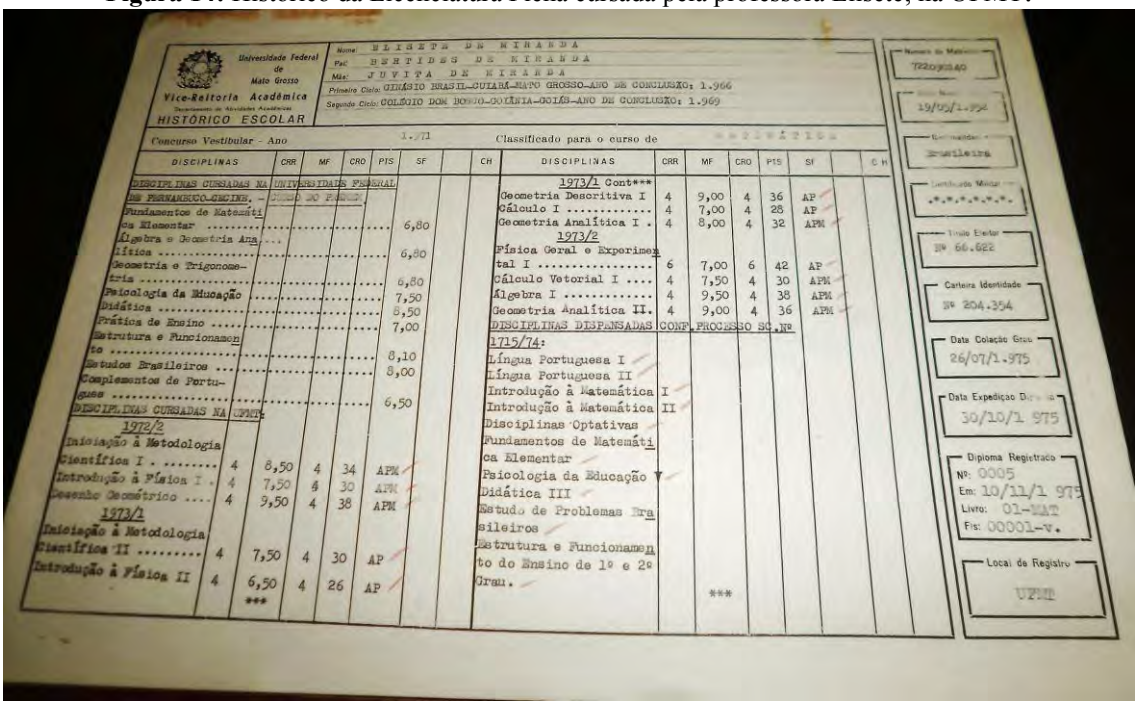
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
REITORIA
Diploma Registrado sob n.º 0005
no Livro 01-MAT Pág. 00001-verso
Processo: SG. 1211/75
Em 10 de Novembro de 1975
REITOR

REGISTRADO POR DELEGAÇÃO DE COMPETÊNCIA DO DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS UNIVERSITÁRIOS MEC PORTARIA N.º 81/BSB/-19/02/ - D.O.U. - 28/02/74.

— CONFERE —
Em 12 / Novembro / 1975
CHEFE DA SRD - DAA - UFMT

Fonte: Acervo pessoal da depoente.

Figura 14: Histórico da Licenciatura Plena cursada pela professora Elisete, na UFMT.



Universidade Federal de Mato Grosso
Vice-Reitoria Acadêmica
HISTÓRICO ESCOLAR

Nome: ELISETE DE MIRANDA
Pai: BERTIDES DE MIRANDA
Mãe: JUVITA DE MIRANDA
Primeiro Ciclo: GINÁSIO BRASIL-CUIABÁ-MATO GROSSO-ANO DE CONCLUSÃO: 1.966
Segundo Ciclo: COLÉGIO DOM BOSCO-GOIÂNIA-GOIÁS-ANO DE CONCLUSÃO: 1.969

Concurso Vestibular - Ano 1.971 Classificado para o curso de MATEMÁTICA

DISCIPLINAS	CRR	MF	CRO	PIS	SF	CH
DISCIPLINAS CURSADAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO-RECIFE. - CURSO DO PARANÁ						
Fundamentos de Matemática Elementar					6,80	
Álgebra e Geometria Analítica					6,80	
Geometria e Trigonometria					6,80	
Psicologia da Educação					7,50	
Didática					8,50	
Prática de Ensino					7,00	
Estrutura e Funcionamento					8,10	
Estudos Brasileiros					8,00	
Complementos de Português					6,50	
DISCIPLINAS CURSADAS NA UFMT						
1972/2						
Iniciação à Metodologia Científica I	4	8,50	4	34	APM	
Introdução à Física I	4	7,50	4	30	APM	
Desenho Geométrico	4	9,50	4	38	APM	
1973/1						
Iniciação à Metodologia Científica II	4	7,50	4	30	AP	
Introdução à Física II	4	6,50 ***	4	26	AP	

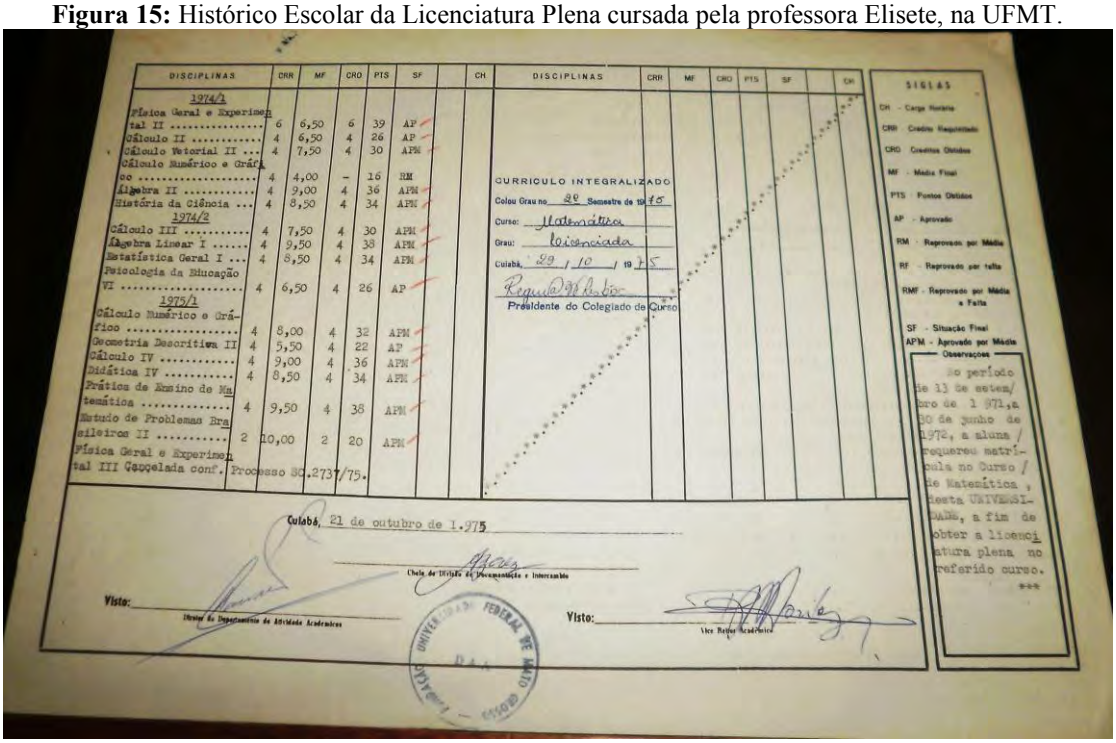
DISCIPLINAS	CRR	MF	CRO	PIS	SF	CH
1973/1 Cont***						
Geometria Descritiva I	4	9,00	4	36	AP	
Cálculo I	4	7,00	4	28	AP	
Geometria Analítica I	4	8,00	4	32	APM	
1973/2						
Física Geral e Experimental I	6	7,00	6	42	AP	
Cálculo Vetorial I	4	7,50	4	30	APM	
Álgebra I	4	9,50	4	38	APM	
Geometria Analítica II	4	9,00	4	36	APM	
DISCIPLINAS DISPENSADAS	CONF.	PROCESSO SG.Nº				
1715/74:						
Língua Portuguesa I						
Língua Portuguesa II						
Introdução à Matemática I	I					
Introdução à Matemática II	II					
Disciplinas Optativas						
Fundamentos de Matemática Elementar						
Psicologia da Educação						
Didática III						
Estudo de Problemas Brasileiros						
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Grau.						

***

Número de Matrícula: 7220930-40
Data Nasc.: 19/05/1.954
Nacionalidade: Brasileira
Certificado Militar: .*.*.*.*.*.*.
Título Eleitor: Nº 66.622
Carteira Identidade: Nº 204.354
Data Colação Grau: 26/07/1.975
Data Expedição Diploma: 30/10/1.975
Diploma Registrado: Nº: 0005 Em: 10/11/1.975 Livro: 01-MAT Fls: 00001-v.
Local de Registro: UFMT

Fonte: Acervo pessoal da depoente.

Figura 15: Histórico Escolar da Licenciatura Plena cursada pela professora Elisete, na UFMT.



DISCIPLINAS	CRR	MF	CRO	PTS	SF		CH
1974/1							
Física Geral e Experimental II	6	6,50	6	39	AP		
Cálculo II	4	6,50	4	26	AP		
Cálculo Vetorial II	4	7,50	4	30	APM		
Cálculo Numérico e Gráfico	4	4,00	–	16	RM		
Álgebra II	4	9,00	4	36	APM		
História da Ciência	4	8,50	4	34	APM		
1974/2							
Cálculo III	4	7,50	4	30	APM		
Álgebra Linear I	4	9,50	4	38	APM		
Estatística Geral I	4	8,50	4	34	APM		
Psicologia da Educação VI	4	6,50	4	26	AP		
1975/1							
Cálculo Numérico e Gráfico	4	8,00	4	32	APM		
Geometria Descritiva II	4	5,50	4	22	AP		
Cálculo IV	4	9,00	4	36	APM		
Didática IV	4	8,50	4	34	APM		
Prática de Ensino de Matemática	4	9,50	4	38	APM		
Estudo de Problemas Brasileiros II	2	10,00	2	20	APM		
Física Geral e Experimental III Cancelada conf. Processo 30.2737/75.							

DISCIPLINAS	CRR	MF	CRO	PTS	SF		CH

CURRICULO INTEGRALIZADO
Colou Grau no 2º Semestre de 1975
Curso: Matemática
Grau: Licenciada
Cuiabá, 29 / 10 / 1975
Presidente do Colegiado de Curso

SIGLAS
CH - Carga Horária
CRR - Créditos Requeridos
CRO - Créditos Obtidos
MF - Média Final
PTS - Pontos Obtidos
AP - Aprovado
RM - Reprovado por Média
RF - Reprovado por falta
RMF - Reprovado por Média e Falta
SF - Situação Final
APM - Aprovado por Média

Observações
No período de 11 de setembro de 1971, a 30 de junho de 1972, a aluna requereu matrícula no Curso de Matemática, nesta UNIVERSIDADE, a fim de obter a licenciatura plena no referido curso.
***

Cuiabá, 21 de outubro de 1.975
Chefe da Divisão de Documentação e Intercâmbio
Visto: Diretor do Departamento de Atividade Acadêmicas
Visto: Vice Reitor Acadêmico
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Fonte: Acervo pessoal da depoente.

Com relação aos professores da graduação em Matemática, a maioria deles depois se tornaram nossos colegas. Uma professora que me serviu de exemplo, foi a professora Silvia Vitorino do Departamento de Educação que lecionou Didática Geral, uma pessoa alegre, dinâmica, competente que nos deu apoio no Estágio.

Na parte de Matemática os professores geralmente tinham que dar aulas em quase todos os cursos da UFMT/departamentos, ocorrendo no nosso curso mudanças de professores, e às vezes falta de professores. Nos últimos semestres, nos quais as disciplinas eram específicas de Matemática tivemos como docentes monitores da Engenharia que já estavam nos últimos semestres ou recém-formados. Lembro-me que fizemos Equações Diferenciais com um professor que era monitor do professor responsável pela disciplina, e muitas vezes, o monitor que assumia a aula, mas ele não deixava a desejar, dava conta do recado.

Falando de professores, naquele tempo, poucos se dispuseram a vir para Cuiabá, logo, o Departamento de Matemática, assim como outros departamentos, não tinha em seus quadros de professores, docentes com doutorados nem mestrados, apenas professores com especialização, com raras exceções. Depois de muito tempo é que começaram a ser contratados professores com títulos de mestrado e doutorado, através dos concursos que eram realizados, e hoje a situação é bem diferente, houve avanços, tem-se muitos professores com as qualificações de mestres, doutores e pós-doutores.

A falta de professores era tão evidente que os alunos das primeiras turmas, assim que se formavam já começavam a trabalhar como professores da Universidade, por exemplo, os colegas Nilson, Dornellas e Figueira assim que graduaram (1975), já foram contratados pela UFMT, eu fui contratada um pouco depois em 1978. Quando fui trabalhar na Universidade já tinha oito anos comprovados de trabalho na Rede Estadual de Ensino, pedi exoneração do Estado, para ter dedicação exclusiva na UFMT. Na Universidade trabalhei dezoito anos (1978-1996), somando com sete anos do tempo de serviço no Estado, consegui aposentar em 1996, totalizando vinte e cinco anos de trabalho árduo, mas profícuo. Havia uma lei que permitia ao professor se aposentar com vinte e cinco anos de trabalho, fui beneficiada com esse direito. Atualmente só se aposenta com trinta anos de trabalho.

Falando como professora da Universidade Federal, lembro-me que em 1977 fiz uma especialização na Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, voltei com uma carta de recomendação do professor Ubiratan D"Ambrósio, encaminhada para o Reitor Gabriel Novis Neves, este encaminhou para o Departamento de Matemática, e como esse Departamento estava precisando de professor fui contratada. Nesse período não havia concursos, a pessoa era realmente contratada, mediante análise do currículo e se atendia às exigências de ter o curso de especialização na área, a pessoa era contratada, pois havia falta de professores. Os contratos eram renovados periodicamente.

Pouco antes de ser professora na Universidade havia momentos de discussões voltadas à divisão do Estado. As pessoas temiam que essa divisão fosse ruim para Mato Grosso e melhor para Mato Grosso do Sul, mas a realidade após a divisão mostrou o contrário, foi uma abertura para Mato Grosso, o estado cresceu muito mais do que se pensava, do que se imaginava. Realmente havia uma rixa entre campo-grandenses e cuiabanos, mas acho que, de modo geral, a divisão foi melhor para Mato Grosso tanto politicamente como economicamente do que para Mato Grosso do Sul, é o que comentam os cientistas políticos.

Agora voltando à UFMT e ao curso de Matemática, ele passou por algumas reformulações, mas não se pensou em extingui-lo. Houve reformulação a partir de 1978, quando ainda estávamos no quadro docente, posteriormente houve outras reformulações, que não acompanhamos.

Como professora na UFMT tive a oportunidade de trabalhar com o curso de Licenciatura de Curta Duração, este permaneceu por um tempo, não sei precisar quanto, aí houve essa reformulação que me referi anteriormente. Fazendo a Licenciatura de Curta Duração os alunos optavam nos estágios pelas áreas de Matemática e Ciências. Trabalhei na Licenciatura Curta orientando o estágio dos alunos e tinha que me virar, porque os estudantes

faziam estágios na área que eles escolhiam: Matemática ou Ciências. Eu ficava com a orientação de Matemática, mas às vezes também me responsabilizava com Ciências. Como gostava de Ciências, então conseguia acompanhar os estágios que eram feitos de quinta a oitava série.

Quando penso nessas modalidades de licenciatura, tendo estudado na Licenciatura Plena e trabalhado em ambas, Curta e Plena, vejo que na Curta ficava muito a desejar na parte de Matemática, porque quando os alunos iam fazer a habilitação Plena havia muita defasagem com relação à Matemática. Muitos não conseguiam acompanhar, então a opção pela Matemática era bem restrita, os alunos tinham preferência por Biologia, Física ou Química.

Pensando nas deficiências que os alunos traziam em Matemática, na reestruturação do curso foi criada a disciplina Matemática para o Ensino[24], com o objetivo de possibilitar a esses alunos uma revisão geral nos fundamentos da Matemática básica, incluindo também alguns conteúdos referentes ao curso de Segundo Grau, Análise Combinatória, Logaritmos, Função Exponencial, entre outros. Essa disciplina era ofertada antes de cursarem Cálculo, e se constituía pré-requisito para ela, pois os alunos chegavam sem base para fazer os Cálculos. Essa disciplina não era específica para suprir a deficiência, mas para relembrar os referidos conteúdos. Ela teve uma boa aceitação e repercussão, pois permitia ao aluno sanar suas principais dificuldades, facilitando-lhes a aprendizagem.

Durante esse período, início dos anos 1980, também foi criado o Núcleo de Apoio ao Ensino de Ciências, Naec. Para falar dele me apoiei num documento da criação do Naec que havia guardado. Ele contém a portaria de criação e o nome das pessoas que participaram. Tratava-se de uma equipe multidisciplinar composta de professores de Matemática, Biologia, Química e Física. A portaria de criação é de 1981, foi um núcleo institucionalizado, recebendo apoio da sub-reitoria acadêmica, por meio da Coordenação de Extensão, terminologia do período, Codex.

O Naec sobreviveu um pouco, foi uma tentativa de sair da Universidade e ir para as escolas, e nós conseguimos fazer isso. Tínhamos mais ou menos um modelo e cada área produzia as suas atividades, que estão contidas na documentação que a própria coordenação publicou destacando o que o grupo fez. Eu fiz parte da equipe, juntamente com a professora Heliete[25] do Departamento de Matemática, mas a carga horária destinada era muito reduzida para produzirmos e sairmos para campo, os horários nem sempre eram comuns, cada um tinha as atividades no seu Departamento, tínhamos redução de vinte horas, mas era difícil combinar

[24] Sempre que a palavra ensino se apresentar em letra maiúscula, fará referência ao nome de uma disciplina.
[25]Heliete Castilho Moreno, professora da UFMT desde 1979. Colaboradora desta pesquisa.

os horários comuns para as reuniões de planejamento das ações, daí ocorreu o desânimo e o grupo foi extinto.

Na escola trabalhávamos com a formação continuada dos professores, treinamento em serviço, não tirávamos o professor da sala de aula, utilizávamos o tempo disponível que eles tinham para trabalhar conosco, geralmente no sábado pela manhã ou durante a semana no período noturno, não era concomitante às aulas. Eles não tinham, realmente, um tempo destinado a isso, então faziam um horário especial, ele era realizado na própria escola. Funcionou em várias escolas e cada semana era uma equipe que ia, nos reuníamos, rediscutíamos e propúnhamos as atividades.

Vou falar um pouco sobre porque pensamos no Naec. Nesse tempo estava no auge a questão interdisciplinar, então alguém participou de um encontro e veio com a ideia, mas aqui também se tinha a preocupação, quem trabalhava com a parte pedagógica nos departamentos sentia, queríamos isso para os alunos, nossos futuros professores, melhor embasamento teórico/metodológico a eles, então íamos conhecer na prática a realidade do ensino para trabalharmos com nossos alunos.

Acredito que parcialmente alcançamos os objetivos almejados com o Naec, pois não fizemos uma avaliação, não nos preocupamos com o registro, nem com a produção de relatórios. O mesmo não ocorreu com as ações desenvolvidas pelo Grupo de Ensino e Pesquisa em Educação Matemática, Gepemat. Neste foi diferente, houve sistematização dos dados, dos resultados. Por falar no Gepemat, ele surgiu durante a época dos editais de projetos, então fizemos um projeto interno e criamos um laboratório, foi o seu marco inicial. Ele não foi institucionalizado como o Naec, por meio da Codex (coordenação de extensão), mas tivemos todo o apoio do Departamento de Matemática, cujo chefe era o nosso colega Dornellas. Houve redução de carga horária para os membros do grupo, mas não tinha uma portaria de criação. Isso não diminuiu o trabalho, pelo contrário, foi quando conseguimos trazer recursos para a Universidade para viabilizar os projetos de extensão, capacitação, formação continuada, participando dos editais de projetos a nível nacional, proporcionados pelo MEC. Eu acredito que o Naec impulsionou a criação do Gepemat no Departamento de Matemática, poderíamos assim dizer, o Naec foi extinto mas nos deixou uma experiência ímpar, os membros que dele participaram tiveram força para reivindicar espaço nos seus respectivos departamentos.

O Gepemat era específico de Matemática e se originou porque tivemos oportunidade de participar de vários encontros da área da Educação Matemática, onde conhecemos grupos atuantes na Educação Matemática com objetivos similares ao nosso e eu, particularmente,

acompanhei o processo de criação da Sociedade Brasileira de Educação Matemática - SBEM, fui membro fundadora dessa Sociedade. Estive em vários encontros em prol da criação da SBEM. Participei do Encontro Nacional, onde foi consolidada a criação da SBEM. Foi interessante participarmos do processo de criação da SBEM, isso fortaleceu o grupo na criação do Gepemat e contribuiu positivamente no desenvolvimento das ações. Enquanto estive na UFMT participei dos encontros nacionais da SBEM. Hoje não sei como está a SBEM, mas no começo foi bem forte, atingiu todo o Brasil, os encontros nacionais foram muito importantes, acrescentavam novas experiências e saberes. Eram disponibilizados aos membros associados boletins informativos da SBEM.

Em relação às atividades do Gepemat, elaboramos e desenvolvemos vários projetos financiados pelo MEC. O primeiro deles, que considero o mais relevante, foi trabalhar com as séries iniciais do Ensino Fundamental por quatro anos na Escola Presidente Médici, fato inédito no Departamento de Matemática por ser o primeiro trabalho nesse nível de ensino, é a Universidade transpondo os seus muros, chegando à escola básica. Fazíamos o treinamento dos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental fornecendo-lhes todo material e também para seus respectivos alunos, viabilizados com recursos do projeto, para que utilizassem uma metodologia por nós escolhida na área de Matemática, como se fosse um livro, mas era um material instrucional, de autoria dos professores licenciados em Matemática e mestres em Educação Reginaldo Naves de Souza Lima[26] e Maria do Carmo Vila[27] (hoje doutora em Educação), material que foi utilizado com sucesso na aprendizagem dos alunos de primeira a quarta séries do Ensino Fundamental.

Nós íamos à escola semanalmente, treinávamos os professores e acompanhávamos fornecendo-lhes todo apoio necessário, para se utilizarem da metodologia proposta. Havia avaliação, já tínhamos aprendido um pouco mais como elaborar projeto e avaliá-lo, então obtivemos resultados positivos. Pelos depoimentos dos professores das séries iniciais envolvidos no projeto, pudemos perceber que realmente o material instrucional/metodologia ajudava muito na alfabetização dos alunos, e na compreensão da matemática, os alunos não precisavam decorar a tabuada.

Outro projeto foi desenvolvido com o curso de Magistério, que ainda existia em nível do segundo grau, trabalhávamos com os professores do magistério para que estes orientassem os futuros professores que iriam lecionar nas quatro séries iniciais do Ensino Fundamental.

---

[26] Professor da Universidade Federal de Minas Gerais.

[27] Na época da produção deste material trabalhava na Universidade Federal de Minas Gerais, atualmente faz parte do quadro docente da Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP.

Inicialmente fizemos um projeto, propondo um curso de aperfeiçoamento, que se transformou depois, em curso de Especialização, seguindo todos os trâmites legais. Nesse curso trabalhávamos alternadamente nos fins de semanas aos sábados (o dia todo) e domingo (manhã), para não prejudicar o professor em suas atividades na escola. Os membros do Gepemat é que se responsabilizavam com as aulas do curso: fazíamos o horário e um programa, que cumpríamos durante o ano todo. Às vezes, convidávamos para o encerramento os professores Reginaldo e Maria do Carmo, autores do material instrucional que era utilizado no curso.

Esse curso de especialização que ofertamos teve a duração de trezentos e sessenta horas, totalmente cumpridas com atividades a ele pertinentes, por exemplo, foram atribuídas aos alunos as seguintes tarefas: elaboração e desenvolvimento de um projeto individual ou em duplas nas escolas. Cada uma das professoras desenvolveu seu projeto e coube à equipe do Gepemat fazer o acompanhamento e a avaliação final.

Para os que participaram de todo o curso (com frequência e aproveitamento), desenvolveram o projeto e fizeram o relatório final, tiveram o direito de receber o certificado de especialização, fornecido pela coordenação local da Universidade.

Foram concedidas bolsas a todos os participantes do curso, porque isso havia sido previsto no projeto. O recurso financeiro que vinha do Sub Programa de Educação para Ciências, Spec, do PADCT[28]da Capes[29], para a Universidade, era direcionado a Coordenação de Pós Graduação, mas eram gerenciados pelo coordenador do projeto (um dos membros do Gepemat), que prestava conta à Sub-reitoria de Pós-Graduação (SPG). O coordenador do projeto além da parte pedagógica, didática, cuidava do financeiro. A Heliete e eu desempenhamos várias vezes, esse papel de coordenadora, então ficávamos responsáveis pela parte financeira e a cumpríamos com profissionalismo e transparência.

Trabalhávamos com projetos e, por meio deles, tínhamos recursos para participar dos encontros nacionais promovidos pelas áreas de interesse do grupo, ou seja, os professores envolvidos conseguiam participar da maioria dos encontros da Sociedade Brasileira de Educação Matemática, de Didática e de Prática de Ensino que aconteciam no país.

No decorrer de todos esses anos, creio que o curso da UFMT mudou para melhor, sua estrutura foi revisada, tanto na área de Matemática, como na parte pedagógica. Os professores membros do Gepemat ajudaram também, por meio do laboratório. Foram criadas as disciplinas: Didática da Matemática, Prática de Ensino I e II, Instrumentação para o Ensino da

[28]Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
[29] Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Matemática, Seminários, todas na parte pedagógica, anteriormente tínhamos só uma Didática e a Prática de Ensino. Acredito que houve outra reformulação, que não acompanhei, mas a proposta acima mencionada perdurou por muito tempo.

Na educação em geral, também houve mudanças no período que trabalhei como docente, por exemplo, em 1972 trabalhamos com a Lei 5692/71, que foi o auge da questão do ensino de Segundo Grau voltado para o trabalho. Depois houve o contrário, agora parece que a questão técnica está voltando com os IFETs[30], os Institutos Federais, por um tempo ficou estagnado, agora o governo voltou a dar ênfase a isso.

O tempo trabalhado na Universidade foi para mim um período muito bom, mas cansativo, porque atuávamos em vários cursos e na extensão também. No final, com a criação do Naec e do Gepemat, acabamos ficando mais concentradas na licenciatura mesmo, principalmente com a criação do Gepemat, que deu maior atenção à formação dos professores e com o diferencial das disciplinas da parte pedagógica que citei anteriormente.

Pensando nos dias de hoje, vejo minha aposentadoria como recomeço, aposentei-me em 1996, mas de lá para cá, continuei exercendo vários trabalhos, por exemplo, Consultora no MEC no Programa Parâmetros em Ação, professora na Universidade de Cuiabá (Unic), professora substituta no Departamento de Educação da UFMT, professora especialista no Nead/UFMT, entre outros. Pensamos que após a aposentadoria vamos ficar parados, mas penso que a vida continua, esse é o melhor período, porque não temos tanta preocupação com a carga horária, podemos assumir trabalhos que poderemos fazer dentro da nossa possibilidade, permitindo que cresçamos fazendo outros trabalhos do nosso interesse.

Agora a Universidade tem a facilidade de ter um mestrado. Isto só foi possível porque a Heliete, eu e o professor José Antônio Elias Damasceno (hoje falecido), abraçamos essa causa, enfrentamos vários desafios, para elaborar a proposta do curso para o mestrado do nosso Departamento, mas conseguimos ter a nossa área como linha de pesquisa no Mestrado em Educação Pública. Em 1993, foi criada a linha de pesquisa Educação em Ciências e fomos as primeiras alunas desse curso, eu concluí o mestrado em 1996.

Com este referencial de vida profissional até então vivido, e aqui exposto, espero ter cumprido o papel de colaboradora da pesquisa em questão. Acredito que tudo o que fiz na minha vida profissional faria novamente, não me arrependo por ter dedicado meu trabalho em prol da formação de professores de Matemática, que valorizasse conhecer a Matemática e a sua didática e tratasse esse conteúdo com clareza aos alunos, propiciando-lhes uma aprendizagem significativa. Foi interessante, gratificante e desafiador trabalhar na educação,

[30] Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

pois é uma área abrangente e quando temos comprometimento com a arte de ensinar e nos dedicamos com ética e responsabilidade, os resultados aparecem superando as adversidades.

6. Aquiles Leite do Nascimento

Eu sou o professor Aquiles Leite do Nascimento, sou formado em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, comecei em março de 1974 e concluí em 29 de julho de 1977, ou seja, fui aluno da terceira turma. Fui embora para a Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, fiz mestrado de 1981 a 1983. Sou professor aposentado do Instituto Federal de Mato Grosso, IFMT, antiga Escola Técnica Federal de Mato Grosso, trabalhei em quarenta e nove escolas da rede pública estadual e particular, fui professor de Matemática de todos os pré-vestibulares de Cuiabá: Colégio Isaac Newton[1], São Gonçalo[2], Master[3], Colégio Prés, Padrão[4], Afirmativo[5] e Objetivo[6]. Ultimamente, sou professor de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso, lecionando para o curso de Engenharia Elétrica, e no Centro Universitário de Várzea Grande, Univag, onde coordeno o curso de Matemática já há treze anos. Estou aposentando na Univag no ano que vem.

Nasci em cinco de abril de 1949, em Poxoréu, distante uns duzentos e quarenta quilômetros da capital mato-grossense. Vim para Cuiabá, em 1970, para estudar no Liceu Cuiabano[7], fazer o antigo Científico, que hoje chamam de Ensino Médio. Naquela época Cuiabá era pequenininha, acanhada, todo mundo se conhecia. Em 1974, junto com Várzea

[1] Localizado na Rua Pedro de Oliveira Guimarães, Bairro Baú.
[2] Colégio Salesiano São Gonçalo, Avenida Dom Bosco, Bairro Dom Aquino.
[3] Colégio Master, Avenida Fernando Corrêa da Costa, Bairro Areão.
[4] Colégio Padrão, Rua Ricardo Franco, Centro, atualmente desativado.
[5] Colégio Afirmativo, atual Faculdade Afirmativo, Rua Pimenta Bueno, Bairro Dom Aquino.
[6] Colégio Objetivo, atualmente desativado.
[7] Escola Estadual Liceu Cuiabano Maria de Arruda Muller, Avenida General Ramiro de Noronha, Bairro Quilombo.

Grande, tinha cerca de cem mil habitantes, hoje essas duas cidades juntas devem ter próximo a um milhão; lembro que aqui em Cuiabá havia dois prédios, recordo-me também que tomávamos banho na Prainha, pois lá tinha uma bica, quando chovia, pescávamos e quando acabava a chuva íamos caçar ouro, quando o sol saía ficava brilhando e nós pegávamos.

Eu ia fazer Educação Física, saía da minha casa, no final da Rua Barão de Melgaço, quase esquina com a Avenida Mato Grosso[8], e ia para a Universidade Federal a pé, com chuva ou sem chuva porque não tinha transporte, não tinha carro, tínhamos que estar lá às seis horas para fazer a chamada. Mas de lá para cá a cidade mudou demais, hoje, comparando com aquela época, é uma cidade muito grande.

A cidade cresceu, mas o ensino acabou. Para lecionar em curso superior, temos que ensinar para muitos escrever o nome. A Educação de Jovens e Adultos, EJA, ou os Centros de Educação de Jovens e Adultos, CEJA, acabam sendo uma grande enganação, pois ninguém sabe nada e todos são aprovados. As pessoas chegam para fazer curso superior em Engenharia ou Matemática e não sabem tabuada.

As condições para o ensino melhoraram muito, mas os alunos não estudam mais, não sentem vergonha em dizer que não vão estudar, não se preocupam se o professor vai cobrar, não estão nem aí. O ensino desandou, principalmente, depois que inventaram essa lei que o aluno do Ensino Fundamental e do Ensino Médio não pode ser reprovado.

Hoje, comparando com a época em que fiz o Ginásio, do sexto ao nono ano, atual Ensino Fundamental II, é como se tivesse entrado em um carro, em ponto morto, em uma ladeira e ido embora, se está lá embaixo, e se for para subir de ré não se consegue, não dá para voltar. Está feio. Penso que para melhorar é preciso acabar tudo e começar de novo, passar uma borracha em cima para poder melhorar, pois é inadmissível a pessoa fazendo faculdade não saber tabuada!

Isso está ocorrendo não somente em Cuiabá, mas no Brasil inteiro, não conheço outros países, mas no Brasil está assim. Lembro que quando fiz o mestrado em Santa Catarina já estava uma bagunça, quando eu estudava lá no Instituto Estadual de Educação, em Florianópolis, as aulas eram de vinte minutos, eram dez aulas por noite, o professor só conseguia fazer a chamada. Não gosto de lembrar-me dessa passagem, pois de lá para cá era para ter evoluído muito.

Atualmente as crianças nascem sabendo tudo o que se relaciona a internet, as de quatro anos já sabem tudo de tecnologia, mas esquecem que para fazer aquilo as pessoas têm

[8] No centro da capital, distante cerca de quatro quilômetros da UFMT.

que saber! O conhecimento está por trás de tudo, e pensa-se hoje que decorar algumas coisas já é o suficiente.

Agora está tudo mais fácil, são muitas as formas de aprender, no entanto, ninguém quer! Querem apenas um diploma, fazem o curso superior e não estão interessados em aprender: "Dê-me o diploma e depois, se eu precisar, estudo". Eu ainda estou com aqueles que batalham por uma coisa bonita, por uma educação gostosa, séria, com conhecimento, mas me sinto na contramão da avenida: eu estou indo e todos estão vindo, querendo me arrancar, me derrubar, porque ainda estou preocupado em ensinar; hoje em dia finge-se que o conteúdo é dado e o aluno acredita que está aprendendo.

Isso me deixa bastante apreensivo. Mas voltando às décadas de 1960/1970, você terminava os antigos Ginásio e Científico e se quisesse ser professor, lecionar no estado, pois não tinha um número suficiente de docentes para atender a todas as escolas, então fazia a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, CADES, não se podia lecionar sem tê-la cursado. Era um curso preparatório após o Ginásio, eram cerca de trezentas e sessenta horas, como se fosse uma especialização de todo o conhecimento do Ginásio, podendo ser de Matemática, Português, História, Geografia e Ciências, eram essas cinco disciplinas, para você estar preparado para dar aula no Ginásio; a mesma coisa era para o Científico, após a conclusão do Científico podia-se cursar a CADES em Biologia, Matemática, História, não lembro se Física e Química também entravam. Eram dois cursos, um para lecionar para o Ginásio e outro para o Científico.

Depois da CADES passou a ter o Curso de Orientação aos Exames de Suficiência, COES. Ele funcionava da mesma forma que a CADES, terminava-se o Ginásio e o Científico, fazia-se esse curso e se estava apto para lecionar nas escolas da rede pública estadual. Eu o fiz, era chamado de curso de férias, pois era dado em janeiro, fevereiro e março, de manhã e a tarde e alguns dias à noite, então o cursava de manhã e a tarde, enquanto que no período noturno fazia o Científico. Quando o cursei, começamos em três de janeiro de 1970 e terminamos em dez de abril desse mesmo ano, foram cem dias de curso, totalizando trezentos e sessenta horas.

Em 1969 ainda se chamava CADES e em 1970, quando fiz já era COES, comecei-o assim que terminei o Ginásio. Cada um escolhia uma área e eu fiz em Matemática, assim poderia dar aula dessa disciplina no Ginásio. Terminei o Ginásio em treze de dezembro de 1969 e em 1970 vim para Cuiabá, nessa época estava sendo inaugurado o Centro Educacional

Nilo Póvoas[9] e era lá que fazíamos esse curso. A nossa foi a última turma, em 1970, pois nesse ano foi criada a Universidade Federal de Mato Grosso, que passou a oferecer cursos de graduação nessas áreas.

Naquela época, quem lecionava para nós eram os catedráticos, aqueles que tinham conhecimento e domínio muito grande da disciplina, pois lecionavam há vinte, trinta anos. Os conteúdos matemáticos eram lecionados pelo professor João Bosco London[10], enquanto que Metodologia e Didática do Ensino da Matemática eram ministradas pelo professor Gilberto, que vinha de Goiás. O certificado do curso era fornecido pela Secretaria Estadual de Educação.

Certa vez tive que dar uma aula de regra de três, para atender uma avaliação da Metodologia e Didática do Ensino da Matemática, conversei com o professor e decidi ministrá-la para as cinco turmas do COES, Português, Matemática, Geografia, História e Ciências. O diretor da Escola José Barnabé de Mesquita[11], o dentista Benedito Odino de França, a assistiu e ao término dela me ofereceu quantas aulas eu quisesse em sua escola, passei a lecionar lá vinte horas de manhã e vinte à tarde. Nunca fiz concurso para os locais onde trabalhei, sempre fui convidado. Então, esse curso do COES me propiciou lecionar no Ginásio, mesmo ainda cursando o Científico.

Foi nesse período, também, que Cuiabá começou a se desenvolver e mudar, vindo muita gente de fora e esses recém-chegados já entravam no barco e começavam a lecionar na rede pública. Nesse tempo aqui só tinha o Ginásio e o Científico em seis escolas: Colégio Estadual de Mato Grosso[12], Ginásio Brasil[13], José Barnabé de Mesquita, Escola Técnica Federal[14], com o curso técnico no Segundo Grau, hoje Ensino Médio, São Gonçalo e o Colégio das Irmãs[15]. Eram apenas seis, enquanto hoje são trezentas, então, antigamente, meia dúzia de professores atendiam a todas as escolas. Por exemplo, lecionavam de manhã no Liceu Cuiabano, que naquele tempo era o Colégio Estadual de Mato Grosso, à tarde no José Barnabé de Mesquita e a noite, novamente, no Liceu Cuiabano.

Naquele tempo não é que faltavam professores, mas só podiam lecionar os catedráticos, ou seja, aqueles que tinham notório saber, por exemplo, a pessoa podia ser médica, mas lecionava a vida inteira Matemática, como no caso do João Bosco London.

---

[9] Rua Diogo Domingos Ferreira, Morro da Luz.
[10] Engenheiro civil, foi um dos fundadores da Faculdade de Engenharia Civil da UFMT de Cuiabá.
[11] Escola Estadual José Barnabé de Mesquita, localizada na Rua Barão de Melgaço, no Bairro do Porto.
[12] Hoje Escola Estadual Liceu Cuiabano.
[13] Atualmente Escola Estadual Marechal Eurico Gaspar Dutra.
[14] Atual Instituto Federal de Mato Grosso.
[15] Colégio Sagrado Coração de Jesus, endereçado na Rua Comandante Costa, Centro.

Em 1968, começou um curso superior em Matemática no Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá, ICLC, mas não sei falar dele, pois quando cheguei a Cuiabá a UFMT já estava abrindo suas portas, em 1971. Eu saí de Poxoréu e fui para São Vicente[16] fazer o Ginásio, depois vim para a capital. Cheguei após esse período e quando ingressei na Universidade[17], sua ideia já estava bem consolidada e praticamente não se falava mais do ICLC. Com relação à turma do Instituto só sei que três pessoas se formaram, das quais me lembro do nome de duas: Nilda Bezerra Ramos[18] e Luiz Gonzaga Coelho[19], eles se formaram antes da UFMT e depois foram atuar como docentes nela.

Depois que a UFMT foi criada, só se falava nela, pois chegou com aquela imensidão, principalmente comparando com o Instituto, que era pequenininho e funcionava onde era a escola Barnabé de Mesquita. Ali, também funcionava o curso de Direito. As pessoas olhavam a Universidade, nova, bonita, na Avenida Fernando Corrêa da Costa, criando um Campus, tomando conta, abrindo a universidade para o Mato Grosso, então ninguém mais se lembrou do ICLC, era só a UFMT.

Sempre, na parte da tarde, o pessoal da cidade ia para a Universidade para conhecer e admirar aquela coisa linda, eles queriam ver quem estudava ali, pois era um sonho dos cuiabanos ter uma universidade, era muito emocionante. Quantas vezes eu estava lá e chegava muita gente que não era estudante, mas que ia ver como convivíamos ali dentro.

Era tudo novidade, pois antes não existia universidade, apenas meia dúzia de cursos, entre eles Direito e Matemática, já a Universidade Federal era uma relíquia, era respeitada, nela só lecionavam pessoas com bastante conhecimento.

Os primeiros tempos lá foram como se estivesse descobrindo a América, ela era a única Universidade Federal do estado de Mato Grosso, todo jovem, ainda mais no meu caso que vim da roça, tinha sonho de ser estudante de uma universidade.

Eu sonhava muito, queria ser professor de uma universidade de qualquer jeito. E minha mãe, uma senhora do lar, doméstica, da roça, acostumada a fazer sabão de sebo, de pequi, de gordura, sempre falava: "Fuça como tatu, cavouca, cavouca, ou seja, luta, luta, luta que você chega lá" e eu lutei.

---

[16] Onde atualmente localiza-se o IFMT de São Vicente. Quando foi cursar o Ginásio, lá funcionava a Escola Agrícola de São Vicente, como um internato.

[17] Fazendo referência a UFMT, sempre que a palavra universidade se apresentar em letra maiúscula estará fazendo menção a Universidade Federal de Mato Grosso.

[18] A professora Nilda Bezerra Ramos é nossa colaboradora, sua narrativa pode ser encontrada na seção *2.3 Nilda Bezerra Ramos*.

[19] Foi professor da Universidade, iniciando a docência nesta instituição em 1972, chefe do Departamento de Matemática de 1973 a 1974.

Cheguei como estudante da UFMT, aquilo era um sonho, você estar no meio daquela juventude, vindo do meio rural, da roça, e a Universidade Federal sendo toda construída em 1971, e em 1974, quando eu entrei, era só máquina construindo para cá, para lá, estruturando o parque aquático, concluindo os blocos A, B e C. Nesse tempo, também estava sendo edificado o Instituto de Ciências Exatas e da Terra, ICET[20]. Era um sonho, Nossa Senhora! Eu que saí lá daquele pé de serra para ser estudante da Universidade, fazer um curso de Matemática, aquilo era coisa de tirar o sono.

Eu cursei Licenciatura Plena, no entanto, enquanto a cursava havia alunos na Licenciatura Curta, mas depois ela acabou. Eu fiquei todo o tempo na Plena, quando comecei não tinha Licenciatura Curta, ou melhor, tinha, mas já estava acabando. Então, ficou só a Licenciatura Plena.

A Licenciatura Plena dava mais status, que era um curso superior mesmo, naquele tempo a Licenciatura Curta era um curso superior, mas que o pessoal parece que ficava, assim, meio na dúvida. Era a mesma coisa que hoje, em muitas universidades existem os cursos tecnólogos, que o curso é de dois anos, e o pessoal questiona se é superior, enquanto que em Matemática ninguém tem dúvida, o tecnólogo também é curso superior, mas de dois anos. Era a mesma coisa com a Licenciatura Curta, aquele tempo me parece que eram dois anos, dois anos e meio, mas se fizesse a complementação era como se fosse a Plena.

Meu curso era dado, praticamente, só por engenheiros, eram poucos os formados em Matemática. Ainda, naquele tempo, eles tinham apenas graduação, não tinham mestrado, o governo não exigia, pois quase não existiam mestres. Os matemáticos que lecionaram para mim foram a Nilda Bezerra, a Olga Sartori[21], a Heliete Castilho Moreno[22], o Carlos Dornellas[23], este, logo que se formou já entrou como professor na UFMT, a Elisete Miranda[24], ou seja, de uns quarenta professores que tive, uns dez eram formados em Matemática e os demais eram engenheiros.

As disciplinas de Cálculo I, II e III, Cálculo Vetorial e Geometria Analítica eram feitas com as engenharias. Porque naquele tempo fazíamos o chamado Curso Básico e até o quarto

---

[20] A UFMT foi criada em 10 de dezembro de 1970, tendo seus primeiros cursos iniciados em 1972, assim, no período informado, de 1971 a 1974, a Universidade estava em plena construção, o espaço físico sendo edificado e o quadro de funcionários composto. Desse modo, como o restante do campus, estava em construção o Centro de Tecnologias, hoje ICET, que abrangia diversos cursos, dentre eles, Matemática.

[21] Chefe do Departamento de Matemática de 1978 a 1981

[22] A professora Heliete Martins Castilho Moreno é nossa colaboradora, sua narrativa pode ser encontrada na seção *2.7 Heliete Martins Castilho Moreno*.

[23] O professor Carlos Antônio Dornellas é nosso colaborador, sua narrativa pode ser encontrada na seção *2.4 Carlos Antônio Dornellas*.

[24] A professora Elisete de Miranda é nossa colaboradora, sua narrativa pode ser encontrada na seção *2.5 Elisete de Miranda*.

semestre era tudo junto, Engenharia Civil e Elétrica, Matemática, Física e Química, pois os alunos desses cursos faziam as mesmas disciplinas. Depois é que surgiam as disciplinas específicas de cada curso.

Poucos procuravam a área de Matemática como formação, pois não conseguiam concluí-la. Em minha turma, por exemplo, entramos em cinquenta e seis e nos formamos em três, mas, naquele tempo, ainda batalhava-se para aprender, no entanto, como era muito difícil alguns saíam para fazer Engenharia Civil ou outro curso. Não queriam ser professor, hoje está mais difícil ainda achar quem queira assumir a docência, ninguém mais quer devido o salário ser irrisório.

Voltando para a Universidade, na época de sua criação, visando expandir Cuiabá, o governo abriu para o lado da Avenida Fernando Corrêa da Costa a UFMT; na mesma época criou-se o Estádio Verdão[25], tudo em pontos estratégicos, longe do centro. Depois foi a vez do Palácio do Governo[26], no Centro Político e Administrativo[27] e do outro lado a Estação Rodoviária[28], expandindo a cidade em quatro pontos diferentes[29].

Falando nisso, lembrei-me de alguns professores, como o Moacyr Freitas[30] e o Antônio Carlos Candia[31], que eram arquitetos e fizeram as plantas desses locais, eles eram os melhores de Cuiabá, hoje já estão mais velhos. O professor Moacyr fez a planta da Estação Rodoviária e nos mostrou quando éramos estudantes da Federal. Certo dia ele deu uma aula para nós em cima daquilo, pois lecionava Geometria.

Como comentei, lembro-me de muitos professores da graduação, acho que me marcaram porque eram diferentes, por exemplo, a Nilda Bezerra com aquele jeito humilde dela, me faz lembrar até hoje de suas aulas de Trigonometria. Penso que, também, as coisas marcavam muito por eu ter vindo da roça e tudo ser novidade, considerava o professor universitário como aquele camarada de grande conhecimento. Eu tinha um verdadeiro carinho por eles.

---

[25] Estádio José Fragelli inaugurado em 1975. Foi demolido dando lugar ao Estádio Arena do Pantanal, para receber jogos da Copa do Mundo de 2014.
[26] Palácio Paiaguás, sede do Governo do Estado.
[27] Trata-se de um centro, região em que se encontram variados órgãos públicos.
[28] Terminal Rodoviário Engenheiro CássioVeiga de Sá, localizado na zona oeste da capital.
[29] Na época em que foram criados, os órgãos citados localizavam-se distante da parte central da cidade, local mais povoado até então. Com a criação deles buscava-se a ampliação da cidade, pois eram pontos distantes uns dos outros, de modo a permitir expansão a diferentes extremidades.
[30] Professor Fundador da Universidade Federal de Mato Grosso, credenciado no Departamento de Matemática.
[31] Professor Fundador da UFMT, compunha o quadro docente do Departamento de Matemática em 1972.

Tinha o Antônio Rodrigues da Silva[32], Tonhão, que dava aula de Cálculo, já faleceu, a Olga Sartori, a Lourdes Aroca[33], que marcaram por além de ter conhecimento, elas serem bem mãezonas e ele, paizão para nós. Eles cobravam, mas nos deixavam mais a vontade e quanto mais à vontade eu me sentia, mais aprendia, pois ficava com vergonha de tirar nota baixa com eles devido à demonstração de amizade para conosco. Sinto muita saudade dessa época.

Então eram essas pessoas que eram convidados para entrar na Federal[34], eu fui convidado, nunca fiz concurso para estar lá até hoje, atualmente faz-se concurso. Eu entrei como professor por meio da Olga Sartori, ela era minha colega na Escola Técnica Federal, lecionava lá e era chefe do Departamento de Matemática da UFMT, coordenava o curso. Como ela viu que eu desempenhava bem meu papel como professor no Ensino Médio, me convidou para lecionar no curso superior. Assim, em 27 de julho de 1977 colei grau e dia 1º de agosto de 1977, comecei a lecionar na Universidade, mal terminei e já entrei, foi muito bom.

Naquele tempo o curso era autorizado no Governo Federal e reconhecido depois de formada a primeira turma. Hoje não, o curso começa e logo em seguida é autorizado e reconhecido[35]. Antigamente, as pessoas trabalhavam muito. Lembro-me da Olga Sartori, Heliete, Vera Lúcia Graciani, todo o pessoal do início do curso, se debruçavam sobre ele, tinham prazer. Naquele tempo o salário era melhor, então podiam ficar só em cima daquilo. Devido a isso o curso saía bem estruturado, ninguém colocava dúvida no que estava sendo feito.

Nós, como alunos, tínhamos o maior prazer em estudar lá, tenho saudades, aliás, acho que foi a melhor época de minha vida quando entrei na UFMT, as pessoas vinham e queriam conhecer quem fazia Matemática, quem fazia Engenharia, e tínhamos uma verdadeira turma de amigos. Hoje parece que é „cada um por si e Deus por todos", muito desunido, vejo isso, pois ainda estou lá. Por exemplo, de quarta para quinta-feira passada, dia vinte e cinco de julho, faleceu um aluno da Universidade, e os colegas da sala estavam como se não tivesse acontecido nada, está diferente a coisa, agora está funcionando mais ou menos assim.

Bem, pensando em meu tempo, se formar professor quando me formei, era como se você ganhasse a concorrência a governador do estado. Era como se você disputasse uma eleição, até porque, à época, Cuiabá tinha seis escolas e eu era professor de uma dessas, era a

---

[32] Professor do Departamento de Matemática, um dos docentes fundadores da UFMT.
[33] Subchefe do Departamento de Matemática entre 1978 a 1981.
[34] Refere-se à UFMT.
[35] Atualmente, quando o curso já dispõe de cinquenta a setenta e cinco por cento de sua carga horária concluída, é permitida a abertura do processo de reconhecimento.

maior honraria para o seu próprio ego. Eu sou professor, Ave Maria! Você engrossava a voz, aveludava a voz, o aluno respeitava, você passava e o aluno levantava em forma de reconhecimento.

Hoje ainda gozo de um pouco de prestígio, porque falo em sala de aula para os alunos: "Cheguem em casa e perguntem para sua avó, mãe, pai, avô, que eles dirão que foram meus alunos", então, devido a esse passado eles devem respeito a mim. Mas os alunos não respeitam essa juventude que está dando aula agora, para eles é como se fosse o garçom: "Ô garçom vem aqui, me sirva uma cerveja!" ou algo assim. Então, é o que falo, o carro está em uma banguela em ponto morto e do final ele não volta, ele não consegue dar ré porque vai patinar o tempo todo, acho que tinha que acabar tudo, apagar tudo, começar do zero.

Mas, agora voltando ao curso de Matemática, ele foi um dos primeiros da Universidade e em alguns momentos passou por pequenas crises; uma delas acho que foi quando o professor Dorileo[36] era o reitor, o salário do professor caiu muito, consequentemente, a procura pelo curso também. Como ocorre hoje em dia, a licenciatura não é o grande foco, isso fica por conta da Engenharia Civil, pois em qualquer lugar o engenheiro ganha bem, principalmente aqui em Cuiabá, com todas essas obras para a Copa, devido a isso estão contratando pessoas que estão na metade do curso para ajudar a administrar, gerenciar e orientar.

Em certo momento, o curso de Matemática quase acabou devido ao salário muito baixo, assim, quase não havia procura, como hoje que o curso está praticamente extinto. Mas, em todo esse tempo não houve interrupção nele e, também, não se pensou em terminá-lo, mesmo com poucos alunos está funcionando. Essa pequena procura se dá, pois se você faz um concurso para advogado do Ministério Público, ganha em torno de vinte e cinco mil reais, já o professor não chega a dois mil, o pessoal vai fazer Direito que é bem mais fácil do que Matemática, apenas muita leitura e muita interpretação. Você começa um curso desses, estuda e faz concurso, além do salário, que já compensa, tem ajuda de custo, médico, dentista, enquanto o professor, indiferente da área, ganha praticamente para sobreviver. E isso é falta de governo. Em Cuiabá, por exemplo, em uma escola grande como o Liceu Cuiabano, pode ter certeza que, de trinta professores que estão atuando em Matemática, formados na área mesmo tem cinco.

No ano em que concluí minha licenciatura o estado foi dividido, ou seja, em 1977, mas a capital de Mato Grosso do Sul se tornou Campo Grande apenas em 1979. Foi uma batalha muito grande na época da divisão, para a criação das duas universidades, a Universidade

[36] Benedito Pedro Dorileo, primeiro vice-reitor acadêmico da UFMT.

Federal em Cuiabá e a Estadual em Campo Grande. O que os campo-grandenses queriam é que a Universidade Federal ficasse lá e a Estadual aqui. Porém, me parece, que tem uma lei que falava que a criação de uma Universidade Federal era apenas nas capitais e as estaduais no interior.

Queria-se sempre o melhor em Campo Grande, tudo melhor lá e em Cuiabá não era para ficar nada, até porque no Mato Grosso do Sul tinha cerca de setenta por cento da população restando trinta por cento para esta parte. Então, lá elegiam os políticos, governadores, senadores, todos de lá, tinham que mandar todo o dinheiro por lá. E com a divisão, a Universidade aqui se manteve como Federal, naquele tempo era chamada de Fundação Universidade Federal de Mato Grosso, e a Estadual de lá ficou encampada pelo Governo Federal, passando a ser a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

Na Universidade esse assunto também aparecia. Aqui não tanto, mas em Campo Grande nós éramos tidos como um submundo, um subúrbio de Mato Grosso, isso chegava a incomodar as pessoas. Na divisão muitos funcionários daqui foram para lá e até hoje o governo de Mato Grosso encampa e paga uns mil e poucos funcionários do Mato Grosso do Sul.

Isso ocorre porque eles saíram daqui à época da divisão, mudando para lá. As pessoas que trabalhavam aqui, que já conheciam toda a parte administrativa do estado a ser feita, eram levadas para lá como experiência, mas eram pagas pelo estado de origem, que no caso era Mato Grosso. Parece-me que ainda tem quarenta e um, que são pagos por Mato Grosso, de Rondônia.

No tempo da divisão, Cuiabá amanheceu com todos os bustos da Praça Alencastro e da Praça da República tampados de preto, todos os bustos de luto[37]. Como agora na Copa, fiquei sabendo, não fui lá para ver, que no dia em que Cuiabá ganhou para sediá-la, os bustos em Campo Grande amanheceram cobertos de luto, porque perderam para Cuiabá. Eles não queriam perder, colocaram em rede nacional, várias vezes, que Cuiabá não teria condições de sediar a Copa, porque não daria conta de fazer as obras que precisava. Alguns falam que não, mas ainda existe, alunos da UFMT que estão em Campo Grande falam que lá ainda é forte, que não acabou esse ranço.

Mas deixando a divisão à parte, durante minha docência na UFMT, sempre fui muito dedicado à sala de aula. Por certo tempo, no decorrer de todos esses anos, recebia por

[37] A Lei que decretava a divisão do estado foi assinada em onze de outubro de 1977, porém Mato Grosso do Sul se instalou, realmente, em primeiro de janeiro de 1979. Com relação às praças citadas, a Praça Alencastro localiza-se na Rua Joaquim Murtinho, Centro Norte, e a Praça da República na Rua Treze de Junho, no mesmo bairro da capital mato-grossense.

quarenta horas e precisava estar vinte em sala, e para dar todas essas aulas, eu ocupava dois períodos. Eu também era professor da Escola Técnica Federal, logo tinha que correr de uma para a outra. Lecionava das 7h30min às 9h30min na Universidade e das 9h40min às 12h40min na Escola Técnica, era uma correria e, além delas, dava aula nos pré-vestibulares. Nesse período sei que teve no interior da UFMT o Núcleo de Apoio ao Ensino de Ciências, Naec[38], porque via a Heliete comentando, no entanto, não me envolvi com ele. Depois, também teve o Grupo de Ensino e Pesquisa em Educação Matemática, Gepemat[39], do qual a Heliete, a Vera, o Dornellas e a Elisete participavam, eles eram os "top de linha" desse grupo.

Se você perguntar para a Heliete ela deve saber até quantos grãos de areia foram utilizados para fundá-lo em termos de luta que eles traçaram, porque eles eram dedicação exclusiva. Já no meu caso eram vinte horas e quarenta horas, então, dava minha aula e ia embora, até hoje estou assim, mas estou louco para me aposentar, estou cansado, são quarenta e cinco anos e nunca deixei de lecionar, estou bem cansado, quero descansar um pouco.

No entanto, vou diminuir, eu ainda quero lecionar, quero estar com noventa anos lecionando, não quero parar de todo. Acho que eu já fiz um acerto com o Pai, com o Nosso Senhor Jesus Cristo, e pedi para viver cento e quinze anos, mas lúcido, „inteiraço" e Ele buzinou um dia no meu ouvido: "Professor, você é ruim até para pedir, eu vou te dar logo uma lambuja, cento e trinta anos tá bom?" Então vou viver até cento e trinta, mas até os noventa eu quero estar lecionando, não muitas, apenas para não deixar de colocar minhas experiências para essa juventude que precisa muito.

Eu sempre quis ser professor, mas não queria ser um professor qualquer, queria ser professor de universidade, com nome, um cara responsável, humano, dedicado, que dá uma aula decente. E hoje, muitas vezes quando passo o pessoal fala que a Matemática em Cuiabá passa pelo professor Aquiles. Claro que não é verdade, mas isso me satisfaz, não me envaidece, mas me satisfaz, eu fico alegre, é um reconhecimento, uma referência. Não que eu seja mais inteligente ou melhor que ninguém, porém me dediquei muito ao ensino da Matemática, minha vida inteira foi dedicada a isso, morrerei dedicando e batendo no meu peito: "Faço isso porque gosto e sei fazer, não sei tudo, mas tenho uma boa noção e não entro em sala de aula se não dominar o conhecimento cem por cento daquilo que terei que ensinar".

Já contei um pouco sobre minha carreira docente, mas quero comentar como comecei nessa área. Lembro-me de quando fui dar aula no antigo Ginásio, a professora Loló era a chefe do departamento de ensino de Cuiabá, não existe mais hoje, ela era responsável pela

[38] Comentaremos mais acerca dele em um próximo capítulo.
[39] Nos aprofundaremos acerca desse grupo em outro capítulo.

distribuição dos professores. Comecei a lecionar em 1970 no Estado, morava perto do 44[40], à época, não tinha asfalto, não tinha transporte, descia a pé a Avenida Isaac Póvoas, pegava, então a Rua Barão de Melgaço e ia até a escola José Barnabé de Mesquita, isso é uma distância enorme, mas apesar da dificuldade de deslocamento víamos os professores muito envolvidos, eles eram respeitados em sala de aula.

Eram poucas escolas e eu fui convidado para lecionar em uma grande, isso eu tendo terminado o antigo Ginásio, mas consegui por ter feito o curso do COES, como disse anteriormente. Todos os professores tinham em torno de trinta a cinquenta anos, um pessoal já maduro e eu entrei uma criança, mas assim que comecei a lecionar cheguei à conclusão que esse era o mundo no qual eu queria viver e para isso eu não podia fazer feio.

Como praticamente não existiam livros, os que tinham eram o do Ary Quintella[41], Scipione di Pierro Netto[42], Osvaldo Sangiorgi[43] e o do Manoel Jairo Bezerra[44], que era chamado de Bezerrão, então eu estudava nesses livros, não tinha outros e, como disse, não queria fazer feio, o conhecimento era pouco, a visão de Matemática era infinitamente menor do que hoje. Para preparar as aulas eu abria os livros e estudava determinado assunto em cada um dos quatro, então parava, baixava a cabeça e via se conseguia dar tudo aquilo sem olhar no caderno, com fundamentação teórica minha baseada nos livros. Então começava a escrever, por exemplo, se o tema era equação de segundo grau, colocava a definição, o porquê era uma equação de segundo grau, quais seus tipos, completa, incompleta, como resolver, aí tirava exemplos de minha cabeça e ia resolvendo.

Essa técnica eu utilizo até hoje, não consigo levar um pedaço de papel para copiar, tiro tudo da minha cabeça, baseado, é claro, em tudo o que estudava. Eu planejava minha aula, mas chegava na hora ela sempre ficava diferente.

Já lecionei no antigo Primário, até o quarto ano, depois no Ginásio, dei aula no Movimento Brasileiro de Alfabetização, Mobral, em 1970 à noite, no Colégio Aline Tocantins[45], na Cohab Velha aqui em Cuiabá. Trabalhei no Científico e fiquei muito tempo, uns vinte e oito anos, lecionando em pré-vestibular.

E quando entrei para o quadro de docentes da Universidade, como disse, também era professor da Escola Técnica Federal e dava aula no Colégio Isaac Newton, que naquela época

---

[40] 44º Batalhão de Infantaria Motorizado.
[41] Ary Norton de Murat Quintella, autor de livros didáticos de Matemática, ao longo de sua vida publicou mais de vinte.
[42] Professor de Matemática, autor de livros didáticos e fundador da editora Scipione.
[43] Pós-doutor pela Universitat Gesamthochschule Paderborn, autor de livros didáticos e professor titular da Universidade de São Paulo.
[44] Autor de obras de Matemática, publicou cinquenta e um livros, foi professor e incentivador da educação.
[45] Escola Estadual Aline Nascimento Tocantins.

se chamava Ângulo, onde eu era um dos donos. Hoje, porém, quero mesmo é lecionar em curso superior, pois neles eu ainda posso cobrar, se o aluno não sabe vai ter que aprender, ou fica por aí mesmo. Não tem esse negócio de „palavra ofende", do aluno não poder reprovar, eu não aguento isso que, para mim, é um engodo, o cara não tem consciência e não pode reprovar, logo, não estuda.

Mas, voltando aos meus primeiros tempos de docência, à época existia a eleição dos "Mais Mais" de Cuiabá, quem era o melhor professor. A cidade era pequena e as urnas eram colocadas nas Casas de Jaraguá, que não existem mais, na Riachuelo[46] e na porta da Rádio A Voz do Oeste e da Rádio Cultura de Cuiabá. Depois juntavam tudo para eleger os "Mais Mais" do ano, o melhor professor de Matemática, Geografia, História. O professor Lídio Modesto, que foi do cerimonial da UFMT, sempre ficava o melhor de História e eu ganhei de 1972 a 1974 como o melhor professor de Matemática de Cuiabá, recebi troféu e diploma do Clube Feminino[47], do Clube Esportivo Dom Bosco[48] e dois do Clube Náutico[49].

Eu era o melhor professor de Matemática, não que eu soubesse tanto, mas tinha vergonha e preparava bem a aula e, além de tudo, era jovem como a meninada. Guardo até hoje com muito orgulho, porque aquilo foi a luta de um cara que saiu da roça, que queria vencer na cidade e, por mais que Cuiabá era pequena, já era uma cidade grande comparando com o ermo, o mato que eu vim.

Quando eu estudava era duro, não se tinha essa liberdade de hoje, em primeiro lugar você *tinha* que ficar quieto, era tudo muito certinho, as filas, a sala de aula, cadeira uma atrás da outra, certinho, não tinha bagunça. Nós tínhamos um professor de Física, o Léo Gambá, um mineiro, que falava: "Você cala boca, senão eu te arrebento com um murro na cara", era desse jeito, ele era muito bom de conhecimento, era do exército, mas bebia demais. E dessa experiência que tive como aluno, quando professor, busquei fazer o outro lado, um lado mais humano. Mas era período de ditadura militar mesmo, de 1964 até 1974, quando ainda estava na Educação Básica, era bem rígido, por qualquer coisa você era enquadrado no Ato Institucional número cinco (AI – 5)[50]. Hoje está tudo muito liberado, mas eu ainda guardo resquícios disso, sou mais flexível, no entanto, sou duro e sei cobrar aquilo que eu tenho certeza que ensinei muito bem.

---

[46] Atualmente as lojas Riachuelo estão localizadas na Avenida Brasília, nos Bairros Cidade Verde e Jardim das Américas.
[47] Localizado na Rua Barão de Melgaço, Centro Histórico de Cuiabá, hoje Casa da Cultura.
[48] Clube de futebol da capital é o mais antigo do estado e segundo do Centro-Oeste.
[49] Fundado em 1946, com o nome de Clube das Regatas Cuiabá, localizado às margens desse rio, em Várzea Grande. Hoje se encontra em ruínas.
[50] AI-5: Esse ato dava poderes quase absolutos ao regime militar, sendo considerado por alguns como o mais duro golpe sofrido pela democracia nacional.

Mas apesar desse autoritarismo nas escolas, antigamente, o governo ainda se preocupava em colocar como Secretário da Educação alguém que entendesse dela. Hoje não é mais assim, pois atualmente o Secretário da Educação é um médico, que não entende nada de educação, devia ser um pedagogo, matemático, geógrafo, historiador, físico, mas alguém que já foi para a sala de aula. Hoje, tem-se o Aloízio Mercadante[51], que nem sei em que é formado e é Ministro da Educação, só fala besteira porque não entende nada, é a mesma coisa que eu, formado em Matemática, ir para a fazenda do Blairo Maggi[52], por exemplo, fazer o trabalho do engenheiro agrônomo, ou mexer com o gado se não sou veterinário, é uma coisa absurda, sou formado em Matemática não entendo de mexer com gado.

Então, a preocupação e a interação das pessoas naquela época com a educação era muito maior. A educação era tida como um *pop star* e hoje só se vê o lado político da coisa, pois sabem que ela é um galho de tudo, aonde vai a maior parte do recurso, assim, todo mundo quer enganchar para roubar. O Mercadante está lá porque vai desviar grande grana para dona Dilma. Por que não vai um cara preparado? Eu, por exemplo, meu sonho era ser Secretário de Educação do município de Cuiabá e quem sabe chegar a ser Secretário de Educação do Estado, meu grande sonho. Mas nunca serei, porque não tenho essa tendência do roubo, e todos que estão lá estão para roubar, não existe um que entre sem vontade de roubar.

Quando o Wilson Santos[53] foi prefeito, fui diretor executivo da Fundação Educacional de Cuiabá, FUNEC, dentro dela tinha o Cuiabá Vest[54] e outros segmentos que, também, estavam sob minha responsabilidade; quando assumi esse cargo percebi que nunca seria Secretário de Educação, por não ter isso de roubar, afanar o dinheiro público. Hoje tenho clara consciência que se alguém foi convidado para assumir um cargo dentro da política é porque tem facilidade de roubar e eu não tenho, aliás, eu não quero, ao roubar estou extorquindo o munícipe e eu também sou um munícipe, logo estarei roubando de mim mesmo, eu não tenho essa coragem. Eles não olham a história de vida das pessoas, pois isso não dá roubo, e por consequência eles não enriquecem. Esse pessoal enriquece ilicitamente, roubando escandalosamente, por isso a juventude saiu nas ruas e acho que tinha que sair cobrando mais ainda.

---

[51] Político e economista, um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, PT, em 1980, atual Ministro da Casa Civil.

[52] Governador de Mato Grosso no período de 2003 a 2010, atual senador pelo mesmo estado de 2011 até 2014.

[53] Atuou como prefeito de 2005 a 2010, foi deputado estadual de 1990 a 1998, ano em que se tornou deputado federal, cargo que ocupou até 2004, saindo para as eleições e posteriormente assumir a cadeira de prefeito da capital.

[54] Curso de pré-vestibular gratuito ofertado pela prefeitura de Cuiabá, por intermédio da Secretaria Municipal de Gestão e da FUNEC.

O governo está sempre querendo tampar o sol com a peneira para ajudar a educação no Ensino Fundamental e Médio. Mas, na verdade, o que era preciso era o pessoal parar de roubar tanto, de afanar os cofres públicos e fazer a mudança na educação; para mudar a educação é necessário pagar bem o professor, pagar um salário de dez mil reais por mês, para o professor trabalhar trinta ou quarenta horas semanais, não pagar essa migalha que me envergonha quando o professor faz a greve para melhorar, com teto de mil trezentos e doze reais, faz um teto de dez mil se não aceitarem tudo bem, mas pelo menos deixamos de ser pobres até no pedir.

Deixando isso de lado e voltando ao tema principal, eu, agora como professor de universidade já há alguns anos, penso em meu curso e vejo o quanto se aproximava de um bacharelado, aliás, até hoje a licenciatura na UFMT possui essa característica. Existem disciplinas pesadíssimas lá, antigamente isso era uma forma do aluno ter um conhecimento maior para dar aula na Universidade, pois não tinha mestrado. Os alunos penavam e ainda penam em determinadas disciplinas, mas acho que é só querer que é possível.

Então, apesar de passados tantos anos acho que a licenciatura lá ainda é parecida com a que fiz, agora os alunos reclamam que os professores exigem, como se fossem formar cientistas matemáticos, que cobram muito pelo grau de inteligência deles. Falam que certos professores cobram muito e dão pouco, ou seja, o professor se dedica pouco, os doutores principalmente, e cobram demais. Jogam o conteúdo e falam “Se vira e vai estudar”.

Já falei em alguns momentos sobre a educação, mas vale ressaltar que ela mudou muito, mas para pior, porque agora é só política partidária mesmo, falam muito, mas fazem pouco. Podem ficar com oba-oba e jogar dinheiro no pré-sal ou no que for, não adianta de nada se não pagar bem o professor. Precisam largar de bobagem, pois quem está na frente de tudo é o professor, e este, portanto, precisa estar motivado, mas como ficar motivado ganhando dois mil reais? Com esse valor não dá para comprar um apartamento e morar dignamente, ter uma casa boa, se alimentar e vestir bem, passear final do ano. Tem que investir em quem está na ponta, então é nesse momento que digo: “Apaga tudo, deixa dessa roubalheira esculhambada e vamos começar do zero, inclusive, dando um salário digno para todos os professores que estão atuando, porque eles que estão na frente vendendo o peixe”. Da forma que está não vai para frente.

Mexer com educação é coisa séria, vinte e cinco por cento de tudo o que o Brasil arrecada vai para a educação, logo os políticos ficam noites sem dormir pensando em como roubar esse dinheiro e não aparecer. Eles vão apoiar essa área porque é nela que está o grande

trunfo, o dinheirão mesmo, então precisam mostrar que estão fazendo algo, mas na verdade não fazem nada.

O Ságuas Moraes, por exemplo, Secretário de Educação de Mato Grosso, médico, como já disse, não faz nada, não se vê falar na educação em Mato Grosso, os professores ganham uma miséria. Se você passar nas escolas da rede pública à noite, depois das nove horas, com exceção do Raimundo Pinheiro e Liceu Cuiabano, não tem aluno, isso que a aula era para ir das sete às onze. E ninguém pode cobrar nada, dão graças a Deus de acharem professores que vão lá, que pelo menos assinam o ponto para dizer que teve a disciplina, mas não tem nada, acabou tudo. Traçando um paralelo, antigamente o patamar era lá em cima, havia respeito, hoje não, aproveitam as verbas para fazer propaganda, pois ela é a alma do negócio.

Apesar da situação atual, ainda espero ver, lucidamente, daqui vinte, trinta, quarenta anos pegar-se uma grande borracha e apagar tudo o que está na educação. Entrar alguém no governo federal e passar essa borracha, começar tudo do zero, assim, quando terminar seu mandato como Presidente da República, depois de quatro anos, já são quatro anos de uma educação verdadeira, não essa que está aí e é uma tapeação.

A Coreia e o Japão fizeram isso, eles também não tinham nada, a Coreia, me parece, tem um quarto da população brasileira, mas colocam cinco, seis, oito vezes o valor que o Brasil destina para a educação. E só tem um caminho para a educação progredir, pagar bem o professor, não ficar tapeando com bolsas e vales, que isso é compra de voto antecipada. Então, ainda espero ver o meu país com uma educação diferente, mas ela só será diferente fazendo um pacto de acabar o que está e começar do zero em tudo, pagando bem o professor, um novo projeto pedagógico de cursos da pré-escola, começando lá até chegar aqui na universidade, não ficar tapeando com creche, entre outros, que isso é tudo coisa para dar voto.

Para finalizar minha parte, quero comentar sobre a UFMT, que o estar lá dentro é a minha vida e viver lá é alegria, prazer, dedicação, vontade de continuar e, principalmente, pensar que o dia que não vou lá é como se fosse um dia se apagando em minha vida. Adoro trabalhar lá.

Sabe, não quero nem pensar no dia em que tiver que sair da UFMT aposentado, quando não tiver mais o compromisso de ir lá todos os dias, é algo que vai me doer muito, porque é uma vida, estudante, professor, ficando lá dentro quarenta anos. Tornou-se minha casa, você imagine uma criança desde seu nascimento até os quarenta anos, é a minha vida, vi tudo, construí tudo aquilo lá, cada vez que passo me emociona ver a Universidade crescendo. E dela falo de meu sonho, que era ver aquela avenida entre a chegada da UFMT pela

Fernando Corrêa da Costa e aquela no fundo do Shopping Três Américas sendo unidas, e hoje, estão fazendo uma "Avenidona" linda ali[55], o meu sonho era ver isso, e era ver também a ligação entre a UFMT e a saída de Rondonópolis, no Atacadão[56], lá, também, estão fazendo uma grande avenida, era meu sonho, não queria morrer sem ver essas duas avenidas concretizadas e agora estão sendo.

[55] No momento está sendo canalizado um pequeno rio que passava entre a UFMT e o Shopping Três Américas, em torno dessa canalização estão construindo uma grande avenida.
[56] Avenida Arquimedes Pereira Lima liga o Atacadão à UFMT.

1. Heliete Martins Castilho Moreno

Meu nome é Heliete Martins Castilho Moreno, nasci em 18 de julho de 1952, sou professora aposentada do Departamento de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT. Entrei em março de 1979; à época não precisávamos fazer concurso, entrei como horista, recebendo por hora/aula dada. Depois de um ano abriu vaga no quadro[1], não sei explicar o que é essa vaga até hoje ou como é que funcionava isso, mas dos horistas que existiam, eu entrei para o quadro e fiquei até 2003, quando me aposentei. No entanto, ainda antes de me aposentar já estava trabalhando na Educação à Distância no Instituto de Educação e, depois de aposentada, fiquei só aqui. Nesses últimos dez anos fiquei por aqui.

Sou natural do interior do estado de São Paulo, da cidade de Pindorama, localizada entre São José do Rio Preto e Araraquara. Comecei meu Primário em 1959, ao término dele fiz um ano de Admissão ao Ginásio e depois cursei o Ginásio propriamente dito, no Ensino Médio fiz o curso Normal, durante os anos de 1968 a 1970, e depois a Universidade, entre 1971 a 1974, realizei toda essa parte de minha escolaridade no interior de São Paulo. Os professores eram profissionais, mas dentro do paradigma que eles vivenciaram: onde o professor dava a aula e tinha que ser do jeito dele, só ele falava; eram autoritários, mas bons professores. Tanto que alguns alunos de minha turma de Ensino Médio fizeram faculdade,

[1] Aqui ao falar em quadro se refere à equipe de docentes efetivos.

foram para a universidade, têm formação de terceiro grau, e eu morava em uma cidadezinha de dez mil habitantes, portanto, tínhamos bons professores.

Como aluna, cheguei viver a época da repressão, do militarismo, as escolas tinham caráter de muito autoritarismo dos professores, mas eu, particularmente, não tenho uma visão negativa nesse aspecto, pois ao mesmo tempo em que eles eram professores que tinham que obedecer algumas normas, eles eram contrários a elas, então vivenciávamos aquele ambiente escolar descontraído, dentro da sala. Por um ano não peguei palmatória, minha irmã mais velha ainda pegou, como disse a militarização estava no auge, mas pelo menos tiraram a palmatória, os professores tinham que obedecer, caso contrário não se mantinham na escola, foi um período difícil, acredito que também para os professores.

Da segunda fase do Fundamental[2] eu tenho lembranças melhores, não sei se isso acontece com todo mundo devido à idade, mas da primeira à quarta série a sensação que eu tenho é que era mais pesado para mim, os professores eram mais difíceis, você não tinha carinho do professor, era apenas aquela relação professor e aluno. Eu lembro direitinho das minhas quatro professoras, não tínhamos nenhum olhar especial delas por sermos crianças. Elas estavam ali para ensinar, para dar educação, mais nesse sentido. Já da segunda fase, que na minha época se chamava Ginásio, lembro que os professores exigiam, queriam que aprendêssemos mesmo, mas ao mesmo tempo eles estavam sempre com a gente nas brincadeiras, nas festas, nos momentos de lazer.

No Ensino Médio eu fiz o Magistério[3], porque tinha que trabalhar de dia e estudar a noite. A noite só tinha o Magistério, eu conto isso nas minhas histórias porque só fui perceber, eu não sofro com isso, mas só fui perceber depois de adulta, talvez por isso não sofra e não tenha nenhuma amargura.

Quando foram criados os cursos do Segundo Grau, eles eram três: Magistério, Científico e Clássico. O Magistério era para formar professores primários. Na época, no estado de São Paulo, você tinha que ir para o interior, era o que eles falavam, mas na verdade era para a zona rural para dar aula, pois já tinha professores formados para as escolas da cidade. O Clássico era destinado para quem queria ir para a universidade na área de humanas e o Científico para os que queriam ir para a universidade na área de exatas. Mas o Clássico e o Científico eram diurnos, destinado aos que podiam estudar de dia, apenas o Magistério era noturno, ou seja, Magistério era para os pobres, então o pobre não tinha acesso a esses dois

[2] Ao longo da narrativa aparecem Ginásio e segunda fase do Fundamental indicando a mesma escolaridade.
[3] No decorrer da narrativa o Curso Normal e o Magistério são indicados como a mesma formação.

cursos, tanto é que eu tenho uma história diferente, porque eu fiz o Magistério e entrei em Matemática.

Assim, quando entrei em Matemática, não conhecia nenhum conteúdo de Ensino Médio, porque no Magistério estudávamos somente metodologia, era a época da passagem da Matemática formal para a Matemática Moderna, então só vimos Teoria dos Conjuntos. Fiz meu curso superior com uma coleção de livros de Matemática do Ensino Fundamental e do Ensino Médio sempre do lado, estava estudando Cálculo então aparecia seno, cosseno, e eu tinha que ir lá estudar seno e cosseno, tive que me autoformar. Eu não tenho nenhum sentimento negativo em relação a isso, mas hoje, depois de analisar essa passagem e alguns outros fatos percebo essa diferença. Depois de algum tempo isso acabou e todos passaram a ser ofertados no noturno também.

Eu terminei o Magistério e tinha dado aula particular no ano anterior, para o oitavo, hoje nono ano, visando guardar um pouco de dinheiro para fazer cursinho, ou alguma coisa do tipo, então fiz um mês e meio de cursinho pré-vestibular lá em São José do Rio Preto, porque lá, graças a Deus, mora um casal de tios, que não tinham filhos, onde sempre passava as férias, então me mudei para lá para estudar desde o cursinho.

Paguei o cursinho e depois a universidade não era paga, então morei com eles, foram quatro anos de sacrifício porque até o final do terceiro ano não trabalhei, embora o curso fosse diurno era muito pesado, não dava para trabalhar, logo, tinha que vestir o que eles me davam, pegava carona pra ir para a universidade, não tinha dinheiro para ônibus, não tinha coragem de pedir, meus pais também não podiam, então no quarto ano peguei umas aulas, fiz estágio no Projeto Rondon[4], consegui comprar uns livros, tive um pouco mais de liberdade, mas foram quatro anos pesados.

Busquei a área escolar para me formar não muito como uma escolha, mas sim porque foi o que dava para fazer, apesar de ter feito na área que sempre quis. Na verdade, queria fazer Engenharia, mas não tinha escola pública de Engenharia naquela época em São José do Rio Preto onde eu poderia morar para estudar, então fui fazer Matemática. Não me arrependo, acho que eu tinha que ser professora mesmo, adoro minha profissão, nunca trabalhei de má vontade, sempre gostei muito de ensinar.

E dito isso começo a contar de minha graduação. Cursei-a na Universidade Estadual Paulista, Unesp, de São José do Rio Preto, ainda não era Unesp e sim Faculdade de Filosofia,

[4]Projeto de iniciativa do governo, no qual estudantes participavam como voluntários em atividades assistencialistas a comunidades carentes e isoladas.

Ciências e Letras[5]. Fiz Licenciatura Plena em Matemática, naquele tempo era tudo muito pesado, grande parte de meus professores era de São Paulo, capital, eles iam para a universidade nos dias de dar aula e ficavam dois dias lá, lembro bem de Cálculo e Álgebra Linear. Depois, quando eu já estava saindo da universidade, houve alguns concursos e entraram professores que se dedicaram mais ao curso, crescendo o número de professores ali. Como era uma Faculdade de Filosofia, era do estado, não tinha corpo docente ali, então vinham professores de fora, o ensino era bastante tradicional, não aprendi nada de metodologia, nunca me puseram a pensar sobre o ensino, era Matemática e Matemática. Nós tivemos Psicologia, mas nem lembro quem deu aula, porque era um semestre de sessenta „horinhas", não me lembro de Didática, a Prática de Ensino não preparava para ir para sala de aula, a supervisora te apresentava na escola, você via em que conteúdo a professora estava, preparava a aula e ia lá, no meu caso, por exemplo, dei apenas uma aula, ela assistiu e falou que estava boa.

Por esses dias até tenho procurado alguns amigos de curso na rede social[6], hoje conseguimos localizar essas pessoas, os que eu encontrei estão todos na área de Matemática Pura. Nós não tivemos mesmo essa formação pedagógica, eles fizeram mestrado em Matemática Pura ou em Matemática Aplicada e continuam ensinando no bacharelado mesmo, como professor de aluno que vai fazer bacharelado.

Desse tempo um dos professores que me marcou era de São Paulo, professor Hygino Domingues[7], autor de vários livros de Álgebra Linear, gostava demais dele, tive o prazer de reencontrá-lo em uma especialização em São Paulo, depois que terminei a graduação. Como disse, fiquei um ano em São Paulo e nesse período fui fazer uma especialização na Pontifícia Universidade Católica, PUC, e dois dos professores tinham me dado aula na graduação, o professor Hygino e o professor Péter Almay[8], professor de Cálculo, também é autor de livros.

Eles me marcaram, pois, apesar de ficarem somente dois dias por semana conosco, iam com muita vontade, acho que eles sabiam ensinar, mas não em termos de me formar para ser docente. Logo em seguida fui trabalhar na universidade, me formei em final de 1974 e em 1977 já entrei na universidade, então o meu espelho de professor era o Hygino, não sei se

---

[5] A Unesp, organizada como é atualmente, foi criada em 1976 por meio da incorporação de Institutos Isolados, de formação superior, do estado de São Paulo. Entre essas instituições estava a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto.

[6] A rede social aqui citada trata-se do *Facebook*. Como dito pela depoente, por meio dele é possível manter contato com pessoas que há tempos não vemos e nos inteirarmos a respeito do que estão fazendo atualmente.

[7] Importante autor de livros de Álgebra, entre eles o Álgebra Moderna que é muito usado em cursos de licenciatura. Foi professor do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Ibilce, de São José do Rio Preto e posteriormente da Pontifícia Universidade Católica, PUC, de São Paulo.

[8] Seus livros enfocam especialmente a área de Cálculo.

coincidentemente porque fui dar aula de Álgebra Linear quando eu cheguei a Campo Grande; meu material foi baseado no livro e no caderno que eu tinha dele, depois estudei outros autores quando vim para Cuiabá, mas muito me espelhei nele como professora da universidade.

No estado de São Paulo, a política era de profissionalização mesmo, lá o professor fazia concurso público, a maioria deles já era professor concursado no estado quando eu estudei, foi um estado que avançou logo, também pelo tamanho e localização. Quando terminei a graduação já era difícil passar em concurso para professor, então penso que já existia uma política de formação no estado. Tanto é que, do que eu conheço de política educacional, é o único estado onde direção é cargo de carreira, para ser diretor tem que ter tantos anos de Magistério, aqui, por exemplo, é eleição o que pode não ser carreira, sobrando, às vezes, para quem não quer dar aula.

O ensino em minha época era bem tradicional, no entanto, acho que o é até hoje, são gerações e gerações que estão passando por quem foi formado dessa forma, é muito difícil sair desse paradigma para fazer um ensino diferente, o professor é aquilo que ele vivenciou. Quando ele tem fôlego para sair um pouquinho da água e respirar, consegue avançar um pouco, mas isso não é muito simples porque têm que trabalhar, às vezes, duas jornadas para ter um salário decente, logo nem todos conseguem dar essa respirada, frequentar cursos, não é tão simples quanto parece. Apesar dos centros de formação oferecerem instrução, não é tão simples, não que eu proteja o professor, porque acho que ele não tem o direito de dizer „não sei", tem o dever de dizer „vou aprender para ensinar". Não é uma proteção, mas também não posso dizer que é fácil para o professor fazer diferente.

Eles trabalham duas jornadas, têm família, precisam cuidar da casa, então não é fácil sair do que sabem fazer. Mudar já é difícil, mesmo tendo oportunidade e tempo, sem ter, então, fica complicado. Portanto, acho que o ensino ainda é tradicional, eu acompanho os alunos da Pedagogia que são professores, tento mostrar que existe outra forma, mas é certo que caem na anterior, não só por comodismo, mas pela necessidade de sobrevivência mesmo.

Agora mudando de assunto, contarei como vim parar aqui, mudei-me em 1979 para Cuiabá, vindo de Campo Grande, mas antes de ir para o Mato Grosso do Sul, quando eu me formei eu fui para a capital São Paulo, trabalhei lecionando um ano lá para o Ensino Médio, então fui para Belo Horizonte, para onde meu marido foi trabalhar. Em Minas Gerais, morei um ano e meio, vindo em seguida para Campo Grande, que na época era Mato Grosso ainda. Nesta cidade trabalhei um ano e meio na Universidade Estadual, que quando vim para Cuiabá, estava em processo de federalização, porque já tinha dividido o estado, mas acho que essa

divisão não mudou nada para a Universidade[9], aqui que era Federal continuou e lá que era Estadual passou a ser Federal. À época era melhor ser Federal, porque o governo do estado, como o estado era muito grande, não dava conta de sustentar a universidade.

Pensando bem, em Campo Grande, na Universidade Estadual, acredito que deve ter havido uma mudança substancial, pois quem era funcionário do estado passou a ser da federação, e a instituição também, deve ter ganhado alguma coisa do governo federal devido a esse novo *status*. No entanto, ela se mantém no mesmo espaço físico até hoje. Aqui da Federal não sei direito, pois cheguei ao período da divisão, não vivenciei o antes, porém não percebi nada que indicasse grandes mudanças.

Lá em Campo Grande não tinha Licenciatura em Matemática, então eu lecionava para a Engenharia Civil e também para um curso na área de Biomédicas, eu dava Estatística, tenho até hoje o livro que trabalhei com eles.

Meu marido então comentou que viria para Cuiabá, decidi vir antes e me apresentar na Universidade, onde fui acolhida. Quando cheguei aqui, Cuiabá era muito diferente, por exemplo, acho que só tinha um prédio com mais de quatro andares; há uns onze anos atrás eu morava em um prédio no décimo segundo andar e só de um lado da vista dele, contava-se mais de noventa prédios com mais de quatro andares. A cidade cresceu absurdamente, existem bairros que hoje fazem parte de Cuiabá que não existiam à época, o CPA[10], por exemplo, era um bairro que não existia e agora é uma cidade, uma outra cidade[11], então cresceu muito mesmo.

Com relação ao ensino nós começamos a conhecer escolas quando temos os filhos nela, então, quando eu cheguei só tinha uma filha, com dois aninhos, ela até foi em escola maternal, mas eram particulares e quando ela iniciou o Ensino Fundamental tinha uma escola particular no bairro ao lado da Universidade, que era dirigida por uma professora que veio do Rio de Janeiro. Era uma escola bastante estruturada. Eu passei por algumas para conhecer, aqui na cidade era muito tradicional a escola das irmãs e eu consegui vaga lá, mas não tinha muita certeza nesse tipo de educação só entre meninas, aí descobri essa escolinha aqui onde ela estudou. Mas a escola pública só fui conhecer um pouquinho na década de 1980, quando fui trabalhar com projetos nas escolas, então não sei falar muito sobre elas.

---

[9] UFMT. Cabe destacar que sempre que a palavra Universidade se apresentar em letra maiúscula fará referência a Universidade Federal de Mato Grosso.

[10] Bairro Morada da Serra, também conhecido como Centro Político Administrativo (CPA), abrange quatro etapas: CPA I, II, III e IV, é um grande bairro de Cuiabá, que abriga cerca de sessenta mil moradores, possui estruturas nas áreas de saúde, alimentação, esportes, entre tantas outras necessárias a um local tão grande.

[11] Linguagem figurada, pois o CPA, ainda hoje, é um dos bairros de Cuiabá.

Já que falamos em escolas, com relação à formação dos professores que nelas atuavam aqui, na década de 1970, só tinha a UFMT, então acho que antes da criação dela, os professores deviam se formar como nós no interior de São Paulo, ou seja, quem fazia o Ensino Médio para ser professor, o curso Normal ou Magistério, ia dar aula do primeiro ao quarto ano (nessa época também se chamava ano, depois passou para série e agora voltou para ano de novo[12]). Portanto, essa formação do Magistério, habilitava apenas para dar aula no atual Ensino Fundamental I, mas nem sempre era isso que acontecia. No interior do estado de Mato Grosso, por exemplo, nos deparamos com pessoas que tinham o Ensino Fundamental ensinando no Ensino Fundamental, pela falta de professores, vivenciei também um pouco essa fase. Ainda hoje faltam professores formados.

Depois, com a vinda da Universidade, ela própria passou a fazer essa formação em serviço dos professores. A UFMT tinha duas entradas para alunos da Pedagogia, as turmas para a demanda social e as turmas que eles chamavam do convênio – que era para formar em Pedagogia os professores da rede pública de ensino sem formação. Então, eu conheço essa história trabalhando na UFMT, lembro também que antigamente o curso de Pedagogia também formava para ensinar nas disciplinas do Ensino Médio, nas pedagógicas do Ensino Médio como Sociologia e Filosofia.

Mas voltando à minha vinda para a Universidade, comecei a lecionar porque gostava e também porque precisava trabalhar, mesmo já sendo casada. Nós dois estávamos começando a vida do nada, na época saímos de perto da família, nos aventuramos sozinhos para o Mato Grosso.

Quando cheguei ainda era recém-formada e sem experiência, pois tinha trabalhado apenas um ano no Ensino Médio em São Paulo, capital, e um ano e meio no interior de São Paulo, no Ensino Fundamental, portanto, minha experiência era pequena e meu curso de graduação embora licenciatura assemelhava-se mais a um bacharelado.

No Ensino Fundamental, lecionei poucas aulas, apenas como substituta, não tive carreira; no Ensino Médio também não dei muitas aulas. Quando ainda fazia faculdade peguei uma substituição em Pindorama[13], de Desenho Geométrico, que fazia parte do currículo do Ensino Fundamental, mas foi por pouco tempo; depois trabalhei um ano com o Ensino Médio, em São Paulo, dando aulas de Matemática, em uma única escola. E essa foi minha experiência fora da universidade.

---

[12] Atualmente o Ensino Fundamental I é organizado em cinco anos, ou seja, o que chamavam de pré e primeira à quarta série hoje corresponde do primeiro ao quinto ano.

[13] Distante cerca de trezentos e setenta quilômetros da capital São Paulo.

Ingressei, então, na Universidade Estadual em Campo Grande e não deixei mais o nível superior. Lá em Campo Grande fiz concurso e passei, na época o estado fazia concurso, depois pedi demissão porque não fiquei lá, se ficasse ia entrar no processo de federalização e ia continuar, mas vim para Cuiabá e aqui entrei sem concurso. Na UFMT eram poucos formados em Matemática.

Em princípio, meus conhecimentos de Matemática eram para atuar na Matemática Pura e eu sentia necessidade de procurar outro campo de trabalho dentro da Matemática para não me sentir muito sozinha, porque aqui não tinha nem grupo para trabalhar Matemática Pura. Assim, senti a necessidade de ir para a área de ensino por falta de grupo da área em que era formada. O que eu ia fazer com aquela Matemática que tinha aprendido? Porque ou você forma bacharéis em Matemática ou vai dar aula em cursos em que a Matemática é ferramenta, como as três Engenharias: Civil, Florestal e Agronômica, e a Geologia, que eram os cursos em que trabalhávamos na época, lecionando os Cálculos e as Geometrias. Então ou era utilitária ou você ia formar professor, eu optei mais pela formação de professores, embora continuasse dando alguns Cálculos nas engenharias.

Nos cursos de Engenharia já tinham alguns professores que pegavam as disciplinas matemáticas, não tínhamos muita oportunidade de lecionar Cálculo, levou um tempo até conseguirmos espaço. Então, eu comecei a estudar Educação Matemática para formar professores, também tiveram os projetos do Ministério da Educação, em 1985, se eu não me engano, foi o primeiro edital. Nós fizemos um projeto e foi aprovado, recebemos financiamento e começamos a trabalhar com os professores nas escolas, com formação continuada dos professores, sempre em serviço, íamos às escolas fazer o trabalho.

Mas voltando ao curso de Matemática, quando eu cheguei aqui quem se formava em Matemática passava pelo curso de Licenciatura em Ciências de Curta Duração, eles faziam dois anos de básico e depois iam para a habilitação, aqui tinha as quatro habilitações: Física, Química, Biologia e Matemática. Mas fazendo os dois primeiros anos do curso de Ciências, que era uma base geral, o estudante já podia atuar como professor de Ciências no Ensino Fundamental. Para os que continuavam, eu trabalhava com os alunos que iam para a Matemática, eventualmente, dava uma disciplina, também na Física, mas na Química e Biologia eu nunca trabalhei.

Primeiro tínhamos Licenciatura Plena como a que eu cursei, e depois se passou para a Licenciatura Curta[14], penso que isso tenha ocorrido pela necessidade, pela demanda, porque à medida que a população vai aumentando, vai tendo-se condição de ter professores de áreas específicas. Na época, provavelmente, formavam professor da área de Ciências, e a Matemática entrava, talvez, mais como ferramenta para as outras áreas de conhecimento. Então eram poucos para aprender e poucos para ensinar. Por isso abria-se um curso que generalizava, vamos dizer assim, imagino que seja por isso que houve a mudança, mas nunca li sobre essa história.

Quando vim para a UFMT em 1979, como já disse, ainda era Ciências de Curta Duração, e lá em São Paulo, em 1970, já era separado em Química, Física, Biologia; meu marido fez Física, alguns colegas Química e, muitos, Matemática em Araraquara ou São José do Rio Preto. Em minha época, lá no estado de São Paulo, os cursos eram voltados para o específico. Mas aqui na Universidade parece que também começou com o específico e depois mudou.

Neste curso, que encontrei em 1979, como eram apenas dois anos de específico, quando entrava a Matemática não dava para ser tão pesado em termos de conteúdo matemático mesmo. Mas a partir de 1985, se eu não me engano, reformulamos, não pode mais continuar a Licenciatura Curta, o próprio Ministério da Educação não deixava mais funcionar esse curso. Então, fizemos o projeto da Matemática, segundo os padrões das próprias orientações do Ministério da Educação – MEC. Não dava para fazer muita coisa pensando no professor, porque as instruções eram de disciplinas pesadas, entravam Análise Matemática, Álgebra Linear e Programação Linear que eram obrigatórias.

Assim, acabava-se por escrever um curso chamado de licenciatura, até porque era mais fácil de ser aprovado em uma instituição, por ser para formar professores, e conforme vão chegando pessoas formadas, mestres, doutores na área, o curso acaba ficando mais para formar matemático mesmo, que acabam sendo professores sem a necessária formação pedagógica.

No entanto, em certo momento, começou a aumentar o grupo de interessados em Educação Matemática, que chegou a ser forte por um tempo, formou-se, então, o Grupo de Ensino e Pesquisa em Educação Matemática, Gepemat, que existe até hoje. Quando esse grupo se fortaleceu, reformulamos o curso, colocamos mais algumas disciplinas pedagógicas,

[14] Essa conversão de Licenciatura Plena para Licenciatura de Curta Duração ocorreu devido à Resolução 30/74 do Conselho Federal de Educação, sendo que as licenciaturas em áreas científicas converteram-se em Licenciatura em Ciências, com habilitações em Matemática, Química, Física ou Biologia.

as Instrumentações para o Ensino[15], a Didática da Matemática; colocamos também uma disciplina no início do curso que chamamos de Matemática para o Ensino, com a intenção de fazer uma revisão dos conteúdos do ensino básico, do Ensino Fundamental até o Ensino Médio, sua carga horária era pesada. Ela não deveria ser ministrada com aula expositiva, a nossa intenção era trabalhar o conteúdo como eles lecionariam, como eles trabalhariam com as crianças, com algumas atividades e material concreto, mas conforme o tempo foi passando chegaram novos professores, com formação ainda mais voltada para a Matemática, e essa disciplina foi perdendo seu caráter, uma pena. Atualmente não sei como está o currículo, mas o Sérgio[16] vai saber explicar.

O curso de Matemática desde seu início se manteve forte, sendo que agora está tendo um movimento na busca de mudança em seu currículo, a professora Luzia Palaro[17] me falou disso, eles também estão pensando em propor o curso à distância, parece que tem um grupo interessado.

Antes eu comecei a comentar de projetos realizados nas escolas, eles foram frutos do Núcleo de Apoio ao Ensino de Ciências, Naec, que surgiu quando veio o programa do MEC visando melhorias na qualidade do Ensino Fundamental, em Ciências e Matemática. Então, juntamos um grupo de pessoas de diferentes áreas, tinha da Física, Química, Biologia e Matemática; da Biologia era o Edward Bertholine de Castro[18], o Vavá; eu e a Elisete[19] da Matemática, a Lydia[20] da Química, da Física era o Sérgio Scala[21] e um rapaz que foi embora daqui chamado Gabriel de Piere, houve alguns rodízios de professores, mas eu comecei e fiquei.

Com o Naec, fizemos o levantamento em dez escolas estaduais para tentar descobrir as necessidades dos professores de Ciências e Matemática, trabalhamos em duas escolas por ano, fazíamos formação continuada em serviço, íamos à escola, conversávamos com os professores, fazíamos experiências, levávamos os nossos estagiários, preparávamos eles aqui na UFMT e eles iam trabalhar nessas escolas.

---

[15] Sempre que a palavra ensino se apresentar com letra maiúscula estará fazendo referência a uma disciplina.
[16] O professor Sérgio Antônio Wielewski é nosso colaborador, sua narrativa pode ser encontrada na seção *2.8 Sérgio Antônio Wielewski*.
[17] Luzia Palaro foi coordenadora de ensino de graduação em Matemática da UFMT.
[18] Professor titular da UFMT, mestre em Ensino de Ciências Naturais.
[19] A professora Elisete de Miranda é nossa colaboradora, sua narrativa pode ser encontrada na seção *2.5 Elisete de Miranda*.
[20] Lydia Maria Parente Lemos dos Santos, docente da UFMT, mestre em Educação por essa mesma universidade.
[21] Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo, professor titular da Universidade Federal de Mato Grosso.

Nessa formação continuada que realizávamos, tentávamos ensinar o conteúdo com uma metodologia adequada para a criança e, nesse momento o professor aprendia também o conteúdo que não sabia, pois o Magistério não tinha uma carga horária como a Pedagogia, que ainda não tem uma suficiente para formar um professor para ensinar Matemática, Ciências, História, Geografia... são muitas áreas de conhecimento que o professor da primeira fase do Fundamental precisa conhecer; vejo que a Pedagogia tem essa dificuldade hoje, que já era a dificuldade do Magistério.

Portanto, eles não sabiam o conteúdo, como no caso da Matemática não sabem ainda, sendo que os que se formam em Pedagogia, em geral, não sabem a base da Matemática que vão ensinar. Eles sabem fazer as continhas, resolvem os problemas, mas não sabem analisar o que está por trás disso, de onde vem cada uma das coisas. Quando trabalhamos com a metodologia, em minha opinião, devemos trabalhar o conteúdo envolto em uma metodologia adequada e eles aprendem conteúdo e metodologia, permitindo que percebam que não adianta só dar as regras para as crianças, isso elas aprendem com qualquer um, até com um livro.

Os frutos produzidos pelo Naec foram muito proveitosos, embora não tenhamos feito uma avaliação formal no término da pesquisa, ninguém fez esse levantamento imediatamente, mas os professores gostavam bastante, alguns mudavam a atitude na escola e outros se interessaram pela Universidade, pela convivência, e hoje são mestres e doutores daqui.

Então o Naec funcionou como um grupo bastante importante para o ensino de Ciências e Matemática, por meio da Universidade. Depois do Naec esse projeto mudou um pouco de perspectiva, ele que era financiado pelo MEC, passou a ser pela Capes[22], sendo então exclusivo de Matemática; assim, surgiu o Gepemat, onde o grupo de matemáticos aumentou e pudemos continuar esse trabalho de formação em serviço. Isso já depois do término das Licenciaturas Curtas e retorno das Plenas.

Quando o Gepemat foi criado não tinha ninguém com formação em Educação Matemática, fomos aprendendo fazendo eventos e trazendo pessoas de várias instituições. O grupo recebeu ajuda de várias instituições de ensino do Brasil, pegamos um pouco da experiência do Rio de Janeiro, da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp; nessa época havia grupos na Unicamp que sempre trazíamos para Cuiabá, aprendemos com eles, o do

[22] Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Sérgio Lorenzato[23] e o do Rodney Bassanezi[24], bem como com o do Ubiratan D"Ambrósio[25], na linha de Etnomatemática.

Trouxemos para UFMT dois cursos de especialização na área. Eu, particularmente, acredito muito no material que venho utilizando desde então, produzido por dois professores de Matemática da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, o Reginaldo Naves de Lima[26] e a Maria do Carmo Vila[27]. Trata-se de um material didático para o Ensino Fundamental e Ensino Médio, na perspectiva da aprendizagem de acordo com a necessidade da criança.

Hoje, no Brasil, vejo artigos e revistas falando de um determinado conteúdo, a revista Nova Escola trazendo sequências didáticas, ainda com alguns erros, umas falhas, mas trazendo, no entanto, nada igual ao que eu conheço deles, que é um material completo, testado em pequena e depois em grande escala. O professor Reginaldo, fez seu mestrado, se eu não me engano, em 1981, já em Educação a Distância, então um homem avançado, um profissional avançado.

Na época em que produziram esse material, eles tiveram a oportunidade de testá-lo. Antigamente, havia algumas instituições de ensino superior federais que tinham o colégio anexo, Colégio de Aplicação, a universidade fazia as pesquisas e aplicava nesse colégio, onde existiam alunos de todos os níveis de ensino dentro da própria Universidade. Foi em um desses colégios que foi testado o material deles.

Como disse, nos apoiamos no grupo do Rio de Janeiro, da professora Maria Laura Mouzinho Leite Lopes[28], que faleceu recentemente, da professora Lilian Nasser[29], o grupo de Campinas e o de Minas Gerais, trabalhamos também um pouco com os conceitos da Psicologia, do grupo da Terezinha Carraher[30], que na época era de Recife. Estudamos bastante aqui entre nós, então o grupo foi crescendo, primeiro éramos eu, Olga Sartori[31] e a Maria

---

[23] Sérgio Apparecido Lorenzato, pós-doutor em Educação Matemática pela Universidade Laval, Canadá, professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp.
[24] Professor aposentado da Unicamp, atualmente trabalha na Universidade Federal do ABC, enfocando, principalmente, Teoria Fuzzy, Biomatemática e Modelagem.
[25] Doutor em Matemática pela Universidade de São Paulo, professor da Universidade Bandeirante de São Paulo, UNIBAN, credenciado, também, em programas de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, da Universidade de São Paulo, USP/SP, e na Unesp de Rio Claro.
[26] Reginaldo Naves de Souza Lima, professor da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG.
[27] Na época da produção deste material trabalhava na Universidade Federal de Minas Gerais, atualmente faz parte do quadro docente da Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP.
[28] Doutora em Matemática, em 1949, pela Faculdade Nacional de Filosofia, Universidade do Brasil.
[29] Doutora em Educação Matemática pela University of London, pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
[30] Psicóloga e professora universitária, autora do livro: Na vida dez, na escola zero.
[31] Chefe do Departamento de Matemática de 1978 a 1981.

Elizabeth Milanezi de Paula[32], a Beti, aí vieram a Luzia, o Sérgio e a Gladys Wielewski[33] que se formaram na UFMT e depois fizeram mestrado e doutorado na área, então hoje o grupo é forte em termos de formação, mas iniciamos do nada.

Com o Gepemat também fomos para as escolas, via esse programa da Capes fizemos a formação de Matemática para professores em exercício das escolas, mas a diferença é que fazíamos as formações aqui na Universidade aos sábados, nós mesmos que ministrávamos esses cursos.

Em alguns momentos eram realizados encontros com o pessoal de fora, como disse anteriormente, e desses encontros os professores das escolas também eram convidados a participar. Os professores das escolas participavam de nossos estágios, a Universidade, naquela época, era muito ligada às escolas, as quais ofereciam espaço para levarmos nossos estagiários. Então nós tivemos o Ferreira Mendes[34], que é bem próximo a UFMT, o Raimundo Pinheiro[35], que também é no bairro Coxipó, outra escola no bairro Pedregal e o Médici[36] lá no centro. Pegamos várias escolas, em diferentes meios e trabalhávamos com esses professores.

Atualmente o Gepemat tem dado assessoria para a Secretaria de Estado de Educação, Seduc, porque agora o estado tem o Centro de Formação e Atualização de Professores, Cefapro, e, às vezes, somos convidados para trabalhar com os formadores de lá.

Deixando o Gepemat à parte e pensando, agora, no ser professor, lembro que quando me formei, apesar do estado de São Paulo já ter um número significativo de professores, era "a" profissão, muito valorizada. Em Campo Grande também ainda tinha bastante valor. Aqui, na UFMT, chegamos a ter salário que dava para comprar um carro à vista no mês, então a valorização começava por aí. Hoje as pessoas falam que a meninada é mal educada, não respeita o professor, mas não respeita porque vivemos em um mundo capitalista, tem valor quem tem capital, como ganhamos pouco, por que seremos respeitados? Valorizam-se as profissões que pagam bastante.

Apesar de a valorização ter oscilado, acredito que as licenciaturas, desde quando me formei, não estão muito diferentes, acho que um pouco da diferença está no professor de carreira. Por exemplo, antigamente o professor de carreira, que prestava concurso, ia trabalhar

---

[32] Professora aposentada do Departamento de Matemática, da UFMT.
[33] Doutora em Educação Matemática, atua na graduação e Pós-Graduação na UFMT, pesquisando a respeito da História da Educação Matemática, História da Matemática, Resolução de Problemas, Pensamento Matemático e Didática da Matemática.
[34]Escola Estadual Francisco A. Ferreira Mendes, localizada na Vila Boa Esperança.
[35]Escola Estadual Raimundo Pinheiro da Silva.
[36]Escola Estadual Presidente Médici.

fazendo questão de ser um bom profissional para ser respeitado, hoje quando faz concurso público, falando genericamente, está aliviado porque agora tem emprego para o resto da vida. Claro que ainda existem professores que levam a sério o trabalho do início ao final de sua profissão, mas infelizmente, eu tenho visto muito professor e funcionário de uma maneira geral, que entra em um espaço público e aí fica, se acomoda.

Com isso surgem dificuldades em encontrar uma secretária que trabalha direitinho dentro de uma instituição pública, de um professor que cumpre horário e nesse caso é dos dois lados, o aluno também não está cumprindo, porque está achando que basta um título, um diploma, ele não está valorizando o que ele vai saber e o que ele pode fazer com esse saber. Então do mesmo jeito que tem professores que não cumprem horário, o professor que cumpre não está conseguindo trabalhar direito, porque o aluno também não cumpre.

A Pedagogia aqui ainda é modular, então, lembro-me de minha primeira experiência no curso, pois trabalhei com ela enquanto estava na ativa, no presencial. Nessa turma, que chamávamos de convênio, tinha uma turma de manhã e uma à tarde, ou mais de uma; a turma da tarde, por exemplo, o horário era das 13h30min às 17h30min, e metade da sala chegava as 14h30min e a outra metade saía às 16h30min, quer dizer, o horário mesmo para trabalhar você não tinha.

Assim, minhas experiências me fazem valorizar o ensino à distância, porque nele, com ou sem o professor o aluno tem que dar conta daquilo ali. Isso não acontecia apenas na Pedagogia, na Matemática também. Dependendo da disciplina, se o aluno não a valorizava ele chegava na hora de assinar a lista e saia antes. Cheguei a sofrer ameaças de aluno, porque não fez o estágio direito e ia ser reprovado. O aluno é um ser humano igual ao professor, que pega o vácuo das coisas e vai reagindo conforme precisa.

As mudanças na educação ocorrem por meio de mudanças políticas, provindas de pressões das classes, como no caso dos professores por meio dos sindicatos, que pressionam para a realização de concursos. Apesar disso, aqui em Mato Grosso ainda existem muitas contratações, pois convêm ao estado e município, que dispensam o professor em novembro e recontratam em março, uma economia de três meses. O governo força para não mudar, mas já existe uma política de profissionalização e formação.

No entanto, vejo como mudança substancial na educação apenas o fato de ter mais alunos nas escolas, o que é fruto provavelmente das leis de obrigatoriedade, e nem tanto por valorização do estudo. Ao longo desses anos, em que acompanho a educação, ocorreram alterações de currículo, regras, carga horária, mas acho que tudo isso não muda muito em

termos de ensino e aprendizagem. O número de escolas particulares também aumentou bastante, e estas, realmente deixam a desejar com relação ao bom ensino.

Falar de educação só faz-me valorizar estar aqui dentro da UFMT que, para mim, é fundamental. Isso aqui é minha vida, eu estava até conversando com minha orientadora quarta-feira passada, ela me falou que está pensando em se aposentar, então perguntei a ela porque ainda não o havia feito; ao que me respondeu: "Porque eu gosto da UFMT". É a mesma coisa que eu sinto, porque trabalho eu consigo em outra instituição, ela também, mas amamos isso aqui. Não sei muito bem explicar o porquê, acho que deve ser por ter sido minha vida. Minha história de vida, minha história profissional está tudo aqui, na verdade a profissão mesmo eu aprendi na Universidade, eu apenas não estudei aqui para me formar, mas estudei para ter uma profissão.

Então, a UFMT é a minha vida, tanto é que eu pedi para sair dia cinco de julho, e não fiz nada na outra semana, porque fiquei depressiva, então fui ver minha mãe e minha irmã em Campo Grande, fiquei fora uns três dias, me envolvi um pouquinho com a minha casa, mas isso por estar deprimida mesmo. Ontem eu passei lá na UAB[37], ainda não consigo falar dela sem chorar. Dá um vazio pensar em não mais fazer parte dela, talvez se fosse outra instituição eu estaria na mesma situação, não sei.

A UFMT tem uma história no Estado e tem uma história no país, da qual faço parte, por meio da Educação a Distância. Então, ela é a minha vida, e meu maior sofrimento em pedir para sair é perder oportunidade de voltar, pois já me aposentei e quem não é visto não é lembrado. Eu tenho receio de me afastar definitivamente dela, deixar de fazer parte, perder essa sensação de ser desse grupo, de falar dela com orgulho como minha instituição, na verdade, acho que sempre vou falar. Ficar aqui não tem nada de financeiro, nesses últimos tempos, por exemplo, fiquei só com a bolsa da UAB, ganharia isso trabalhando uma vez por semana em outra instituição, não foi isso que me segurou aqui e sim o grupo, nesses últimos anos, mais especificamente, o Núcleo de Educação Aberta e à Distância, Nead.

Para finalizar quero dizer do orgulho que sinto de seu sucesso, Bruna, quando as pessoas não acreditavam no que podemos proporcionar em um curso a distância, estamos mostrando que é possível, que basta o aluno querer, também o orgulho de você se interessar por escrever a história da formação dos professores de Matemática e, de certa forma, da UFMT, você poderia fazer tantas outras coisas, mas optou por isso e acho que terá bastante satisfação nesta caminhada.

---

[37] Refere-se ao espaço físico destinado a Universidade Aberta do Brasil (UAB) dentro da UFMT.

2. Sérgio Antônio Wielewski

Meu nome é Sérgio Antônio Wielewski, sou professor do Departamento de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, desde 1987, mas neste ano estava como substituto em Barra do Garças[1]. Em 1989, voltei para Cuiabá, fiz o concurso e estou desde então. Atuo na área de Educação Matemática, minha formação tanto em nível de mestrado como doutorado é nesta área, mas não tenho problema com as outras disciplinas, graças a Deus consigo "enganar" muito bem.

Nasci em treze de junho de 1959, em Xambrê[2], uma pequena cidade próxima a Umuarama[3], onde cursava a faculdade na Faculdade de Filosofia de Umuarama, FAFIU. Umuarama era um centro maior, localizada a dezoito quilômetros de minha cidade. Cheguei a Cuiabá em 1981, era oriundo daquele sistema de Licenciatura de Curta Duração[4]. Na região do Paraná era a opção que tínhamos, eu como engenheiro mecânico frustrado, por não conseguir fazer o curso, fiz Matemática por opção. Já possuía experiência em sala aula e de repente me conscientizei de que era aquilo que queria.

Brinco que sou um engenheiro mecânico frustrado, porque tenho o hábito de mexer com tudo. Com a parte de informática, mexo com computadores na UFMT desde 1983,

---

[1] Município do interior mato-grossense distante quinhentos e dez quilômetros da capital.
[2] Município distante quinhentos e oitenta quilômetros da capital paranaense.
[3] Distante quinhentos e oitenta quilômetros de Curitiba.
[4] Implantada pela Resolução 30 de 1974, do Conselho Federal de Educação, por meio dela passou-se a ter Licenciatura Curta em Ciências do 1º Grau com Habilitações Plenas em Matemática, Física, Química ou Biologia.

comecei de curioso. Os computadores aqui eram uma sala três vezes maior que essa; cada bloco de computadores era enorme e todo o sistema de programação não era por meio de teclado e sim de cartões perfurados, como sistema de loteria esportiva em que furávamos os jogos. Então, a programação era feita à base de cartão, para que o computador entendesse um programa era necessário colocar, às vezes, setecentos, oitocentos cartões na sequência para serem identificados. O computador fazia a leitura do cartão como se fosse um *scanner*, puxava cartão por cartão e lia os buraquinhos abertos, essa era a codificação, primeiro ele codificava para depois executar o programa. Então, se errasse um cartão e colocasse fora do lugar o programa dançava, era necessário passar a noite toda para encontrar o erro, ele imprimia um relatório de trezentas, quatrocentas páginas e no meio delas tentávamos procurar o erro. Eu aprendi a mexer com computação dessa forma, entrando de brincadeira, não como funcionário e sim como aprendiz.

Comento que, por exemplo, uma calculadora tem duas vezes mais memória do que aquele sistema de computadores que tínhamos na época. Eram só dois no Estado, um na Universidade[5] e outro na Cepromat[6], sendo que teve um tempo, antes da montagem da Cepromat, em que a UFMT fazia a folha de pagamento do Estado.

Mexo, portanto, com a parte de informática, mas também com mecânica, tenho um Corcel 1972, que era do pai, e futrico nele. A parte de serralheria, marcenaria, muitos materiais aqui de nosso laboratório sou eu que faço, mexo com tudo um pouco, sempre fui muito curioso.

Mas deixando isso a parte, falarei um pouco de minha época de estudante da Educação Básica, nela os professores de Matemática eram do estilo tradicional, era conteúdo mesmo, não tinham preocupação com aplicação. Quando perguntávamos a resposta era: "Vai servir para o vestibular, para passar em um curso superior, portanto, tem que estudar com esse objetivo". Porém essa justificativa não me satisfazia, sempre fui muito preocupado com a parte do ensino, porque eu sentia que a minha forma de ver e entender o conteúdo não era a mesma dos demais, eu entendia, mas muitas vezes tinha dificuldade de mostrar como fazer.

Já na Universidade, na UFMT, tive professores que eram referenciais, por exemplo, que estão em atuação até hoje, têm o Luiz Fernando Provenzano[7] e o Luiz Marcio[8], lembro-

---

[5] UFMT, sempre que a palavra universidade se apresentar com letra maiúscula fará referência à Universidade Federal de Mato Grosso.

[6] Centro de Processamento de Dados do Estado de Mato Grosso. Localizado na Avenida Historiador Rubens de Mendonça, no Bairro Araés de Cuiabá.

[7] Mestre em Matemática pela Universidade Federal Fluminense. Professor da UFMT desde 1980.

[8] Mestre em Matemática pela Universidade Federal Fluminense. Chefe do Departamento de Matemática da UFMT de 1989 a 1992.

me deles pela dedicação e didática, a forma como conseguiam trabalhar a questão do conteúdo. Outra que lembro bem, mas que não tive como professora, era uma japonesinha chamada Olga Nakajima[9], eu a respeitava muito, era um potencial em termo de conhecimento, seu ponto fraco era a dicção, não era muito audível, então quem realmente quisesse aprender não podia sentar no fundo, tinha que ficar na frente. Ela tinha muitas qualidades, inclusive, quando estava a fim mesmo de escrever ou sacanear a turma, começava escrevendo com a mão esquerda e do meio do quadro para frente passava com a direita, não se via diferença de letra. Existem casos fantásticos em turmas de Engenharia, aonde a maioria dos alunos vinha da Escola Técnica Federal de Mato Grosso[10] e eram altamente qualificados, nessas turmas de quarenta, cinquenta alunos, ao final de semestre estavam os cinquenta reprovados, mas ninguém reclamava, porque ela ensinava e era exigente. Colocava-se à disposição em certos horários para retirar dúvidas, mas não adiantava chegar dizendo que não havia entendido nada, precisava mostrar a dúvida, o que não havia entendido, para que ela explicasse. O aluno que fazia um trabalho constantemente em sua companhia se sobressaía. Era uma das poucas professoras que presenteava seus alunos dedicados com livros, que geralmente não eram encontrados em Cuiabá, eram de sua biblioteca particular ou comprados fora. O educando que queria, com ela tinha tudo, ela se esforçava, fantástica nesse aspecto.

Algumas vezes fiquei totalmente constrangido em relação a ela, pois fui Coordenador de Curso durante oito anos, agora passei cinco como chefe do Departamento, e, de vez em quando, perguntava-me como faria para ensinar determinado tema. Perguntava a mim por eu ser da área de ensino e coordenador, eu tentava discutir com ela, porém ficava sem saber se tinha, de fato, contribuído, porque a considerava demais. Sentia-me incomodado que ela com todo aquele cabedal, potência de conhecimento, vinha perguntar a mim, eu estava como coordenador, que era mais uma função administrativa, não significava que dominava toda essa questão.

Agora que falei de meus professores da graduação, contarei um pouco sobre meu mestrado e doutorado. Nesses dois segmentos fui orientado pelo Michael Otte[11], ele apesar de ser da Didática da Matemática, possui formação Pura, tanto que em Gotinga[12] sua sala é a que pertenceu a Leibniz. Ele desistiu da parte Pura, porque na época, 1981, 1982, apenas ele e

[9] Professora aposentada do Departamento de Matemática da UFMT.
[10] Atual Instituto Federal de Mato Grosso, localizado na Rua Zulmira Canavarros, Centro Norte da capital.
[11] Doutor em Matemática pela Universitat Munster, na Alemanha. Linhas de pesquisas em que atua no mestrado e doutorado em Educação da UFMT: Matemática e Resolução de Problemas, Aspectos Epistemológicos e Históricos da Matemática e Educação Matemática, e Pensamento Teórico e Conhecimento Comum em Matemática (Informações retiradas do site <www.ie.ufmt.br>).
[12] Universidade de Gotinga, localizada na cidade de mesmo nome, trata-se de uma das instituições mais célebres da Alemanha.

mais duas pessoas no mundo trabalhavam a Álgebra de Lie[13], logo, ele não tinha com quem conversar, não havia como fazer congressos. Então se envolveu com a Didática da Matemática e fundou o primeiro Instituto de Didática da Matemática do mundo, na Universidade de Bielefeld[14].

Foi presidente dessa instituição durante trinta anos, por ele passaram mais de trezentos doutores do mundo inteiro, fala com fluência, inclusive, chinês. Devido ao que já expliquei, com ele, mesmo estando na Educação, em uma linha de Educação Matemática, tínhamos que ver Matemática Pura, Aplicada, Educação e Filosofia, assim adquiríamos uma gama muito grande de conhecimento.

Em minha dissertação, me envolvi com Teoria de Reticulados dentro de um processo de consolidação do pensamento relacional, ou seja, trata-se de utilizar a Teoria dos Grafos para ordenar uma matriz, uma tabela que relaciona objetos e características. A ideia era termos um algoritmo, um processo mecânico para ordenarmos aquela matriz, por meio de substituição de linhas, de permutas de linhas e colunas, de modo que as informações se tornassem próximas a diagonal principal. Se isso acontecesse o contexto estava ordenado e percebia-se toda a relação existente nesse contexto.

Imagine ordenar por chute essas matrizes, era impossível, especialmente se fossem matrizes grandes. E como ordená-las? Antigamente, o pessoal recortava todas as linhas e vinham organizando; quando estava mais ou menos bom, colavam, tiravam "uma xerox" e começavam a cortar as colunas tentando permutá-las. Utilizavam isso para analisar um contexto e otimizar. Por exemplo, hotéis de turismo, otimizavam todo seu funcionamento, conseguindo-se ver claramente sua melhor rotina, para isso pegam-se as ações, o tipo de pessoal e suas funções e marca-se em uma matriz.

Pensamos em propor um trabalho que minimizasse isso, trabalhei em termos de reticulados usando a Teoria dos Grafos para arrumar um programa que fizesse uma correção. Era mais fácil trabalhar com os reticulados, pois era um processo matemático, enquanto que o da matriz era um processo visual. Por meio do reticulado recebia mais pistas para organizar a matriz, o que tornaria o processo muito mais rápido. Portanto esse foi, mais ou menos, meu trabalho de mestrado aqui na UFMT.

Depois me afastei para o doutorado, aqui mesmo na Universidade[15]. Fiquei dois anos fazendo-o e aí o programa fechou, eu poderia continuá-lo, mas teria apenas reconhecimento

[13] Estrutura algébrica utilizada principalmente nos estudos dos grupos de Lie e de variáveis diferenciáveis.
[14] Localizada na cidade de Bielefeld, Alemanha.
[15] Inicialmente se afastou por um ano, voltando, então, a trabalhar na Universidade por pouco mais do que esse tempo, após esse período afastou-se novamente para concluir o doutorado.

interno, pois o MEC não o havia autorizado, não passou em sua avaliação. Se eu continuasse seria doutor apenas para a UFMT, só receberia como doutor, porém não poderia orientar e participar de um programa de pós-graduação, não era essa a minha perspectiva.

Meu orientador novamente foi o Michael Otte, ele trabalhou uns tempos ajudando na formação da Pós-Graduação de Rio Claro, em 1987, 1988, o Marcelo[16] realizou muitas atividades com ele. Certa vez, conseguimos trazê-lo para Cuiabá, ele se apaixonou pelo Pantanal e ficou fazendo esse intercâmbio conosco. O Otte é um dos cinco papas em Didática da Matemática no mundo, tem uma produção altíssima, na base de cinco a seis livros por ano, mais de trinta artigos, trabalha em mais de doze idiomas, fantástico.

Ele tem um carinho por nós, às vezes, orienta alguns alunos aqui. Quando conseguimos trazê-lo fica de um a dois anos por meio de projetos, isso é possível por já ser aposentado na Alemanha. É professor convidado da Instituição, mas por problemas burocráticos não conseguimos segurá-lo aqui e por enquanto está na Universidade Bandeirante, UNIBAN, até que vença um período de dois anos sem contratação no sistema público, porque somente após esse tempo é que podemos tentar novamente[17]. Não dá para entender o medo que o governo tem de criar vínculo efetivo e em função disso, de repente, perde muitas oportunidades.

Voltando ao doutorado... Como ele não foi para frente achamos um pessoal da Pontifícia Universidade Católica, PUC, de São Paulo capital, que estava doido precisando de doutores de peso para consolidar o programa. Eles estavam há muito tempo procurando o Otte, acabamos os encontrando e ao ficarem sabendo que ele estava aqui e que estávamos com esse problema, fizemos uma proposta: o Otte iria para lá por quatro anos com a condição de que continuasse orientando seus quatro orientandos daqui, eles toparam, foi bom para os dois lados. Assim, continuamos nosso trabalho na PUC.

Com relação ao cenário político-educacional de meu tempo de estudante, era meio que coronelismo, as coisas eram muito impostas, o secretário nem sempre era da área de Educação, era um político, um administrador, sem muita clareza do que era o gerenciar. Assim, a preocupação que se tinha na Educação, de certa forma, era administrativa com caráter mais técnico. O aspecto metodológico ou pedagógico ficava camuflado na posição do

---

[16] Doutor em Educação Matemática pela Cornell University, Estados Unidos, e livre docente nesta área. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Unesp Rio Claro. Desenvolve pesquisas em Educação Matemática em: modelagem, tecnologias de informação e comunicação, e metodologia de pesquisa qualitativa.

[17] Isso se dá para que ele seja considerado como um prestador de serviço eventual e, assim, não seja necessário estabelecer-se um vínculo empregatício. Sempre recebia seu pagamento via bolsa de um projeto do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPQ, ou pela Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Mato Grosso, Fapemat, em alguns casos, ainda era enquadrado como professor visitante do CNPQ.

coordenador da escola, que acabava sendo menos coordenador e mais policial, cuidando da bagunça das turmas.

A parte metodológica não existia, o professor era quem dominava sua sala e fazia do jeito que queria. De vez em quando eram oferecidos alguns cursos, não por realmente sentirem necessidade, eram mais novidades que apareciam ou uma maneira de gastar recursos.

Em Mato Grosso, quando comecei a lecionar, início dos anos 1980, começou a aparecer um problema sério devido ao surgimento de muitos novos municípios: a demanda começou a aumentar muito, enquanto estava centrado mais em Cuiabá, Rondonópolis[18], um pouco em Barra do Garças e Cáceres[19], era mais tranquilo. Com isso a Educação começou também a ter certa reviravolta, mudança de necessidade.

A partir de então, o Estado precisou mudar. Considero como um dos pontos interessantes que marcou um pouco essa mudança, a entrada da professora Serys Slhessarenko[20] na Secretaria de Educação, ela foi professora efetiva aqui na Universidade. Conseguiu dar outra dinâmica, outra visão, tanto que o nosso projeto da Coordenadoria Rural foi consolidado em seu mandato, explicarei melhor sobre isso mais a frente.

Tivemos uns pontos de inserção nacional, por exemplo, a hora atividade implantada pela Serys; fomos o primeiro Estado no Brasil a implantá-la, chegamos a ter cinquenta por cento de hora atividade. O professor que lecionava quarenta horas tinha vinte para fazer seus trabalhos, se capacitar e propor atividades diferenciadas, mas os próprios docentes pisaram na bola, pois aproveitaram a redução não para fazer suas horas atividades na escola e sim para arrumar outro emprego. Descaracterizou o que foi proposto e o Estado fez a reversão, caiu, acho, para trinta ou vinte e cinco por cento.

Temos várias experiências em que o laboratório inicial foi aqui, como a reestruturação educacional do Estado, que está sendo uma das mais atuais e bem conceituada do Brasil. Isso na teoria, pois na prática sua implantação está sendo complexa, tenho praticamente certeza que não se dará conta de gerenciá-la, digo isso porque o pensar em trabalhar por área de interesse, temas geradores, interdisciplinarmente não adianta vir por determinação superior, tem que ser organizado pelos próprios professores, eles precisam querer e, no momento, não estão motivados, incentivados a fazer.

---

[18] Município distante duzentos e quinze quilômetros de Cuiabá.
[19] Município distante duzentos e vinte quilômetros da capital.
[20] Serys Marly Slhessarenko ex-professora da Universidade Federal de Mato Grosso, foi também Secretária Municipal de Educação de Cuiabá, 1986, e Secretária de Educação do Estado de Mato Grosso, 1988.

A própria questão do sistema ciclado[21] proposto pelo Estado, se pensarmos na teoria é ótimo, fantástico, mas o governo pecou em não fazer um trabalho de clareza e aceitação da proposta antes com os professores. Hoje os alunos sabem que não reprovam mais, o professor deixou isso cair na boca dos alunos, o conceito de retido é o de ficar em observação até o final daquele ciclo, período no qual terá que dar conta; porém, todos vão empurrando e, às vezes, quando se tem a oportunidade da reprovação o corpo docente acaba dando um jeito de liberá-lo para frente, porque ficar com ele será problema.

Virou a lei do menor esforço porque o Estado não teve o cuidado de fazer essa preparação. Uma coisa que sempre coloco a vários secretários é que precisamos ainda ter referenciais, por exemplo, a Escola Técnica Federal era uma referência, toda escola queria ser como ela, todas queriam ser como foi no início a Escola Médici[22], extremamente popular. Tinha-se um referencial, um modelo a seguir, hoje como não se tem parâmetro, todo mundo faz o que quer e ninguém sabe como cobrar, porque cobrar de acordo com o quê?

Portanto, o Estado pecou com essa história do Ciclo, ele podia ser um projeto extremamente interessante, garantindo um suporte alternativo para os alunos que tivessem dificuldades. Atualmente, certas vezes, o professor que é colocado como articulador[23] é aquele que está meio de escanteio, geralmente não tem o preparo suficiente para trabalhar com a articulação, pois teria que ser competente para aglutinar não só sua área como também outras, Física, Química, Biologia e, de acordo com as dificuldades dos alunos, dar suporte. O que se percebe que está ocorrendo é que o aluno problema na sala regular, seja de disciplina ou conteúdo, vai para o articulador, se ele conseguir melhorar um pouco volta, senão fica, às vezes, até o final do ano, passa quase o ano todo com o articulador em uma, duas ou três disciplinas. Fica fora do processo e, com certeza, não aprende o suficiente, logo, não conseguirá ter o mesmo nível de acompanhamento dos outros, o que cria outro problema.

O próprio projeto foi descaracterizado, apesar de ter sido considerado inovador. O mesmo ocorre com essa reestruturação interdisciplinar de que eu estava falando anteriormente, no papel está sendo um trabalho interessante, mas a questão é como colocá-la em prática, é um trabalho muito superior aos Parâmetros Curriculares Nacionais, PCNs. Talvez fosse interessante montar algum material que fornecesse pistas de como trabalhá-la,

---

[21] Implantado no estado de Mato Grosso desde os primeiros anos da década de 2000. A escola ciclada deve desenvolver currículo flexível, privilegiando a cultura, história, práticas sociais e os contextos sociais, avaliando todos os aspectos da vida escolar do estudante, sendo que a retenção se dá na última fase de cada ciclo.

[22] Escola Estadual Presidente Médici, localizada na Avenida Mato Grosso, no Bairro Araés em Cuiabá.

[23] O professor articulador não possui turma fixa, mas atende especificamente o Ensino Fundamental, seus alunos são provenientes de diferentes fases do Ciclo, bem como das salas de Superação. São estudantes que apresentam dificuldades na aprendizagem, com os quais o articulador deve trabalhar de modo diferenciado visando supri-las.

mas quem o montará? Terá que ser um material interdisciplinar, necessitando juntar três, quatro, cinco, seis, sete áreas para fazê-lo e mesmo assim essas recomendações curriculares não estão fáceis de serem feitas.

Nos dias de hoje, há uma mudança de contexto muito grande e rápida. Antigamente o livro didático tinha uma vida útil, às vezes, até de dez anos, já agora com três anos mudam, quando não é a escola que abandona, é a nova edição, o novo Programa Nacional do Livro Didático, PNLD[24].

As mudanças não param nos livros, a mesma coisa acontece na própria realidade, há cinco anos era o celular, hoje é smartphone, iPod, Tablet que faz função de telefone, e o professor ainda não sabe o que fazer com o celular na escola; tem medo de entrar no laboratório de informática com computadores fixos, mas na realidade tem toda uma computação móvel que está aí. Para o professor é um problema, porque não sabe como usar isso pedagogicamente, pode até saber o básico, usar o Power Point e fazer uma aula meio animada, mas até que ponto essas ferramentas de que dispõe contribuem para a formação, aprendizagem, do aluno?

Os poucos docentes que dominam um pouco a informática, até levam seus estudantes para o laboratório, mas quem não domina depende do técnico, não são todas as escolas que o dispõe, nem que possuem os computadores redondinhos para serem trabalhados. O aparato existe, porém é ilusório, não está sendo, de fato usado, não está a serviço, existe em nível de estatística, o que não ocorre em termos de produção.

Isso posto, volto agora a falar de meu curso de graduação. Fiz Licenciatura Curta com habilitação em Matemática. Nessa modalidade de Licenciatura tínhamos um volume maior de disciplinas das outras Ciências, especialmente voltada ao Ensino Fundamental. Já na parte específica, na habilitação em Matemática ainda cursávamos Física I e II com laboratórios, o restante era formação específica.

Quando iniciou a Licenciatura Plena mudou bastante, pois o curso ficou basicamente voltado para a área de Matemática, as Físicas ainda se mantiveram, pois se pretendia garantir a ideia da possibilidade de aplicação. Mas essa aplicação acabou ficando praticamente só voltada para a Física, não mais Química, Biologia ou outras Ciências. O externo poderia ocorrer somente na disciplina de Estatística, havendo a possibilidade de ser usada para ver um fenômeno social ou algo assim, era o máximo que poderia acontecer com uma aplicação

[24] Esse Programa objetiva principalmente dar subsídio ao trabalho pedagógico dos docentes, por meio da distribuição de livros didáticos aos educandos da Educação Básica.

externa, a direta era por meio da Física. Atualmente o curso continua tendo Física I, II, III e IV.

Acho que a partir da Plena houve um aumento de densidade nos conteúdos, se dando maior ênfase a conteúdos de Terceiro Grau e não tanto de Ensino Médio que é o específico para a formação. Como o aluno já viu o conteúdo de Matemática no Segundo Grau[25] pressupõe-se que sabe e para se formar professor precisa saber conteúdo de Terceiro Grau. Porém, nem sempre isso se faz verdade aqui, porque quando chegam, principalmente na parte pedagógica, tentamos explorar conceitos geométricos, como área e percebemos que ele se enrosca, não tem clareza do conceito, da essência daquele conteúdo; o aluno conhece a técnica mas não tem a clareza do que significa, do que se gera ou quer dizer, que é necessário ou onde se aplica, não consegue justificar e sente falta disso.

Aquelas questões cruciais da Matemática como: menos vezes menos é mais, ele sabe disso, mas não consegue explicar o porquê, são inúmeras questões como o caso do denominador na soma e multiplicação de frações, conhece apenas o processo mecânico. Esse tipo de processo de aprendizagem funciona para as disciplinas que são técnicas, como as engenharias. O engenheiro não quer saber o porquê chegou-se em determinada resposta, para ele o que basta é que lhe sirva, se conseguir obtê-la no computador melhor, pois não precisa rabiscar, ele confia plenamente na ferramenta. No ensino não temos essa característica, precisamos justificar o porquê, tanto que, por exemplo, nossos alunos têm problemas sérios com as demonstrações, o que os mata nas disciplinas de Álgebra e Análise é o não saber demonstrar, às vezes, até sabem onde querem chegar, no entanto, não conseguem justificar.

Certas vezes decoram o processo de exercícios resolvidos, porque se o professor pedir sabem reproduzir, porém não conseguiriam defender, explicar porque é daquele jeito. Portanto, vemos que não é, de fato, um aprendizado, o estudante passa, muitas vezes, pela disciplina sem compreender a essência, o conceito.

Antes de eu ingressar no curso já lecionava, comecei muito cedo, meu pai era contador e professor, não tinha tantos professores e era uma cidade pequena, então ele também atuava na docência, mas tinha bronquite asmática, o que em alguns momentos lhe causava crises. Eu cursava o Segundo Grau e não tinha dificuldade com as disciplinas, assim, sempre que necessário, eu ajudava meu pai substituindo-o, ele era professor de Contabilidade Financeira e Bancária.

Em certo momento contrataram meu pai, porém quem lecionava era eu, mesmo ainda sendo estudante. Cursava o Magistério e o Científico ao mesmo tempo, quando comecei

[25] Atual Ensino Médio.

minha experiência docente e ao terminar esses dois cursos passei a lecionar para o Magistério. Fui professor de minha mãe, era complicado, meu maior medo era se ela tentasse colar, qual seria a minha reação, principalmente porque tenho alguns nuances de timidez, não sabia se estava agindo certo ou errado. Isso aconteceu em torno de 1974.

Não tinha muitas opções de emprego e como tinha facilidade acabei me envolvendo e gostei, me sentia bem, me esforçava para explicar e em alguns momentos conseguia expor mais do que certos professores que tive. Tentava explicar de uma forma mais fácil e, às vezes, ia por tentativas, refazendo o processo até o aluno aprender.

Comecei a gostar da profissão, mas meu maior sonho era Engenharia Mecânica. Quando morávamos em outra cidade, vizinha a Xambrê, meu avô era ferreiro e eu „molecão" ainda, dez, doze anos já batia bigorna com ele, moldando ferro quente. Ele era meio metido a inventor, o que me fascinava, via-o construindo garrucha[26], recuperando arma, fazendo peças para tratores grandes da prefeitura, que não eram encontradas em outro local. Mais tarde comprou um torno, no qual meus tios trabalhavam e eu aprendi a mexer, essa questão do fazer, do construir, me dava muita satisfação. Sempre fiquei com a Engenharia na cabeça, era meu sonho, mas ao final dos anos 1970, época em que comecei a graduação, meu pai com muito problema de saúde, passamos dificuldades financeiras, logo não tive oportunidade de fazer Mecânica, as escolas que a ministravam, que eu sabia, eram em Joinville[27] e em São Paulo capital, os dois eram internatos, tempo integral, meus pais não tinham condições de bancar.

Acabei fazendo Matemática por ser o curso que tinha mais perto, dezoito quilômetros de minha cidade, pensando que, quem sabe, poderia aproveitar algo na Engenharia, então fui fazendo. Tanto que levei acho que quatro anos para fazer meu curso lá, o qual era de dois ou três anos, isso porque fiz poucas disciplinas. Envolvi-me com o Diretório Acadêmico e pegava poucas disciplinas, pois tinha outras atividades e existia aquela ideia de tornar o curso o mais longo possível, para quem sabe fazer Engenharia.

Já estava chegando ao final do curso e estava difícil enrolar, então certo dia decidi ser professor mesmo. Acho que naquele semestre tinha que pagar umas quatro disciplinas e tinha mais umas três, que foram as que ficaram quando vim para o Mato Grosso. Depois que me decidi, fiz em um semestre o que seria conteúdo de dois. Nesse momento apareceu a história do Projeto Rondon[28], tendo como foco o Pantanal.

---

[26] Arma de fogo semelhante a um revólver.
[27] Município distante cento e oitenta quilômetros de Florianópolis, no estado de Santa Catarina.
[28] Projeto de iniciativa do governo, no qual estudantes participavam como voluntários, em atividades assistencialistas a comunidades carentes e isoladas.

Sendo filho meio de alemão e polaco[29], em que mãe e pai nos seguram nos fundos da calça e não querem largar, pensava em como sairia de perto deles. Às vezes, ficava até achando que não conseguiria fazer uma Engenharia fora por não poder sair de perto da barra da saia, decidi arrumar um jeito e experimentar. Eu era bastante tímido e por isso não tinha me soltado no curso, não pensava em ser professor, então não era participativo, falante, nem dava opiniões sobre tudo, pois não me interessava tanto assim. Quando estávamos na Matemática tudo bem, me metia, era minha área, mas nas outras coisas não estava tão ligado, não queria discutir problemas educacionais.

Em relação à Filosofia houve até um episódio com o professor que era muito amigo meu. De vez em quando, íamos aos botecos tomar cerveja, porque o curso era característico mais de final de semana, pois atendia mais de vinte municípios, sendo a maioria dos alunos docentes atuantes na Educação Básica, que se organizavam e lecionavam no início da semana, para poderem frequentar o curso de quinta a sábado, e algumas vezes no domingo. O curso visava suprir a falta de professores formados.

Um dia quando saímos o professor foi embora mais cedo e nós ficamos até de madrugada no boteco. De manhã a primeira aula era dele, a sala tinha um cortinão de lona, era sala audiovisual, eu estava morto de cansado, então, disfarçadamente, botei a cortina por trás e dormi, de repente ronquei na sala, ele foi até lá, levantou a cortina e me falou: "Bonito, seu palhaço!", fiquei com muita vergonha, coisa de estudante. Mesmo sendo amigos fiquei uns dias sem olhá-lo na cara de vergonha, são bafões que damos.

Não estava preparado internamente para ser um educador. Então, apareceu essa história do Projeto Rondon, os caras que foram apresentá-lo comentaram que quem se inscrevesse passaria por capacitação, teria que se mostrar bastante dinâmico e realizar os trabalhos propostos. Refleti que teria que rebolar para conseguir e fui fazer a capacitação, que era em uma cidade longe da minha, foram duas semanas de curso e eu me dei bem, tanto que em relação à região, o único que foi selecionado na área de Educação fui eu. Os demais eram de Medicina, Odontologia, Laboratorista, Bioquímicos, o pessoal da área social e da saúde, que eram dos quais as populações eram mais carentes.

Para conseguir minha vaga fiz coisas que nunca me imaginaria capaz, falar, me expor, senti uma vontade de falar porque era meu canal de saída. Fiz com extremo interesse e gostei da coisa, fui escalado para vir para uma vila de pescadores, Boa Esperança. Nosso ponto de trabalho ficava no município de Corumbá[30], localizado a sessenta quilômetros da cidade,

[29] De descendência polonesa, pessoa de pele clara.
[30] Município localizado a quatrocentos e quarenta quilômetros da capital Campo Grande.

depois da ponte rodoferroviária do Rio Paraguai, era uma comunidade ribeirinha e dela víamos o trem passando, estávamos no meio do Pantanal. Foi um trabalho interessante, a professora não ficava na comunidade, o que me permitiu fazer um trabalho diferenciado com os alunos. Não tinha muita coisa que eu pudesse fazer na educação, portanto comecei a ocupar-me meio como articulador.

Fiquei lá vinte e seis dias, nesse tempo comecei a ir para Corumbá e articular com a Secretaria de Educação, buscar melhorias, livros, consegui montar uma pequena biblioteca na comunidade, tudo nesses poucos dias. Encontrei as pessoas certas junto com o Projeto Rondon e elas gostaram da ideia, recebi ajuda de um supervisor que não ficava na comunidade, mas passava sempre por lá, atendia uns dois ou três grupos em cidades ou vilas próximas.

Surgiu uma proposta de concurso para o Mato Grosso do Sul, as inscrições já estavam abertas, eu já tinha preparado tudo, havia arrumado uma mala só de livros e estava com toda minha documentação, levei meio escondido da mãe. Fui precavido, caso pintasse alguma coisa estaria na área. Falaram-me para tentar o concurso, que se o fizesse já teria escola para atuar, tinha feito amizade com alguns diretores. Certo dia, fui para a fila de inscrição do concurso, faltavam três para chegar minha vez, então me deu um estalo e pensei: "Tudo está dando certo, mas parece que não é aqui meu lugar, não é Mato Grosso do Sul". Tinha vontade de vir para Cuiabá, com isso na cabeça saí da fila e não fiz a inscrição.

Liguei para meus pais, estava com pouca grana; inclusive, para conseguir dinheiro, pescávamos, pois estávamos às margens do Rio Paraguai, pegávamos peixes grandes como pintados e jaú. Aprendi a pescar de linhada de mão, às vezes, até fazíamos um dinheirinho para cerveja, no tempo em que ficamos na comunidade. Mesmo curto de grana decidi arriscar e seguir para Cuiabá, tinha um ponto de referência em Cáceres, um amigo de minha cidade do Paraná que tinha ido para lá, e outro em Tangará da Serra[31], para onde uma amiga, ao terminar o curso de Letras, tinha se mudado com os pais. Portanto, tinha esses dois pontos de apoio, falei com meus pais, levei uma bronca por telefone, pediram para eu voltar ao Paraná e depois vir, mas já estávamos iniciando fevereiro e se fosse perderia o início das aulas e depois não conseguiria mais aulas no ano de 1980.

Entrei no ônibus rumo a Mato Grosso, de Campo Grande à Cuiabá vim pensando para onde ir: Cáceres ou Tangará da Serra, tinha o endereço dos dois, e nada de chegar a uma decisão, nenhum dos amigos aqui do Mato Grosso sabia que eu estava vindo. Desci na rodoviária de Cuiabá com aquele monte de livros e mala, daqui precisava pegar outro ônibus

[31] Distante duzentos e quarenta quilômetros a oeste de Cuiabá.

para meu destino. Eram dois rumos diferentes, para me decidir tirei cara ou coroa e deu Cáceres, para onde fui. Que medo passei na estrada, gastamos nove horas de viagem para percorrer duzentos e vinte quilômetros, tudo estrada de chão, o ônibus passava nas pontes e não as enxergávamos, passei muito medo.

Cheguei à noite em Cáceres, tinha o endereço e consegui descobrir como chegar, ficava umas oito quadras da rodoviária. Fui arrastando as malas, parava um pouquinho em uma esquina, arrastava para a outra, até que cheguei à casa, bati, chamei e nada, depois de uns vinte minutos apareceu uma senhora na janela vizinha, uma casa conjugada. Expliquei que estava procurando meu amigo ao que me falou que ele estava de férias em Cuiabá, pois sua esposa havia passado para trabalhar na Telecomunicações de Mato Grosso, TELEMAT[32], que era a antiga telefônica, estavam fazendo um curso e voltariam dali uma semana. Tudo o que estava dando certo começou a pipocar para trás.

Comecei a conversar com a mulher, contei que éramos amigos desde criança, quando jogávamos bola juntos e ela foi com minha cara, falou que estava sentindo muita confiança em mim. O Wilson Stefani, meu amigo, havia deixado a chave com ela, que me deixou ficar na casa dele, aceitei extremamente agradecido, não teria dinheiro para hotel. Enquanto conversava com ela, estava pensando no que fazer; para ir para Tangará da Serra estava mais difícil, com o dinheiro que tinha conseguiria chegar a Rondônia, onde morava outro colega de faculdade que terminou antes de mim e se mudou para lá. Se desse zebra[33], tentaria achá-lo.

Fiquei na casa e após cinco dias eles voltaram, estava até com medo de qual seria a reação dele ao chegar. Tomou um susto, eu não tinha avisado e ele nem imaginava que eu viria, fazia dois anos que ele estava no Mato Grosso, ficou surpreso em me encontrar. Expliquei que tinha ido arriscar a vida ali e pedi desculpa por não ter avisado, falei que estava me desligando do Projeto Rondon e que não tive como contatá-lo.

Ele estava fazendo um trabalho com o município, era professor de Educação Física, treinava os times de vôlei e handebol do município, suas especialidades. Com ele voltando às atividades passei a procurar escolas, estava acerca de uma semana na luta e nada. Falava com empolgação de onde eu era e logo após me diziam que já tinham professor, recebia as negativas e não entendia o porquê, depois de uns três ou quatro dias conversei com meu amigo, expliquei como me apresentava e que não conseguia achar nenhuma escola. Então ele me disse que eu estava sendo negado devido à "frente fria".

---

[32] Rua Barão de Melgaço, Bairro Araés, Cuiabá.
[33] Ou seja, se não desse certo de ficar em Cáceres.

Vim para cá na época da "frente fria", eles usavam essa expressão para se referir a um ônibus cheio de paranaenses com talão de cheques do Bamerindus[34], então se tratava, na realidade, daquele êxodo que teve do Paraná. Foram muitos os casos de pessoas que davam o cano no Paraná, pegavam até quatro talões de cheques e vinham no trajeto soltando cheques frios, por isso chamaram de "frente fria", pois os cheques frios vinham acompanhando.

Quando cheguei, isso estava muito forte em Cáceres, portanto, para mim, foi difícil no começo. Cáceres, assim como Cuiabá, era um local de transição, o pessoal ainda estava indo muito para Sinop[35], Alta Floresta[36] e Rondônia, o fluxo de gente era grande, saíam hora para um lado, hora para outro. Então as pessoas passavam e poucos ficavam, portanto, o pessoal da cidade tinha muito receio. Muitas novas fronteiras são abertas dessa forma, o pessoal larga dívidas velhas para trás, para fazer novas, simplesmente transitando pelos lugares.

Não era fácil ter crédito na praça, ninguém queria vender fiado, tanto que para comprar uma bicicleta em Cáceres levei quatro meses, porque não podia parcelar, ainda mais com esse perfil meio de sulista, a bicicleta era a maneira mais fácil de locomover-se, pois lá é bastante plano.

Sentia muito esse receio em função desse fluxo, mas devagar fui conseguindo vencer o ano em que fiquei lá, graças a Deus. Porém tive muita dificuldade, porque na época, início da década de 1980, o Estado tinha um problema sério de pagamento, as aulas que comecei a lecionar em fevereiro só recebi em novembro, passei o ano sem receber. E ainda tínhamos a inflação de vinte, vinte e cinco, vinte e oito, trinta por cento ao mês[37], assim, quando recebi meu salário referente a fevereiro era ínfimo, porque a inflação comia tudo.

Como o Estado atrasava o pagamento, tive que arrumar aula em outros lugares, lecionei no município, inclusive na zona rural, andava setenta quilômetros, ia duas vezes por semana. Levantava quatro e meia da manhã e chegava lá na comunidade, mais ou menos, seis e meia, sete horas, para as onze e meia voltar, perto da uma hora já estava na cidade e ia direto para outra escola. Foi meio complicado, mas não reclamei de forma alguma, pois estava sendo uma experiência e tanto.

Na verdade, já tinha certa experiência como professor, como disse, pois trabalhava nessa área desde os dezesseis anos de idade, nesse tempo estava concluindo o Segundo Grau e lecionava para essa mesma modalidade em minha cidade, no Paraná. Dando sequência aos

---

[34] Banco Mercantil e Industrial do Paraná foi um banco brasileiro. Entrou em colapso na década de 1990.
[35] Município localizado a quinhentos quilômetros ao norte da capital.
[36] Município distante cerca de oitocentos quilômetros ao norte de Cuiabá.
[37] A economia nacional, do início dos anos de 1980 até 1994 sofreu altos índices de inflação, que só foram reduzidos com a implantação do Plano Real.

estudos, fui fazer faculdade na cidade vizinha[38], mas continuei lecionando para o atual Ensino Médio.

Portanto, a carência de professores formados era grande, mas, em compensação, a concorrência para lecionar também o era. As escolas no Paraná não estavam mais se expandindo, na realidade estavam reduzindo, ao menos em minha cidade que era pequena. Tinha-se muita mão de obra e poucas chances, no entanto, mesmo assim tive algumas poucas experiências.

O Paraná, nessa época, fins dos anos 1970, passava por um grande problema, pois estava a vinte e um anos sem concurso, assim tínhamos que nos valer sempre das aulas excedentes, havia uma concorrência muito grande para quem estava iniciando. Às vezes, conseguia pegar uma ou duas aulas, houve casos em que peguei três aulas de Educação Física em um distrito a cinquenta e dois quilômetros, tinha que ir duas vezes por semana dar as aulas no distrito pagando, inclusive, passagem. Isso só para ter o vínculo com o estado, para que no próximo ano ficasse a frente dos que não tinham. Lá não havia expectativa de concurso e sabíamos que para o Mato Grosso havia essa possibilidade, pois tinha sido recentemente dividido[39], após muito tempo de briga política entre o sul e o norte, com chances de crescimento, fluxos, novas chances de oportunidades.

Aqui em Mato Grosso a falta de professores era grande, mas apesar disso foi difícil conseguir serviço no início, em Cáceres. Porém, depois que meu amigo me orientou mudei meu discurso e na próxima escola que fui, Fundação Júlio Müller[40], aceitaram-me. Entupi-me de aula, estava feliz da vida. Estava me sentindo bem, em função dos conhecimentos, das amizades e por o pessoal estar gostando do meu trabalho, da minha dedicação.

Conheci o presidente da Fundação Maçônica Júlio Müller[41], que tinha na época dezesseis escolas no Estado; a filantropia deles era manter escolas conveniadas e atender locais carentes. Eu trabalhava em uma dessas escolas e eles gostaram do que eu fazia, fiz muita amizade com o presidente da fundação que era de Cuiabá e ele me convidou para vir para a capital, pois estavam montando uma escola particular, o Instituto Cuiabano de

[38] Cursou a maior parte de sua graduação nessa cidade, no entanto, só a concluiu tempos mais tarde na UFMT.
[39] A Lei que decretava a divisão do estado foi assinada em onze de outubro de 1977, porém Mato Grosso do Sul se instalou, realmente, em primeiro de janeiro de 1979.
[40] Fundação Educacional Júlio Strubling Müller, localizada na Rua Bom Jardim, Centro de Cáceres.
[41] Essas fundações maçônicas, comumente, contribuem auxiliando comunidades carentes, por exemplo, na reforma, construção e gerenciamento de escolas, em parceria com o Estado, que pagava professores e merenda.

Educação, ICE[42]. Ele atualmente já mudou de dono, mas eu fui um dos fundadores/colaboradores do ICE daqui, isso de 1982 a 1996.

Comecei a trabalhar com eles aqui na capital, mas continuei lecionando em escola de periferia, portanto, fazia esses dois aspectos, uma escola particular e uma de periferia. Então, para mim, estava vindo com muita ideologia, pois sempre fui ativista na época da faculdade, que era o período de repressão, tanto que fui preso por participar do Grêmio na faculdade, devido àquela história de militarismo. Assim, trabalhar nesses dois âmbitos estava sendo interessante e eu me sentia útil por fazer um trabalho na periferia.

Trabalhei com diferentes níveis, passei por tudo, desde alfabetização até, agora, lecionando para o doutorado, estive em todas as modalidades. Já ministrei as mais variadas disciplinas: Ensino Religioso, Práticas Agrícolas, História, Geografia, Inglês, Francês, entre outras. Além da UFMT de Cuiabá, em nível superior, empreguei-me em Barra do Garças também na Universidade Federal de Mato Grosso, bem como aqui em Cuiabá na Faculdade do ICE e no Centro Universitário Várzea Grande, Univag[43], onde atuei por uns três anos.

Quando penso em minha formação, na realidade, não conto a do Paraná, porque lá ainda não tinha clara a decisão de ser professor, a qual apareceu com minha saída de casa. Precisava buscar outra fronteira, era a minha leitura de vida, poderia ter ficado e tentado ser educador lá, mas ficaria patinando por muito tempo, brigando por misérias de aulas até um dia conseguir. A chance de me frustrar seria bem maior, teria, talvez, que ter outro emprego paralelo.

Embora já tenha trabalhado como cartorário, em cartório civil e eleitoral, fui também bamerindiano[44], esses empregos não me apeteciam tanto. Aqui a docência se consolidou de fato, porque já vim incorporado com meu querer ser professor, estava decidido. Assim, quando concluí o curso na UFMT na verdade só sacramentei, pois já estava apto a lecionar pela carteirinha do Ministério da Educação e Cultura, MEC.

Quando cheguei tinha praticamente oitenta por cento do curso da antiga Licenciatura Plena[45] concluído (parte que havia cursado no Paraná, pois só o terminei mais tarde na UFMT), devido a isso possuía a carteira do MEC, inclusive em nível de Segundo Grau, pela

---

[42] O colégio instalou-se na capital em setembro de 1979, na Avenida Europa, Bairro Jardim Tropical. Atualmente oferece ensino desde a Educação Básica à Pós-Graduação.
[43] Localizada na Avenida Dom Orlando Chaves, Bairro Cristo Rei, no município de Várzea Grande.
[44] Funcionário do antigo Banco Bamerindus.
[45] Refere-se à Licenciatura Plena, pois quando se terminava a Licenciatura Curta em Ciências e a habilitação em uma das áreas: Matemática, Física, Química ou Biologia, o aluno recebia o diploma de Licenciatura Plena.

carga horária que, na época, tinha cursado. Portanto era autorizado, habilitado, a lecionar, por meio da carteira do MEC, no Primeiro[46] e Segundo Grau.

Portanto, não terminei o curso no Paraná, mas vim para Cuiabá exatamente com essa perspectiva. Assim, em 1983 e 1984 fechei o curso pegando poucas disciplinas, porque estava abarrotado de aulas, logo, fui fazendo na medida do possível, tentando combinar o trabalho com o curso. Aqui tive algumas adaptações, mas pude aproveitar as disciplinas que havia cursado, precisei frequentar umas três ou quatro disciplinas a mais, que não faziam parte do currículo lá, porém foi tranquilo. Concluí-o em 1984 e em 1986 comecei a trabalhar como substituto na Universidade, professor visitante.

Aqui no Mato Grosso, antes de formado, continuei trabalhando utilizando a carteira do MEC, para consegui-la submetíamos toda nossa documentação, histórico e diploma (caso já tivéssemos) a esse Ministério via Secretaria de Educação ou Delegacias de Ensino. Ao terminar o curso tínhamos que solicitar essa carteira, porque era ela que nos autorizava a lecionar na época e não, necessariamente, o diploma.

Não adiantava apenas ter o diploma, se o MEC não reconhecesse, não fizesse a análise se havíamos cumprido suficientemente todas as disciplinas pedagógicas ou as outras, após essa análise eles emitiam a carteira. Eu tive sorte, pois como me faltavam apenas três disciplinas lá no Paraná, eles presumiram que em mais um semestre eu estaria fechando o curso e, se tivesse ficado, o teria feito. Então me anteciparam a carteira, forneceram ela completa, permitindo que eu trabalhasse com toda a Educação Básica. Ela era nacional, assim a mesma que utilizava lá foi possível continuar usando aqui. Algumas pessoas lecionavam sem tê-la, mas ela era interessante, pois nos dava alguns benefícios para conseguir as aulas, tinha suas vantagens.

Com relação ao curso daqui, ele me abriu as portas, sendo um canal onde tive a oportunidade de conhecer as pessoas formadoras do Núcleo de Apoio ao Ensino de Ciências, Naec[47], como a própria Heliete[48]. Quando cheguei a Cuiabá tive contato com seu irmão, que passou a morar comigo na república, portanto tivemos uma relação muito próxima. Até mesmo minha vinda para a Universidade como estagiário do Grupo de Ensino e Pesquisa em Educação Matemática, Gepemat[49], foi devido a sua influência, sua indicação, depois me tornei, também, professor desse grupo.

---

[46] Atual Ensino Fundamental.
[47] Será comentado de modo mais aprofundado a respeito dele no decorrer da narrativa.
[48] A professora Heliete Martins Castilho Moreno é nossa colaboradora, sua narrativa pode ser encontrada na seção *2.7 Heliete Martins Castilho Moreno*.
[49] No decorrer da narrativa tal grupo será melhor explicitado.

Comecei a me integrar ao Naec como estagiário, enquanto aluno do curso de Matemática. Quando me formei, tinha duas cadeiras no Estado e uma na particular, mas mesmo assim continuei estagiando aqui. Fazia a base de setenta horas por semana, não tinha sábado e domingo, boa parte de meu estágio fazia aqui na Universidade. Na época, primeira metade da década de 1980, tínhamos o Restaurante Universitário, RU, que funcionava até nos domingos, então, às vezes, eu passava meu final de semana produzindo material aqui, organizando, fazendo coisas.

Tinha função, também, meio de secretariado, ajudava a escrever os projetos, datilografava e produzia material em mimeógrafo. Todo esse contato com diferentes materiais me fez descobrir o que eu achava que precisava para me tornar um professor melhor. Comecei a aprender, saber que existia e ter acesso a diferentes tipos de materiais.

Hoje tenho em minha biblioteca particular mais de quatro mil livros, só na área de Matemática e Educação Matemática; possuo, inclusive, livros de 1800, relíquias. Disponho de quase toda a coleção de Malba Tahan[50], estou com setenta e três livros dele, são cento e dois, incluindo os de poesia, da parte Didática são oitenta e sete, então tenho quase todos. Muitos de meus livros são os que antigamente eram produzidos ou traduzidos pela Editora Globo de Porto Alegre, não a da rede Globo, mas que mais tarde foi comprada por ela devido ao nome, sendo fechada logo depois. Ela fazia muitas traduções de livros que eram referenciais no mundo inteiro.

Sempre procuro ler esse material, embora tenha alguns que ainda não li, mesmo já os tendo a dez, quinze anos. Tenho uma estratégia interessante, ao menos uma, duas ou três vezes no semestre dou uma passada de olho em todos eles. Às vezes, foleio, olho o índice, de modo a alimentar meu sumário pessoal, consigo marcá-lo bem, possuo uma memória fantástica. Quando preciso de um material sei exatamente onde está.

Depois que deixei a administração, a chefia do Departamento, ainda não tive condições de colocar meus livros em ordem, então tenho alguns aqui e em mais três estantes em casa. Passei a perceber que precisava de fontes para me apoiar e ver o lado diferente do que vamos ensinar, para conseguirmos fazer relações necessitamos de certas âncoras, textos e materiais básicos para tentar fazer essas pontes.

O docente necessita estar se atualizando, mas o próprio sistema não o valoriza, acho que a educação informal está muito mais forte que a formal. Atualmente, alguns cursos são dados e legitimados sem muita restrição, os mesmos que antes só eram outorgados em

[50] Júlio César de Melo e Sousa, mais conhecido por seu pseudônimo Malba Tahan, escritor brasileiro, um dos maiores divulgadores da Matemática no país.

instituições renomadas. Hoje qualquer faculdade dá um curso de especialização em MBA[51]. Soa bonito aos ouvidos, logo, muitos estão fazendo até mesmo pela internet ou universidade virtual, porém ninguém está verdadeiramente avaliando se eles têm fundamento, peso, validade. Estão trabalhando muito a informação pela informação, atribuem titulação sem muita restrição.

Estamos em uma fase no Brasil que não importa a qualidade e sim o título, somente quando já estiver saturado de certificados o fator qualidade prevalecerá. Isso aconteceu na Europa, tanto que hoje em dia para ser professor de curso superior, na maioria das universidades europeias é necessário ter no mínimo dois doutorados, um na área específica e outro em Educação ou Filosofia, com o qual se torna um *Philosophy Doctor, PhD*. Precisa-se ter o domínio de conhecimento de uma área Pura ou Aplicada, e também ser versado na parte educacional, por isso são necessários, no mínimo, dois, junto dos quais se precisa de um currículo fantástico, comprovando produção exuberante e que é convidado para dar palestras. A concorrência é muito forte, pois existe muita gente com título de doutor, o mercado já está saturado.

O mesmo está começando a acontecer aqui. Antigamente, as universidades procuravam muitos mestres para satisfazer o MEC, agora não se interessam mais por eles, tem que ser doutor. Mas já estão começando a encontrar muitos doutores, então as universidades, inclusive particulares, começam a se dar o luxo de pagar menos para os doutores, pois já existe concorrência.

Essa relação ocorre até mesmo em relação ao próprio MEC. Há uns quatro, cinco anos atrás se encontrava mais facilmente bolsas para mestrado, hoje já está mais complicado, estão trocando duas bolsas de mestrado por uma de doutorado. Então, em nível de Brasil estamos quase que meio saturado de mestres e se deixarmos logo estaremos saturados de doutores também. Quando isso ocorrer começará uma briga entre currículos, os doutores para poder sobreviver terão que fazer currículo, exatamente o que ocorreu na Europa e Estados Unidos. Mas vejo isso como uma estratégia errada do governo, deixar ao acaso, ele não está se importando com o aspecto qualidade, deixe que esse fator ocorra lá na frente, não precisa ser agora.

Acho que aqui cabe uma comparação com os docentes universitários norte-americanos, lá eles não lecionam, oferecem uma ou duas palestras na disciplina sob sua responsabilidade. Quem dá aula é um aluno dele do mestrado ou doutorado, somente se

[51] Master of Business Administration, trata-se de um programa de Pós-Graduação lato sensu. É recomendado aos que se encontram no mercado de trabalho há ao menos três anos, voltado à prática profissional.

alguém tiver dúvidas é que o procura. Em Portugal esse modo de trabalho também é forte, o aluno recebe o programa da disciplina caso tenha dúvidas deve ler as bibliografias indicadas e resolver as listas de exercícios, se as dúvidas permanecerem devem procurar os assistentes do professor. Desse modo o docente acaba não influenciando muito na produção do conhecimento, ele começa somente sedimentando o saber já existente ou validando quem tem o verdadeiro potencial.

Trago agora para nossa realidade, o curso aqui em Mato Grosso é fraco em procura porque, embora faltem professores formados em Matemática nas escolas, a população não encara isso como uma necessidade. Se a procura é menor não há como exigir e querer que o curso tenha a mesma qualidade, por exemplo, do da Universidade de São Paulo, USP. Porque se aqui tenho, por exemplo, trezentos candidatos interessados, lá em São Paulo, de repente, são três milhões. A clientela que tentará aqui, não chegará nem perto do nível de qualidade dos cinquenta, cem que passarão na USP, pois os que entram lá já foram filtrados, será um aluno de excelência. Talvez já seja mais autônomo, saiba estudar sozinho, pesquisar, tem outro perfil, enquanto que o nosso aluno, nossa escola não prepara o aluno para isso, são eternamente dependentes do professor.

Isso me lembra dos cursos à distância em que muitos pensam que não é preciso estudar, que se fizer de conta que participou do curso já é suficiente para passar, receber o diploma, mas na realidade o processo é muito mais complexo, o aluno precisa se dedicar. Todo o material preparado para o ensino a distância tem que ser o mais autossuficiente possível, para que o aluno não dependa do professor, tem que ser muito mais competente do que com o curso regular, pois no regular o educando sabe que se o professor quiser ele tira sua dúvida, já o a distância nem sempre tem a garantia de que o professor conseguirá satisfazer seu anseio. Então, ele tem que ser muito mais independente, essa é a essência de um curso a distância.

Devido a isso o considero mais difícil, já conseguimos produzir alguns fascículos para ensino a distância e sabemos o quanto é complicado, que, na realidade, depende muito mais do aluno, que tem que se dedicar. Embora tenhamos muitos cursos a distância que são mais flexíveis, se quisermos realmente atendê-lo com qualidade exige-se muito. A UFMT tem nome em curso a distância, tanto que a primeira Licenciatura em Pedagogia feita à distância foi a nossa, inclusive atualmente ela é implantada também no Japão. Essa modalidade de ensino tem que ser uma coisa muito séria e as nossas escolas de Ensino Médio não estão preparando o perfil de aluno para isso. Às vezes o aluno tem esse perfil, mas é um perfil individual, não que tenha sido trabalhado pela escola, é ele que se fez daquele jeito.

Se em Cuiabá pudéssemos pegar esses alunos, eles não viriam para o curso de Matemática, um estudante com esse perfil, de repente, cabe na Computação ou Medicina, porque é metódico, autossuficiente. É o tipo de perfil de alunos que buscam outros tipos de cursos, não estão interessados em Matemática, portanto perdemos esse tipo de clientela. Já se pensamos no eixo Rio/São Paulo é mais fácil encontrar esses aprendizes se direcionando para a licenciatura, porque existe uma maior quantidade de estudantes o que aumenta a probabilidade. Então penso que o ideal aqui seria tentar convencer esse aluno, mostrar o outro lado que ele não vê, ele pode ser um professor, gostar daquilo que faz, gostar de aprender e de ensinar, mas não estamos conseguindo muito sucesso no próprio curso.

Agora falando de Cuiabá, quando cheguei, no início da década de 1980, era uma cidade meio estranha, quer dizer, com aspecto muito antigo, mas me cativava muito. Eu gostava de passear pela cidade, de buscar conhecer pessoas antigas dela para saber como a coisa funcionava aqui.

Dei-me muito bem, tenho facilidade de fazer amizades, nesse tempo morava em uma república bem no centro, na Rua Joaquim Murtinho[52]. Com relação a ela sabíamos da história de que resolveram jogar asfalto por cima de seu calçamento, porque de madrugada todos tiravam os paralelepípedos para garimpar, era uma região de muito ouro. O pessoal batia bateia na própria rua e a prefeitura não vencia colocar os paralelepípedos, então jogaram uma camada grossa de piche o que dificultava mais a retirada.

Escutávamos essas histórias e achávamos estranho, pois já vínhamos com aquela expectativa: "Ah, mas em Mato Grosso tem índio no meio da cidade? A onça fica cruzando a avenida?", coisas assim. Então isso me chamou bastante atenção, mas não senti tanta diferença com relação ao Paraná, principalmente em questão cultural, do linguajar. Isso porque meu primeiro ano foi em Cáceres e lá o povo por ser do interior era muito mais fechado, como se diz brincando, era a "cuiabania" de lá. Com o pessoal nativo de Cáceres a comunicação era mais difícil, eles falavam truncado, então eu tinha dificuldade em entender. Hoje já não é mais assim, quase não se encontram mais pessoas que falam daquele jeito, tanto lá como aqui. Eles usavam os termos: "De mais, de bastantão"[53], "Tio tá duro"[54], eram uns termos que, pela forma de falarem, eram difícil de entender. Eu dava risada da história do "Vothe", que é igual Bombril, serve para tudo, "Vothe!", "Vothe?" "Vothe!!!" útil em qualquer tipo de situação e expressão.

---

[52] Localizado no Bairro Centro Sul.
[53] Que se refere a uma quantidade realmente grande.
[54] Referindo-se a pessoa estar sem dinheiro.

O “Vothe” também é usado aqui em Cuiabá, essas regionalidades tem sua origem na mistura do índio com o negro, o paraguaio que se miscigenou um pouco aqui e a proximidade com o castelhano. Essa expressão é como se fosse o “Ah!” ou “Vish!”, funciona, mais ou menos, nesse sentido.

Essas regionalidades da fala me cativaram, para mim não era pejorativo, era curioso, divertido, eu até incentivava, tentava imitar, mas não de modo discriminatório, e por meio disso fazia muita amizade, misturava o cuiabano com o paranaense, com gaúcho, entre outros, pois eu tinha o sotaque. Acabava me dando bem, cada um falava mal do seu lugar e nos dávamos muito bem, gostei muito daqui. O povo foi muito acolhedor, sempre tive muitas oportunidades e recebi muita força, também encontrava muita gente de fora.

Somente depois de quase dois anos em Cuiabá é que consegui fazer a matrícula no curso para concluí-lo, porém não tinha problema para mim o fato de não tê-lo fechado antes, porque acabei fazendo concurso, meu primeiro concurso no Estado, com minha carteira do MEC, em 1982. Na época aceitaram, pois ela era um documento oficial, quer dizer, o MEC me autorizou e ele, nessa altura, era superior a qualquer instituição. Assim, com essa documentação consegui fazer o concurso e obtive minha primeira cadeira de vinte horas no Estado.

Em 1984 me concursei para a minha segunda cadeira, já tinha praticamente terminado o curso. Entre 1984 e 1989 assumi algumas funções na Secretaria de Educação, estavam implantando um projeto nessa época e eu fui chamado para participar dele: Escola Rural Produtiva[55]. Nesse mesmo tempo, houve também o Projeto GerAção[56] e o Projeto Inajá[57], Inajá Indígena[58].

Portanto, ajudamos com a formação de professores, a preparação deles, eu trabalhava em uma coordenadoria de ensino rural. Dentro da Secretaria de Estado de Educação, Seduc, houve um setor específico para trabalhar essas particularidades, a carência de formação de professores, principalmente para as turmas multisseriadas[59]. A perspectiva era essa, atender aos professores municipais da zona rural e que não tinham formação; às vezes lecionavam para a quarta série sem sequer tê-la, tínhamos muitos desses problemas.

---

[55] Implantado nas cercanias de 1987/1988, visava à relação homem/cultura/natureza, garantindo o processo de aprendizagem por meio de experiências vividas individualmente em seus ambientes, na zona rural.

[56] Projeto em parceria entre Estado e município, tratava-se de um projeto de formação e habilitação de professores para o Magistério da zona rural, realizado após as experiências das Escolas Rurais Produtivas e do Projeto Inajá.

[57] Nasceu da necessidade de uma escola diferente, que desse valor também ao professor. Implantado a partir de 1987/1988, visava formar docentes de séries multisseriadas da zona rural, valorizando os conhecimentos pessoais, adquiridos por meio das vivências.

[58] Com o mesmo caráter do Projeto Inajá e realizado em conjunto, visava capacitar docentes indígenas.

[59] Nelas alunos de diferentes idades e séries são atendidos em uma mesma sala, por um mesmo professor.

À época em que assumi a coordenadoria estava cursando uma especialização em Etnomatemática, na qual tinha contato com o pessoal da Unicamp, convenci os integrantes da proposta de que o apoio desta universidade seria interessante. A Unicamp também estava com essa expectativa, alguns professores que atuaram na especialização se mostraram interessados em desenvolver um projeto com amplitude estadual. Esse centro de ensino estava em processo expansionista, visando levar a universidade para fora da própria Unicamp, se expandir em projetos externos.

Eles aceitaram participar e começamos a pensar em como poderia ser essa escola rural. O projeto iniciou com a proposta dessa escola e ao idealizarmos um pouco o trabalho pedagógico a ser desenvolvido, surgiu a ideia do Inajá, da formação de professores indígenas. Todos os projetos por nós propostos tinham, mais ou menos, essa mesma forma interdisciplinar, um modo mais aberto que trabalha em cima de temas geradores. O princípio da ideia de temas geradores a nível nacional, na realidade, foi levantado aqui no Mato Grosso. O Inajá e as escolas indígenas foram experiências inovadoras em nível nacional.

Falando um pouco sobre esses cursos de formação, lembro que o Inajá foi um processo de capacitação. Nele trabalhávamos principalmente o conteúdo, mas enfocávamos também a metodologia. O Inajá na realidade era um Magistério rural, sua finalidade era diplomar os professores para que pudessem, de repente no futuro, fazer Pedagogia ou outro curso. Foi uma forma de atender a esses professores, pois para cursar o Magistério eles tinham que largar a zona rural e vir para a cidade ficar três anos, tempo que durava esse curso na época, para depois retornar ao campo, então não faziam.

Os cursos que promovíamos realizavam-se principalmente em períodos de férias: julho, novembro, dezembro e janeiro. Escolhíamos um município como polo na região ou fazíamos vários polos, neles se concentravam professores de vários municípios, que ficavam alojados nas escolas, ficávamos de um a dois meses fazendo todo o trabalho com eles. Para participar da capacitação e receber o certificado o pré-requisito era ser professor em serviço. Por meio deles buscávamos fixar também o professor, porque a rotatividade era muito grande.

Já o projeto Rurais Produtivas[60] aconteceu na época em que o Governo Federal havia presenteado o Brasil inteiro com duzentas escolas nesse estilo, para serem instaladas no meio rural. No entanto, o governo fez a parte mais fácil e barata do processo, ou seja, montou o "Elefante Branco". Todas as escolas eram padronizadas, imagina o Mato Grosso, uma região extremamente quente, com escolas em que as únicas janelinhas das salas de aula eram colocadas lá em cima, pois essas escolas eram próprias para o Paraná, Santa Catarina, Rio

[60] Projeto Escola Rural Produtiva, já explicado anteriormente.

Grande do Sul. O projeto era único no Brasil inteiro, logo, não levava em consideração a região. O município era presenteado com a escola e em troca tinha que arcar com a manutenção e pagamento de professores. Os municípios que tentaram, começaram a não dar conta e estavam querendo desistir, então pediram uma intervenção junto ao estado, tentando um trabalho conjunto. As Escolas Rurais Produtivas atendiam, no meio rural, alunos de quarta até oitava série[61], era o meio do ensino, aliás, o final do Ensino Fundamental, que em muitas regiões da zona rural não existia, caso o aluno quisesse estudar depois da terceira/quarta série[62] precisava ir para a cidade.

A situação se complicava, pois funcionavam como um semi-internato, portanto, tinha que fornecer toda a alimentação, era uma escola caríssima nesse aspecto, por isso digo que a parte mais barata ficou para o governo federal, restando ao município e estado arcar com o restante. O estado ajudava com parte da merenda, pagamento de professores e manutenção, por meio dos convênios que conseguimos montar. Sendo que em algumas escolas fizemos um trabalho diferenciado, ou seja, quebramos toda a estrutura da escola, este foi um projeto em parceria com a Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. Fizemos a estrutura pedagógica diferenciada com a ajuda de Marineusa Gazzetta[63], que faleceu há uns dois anos, e de Márcio D"Olne Campos[64], que agora está no Rio de Janeiro, um físico filósofo, a ideia que propusemos era de um trabalho interdisciplinar.

Assim, nessa escola não existia a grade de disciplinas, o que a movia em todos os aspectos eram as temáticas, os trabalhos a serem desenvolvidos, os problemas levantados. Dessa forma, havia a necessidade de todos os professores se reunirem aos finais de semana e planejarem a próxima, delegavam o que fariam. Era comum termos três ou quatro professores trabalhando ao mesmo tempo um determinado tema, utilizavam-se de atividades práticas, mas tomavam o cuidado de fazer a discussão teórica sobre o assunto. A ideia era essa, os alunos trabalhavam em forma de projetos, não existia separação de salas, dividíamos basicamente em dois blocos, uma turma que estava iniciando uma pesquisa, a experimentação, e outra para quando esses alunos passavam dessa fase, nela começavam a planejar e participar de projetos

[61] Era comum, nessa época e locais atendidos pelo projeto, encontrarem-se alunos com defasagem idade/série.

[62] O programa atendia a partir da quarta série, pois muitas vezes essa série já não era disponibilizada, devido ao professor que a lecionaria não ter sequer essa escolaridade. Antes das Escolas Rurais Produtivas os alunos tinham que ir para a cidade completar a escolaridade.

[63] Trabalhou com proposta um pouco similar a que propuseram em Mato Grosso, no Sistema de Ensino Vocacional de Rio Claro, onde os programas curriculares eram adequados à realidade da comunidade. Foi professora da Unicamp e integrou a equipe do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio, Premem, e do primeiro mestrado em Ensino de Ciências da Organização dos Estados Americanos, OEA, no qual também implantou metodologia similar à já mencionada.

[64] Atualmente é colaborador na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, e no Museu de Astronomia e Ciências Afins, MAST.

elaborados em conjunto com eles ou em grupos, passavam a gerenciar projetos dentro da escola, serem responsáveis.

Havia toda uma questão de divisão de trabalho, os professores também eram internos nessa escola, salvo quando ficava muito próxima da cidade. Por exemplo, Alto Boa Vista[65] pertencia a São Felix do Araguaia[66], portanto, os professores tinham que ficar lá. Barra do Garças já não, pois a escola ficava quase no entroncamento, próximo do Campus novo da UFMT, funcionava onde atualmente é o Instituto Federal de Mato Grosso, IFMT. Essa escola fez trabalhos interessantes, não era totalmente interna, mas existiam casos mais extremos em que havia o internato completo, como quando o aluno morava acima de cem quilômetros, então não podia retornar. Mas, geralmente, a cada quinze dias os alunos tinham uma obrigação para com a família e vizinhos, eles se preparavam para chegar em casa e proporem discussões, coisas novas, novas técnicas, mostrarem o que deu certo, não iam somente por ir.

Não era só visitar os pais, precisavam, também, fazer um trabalho, já em outros momentos trazíamos os pais para a escola, para cursos mais específicos. Havia a possibilidade de integração entre escola e comunidade. Ela funcionou muito bem, como no caso de Alta Floresta, onde tivemos oriundos da escola um vice-prefeito e sete vereadores.

No entanto, a escola se tornou um problema para muitos municípios, por isso foi extinta, os alunos eram muito críticos. Nela não existia uma relação direta de poder, era toda uma questão de comunidade, entre professores e alunos. Os professores planejavam, mas tinham que o expor e ver a opinião dos demais, embora fossem eles, com suas experiências de vida, que conduziriam o processo.

O comportamento, discussões sobre o que era o melhor para a escola, para as turmas e melhorias em geral eram decididas por toda a comunidade, tudo em conjunto. Inclusive em relação à questão do comportamento, tínhamos o chamado Livro da Vida, que era um livro, tipo esses de ata grossos, onde quem quisesse, a qualquer hora, escrevia alguma coisa, alguma reclamação. Sexta-feira a partir das cinco horas da tarde, antes do banho e do jantar, era feita a leitura do livro e quem, de alguma forma, tivesse sido indicado ou acusado nele tinha o direito, ali, de se defender, expor o seu motivo, o porquê de ter feito ou não. Os próprios alunos, juntamente com os professores, discutiam se existiria alguma punição ou não. Era interessantíssimo, foi uma experiência muito gratificante.

---

[65] Município distante, aproximadamente, mil e setenta quilômetros da capital e situado a noventa quilômetros do município de São Felix do Araguaia.
[66] Distante mil cento e cinquenta quilômetros de Cuiabá.

Mas, como disse, ela começou a ser problema, porque, por exemplo, em Alto Boa Vista, Juína[67] e Alta Floresta quando os alunos queriam alguma coisa e a prefeitura não atendia, eles juntavam cento e cinquenta alunos, pegavam carona e de repente estavam na frente da prefeitura, entravam e sentavam em frente ao gabinete do prefeito. Enquanto ele não os atendesse e justificasse o porquê de não ter feito algo eles não saíam. O governo não quer cidadãos críticos, que cobrem ações, mas, como falei, em Alta Floresta tivemos muitos vereadores, os quais conseguiram dar um alento bastante interessante à comunidade, formaram várias cooperativas ali dentro, por setores, então percebemos frutos, isso devido à proposta diferenciada, não era linear como agora.

Outro problema que tivemos foi que, apesar de ser um projeto do governo, ele precisava ser aprovado pelo Conselho Estadual de Educação, da mesma forma que o MEC aprova os cursos de graduação. A proposta encerrou-se de certa maneira, se não me engano, em 1992, 1993, mas acho que foi em 1995 que o Conselho Estadual de Educação a reconheceu, oficializou-a, ela já tinha acabado e sua legitimação aconteceu depois. Demorou muito, porque tínhamos questões que eram polêmicas, como o fato de não existir notas, a avaliação dos alunos era anual e individual, um relato por escrito, o que havia sido feito, suas dificuldades, crescimentos. Era função do professor redigi-lo, e depois de feito, o submetia ao aluno e discutiam se a avaliação feita estava correta. Afastamo-nos bastante do que o estado fazia, tanto que agora é que o estado está com essa tendência de fazer trabalhos interdisciplinares, integrar áreas, o que já fazíamos lá. A reestruturação curricular do estado em nível de Ensino Médio fui eu que montei atendendo a solicitação deles, mas não será uma proposta aceita. Tenho clareza que me pediram para montar daquele jeito, com certa tendência daquela proposta, no entanto, dificilmente será implantada, porque muitos paradigmas terão que ser quebrados para que o trabalho possa ser feito.

Qualquer ação nossa é interdisciplinar e quando chegamos à escola a quebramos em pedacinhos e imaginamos que o aluno, depois de trabalhado o conteúdo, conseguirá ligar tudo na cabeça, juntar todos os pedacinhos, e entender aquilo como algo global. Ele não vai. O professor não tem essa clareza e o aluno também não a terá. Então entra aquela questão: o aluno ao final do ano deverá ser capaz de perceber a relação do estudo com a realidade, porém dificilmente terá isso, pois nem o professor tem isso claro. Como trabalhar esse formal com o informal, estabelecer essa relação, isso é que é complicado.

Penso em como poderíamos contribuir, mas para isso seria necessário um processo de capacitação muito grande, porque, apesar de termos frutos aqui dentro da Universidade, não

[67] Município mato-grossense localizado a setecentos e cinquenta quilômetros a noroeste da capital.

consigo fazer uma proposta para um curso que atenda a essa necessidade, dentro do Departamento, pois temos, como se diz, "desavenças", os professores da Pura e da Aplicada têm outra concepção de ensino, não pensam da mesma forma, e eles também intervêm no curso.

Nosso curso de Licenciatura em Matemática não pode ser só área de ensino, portanto, não conseguimos pensar em uma proposta que case com a perspectiva do Estado. Certos docentes aqui acham que basta fornecer a informação, sendo problema do aluno saber o que fazer com ela, se ele deu a aula, cobrou, avaliou e o estudante foi ou não aprovado, o papel foi feito. Porém não é só isso, o processo educacional não é só essa coisa linear, não é só Cálculo I, Análise, Álgebra Linear, precisa haver relação entre as áreas. Se conseguíssemos que a escola e a Universidade trabalhassem com essa característica, seria muito interessante, mas infelizmente não conseguimos.

Tentamos atender a isso de alguma forma, de acordo com o que o nosso sufoco aqui nos permite, pois trabalho na graduação e nas pós-graduações, tanto no mestrado na Educação, quanto no doutorado em rede da Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática, REAMEC[68].

Sempre que podemos propomos algumas ações, cursos de capacitação, trazemos escolas para a Universidade, elaboramos oficinas mostrando outro aspecto. Para nossos estagiários precisamos dar tratamento duplo, destacamos que quando vai fazer seu estágio na escola deve agir como o professor de lá, não pode fazer nada diferente, destoante, caso contrário ao sair poderá deixar um problema, pois os alunos podem gostar daquilo que fez e começarem a cobrar o professor. Não podemos fazer isso, então no estágio propomos à escola a realização de até três oficinas e nestas mostramos o outro lado, nelas temos liberdade, pois não estamos mais amarrados naquela aula em si, somos livres para fazer um trabalho diferenciado.

No entanto, hoje em dia já está difícil, porque o número de alunos na faixa de estágio está muito pequeno, eu estou com três alunos no Estágio III, que já é o Ensino Médio; minha irmã, que também é professora da área de Educação Matemática, está trabalhando com Prática de Ensino I[69], tem quatro alunos; a Luzia Palaro[70] está com o Estágio II com três alunos, portanto, estamos com dificuldades no curso.

---

[68] Programa de Pós-Graduação composto por mais de vinte instituições superiores, que fazem parte da Amazônia Legal. Para se inscrever no processo seletivo o candidato precisa apresentar vínculo com alguma das Instituições de Ensino Superior, IES, credenciadas no programa.
[69] Ensino quando escrito em letra maiúscula designa o nome da disciplina.
[70] Foi coordenadora de ensino de graduação em Matemática da UFMT.

Isso me lembrou de que, quando eu assumi a administração da chefia do Departamento de Matemática em setembro de 2009, permaneci até junho de 2012, e quando a Luzia assumiu a Coordenação de Curso, um pouco depois de mim, o curso de Matemática estava com um problema bem sério, nossa avaliação do MEC estava em nota um, em dois anos conseguimos pular de um para quatro, então largamos a chefia e a coordenação. Mas estamos preocupados porque não está sendo cuidado, por parte do pessoal, para cativar os alunos a permanecerem no curso e eles estão abandonando, então tememos regredir na avaliação novamente.

Com essa história do novo ENEM, para os cursos que são bastante concorridos facilitou barbaridade, mas para os que têm problemas de clientela está se tornando um problema, pois o aluno entra, de repente abre novamente o sistema, ele escolhe outro curso e consegue passar, o que torna o fluxo de estudantes muito grande. Algumas vezes, estamos terminando o semestre, faltando duas semanas, tem aluno entrando no curso; ele já entra nas disciplinas "reprovado" por média e falta, não conseguirá passar na prova final e nas outras provas, então, teoricamente, já entra perdendo o primeiro semestre, isso é complicado.

Outro ponto é que não está ocorrendo incentivo do próprio corpo docente em manter o aluno, cativá-lo para ficar, se tornar professor. Alguns chegam a dizer que: "Não, Matemática tem que estar no DNA. Ou você sabe ou não sabe; você é bom ou não é, e caso não seja não adianta insistir". Não estão nem aí para o aluno, não tentam mostrar aspectos interessantes, nem despertar o interesse. Se não me engano, temos uma entrada de oitenta alunos e não estamos conseguindo mandar sete para o segundo semestre. Estamos começando Cálculo I com sete alunos no máximo, o resto ou está ficando ou está desistindo.

No entanto, em nossa estrutura curricular ficou uma brecha em que o aluno poderia pegar um caminho paralelo, por meio das disciplinas didáticas, como não estão dando conta de chegar aos Cálculos, estão indo para as Didáticas como História da Matemática, e História e Filosofia, pois não ficaram amarradas a um pré-requisito.

Eles têm obrigatoriedade de cumprir as Didáticas, mas o que está acontecendo é que estão começando a vir para Prática de Ensino e Estágios sem ter uma base Matemática, certas vezes não cumpriram sequer Cálculo I, empurram essa base para o final do curso. Foi a maneira que encontraram de caminhar nele mesmo patinando lá atrás, e nós, professores da parte pedagógica, estamos ficando em uma situação complicada, devíamos trabalhar muito mais as questões metodológicas, didáticas, relativas à prática, experimentação, e estamos tendo que fazer isso atrelado ao ensino do conteúdo. O aluno ainda não aprendeu o conteúdo básico suficiente para ensinar, então estamos tendo que trabalhar essa outra lacuna, está sendo bastante complicado.

Atualmente, estamos com a perspectiva de uma nova reestruturação do curso, mas ainda tenho certo medo, porque será feita em função da implantação de um bacharelado em Matemática. Aqui tínhamos apenas licenciatura, pois não havia campo e corpo docente para se pensar em um bacharelado.

Eu, enquanto estava na chefia, incentivei a formação de um grupo que propusesse um bacharelado em Matemática Aplicada, o qual venha a trabalhar com questões de Otimização, Teoria dos Grafos, Problema de Transporte e Logística, que é forte para o Mato Grosso, pois temos empresas buscando matemáticos para trabalhar esses aspectos, trabalhar com Biomatemática. Estamos tentando formar um grupo que trabalhe um pouco essa questão de Modelagem ou Matemática Aplicada nesse aspecto; temos aqui os três biomas, então a Biomatemática é um prato cheio.

Assim nossa ideia é um curso de Matemática Aplicada visando esses aspectos, mas a imposição está sendo que juntamente com o bacharelado criemos um núcleo comum. Eu, particularmente, estou vendo isto como um problema, porque, de repente, o perfil de quem vai querer um bacharelado é diferente de quem está buscando uma licenciatura, principalmente em relação ao suporte ou base. Meu medo é que se criem disciplinas tão pesadas, de núcleo comum, que os alunos que estão vindo para a licenciatura não deem conta, pois eles não vão rebaixar o bacharelado, a tentativa será empurrar a licenciatura, mas não estamos recebendo alunos da rede pública com capacidade suficiente para enfrentar um curso mais pesado, não temos esse *know-how*.

Corremos o risco de cair no mesmo erro que está acontecendo aqui com essa disciplina que retém os alunos antes dos Cálculos. Essa disciplina, quando foi criada, era básica, chamava-se Matemática para o Ensino, hoje se transformou em Matemática Instrumental. Trata-se de uma disciplina de cento e oitenta horas, que visa uma revisão do Ensino Médio, a questão é que ela é feita em forma modular e muito condensada, muito prensada, e os alunos que tiveram dificuldade no Ensino Médio não estão conseguindo realizá-la aqui. Eles têm que cumprir uma coleção de dez autores, varrem ela de cabo a rabo, em seis meses, vemos que o aluno está meio massacrado, não dá conta, não tem uma base para digerir tudo isso, são muitos conceitos que não estão incorporados. Portanto, vejo isso como um problema, que ao invés de chamar o aluno à docência mostra o outro lado, que ele não conseguirá, não será um professor.

Agora falando um pouco da história do curso de Matemática, ele é um dos mais antigos da UFMT, antes dele, basicamente, não existia formação na área, nós do Departamento, tínhamos nos prometido resgatar essa história, mas acabamos não fazendo.

Parece-me que houve um curso no Instituto de Ciências e Letras, foi formado, mas não se consolidou por um grande período, até porque o número de alunos foi muito pequeno, o que, talvez, tenha sido uma das causas dele ter sido fechado e reaberto só mais tarde.

O Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá, ICLC, era como aquelas Faculdades de Filosofia Ciências e Letras, aglutinava vários cursos, nele funcionava Matemática, mas acho que não era exatamente Matemática, era História Natural ou Ciência Natural, uma coisa assim. Porém, existia uma parte que era específica de Matemática, teve alguns casos em que o curso todo foi desenvolvido para dois ou três alunos somente, tinha muito mais professores do que alunos participando.

A procura não era tão grande, até porque no estado, ao final da década de 1960, não existiam muitas escolas que ofereciam o Ensino Médio. O pessoal ainda não tinha toda aquela preocupação de buscá-lo, bastava ter da primeira a quarta série ou o antigo Ginásio[71], com isso já conseguia a maioria dos empregos, portanto, era suficiente.

Assim, os cursos superiores que realmente se faziam necessários em diferentes áreas, traziam pessoas de fora com a formação específica, especialmente vindos do Rio de Janeiro, porque aqui havia um intercâmbio muito grande com este estado, bem mais forte do que com São Paulo, devido aos navios. Chegavam navios a Cuiabá, não de grande porte, mas que levavam duzentas pessoas e possuíam alojamento. Eles desciam todo o rio Cuiabá, caíam no rio Paraguai para então descer até o Uruguai, de onde subiam toda a costa: Santa Catarina, Paraná, Santos e Rio de Janeiro.

Isso, especialmente, quando ainda não existiam muito bem claros os caminhos por terra, os quais, praticamente, eram feitos por vias de mulas, por exemplo, para ir no sentido Barra do Garças não eram estradas, eram praticamente esses caminhos de mulas. Assim, na realidade, o grande canal era o rio Cuiabá, os navios eram o principal meio de locomoção, toda a elite falava e respirava no Rio de Janeiro. Os médicos oriundos de famílias daqui eram formados lá, portanto, muitos contatos de professores ou engenheiros eram feitos nesse estado. Então vemos uma relação entre a cuiabania e o Rio de Janeiro muito mais forte, do que com São Paulo, a qual se estabeleceu depois, por meio da construção da BR 364, rodovia que já vem por Campo Grande.

O Rio de Janeiro era ainda tido como a capital da Província, embora não o fosse mais, assim a população cuiabana buscava mais essa cidade, mas com a abertura das rodovias fortaleceram-se ligações com São Paulo, como já disse, e com Minas Gerais e Paraná.

---

[71] Atual Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano).

Voltando ao meu curso de Matemática, em seu início acho que a formação era equivalente ao Ensino Médio, mas existiam algumas particularidades, possuía muito mais disciplinas da área das Ciências, não bastava apenas estudar Matemática, porque tínhamos também habilitação para Física e Desenho Geométrico, mas não podíamos atuar na Química e na Biologia, para isso necessitaríamos de muitas horas de laboratório, logo, não trabalhávamos muito isso.

Falo dessa habilitação, pois em minha carteirinha do MEC, estava capacitado para lecionar Ciências e Matemática no Segundo Grau, bem como Desenho Geométrico. Devido à carga horária que eu tinha de laboratório, me deram também Ciências, ou seja, podia lecionar Biologia, Física e Química, além de Matemática e Desenho que já eram de minha habilitação mesmo. Faziam essas análises de acordo com o currículo e histórico de cada um.

Na época as Ciências eram chamadas de História Natural, então não se tinha muito claramente separada aquela história da Biologia, Química e Física, trabalhava-se quase tudo, muito mais integrado do que hoje. Assim, o professor de Matemática acabava tendo uma carga grande dessas outras disciplinas, até mesmo para suprir essa deficiência de docentes destas áreas porque não existia curso de Física, Química ou Biologia, mas existiam as disciplinas que eram dadas em nível de Ensino Médio que precisavam ser ensinadas.

Surgiu, então, outra dificuldade, uma falta muito grande de professores para o Ensino Fundamental, ao que o MEC lançou a Licenciatura de Curta Duração com habilitação em Matemática. Com ela após dois anos e meio conseguia-se formar um professor, com estágio e tudo, apto a lecionar para o Ginásio. Caso optasse por continuar o curso, realizava algumas disciplinas um pouco mais pesadas e específicas, fazendo o estágio visando o Ensino Médio, com isso adquiria sua habilitação em Matemática. Essa Licenciatura Curta ocorria mais em locais em que a carência de professores em diversas áreas era grande, especialmente na de Ciências, assim o curso precisava ser mais amplo, já nos grandes centros trabalhavam as mais específicas, a Pura e o bacharelado, onde a clientela era maior.

Mas falando da UFMT, ela se consolidou pelo agrupamento de alguns centros e até que se estabelecesse como uma unidade, com característica própria, levou tempo. Antes o seu espaço físico não era aqui, funcionava no centro da cidade, ao lado da Catedral, no Palácio da Instrução[72], por um tempo funcionou neste local, também onde hoje é os Correios e ao lado, na mesma praça, também funcionou uma parte. No Porto[73] tinha um local em que funcionava outro setor, era uma união de Institutos ou Faculdades.

---

[72] Localizado na Avenida Antônio Maria, Bairro Centro Sul de Cuiabá.
[73] Porto do Rio Cuiabá, tido como o berço da capital.

Com a vinda para este atual espaço físico ocorreu sua consolidação, a partir de então os cursos começaram a conversar. Mas era muito diferente do que é hoje, o próprio corpo docente da Universidade, vamos chamar assim, a velha guarda, não fez concurso, então "não foi por merecimento" e sim por convite. Se precisassem de professor para uma determinada área, alguém se candidatava, passava um período como contratado e depois era incorporado ao corpo docente efetivo. Assim, de alguma forma, por decreto, efetivavam-se sendo, acho que, de 1986, 1987, os primeiros concursos. Eu, por exemplo, que entrei em 1989, fiz concurso.

Quando assumi a docência tinha a preocupação de tentar buscar caminhos alternativos, achar outro jeito de explicar a mesma coisa. E foi justamente isso que me chamou atenção no Núcleo de Apoio ao Ensino de Ciências, Naec, da UFMT, no início dos anos 1980, ele havia começado em 1981, fiquei sabendo dele por acidente, ainda quando era aluno da Universidade. Em conversa com um professor ele me chamou para trabalhar no grupo e aceitei, fui e comecei a gostar, porque, geralmente, demonstravam preocupação em mostrar alternativas, outras opções para o ensino. Estagiei no Naec por quase dois anos, concomitantemente a isso lecionava para o Estado.

No Naec tínhamos um grupo de professores das áreas de Física, Química, Biologia e Matemática. Desenvolvíamos atividades nessas quatro áreas nas escolas, tentando motivar o desenvolvimento da ciência, ou seja, levávamos laboratórios alternativos, criávamos experimentações, pois a maioria dos professores de Ciências não fazia isso, geralmente tudo era amplamente teórico. Tentávamos capacitar os docentes nessa perspectiva diferenciada, ajudando-os a criarem seus pequenos laboratórios, com materiais alternativos, de sucata, com baixo custo, mostrando que era possível fazer alguma coisa.

Nesse tempo vinham para as escolas aquelas grandes caixas chamadas do Funbec[74], eram uns laboratórios caríssimos, vinha muita coisa. Por exemplo, se o assunto era magnetismo tinham equipamentos, materiais, tudo relativo ao assunto, com eletricidade a mesma coisa, para microscopia vinham três, quatro microscópios com lâminas já preparadas e outras para serem montadas. Para dar sua aula o professor arrastava uma daquelas caixas, mas não eram todas as escolas que recebiam e era apenas uma por instituição. Então o professor mostrava e o aluno apenas olhava, não podia tocar, no máximo: "Agora eu consegui pessoal, olhem no microscópio", fazia uma fila e todos olhavam um pouquinho. Acabava sendo uma

[74] Fundação Brasileira de Ensino de Ciências, nessas caixas vinham laboratórios portáteis de Física, Química e Biologia, os quais possibilitavam o desenvolvimento de atividades experimentais em sala de aula.

aula expositiva, demonstrativa, o aluno não vivenciava. Percebemos que com relação à sucata o aluno conseguia avançar bem mais.

Outra coisa era o medo que o professor tinha do aluno colocar a mão no equipamento, porque era caro e o diretor: “Pelo amor de Deus, não me quebra isso, porque se quebrar não tem quem conserta”. O medo era tanto que muitas escolas tinham e a direção escondia, guardava para o professor não pegar, quebrar ou sumir. Portanto, tinha e ao mesmo tempo não tinha, os alunos não tinham.

Com nosso grupo, o Naec, conseguíamos discutir experiências e realizar algumas atividades que eram integradas, aliando Química e Física, ou trabalhávamos a Matemática tentando explicar algum conceito, questões de transformação de unidades, entre outros. Com esses professores ajudávamos na parte pedagógica e na de conteúdo também. Fazíamos os kits e, às vezes, algum material explicativo de como usar, um manualzinho. Era mais ou menos essa a função do Naec.

Os resultados que obtivemos com ele foram positivos, mas nosso campo de atuação era pequeno, pois eram basicamente um ou dois professores de cada área e muitas vezes só encontrávamos um professor, assim não conseguíamos atender inúmeras escolas, ficando o projeto meio que centrado em somente uma ou duas. Percebíamos que existia a motivação, os alunos gostavam e cobravam dos professores, mas muitos educadores não apreciavam, porque isso significava mais trabalho para eles e é mais gostoso e fácil dar uma aula convencional; quando nos afastávamos, a tendência do professor era voltar ao tradicional.

Durante meu tempo de estudante, sempre tive facilidade com a Matemática, mas era aquela mais técnica, porque não nos explicavam o porquê nem o para quê do que estudávamos. Enquanto estudava, isso não me incomodava tanto, pois conseguia fazer e achava que era só isso. No entanto, quando comecei a ensinar me peguei a pensar que precisava dar um sentido para isso, porém cadê o sentido? Eu não tinha, só sabia a técnica, assim, por mais que eu ensinasse meus alunos de forma repetitiva ou passo a passo, mostrando o caminho, sabia que não era uma coisa que iria ficar para ele. Eu via que dali seis meses ou no próximo ano, quando o conteúdo novamente se fazia necessário o aluno não sabia, não lembrava. O aprendizado, então, ficava somente no aspecto lembrança, não era definitivo, apenas uma decoreba, isso me incomodava muito.

A partir de minha participação no Naec, comecei a me frustrar menos com o ensino, pois até então eu ensinava e não via muito sentido no que eu transpunha do livro didático para os alunos, ainda não tinha claro o porquê deles. Como estagiário do grupo tive muito acesso a

leituras que não conhecia, bem como a novos tipos de materiais e isso me satisfazia muito, mexia com aquela minha insegurança em sala de aula.

Lembro que antes passava um conteúdo no quadro, mas sentia que era algo mal feito e me sentia envergonhado, às vezes, não gostava do que eu tinha feito, embora estivesse certinho, igual ao livro. Percebia que o aluno não tinha conseguido assimilar, o que me incomodava muito, tanto que algumas vezes cheguei a pensar se era exatamente ser professor o que eu queria.

E isso foi se amenizando, primeiramente por meio do Naec e, mais tarde, com o Grupo de Ensino e Pesquisa em Educação Matemática, Gepemat, criado em torno de 1983/1984, com eles o ensino começou a fazer sentido. O que eu falava, de repente, já tinha um eco, conseguia mostrar de outro jeito e passava a perceber brilho nos olhos dos alunos, aquele estalar de olho: "Ah, agora entendi! Era só isso?". E isso dava uma satisfação interna muito grande. Além disso, com o Gepemat se tornou mais fácil interagir no curso de Matemática.

Nós temos vários materiais de produção própria, mas não publicamos nada a respeito deles e como já repassamos e ensinamos para muitos a respeito deles, diversas pessoas os estão publicando, enquanto nós não o fizemos, logo, perdemos o direito de autoria, os tornamos públicos e não tomamos esse cuidado. São muitas técnicas e materiais, já sentamos enquanto grupo e discutimos a necessidade de escrever sobre, mas acabamos nos envolvendo com tantas outras coisas e não tiramos tempo para isso, embora tenhamos nos prometido ainda fazer.

Praticamente em meados da década de 1980, houve a desvinculação do Naec. Isso ocorreu quando a política nacional passava por mudanças, tentando descentralizar os centros de Ciências. A Física estava começando a criar seus grupos de pesquisa, assim como a Química, Biologia e Matemática que também passaram a ser uma tendência nacional.

Quando houve a criação do Gepemat, voltei à Universidade, agora como professor, portanto, participei da fundação deste grupo, fui o primeiro carregador de caixa de papéis do Gepemat, um estagiário faz tudo, desde a produção de material à participação em atividades de capacitações. Durante esse tempo consegui liberação de parte de minha carga horária do Estado, pois ainda trabalhava para ele, para desenvolver atividades aqui, o que praticava na Universidade devolvia ao Estado em forma de treinamento para professores.

Com o Gepemat começamos a direcionar as coisas mais para a Matemática, a ideia era juntar material e propor projetos. Na época tínhamos agências financiadoras como a

Sociedade Para o Ensino de Ciências, Spec[75], acho que a Finep[76] também financiava projetos à época, além de terem linhas de pesquisa. Fazíamos projetos e mandávamos para essas agências, que forneciam recursos para realizarmos cursos de capacitação mais específicos para os professores e orientações, procurávamos atender a escola como um todo.

Em um determinado momento descobrimos um material interessante do Reginaldo Naves[77], de Minas Gerais, acho que já em 1985 ele estava montando um material precursor de um trabalho de ensino a distância, que permitia ao professor se auto-capacitar, mas apesar dessa tentativa de facilitar o estudo, não encontramos grupos de docentes que realizam esta auto-formação, mesmo sendo de fácil acesso.

Baseado nisso, existia, mesmo por parte dele a necessidade de estar fazendo esse acompanhamento com o professor. No decorrer de todo esse material trabalhava muito a questão do concreto, atividades que levavam ao manuseio de materiais, a criação destes, que em sua maioria eram inéditos. O Reginaldo só libera esse material mediante convênio ou capacitação, até hoje funciona assim, pois pensa que se liberá-lo a vontade começa a ser mal utilizado, perdendo sua função, se tornando, novamente, algo que só servirá para jogar um açúcar em cima, para adoçar, mas não alimentará.

Posteriormente, ele transformou esse material em vários cursos de ensino a distância, via *Moodle*. Montou a proposta e começou a dar cursos sobre ela em Minas Gerais, isso ainda antes de compor o quadro docente da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, se não me engano, ele trabalhava no Instituto Federal de lá ou Escola Técnica[78].

O Reginaldo e a Maria do Carmo[79] começaram a montar esses materiais, pensando na preparação dos alunos desde o Ensino Fundamental, de primeira a quarta série, perpassando de quinta a oitava e muitos outros, inclusive aspectos de Ensino Médio. Era um material próprio e começamos implantá-lo para os professores em algumas escolas, acompanhávamos inclusive, a aplicação com os alunos, foram projetos grandes.

O Estado sempre nos cobrava muito, então achamos melhor nos concentrar enquanto um grupo, porque daria muito mais força e o trabalho seria mais integrado, do que agirmos individualmente. Assim, no próprio Departamento de Matemática, o Gepemat se oficializava

---

[75] Apoiava projetos na área de Ciências e Matemática, visando melhorias no ensino de Ciências.

[76] Financiadora de Estudos e Projetos auxilia no financiamento e promoção de inovações e pesquisas tecnológicas e científicas.

[77] Reginaldo Naves de Souza Lima, professor da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG.

[78] Começou a trabalhar com a proposta em Minas Gerais já na década de 1970, mas em Mato Grosso, visando a capacitação docente, passou a ser adotada a partir de 1983. Esse material foi utilizado apenas pelo Gepemat, não era usado no Naec. O antigo Colégio Anglo, hoje Colégio Isaac Newton, CIN, se valeu desse material para as séries iniciais, por cerca de cinco ou seis anos.

[79] Maria do Carmo Vila, na época da produção deste material trabalhava na Universidade Federal de Minas Gerais, atualmente faz parte do quadro docente da Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP.

como uma ação dele e não algo individual, como se um professor tivesse dado um cursinho. Com ele tínhamos possibilidades e oportunidades de criar processos de capacitação, tanto que, por exemplo, na Escola Médici, que era e ainda é a maior escola de Cuiabá, atuamos por seis ou sete anos, principalmente de primeira a quarta série. Sempre que mudavam os professores entrávamos com nova capacitação, fazendo toda a questão da aplicação. Entre 1985 a 1992 ainda tinham muitos professores não formados, eram os chamados interinos, eram admitidos professores que estavam em formação, fazendo o curso não podia ser totalmente leigo, teria que estar de alguma forma, vinculado a uma instituição.

Eu participei, dentro do Gepemat, de dois cursos de especialização[80], um de formação e metodologia para o ensino de primeira a quarta série e o outro que fizemos junto com o pessoal da Unicamp, com Modelagem Matemática. Fomos o segundo curso oferecido pela Unicamp, o primeiro foi em Guarapuava[81].

Atualmente, basicamente, o Gepemat é composto por mim, Gladys Wielewski[82], Luzia e o Demilson Benedito do Nascimento[83]; ficou reduzido a nós, pois a maioria dos que o compunham hoje estão aposentados. Nesta sala[84] está a guarda do grupo, quase trinta anos de documentação, estou responsável por este material. Temos todos os projetos e materiais, de vez em quando tenho um trabalhão danado baixando tudo, limpando e voltando a recolocar no lugar, temos cuidado, colocando inclusive pedrinhas de naftalina para que as traças não venham.

Com relação aos componentes do Gepemat, eu e Luzia estamos recém-saídos do processo administrativo, já a Gladys, minha irmã, é vice coordenadora do Programa de Doutorado em Rede que falei anteriormente, ele envolve nove estados da região da Amazônia Legal. Este doutorado tem como objetivo até 2020 formar cento e oitenta doutores. Para implantarmos tivemos uma briga muito grande, já faz cinco anos que estamos implantando este projeto, o próprio MEC não estava convencido de como daríamos conta de praticamente duzentos doutores, sendo que, historicamente, somando quase todas as instituições que os formam, não se tinha conseguido diplomar duzentos.

---

[80] O Gepemat, ao longo de seus trabalhos, ofertou alguns cursos de especialização visando fornecer capacitação aos professores em serviço, especialmente os da Educação Básica.
[81] Cidade paranaense localizada a duzentos e cinquenta e cinco quilômetros de Curitiba.
[82] Doutora em Educação Matemática, atua na graduação e Pós-Graduação na UFMT, pesquisando a respeito da História da Educação Matemática, História da Matemática, Resolução de Problemas, Pensamento Matemático e Didática da Matemática.
[83] Mestre em Educação pela UFMT, doutorando na mesma área e instituição, na linha de Educação Matemática.
[84] Alocada abaixo da secretaria do Departamento de Matemática da UFMT, local onde realizou-se a presente entrevista.

A proposta surgiu em função da carência muito grande de doutores nos estados da região Amazônica, porque é difícil um mestre desta região ir para o sul se capacitar e voltar, o custo é muito grande e o salário do sul e do norte é o mesmo, não tem diferencial. Essa ideia é muito onerosa, pois ele tem que manter uma família aqui e outra lá, com o salário que recebe não dá para levar todos, pois fica por quatro anos, portanto, são poucos que se predispõem. Outro agravante é que a região não possui um número suficiente de doutores, em uma concentração de área, para formar programas de Pós-Graduação. Assim, a finalidade dessa proposta é formar em cada um desses nove estados, pelo menos um programa de mestrado, para que eles possam realizar a formação. Atualmente, isso ainda é complicado, os doutores que existem nas instituições são de áreas diferentes, então não dá para montar um grupo. Até se pode ter um doutor de outra área atuando, mas ele deve ser um colaborador, não alguém, realmente, responsável pelo programa. Para atender a essa necessidade mais de trinta instituições estão unidas, entre elas federais, estaduais e, acho que duas particulares, todas atuando em conjunto.

A ideia de formar doutores em suas próprias regiões visa diminuir o fluxo de entrada e saída deles das instituições. Aqui em Cuiabá mesmo, temos essa grande dificuldade, abrem-se concursos e os doutores que vêm de fora não necessariamente ficam. Permanecem no máximo dois anos e já começam a fazer concursos em outros locais, como aqui já estão assegurados, possuem mais liberdade em prestar outros, um já está garantido, eles só queriam passar em um concurso, não se consolidam na Instituição. Aqui no Departamento tivemos nove doutores que vieram e foram embora, o que nos obriga a realizar novos concursos, esse problema ocorre em toda essa região que o programa de doutorado está abrangendo. Pensamos que se formarmos doutores da própria região será mais fácil fixá-los, pois não terão tantos vínculos em outro local, enquanto que os que vêm de fora, muitas vezes, deixam pai, mãe, família.

Agora estamos com a intenção de trazer o mestrado em Educação Matemática, do qual participamos como orientadores, para o nosso Departamento, pois até o momento ele está alojado no Instituto de Educação. Pensamos que com o doutorado do Reamec teremos mais força para isso. Assim consolidaríamos aqui o mestrado e o doutorado e, dessa forma, se um dia o programa em rede desaparecer, de repente, teríamos condições de encampar o doutorado, dando continuidade.

Mas voltando ao Gepemat, ele deu bons frutos e estamos com vontade de revitalizá-lo, porque estamos trabalhando muito na graduação ou na Pós-Graduação e sentimos falta dele. Ele estando forte aqui atende esses dois aspectos, dá força tanto para a pós como para a graduação. Já estamos realizando alguns eventos e oficinas em escolas, mas nossa grande

dificuldade é a falta de pessoal, não apenas de professores da área, como também de alunos do curso.

Por exemplo, com o projeto do Spec e o financiamento, havíamos realizado oito encontros anuais de Educação Matemática. Não fazíamos mais só Educação Matemática, junto à Rede Mato-grossense de Ações Integradas[85] começamos a trabalhar em conjunto com outras áreas. Era um projeto que envolvia a Matemática, Física, Química e Biologia, realizávamos, inclusive, eventos conjuntos.

Quanto a esses eventos anuais, chegamos a criar o oitavo, que já estava com características internacionais, vinham pessoas de Montevidéu, Uruguai e da Argentina para participarem. Nesses encontros organizávamos na base de setenta, oitenta oficinas, durante a semana, além de várias mesas redondas e palestras. O órgão financiador nos dava suporte e conseguíamos bons resultados, vinha muita gente do interior, que alojávamos aqui, podíamos alojar, agora não podemos mais, até conseguíamos empréstimo de colchões. Era bastante interessante e profícuo, mas depois começamos a ter dificuldades, acabou o financiamento e ainda sem ele fizemos um último encontro, havíamos separado algumas passagens não gastas e tínhamos material de consumo estocado, já estávamos, mais ou menos, prevendo o corte, quando ele ocorreu nos reunimos: "Temos cancha para mais um evento, vamos fazer?" e o realizamos em 1994, uma coisa assim.

Portanto, estamos com intenção de reavivar o Gepemat, mas o único problema é que para fazermos os trabalhos externos estamos com falta de alunos. Ainda não temos muita confiança de que um aluno sozinho dê conta de uma oficina, então sempre incentivamos que façam de dois em dois, mas, por exemplo, em minha turma de Estágio tenho três alunos, o máximo que consigo são duas oficinas. São muitos alunos nas pontas do curso e o meio está vazio.

Outro exemplo é o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, projeto Pibid[86]; seus integrantes, bolsistas, teriam que ser alunos a partir do quarto ou quinto semestre, no entanto, não temos esses alunos. Preciso trabalhar com alunos do primeiro semestre, o que significa que, como coordenador do Pibid, tenho que capacitar esses alunos tanto em nível de conteúdo como de metodologia, porque eles fazem um trabalho direto com a escola: monitoria, oficinas e desenvolvem projetos integrados nela. Não posso simplesmente mandá-los às escolas, preciso prepará-los, fazer um trabalho antes, portanto, me dá dez vezes

[85] Projeto financiado pelo Finep. Tratava-se de um subprograma local do Spec, uma parceria que envolvia Estado, município, UFMT e Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat.
[86] Programa do Ministério da Educação, sob gerência da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Capes, visa incentivar a formação docente para a Educação Básica e melhorar o ensino público.

mais trabalho do que se tivesse alunos com um pouco de base de conteúdo e de metodologia, no primeiro semestre eles não têm, pois acabaram de entrar.

Então esse está sendo um fator complicador, mas estamos conseguindo levar aos poucos. Devido ao projeto do Pibid, também não conseguimos voltar forças para o Gepemat, estamos tentando integrá-los, mas sem auxílio de pessoal não conseguiremos fazer sozinhos todo o trabalho nas escolas e as capacitações de professores.

Agora deixando o Gepemat a parte, contarei como ingressei como professor da Universidade. Meu concurso foi em Educação Matemática, fui um dos primeiros a ser lotado caracterizando essa área, até então tínhamos docentes de Matemática que atuavam na área de ensino. Minha banca do concurso foi Nilza Bertoni[87], à época eu só tinha um curso de especialização e derrubei uma doutoranda que foi aluna do Rodney Bassanezi[88], faz Modelagem Matemática, era de Florianópolis, a Maria Salete Biembengut[89].

A avaliação era feita por meio de pontuação, ocorria a análise de currículo, ela já tinha mestrado e cursava o doutorado, o que eu não tinha, mas consegui fazer muito bem minha prova didática e possuía muitos pontos de experiência de trabalho no Estado e como ministrante de cursos de capacitação, o que foi positivo para mim.

Então comecei minha carreira aqui, o curso de Matemática já estava bem consolidado, mas a estrutura já era diferente da que eu havia cursado, inclusive, essa nossa estrutura era muito bem qualificada em nível nacional, pois tinha disciplinas que a maioria dos cursos ainda não possuía, como História e Filosofia da Matemática, eram pouquíssimos cursos que ofereciam algo relativo a isso.

Tínhamos, também, nossa Matemática para o Ensino, que depois virou o que é hoje. Mas quando ela era ministrada pelo pessoal da área de Educação trabalhávamos o conteúdo mostrando-o de uma forma diferente, reforçava-se o conceito e depois se fazia um trabalho mais mecânico, tínhamos uma parte prática e uma de aplicação, depois entrávamos com a teoria e as listas de exercícios mecânicos. Tentávamos mostrar uma visão que trouxesse o aluno para a questão do ensino, buscando motivá-lo.

Quando comecei a estudar na UFMT era Licenciatura Curta, mas quando comecei a trabalhar já era Plena, quando estava terminando meu curso estavam em fase de transição de

---

[87] Foi a primeira presidente da Sociedade Brasileira de Educação Matemática, SBEM. Deu importantes contribuições à licenciatura em Matemática, ao que recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Brasília.

[88] Professor aposentado da Unicamp, atualmente trabalha na Universidade Federal do ABC. Trabalha principalmente com Teoria Fuzzy, Biomatemática e Modelagem.

[89] Mestre em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Unesp, e doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, professora aposentada da Universidade de Blumenau, FURB.

uma para a outra, inclusive, já estavam funcionando as duas estruturas, os novos alunos já estavam entrando na Licenciatura Plena e os outros estavam concluindo a Curta.

Em certos momentos o curso teve pouquíssimos alunos, porque ainda não tinha se consolidado um mercado, existiam poucas escolas em nível de Ensino Médio. Era a Escola Técnica Federal de Mato Grosso, a antiga TF, que já era consolidada, hoje são os Institutos Federais, ela tem uma história em Mato Grosso de cerca de trinta, quarenta anos, desde sua criação. Ela era um dos grandes focos de contratação de professores, além dela mais umas três escolas atendiam ao nível Médio, portanto, não havia como a procura ser grande. Além disso, era um curso difícil, todo mundo se assustava com a Matemática, talvez nem fosse tão difícil, mas quem estava de fora sempre falava: "Você é doido, fazer Matemática, você é doido!", havia esse preconceito.

No entanto, apesar disso o curso não acabou, porque, de alguma forma, havia a expectativa da vinda de outros cursos, muitos deles precisam da Matemática, especialmente a Engenharia que logo começou. Seria então, uma possibilidade de formar e garantir fluxo de alunos.

Com o passar do tempo, começou-se a mudar o contexto, de repente só Ginásio já não estava sendo interessante. Iniciou-se a fase dos cursos de profissionalização[90] de 1976 para frente, pois antes eram apenas o Científico, Normal e Contabilidade em nível de Ensino Médio. A procura por Contabilidade não era tão grande, pois os escritórios não eram tão fortes, não existia muita cobrança de legitimação das firmas. O serviço que tinha a ser feito poderia ser realizado por um contador formado em curso superior ou em nível médio, mas não havia campo para todo mundo.

Então, com essa criação, tentativa de dar um novo alento para o Ensino Médio criando novos cursos, começou-se a sentir mais necessidade de professores formados, ao que a UFMT percebeu que não era boa política extinguir o curso. Aumentou a procura, mas nem sempre ela foi muito grande. De 1994 a 1996 tivemos um bom fluxo, a média de formação era de vinte e cinco a trinta alunos por turma. Mas agora temos esses dois gargalos: um de entrada e outro de saída, quando algum professor dá uma escorregada saem uns dez, doze em uma pancada só, senão são dois, três, quatro que estão se graduando.

Voltando... A maioria do corpo docente do Departamento era de engenheiros, na realidade, eles acabavam tendo suas firmas lá fora e dando sua contribuição aqui dentro de

[90] Por meio da Lei de Diretrizes e Bases 5.692 de 1971 estabeleceu-se o ensino profissionalizante em nível de Segundo Grau, atual Ensino Médio.

forma efetiva. Para eles era interessante, porque dava um *know-how* para a própria firma que tinham, "Ele também é professor da Universidade", era outro *status*, engenheiro e professor.

Portanto, os docentes com formação em Matemática eram poucos, logo, a maioria de nossos alunos das primeiras turmas se tornaram professores do Departamento ou da própria Universidade. Assim, nessa fase inicial, os docentes formados quase não foram aproveitados na rede, acabaram ficando na Universidade, pois aqui também faltava professor.

Cabe lembrar que, à época, os docentes eram convidados, mas não eram todos que aceitavam, pois havia preconceito em relação ao Mato Grosso: "Quê? Vou largar o meu conforto do Sul, Sudeste maravilha para ir para o matão? Fazer o quê em Mato Grosso?". Aqui tudo passava a impressão de ser longe, por exemplo, mesmo quando construíram a Universidade, existia uma lacuna muito grande de cerrado até quase no centro da cidade. Desde a entrada da Avenida Coronel Escolástico[91], que vai se dirigindo ao centro, até a UFMT era tudo mato e daqui para frente nem se pensa. Sair do centro e chegar aqui já era um problema, era meio longe. Se não me engano o curso de Direito funcionava no centro, mas não lembro bem certo dessa história.

A fachada da Universidade Federal era muito diferente, no prédio da reitoria, no setor de comunicação, eles têm fotos aéreas desse período de sua construção, com elas é possível ter uma ideia do contexto. O Bairro aqui ao lado, o Boa Esperança[92], era fazenda, a Instituição era cercada de gado, depois tudo foi sendo transformado.

Outro ponto interessante nesta história foi a divisão do Estado. Naquele tempo, meados da década de 1970, estava ocorrendo um "guerra política" muito forte, Campo Grande querendo crescer, mas Cuiabá segurando. Um pouco como é, por exemplo, hoje a questão de Sinop ou Lucas do Rio Verde[93], cidades, regiões, que estão em pleno desenvolvimento, que sentem que são eles que proporcionam boa parte da arrecadação, no entanto, o Estado não devolve o suficiente, o que causa aquele sentimento de injustiça. À época da divisão isso era muito forte, sempre havia grupos de políticos nos dois locais, hora um grupo assumia o poder e tentava arrastar tudo para sua região, hora o outro estava no comando e tentava tomar tudo de volta.

Assim, quando o grupo de Campo Grande estava governando, o governo ficava somente lá, porque a maioria dos políticos e o corpo de secretariado eram todos daquela

---

[91] Entre os Bairros Poção, Jardim das Américas e Boa Esperança.

[92] Bairro com população em torno de seis mil habitantes, em que maioria encontra-se na faixa etária entre vinte e cinquenta e nove anos de idade.

[93] Município distante trezentos e cinquenta quilômetros de Cuiabá. Fundada em 1982, possui atualmente mais de quarenta e cinco mil habitantes, ficou conhecida por ter um dos melhores Índices de Desenvolvimento Humano, IDH"s, do país.

região. Logo, vinham para Cuiabá apenas quando necessário, retornando em seguida, ficava naquela questão do fluxo. Os cuiabanos reclamavam que não conseguiam falar com os governantes, pois estavam mais lá do que aqui, o contrário também ocorria quando a governança estava nas mãos de Cuiabá, era sempre problemático.

Chegou-se a um ponto em que a divisão era inevitável, estavam-se criando dois polos muito fortes. Daí essa briga política entre novos governantes e os daqui que eram mais tradicionalistas. Porém, a transição não foi tão complexa assim, poderia ter sido mais complicada.

Agora voltando ao curso, desde quando comecei a trabalhar aqui ele não mudou quase nada, porque não conseguimos ser um uníssono. Só conseguimos isso em uma Licenciatura em Ciências, porque os docentes que o compuseram queriam fazer esse tipo de trabalho, diferente do Departamento de Matemática, que tem um grupo de pessoas que estão lá para, obrigatoriamente, dar disciplinas. Não estão interessados muito em integrar: Engenharia Civil tem que ser mais ou menos assim... o mesmo com Engenharia Sanitária, Agronomia, Veterinária, entre outros. Não estão ali para trabalhar a essência do curso e sim para prestar serviço.

Quando nós estruturamos esse curso de Licenciatura em Ciências da Natureza, pensamos exatamente nas pessoas que estavam incomodadas com isso. Nele ainda tem um pouco da essência daquela história do Inajá, do Homem Natureza[94], embora os projetos aqui fossem diferentes.

Nessa Licenciatura em Ciências, da UFMT, também trabalhamos de modo interdisciplinar, mas ainda mais intensamente do que nos projetos citados acima. Conseguimos estar com seis, sete professores em um único auditório, falando de várias Ciências ao mesmo tempo. Então, principalmente nos dois primeiros anos, na primeira fase do curso fizemos trabalhos em conjunto. Tínhamos trinta alunos de Matemática, trinta de Física e trinta de Química, totalizando noventa alunos em uma única turma, só conseguíamos dar aula em auditórios. Certos momentos eram uníssonos, juntos; já em outros, dividíamos a turma em pequenos grupos para a realização de trabalhos e apresentação de seminários.

Conseguimos trabalhar de um jeito diferenciado, sempre incentivávamos a não formarem panelinhas, para se misturarem, porque a riqueza está na troca de vivências e experiências. Essa permuta até, de repente, era uma maneira de disseminar trabalhos, que foram feitos em um determinado grupo, dos quais gostaram. Uma estratégia que foi

[94] Desenvolvido de 1987 a 1990, valorizava os conhecimentos provenientes das experiências individuais, vivenciadas na zona rural, e da relação entre o homem, a natureza e a cultura.

interessante poderá ser levada a outro grupo que não a vivenciou. Fizemos muito isso e foi interessante.

Quando se chegou à parte específica, houve menos integração, voltou-se a ser um pouco caixinha independente. Apareciam dois, três, professores, aí já de Matemática. Mas o primeiro momento foi intenso, um grande laboratório, muita „pauleira", discussão, o grande complicador é que para fazer um trabalho interdisciplinar primeiro tem que existir humildade, porque você não pode tentar impor o seu canal, sua experiência, seu caminho, tem que haver uma negociação entre possibilidades.

Essa troca era muito difícil, pois só tínhamos estrelas, eram doutores e mestres, e sentia-se muito a questão: "Como deixarei, de repente, um mestre conduzir o processo, sendo que existem doutores no meio?". Infelizmente ocorria isso, não estamos preparados para essa troca, a questão do título é ainda o que move e não a postura ou o indivíduo. Havia brigas, mas tínhamos muita afinidade e logo nos entendíamos.

Trabalhar dessa forma denotava muito tempo e não éramos dispensados das demais atividades por isso, era uma coisa a mais, o que tornava meio complicado. Ainda tínhamos os projetos de pesquisa, as extensões, as outras aulas nas graduações e pós-graduações, e não era só dar aula na Licenciatura em Ciências, era o preparar em conjunto. E isso acontecia nas férias, todo mundo descansando e nós ralando dez, doze horas por dia, porém foi um processo interessante.

Mas aqui no curso de Matemática, como disse, não vejo que tenha mudado muito, porque o Departamento ainda é bastante estático. O ideal seria se conseguíssemos falar e pensar em um curso, com um grupo que quisesse fazer um trabalho específico nele. No entanto, não temos isso, quem mais fica dentro do curso somos nós, as áreas de ensino, que dificilmente atuamos em outros departamentos, os docentes da Pura ou Aplicada estão sempre entrando e saindo, e eles impõem, muitas vezes ainda pela pressão, alguns conceitos nos alunos que são diferentes do que vemos, ou mesmo os desmotivam, tirando um pouco o chão deles.

Nós da parte de ensino pensamos que, de repente, o processo tinha que ser um pouco diferente, então entra o termo universidade, o Universo é muito complexo, grandioso. Logo, não conseguimos fazer nada, se conseguíssemos ter um grupo, como foi na outra licenciatura, e ele estivesse ali porque queria, seria diferente.

Aqui na Matemática a seleção das aulas é um pouco mais democrática, o professor tem direito a escolher a disciplina, isso se dá por processo de antiguidade. Ele define uma

disciplina, passa todo mundo, depois seleciona a segunda e a terceira quando for o caso, completa sua carga horária dessa forma. Em outros departamentos é o chefe que escolhe.

Na área de ensino procuramos sempre nos alternarmos nas disciplinas, é uma política nossa não ficar sempre com a mesma, porque assim realizamos leituras novas e temos mais figurinhas para trocar, discutir o que um ou outro fez e que estamos pensando em realizar, isso é muito bom, estamos permanentemente nos atualizando; se ficamos sempre com a mesma, a tendência é amarelar o caderninho.

Somos quarenta e seis professores no Departamento e muitas decisões são tomadas, principalmente, pelo pessoal que atua mais nas outras áreas, outros cursos, e não essencialmente no de Matemática, o que impede boa parte das mudanças. Há muita interferência de fora, então, às vezes, a coisa não caminha do jeito que queríamos ou que imaginávamos ser melhor.

Agora falando da educação como um todo, acho que a mudança mais substancial que houve de meu tempo de estudante para hoje, é a possibilidade de gerenciar melhor o conhecimento. Minha formação era de conhecimento estático e nesse caminhar percebemos que ele está sendo muito mais dinâmico, há a possibilidade de renovação, mudança, ampliação de fontes. Antigamente, as próprias fontes eram estáticas, às vezes, passávamos uma disciplina inteira centrados em um livro, hoje podemos até ter um livro de referência, mas buscamos um segundo, terceiro, caímos em uma internet da vida.

Acho que atualmente flui mais, mas ao mesmo tempo não tenho certeza se todos os educadores têm a clareza do domínio disso. Uma coisa é ter informação, às vezes, brinco que para a educação perfeita bastaria uma antiga biblioteca Barsa[95], trinta e sete volumes, mil e poucas páginas cada um. Se você estudasse, lesse aquela biblioteca, não precisaria de mais nada, porém não é só isso, não é somente informação, muitos professores trabalham somente nesse aspecto e não no da construção, do gerenciamento, da nova busca, na readequação, na transposição de um nível para outro de melhor qualidade.

Vejo essa fluidez como a vertente atual, mesmo que não vejamos muita gente preocupada com isso. Como passo por muitas escolas públicas vejo o marasmo, o professor está lá para cumprir um papel, um serviço, e não tenta inovar. Em alguns cursos conseguimos motivar certos grupos de professores, por exemplo, no município já consegui levar docentes a produzirem artigos científicos, que não imaginavam serem capazes de fazer.

---

[95] Enciclopédia Barsa, considerada a primeira enciclopédia brasileira. Desde sua primeira edição, em 1964, tem amplo mercado no país

Isso foi interessante, o município estava incentivando os educadores à utilização da informática. A prefeitura forneceu cerca de setenta por cento do equipamento e o professor pagava os outros trinta em dez vezes de cinquenta reais, recebia o micro com uma impressora.

Chamaram-me para fazer um trabalho com noventa e sete docentes de Matemática do município, desse total descobri acho que quinze ou dezesseis, que depois de quase três anos, ainda estavam com os micros nas caixas. Não tiveram coragem de abrir ou tinham medo de o fazê-lo, haviam comprado porque, teoricamente foi imposto pelo diretor ou demais colegas, que insistiam que era barato e devia-se aproveitar a chance. Já em outros casos o micro estava com o netinho ou filho, fazendo qualquer coisa menos sendo utilizado por eles.

Peguei um pepino grande, pois tinha que incentivá-los ao uso da informática. Comecei propondo trabalho de produção científica, com alguns temas que seriam desenvolvidos nas escolas em forma de pesquisa. Em seguida eles deveriam transformar o que obtivessem em um material, um relatório, o qual seria convertido em artigo científico.

O curso era duas vezes por mês, como era um grupo grande separei-o em dois, um dia trabalhava com um grupo e no outro com o segundo, eram oito horas de atividades. Fazia dessa forma para não alterar tanto o ritmo das escolas, os professores de cada grupo se aglutinaram por proximidade e planejaram o que fariam. Agi um pouco dentro das linhas de Etnomatemática e de Modelagem Matemática, as quais influenciaram em algumas situações problemas, planejamento de atividades e o que fazer na hora de pesquisar e montar.

Fizeram a aplicação e observaram como os alunos se conduziram no decorrer dela. Então, montaram o primeiro relatório, deste trabalhei com eles a questão de transformá-lo em um texto científico. Buscamos fundamentação teórica, utilizando autores que falavam sobre o tema. Ao todo acho que foram vinte e seis ou vinte e sete textos, quando pensaram que tinha terminado entrei com outra questão, comecei a ensiná-los a montar uma página de internet. Criei uma página de internet para o município e eles tiveram uma surpresa, viram seus artigos publicados nela, ficaram confiantes.

Comecei, então, a auxiliá-los na montagem de suas páginas nas próprias escolas, nesse tempo alguns professores começaram a desempacotar os seus micros, alguns não funcionavam mais, tiveram que mandar fazer banho químico na placa, porque derrete os contatos. Isso ocorreu, pois, às vezes, eram deixados no chão com umidade, umedecia o papelão e afetava o micro, alguns foram perdidos.

No início a resistência deu bastante trabalho e foi complicada, mas valeu a pena, ao final mostramos a produção, a publicação e eles gostaram que eu consegui convencer o secretário e a publicação teve valor, contando pontos na escolha das aulas do ano seguinte. Se

não me engano, consegui convencer as pessoas a exporem em eventos cinco ou seis desses trabalhos.

Consegui mostrar que existe a possibilidade de utilizarmos o ensino e ter dele resultados, a partir da mesma dinâmica, vários foram os produtos. Os alunos desse curso se tornaram conhecidos nas outras escolas, todos passaram a comentar sobre os artigos que tinham escrito. Inclusive um ou dois desses artigos foram publicados em uma revistinha acho que no Centro Universitário Várzea Grande, Univag.

Essa etapa do curso durou um ano e meio, então começamos uma nova fase, mas houve a troca de secretário e ocorreu um congelamento na formação. Eu estava usando quase a mesma estratégia, porém estávamos trabalhando mais com Modelagem Matemática, eles aplicariam obtendo um produto nessa área, nossa ideia era produzir uma revista eletrônica, um livro eletrônico. Já tinha até conseguido uma publicação em Portugal para eles só que não o concluímos, está de molho, o pessoal ainda está meio ativo, alguns me mandam o que estão fazendo. Estão, praticamente, em fase de fechar os artigos sem ser oficialmente pelo município, não estamos mais fazendo os encontros, conversamos pela internet, oriento, às vezes, pelo *Skype*[96].

Portanto, rendeu alguns frutos, conseguimos provocar esses professores e mostrar que podem ter produção e que ela, embora não renda necessariamente nenhum dividendo, mostra a si mesmo e aos outros sua capacidade e competência. Isso deu muito certo, agora o problema é como fazer isso em uma esfera maior, teríamos que ter um grupo ou escolas de referência, que era o que havia proposto ao Estado, mas ele preferiu que fosse implantado tudo ao mesmo tempo. Se fosse em uma escola, poderíamos montar um grupo que queria trabalhar daquela forma porque considerava que valia a pena, isso faz toda a diferença, assim teríamos resultados palpáveis para mostrar, pôr na vitrine para despertar em todos a vontade de fazer parecido, podendo fazê-los gostar.

O governo prefere atuar no Estado todo de uma vez, porque significa estatística, seria muito demorado fazer uma escola de referência, poderia levar dois ou três anos até serem colhidos os primeiros resultados palpáveis. Eles olham a educação como um instrumento político, mas na realidade todo o processo educacional só se consolida acima de vinte anos. O professor trabalha com o aluno hoje, no entanto, o que vai garantir o resultado, a mudança de comportamento, é a forma como esse aluno trabalhará com seus futuros educandos e o caráter que esses educandos desenvolverem ao tornarem-se adultos, é um processo longo, de formação de gerações.

[96] Software que possibilita diálogo entre pessoas, seja por *chat*, áudio ou vídeo.

Se eu quiser ter um grupo de pessoas críticas, não adianta ter dois críticos, preciso formar uma população de críticos, o que se dará da mesma forma que comentei da educação, são muitos anos até que vejamos os resultados. O docente que inicia esse novo processo está realizando a quebra de paradigmas, pois não foi educado desse modo, portanto não é uma tarefa fácil. Serão os filhos de nossos alunos que mostrarão se o que o docente tentou deu certo, estava no caminho ou não, ou seja, aí se vão vinte anos, já é uma nova geração. É o que, por exemplo, a Coréia está fazendo, não estão apostando em quatro anos, não é para agora, o trabalho é para vinte, trinta anos.

Deixando isso a parte, volto a falar da UFMT... Para mim ela é sinônimo de oportunidade, de estar fazendo o que gosto, de ter conseguido alcançar uma competência, um reconhecimento por aquilo que fiz e estou fazendo. Saber que posso estar sendo útil de alguma maneira, às vezes, abrindo algumas mentes, não para impor ideias, mas para discutir possibilidades, isso me realiza, se um dia aqui ainda vier Engenharia Mecânica eu faço, porém não para exercer profissão e sim para uma satisfação de ego, para motivar minha facilidade de mexer, maquinar, inventar, adaptar coisas.

Assim, estar na Universidade foi, para mim, uma oportunidade que sempre procurei corresponder, tenho muito orgulho de estar aqui, de ser prato da casa, como se diz, embora o fundinho do prato, pois só terminei o curso aqui. Constantemente, tento passar também aos meus alunos o orgulho de estar nessa instituição, não pelo fato de ser pública ou ter a qualidade que tem e sim muito mais pelas pessoas que fazem dela o que é. Por ser pública temos um pouco mais de liberdade de conduzir as coisas. Já trabalhei em instituições privadas e, às vezes, a condução é meio direcionada, o que me incomodava um pouco. Na Federal não temos isso, não temos essa moeda para negociar e nem porque negociar, quando precisamos convencer alguém de que algo é bom buscamos razões que sejam coerentes, realmente verdadeiras. Aqui podemos ser mais verdadeiros.

Sempre trabalho muito em função da instituição, quando me pede, cobra e me envolve em projetos, continuamente estou entrando em fria, como se diz. De repente, pinta uma nova modalidade, um novo curso e me procuram e busco, na medida do possível, estar ajudando, acho isso importante. Penso que minha carreira como professor está de bom tamanho, tenho vontade de mais coisas, mas existem outros fatores que influenciam, agora tenho que pensar na questão familiar, tenho um filho entrando na "aborrescência". Sou quase pai avô, meu casamento foi tardio, casei já perto dos quarenta anos, então tive mais tempo para pensar na educação e o casamento só veio completar aquilo que sempre gostava: crianças, pessoas. Para

mim foi um prazer e uma expectativa muito grande ser pai, por isso até sou meio paizão com os alunos também.

Muitas vezes passo por cima de minhas prioridades pessoais para estar me dedicando, mas acho que vale a pena, porque não considero isso uma carga de trabalho e sim um aprendizado. Mesmo que, às vezes, me coloquem até em uma comissão, como a administrativa, que eu aceitei mesmo podendo ser chata e problemática, pois é uma vivência, uma experiência, e tudo o que puder participar aqui dentro conta como vivência. Não é porque são problemas que tenho que necessariamente me omitir, ainda não tive oportunidade ou vontade de participar mais diretamente da associação dos professores, do sindicato, porque tenho medo que isso me tome muito tempo e me desvie daquilo que ainda estou tendo bastante a contribuir. Quando estiver mais próximo de me aposentar ou mesmo aposentado até me dedicarei com prazer, mas por enquanto ainda tenho muita bucha para queimar aqui nessa modalidade.

São muitas histórias para contar sobre esse tempo de Universidade, mais registradas na memória, pois os documentos não são fáceis de encontrar. Quando tentamos resgatar a questão do projeto Inajá e das Escolas Rurais Produtivas, os documentos estavam arquivados em setores do Programa de Ações Socioeducativas e Culturais, Prodasec[97], mas não conseguimos localizar esses materiais. Tememos que tenham se perdido, eu tenho uma parte desse material, não está completo, pois emprestei minhas cópias para um e outro, e foram sumindo, acabei ficando sem. Sempre busquei ter um documento daquilo que faço. Muito do material voltado a esses projetos foi colocado não sei se em setores ou contêineres durante mudança de governo. O Prodasec era um programa nacional, mas de desenvolvimento regional, em Mato Grosso desenvolveu-se na parte leste, em conjunto com Rondônia, ele incentivou a migração na década de 1980. Funcionou, mais ou menos, como a Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste, Sudeco[98], e a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, Sudene[99], programas um pouco mais regionalizados, mas que também intencionavam dinamizar a ocupação, dar suporte a ela.

Tentei ir atrás de documentos na Seduc, tive duas orientandas que seus trabalhos estiveram relacionados à temática dos programas, uma delas estudou sobre o Inajá e teve dificuldade em conseguir certos materiais, uma parte deles localizou em São Paulo. Perdemos

---

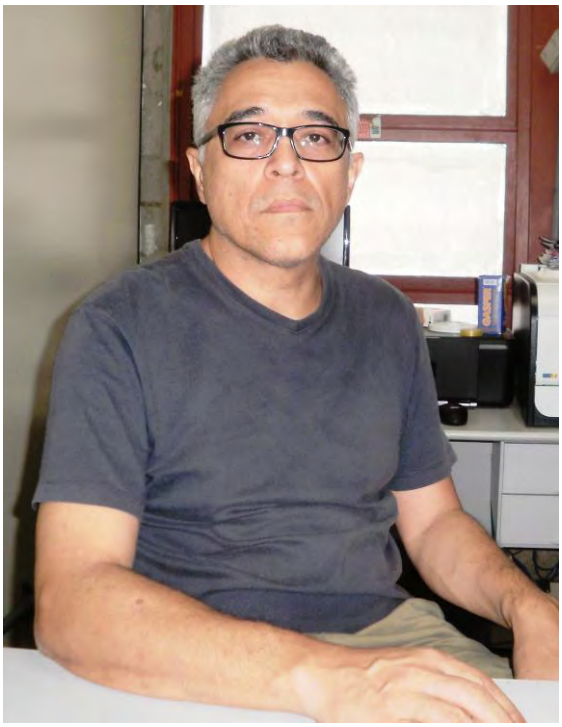
[97] Programa criado na década de 1980, destinado a famílias carentes da zona urbana, especialmente periferias. Voltava-se à educação informal e à geração de emprego e renda.
[98] Com sede em Brasília, visa promover o desenvolvimento econômico da região Centro-Oeste.
[99] Sediada em Recife, busca o desenvolvimento da região nordeste de modo incluso e sustentável à economia nacional.

a Marineusa Gazzetta, ela tinha toda essa documentação, tentamos localizar a família, porém não conseguimos, queríamos ver se haviam guardado e se poderiam nos ceder esses documentos. Ela foi uma das principais assessoras desse projeto, fazia o intercâmbio mais direto, quando sentia dificuldade buscava auxílio, então vinha, trazia para cá, implantava e desenvolvia.

Portanto, com o passar do tempo muita coisa se perdeu, tanto aqui quanto em outros lugares, nem todos tem essa preocupação de cuidar. Aqui tínhamos documentações até da década de 1970, muitos diários e planos de ensino, porém hoje não existem mais.

Para finalizar digo que analisando agora minha vinda para o Mato Grosso, acho que foi uma boa aventura, não me arrependo, em todos os lugares consegui fazer muita amizade. Mesmo sendo um pouco espontâneo e brincalhão levo as coisas muito a sério.

3. Vinícius Machado Pereira dos Santos



Eu sou Vinícius Machado Pereira dos Santos, professor do Departamento de Matemática na Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, Campus de Cuiabá, formado em Matemática Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, onde também fiz o mestrado em Matemática Aplicada e Computacional. Ingressei no curso de Matemática em 1980 e formei-me em 1985, entrei no mestrado em 1986 e saí em 1989, nesse mesmo ano vim para Cuiabá como professor substituto. Trabalhei, nessa época, na área de computação, informática, dando aulas, principalmente, para os cursos de Matemática e Física, eu estava fechando o mestrado. No final de 1989 fiz concurso, fui aprovado e me efetivei, desde então estou trabalhando na UFMT.

Nasci em vinte e oito de julho de 1961, sou natural de Cubatão, próximo a Santos, na Baixada Santista, mas vivi pouco lá, saí com cinco ou seis anos, fomos morar no sul, em Novo Hamburgo[1], onde também passamos cinco ou seis anos. De lá mudamos para Campinas onde fiquei dezenove anos, até vir para Cuiabá. Minha formação escolar, praticamente toda, foi feita em Campinas, quando lá cheguei estava terminando os quatro primeiros anos, quarta série, do Ensino Fundamental. Fiz meu Ensino Médio na Escola Técnica Salesiana[2], cursando eletrônica, era Ensino Médio de tempo integral em eletrônica, mas vi que aquilo não era para mim. Fiz então um cursinho, prestei vestibular e passei para Matemática Aplicada, por opção.

[1] Município localizado a quarenta e cinco quilômetros de Porto Alegre.
[2] Escola Salesiana São José, localizada na Avenida Almeida Garret, Jardim Nossa Senhora Auxiliadora.

Na época de minha Educação Básica o ensino era tradicional, professor no quadro, passando conta e depois as cobrava, dava exercício, sempre usávamos o livro didático, dificilmente variava alguma coisa. Na graduação isso se manteve, talvez até mais forte. Eu tive o professor de Cálculo que suas aulas eram muito parecidas com a aula do Ensino Médio, passava as coisas, dava uma lição, fazia alguns exemplos e exercícios. Tive aula com o Sebastião, ele deu dois Cálculos e fazia muito isso, dava aula muito bem, mas não tinha dedicação exclusiva, era corretor de imóveis. As aulas dele eram em auditórios, que ficavam sempre lotados, até quem não estava matriculado ia só para assistir as aulas. Eram muito boas, mas depois era por nossa conta, tínhamos que nos virar; hoje não é mais assim, nem no doutorado, nós escolarizamos a universidade, tratamos as disciplinas dela como disciplinas escolares, elas continuam sendo dadas nesse formato que posso chamar de tradicional, que é esse formatão. O professor dá a matéria, uns exemplos, exercícios e depois cobra na prova.

Discussões sobre esse modo de formação são importantes, mas, também um desafio a ser modificado; essa forma tem seu valor e já formou muita gente, no entanto, está na hora de fazermos algumas questões diferentes. Isso também tem uma ordenação que vai além da finalidade de passar o conteúdo da disciplina, acho que está mais numa ordenação de mentalidade, pois do jeito que está alguém dá a ordem, você segue e vai fazendo, não há muito espaço para a criatividade.

Alguns professores de minha graduação me marcaram, principalmente, pois me faziam pensar. Eu tive um professor, Sílvio, que foi caminhoneiro e depois foi ser professor, foi para a Bulgária[3] e fez graduação em Matemática. O Sílvio era muito interessante, deu aula de Métodos Numéricos II, ele nos instigava a pensar sobre o que estávamos estudando. O Joni[4] também fazia isso, trabalhava um pouco a imaginação. O Rodney[5] era ótimo, ele foi meu orientador, eu nunca fui matriculado em disciplina dele, sempre fiz como ouvinte; com ele fiz o curso de Análise, quando o deixaram dar Análise para a Matemática, depois fiz outro que ele estava dando, nele tinham pessoas da Biologia e da Estatística, devido à questão da Modelagem Matemática. O Rodney era muito legal, conversava bastante, deixava os alunos falarem, se aparecia algo no texto abríamos a discussão sobre aquilo. O Joni era um pouco mais organizado nisso, mas sempre que aparecia alguma coisa ele ia trabalhando também. Então, eram professores que deixavam você participar, não era rígidos naquele esquema já

[3] País europeu, localizado na região dos Balcãs.
[4] João Frederico da Costa Azevedo Meyer, professor do Departamento de Matemática Aplicada da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp.
[5] Rodney Carlos Bassanezi, foi professor da Unicamp por muitos anos, atualmente trabalha na Universidade Federal do ABC.

pronto, programado. Mas eu também me lembro do Sebastião; ele não tinha rigidez, no entanto, sabia muito bem o que tinha que fazer, era um curso de Cálculo muito tradicional e muito bem dado. O Aquiles Leite Nascimento[6] é como o Sebastião, os quadros do Aquiles e do Sebastião eram perfeitos, eu nunca fiz um quadro daquele tipo, desisti de tentar fazer, muito bem organizado, os desenhos são muito bem feitos e são rápidos, eles fazem rápido e bem feito.

Com relação ao cenário político-educacional, da época em que estudei, era pressão. O curso era só Matemática, não tive quase nada além disso, só Estudos de Problemas Brasileiros (EPB) e Fundamentos da Matemática, esta foi a Marineusa Gazzeta[7] que lecionou. Ela nos fez ir para as escolas, ela dava os fundamentos, mas era uma questão vinculada à escola. No curso discutíamos bem pouco, o resto era Matemática da cabeça aos pés. Fiquei a graduação inteira esperando o curso de História da Matemática que era optativo e nunca foi ofertado, sempre perguntava quando seria oferecido, mas diziam que não tinha aluno, nem professor. Certa vez eu e o Carlos Eduardo, o Dinho, um amigo com o qual estudava junto no final da graduação, falamos: "Agora já tem dois alunos, nós queremos fazer História da Matemática" e aí nos responderam que faltava professor, não tinha ninguém para lecioná-la, estavam todos ocupados com outras coisas. Aqui na UFMT tinha História e Filosofia, eu lecionei para essa disciplina.

Falando em minha graduação, antes entrávamos para o curso de Matemática e depois de um tempo decidíamos se faríamos Licenciatura, Matemática Aplicada ou Bacharelado, a maior parte da minha turma decidiu fazer Matemática Aplicada. Então, minha formação não é para ser professor, é para ser pesquisador em Matemática. Mais tarde, já no final do curso, fomos nos envolvendo com o grupo do professor Rodney Bassanezi e do João Frederico Meyer (o Joni), iniciando uma discussão sobre Biomatemática, que o grupo estudava, assim a discussão não era só de Matemática. Eu e o Dinho, que ficou em Campinas, começamos a estudar e a nos preparar para o mestrado, visando nos envolver com Biomatemática ou Ecologia Matemática.

Nesse período, fase final de minha graduação, lecionei para o Ensino Fundamental, substituindo professores lá no distrito de Barão Geraldo[8] em Campinas, em escolas do Jardim

---

[6] O professor Aquiles Leite do Nascimento é nosso colaborador, sua narrativa pode ser encontrada na seção *2.6 Aquiles Leite do Nascimento*.

[7] Foi professora da Unicamp e integrou a equipe do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio, Premem, e do primeiro mestrado em Ensino de Ciências da Organização dos Estados Americanos, OEA.

[8] Maior dos quatro distritos do município de Campinas, criado em 1953, distante doze quilômetros do centro da cidade.

das Américas[9]. Lecionei no período diurno e no noturno, mas não trabalhei com o Ensino Médio.

Iniciei o mestrado e antes de concluí-lo vim para Cuiabá, porque faltava professor de informática, a minha área era Matemática Aplicada, logo tinha bastante coisa de informática, principalmente computação científica. Comecei a atuar na disciplina de Computação para o Ensino[10], ministrada no terceiro semestre da Licenciatura em Matemática, nela também tinha alunos da Física, pois era uma disciplina concomitante com esta área. Eu ministrava duas disciplinas optativas para o curso de Matemática, ele tinha poucas optativas na época, mas tinha duas que eram muito chamativas, sempre ofertadas: Processamento de Dados I e II. Em princípio, eu vim para a UFMT para trabalhar com elas, ocupando o lugar de uma professora que tinha sido transferida para a Universidade Federal do Ceará, ela era cearense e conseguiu voltar para sua terra, sua cadeira tinha vagado e precisava-se de gente para ocupá-la, então vim para isso.

Fiquei sabendo da vaga pelo meu orientador de mestrado, o Rodney, ele tinha uma relação forte com o pessoal daqui da UFMT, pois já tinha trabalhado numa especialização, ele, o Joni, a Marineusa Gazzeta, o Paulinho da Estatística - eles vieram e trabalharam, acho que até em mais de um curso de especialização. Então, entrei em contato, eles estavam sem ninguém, já tinham pedido para muitas pessoas que conheciam se sabiam de alguém que pudesse vir, assim eu vim para ver como era e fui ficando.

Tornei-me professor. No entanto, não havia buscado essa área para minha formação. O que me fez mudar de ideia foi o trabalho, trabalhar com formação de professores, comecei a lecionar para futuros professores. Iniciei tentando ensinar lógica de programação, pois a Computação para o Ensino tinha princípios de lógica de programação, mas o problema é que o negócio não é tão lógico assim. Expliquei o porquê de ela estar presente em um curso de Matemática, pela questão da lógica Matemática, e como poderia usá-la, sendo que é um saber razoável, na lógica de programação. Começar como professor aqui na UFMT foi um desafio, apesar de que eu sabia na graduação, que se quisesse fazer pesquisa não teria jeito, tinha que ser na universidade, tanto que eu vim para Cuiabá porque não via outro espaço. No final da década de 1980, a universidade estava com as portas fechadas, não existia expansão, isso também com as particulares, só se começa a ampliar mesmo depois, com o Fernando Henrique Cardoso, que abre as porteiras e mais recentemente com o Lula que percebeu que

[9] Bairro do Distrito Barão Geraldo, na saída para Paulínia.
[10] Cabe destacar que a palavra ensino aparecerá em letra maiúscula sempre que fizer referência ao nome de uma disciplina.

não adianta só haver particular, isso não vai dar conta, principalmente, da formação de professores.

Então, eu vim para Cuiabá meio por falta de opção de ficar em Campinas; acabei migrando, como muitos outros, o Sanches[11], a Vera Graciani[12], Heliete[13], que veio acompanhando o marido, mas se tornou professora aqui, a Olga Sartori[14] do Paraná e o Paulo Afonso[15]. Como disse, se eu quisesse ser bacharel, pesquisador em Matemática, tinha que ir para uma universidade ou trabalhar em uma empresa, e trabalhar em empresa não era a minha praia. Foi a opção e possibilidade que tive, então vim, em certo sentido foi interessante estar aqui. As universidades não são iguais, em alguns lugares há mais facilidade de se fazer pesquisa, aqui tinham dificuldades extremas, agora está bem mais fácil, atualmente dá para pesquisar.

Havia outro problema, a universidade para o aluno é uma coisa, mas para ser profissional dela é outra bem diferente, muito diferente. Tem-se que assumir isso também, é outro aprendizado, nem os cursos de bacharelado pensam nisso e aí vem a pós-graduação; mesmo fazendo um movimento de que bolsista tem que lecionar, é muito pouco ainda. Isso devia ser pensado um pouco mais, tínhamos que pensar mesmo, porque muitos chegam achando que é uma coisa e é bem diferente. É necessário, por exemplo, aprender a fazer política universitária, saber como é esse trâmite, pois há um jogo político muito forte, o fato de você ser competente em sua área não lhe dá direitos.

Como falei, comecei como substituto, tinha quarenta horas por semana, mas logo eu já fiz o concurso com dedicação exclusiva, em 1990. Quando assumi a docência aqui na Universidade[16] ser professor era bastante coisa, ainda era uma carreira muito reconhecida em Cuiabá, professor da Universidade Federal era reconhecido. No começo dela o pessoal recebia um salário muito bom, então você era reconhecido devido a isso, mas na década de 1980, isso já começou a mudar.

A Universidade movimentava bastante dinheiro, foi por muito tempo o segundo orçamento do estado, ganhava do orçamento de Cuiabá. Somente na década de 1990 é que o município de Cuiabá ultrapassou-a, mas no final da década de 1980 já estava muito próximo. Antes, a Universidade sempre tinha aquela aura de intelectual, com outra visão, agora não é

---

[11] Carlos Roberto Sanches, professor aposentado do Departamento de Matemática da UFMT.
[12] Vera Lúcia Graciani, coordenadora do curso de Matemática em 1997 e de 1999 a 2000.
[13] A professora Heliete Martins Castilho Moreno é nossa colaboradora, sua narrativa pode ser encontrada na seção *2.7 Heliete Martins Castilho Moreno*.
[14] Chefe do Departamento de Matemática de 1978 a 1981.
[15] Paulo Afonso Orlando de Morais.
[16] Sempre que a palavra universidade se apresentar em letra maiúscula está se fazendo referência a UFMT.

mais tanto, eu cheguei aqui com o mestrado, terminando o mestrado, e ainda tinha aquela: "Nossa! O cara é um mestre", eu senti isso quando cheguei, nesse tempo tinham três ou quatro doutores na Universidade, no máximo. Em uma Universidade com mil e poucos professores, apenas três ou quatro doutores, era pouco, agora não, você falar que é mestre não é nada, hoje se dá outro valor.

Mudam-se os valores, a universidade também não é a única, a própria escola era valorizada, bem como o professor, mas isso lá atrás, nas décadas de 1950, 1960, nesse período o número de escolas era bem menor, eram poucos professores, o valor era outro. Já nas décadas de 1970 e 1980 o professor virou figurinha carimbada, quer dizer, figurinha sem carimbo, então o valor vai lá para baixo, isso eu acompanhei, se antes era raro agora não é mais, qualquer um é professor.

Mas, eu toquei no assunto de Cuiabá e agora contarei um pouco como era essa cidade que encontrei em 1989. Ela não era grande, como ainda não o é, mas já estava despontando com o crescimento, crescendo muito rapidamente por causa do movimento de ocupação do norte do estado, „Nortão" como falam aqui. Então era uma cidade em trânsito, as pessoas vinham/passavam por aqui para ir até essas regiões mais ao norte ou quando retornavam delas para o sul.

Cuiabá foi crescendo muito desordenadamente, com problemas de infraestrutura, tinha poucos atrativos culturais, mas que eram muito ricos. Isso se deu, pois ainda em 1989, mesmo com as rodovias de ligação já asfaltadas, ela continuava meio isolada, a distância de grandes centros é muito grande e fazer esse deslocamento não era tão simples. Esse isolamento permitiu movimentos diferentes dos outros, às vezes, copiavam de outros lugares, mas em geral eram movimentos próprios, os artistas tem uma questão de cultura musical um pouco diferente. Agora nem tanto, já está mais cosmopolita, mais ligada no mundo. Antes quando vinha um show para Cuiabá, era um grande evento, todos iam, agora não dá para ir todo mundo, só vai uma parte, pois cresceu muito.

Víamos muito deslocamento de pessoas, mas esse não era para ser frequente, pois ela ainda era um pouco isolada, agora melhorou bastante. Hoje em dia tem mais frequência de voos, que antigamente quase não tinha, além disso, as passagens eram muito caras, o que se tornava um problema. Por ser capital, é diferente das cidades que eu sempre morei, que eram do interior, aqui tem uma efervescência de movimentação política. Com a expansão da agricultura do norte do estado, sempre tiveram movimentos de dividir o estado[17], agora é que está mais quieto.

[17] Entre eles o mais recente foi referente à movimentação para criar-se o estado do Araguaia.

Em 1990 quando me concursei para a área de informática, havia muitos professores no Departamento de Matemática, mas em 1992 a Universidade teve uma reestruturação. Ela era dividida em Centros, e por meio desta reestruturação passou para Institutos e Faculdades, com isso criaram-se outros departamentos, como o de Computação, que antes fazia parte do Departamento de Matemática. Nessa divisão, eu optei por ficar na Matemática, a qual é minha formação, e assim pude continuar trabalhando com ela.

Embora tenha lecionado nas engenharias, a maior parte de meu trabalho como professor foi no curso de formação de professores, sempre me dedicando mais a ele e com isso fui discutindo mais a respeito da formação de professores e me envolvendo mais com essa questão.

Estudo também essa área, e mesmo tendo vindo anos mais tarde para Cuiabá, sei que aqui não tinha formação de professores antes do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá, ICLC, os professores iam se formar fora daqui. Tinha o Curso Normal, a Escola Normal, que formava professor para as Primeiras Letras[18], mas para formação superior mesmo era necessário sair do estado, e muita gente ia. Em certo sentido havia muita ligação com o Rio de Janeiro, devido ao deslocamento natural por meio do rio. No estado, acho que não havia uma necessidade, assim, tão premente de formar professores, faltava, mas não era uma falta que fizesse o movimento da formação de professores, então o estado importava, não precisava realizar a formação, já tinha o movimento de vinda de professores do interior de São Paulo e algumas vezes de Minas Gerais, mas, principalmente, São Paulo. Os professores vinham, especialmente, para atender a capital, onde se localizavam as escolas de maior nível, como o Liceu Cuiabano[19], a Escola dos Padres[20] e o Médici[21], mas este último é mais recente, dos anos 1970. Acho que tinha uma escola em Cáceres que também tinha essa ligação.

Na década de 1970, começou a migração das pessoas que eram do sul do país para cá, pois mesmo com a Universidade já formando professores, não se dava conta de suprir a necessidade, então se tem esse movimento dos municípios buscarem professores nos estados aonde era predominante essa migração. Terra Nova do Norte[22] é um exemplo disso que vi acontecer, eu fui lá e vi, era uma ligação direta com o Rio Grande do Sul. No Paraná também tinha alguns municípios com forte relação nessa migração direta com Mato Grosso, e consequentemente nessa busca de professores.

---

[18] Uma modalidade para a Escola Primária.
[19] Escola Estadual Liceu Cuiabano "Maria de Arruda Müller".
[20] Colégio Salesiano São Gonçalo, Avenida Dom Bosco, Bairro Dom Aquino.
[21] Escola Estadual Presidente Médici, localizada na Avenida Mato Grosso, no Bairro Araés em Cuiabá.
[22] Distante cerca de seiscentos e cinquenta quilômetros da capital mato-grossense.

Teve um professor formado em Engenharia no Instituto Militar, IME[23], era famoso, foi vereador, mas ele é mais antigo, acho que é da década de 1930 ou 1940. Tivemos um aluno que efetuou um estudo sobre ele. Ele lecionou Matemática no Liceu, mas não foi para a Universidade. Eram poucos os centros que formavam professores nessa época, só a Universidade do Brasil e a Universidade de São Paulo, USP. A formação de professores de Matemática no Brasil ainda é muito recente.

Antes de 1974, 1975, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul eram um estado só e um pouco antes da década de 1960, 1950, incluía Rondônia[24]. Então, era uma imensidão de terra e de movimentos que vão acontecendo. Com relação a Campo Grande, também ouvi algumas histórias que iam buscar professores, mas era um pouco diferente de Cuiabá.

Então, ainda não se tinha um movimento para formação em Mato Grosso, embora já se começasse a pensar em formar quadros, não só para professores, mas em todas as áreas. Quem tinha dinheiro mandava seu filho estudar fora. Visando diminuir esse êxodo e depois ter uma equipe qualificada, a própria ação política começou a fazer o movimento de ensino de Direito, essa acho que foi a primeira mais forte, depois concomitante vêm à formação em Engenharia, nasce assim uma Escola de Engenharia.

Isso é pensado para antes do ICLC, mas o que se concretiza é só o Direito, se falava em Direito, Economia e Engenharia, estes três estão praticamente juntos, eu acho que a inquietação de começar a pensar em constituí-los era mais forte do que da formação de professores, acho que isso tem muita relação com o estado não ser muito povoado. Se você olhar para o estado de Mato Grosso agora, enfocando a localização de Cuiabá, com a fronteira sul, Corumbá, Mato Grosso do Sul, e no norte, lá em Porto Velho, com a Madeira-Mamoré. Nesses locais a necessidade de professores é menor, também pelo fato da atividade econômica que suporta essas regiões não exigir muito estudo. Onde se precisava de mais professores era em Cuiabá, como sempre Cuiabá, e Cáceres devido à ligação do rio, já Rondonópolis vai aparecer na década de 1970, as cidades do norte, as do Chapadão[25] entre elas, são da década de 1970.

Nessa década de urbano mesmo[26] era Cuiabá, acho que na época o maior município que se tinha registro era Chapada dos Guimarães, com limite em Cuiabá e no sul do Pará. Todo esse espaço que circunda a Chapada vai ser distribuído, dividido em todos os outros

[23] Instituto Militar de Engenharia, referência nacional no ensino de Engenharia.
[24] Em 1943, o território que hoje corresponde a Rondônia, foi desmembrado de Mato Grosso, no entanto, só foi criado como estado realmente em 1981.
[25] Aqui faz referência à formação geológica Chapada, encontrada no Estado.
[26] Com isso quer dizer que a maior cidade, que atendia de modo mais amplo as diversas necessidades, era Cuiabá.

municípios criados depois; antes, era um vazio e sem população não há a necessidade de ter professor, não existiam escolas, e as que existiam eram as de Primeiras Letras, que quase já não eram necessárias.

Então é criado o ICLC, o qual passa a ofertar Licenciatura Plena em Matemática. No entanto, nessa área, só teve uma turma, a turma derradeira. Dela se formaram três professores, a turma no começo era grande, mas poucos concluíram o curso. É aquela questão, você precisa de professor, mas não precisa tanto, se precisasse mesmo formava mais alunos, os professores que tinham estavam dando conta.

O importante nesse curso do ICLC é que ele dá um pontapé inicial, por meio dele começa-se a tentar constituir uma formação de nível superior. Penso que nesse momento as pessoas estavam começando a perceber que era necessário formar quadros para dar conta das escolas, não só das escolas, os cursos superiores começam a serem valorizados, principalmente para atender a ampliação e necessidade de pessoal qualificado para a máquina do governo. Não era só para professor, a sociedade vai se dividindo, mas muitos cursos são de elitização, Direito é a menina dos olhos, o pessoal do jurídico, o formal da sociedade, e tem os outros cursos que vão dar suporte a isso. Eu acho que o curso do ICLC era isso, também, tinha o curso de Economia para dar mais esse suporte para a organização formal do estado, mais para isso do que para resolver o problema da educação.

Depois que o ICLC passou a fazer parte da UFMT, seus cursos foram agregados a essa última. E sabendo disso, acho que o curso de Matemática na UFMT se manteve da mesma forma que no Instituto, mas não tenho dados para falar com certeza. Ele veio de lá para cá, mas foi interrompido na transição, na época da formação da Universidade, parece que fica um ano, uma turma sem formar.

É possível ver-se o esforço para formar três alunos na primeira turma e na construção da Universidade, há uma necessidade de formação. Falando em Universidade, para que tal se constitua é preciso formar profissionais para ela também, então é uma alimentação da própria Universidade, aí acho que volta a ser um curso de formação de professores e não mais para interesses do governo.

Nesse período de formação da Universidade, embora fiquemos focando muito o curso de Matemática, seria interessante levantar se isso, o fato de interromper o curso na transição e depois retornar, não aconteceu com os outros também, porque tinham outros cursos, entre eles Letras e Geografia, e desconfio que com eles tenha ocorrido o mesmo movimento. Interrompe-se para que haja aquele ajustamento de quem vai para a Universidade, de como ela vai encaminhar isso. De Matemática entrou a turma em 1968 e depois só em 1972 de

novo.

Acho que o ICLC começou a ser pensado e constituído no final da década de 1950; se não me engano, tem um decreto estabelecendo o Instituto ou a Faculdade nessa época, mas ele só vai se concretizar em 1968, leva quase a década de 1960 inteira para isso. Começa então a procura por professores, não se encontram licenciados formados em Matemática, acho que todos os professores que lecionavam Matemática, no ICLC, eram engenheiros.

Quanto ao início do curso, assim como em tudo o que se começa, houve dificuldades e pontos positivos. Com relação às dificuldades, penso que estavam associadas ao espaço, eu conversei com o professor Luiz Gonzaga[27], e eles viam essa dificuldade.

Parece que era um pouco diferente de hoje em dia, porque teve uma época em que vieram uns cubanos para Cuiabá, nós conversávamos com eles, o Luís Aníbal e o Ricardo, eles estavam em formação na época da revolução de Cuba, e lá houve uma debandada geral, ao contrário daqui, faltava professor, mas era um negócio muito parecido, assim, nas suas proporcionalidades. Levei os dois para falarem na disciplina de História e Filosofia da Matemática, deram um depoimento muito bonito, contaram que na época da debandada e devido a ela e ao estabelecimento da universidade cubana, eles que estavam em um curso, foram chamados: "Olha vocês terão que se formar, se virem", se organizaram, então, para fazer a própria formação. E aí os melhores alunos, que estavam quase no final do curso, passaram a serem professores, mas como eles eram alunos tiveram que construir a sua formação daquilo que já tinham mais ou menos e ajudar os outros a se formarem.

O Luiz Gonzaga falou um pouco disso, eles tinham dificuldades, mas não eram as mesmas dos cubanos, não há uma debandada, aqui os engenheiros lecionavam; o pessoal daqui também teve que se virar, o próprio professor falava que não podia ajudar, que eles teriam que dar um jeito, a parte didática tiveram que fazer meio na marra, precisaram dar conta de alguma forma e foram fazendo. A grande dificuldade era isso: a falta de professor, ainda não se tinha a Universidade, ela estava em processo de criação. Outra questão complicada era o número de alunos, no começo ainda tinha bastante gente, mas no final ficaram somente três, é duro não ter com quem conversar, fazendo um doutorado sem ninguém para conversar é duro, você imagina a graduação. Faltava bibliografia, na época não tinha internet, quase não tinha livros. Então havia essas questões que penso serem bem fortes.

Já como ponto positivo, penso que o principal era a vontade, mesmo com todas essas dificuldades, tinha-se vontade e apoio. Começaram movimentos fortes ao final da década de 1960, visando estabelecer a Universidade, movimentação das pessoas nas praças pedindo por

[27] Luiz Gonzaga Coelho, um dos três alunos que se formaram na única turma de Matemática do ICLC.

ela, isso se dá junto com o movimento nacional, o qual buscava mais vagas para a universidade, para o ensino superior. E o ICLC foi importante para mostrar que dava para fazer, pois de qualquer maneira ele formou gente, que depois foram professores da Universidade, foram realmente professores, deram muita aula e contribuição.

O Luiz Gonzaga, por exemplo, lecionava até recentemente, não sei se está lecionando ainda, mas de vez em quando encontro com ele. O Moacyr[28] foi menos, a Nilda[29] acho que já se aposentou. A Sônia Regina Nascimento Moreno está lecionando, ela é da terceira ou quarta turma depois do Dornellas[30], está como substituta. A Aurélia Domingas de Oliveira Figueiredo[31] também lecionou, agora está em Curitiba, não sei se está trabalhando lá. Então, de alguma forma eles contribuíram, esse povo segurou a peteca e estão aí até hoje.

Acredito que o período de transição entre o ICLC e a UFMT foi tranquilo, tirando essa interrupção, talvez a construção física da Universidade tenha atrapalhado um pouco. O ICLC funcionava em um espaço emprestado, inclusive no Liceu Cuiabano que é uma escola, o curso de Direito também estava funcionando ali. É interessante dar uma olhada nisso, se a Universidade ao ser constituída já veio direto para o campus, sendo construída ali. Os primeiros prédios foram os lá da frente do Centro de Ciências Sociais, CCS, todos eram prédios térreos. Agora está tudo muito modificado.

O curso de Matemática aqui na UFMT foi iniciado e acho que não foi pedido autorização para que ele funcionasse, apenas seguiram um decreto do governo que o havia estabelecido no ICLC, por meio desse decreto o curso no Instituto foi montado[32]. Iniciou-se e seguiu, foi fornecido diploma, que de alguma forma foi reconhecido, pois os formados vieram para a Universidade, reconhecido nesse sentido, no entanto, não sei se tem chancela do Ministério de Educação e Cultura, MEC. No ato da formação da Universidade, o Dorileo[33] fala que os cursos do ICLC passam para a Universidade, dizendo quais são, estando a Matemática entre eles, sendo assim, em certo sentido, reconhecidos. Então, era reconhecido como existente e como transposto para a Universidade, sobre esse reconhecimento falam de um documento, como um que eu achei, um diário oficial, falando do reconhecimento do curso de Geografia da UFMT e de um outro curso de Administração, mas isso é em mil novecentos

[28] Moacyr Freitas, arquiteto, professor e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.
[29] A professora Nilda Bezerra Ramos é nossa colaboradora, sua narrativa pode ser encontrada na seção *2.3 Nilda Bezerra Ramos*.
[30] O professor Carlos Antônio Dornellas é nosso colaborador, sua narrativa pode ser encontrada na seção *2.4 Carlos Antônio Dornellas*.
[31] Professora do Departamento de Matemática, do qual também foi chefe.
[32] Em conversa posterior com o professor Vinícius, ele esclareceu pensar que naquela época fosse necessária pedir-se essa autorização ao governo. O que não ocorre atualmente, pois as universidades são autônomas e não precisam mais pedir autorização, apenas informam que estão abrindo determinado curso.
[33] Benedito Pedro Dorileo, primeiro vice-reitor acadêmico da UFMT.

e setenta e pouco, eu precisava dar uma olhada em relação ao de Matemática, mas o reconhecimento dele existe e o governo federal que forneceu, para aquele curso que era estadual, realizado pelo estado[34].

Mas, voltando ao curso de Matemática da UFMT, em 1974 veio a Resolução 30/74 que convertia as Licenciaturas Plenas na área de Matemática em Licenciatura em Ciências. Nessa época, as universidades estavam crescendo muito, então vem essa modificação, essa tentativa de formar professores de forma única, pelos cursos de Licenciaturas Curtas ou Plenas, mas em Ciências.

A Unicamp, onde me formei em bacharelado, nunca entrou nesse papo, as universidades paulistas nunca entraram que eu saiba, as paulistas formadas por si só, mas a Universidade Estadual Paulista, Unesp, por exemplo, que foi criada incorporando diferentes faculdades acho que teve Licenciatura Curta. Já a Unicamp, desde quando foi estabelecido o curso era de Matemática e a USP também nunca entrou nessa. Penso que essas resistências é que fizeram o governo recuar e em 1978 falar não, não é bem assim, aceitando continuar as licenciaturas do jeito que era.

Embora o governo tenha soltado isso em 1978, dependia da universidade, dependia do movimento da universidade de querer voltar. Assim, o parecer do Amaral[35], advogado acho que desde o início da Universidade, não sei se ele é vivo ainda, seu parecer já é um movimento dos departamentos, nessa época já tínhamos departamentos distintos estabelecidos.

O Departamento de Matemática quando foi constituído no começo da década de 1970 envolvia a Física, a Química; as engenharias não, mas no Departamento, quando eu cheguei tinha muito engenheiro trabalhando. Na década de 1980, começou a separar, criaram-se os departamentos de Física e Química, e muita gente do Departamento de Matemática foi para esses departamentos, para a Física com certeza. Depois, na outra reestruturação, de 1992, é que sai o pessoal da Arquitetura, até então o Departamento de Matemática trabalhava com desenho, sai o pessoal da estatística e da computação, nesse período vai gente, também, para a Engenharia, poucos mais vão alguns. O Lotufo[36] já estava aposentando, então ele continuou na Matemática, ele é engenheiro.

Portanto, em 1992, com a última reestruturação, mantém-se o Departamento de Matemática e são criados os departamentos de Estatística, Computação e Arquitetura,

[34] O ICLC não era uma instituição federal, só foi federalizada após sua incorporação à UFMT.
[35] Amaral Augusto da Silva.
[36] Luis Lotufo, professor fundador do Departamento de Matemática da UFMT.

anteriormente, já haviam sido criados os departamentos de Física e Química. Quando eu cheguei aqui, o Departamento de Matemática era muito grande, tinha mais de sessenta professores. Então era esse movimento que era necessário, quando os departamentos começam a se juntar, principalmente, na época do Centro de Ciências Exatas e da Terra, CCET, e falar: "Olha, vamos fazer um movimento aqui e pedir para voltar as Plenas, já que existe a fala que não é bem assim e que se pode continuar com as Licenciaturas Plenas, nós vamos voltar ao que era".

Em mil novecentos e oitenta e pouco acho que é fundada a Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat[37], lá em Cáceres, mas como uma faculdade, pois vai se transformar em universidade somente na década de 1990, no governo do Jaime Campos[38]. Ela tem os cursos de formação de professores nas décadas de 1970 e 1980, seria interessante ver se ela também estava em conflito devido a Resolução 30/74. Depois vem a Unemat e a Universidade de Cuiabá, Unic[39], isso já na década de 1990, para formar professores. No entanto, atualmente as universidades particulares estão fechando esses tipos de cursos, como é o caso da Unic e do Centro Universitário Várzea Grande, Univag[40], elas não querem mais saber, estão deixando só para as públicas, mesmo com o Prouni[41].

Então, na década de 1970 e começo da década de 1980, quem podia oferecer alguma resistência era a UFMT, essa resistência põe-se contra o governo militar. Não dá para separar, no começo da década de 1980 inicia uma resistência mais forte ao governo militar e ao que é imposto por ele e a Resolução 30/74 foi imposta. Concomitante a essa resistência está se montando o Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior, Andes, e são feitas as primeiras greves. Acho que é todo um movimento contra aquilo que estava lá, e um dos movimentos da Universidade era: "Mandaram formarmos professores assim, mas nós falamos não, nós queremos formar professores do modo que era antes, voltar ao que era primário". Penso que seja esse movimento que impulsiona o que o Amaral chama de reconversão, a Resolução também fala em reconversão do curso de Licenciatura em Ciências em Licenciaturas Plenas em Matemática, Física, Química e Biologia.

Outra coisa interessante que eu estive olhando é que o curso de História Natural não existia antes, no ICLC, mas na Universidade sim, e ele é fechado para se transformar, me

---

[37] A Unemat foi criada, com esse nome em 1993, no entanto, já funcionava desde 1978, tendo mudado sua nomenclatura por algumas vezes, recebeu autorização para seus cursos em 1984.
[38] Governador de Mato Grosso de 1991 ao final de 1994.
[39] Universidade de Cuiabá, criada em 1988, é atualmente a maior universidade privada do estado.
[40] Localizada na Avenida Dom Orlando Chaves, no Bairro Cristo Rei, em Várzea Grande.
[41] Programa Universidade para Todos, que concede bolsa de estudos em graduações ou formações sequenciais específicas, realizadas em instituições de ensino superior particulares.

parece, em Licenciatura em Ciências, quando veio o decreto que manda fechar os cursos e passar todos para Licenciatura em Ciências. Com seu fechamento gera-se o curso de Geologia e Biologia, portanto a História Natural dividiu-se nesses dois cursos. Assim, o curso de Geologia inicia ao final da década de 1970.

O CCET[42] era grande e politicamente bem ativo na Universidade, englobava as engenharias, o Departamento de Matemática, Física, Química e depois a Geologia, já tinham pessoas da Geologia aqui por causa da História Natural, mas eram poucos. Era um dos maiores Centros de formação de professores, composto por muitos docentes, nele há uma efervescência política, um poder político forte. Devido a isso, quando o Centro indicou à Universidade o rompimento com a Resolução e o conselho diretor aceitou, indica-se a suspensão da Licenciatura Curta e a reconversão para as Plenas. Esse movimento dos professores foi interno e penso que tenha vindo com essa constituição dos departamentos, ninguém queria mais trabalhar quando estava todo mundo junto em um mesmo departamento, cada um queria sua autonomia, ser dono de sua área, acho que isso também ajudou.

Falando nessa autonomia lembrei que alguns anos depois de ter ingressado na UFMT, fui ser chefe do Departamento de Matemática, fiquei responsável por sua administração de fevereiro de 1993 a março de 1998. Aqui no Departamento sempre brigamos, essa construção toda, essa resistência à Resolução 30/74; com relação a esta última os departamentos é que assumiram para si a quebra e se responsabilizaram pela formação, aí foram sendo constituídos os diferentes departamentos, cada qual com sua formação.

Antes dessa divisão do Departamento de Matemática, ele atendia a diversos cursos, porém nele sempre se priorizou discutir a formação do professor de Matemática. Então, a prioridade era formar professor de Matemática e depois atender os outros. Isso também ocorria com a distribuição de encargos didáticos, primeiro distribuíamos para os matemáticos e o que sobrava era dado aos outros, então se tinha certo respeito, esse pessoal queria trabalhar no curso, apesar de que ainda tinham alguns engenheiros que lecionavam Cálculo. Mas, em geral, os engenheiros procuravam outros cursos, como o de Engenharia, o pessoal que tinha formação em economia ia para a Economia, Administração, Ciências Contábeis, Engenharia Agrícola, Agronomia. Apesar de no Departamento existirem muitos engenheiros e economistas, no curso de Matemática, quando eu cheguei, a maior parte dos professores eram matemáticos, às vezes, tinha um „quebra-galho", mas isso não era rotina.

Então, com relação ao curso, tinha-se um respeito, eu acho que o movimento que estávamos falando para retorno da Licenciatura Plena, fez os departamentos sentarem,

[42] Centro de Ciências Exatas e da Terra da UFMT.

discutirem e os professores formados em Matemática rediscutiram a formação para tornar a ser Plena, isso aglutinou e aproximou os matemáticos dessa Licenciatura e do Departamento também.

Na minha época de chefia eram mais de trinta professores, pois já existia o Departamento de Estatística. Não foi fácil, eram aproximadamente trinta e quatro professores e não precisava tudo isso para o curso de Matemática. Brigávamos porque tinha sido assumido pelo Departamento, no entanto, a maior parte do quadro era de engenheiros.

Quando eu cheguei aqui, os formados em Matemática eram a Olga Sartori, a Nilda, a Elizabeth[43], Elisete[44], Paulo Afonso, Carlos Dornellas (também era economista, mas se formou primeiro em Matemática), Marcio[45], Provenzano[46], Sanches, Aquiles, João Afonso[47], Nilson Negrão[48], mas dos trinta e poucos não passava de doze formados em Matemática, os demais eram engenheiros ou economistas, mas esse pessoal que não era da Matemática era mais antigo e aos poucos foi se aposentando.

Teve uma época no Departamento que eram trinta e poucos professores no quadro regular, mas concursados e que estavam em sala de aula apenas doze, mais três afastados para pós-graduação, totalizando quinze de cerca de trinta e três. Agora mudou, se aposentaram praticamente todos os engenheiros, atualmente todos são formados em Matemática. Portanto, mudou muito a cara, mas por outro lado a gente não consegue sentar e pensar um curso diferente, assim, ele continua com problemas.

Apesar de todas essas mudanças, a Licenciatura em Matemática se manteve forte, e se em algum momento ela correu o risco de deixar de existir foi na transição, na mudança do ICLC e constituição da Universidade, mesmo tendo falando que o curso viria, eu acho que eles ficaram meio assim de vir ou não.

Pouco depois do início da Universidade o estado foi dividido e acho que isso acabou influenciando aqui dentro. A divisão do estado é uma questão governamental, na época do governo militar, tinha uma rixa com o Mato Grosso do Sul, tendo, também, a questão de construir uma nova capital. Mas penso que ajudou na constituição da Universidade, muitos prédios daqui são mais ou menos dessa época. Esse aqui do Departamento de Matemática principalmente, então fisicamente acho que ela deu um salto.

---

[43] Maria Elizabeth Milanezi de Paula, professora aposentada do Departamento de Matemática, da UFMT.
[44] A professora Elisete de Miranda é nossa colaboradora, sua narrativa pode ser encontrada na seção *2.5 Elisete de Miranda*.
[45] José Luiz Marcio, chefe do Departamento de Matemática de 1989 a 1992.
[46] Luiz Fernando Provenzano.
[47] João Afonso de Souza, professor aposentado do Departamento de Matemática.
[48] Nilson José Alves Negrão, aluno da primeira turma de Matemática da UFMT, foi coordenador do curso de Licenciatura em Ciências de Curta Duração.

Depois da década de 1980 ela para de crescer, agora no começo do século XXI volta a crescer em espaço físico, nos dias atuais está até demais, acabou perdendo o plano diretor, o jogaram fora. Começaram a construir em qualquer lugar, então ela perdeu um pouco do sentido daquela construção pensada no espaço que foi adquirido ou foi doado à Universidade. Bom, com relação à divisão do estado, então pelo menos ajudou no sentido de que formou outra universidade e dividiu essa questão. Rondonópolis estava no meio do caminho e ficou para o Mato Grosso, assim a divisão ajudou um pouquinho sim.

Durante o tempo das Licenciaturas Curtas foi criado aqui na Universidade o Núcleo de Apoio ao Ensino de Ciências, Naec, eu não estava aqui na época, então o que sei sobre ele é de conversa, do que me contaram. Mas penso que o Naec foi um exemplo de criação e de originalidade devido ao isolamento de Cuiabá.

Outra amostra do isolamento foi um professor de Rondonópolis, o Sérgio Dalati, que veio para Cuiabá trabalhar com literatura, hoje já falecido, uma pena, ele era técnico da Universidade. Lembro que eu e ele conversávamos sobre o Wlademir Dias-Pino, que tinha formação em literatura, Letras, mas que queria saber muito de Matemática, pois gostava de trabalhar com desenho geométrico em suas poesias, o Sérgio o estudou em seu mestrado e doutorado. Queria saber um pouco de geometria e colocava isso num texto e, às vezes, ele deixava de ser texto e se tornava uma poesia, a qual virava arte, arte plástica. Teve um movimento de poesia concreta no sul do país e o Wlademir, isolado aqui em Cuiabá, não soube, mas mesmo assim ele desenvolveu trabalhos na mesma linha, talvez até um pouco antes da época desse movimento.

Então Cuiabá tinha muito disso, estava ligada no mundo e parecia estar desligada, mas ao mesmo tempo ligada também, isso devido ao distanciamento das coisas, as notícias demoravam a chegar. O Wlademir e o Naec eu penso serem exemplos desse desligamento.

Até as décadas de 1970 e 1980 o ensino de Ciências era praticamente só em Cuiabá, sendo que somente após esse período é que despertam em outras cidades, mas a demanda maior ainda se concentra na capital. Vários pontos começaram a saltar aos olhos, as escolas, a falta de professores, a formação deficitária dos docentes, formação muito livresca, então os professores da Universidade decidiram se unir e elaborar uma ação para trabalhar com a questão da Ciência.

Esses professores unidos criaram o Naec, entre eles estavam o Gabriel que eu conheci, um cara da Física que foi embora, mas depois veio aqui uma vez e nos visitou, o Sérgio Scala, também físico, o pessoal da Química, o Pedro Bom Despacho de Almeida, a Lydia e o pessoal da Matemática, eles se reuniram com essa preocupação e tentaram fazer uma coisa diferente.

Houve capacitação para diferenciar e mudar o que estava acontecendo nas escolas. Pelas histórias que ouvi, foi riquíssimo. Depois que começaram a mostrar o que estavam fazendo, muitos ficaram interessados e vieram para Cuiabá. Tinha muita coisa interessante no movimento realizado com os professores nas escolas, o pessoal do Naec ia e praticamente assumia a escola, faziam intervenções importantes. O Naec foi muito rico, pois realizou coisas diferentes que não foram tentadas em outro lugar, foram tentadas aqui em Cuiabá.

Infelizmente, em certo momento, o grupo foi se desmanchando, porque muitos foram convidados a fazer pós-graduação, o Edward Bertholine de Castro, o Vavá da Biologia, foi um caso desse e o Sérgio Scala também, teve outro professor que foi e não voltou mais, só o pessoal da Matemática que não fez isso, foram fazer o mestrado mais tarde. Acredito que esse pessoal que saiu para se capacitar, foi muito com os olhos que o Naec propiciou.

Com a saída desses professores para a pós-graduação e a permanência maior de matemáticos faz surgir o Grupo de Ensino e Pesquisa em Educação Matemática, Gepemat, e por ter sido o primeiro grupo a se estabelecer e permanecer, teve seu nome mais marcado. As outras áreas tiveram um decréscimo, quase pararam, não formaram grupos; agora recentemente é que foi criado o grupo de ensino de Química e o da Física, tem um pessoal que trabalha neles, mas são poucos, na Física o Sérgio Scala é um deles.

Quando eu cheguei à UFMT, o Gepemat era ativo, tinha muitos professores no espacinho reservado ao grupo, ele é bem antigo. Nessa época, o Departamento era dividido por áreas, pois era bem grande, então tinha a área de ensino de Matemática, praticamente todos os professores do Gepemat faziam parte dela, mas nem todos, pois havia aqueles que se diziam do ensino e não eram integrantes do grupo; a de informática, da qual eu fazia parte, a de Matemática Aplicada, Álgebra, Desenho e Estatística.

Os participantes do Gepemat realizavam muitas atividades, trabalhando com os professores da rede estadual e municipal. Faziam principalmente encontros, uns até muito grandes, para os quais vinham pessoas do estado inteiro. Ofertava muitas atividades de extensão, como cursos de capacitação para professores do estado, atendendo também os do interior deste, cursos rápidos, sempre muito rápidos.

Eles recebiam financiamento do Sub Programa para o Ensino de Ciências, Spec, da Capes[49]. O grupo já realizava encontros em Educação Matemática antes do financiamento, depois com seu recebimento só aumentou. Acho que o Semiedu[50] é um reflexo disso. Como o Spec era voltado ao ensino de Ciências, o pessoal da Matemática, Química, Física e Biologia

[49] Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
[50] Seminário de Educação, que se realiza anualmente, em Cuiabá, no interior da UFMT, desde 1992.

se juntaram e tentaram realizar ações. Entre elas esses grandes eventos/encontros que comentei.

Apesar de ter surgido a partir das ideias do Naec, no Gepemat a questão de assumir a escola já tinha arrefecido. Na época do Naec o pessoal da Pedagogia, Geografia e das outras licenciaturas também foram assumir outras escolas como o núcleo tinha feito. Uma escola que entrou nesse processo foi o Ferreira Mendes[51], que se localiza muito próximo a Universidade. Por ser bem perto, a UFMT tentou abraçá-lo e fazê-lo como se fosse uma escola de aplicação, que a Universidade não tinha. Além do Ferreira Mendes o Naec atendeu a escola Presidente Médici, que era mais no centro.

Muita coisa deu certo nesse atendimento, mas algumas começaram a dar errado, por isso o Gepemat não assumiu realmente a escola. Agora mais recentemente que está voltando, mas quando eu cheguei, em 1989, tinha-se certo receio, pois a intervenção havia sido muito grande e não se deu conta de continuar, ela não se transformou em escola de aplicação, não se transformou em nada. O Ferreira Mendes recebeu um bom atendimento e se tornou uma escola reconhecida, mas depois foi sendo largada, as pessoas que a atendiam precisavam se capacitar em pós-graduação, para seguir em sua carreira docente, e para isso precisavam ir para fora, logo largavam a escola. Isso também aconteceu no Médici, mas não tão intensamente, pois estava mais longe, a proximidade do Ferreira Mendes trouxe um desgaste maior.

Assim, em 1989 quando eu cheguei, o Gepemat tinha ações mais pontuais, cursos de pequena duração, alguma coisa dessa área de desenvolvimento e ajudava na formação docente por meio de capacitação continuada.

Essa questão da capacitação continuada é uma prática da Universidade que persiste até hoje. Os alunos são levados para estagiar ou ter uma experiência em sala de aula, na época isso não era tão rígido como agora, porque agora são oitocentas horas, quatrocentas de estágio e tem que ser estágio efetivamente na sala de aula. Antes não era bem assim, mas tinha que se fazer estágio. Víamos cada coisa aqui também; às vezes, o aluno fazia uma aula e resolvia o problema, isso em outros cursos, não na Matemática, aqui sempre, talvez devido a esses grupos, foi bem forte.

Antes de o aluno assumir a sala de aula já começava a realizar ações que não eram tão formais. Então os eventos e os cursos de capacitação de professores sempre eram feitos de duas formas, os professores trabalhavam um pouco mais com a capacitação do professor e os alunos trabalhavam cursinhos menores para os alunos daqueles professores, isso teve muito.

[51] Escola Estadual Francisco A. Ferreira Mendes, localizada na Vila Boa Esperança.

Depois foi se dando andamento de tal forma que: "Ah, Tudo bem! Vamos por os alunos para capacitarem os próprios professores e os professores da Universidade só supervisionam".

São muitos alunos no estágio, então, diversas vezes, eles são levados para outras cidades para estagiarem. O Vavá fez muito isso no interior, alguns alunos da Matemática foram com ele para Paranaíta[52], que é lá no Nortão, depois de Alta Floresta[53]. Fui com ele para Campo Novo dos Parecis[54], mas era o Vavá que sempre levava, mesmo sendo aluno de outras áreas. Em Ribeirão Cascalheira[55] ele levou um pessoal da Matemática, acho que a Gladys era a professora.

O Vavá sempre falava comigo, perguntando se tinha aluno para levar, aí víamos quem queria ir, colocávamos no ônibus e iam junto. Preparávamos um curso, fazíamos contato e o Vavá ia. Em Campo Novo também preparei um curso, pois queria ir, era muito legal, uma experiência muito interessante, porque não era o estágio clássico, tirava o aluno do seu cotidiano e o levava para outro que o fazia refletir sobre a questão da educação, com realidades muito diferentes.

Os alunos daqui, agora têm uns que vêm de fora, mas muitos que eram daqui não conheciam o estado, e esse trabalho foi muito interessante para que conhecessem outros lugares e isso trazia um incentivo para a docência e a participação em cursos de formação de professores. O Vavá teve muito problema na Biologia, pois os alunos vão ser biólogos, não querem se tornar professores de Biologia. Aqui na Matemática, às vezes, o cara quer ser matemático e não professor de Matemática, então com essa forma de estágio você traz uma expectativa, a prática esse ano não vai ser aqui, você vai viajar, vai lá para o interior conhecer alguns lugares, isso ajuda um pouco na quebra da resistência de algumas disciplinas obrigatórias como o Estágio e a Prática de Ensino. Recentemente, com a reestruturação do curso, parece que aumentou essa resistência a tais disciplinas.

Ao longo dos anos, o curso passou por diferentes reformulações, na década de 1980 era um dos poucos cursos que dispunha de grande carga horária destinada à parte pedagógica. Na última reformulação ele mudou bastante, foram criadas três disciplinas que não existiam: Educação Matemática I, II e III, saíram algumas como Psicologia e Introdução a Educação, porque a Educação Matemática vai fazer esse papel. Outras foram reforçadas, mas são as políticas internas, a questão da ampliação de número de formados em Matemática, isso é com os matemáticos. Também tem uma questão da política externa, por exemplo, essa visibilidade

[52] Distante, aproximadamente, oitocentos e sessenta quilômetros de Cuiabá.
[53] Município distante cerca de oitocentos quilômetros de Cuiabá.
[54] Localizada a quatrocentos e quarenta quilômetros da capital.
[55] Município localizado acerca de oitocentos e setenta quilômetros de Cuiabá.

que se dá a ser matemático pelas olimpíadas, tanto que tem que ser agraciado com a olimpíada, ganhar uma medalha, é uma coisa diferente, parece que tem que ser ungido e isso ficou muito forte.

O curso evoluiu em alguns sentidos, em outros ainda continua marcado, uma carga muito forte de Matemática e uma carga, razoavelmente interessante, que foi se constituindo nessa questão, usando a ideia da Educação Matemática, dos problemas da Educação Matemática. Mas ainda não conseguimos equacionar, eu acho que nenhum curso ainda conseguiu juntar esse conhecimento matemático com o conhecimento de formação do professor de Matemática. Penso que isso é possível, tudo bem que cada um tem suas especificidades, a forma de se trabalhar, sua linguagem, mas não podemos esquecer que o curso é formação de professor de Matemática, logo ele não pode ser constituído com aquela visão de formar o pesquisador em Matemática, o cara tem que saber: "Olha pesquisa em Matemática se faz assim, mas nós não faremos isso, vamos fazer assim, porque aqui é curso de formação de professor de Matemática".

Penso que está muito assim: matemático é assim, agora Educação Matemática o ensino começa lá, então é necessário tentar equacionar isso. Nós, no Brasil, temos que nos movimentar nessa direção, ninguém nega que para ensinar Matemática precisa-se saber Matemática, mas eu acho que não é no nível de ser pesquisador em Matemática, para se preparar um pesquisador. Requer-se discutir mais isso.

Eu estava olhando as resoluções, devido ao meu trabalho de doutorado, e com elas dá para se construir, de certa forma, o cenário da formação de professores. Em 1974, se dá um direcionamento para formação de professores, distinto do que vinha sendo feito desde a década de 1960, quando se estabelece realmente a formação de professores no Brasil, pelo Conselho Federal de Educação. No começo da década de 1970 começa a ter aqueles pareceres e as resoluções para formar professores de Matemática, dizendo tem que ser assim, antes isso era solto. Então, começaram na década de 1970 a fazer isso, aí vem o governo militar e fala: "Não, nós vamos ter que formar professor de qualquer jeito", assim entra a Resolução 30/74, ela formava professor de Ciências de qualquer jeito, e desses eram formados os outros. E em 1978, inicia um movimento que diz não ser bem assim, aqui na UFMT isso se deu na década de 1980.

As universidades fizeram a conversão pela Resolução 30/74 e a reconversão para Licenciatura Plena, quer dizer, volta-se ao que era na década de 1960, no caso da UFMT isso

ocorre em 1984, vinte anos após a primeira constituição de Currículo Mínimo[56] para formar professor de Matemática. Em 1984, voltamos àquele Currículo Mínimo, ou seja, muita coisa passou e não passou, retrocedemos vinte anos, eu acho que foi dado um passo para trás.

Naquele momento em que foi dito não a 30/74 já podíamos ter mudado, mas não conseguimos avançar naquele momento, isso, também, por questão política, nós não queremos a 30/74 e nem o que era antes, mas nós voltamos para aquela. Para não ter a 30/74, nós tivemos que voltar vinte anos.

De 1980 para cá, muita coisa começou, a produção do conhecimento de ensino e educação e de Educação Matemática acho que explodiu. Mas ainda penso que a questão do conhecimento matemático ou o conhecimento devia ser discutido mais fortemente, isso é uma questão ideológica, usando a ideologia no sentido de esconder a realidade mesmo ou fazendo a função ideológica, a formação do professor e a Matemática. Um exemplo nítido são as olimpíadas, elas fazem isso quando ficamos elegendo os bons, primeiro que só fazemos política de focar, nós vamos dar bolsa para estudar Matemática só para aqueles que passaram pela olimpíada, então está focando, só pode ser ungido quem passou por esse processo, de vez em quando escapa um, mas dá-se um jeito de voltá-lo.

Assim, acho que convinha discutir mais na formação de professores as questões do conhecimento matemático ou conhecimento por nós produzido, questionando de que forma ele ajuda a compreendermos a realidade, a nos desenvolvermos e também de que forma ele esconde essa realidade. Penso que essas duas questões precisam estar mais postas na mesa, o que não tem sido feito.

Professor de Matemática precisa saber Matemática, como já disse eu concordo plenamente, mas outros elementos são essenciais para esse conhecimento matemático. O problema é que nós passamos, praticamente, vinte e cinco anos nesse embrulho do regime militar, tivemos que lutar e fazer esse retrocesso para vinte, passaram-se vinte anos que quase jogamos fora, que podia já ter avançado, atualmente dá sinais de avanço, mas acho que ainda não está completo.

A UFMT é um lugar bom de trabalhar, tem suas dificuldades, mas é muito interessante, ela me proporcionou coisas que nunca pensei. Por exemplo, em minha época de graduação tinha o Projeto Rondon[57] e a Unicamp tinha uma base, acho que tem ainda, em

---

[56] Os Currículos Mínimos foram estabelecidos pelo Conselho Federal de Educação (CFE), criado por meio da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 4.024/61.

[57] Projeto de iniciativa do governo, no qual estudantes participavam como voluntários, em atividades assistencialistas a comunidades carentes e isoladas.

Cruzeiro do Sul[58], Acre. Eu sabia disso e queria conhecer a Amazônia, sempre quis. O pessoal do Projeto Rondon tinha um escritório, então eu e minha irmã, que estudava na Pontifícia Universidade Católica, PUC, também conveniada ao projeto, fomos conversar para saber o que poderíamos fazer. Chegando lá, perguntaram o que fazíamos, ela respondeu Pedagogia e o funcionário disse que havia a possibilidade dela ir, mas que sua ida dependeria de muitas coisas. Já eu, ao dizer que cursava Matemática, ouvi: "Ah, Matemática pode esquecer, não precisa", Pedagogia ainda precisava devido às Escolas de Primeiras Letras.

Minha irmã era Técnica em Enfermagem, informação que foi repassada ao atendente, ao que ele novamente responde: "Olha se tivesse feito Enfermagem você ia com certeza, se você estivesse fazendo Medicina ou Serviço Social também, agora Pedagogia talvez e Matemática pode esquecer", eu lembro dessa conversa. Então não fui.

Após um tempo de estadia em Cuiabá, em um movimento até político, um companheiro de discussões políticas, o Dorival, engenheiro, foi ser coordenador de extensão da universidade e nessa época, em que o Fernando Henrique Cardoso era presidente, estava tendo a Universidade Solidária[59] e a Alfabetização Solidária. A Universidade Solidária era uma cópia do Projeto Rondon, que pegava grupos de profissionais, principalmente médicos, enfermeiros, pessoal do serviço social, engenheiros, e levava para comunidades carentes.

As comunidades atendidas pela UFMT eram do Amazonas e Rondônia, mas eram mais direcionados para o Amazonas, iam lá e faziam o trabalho, inclusive de alfabetização, depois com isso foi criada a Alfabetização Solidária, com a qual se trabalhava nos municípios que tinham elevado índice de analfabetismo. A Universidade foi convidada, nessa época, a fazer parte do projeto e ninguém da educação quis assumir, então o Dorival chamou o pessoal que trabalhava na Universidade: "Vamos assumir esse negócio, deve ser interessante, vamos trabalhar na Amazônia" e falaram que a indicação era a Amazônia porque a Universidade era daqui e ficava mais fácil irmos para lá.

O pessoal topou, acharam-se uns ex-professores do antigo Território de Rondônia que vieram para cá e que trabalhavam com a alfabetização, com a Educação de Jovens e Adultos, EJA, montou-se então um grupo e começamos a trabalhar. O primeiro município pelo qual fomos responsáveis, por meio do projeto, foi a Atalaia do Norte[60], que é na divisa entre Brasil e Peru, quase em Cruzeiro do Sul, fazia divisa com ele, esse foi o primeiro, fomos lá, e dessa forma eu conheci a Amazônia. Depois trabalhamos com mais três municípios: Benjamin

[58] Distante seiscentos e trinta quilômetros de Rio Branco.
[59] Programa governamental que visa integrar estudantes universitários de comunidades carentes, teve início em 1996.
[60] Atalaia do Norte localiza-se acerca de mil e trezentos quilômetros da capital do Amazonas.

Constant[61], Tabatinga[62] e São Paulo de Olivença[63], todos no Alto Solimões, onde o Rio Solimões está entrando no Brasil, na divisa com o Peru. Por meio desse projeto a Universidade começou a trabalhar em outras regiões, no Nortão do Brasil; então, por meio dela conheci e fiz coisas que eu nunca pensei que eu ia fazer, foi muito rico.

Hoje em dia está mais difícil fazer essas coisas. Eu ia para a aula de campo com outros professores, eles me falavam que iam ter uma aula de campo e me chamavam, o professor da Agronomia me convidou para ir para São José dos Quatro Marcos[64] passar um final de semana lá, eu topei, porque queria conhecer. Saímos no sábado de manhã e voltamos no domingo, eu fiz muito disso, fui conhecendo, mas agora está mais difícil. Eu viajei muito pelo estado, a última que fiz foi para São Felix do Araguaia[65], quando o bispo Dom Pedro Casaldáliga deixou a Prelazia[66], essa viagem foi representando a Associação dos Docentes da Universidade Federal de Mato Grosso, Adufmat.

Com essa viagem pude conhecer aquela região que ainda não conhecia, agora já visitei praticamente o estado inteiro, assim, pelo menos eu passei pelas regiões e a Universidade me propiciou isso.

Como expectativas futuras aqui na Universidade, quero terminar meu doutorado e pesquisar mais, pretendo fazer projetos de pesquisa e olhar como foi se constituindo a Educação Matemática no estado, as relações. Acho que isso é muito rico, principalmente nessa época de expansão agrícola e surgimento de municípios, essas migrações de professores, isso tem muito na década de 1970 e 1980. O cara que morava lá no sul ou estava terminando uma graduação, um município já o contratava, Terra Nova foi um exemplo disso, teve gente que veio e ficou, e tiveram aqueles que não se adaptaram e foram embora, então eu quero ver como era isso, essa movimentação.

---

[61] Município do interior do Amazonas, distante mil cento e vinte quilômetros de Manaus.
[62] Localizado a mil e cem quilômetros da capital amazonense.
[63] Município distante cerca de mil e duzentos quilômetros de Manaus.
[64] Localizado a trezentos e trinta quilômetros da capital.
[65] Distante mil cento e cinquenta quilômetros de Cuiabá.
[66] Assemelha-se à Diocese.

CAPÍTULO III – CUIABÁ E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA

De posse dos dados produzidos iniciamos o que chamamos de sua análise de maneira sistematizada, pois julgamos que apenas sua descrição não encerra a pesquisa, precisamos destacar o que enxergamos a partir deles, quais aproximações, ou não, possuem com a literatura ou fontes documentais que levantamos, de que modo acreditamos que eles possam responder aos nossos questionamentos e objetivos. Porém, não existe uma fórmula pronta que possamos utilizar em sua construção, assim, a análise será constituída a partir de nossas leituras, reflexões e interpretações, arrematando, desse modo, nosso trabalho.

Esse é, sem dúvida, um momento de grande importância, pois, embora consideremos que a análise dos dados já tenha se iniciado ao escolhermos o tema e elaborarmos nossa pergunta diretriz, é nesse espaço que ela se acentua, visto que podemos confrontar os conhecimentos teóricos de que já dispúnhamos sobre o tema, com os novos conhecimentos construídos. No entanto, consideramos que analisar não é julgar os testemunhos ou depoentes, nem estabelecer verdades buscando o preenchimento total das lacunas da memória e da história[1] e, sim, um meio de construir "um arrazoado das compreensões que conseguimos costurar nessa trama de escuta atenta ao que foi dito"[2].

Então, visando dar sentido aos documentos, fontes orais, escritas e imagéticas de que agora dispomos, efetuaremos nosso movimento de análise organizado pelo cotejamento dessas fontes. Esse movimento terá como disparadores as narrativas elaboradas por nós, por meio das entrevistas realizadas, de modo à ressignificar os dados de que agora dispomos.

Nem sempre a opção pela análise realmente se dá pelo pesquisador, em alguns casos ela se mostra pelas narrativas, que por si só decidem qual o melhor meio de analisá-las. Foi o que ocorreu em nosso caso, ao iniciarmos uma leitura mais aprofundada dos dados de que dispúnhamos passamos a perceber que tudo se apresentava muito interligado, mas mesmo assim decidimos elencar algumas categorias visando atender aos nossos objetivos. Porém, em nosso exame de qualificação fomos novamente alertados pela banca sobre essa proximidade entre os temas. Por considerarmos que, realmente, seria bastante complicado analisá-los

[1] GARNICA, A.V.M. História Oral e Educação Matemática: do inventário à regulação. In: **Zetetiké**. Campinas: FE/CEMPEM, v.11, n.19, p. 9-55, 2003.
[2]GARNICA, A. V. M. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, v. 32, p. 29-42, 2010. p.37.

separadamente, cedemos ao que as narrativas já nos mostravam desde o início: decidimos realizar uma análise narrativa a partir das narrativas[3].

Para isso, construímos um texto, nossa versão, para a formação de professores de Matemática em Cuiabá entre as décadas de 1960 a 1980, resultado de todo o caminhar de nossa pesquisa, dos levantamentos bibliográficos e documentais, de nossas experiências/vivências, das conversas informais sobre o assunto, das discussões em nossa banca de qualificação, das leituras feitas e, principalmente, das narrativas de nossos colaboradores. Consequência de tudo o que vimos, ouvimos e vivenciamos. Assim sendo, nos sentimos como que personagens dessa versão histórica que aqui narramos, personagens estes que não vivenciaram os momentos narrados, mas que deles passaram a fazer parte por meio das informações e histórias que nos chegaram.

Desse modo, a análise que aqui apresentamos é uma, entre as várias possíveis, produção de significado para os dados de que dispomos, não como um resumo, mas sim, a nossa leitura e interpretação para eles. Propomos aqui, portanto, uma análise narrativa a partir das narrativas, método narrativo que se caracteriza por "presentar la experiencia concreta humana como una descripción de las intenciones, mediante una secuencia de eventos en tiempos y lugares, en donde los relatos biográfico-narrativos son los medios privilegiados de conocimiento e investigación"[4].

Por meio da análise narrativa de narrativas permite-se a criação de um texto diferenciado dos formulados a partir das entrevistas, no qual estão "patentes a subjetividade do intérprete e as redes de sentidos que ele retira de quaisquer fontes por ele julgadas como potenciais contribuições para a compreensão de uma dada situação ou modo de narrar."[5]. Com ela, contamos uma história que tem por base as "vivências, desejos, frustrações, embates políticos em diversas instâncias, preconceitos, esforços e não apenas fincada em datas e nomes" fugindo, assim, "ao dualismo das situações causa-conseqüência, sem tentar explicar o que não deveria/poderia ser explicado, sem interpretar linearmente as vidas das pessoas."[6].

---

[3] Tal análise já foi realizada anteriormente no GHOEM. Dentre os trabalhos que a adotaram podemos citar o de Cury (2007, 2011) e de Morais (2012).

[4] Apresentar a experiência concreta humana como uma descrição das intenções, mediante uma sequência de eventos em tempos e lugares, na qual os relatos biográfico-narrativos são os meios privilegiados de conhecimento e investigação (Tradução nossa). BOLÍVAR, A. „¿De nobis ipsis silemus?": Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. In: **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, Barcelona, v.4, n.1, p. 1-26, 2002. Disponível em: <http://redie.uabc.uabc.mx/vol4no1/contenido-bolivar.html>. Acesso em: 20 set. 2014. p. 9

[5] GARNICA, A. V. M. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, v. 32, p. 29-42, 2010. p.37.

[6] CURY, F. G. **Uma Narrativa sobre a formação de professores de Matemática em Goiás.** 2007. 201f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007. p. 24.

Com ela, ao reunirmos diferentes histórias, que antes estavam escritas em jornais, fotografias, outros documentos e, principalmente, na memória de nossos colaboradores, tornamos contínuas determinadas descontinuidades e mantemos outras que não puderam ser ultrapassadas, pois sempre haverá um algo mais a ser dito, interpretado, compreendido, lido[7], não no sentido lacunar, pois se assim o fosse estaríamos aceitando a ideia de um todo, mas sim, de uma história para essa formação de professores que é contínua e, portanto, interminável[8]. Desse modo, não pretendemos que o texto que aqui apresentamos seja encarado como a "verdadeira história" e sim como uma das histórias possíveis e plausíveis.

1. Contextualizando o cenário de investigação espaço-temporalmente

Nos anos 1950, antes do período político conhecido como ditadura militar, os meios de comunicação transmitiam informações e comentários a favor e contra a administração nacional. Manifestações contrárias ao governo de Getúlio Vargas eram comuns, mas em contrapartida o sentimentalismo brasileiro também o era, tanto que, após o suicídio deste governante, em 1954, a nação chorou sua perda, o que virou notícia nos jornais da época[9].

No cenário político, em fins da década de 1950 e início dos anos 1960, ascende Juscelino Kubitschek fundando/inaugurando a nova capital federal, Brasília, em 1960[10]. Em seguida é eleito Jânio Quadros, que por slogan visava "limpar" o Brasil da corrupção e, após sua renúncia, assume a presidência João Goulart, que nela permanece até ser deposto em 1964, devido ao golpe militar. As trocas sucessivas de presidentes, aliadas às diversas greves que se desencadearam, evidenciam uma fase conturbada da política brasileira, que acabou por culminar no golpe em primeiro de abril de 1964 e que duraria por 20 anos, até 1985, como forma de governo ditatorial, colocando fim à democracia popular vivida desde 1946.

Durante a ditadura, estudava-se em meio a muita tensão, com policiais postados nos corredores das escolas e universidades, com constantes notícias de prisão de conhecidos e desaparecimento de professores que haviam sido pressionados a irem embora do país ou

---

[7] CURY, F. G. **Uma História da formação de professores de Matemática e das instituições formadoras do estado do Tocantins**. 2011. 255f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

[8] CURY, F. G.; SOUZA, L. A. de; SILVA, H. da. Narrativas: um olhar sobre o exercício historiográfico na Educação Matemática. **Bolema**, Rio Claro, v.28, n.49, p. 910-925, ago. 2014.

[9] Informações retiradas da textualização da professora Suíse (Narrativa 1).

[10] OLIVEIRA, L. L. **A Construção de Brasília.** FGV – CPDOC: Fundação Getúlio Vargas – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 2012. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Brasilia/Construcao>. Acesso em: 04 ago. 2014.

tinham sido presos[11]. Portanto, "durante esse período os militares interferiam na conjuntura social do país limitando as liberdades coletivas e individuais"[12], principalmente por meio dos Atos Institucionais (AI).

O governo passou a ser controlado pelas Forças Armadas, sendo caracterizado pelo autoritarismo e ditatorialismo. Não sendo barrado por leis e sim seguindo suas próprias vontades[13], o autoritarismo se mostrou na exclusão da sociedade, no momento das tomadas de decisões relacionadas ao destino nacional, retirando da população o direito de representação por meio de líderes, de exposição de seus interesses e necessidades[14].

O ápice desse regime foi alcançado com a implantação do Ato Institucional número cinco, AI – 5, entre as diversas repressões ocasionadas por meio dele, "foi instituída a censura à imprensa, à educação e à cultura"[15]. "Na história do país é difícil encontrarmos peça legislativa mais antidemocrática e desrespeitosa à cidadania que o AI – 5 [...]. O povo brasileiro tornou-se de um dia para o outro, *culpado,* sem no entanto saber que crime cometera"[16]. Esse Ato Institucional foi assinado pelos ministros e pelo presidente Costa e Silva, dando plena liberdade a este último cargo, ou seja, por meio do AI – 5 o presidente podia tomar qualquer decisão.

O governo militar começa a entrar em crise a partir de 1975, devido a uma instabilidade econômica instalada no Brasil que foi corroborada pelo enfraquecimento do apoio recebido da classe burguesa. O aumento de manifestações, organizações sociais oposicionistas e greves ocasionaram, também, adversidades na própria política.

Como a política educacional está diretamente relacionada às relações sociais, recebeu influências do regime vigente. Assim, sabendo que o poder estava nas mãos da elite, sendo o governo militar o seu porta-voz, a educação privilegiou essa classe social.

O sistema educacional, no período da ditadura, passou por reformas que visavam formar cidadãos acríticos, que não causassem grandes problemas ao sistema político "Criou-se uma ideia de repressão à intelectualidade crítica em nosso país". Desse modo "A escola nesse contexto será o maior aparelho responsável pela difusão das ideias militares e

---

[11] Tal passagem tem por fonte a entrevista da professora Suíse (Narrativa 1).
[12] Trecho retirado da narrativa da professora Elisete de Miranda (Narrativa 5), disponível nessa dissertação.
[13] GERMANO, J. W. **Estado militar e educação no Brasil (1964 - 1985)**. São Paulo: Cortez, 1993.
[14] SILVA, C. A. C. A Formação do professor mato-grossense – considerações históricas preliminares. **Coletâneas do Nosso Tempo.** Rondonópolis, n.1, p. 114-125, 1997.
[15] GERMANO, J. W. **Estado militar e educação no Brasil (1964 - 1985)**. São Paulo: Cortez, 1993. p. 66.
[16] GHIRALDELLI JR, P. **História da educação.** São Paulo: Cortez, 2001. p.178-179, grifo do autor.

ditatoriais", vista como um meio de "assegurar a dominação necessária para afastar conflitos ou qualquer influência que pudesse atrapalhar a hegemonia"[17].

Nos anos finais da década de 1960, o Colegial era composto pelo Científico[18], Clássico[19] e Normal[20], além de alguns cursos técnicos, como Contabilidade e Comércio. Essa caracterização é alterada em agosto de 1971 por meio da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) número 5.692/71[21] voltada à profissionalização, ou seja, a partir dela foram extintos os antigos Cursos Clássico, Normal e Científico, ocupando seus lugares os cursos técnicos. Como meio de suprir o curso Normal, passou a ser oferecido o Magistério, que também habilitava a lecionar para as séries iniciais do Primeiro Grau. Essa modalidade de ensino "na prática passou a ser reservada aos alunos que, por suas notas mais baixas, não conseguiam vagas nas outras habilitações que poderiam encaminhar para o 3º grau"[22], menosprezando assim, de certa forma, a profissão docente.

Tal LDB enfocava especialmente dois pontos: 1) ampliação do tempo de escolaridade obrigatória para oito anos, ou seja, todo o antigo Primeiro Grau; 2) o antigo Segundo Grau ganha características de um ensino profissionalizante.

Segundo nossos colaboradores o ensino de Primeiro Grau, composto pelos antigos Primário e Ginásio, tinha um caráter geral de estudos, com sondagens de partes específicas de formação para o mercado de trabalho, o aluno que cursava sua segunda parte, hoje Ensino Fundamental II, recebia orientações para se tornar técnico, tendo ao término dele algumas qualificações para atuar como auxiliar de escritório, por exemplo.

Já o Segundo Grau recebia pouca atenção da parte geral, focando o profissionalismo. O caráter de ensino profissionalizante indicava que os alunos do Segundo Grau "podiam e deviam sair da escola e ingressar diretamente no mercado de trabalho, assumindo funções técnicas"[23], inspirando um caráter de término dos estudos ao concluí-lo. Essa modalidade de

---

[17] SILVA, E. R. M. da; CASTRO, F. J. L. de A. **Análise da educação no período da ditadura militar brasileira e os reflexos e saídas para a educação atual.** Acesse24horas, 2013. Disponível em: <http://a24horas.com/destaques/analise-da-educacao-no-periodo-da-ditadura-militar-brasileira-e-os-reflexos-e-saidas-para-a-educacao-atual/>. Acesso em: 18 maio 2014.

[18] Cursado pelos que pretendiam ingressar na universidade na área das exatas.

[19] Destinado a quem pretendia continuar seus estudos em nível superior na área de humanas.

[20] Preparava os cursistas para lecionarem no Primário.

[21] BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm>. Acesso em: 21 maio 2014.

[22] GHIRALDELLI JR, P. **História da educação.** São Paul: Cortez, 2001. p.183.

[23] BARALDI, I. M. **Retraços da educação matemática na região de Bauru (SP):** uma história em construção. 2003. 241f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003. p.186-187.

ensino possuía um aspecto de demanda social, buscando "absorver temporariamente a força de trabalho „supérflua", contribuindo, dessa forma, para regular o mercado de trabalho"[24].

O ensino de Segundo Grau, embora técnico, devia preparar o aluno para diferentes decisões que viesse a tomar, fosse dar sequência aos estudos em áreas exatas ou não, ou mesmo partir direto para o mercado de trabalho. Visando atender a esse requisito, o professor Carlos (Narrativa 4) foi contratado para dar consultoria à Secretaria de Educação do estado de Mato Grosso em 1975.

A consultoria em questão, de acordo com o professor Carlos (Narrativa 4), era destinada a fornecer sugestão de programa de Matemática para o Segundo Grau, para que o estudante com esse conhecimento adquirido pudesse passar no vestibular, caso decidisse prosseguir com os estudos, o que devia ser considerado, e, também, para que os que não escolhessem esse caminho pudessem ter a formação matemática necessária.

Portanto, cabe lembrar que, embora com caráter profissionalizante, a Lei 5.692/71, não extinguiu a possibilidade do futuro ingresso no ensino superior, assim, tornou-se característica dos ensinos de Primeiro e Segundo Graus "preparar alunos tanto para atuarem no mercado de trabalho, como para ingressarem no ensino superior"[25], embora o Segundo Grau, com a necessidade de voltar-se ao mercado de trabalho, tenha deixado à parte as características mais humanistas, abordando conteúdos mais utilitaristas e práticos.

Como consequência do ensino profissionalizante esperava-se uma diminuição na procura pelo ensino superior. Aliado a isso, se sugere vestibulares mais rigorosos para áreas não relacionadas às necessidades do mercado, desse modo, o Segundo Grau teria por objetivo "atender a massa, enquanto o ensino universitário fatalmente deveria continuar reservado às elites" ocasionando uma "contenção das aspirações ao ensino superior"[26]. Com isso, ao contrário do que pregava o governo em seu discurso igualitarista, acentuavam-se as divisões e diferenças entre as classes sociais.

Outro aspecto que reforça essa ideia é que o ensino voltado ao mercado de trabalho somente foi ofertado pela escola pública, as particulares continuaram com o propedêutico, preenchendo funções que a pública não conseguia, atendendo, assim, ao público que almejava o ensino superior. Com isso foi criada a ideia de que "a escola pública gratuita é

---

[24] GERMANO, J. W. **Estado militar e educação no Brasil (1964 - 1985)**. São Paulo: Cortez, 1993. p. 165.
[25] SILVA, C. A. C. A Formação do professor mato-grossense – considerações históricas preliminares. **Coletâneas do Nosso Tempo.** Rondonópolis, n.1, p. 114-125, 1997. p. 118.
[26] GHIRALDELLI JR, P. **História da educação.** São Paulo: Cortez, 2001. p.169.

subversiva"[27]. Além disso, mais um ponto que incentivou a educação privada foi o fato da Lei 5.692 não estipular valores a serem destinados à educação, ficando o governo livre para repassar o que entendesse por necessário.

À época, o secretário de educação do estado de Mato Grosso era Joaquim Barbosa, que havia sido contratado diretamente do Rio de Janeiro juntamente com toda sua equipe de planejamento. Tal secretário buscou, durante seu secretariado, difundir a referida lei em Mato Grosso. Para isso, colocou em vigor um projeto intitulado Bola de Neve, por meio do qual, em 1972, foram realizados seminários em todo o estado nos finais de semana. Os seminários duravam, geralmente, dois dias e deles participavam todos os professores, fossem eles interinos ou efetivos, de modo a familiarizarem-se com a nova lei sob a qual o ensino estava subordinado[28]. Os cursos ofertados aos professores normalmente tinham esse caráter de apresentar as novas normas/métodos a serem aplicadas.

Ainda com relação a essa LDB, almejando respaldá-la, criaram-se em todo o país Escolas Modelos. Em Cuiabá, para atender a tal propósito, funcionou a Escola Polivalente Santos Dumont, antiga Escola Polivalente de Cuiabá, localizada no Bairro Várzea Ana Poupino[29]. Tratava-se de um Ginásio orientado para o trabalho, criado por meio do apoio do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio (Premem)[30]. Foram grandes os investimentos nessas escolas, deixando a desejar apenas com relação à remuneração docente. Por meio delas, esperava-se formar estudantes com mão-de-obra qualificada para atenderem ao mercado de trabalho.

Além da criação das Escolas Modelos, o projeto abarcava também a formação de professores para atender a essas instituições, de modo que os docentes estivessem preparados para lecionarem aulas voltadas à profissionalização, que era a proposta da LDB de 1971. Visando alcançar os objetivos propostos foi formada uma equipe de planejamento, composta por educadores e pela Equipe de Planejamento de Ensino Médio (Epem), que recebia apoio do

---

[27] MEYER, M. **Marilena Chauí fala sobre trágica herança deixada pela ditadura militar à educação.** Educar para crescer, 2011. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/blog/boletim-educacao/2011/10/13/marilena-chaui-fala-sobre-heranca-ruim-deixada-pela-ditadura-militar-a-educacao/>. Acesso em: 18 maio 2014.

[28] Informações retiradas da entrevista do professor Carlos (Narrativa 4).

[29] Textualização da professora Elisete (Narrativa 5).

[30] MELO, S. B. de. **Estudo preliminar sobre avaliação dos cursos de licenciatura de curta duração em ciências e matemática realizados na UFPE, em regime intensivo nos anos de 1971 a 1976.** 1982. 175 f. Dissertação (Mestrado em Matemática). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 1982.

Premem. Posteriormente, essas escolas foram fechadas porque suas manutenções eram dispendiosas, tanto de pessoal, quanto em relação a laboratórios e outras estruturas[31].

A professora Elisete (Narrativa 5) participou de um desses cursos de formação, formulados exclusivamente para formar docentes para atender a proposta das Escolas Modelos[32]. A licenciatura cursada pela professora Elisete (Narrativa 5) foi ofertada de 13 de setembro de 1971 a 30 de junho de 1972, em Recife[33]. Muitas capitais brasileiras selecionaram e enviaram dez alunos cada para que dele fizessem parte, cinco destinados a cursarem Ciências e cinco para a Matemática[34]. Para escolhê-los, em Cuiabá, a Secretaria de Educação do Estado realizou um processo seletivo.

O curso fazia parte do Premem e tratava-se de uma licenciatura de curta duração para atender às duas áreas, Ciências e Matemática. No entanto, funcionou de modo diferente da Licenciatura Curta que foi implantada a partir de 1975. O curso foi oferecido pelo Centro de Ensino de Ciências do Nordeste[35] (Cecine) em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

O Cecine foi criado valendo-se do apoio financeiro recebido pela Universidade Federal de Pernambuco, da Fundação Ford[36] e da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene)[37], tendo como objetivo possibilitar melhoria na formação dos professores da Educação Básica, de modo especial, os da rede pública de ensino[38]. Participaram desses

---

[31] RESENDE, L. A. V. Reorganização educacional: as escolas polivalentes como uma das vias para a profissionalização do ensino. In: Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no Tempo Presente, 4, 2008, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: Digiteca, 2008, p. 1-17.

[32] MELO, S. B. de. **Estudo preliminar sobre avaliação dos cursos de licenciatura de curta duração em ciências e matemática realizados na UFPE, em regime intensivo nos anos de 1971 a 1976.** 1982. 175 f. Dissertação (Mestrado em Matemática). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 1982.

[33] É interessante destacar o período em que o curso terminou, no meio do ano, de modo a dificultar o acesso dos cursistas a outro curso superior, que por acaso tivessem vontade de cursar, permitindo, assim, que se cumprisse mais facilmente o acordo firmado (MELO, 1982).

[34] Cabe destacar que estes foram os únicos cursistas que Mato Grosso enviou, ao menos até o ano de 1976, segundo o material ao qual tivemos acesso. É importante também comentar que esse primeiro curso, do qual participaram os docentes mato-grossenses, foi dividido nas duas áreas: Matemática e Ciências, que possuíam a mesma parte pedagógica, mas cada um com uma parte específica. A partir da segunda turma essa característica foi alterada, passando o curso a ter um programa curricular único, de modo a atender às exigências da LDB de 1971 (MELO, 1982).

[35] Este centro de ensino e os cursos nele ofertados, como o que aqui apresentamos, de licenciatura de curta duração, foi também abordado na dissertação de Morais (2012).

[36] ABRANTES, A. C. S. **Ciência, Educação e Sociedade:** o caso do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (Ibecc) e da Fundação Brasileira de Ensino de Ciências (Funbecc). 2008. 312 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2008.

[37] MORAIS, M. B. **Peças de uma história:** formação de professores de matemática na região de Mossoró (RN). 2012. 300f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

[38] BORGES, R. M. R.; SILVA, A. F. D.; DIAS, A. L. M. Ciência, cultura e educação na história dos centros de ciências no Brasil. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Enpec. 7, 2009, Santa Catarina. **Anais...** Florianópolis – SC, 2009, p. 1-11.

cursos, ofertados entre 1971 a 1976, ou seja, em cinco cursos, 755 pessoas, vindas de diferentes regiões: Norte, Nordeste e Centro-Oeste[39].

Nesses cursos defendiam que "o treinamento de professores não deve buscar apenas um nível satisfatório do conhecimento da matéria a lecionar, mas também, e especialmente, a capacidade de transmitir idéias e experiências valiosas e de comunicar-se com os alunos"[40]. Nos cursos do Premem, além da preocupação com a parte técnica da formação, valorizava-se a parte humanística do aluno.

O acordo entre esse Programa e a UFPE foi firmado em 1971, de modo a ofertarem-se as licenciaturas permitindo, assim, a criação de escolas polivalentes nas capitais dos estados de Mato Grosso, Ceará, Goiás, Distrito Federal, Pará, Amazonas, Piauí, Paraíba, Maranhão, Rio Grande do Norte, Sergipe e Alagoas, atendendo a um total de 115 licenciandos, dos quais 60 cursaram Matemática e 55 Ciências[41].

A licenciatura em Matemática ofertada por esse centro em 1971 teve duração aproximada de um ano, pois foi ministrada de modo intensivo, com aulas durante todo o dia, inclusive em finais de semana, de modo que se cumpriu a carga horária de 1.600 horas em 42 semanas[42]. Foram cursadas como disciplinas específicas da área: Fundamentos de Matemática Elementar, Álgebra e Geometria Analítica, e Geometria e Trigonometria. Além destas, foram também ministradas as disciplinas de cunho pedagógico: Psicologia da Educação, Didática, Prática de Ensino, Estrutura e Funcionamento do Ensino de Primeiro e Segundo Grau, e Estudos Brasileiros. E, por fim, como disciplina complementar: Complementos de Português[43]. Cabe destacarmos que esta última disciplina só foi ministrada para essa turma, nos demais cursos, foi substituída pela disciplina de Desenho[44].

Os professores que lecionaram a parte pedagógica eram do quadro de funcionários do Centro de Educação da UFPE, já os dos conteúdos específicos eram do próprio Cecine ou da

---

[39] MELO, S. B. de. **Estudo preliminar sobre avaliação dos cursos de licenciatura de curta duração em ciências e matemática realizados na UFPE, em regime intensivo nos anos de 1971 a 1976.** 1982. 175 f. Dissertação (Mestrado em Matemática). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 1982.

[40] MELO, S. B. de. **Estudo preliminar sobre avaliação dos cursos de licenciatura de curta duração em ciências e matemática realizados na UFPE, em regime intensivo nos anos de 1971 a 1976.** 1982. 175 f. Dissertação (Mestrado em Matemática). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 1982. p. 9.

[41] MELO, S. B. de. **Estudo preliminar sobre avaliação dos cursos de licenciatura de curta duração em ciências e matemática realizados na UFPE, em regime intensivo nos anos de 1971 a 1976.** 1982. 175 f. Dissertação (Mestrado em Matemática). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 1982.

[42] Informações cedidas pela professora Elisete (Narrativa 5) em sua entrevista.

[43] Informações retiradas do histórico escolar da professora Elisete de Miranda (Narrativa 5), por ela cedido.

[44] MELO, S. B. de. **Estudo preliminar sobre avaliação dos cursos de licenciatura de curta duração em ciências e matemática realizados na UFPE, em regime intensivo nos anos de 1971 a 1976.** 1982. 175 f. Dissertação (Mestrado em Matemática). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 1982.

UFPE, um dos assessores para assuntos educacionais era da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco e os psicólogos foram contratados pelo Cecine[45].

Da capital mato-grossense foram selecionados para cursarem Matemática: Luiz Gonzaga Coelho, Rosa do Carmo Taques, Elisete de Miranda (Narrativa 5), Udenyr Amorim de Oliveira e Celina Dias Pereira[46]. Os diplomas dessas licenciaturas em Matemática e Ciências foram concedidos pela Universidade Federal de Pernambuco[47].

Ao retornarem formados, os docentes participantes deste curso passaram a cumprir o contrato firmado com a Secretaria de Educação de Mato Grosso, iniciando seus trabalhos na Escola Modelo de Cuiabá, para a qual haviam recebido a formação[48]. Nessa escola a infraestrutura era muito boa, possuía biblioteca equipada com livros de todas as áreas, bem como com os livros utilizados nas aulas, que eram distribuídos gratuitamente aos alunos. Além da biblioteca, o colégio contava com um laboratório específico para aulas de Desenho, que eram lecionadas pelo professor de Matemática[49].

No entanto, com o passar dos anos, muitos desses atrativos foram se perdendo, de modo que se transformou em uma escola como qualquer outra. Tanto que, no ano de 1976, o número de profissionais que a deixaram, passando a atuar, principalmente, na Escola Estadual Presidente Médici, foi muito grande, estando entre eles, inclusive, membros da antiga diretoria do colégio[50].

Os professores, nesse período, eram muito rígidos, sérios, exigentes, autoritários, assim como certas decisões tomadas pelas escolas, como a obrigação em participar do desfile de 7 de setembro. Um exemplo desse autoritarismo foi recordado pelo professor Aquiles (Narrativa 6) quando nos contou que seu professor de Física chegava a ameaçar de agressão física o aluno que não ficasse quieto.

Conforme nossos depoentes, antes de se entrar para as salas de aula, eram formadas filas e se cantava o hino nacional, havia respeito pelas datas comemorativas. Os docentes eram considerados profissionais no paradigma deles, no qual apenas o professor falava, dominava o conteúdo e o repassava de modo que o aluno aprendia. Os educadores, nessa

---

[45] MELO, S. B. de. **Estudo preliminar sobre avaliação dos cursos de licenciatura de curta duração em ciências e matemática realizados na UFPE, em regime intensivo nos anos de 1971 a 1976.** 1982. 175 f. Dissertação (Mestrado em Matemática). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 1982.

[46] Nomes fornecidos pela professora Elisete (Narrativa 5) em sua entrevista.

[47] Uma foto deste diploma foi fornecida pela professora Elisete (Narrativa 5) e está disponível em sua textualização.

[48] Os cursistas receberam bolsas de estudo e assinaram contrato de que atuariam por dois anos nas escolas voltadas a formação recebida, ou seja, nos Ginásios orientados para o trabalho, nas Escolas Modelo (MELO, 1982).

[49] Textualização da professora Elisete (Narrativa 5).

[50] Informações cedidas pela professora Elisete (Narrativa 5).

época, também precisavam obedecer a certas normas para permanecerem na escola, mesmo que a elas fossem contrários. Nas aulas, as carteiras eram alinhadas em filas, uma atrás da outra, vigorando, inclusive, por certo tempo a palmatória. Nas universidades, com a instalação do regime militar, as disciplinas dos cursos foram revistas, sendo algumas retiradas, como Filosofia, por exemplo.

A preocupação com a educação era mais técnica e administrativa, ficando as disciplinas pedagógicas e metodológicas a cargo do coordenador, que ao invés de atendê-las, acabava ocupando mais a posição de policial, vigiando o comportamento das turmas[51].

Conforme nossos colaboradores a agitação política durante os anos de 1970, descrita anteriormente, repercutia também na Universidade Federal de Mato Grosso, sendo esse um período efervescente de discussões em seu interior, no qual os docentes participavam ativamente de movimentos reivindicatórios da Associação dos Docentes da Universidade Federal de Mato Grosso (Adufmat). Porém, é importante destacar que a criação desta organização em 1978 não ocorreu de modo tranquilo, muitos foram demitidos até que ela se firmasse.

Assim, não se podia falar tudo o que se pensava, era necessário cuidado ao expor a opinião, principalmente se tratando de educação e política, pois, dependendo do que se dizia, se corria o risco de ser preso. Em certo sentido, algumas atitudes tomadas no interior da Universidade[52] eram meio ditatoriais, como a obrigação que os docentes tinham em fiscalizar os vestibulares. Talvez por isso, os Centros Acadêmicos e os Diretórios Centrais de Estudantes da Universidade não fossem tão ativos, como o eram no Secundário[53].

Sobre o Ensino Superior, recordamos que, além da LDB de 1971, que regeu a Educação Básica, outra reforma importante ocorreu no campo educacional durante o período de 1964-1985, a Reforma Universitária por meio da Lei 5.540/68[54].

Conforme a nova organização, entre outros aspectos, os cursos universitários seriam acomodados em departamentos no interior de universidades, o currículo seria dividido em dois ciclos: um básico, comum a diferentes cursos, e outro profissionalizante, específico da graduação escolhida. No entanto, muitos pontos propostos pela Lei ficaram apenas no papel não sendo cumpridos como, por exemplo, a predominância de estabelecimentos isolados,

---

[51] Informações retiradas da entrevista do professor Sérgio (Narrativa 8).

[52] Sempre que a palavra universidade for apresentada em letra maiúscula fará referência a Universidade Federal de Mato Grosso.

[53] Aqui utilizamos por base os depoimentos de nossos entrevistados.

[54] BRASIL. **Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968.** Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5540.htm>. Acesso em: 21 maio 2014.

quando a lei enfatizava a preferência pelas universidades. Outra questão é que se devia estabelecer vínculo direto entre educação, mercado de trabalho e produção, bem como com a Ideologia da Segurança Nacional, em que os planos educacionais teriam que levar em consideração as necessidades do mercado de trabalho[55], porém isso também não foi atendido, pois os cursos mais ofertados eram os que menos exigiam investimento e mais davam retorno. Além disso, a relação entre pesquisa e nível superior não se consolidou como o previsto, sendo que a maioria dos estudos relacionava-se à pós-graduação, financiadas por empresas externas à universidade[56].

Em contrapartida, por meio da Lei 5.540 as universidades passaram a ser "regidas" como espécies de empresas "A racionalidade, eficiência e produtividade, desejadas em qualquer empresa [...] foram exigidas da universidade, desconsiderando-se as especificidades da educação e das atividades de ensino e pesquisa em geral"[57].

Ainda cabe destacar que, para o governo, um dos principais pontos dessa reforma foi a tentativa de inviabilizar "um projeto de universidade crítica e democrática ao reprimir e despolitizar o espaço acadêmico"[58], sendo um modo de desmobilizar os estudantes de seus manifestos.

No entanto, em meio a vários pontos não tão positivos queremos destacar um que se mostrou bastante satisfatório: a inauguração do sistema de pós-graduação no país em 1969, pois nesse período visava-se "fornecer especialistas para a industrialização"[59].

Toda a educação sofreu reflexos do regime vigente, "A escola é apresentada pela ideologia dominante como um meio neutro, desprovido de ideologia" e com isso "impõe a todas as classes sociais a visão de mundo da classe dominante, seus valores, sua conduta". Dessa forma, de modo dissimulado, "desenvolve um trabalho político, impondo ao educando seu modo de pensar [...] utilizando, para efetivar esse trabalho, o intelectual, ou seja, no caso educacional, o professor"[60]. "Violência repressiva, privatização e a reforma universitária que

---

[55] Aqui podemos destacar que os primeiros cursos superiores a se instalarem em Mato Grosso, foram voltados aos profissionais encontrados para neles atuarem e não, necessariamente, à necessidade do estado, embora este também precisasse de professores formados.

[56] GHIRALDELLI JR, P. **História da educação.** São Paulo: Cortez, 2001/ GERMANO, J. W. **Estado militar e educação no Brasil (1964 - 1985)**. São Paulo: Cortez, 1993.

[57] GHIRALDELLI JR, P. **História da educação.** São Paul: Cortez, 2001. p.176.

[58] GERMANO, J. W. **Estado militar e educação no Brasil (1964 - 1985)**. São Paulo: Cortez, 1993. p. 123.

[59] PARRON, T. **Ditadura:** a cara e a coroa. Guia do estudante, 2012. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/ditadura-cara-coroa-434200.shtml>. Acesso em: 11 dez. 2014.

[60] SILVA, C. A. C. A Formação do professor mato-grossense – considerações históricas preliminares. **Coletâneas do Nosso Tempo.** Rondonópolis, n.1, p. 114-125, 1997. p. 116.

fez uma educação voltada à fabricação de mão-de-obra, são, [...] as cicatrizes da ditadura no ensino universitário do país"[61].

Entre pontos relevantes relacionados à educação no período, temos que, no decorrer da ditadura, a "qualidade do ensino passou para segundo plano, e o conteúdo formal, a burocracia, exerce função predominante"[62], prezando-se mais pela técnica do que pela aprendizagem. Nessa época, também, a idade mínima para o trabalho foi baixada para 12 anos, o que, indiretamente, diminuiu o tempo de permanência nas escolas. Houve a ampliação, por meio do Decreto de Lei 477 de fevereiro de 1969[63], do controle político-ideológico das instituições escolares e universidades, entretanto o governo "se descomprometeu gradativamente de financiar a educação pública; os recursos estavam comprometidos com o capital privado, repassando, ainda assim, verbas para as escolas particulares"[64].

No país o ensino superior se tornou, em sua maior parte, privado. No entanto, em Mato Grosso, mais especificamente em Cuiabá, isso não ocorreu, pois as instituições de Ensino Superior que se instalaram foram apenas públicas, sendo que as particulares começaram a aparecer apenas na década de 1990.

Entre as ações sofridas no campo educacional em todo o país destacam-se universidades invadidas, prédios, objetos e equipamentos depredados, reitores substituídos, professores e alunos presos, demissões sem justificativa[65], censura, inquéritos e repressões nas universidades. Além disso, muitos docentes foram excluídos da vida universitária e se instalaram em instituições de outros países. No interior da Universidade Federal de Mato Grosso também foram sentidos os reflexos dessa pressão política sofrida fora dela. Os estudantes realizaram greves, fizeram manifestos e invadiram determinados órgãos em seu interior[66].

Setores do Ministério de Educação e Cultura, MEC, inclusive o cargo de Ministro da Educação e Cultura, passaram a ser chefiados por militares. A representação estudantil foi

---

[61] **OS EFEITOS da ditadura na educação pública por Marilena Chauí**. Salvador: Aldeia Nago, 2014. Disponível em < http://aldeianago.com.br/artigos/7-cidadania/6045-os-efeitos-da-ditadura-na-educacao-publica-por-marilena-chaui->. Acesso em 18 maio 2014.

[62] SILVA, C. A. C. A Formação do professor mato-grossense – considerações históricas preliminares. **Coletâneas do Nosso Tempo.** Rondonópolis, n.1, p. 114-125, 1997. p. 118.

[63] BRASIL. **Decreto-lei nº 477, de 26 de fevereiro de 1969.** Define infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimentos de ensino público ou particulares, e dá outras providências. Disponível em: <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/126092/decreto-lei-477-69>. Acesso em: 21 maio 2014.

[64] GERMANO, J. W. **Estado militar e educação no Brasil (1964 - 1985)**. São Paulo: Cortez, 1993. p. 93.

[65] MOTTA, R. P. S. **As Universidades e o regime militar:** 1964 – 50 anos depois. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

[66] DORILEO, B. P. **Ensino Superior em Mato Grosso:** até a implantação da UFMT. Campinas: Komedi, 2005.

restrita por ordens governamentais, mas, inicialmente, os estudantes não se abalaram e saíram às ruas em manifestos frequentes ao final da década de 1960[67]; as represálias não foram leves, no entanto, os protestos continuaram até a aplicação do AI– 5, em 1969.

Apesar disso, Mato Grosso, podemos assim considerar, recebeu também benefícios durante esse período, sendo instaladas duas universidades em 1970, uma federal na capital e outra estadual em Campo Grande, à época pertencente a este estado. Além da criação, essas instituições receberam diversas reformas em seus anos iniciais[68], quando ainda vigorava o regime militar.

Durante a ditadura, o MEC assumiu alianças com a Usaid[69] dos Estados Unidos, a qual financiou investimentos na educação brasileira em geral. Com isso, muitos alunos bolsistas brasileiros foram complementar/concluir seus estudos nesse país. No entanto, os acordos firmados entre MEC e Usaid submeteram, de certa forma, a política educacional brasileira às determinações americanas.

Em um primeiro momento, com relação à educação durante o regime militar, "visava-se democratizar o acesso à educação escolar fornecendo a todos uma igualdade de oportunidades perante o mercado de trabalho" para, posteriormente, tornar-se "uma instância de geração de emprego e renda, assumindo, portanto, a função de aparelho produtivo"[70]. Porém, essas ideias ficaram apenas no nível do discurso, pois o que se vivenciou, de acordo com o que lemos e ouvimos, foi uma educação como meio de exclusão social.

A educação durante a ditadura se dividiu em três aspectos: 1) "A violência repressiva que se abateu sobre os educadores nos três níveis, fundamental, médio e superior"; 2) Privatização da educação iniciada no ensino fundamental e médio, culminando no ensino superior: "A escola pública foi devastada, física e pedagogicamente, desconsiderada e desvalorizada"; 3) Reforma universitária: "Foi dado ao curso superior uma característica de curso secundário, que hoje chamamos de ensino médio, que é a sequência das disciplinas e essa ideia violenta dos créditos"[71]. Assim, a educação se pautou, nesse período, na "repressão, privatização de ensino, exclusão de boa parcela das classes populares do ensino elementar de

---

[67] MOTTA, R. P. S. **As Universidades e o regime militar:** 1964 – 50 anos depois. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
[68] DORILEO, B. P. **Universidade o fazejamento.** Cuiabá: UFMT, 1977.
[69] United States Agency for International Development. Por meio destes acordos eram fornecidos auxílios técnicos e financeiros à Educação Básica e Superior brasileira, que iniciaram antes de 1964, tendo se intensificado após esse ano.
[70] GERMANO, J. W. **Estado militar e educação no Brasil (1964 - 1985)**. São Paulo: Cortez, 1993. p. 266.
[71] **OS EFEITOS da ditadura na educação pública por Marilena Chauí**. Salvador: Aldeia Nago, 2014. Disponível em < http://aldeianago.com.br/artigos/7-cidadania/6045-os-efeitos-da-ditadura-na-educacao-publica-por-marilena-chaui->. Acesso em 18 maio 2014.

boa qualidade, institucionalização do ensino profissionalizante, tecnicismo pedagógico e desmobilização do magistério"[72] por meio de muitas e confusas leis educacionais.

Apesar de toda essa pressão, surgiram algumas propostas que se mostravam interessantes, como, por exemplo, o Projeto Rondon, no qual estudantes de diferentes áreas, de modo especial relacionadas às ciências sociais e da saúde, participavam como voluntários em atividades assistencialistas a comunidades carentes e isoladas, mas mesmo esses projetos tinham a mão do governo militar agindo.

O projeto Rondon foi um meio encontrado pelos militares de desmobilizar o radicalismo estudantil, sem, para isso valer-se de repressão. Em segundo plano também estava a proposta de interiorizar o desenvolvimento e a modernização de comunidades isoladas[73]. Neste projeto, antes dos estudantes serem escolhidos, passavam por uma capacitação e os que nela se destacavam eram selecionados a participarem. Alguns de nossos depoentes, Heliete (Narrativa 7) e Sérgio (Narrativa 8), participaram dessa proposta.

Projetos semelhantes foram desenvolvidos anos mais tarde, já na década de 1990, no governo de Fernando Henrique Cardoso: Alfabetização Solidária e a Universidade Solidária. Assim como o Projeto Rondon, tais iniciativas visavam o atendimento às comunidades carentes. Como participante do referido projeto, a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) trabalhou com comunidades de Rondônia e do Amazonas, de modo especial nesse último; concentrava-se, entre outros, em municípios com elevado índice de analfabetismo. Dentre os locais atendidos estavam: Atalaia do Norte, Benjamin Constant, Tabatinga e São Paulo de Olivença, todos no alto Solimões, perto da divisa do Brasil e Peru, onde o Rio Solimões está entrando no Brasil[74].

Voltando ao nosso período de interesse (décadas 1960 a 1980), à época, Mato Grosso era governado basicamente por dois partidos que se revezavam no poder: o Partido Socialista Democrático (PSD) e a União Democrática Nacional (UDN). Entre esses partidos havia uma grande rivalidade, tanto que, como não havia concursos, ao assumir o novo governador demitia todos os contratados contrários ao governo. Essa informação era publicada em Diário Oficial[75].

Esse cenário começou a ser mudado quando o governador Pedro Pedrossian assumiu seu cargo em 1966. Ele, ao contrário do que se esperava, não empregou as pessoas que lhe apoiaram e trouxe profissionais de fora do estado para ocupar as funções, como no caso da

---

[72] GHIRALDELLI JR, P. **História da educação.** São Paulo: Cortez, 2001. p.163.
[73] MOTTA, R. P. S. **As Universidades e o regime militar:** 1964 – 50 anos depois. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
[74] Tais informações foram cedidas por nossos depoentes, de modo especial pelo professor Vinícius (Narrativa 9).
[75] Textualização da professora Suíse (Narrativa 1).

equipe/assessoria de secretários que vieram de cidades que faziam divisas com o estado de São Paulo, embora ainda pertencentes a Mato Grosso à época e que estavam terminando ou haviam terminado suas graduações. Esse trâmite de contratações também permaneceu no governo de José Fragelli, que assumiu em 1970[76].

De acordo com nossos entrevistados, dentre esses profissionais migrantes que desenvolviam funções em secretarias, muitos passaram, também, a atuar como docentes, mesmo que suas formações não fossem em licenciatura. A carência por professores ocasionava essa necessidade.

Esses especialistas se alojaram especialmente em Cuiabá, sede do governo. Tal cidade nos anos 1950/1960 ainda não era muito populosa, existindo um relacionamento muito próximo entre seus habitantes. Com relação a capital mato-grossense, outras recordações de nossos colaboradores remontam à violência que se faz presente nos dias de hoje e que à época não era tão intensa, tanto que as crianças brincavam nas ruas até tarde da noite. Eram comuns os passeios à Praça Alencastro[77] e ao Cine Teatro Cuiabá[78], também eram muito populares os Clubes Feminino[79] e Náutico[80]. Já outras lembranças desse tempo remetem aos banhos nos rios e córregos da cidade, que no período eram bastante limpos, à região do porto com o mercado de peixes, às procissões em dias de santos e desfile na semana da pátria.

Em contrapartida, no início dos anos 1970 o asfalto terminava cerca de mil quilômetros antes de se chegar a Cuiabá. As estradas e pontes mato-grossenses, mesmo nesses centros maiores, eram muito precárias, o que ainda ocorre em determinadas regiões do estado[81], em que, principalmente no período das chuvas, o transporte torna-se praticamente impossível.

A capital mato-grossense era uma cidade bastante afastada de tudo, provinciana, os voos eram poucos e caros, a opção mais utilizada eram os carros, embora já existissem ônibus

---

[76] Textualizações dos professores Carlos (Narrativa 4) e Suíse (Narrativa 1).
[77] Localizada no Centro Norte de Cuiabá.
[78] Instalado no Bairro Baú.
[79] Rua Barão de Melgaço, no Centro da capital mato-grossense.
[80] Localizado as margens do Rio Cuiabá, em Várzea Grande.
[81] Ainda nos dias de hoje quase 80% das estradas estaduais de Mato Grosso não são asfaltadas, deixando as intempéries da natureza, como as fortes chuvas, por exemplo, agirem criando buracos e atoleiros, dificultando o transporte de grãos, principal fonte econômica do Estado. No entanto, mesmo os trechos pavimentados, em muitos casos, deixam a desejar com relação à qualidade. As pontes de madeira, presentes na maior parte de Mato Grosso, também são outro problema, que seguidamente impedem o transporte agrícola e de pessoas, devido a suas precariedades (PIMPÃO, 2014). Além das estradas, outro grave problema que se mostra é, ainda hoje, a presença de escravidão humana no estado. Em 2011 91 pessoas foram resgatadas do que foi considerado pelo Ministério do Trabalho como condições de trabalho degradantes. No ano de 2012 esse número foi de 83, todas em fazendas mato-grossenses (DIÓZ, 2013). Ainda, em março de 2014 foram registrados casos considerados regime de escravidão, cinco pessoas foram resgatadas em Várzea Grande, mas ao contrário das anteriores, essas estavam na zona urbana, entre elas três eram menores de idade (CAMPANHA, 2014).

circulares. Nesse período, para se comprar livros eram feitas encomendas que vinham de Minas Gerais, tudo bastante caro e demorado, pois não havia sequer telefone. Talvez também devido a esse isolamento a capital possuía muitas belezas naturais, que se mantinham em cidades vizinhas como Santo Antônio do Leverger e Chapada dos Guimarães, sendo que esta última foi por muitos anos o maior município do mundo em extensão territorial, abrangendo toda a parte norte mato-grossense[82].

Em 1989, mesmo com rodovias já asfaltadas, Cuiabá ainda era bastante isolada do restante do Brasil, devido à grande distância entre ela e os centros maiores[83], o que tornava seus atrativos culturais, embora poucos, bastante ricos e com características próprias, como a cultura musical, que era diferenciada. Outra consequência/oportunidade que o isolamento proporcionou foi o Núcleo de Apoio ao Ensino de Ciências (Naec) desenvolvido pela UFMT, bem como as poesias de Wlademir Dias-Pino, que por vezes acompanhavam movimentos nacionais dos quais ele não tinha conhecimento[84]. Além desses, o Inajá e as escolas indígenas desenvolvidas no interior de Mato Grosso foram experiências inovadoras em nível nacional.

Também é interessante comentar sobre as regionalidades na fala, que surgiram da mistura do índio com o negro, com o paraguaio e com o castelhano[85]. Assim, esse certo desligamento de Cuiabá propiciava manifestações culturais interessantes.

Em fins dos anos 1960 e início da década de 1970, visando expandir a capital, foram criados em quatro pontos estratégicos obras de grande importância, longes entre si e do centro da cidade. Foram elas: a UFMT, localizada na Avenida Fernando Corrêa da Costa; o Estádio Verdão; o Palácio do Governo, no Centro Político e Administrativo (CPA); e a Estação Rodoviária, ampliando assim a cidade em quatro pontos distintos. Entre os arquitetos que fizeram as plantas desses locais estavam dois professores da Universidade Federal: Moacyr Freitas e Antônio Carlos Candia. Partindo do centro da cidade para se chegar a esses locais era necessário passar por partes de Cerrado ainda não desmatado, ou seja, a lacuna habitacional entre eles era muito grande, o que já havia sido pensado estrategicamente[86].

---

[82] Informações retiradas das entrevistas por nós realizadas.
[83] Aqui entendemos centros maiores como cidades que à época já se mostravam mais desenvolvidas estrutural e economicamente, como São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo.
[84] Textualização do professor Vinícius (Narrativa 9).
[85] No entanto, muitas dessas características cuiabanas foram se perdendo, principalmente devido ao grande fluxo de migrantes, que ao chegarem, entre outros fatores, também impunham sua cultura ao mesmo tempo em que recebiam a mato-grossense.
[86] Textualização professor Aquiles (Narrativa 6).

Em 1974 houve uma grande enchente na capital, a maior já causada pelo Rio Cuiabá em sua área metropolitana, na qual este rio atingiu mais de 14 metros, o que acabou por destruir bairros ribeirinhos, deixando cerca de cinco mil pessoas desabrigadas[87].

Em um primeiro momento parte dessa população, 480 famílias, foram levadas ao parque de exposição de Várzea Grande, no entanto, este também foi tomado pelas águas, os desabrigados foram levados para a sede da UFMT. O governador do estado proibiu a saída de comida da região cuiabana, de modo que a que se encontrava disponível pudesse atender a população. Helicópteros do governo federal vindos de Brasília e dois aviões da Força Aérea Brasileira (FAB) ajudaram na reconstrução dos estragos deixados pela enchente[88].

À época, como nos contam nossos colaboradores, Cuiabá apresentava aspecto de cidade muito antiga, havia na capital dois prédios, destes, apenas um possuía mais de quatro andares, algumas das grandes avenidas cuiabanas dos dias atuais eram riachos/córregos, como a Avenida Mato Grosso e a Prainha. Nesta última existia uma bica onde muitos tomavam banho e, por vezes, até pescavam. Bairros muito populosos, como o CPA, por exemplo, ainda não existiam. Além destas, histórias relacionadas ao garimpo de ouro nas ruas cuiabanas também são contadas.

Nessa fase, como meio de reconhecimento aos serviços prestados em Cuiabá, eram eleitos os "Mais Mais", ou seja, os profissionais que se destacavam em suas áreas. As urnas eram disponibilizadas nas antigas Casas de Jaraguá, na loja Riachuelo e nas rádios A Voz do Oeste e Rádio Cultura de Cuiabá. Os troféus e diplomas eram entregues pelos Clubes: Feminino, Esportivo Dom Bosco e Náutico, sendo que de 1972 a 1974 o professor Aquiles (Narrativa 6) ganhou o prêmio de melhor professor de Matemática.

Com relação à educação, o relacionamento entre professor e aluno era, acima de tudo, de respeito e admiração pela categoria, havendo até certa formalidade no vestuário. Por meio das modalidades de ensino ofertadas na capital, após cursarem o Jardim de Infância ou Preparatório, e o Primário ou antigo Grupo Escolar, os alunos, para darem sequência a seus estudos, necessitavam realizar o Exame de Admissão ao Ginásio[89] antes de cursá-lo. Entre as instituições que os ofertavam em Cuiabá estavam o Grupo Escolar Leovegildo de Melo e o Ginásio Brasil, escolas nas quais a professora Elisete (Narrativa 5) estudou.

---

[87] SEVERINO, N. **Enchente de 74:** 6 bairros destruídos, 5 mil desabrigados e 40 anos de história. Hiper Notícias, Cuiabá, 2014. Disponível em: <http://www.hipernoticias.com.br/TNX/conteudo.php?sid=180&cid=33136>. Acesso em: 29 out. 2014.

[88] LOUREIRO, J. P. **Inundações fizeram desabrigados em 42, 74 e 95.** Diário de Cuiabá, 2001. Disponível em: <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=49719>. Acesso em: 10 out. 2014.

[89] Alguns alunos ao terminarem o quarto ano do curso Primário já realizavam esse Exame, assim, se passassem, não precisavam cursar o quinto ano, passando direto para o Ginásio.

Para cursar o Secundário – Normal, Clássico ou Científico – em alguns casos era realizado também um exame, mas esse só ocorria quando a oferta de vagas era menor que a procura. Para os jovens e adultos que não haviam concluído seus estudos na idade prevista havia o curso de Madureza, correspondente a atual Educação de Jovens e Adultos (EJA). No ano de 1970 também funcionou em Cuiabá o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), ofertado no período noturno no Colégio Alina Tocantins[90].

O curso Normal era oferecido na Escola Normal Pedro Celestino, enquanto que o Clássico e o Científico no Colégio Estadual de Mato Grosso, hoje Escola Estadual Liceu Cuiabano "Maria de Arruda Müller", que juntamente com o Colégio São Gonçalo (conhecido como colégio dos padres salesianos) onde só estudavam meninos, e com o Ginásio Coração de Jesus (colégio das irmãs salesianas) que atendia apenas as meninas, era considerada uma escola de ponta na época. Tanto o Colégio São Gonçalo quanto o Sagrado Coração de Jesus atualmente são mistos, o primeiro bem mais antigo, funcionando em Cuiabá desde o século XIX.

Além dessas quatro escolas já citadas, Colégio Estadual de Mato Grosso, Ginásio Brasil, São Gonçalo e Sagrado Coração de Jesus, no início dos anos de 1970 o Ginásio e o Secundário eram ofertados também em outras duas escolas: José Barnabé de Mesquita e Escola Técnica Federal[91], que era referência. Por serem apenas seis escolas, os professores se revezavam entre elas, não necessitando, portanto, de um número muito grande de docentes para atendê-las.

Os que lecionavam nesse período eram conhecidos como catedráticos, que, embora tivessem formação em outras áreas, atuavam na docência há muitos anos em uma mesma disciplina, logo, segundo nossos depoentes, dominavam muito bem seu conteúdo. Como materiais disponíveis para embasamento dos professores de Matemática existiam os livros dos autores Ary Quintella, Scipione di Pierro Netto, Osvaldo Sangiorgi e Manoel Jairo Bezerra.

Com relação à formação em nível de Magistério/Escola Normal, é interessante destacar que na década de 1980 esse movimento já estava se espalhando pelo interior do estado, sendo marcado pela implantação de diversos projetos que possuíssem alguma relação com a natureza, de modo a respeitar a cultura do estado, de sua valorização. Entre eles

[90] Informações fornecidas pelos professores Carlos (Narrativa 4) e Aquiles (Narrativa 6).
[91] A respeito da Escola Técnica, hoje Instituto Federal de Mato Grosso, existe um trabalho realizado por Moura (2012), no entanto, o período abordado pela pesquisa a enfoca enquanto ainda era chamada de Escola Industrial Federal de Mato Grosso.

estavam a Escola Rural Produtiva[92], o Projeto GerAção[93] e o Projeto Inajá e Inajá Indígena[94] que, com exceção do primeiro, visavam promover uma formação diferenciada aos professores, especialmente aos da zona rural ou indígena.

De acordo com o que nos conta o professor Sérgio (Narrativa 8), esses projetos receberam apoio da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), principalmente por meio da Marineusa Gazzetta[95] e de Márcio D"Olne Campos[96], que iniciaram auxiliando na proposta da Escola Rural. Ao começarem a trabalhar nela e pensarem em uma proposta pedagógica a ser desenvolvida, surgiu a ideia do Projeto Inajá para formar professores com o perfil esperado para essas escolas, uma proposta interdisciplinar, que trabalhava a partir de temas geradores, articulando conteúdo e metodologia.

O Inajá foi uma espécie de Magistério rural que, em nível médio, pretendia fornecer um diploma aos professores já atuantes para que pudessem continuar seus estudos se assim quisessem. Esse curso foi pensado almejando manter os professores atuantes em seus locais de trabalho e não correr o risco de saírem para estudar e não voltarem mais, pois a rotatividade era muito grande. O curso era ofertado nas férias em diferentes polos, que eram escolhidos entre os municípios da região; durante seu desenvolvimento, os professores ficavam alojados nas escolas da cidade escolhida. Isso com relação ao nível médio, no entanto, o ensino não findava nessa modalidade[97].

Em nível superior, quem almejava dar continuidade em seus estudos, principalmente no início dos anos 1960, tinha como opção na capital mato-grossense a Faculdade de

---

[92] Conforme o professor Sérgio (Narrativa 8), para esse projeto, desenvolvido em 1987/1988, o governo federal ofereceu os prédios padronizados para as escolas, restando aos municípios e estado arcarem com as demais despesas. Visava a relação entre homem/cultura/natureza, a aprendizagem dos estudantes devia ocorrer a partir de suas experiências vivenciadas em seu ambiente na zona rural. Atendia de quarta a oitava séries do atual Ensino Fundamental. Funcionava como uma espécie de semi-internato, não trabalhava com currículos de disciplinas e sim com temas geradores, os alunos não eram separados por salas e sim em dois grandes blocos, um mais inicial e outro para os alunos que já haviam passado dessa etapa. Não existia uma relação direta de poder, os alunos participavam das decisões, o que acabava por torná-los bastante críticos, um dos motivos da proposta ter terminado.

[93] Criado em 1995, dava destaque à globalização do conhecimento, levava em consideração a realidade dos cursistas, com planejamentos interdisciplinares (STRENTZKE, 2011).

[94] A proposta inicial do Projeto Inajá era voltada ao atendimento aos indígenas, no entanto, ela acabou se concretizando apenas como Inajá, do qual participaram indígenas e não indígenas.

[95] Trabalhou com proposta um pouco similar a que propuseram em Mato Grosso, no Sistema de Ensino Vocacional de Rio Claro, onde os programas curriculares eram adequados à realidade da comunidade. Foi professora da Unicamp e integrou a equipe do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio, Premem, e do primeiro mestrado em Ensino de Ciências da Organização dos Estados Americanos, OEA, no qual, também, implantou metodologia similar a já mencionada.

[96] Atualmente é colaborador na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Unirio, e no Museu de Astronomia e Ciências Afins, Mast.

[97] Textualização do professor Sérgio (Narrativa 7).

Direito[98], caso o interesse não fosse voltado a essa área o estudante via-se obrigado a buscar outras cidades/estados. Nesse período Cuiabá tinha uma forte relação com o estado de São Paulo, bem como com Rio de Janeiro[99], este último devido à ligação por meio do rio, dos navios.

Ainda em relação ao ensino superior no estado, outro aspecto de importância foi a criação da Sociedade Educadora de Cáceres Ltda, em 1978, que posteriormente, em 1993, se tornou parte da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)[100], criada nesse ano. Ao ser fundada na década de 1970, a Sociedade Educadora de Cáceres tinha por finalidade oferecer formação superior aos professores da Educação Básica da cidade. Seu projeto foi estruturado por meio do apoio do prefeito, educadores, representantes religiosos e empresariais. Ainda no ano de 1978 a Sociedade Educadora de Cáceres passou a denominar-se Instituto de Ensino Superior de Cáceres, já em 1985 foi instituída a Fundação Centro Universitário de Cáceres e em 1992 a Fundação de Ensino Superior de Cáceres passou a chamar-se Fundação de Ensino Superior de Mato Grosso, para, por fim, em 15 de dezembro de 1993 ser criada a Unemat[101]. Ainda naquele ano começou a ser ofertado o curso de Matemática por essa instituição, atendendo aos polos de Cáceres e Sinop, além de Luciara, esta última por meio das Licenciaturas Plenas Parceladas[102].

Desde antes da década de 1960 era intenso o desejo por parte dos jovens e de suas famílias, de cursar uma Engenharia, especialmente por aqueles que já na Educação Básica demonstravam aptidão para a área de exatas. Porém, como a oferta era menor que a procura e concentravam-se em poucos centros, muitos que a almejavam acabaram por cursar Matemática e se tornaram professores. Nesse contexto percebemos o início do movimento de formação de professores na capital mato-grossense.

---

[98] A Faculdade de Direito é a mais antiga instituição de ensino superior que prosperou no estado, mas para isso enfrentou diversos obstáculos. Fundou-se em 1934 com o nome de Faculdade de Direito de Cuiabá, já em 1936 foi encampada pela então criada Faculdade de Direito de Mato Grosso, cessando suas atividades logo a seguir por incompatibilidade com o artigo 159 da Constituição de 1937, que proibia a acumulação de cargos públicos, afetando a maioria dos professores. Voltou às atividades em 1954, ainda como Faculdade de Direito de Mato Grosso, em 1955 seus trabalhos foram novamente suspensos alegando-se não atendimento às normas da época; reiniciou suas aulas em 1957, sendo federalizada em 22 de dezembro de 1961. A partir de então seguiu seu curso, até ser incorporada à Universidade Federal de Mato Grosso (DORILEO, 1984).

[99] Posteriormente também fortaleceram-se relações com Minas Gerais e Paraná.

[100] Atualmente a Unemat está organizada em 11 *campi* distribuídos pelo interior do estado, se fazendo presente em 108 dos 144 municípios do estado (DALCIN; SILVA; SANTOS, 2012).

[101] UNEMAT – UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO. **Campus universitário de Cáceres.** Cáceres, 2011. Disponível em: <http://www.novoportal.unemat.br/index.php?pg=campus&idc=2#>. Acesso em: 05 ago. 2014.

[102] DALCIN, A.; CUNHA, R. da; SANTOS, V. M. P dos. Panorama histórico sobre a educação matemática e a formação de professores que ensinam matemática em Mato Grosso. In: Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática. Enaphem, 2, 2014, São Paulo. **Anais...** Bauru – SP, 2014, p. 1-10.

2. Primeiros movimentos de formação de professores na capital mato-grossense

A Escola Normal era o ápice da formação docente em Cuiabá até meados dos anos 1960. Tanto que, dentre os professores de Matemática que lecionaram para nossos entrevistados, apenas um nome é lembrado como tendo graduação na área: Aída Figueiredo, os demais, em sua grande maioria, eram normalistas.

Se na Universidade Federal, criada anos mais tarde, a falta de formação específica era sentida, mais ainda na Educação Básica, na qual atuavam, além das normalistas já citadas, professores formados pela Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (Cades) ou mesmo profissionais de outras áreas como: médicos, arquitetos, agrônomos, dentistas, engenheiros. Existiam também os autodidatas, como o João Crisóstomos de Figueiredo e o Cesário Neto que atuaram em diferentes disciplinas mesmo sem possuir formação em qualquer uma delas. No entanto, segundo nossos depoentes, apesar de não possuírem licenciatura, eram bons professores, competentes e comprometidos. Essa falta de formação superior durou muito tempo, tanto que ainda em 1992 era sentida, a diferença é que neste último período a maioria dos docentes leigos já possuía algum vínculo com uma instituição superior, ou seja, estavam buscando capacitação.

Como comentamos anteriormente, nas décadas de 1960/1970 eram poucas as escolas e, consequentemente, o número de profissionais era pequeno, o que dificultava a troca e as discussões dos conteúdos entre os professores, complicando ainda mais seus trabalhos. Com isso, tinham que estudar sozinhos para lecionarem, se autoformando. Além disso, os docentes se viam trabalhando em diferentes escolas ao mesmo tempo, de modo a atenderem a demanda. Dentre os que buscavam a docência, grande era o número que a procurava por ser uma oportunidade de emprego disponível, começando a lecionar, em alguns casos, antes mesmo de completar 18 anos[103].

Até fins da década de 1960 era praticamente tradição as moças, ao darem continuidade aos estudos após o Ginásio, optarem pelo Curso Normal ofertado na Escola Normal Pedro Celestino, que funcionava no Palácio da Instrução. Portanto, esse curso era composto, em sua maior parte, por mulheres que ao concluírem-no partiam para a docência que, em princípio, deveria ser nos anos iniciais. No entanto, devido à escassez de professores específicos, as normalistas acabavam lecionando em diferentes níveis de ensino[104]. Mesmo sendo sentida na capital, essa falta de formação não era tão intensa lá quanto no interior do estado, no qual

[103] Informações disponibilizadas por nossos colaboradores.
[104] Textualização professora Suíse (Narrativa 1).

muitos docentes tinham apenas o Ginásio/Ensino Fundamental e lecionavam para essa mesma modalidade[105].

Assim, podemos dizer que as raízes para a formação de professores de Matemática em Mato Grosso estão na Escola Normal. No estado acreditava-se que por meio da Escola Normal seria possível uma "melhoria rápida na instrução pública do Estado", assim sendo, "investir na formação do professor era fundamental para a efetivação do „progresso social", pois sua ação eficaz eliminaria a ignorância, traria a civilidade e a ordem social."[106].

Em Cuiabá a primeira Escola Normal tem seu movimento inicial em 1838, quando o estado enviou a Niterói um professor (Joaquim de Almeida Louzada) para que se capacitasse e em seu retorno assumisse a regência da Escola. No entanto, como a carência de profissionais qualificados era intensa, ao regressar a Mato Grosso, o professor não assumiu a docência e sim a Secretaria do Governo da Província. Mesmo sem um professor formado, essa escola se estabeleceu em Cuiabá em 28 de outubro de 1840, iniciando seus trabalhos em 1842 e sendo extinta dois anos mais tarde devido à falta de professores para nela atuarem, além disso, o governo afirmava não ter condições de mantê-la, mesmo acreditando em sua importância para o estado[107].

Até 1910 a escola passou por diversos obstáculos, sendo fechada e reaberta por diversas vezes, se estabilizando a partir do referido ano devido à chegada de dois professores (Leowergildo de Mello e Gustavo Kuhlmann) formados em Escolas Normais de São Paulo para atuarem na capital mato-grossense[108]. Por meio deles adequou-se o modelo utilizado em São Paulo à realidade cuiabana[109].

No Curso Normal eram enfocados especialmente conteúdos metodológicos, não se dando, portanto, muita atenção ao conteúdo preparatório para um Ensino Superior. Tanto que normalistas, como a professora Heliete (Narrativa 7), por exemplo, sentiram dificuldade em

---

[105] Textualização professora Heliete (Narrativa 7).

[106] SILVA, E. F. de S. P. e. Escola Normal de Cuiabá: história da formação de professores em Mato Grosso (1910-1916). In: SÁ, N. P.; SIQUEIRA, E. M. (Org.). **Coletânea Educação e Memória.** Cuiabá: EdUFMT, 2006a, v.2.

[107] AMORIM, R. P de; FERREIRA, M. S. O Estado e o ensino normal em Mato Grosso nos anos 1960. In: Congresso Luso Brasileiro da História da Educação. Colubhe, 10, 2014, Paraná. **Anais...** Curitiba – PR, 2014, p.1-15.

[108] XAVIER, A. P. da S.; SÁ, N. P. A Escola normal de Mato Grosso no século XIX. **Revista Série-Estudos - UCDB**. Campo Grande, v.25, [s. n.] p. 123-132, jan./jun. 2008. Disponível em <www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/245/216>. Acesso em: 22 mar. 14/ CAVALCANTE, L. G.; OLIVEIRA, R. T. C. de. História e política: O Processo de implantação da escola normal em Campo Grande. In: Seminário Internacional: Fronteiras Étnico-Culturais e Fronteiras da Exclusão - Práticas Educativas Num Contexto Intercultural (CD-ROM), 2, 2006, Mato Grosso do Sul. **Anais**... Campo Grande - MS, 2006. p.1-16.

[109] SIMIÃO, R. A. V. O Processo de profissionalização docente em Mato Grosso (1930-1960). In: SÁ, N. P.; SIQUEIRA, E. M. (Org.). **Coletânea Educação e Memória.** Cuiabá: EdUFMT, 2006, v.4.

acompanhar um curso superior quando por ele optavam, por não terem estudado os conteúdos ofertados, à época, pelos anos finais do ensino secundário (atual Ensino Médio).

Como não havia formação superior para professores em Cuiabá, a Secretaria de Educação indicava algumas pessoas para cursarem especializações na capital paulista, no Centro Regional de Pesquisas Educacionais (CRPE), na Universidade de São Paulo (USP). Uma dessas pessoas foi a professora Suíse (Narrativa 1), que foi aluna de um curso em 1964 e ao retornar, como meio de retribuir a formação recebida, ministrou um curso a diretores de escolas, onde hoje se encontra instalado o 9º Batalhão de Engenharia de Construção (9º BEC). Neste local funcionava um Centro Educacional para Formação de Professores, além desse curso ministrado pela professora Suíse (Narrativa 1) outros ocorreram ali, visando atender professores e diretores, sendo que, para isso, vinham docentes de outros locais para ministrá-los.

Assim sendo, eram poucos os professores com formação no estado. Devido a isso, nossos colaboradores, como o professor Aquiles (Narrativa 6), por exemplo, consideravam uma honra se formar em uma licenciatura e poder trabalhar em uma das seis escolas da capital, no entanto, não era o salário o motivador para a busca da profissão. O professor ainda tinha o respeito de seu aluno, o que em muitos casos não acontece atualmente.

Entre as cidades mato-grossenses nos anos 1960 que ofereciam, principalmente, o atual Ensino Médio, estavam: Três Lagoas, Campo Grande, Corumbá, Cáceres e Cuiabá, sendo que dentre elas, a única, além da capital, que continuou a pertencer a Mato Grosso após sua divisão foi Cáceres. Como a população não era muito significativa, não se sentia a necessidade da abertura de muitas escolas e, embora existisse a falta de professores formados, esse motivo não despertava o interesse dos governantes em disponibilizar um curso de graduação no estado. Diante da necessidade de professores, usualmente Mato Grosso os "importava" de outras regiões, principalmente de São Paulo e em menor número de Minas Gerais. Outros cursos eram vistos como mais necessários, pois o governo começava a sentir a precisão de profissionais qualificados, sendo eles Direito, já em funcionamento, Economia e Engenharia Civil, que se concretizaram alguns anos mais tarde[110].

Como eram poucas as cidades a ofertarem o Colegial (Ensino Médio), os estudantes do interior do estado que pretendiam cursar essa modalidade se deslocavam principalmente para Cuiabá ou Campo Grande, dependendo de sua localização. Desse modo, aumentou o número de estudantes na capital e visando atendê-los foi criado o Restaurante Estudantil

[110] Aqui usamos por base as informações recebidas de nossos depoentes.

Maria Aparecida Pedrossian[111] (REMAP), que fornecia alimentação por um preço acessível. Para utilizá-lo, o estudante precisava comprovar carência, a não existência de parentes na cidade e que lá estava para estudar e trabalhar. Além dos estudantes da Educação Básica, o restaurante também atendia aos universitários antes da criação do restaurante universitário na UFMT[112].

A procura pelo Ensino Superior não se mostrava muito significativa até mesmo pela pequena quantidade de estudantes no Colegial[113]. Além disso, outra possibilidade é a de que a população poderia considerar que ter o correspondente ao antigo Ginásio já atendia, na maior parte das vezes, as necessidades que se mostravam para se conseguir um emprego. No entanto, em determinado momento o Ginásio deixou de ser suficiente, se tornando necessário o Secundário. Dando sequência a essa linha de pensamento, em 1966, a ideia de formação em nível superior começa a ser mais disseminada, criando-se, então, a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras[114], que em julho desse mesmo ano, por meio da Lei 2.629, passou a constituir o Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá (ICLC). Ao ser criado, este instituto além de incorporar a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras agregou também a Faculdade de Ciências Econômicas, que havia sido instituída no ano anterior, 1965.

O ICLC iniciou seu trabalho vinculado à Secretaria de Estado de Educação e Cultura, ofertando quatro cursos: Licenciaturas Plenas em Geografia, História Natural, Letras e Matemática[115]. Foi o primeiro movimento em busca de formar professores em nível superior em Cuiabá. Entre os diversos objetivos desta instituição encontrava-se a ideia de "criar e desenvolver o espírito universitário em Mato Grosso"[116].

---

[111] Nome da esposa do ex-governador mato-grossense Pedro Pedrossian.

[112] Textualização professor Carlos (Narrativa 4).

[113] Em Mato Grosso, na década de 1960, 53 estabelecimentos ofereciam o Colegial, atual Ensino Médio, destas escolas "41% dos alunos matriculados cursou o secundário, 29% o normal, 25% o técnico comercial e 5% os cursos de administração de empresas e de química industrial" (REINERS, 1967, p.2-3). Reforça-se o interesse nestas informações, pois é deste cenário que saem os futuros alunos do curso superior em Matemática. Ainda segundo o autor referenciado acima, no estado de Mato Grosso havia cerca de 643 estudantes no nível superior em 1966, dos quais 144 estudavam no centro estadual de ensino da capital.

[114] Esta instituição já havia sido instituída em 1952, porém somente iniciou seu funcionamento, ainda de modo incipiente, em 1966.

[115] Aqui nos cabe o questionamento de por que Matemática? Questionamo-nos, pois, entre outros motivos, não havia matemáticos ou licenciados em Matemática para atuarem nesse curso. Uma possibilidade seria por ser um curso mais barato de ser mantido do que Engenharia, por exemplo, área na qual eram formados a maioria dos professores. Outra opção que nos ocorre é a de que os cursos que iniciaram poderiam ter relação com o momento em que o estado e o país viviam, de busca de interiorização/colonização, nesse caso o curso de Matemática poderia formar profissionais para subsidiar o posterior curso de Engenharia, que apoiado pela Geografia e História Natural, poderiam colaborar para o desbravamento de Mato Grosso.

[116] DORILEO, B. P. **Pensar para fazer.** Cuiabá: UFMT - Imprensa Universitária, 1984. p. 19.

Em função das áreas que possuíam professores para atuar foram instalados os primeiros cursos[117]. No entanto, nem sempre a formação era no curso em que o professor lecionava, como no caso da Matemática, para o qual, de acordo com nossos depoentes, não havia licenciado ou bacharel formado especificamente nela atuando na docência.

Além disso, não possuíam experiência em nível superior o que fez com que, por vezes, buscassem ajuda junto aos professores mais experientes de outros estados, que auxiliaram indicando bibliografias, metodologia e cedendo, em alguns casos, até a ementa do curso para que pudessem se basear para criar a do Instituto, a qual foi montada pelos professores em atuação. No caso da Matemática, por engenheiros, que eram maioria no corpo docente do curso[118].

À época, a capital mato-grossense se apresentava muito afastada dos grandes centros, tanto pela distância quanto pelo acesso às informações. Essa nova instituição consistiu em um avanço para a região, apresentando à população uma nova oportunidade de seguir com os estudos, não precisando, para isso, deixar o estado[119]. Foi um pontapé inicial para a formação superior, pois com ele ampliaram-se as opções de cursos em Cuiabá. Surge também para atender a necessidade de mão-de-obra qualificada para os setores do governo, para dar suporte à organização formal do estado.

Por meio do ICLC, professores com grande experiência, mas sem um diploma, puderam obtê-lo, e pessoas que tinham interesse em avançar intelectualmente tiveram uma nova opção além da Faculdade de Direito. Assim, como alunos havia professores experientes, diretores, profissionais de carreira que buscavam valorização em seus setores e jovens que almejavam dar continuidade aos estudos. As turmas não eram muito grandes, mas o nível dos alunos era bom, tanto que muitos dos formados nas primeiras turmas passaram a lecionar na Universidade logo após sua fundação[120].

O salário no ICLC, segundo a professora Suíse (Narrativa 1), deixava a desejar, logo os professores eram obrigados a manterem vínculo empregatício em outros locais, um dos motivos pelo qual os cursos funcionaram no período noturno. Como as licenciaturas eram oferecidas à noite, e em algumas vezes no sábado pela manhã, mesmo pessoas que não fossem de famílias abastadas podiam participar, pois havia a possibilidade de manter o emprego durante o dia.

---

[117] Textualização professora Suíse (Narrativa 1).

[118] RIBEIRO, I. F. **Primeiro esboço da história do curso de matemática do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá (ICLC).** 2011. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (Licenciatura em Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2011.

[119] Até então era comum os jovens buscarem cidades paulistas ou cariocas para prosseguirem seus estudos.

[120] Informações fornecidas pela professora Suíse (Narrativa 1) em sua entrevista.

Neste Instituto, como contado pela professora Suíse (Narrativa 1), eram poucos os professores, pois em Mato Grosso a maioria dos profissionais não possuía formação superior, em seu segundo ano de funcionamento essa situação foi agravada devido ao aumento do número de disciplinas a serem ministradas, pois a cada ano uma nova turma era agregada ao curso, aumentando automaticamente o número de disciplinas a serem ofertadas, intensificando a falta de docentes. Outro agravante para essa situação é que, embora trabalhassem mais, devido ao aumento da carga horária, o salário se manteria o mesmo. Esse ponto fez com que houvesse uma paralização das aulas até que novos professores foram contratados e as partes, Estado e instituição, entrassem em acordo.

O Instituto começou pequeno, ligado à Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso[121] (Seduc), na época os Secretários de Educação que se envolveram em sua implantação foram: Hermes Rodrigues de Alcântara[122], Francisco Alexandre Ferreira Mendes[123] e Oscar da Costa Ribeiro[124].

Como diretores do ICLC atuaram: Nilo de Campos Póvoas, seguido por Jecelino José Reiners e por fim Attílio Ourives, que estava na direção no momento da transição para a UFMT[125].

Em princípio, o Instituto não possuía sede própria, logo, todos os cursos eram ofertados em um mesmo prédio cedido a ele. Inicialmente, foi instalado no porão do Colégio Estadual de Mato Grosso, onde as salas eram separadas por biombos; o ICLC funcionava embaixo e os alunos da escola tinham aula em cima. Depois foi para o Palácio da Instrução, na Escola Normal Pedro Celestino, e a seguir para a Escola Técnica Federal de Mato Grosso, para, por fim, ir para a Escola José Barnabé de Mesquita, recentemente construída. Ao construírem esta última visando melhor atender estruturalmente o Instituto[126], ainda não se sabia da real instalação da Universidade Federal. Desta escola o ICLC transferiu-se, em agosto de 1970[127], para o primeiro bloco construído no Campus da UFMT[128].

---

[121] De 1961 a 1966 tal secretaria era denominada Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Saúde. De 1966 a 1994 passou a se chamar Secretaria de Estado de Educação e Cultura, para por fim receber o nome que hoje dispõe de Secretaria de Estado de Educação (FERREIRA, 2006).
[122] Secretário entre 09 de fevereiro de 1961 a 30 de junho de 1965 e de 06 de dezembro de 1965 a 20 de janeiro de 1966.
[123] Secretário entre 09 de fevereiro de 1966 a 08 de março de 1966.
[124] Assumiu a Secretaria em 1966.
[125] Textualização professora Suíse (Narrativa 1).
[126] Informações fornecidas pela professora Suíse (Narrativa 1) em sua entrevista.
[127] Nesse mesmo período se instalou na Universidade a Faculdade de Direito, que até então se situava no centro da capital.
[128] Espaço em que hoje funciona o Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS).

Na licenciatura em Matemática foram abertas 25 vagas, as quais não foram completamente preenchidas, sendo que 23 alunos[129] iniciaram o curso, mas muitos foram desistindo ou mudando de curso e apenas três o concluíram: Nilda Bezerra Ramos (Narrativa 3), Luiz Gonzaga Coelho e Mauro Custódio, hoje já falecido. Como ao final do curso a turma era pequena, muitas aulas foram ministradas apenas a um aluno, quando os outros dois não podiam ir, pois esse um equivalia a uma porcentagem grande do total da turma. Para ingressarem no ICLC havia um vestibular composto de duas etapas: prova escrita e, para os que passassem nesta primeira, prova oral[130].

Entre os professores dessa licenciatura estavam: Leonardo Slhessarenko[131], José Garcia Neto[132], Moacyr Freitas[133], Antônio Rodrigues da Silva, Luis Lotufo[134], Enzo Ricci[135], Jaci Rosa[136], Silvia[137] e Claudio Mellado (Narrativa 2)[138].

O Instituto ofereceu o curso de Matemática apenas para uma turma, até abriu-se vestibular em outros anos[139], no entanto, não havia procura. Houve, no que seria a segunda turma, apenas um escrito, Coronel Zeferino, dentista do exército, hoje já falecido. O curso começou a ser ofertado a ele, no entanto, percebeu-se que seria inviável e ele acabou trancando-o.

A Licenciatura Plena em Matemática ofertada pelo ICLC era composta por 15 disciplinas, totalizando 2.700 horas, diluídas em quatro anos de estudo, em regime seriado. No primeiro ano foram 760 horas: Fundamentos da Matemática Elementar – 180 horas, Álgebra – 180 horas, Desenho Geométrico e Geometria Descritiva – 240 horas, Geometria Analítica – 160 horas; No segundo ano foram cursadas 770 horas: Álgebra – 120 horas, Geometria Analítica – 140 horas, Física Geral – 180 horas, Cálculo Diferencial e Integral – 150 horas, Psicologia da Educação (1º semestre: adolescência, 2º semestre: aprendizagem) – 180 horas; No terceiro ano do curso foram 750 horas: Cálculo Diferencial e Integral – 210

---

[129] Entre eles a Luzia Guimarães que foi reitora da UFMT entre 1992 a 1996.
[130] RIBEIRO, I. F. **Primeiro esboço da história do curso de matemática do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá (ICLC).** 2011. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (Licenciatura em Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2011.
[131] Economista. Em sua disciplina de Prática de Ensino acompanhava os alunos nas escolas.
[132] Trabalhou Álgebra com os alunos do ICLC de Matemática.
[133] Arquiteto. Trabalhava Desenho Geométrico e Geometria Descritiva.
[134] Lecionou Cálculo Diferencial e Integral.
[135] Ministrou a disciplina de Física Geral.
[136] Trabalhou com Psicologia da Educação (RIBEIRO, 2011).
[137] Professora de Didática, supomos ser a professora Silvia Vitorino, já que ela lecionou Didática Geral para a primeira turma da UFMT.
[138] Não lecionou para a turma de Matemática, pois passou a compor o quadro docente do ICLC em dezembro de 1970, no entanto, era docente dessa área, mesmo sendo formado em Física.
[139] SILVA, A. P. da. Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá: edital de concurso de habilitação. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, p.3, 31 dez. 1967. Disponível em: Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.

horas, Física Geral – 180 horas, Didática – 180 horas, Administração Escolar – 180 horas; E, por fim, o quarto ano com 420 horas: Cálculo Numérico – 240 horas, Prática de Ensino de Matemática – 180 horas[140].

Os alunos do Instituto, ao se graduarem, foram diplomados como acadêmicos da UFMT, na qual o ICLC foi incorporado após sua criação em 1970. Desse modo, receberam o diploma como sendo formados pela Universidade. Os licenciandos em Matemática do ICLC colaram grau em dezembro de 1969, porém esse curso somente foi reconhecido anos mais tarde, junto com a primeira turma dessa área da Universidade Federal, em 1974. Assim sendo, receberam seu diploma juntamente com esses alunos em 1975[141], no entanto, no diploma recebido pelos alunos do ICLC consta a data correta de colação de grau da turma, 1969[142]. Portanto, foi o governo federal que forneceu o reconhecimento àquele curso que era estadual, ofertado no Instituto.

À medida que o Instituto foi se firmando, novos cursos foram sendo instalados, tanto que em final de 1971 já totalizavam 11, sendo eles: Economia, Engenharia, Química, Matemática, Geografia, Pedagogia, Ciências Contábeis, Física, História Natural, Letras e Serviço Social [143], os quais foram transferidos à Universidade ao término deste ano.

Com organização em estilo de universidade, dispunha de departamentos: Ciências Exatas, Biociências, Ciências da Terra, Ciências Humanas, Letras e Artes; e de Atividades Extracurriculares, bem como de um Colégio Universitário. A Faculdade de Educação acomodava os cursos de Matemática, História Natural, Pedagogia, Letras, Química, Geografia, História e Física; já a de Economia, além da própria Economia, também alojava Ciências Contábeis; existiam ainda as Faculdades de Engenharia Civil e de Serviço Social ofertando os cursos que lhes davam o nome, enquanto a Faculdade de Ciências Médicas ainda estava para ser instalada, se concretizando apenas anos mais tarde, já na Universidade Federal de Mato Grosso[144]. Como entidade autônoma do estado, o ICLC era a maior instituição de ensino superior de Mato Grosso.

Com a relação ao ICLC, muitos pontos negativos foram elencados por nossos depoentes, tais como: a falta de espaço e prédio próprios; os professores não eram formados na área, então eles mesmos expunham suas dificuldades e anseios em ministrar as disciplinas,

---

[140] RIBEIRO, I. F. **Primeiro esboço da história do curso de matemática do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá (ICLC).** 2011. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (Licenciatura em Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2011.
[141] Textualização da professora Nilda (Narrativa 3).
[142] Uma foto deste diploma foi disponibilizada pela professora Nilda (Narrativa 3) e consta em sua textualização, disponível nesta dissertação.
[143] DORILEO, B. P. **Universidade o fazejamento.** Cuiabá: UFMT, 1977.
[144] DORILEO, B. P. **Universidade o fazejamento.** Cuiabá: UFMT, 1977.

com isso os alunos tinham que buscar, por conta própria, meios para supri-las; o número reduzido de alunos dificultava as discussões e os estudos conjuntos; além disso, as bibliografias disponíveis eram poucas, inclusive muitas vezes eram cedidas pelo próprio acervo pessoal do docente. Mas, embora fossem muitas as dificuldades, os alunos conseguiram terminar um curso superior.

Agora que foram conhecidos alguns aspectos do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá e da formação lá ofertada, lembramo-nos de outro curso que proporcionava a formação docente na capital nesse período, de abrangência nacional e iniciado em torno de 1960 na região que estudamos (Figura 16): a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (Cades), ofertada, em Cuiabá, no Colégio Estadual de Mato Grosso.

Figura 16: Instalação da Cades em Cuiabá.

O ESTADO DE MATO GROSSO

ORGÃO INDEPENDENTE A SERVIÇO DE MATO GROSSO

Diario Matutino - EDITORA CUIABÁ LTDA.

ANO XXI | CUIABÁ, (SEXTA-FEIRA) 1º DE JANEIRO DE 1960 | Nº 3.662

Campanha de aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário

Do sr. Prof. Ernesto Garcia de Araujo, Secretário dos Cursos de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, recebemos gentil convite para a instalação dos referidos cursos nesta Capital, no próximo dia 4 de Janeiro, no auditório do Colégio Estadual de Mato-Grosso, às 8 horas.

Dispensa qualquer comentário elogioso essa feliz iniciativa do Ministério da Educação e Cultura, que terá, certamente, excelente repercussão nos meios educacionais e com a qual muito terá a lucrar o nosso Ensino Secundário.

Augurando completo êxito à benemérita Campanha, o Estado de Mato-Grosso terá grande satisfação de colaborar com ela, para a vitória integral dos seus elevados objetivos, que outros não são senão a elevação do nivel inteletual do nosso professorado secundário em cujas mãos está entregue a grandiosa obra da preparação moral e inteletual da juventude brasileira.

O professorado secundário de Mato-Grosso está de parabens.

Fonte: CAMPANHA... (1960).

Essa Campanha tratou-se de um "importante veículo dos ideais da época no que diz respeito à formação de professores e uma maneira dos docentes se aperfeiçoarem, discutirem e formalizarem sua prática, num momento em que era raro em nosso país um *lócus* para tal exercício"[145].

A Cades foi criada em 1953 por meio do Decreto número 34.638, sendo que a partir de 1955, por meio da Lei 2.430, os exames de suficiência para o exercício da docência foram condicionados aos cursos ofertados por esta campanha. Assim, após a finalização dos cursos e consequente aprovação nos exames de suficiência, o cursista recebia uma autorização para lecionar em locais onde não havia licenciados em Faculdades de Filosofia[146]. Os cursos tinham por objetivo "suprir as deficiências dos professores, até então leigos, referentes aos aspectos pedagógicos e aos conteúdos específicos das disciplinas que iriam lecionar ou que já lecionavam nas escolas secundárias"[147], pois até então sua formação baseava-se na prática cotidiana, repetindo modelos de seus antigos professores. Além dos cursos a Cades publicou periódicos e manuais visando auxiliar na formação docente.

Como o número dos que saíam para fazer uma graduação era pequeno e o ensino superior ainda estava pouco divulgado, os cursos de férias oferecidos por essa campanha estavam entre os principais formadores de professores em Cuiabá. Uma lista com o nome dos inscritos para esse curso, referente à Matemática, no ano de 1967 em Cuiabá é apresentada na Figura 17. Já nas Figuras 18 e 19 é disponibilizado um chamado do jornal O Estado de Mato Grosso, de 25 de novembro de 1966, falando sobre esse curso que estará em funcionamento a partir de janeiro do próximo ano.

---

[145] BARALDI, I. M.; GAERTNER, R. **Textos e contextos:** um esboço da CADES na história da educação (matemática). Blumenau, SC: Edifurb, 2013. Grifo do autor. p.13.

[146] BARALDI, I. M.; GAERTNER, R. **Textos e contextos:** um esboço da CADES na história da educação (matemática). Blumenau, SC: Edifurb, 2013.

[147] BARALDI, I. M.; GAERTNER, R. **Textos e contextos:** um esboço da CADES na história da educação (matemática). Blumenau, SC: Edifurb, 2013. p. 21.

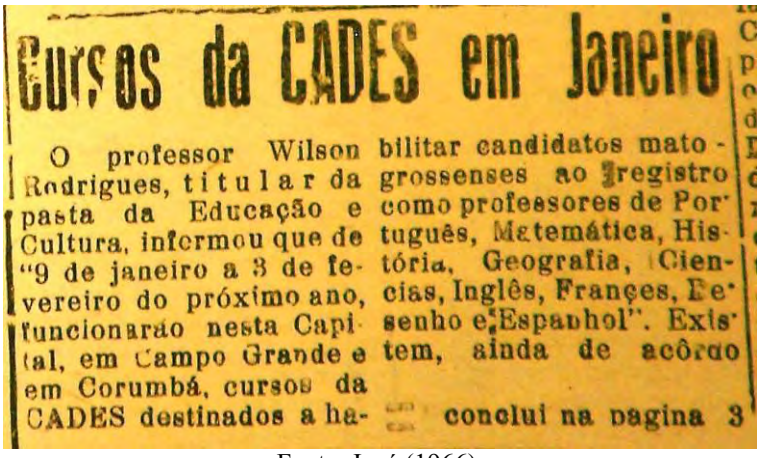
Figura 17: Candidatos inscritos no curso de Matemática da Cades, 1967, em Cuiabá.

CANDIDATOS INSCRITOS NO CURSO DE "MATEMÁTICA"

Nº de Ordem	Nome	Observação
1	Ainabil Machado Lobo	
2	Ardemiro Santana Ferreira	
3	Advair Ferreira Mendes	
4	Adnir Aguiar Campos	
5	Berenice Aurelina de Souza	
6	Benedito Eliseu Schuring	Desistiu
7	Bety de Campos Borges	
8	Bley Robert Saber	
9	Carly Hugueney de Siqueira	
10	Creuza Francisca Neves	
11	Cervantes Corrêa Cardoso	
12	Domingos Sant'Anna de Miranda	
13	Emilia Darcy Souza Cuiabano	
14	Elienor Lima Ribeiro	
15	Francisco Xavier de Figueiredo	
16	Humberto da Silva Metello	
17	Hermelinda Benta de Souza	
18	Helena Ferreira Soares	
19	Haroldo Vidal de Pinho	
20	José Viegas London	
21	José Lago da Rocha	Mat. e Inglês
22	José Leite Fernandes	
23	José Reis Pouso Salas	
24	Maria Augusta Freire Borges	
25	Maria Jacobina da Cruz	
26	Neuzeth Daltro Leite	
27	Nilce de Barros	
28	Nilda Gomes Bezerra	
29	Pedro Abelardo Mundin	
30	Rulis de Jesus Dontes	
31	Rodolfo Corrêa da Costa	
32	Sebastião da Silva Gregório	
33	Sérgio Augusto Dock	
34	Silvia Lemes Martins	
35	Ubaldo Monteiro da Silva	
36	Zita Freire Regis	
37	Zeila Ana de Assis e Silva	

Fonte: Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.

Figura 18: Chamada para o curso da Cades no Jornal O Estado de Mato Grosso.



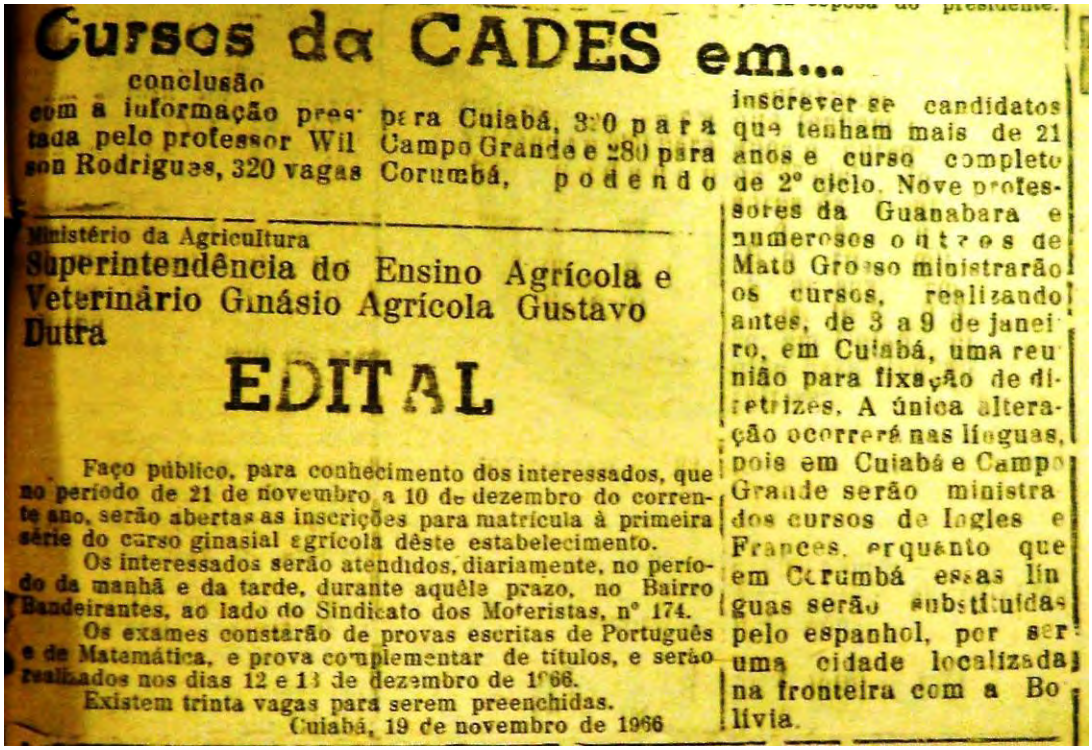
Cursos da CADES em Janeiro

O professor Wilson Rodrigues, titular da pasta da Educação e Cultura, informou que de "9 de janeiro a 3 de fevereiro do próximo ano, funcionarão nesta Capital, em Campo Grande e em Corumbá, cursos da CADES destinados a habilitar candidatos mato-grossenses ao registro como professores de Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, Inglês, Franças, Desenho e Espanhol". Existem, ainda de acôrdo

conclui na pagina 3

Fonte: Jucá (1966).

Figura 19: Chamada para o curso da Cades no Jornal O Estado de Mato Grosso.



Cursos da CADES em...

conclusão

com a informação prestada pelo professor Wilson Rodrigues, 320 vagas para Cuiabá, 320 para Campo Grande e 280 para Corumbá, podendo inscrever-se candidatos que tenham mais de 21 anos e curso completo de 2º ciclo. Nove professores da Guanabara e numerosos outros de Mato Grosso ministrarão os cursos, realizando antes, de 3 a 9 de janeiro, em Cuiabá, uma reunião para fixação de diretrizes. A única alteração ocorrerá nas línguas, pois em Cuiabá e Campo Grande serão ministrados cursos de Ingles e Frances, enquanto que em Corumbá essas línguas serão substituidas pelo espanhol, por ser uma cidade localizada na fronteira com a Bolivia.

Ministério da Agricultura

Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário Ginásio Agrícola Gustavo Dutra

EDITAL

Faço público, para conhecimento dos interessados, que no período de 21 de novembro a 10 de dezembro do corrente ano, serão abertas as inscrições para matrícula à primeira série do curso ginasial agrícola dêste estabelecimento.

Os interessados serão atendidos, diariamente, no período da manhã e da tarde, durante aquêle prazo, no Bairro Bandeirantes, ao lado do Sindicato dos Moteristas, nº 174.

Os exames constarão de provas escritas de Português e de Matemática, e prova complementar de títulos, e serão realizados nos dias 12 e 13 de dezembro de 1966.

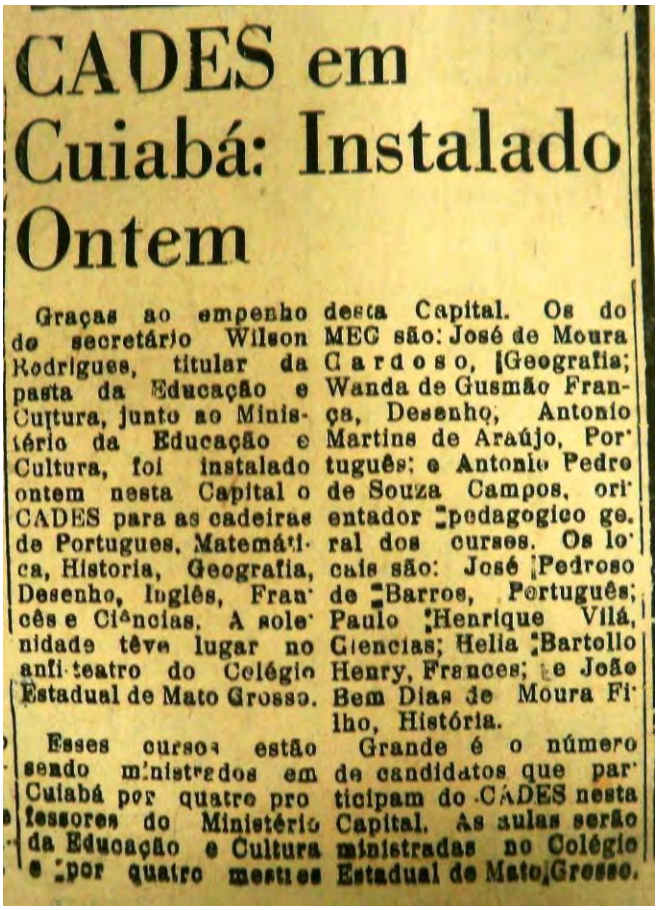
Existem trinta vagas para serem preenchidas.

Cuiabá, 19 de novembro de 1966

Fonte: Jucá (1966).

As Figuras 20 e 21 mostram outros recortes de jornais em que aparecem mais informações sobre essa Campanha.

Figura 20: Cades - Jornal O Estado de Mato Grosso, 10 de janeiro de 1967.



CADES em Cuiabá: Instalado Ontem

Graças ao empenho do secretário Wilson Rodrigues, titular da pasta da Educação e Cultura, junto ao Ministério da Educação e Cultura, foi instalado ontem nesta Capital o CADES para as cadeiras de Portugues, Matemática, Historia, Geografia, Desenho, Inglês, Francês e Ciências. A solenidade têve lugar no anfi-teatro do Colégio Estadual de Mato Grosso.

Esses cursos estão sendo ministrados em Cuiabá por quatro professores do Ministério da Educação e Cultura e por quatro mestres desta Capital. Os do MEC são: José de Moura Cardoso, Geografia; Wanda de Gusmão França, Desenho; Antonio Martins de Araújo, Português; e Antonio Pedro de Souza Campos, orientador pedagogico geral dos cursos. Os locais são: José Pedroso de Barros, Português; Paulo Henrique Vilá, Ciencias; Helia Bartollo Henry, Frances; e João Bem Dias de Moura Filho, História.

Grande é o número de candidatos que participam do CADES nesta Capital. As aulas serão ministradas no Colégio Estadual de Mato Grosso.

Fonte: Jucá (1967a).

Figura 21: Cades - Jornal O Estado de Mato Grosso, 28 de janeiro de 1967.

CADES Encerrou Seus Cursos na Ultima Sexta Fei

OS CURSOS

A CADES realizou nesta Capital cursos intensivos de Inglês, Francês, Geografia, História, Matemática, Ciências e Desenho. A êles compareceram mais de duas centenas de alunos-mestres procedentes de vários Municípios do Norte do Estado

Em solenidade presidida pelo secretário Wilson Rodrigues, titular da pasta da Educação e Cultura, a CADES encerrou na última sexta feira todos os cursos intensivos que vinha promovendo nesta Capital. No anfi teatro do Colégio Estadual de Mato Grosso, com a presença das mais expressivas autoridades civis e militares, foram entregues os diplomas de frequências a todos os alunos mestres que compareceram aos cursos intensivos que se processaram durante três semanas

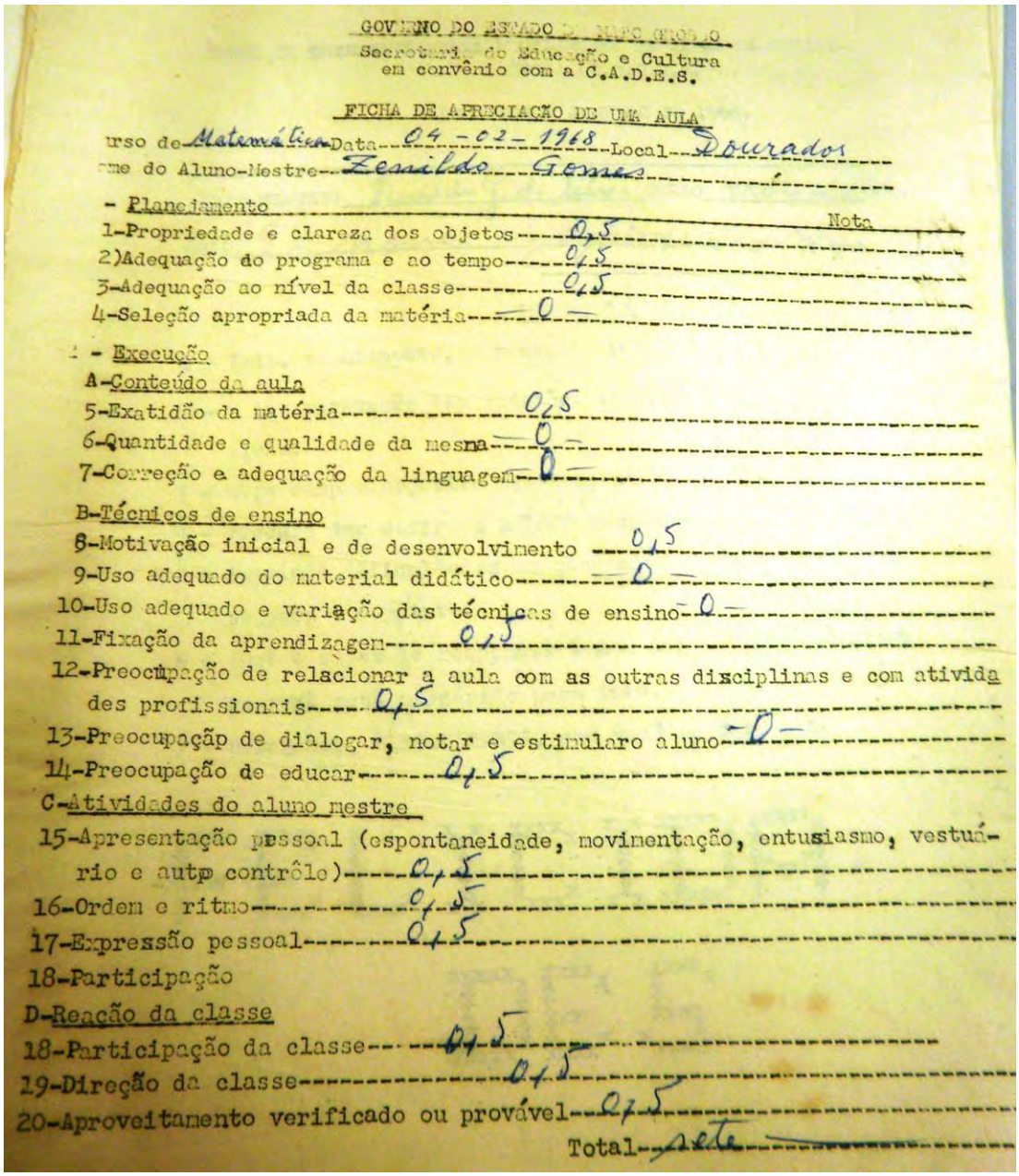
Amanhã, no período matutino, os que frequentaram os cursos da CADES serão submetidos a exames de suficiencia que serão realizados pela Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás, que fornecerá os registros de professores. A quase totalidade dos alunos mestres que concluiram os cursos da CADES pertence aos quadros do magistério estadual, alguns em exercício em colégios e ginásios, e outros em grupos escolares, estabelecimentos de ensino êstes que são mantidos pelo govêrno mato grossense.

Fonte: Jucá (1967b).

Os docentes que lecionavam na Cades, muitas vezes, vinham de fora do estado, já que os formados atuantes em Mato Grosso eram poucos. Ao término do curso os alunos realizavam uma avaliação, um exame, e recebiam uma espécie de certificado, uma autorização para que pudessem lecionar. Esse certificado era fornecido pela Secretaria Estadual de Educação.

A Cades era ofertada em diferentes áreas, entre elas Matemática; quando voltada ao Ginásio, atendia além dela Geografia, História, Ciências e Português, e o cursista optava pela que mais lhe interessava[148]. Na Figura 22 apresentamos uma ficha de apreciação de uma aula do curso de Matemática da Cades, realizado em 1968 em Dourados, na época cidade mato-grossense.

Figura 22: Ficha de apreciação de uma aula do curso de Matemática da Cades.



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
Secretaria de Educação e Cultura
em convênio com a C.A.D.E.S.

FICHA DE APRECIAÇÃO DE UMA AULA

urso de Matemática Data 04-02-1968 Local Dourados
me do Aluno-Mestre Zenilda Gomes

- Planejamento — Nota
1-Propriedade e clareza dos objetos 0,5
2)Adequação do programa e ao tempo 0,5
3-Adequação ao nível da classe 0,5
4-Seleção apropriada da matéria 0

- Execução
A-Conteúdo da aula
5-Exatidão da matéria 0,5
6-Quantidade e qualidade da mesma 0
7-Correção e adequação da linguagem 0
B-Técnicos de ensino
8-Motivação inicial e de desenvolvimento 0,5
9-Uso adequado do material didático 0
10-Uso adequado e variação das técnicas de ensino 0
11-Fixação da aprendizagem 0,5
12-Preocupação de relacionar a aula com as outras disciplinas e com atividades profissionais 0,5
13-Preocupação de dialogar, notar e estimularo aluno 0
14-Preocupação de educar 0,5
C-Atividades do aluno mestre
15-Apresentação pessoal (espontaneidade, movimentação, entusiasmo, vestuário e auto contrôle) 0,5
16-Ordem e ritmo 0,5
17-Expressão pessoal 0,5
18-Participação
D-Reação da classe
18-Participação da classe 0,5
19-Direção da classe 0,5
20-Aproveitamento verificado ou provável 0,5
Total sete

Fonte: Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.

Esses cursos, diferentemente da Escola Normal, autorizavam o professor que não possuía licenciatura a lecionar para os antigos: Ginásio, Científico, Clássico e Normal. Na

[148] Informações disponibilizadas pelo professor Aquiles (Narrativa 6) em sua entrevista.

capital mato-grossense era ofertado em dois níveis, um após o Ginásio, para os que o haviam concluído e nesse nível queriam atuar, mesmo ainda cursando o Secundário, e outro após o Colegial, para lecionar nessa modalidade. Essa opção de cursá-lo após o Ginásio se dava devido à falta de docentes para suprir as necessidades. Por exemplo, cursá-lo logo após ter terminado o Ginásio possibilitou ao professor Aquiles (Narrativa 6) ser convidado a lecionar em uma grande escola da capital, na qual a maioria dos docentes possuía entre 30 e 50 anos, enquanto que o professor Aquiles (Narrativa 6), à época, era quase uma criança perante eles, pois ainda cursava o Colegial[149]. Ter a autorização para lecionar fornecida pelo curso era obrigatório para conseguir sala de aula para atuar.

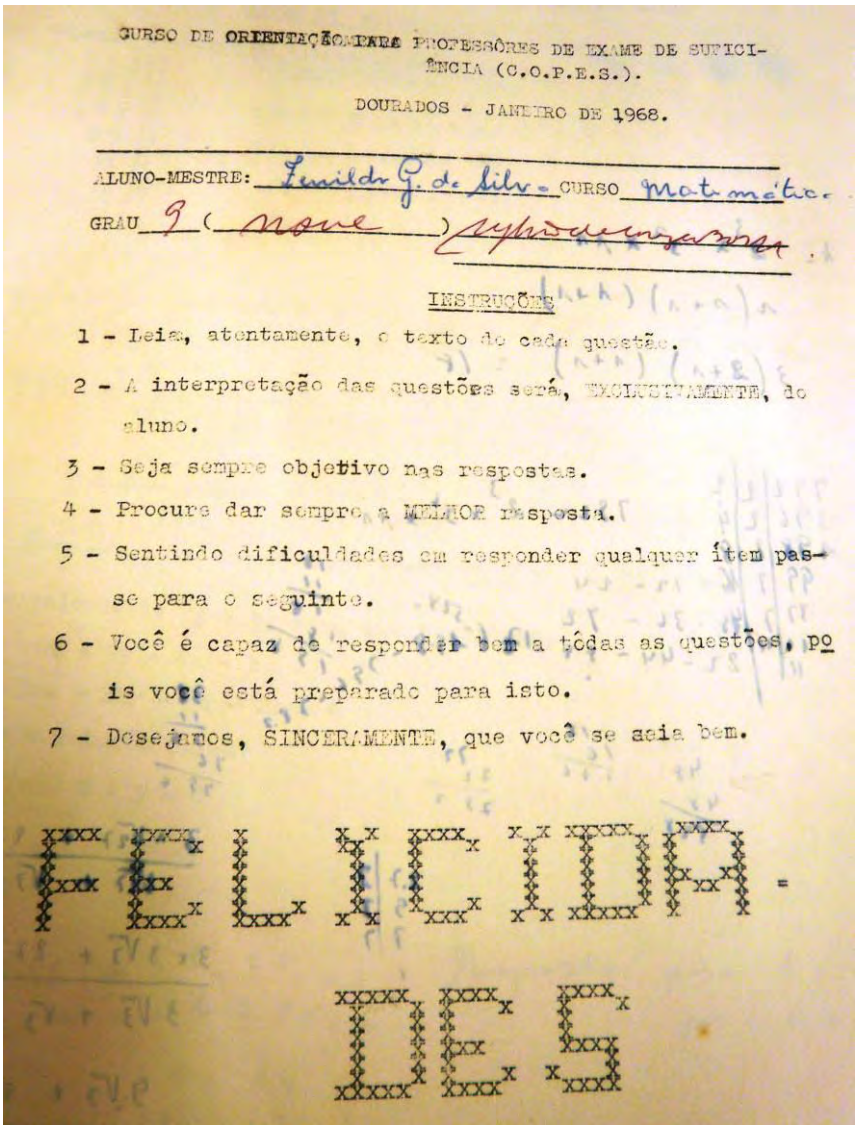
Sua repercussão na capital era tão grande que ao retornar a Cuiabá, após ter cursado quatro anos de licenciatura, queriam que a professora Suíse (Narrativa 1) o cursasse para que assim estivesse capacitada a lecionar. Com isso é possível perceber o quão conceituado era o curso nesta cidade. Muitos dos que o cursaram posteriormente buscaram o ICLC para adquirirem um diploma de nível superior.

Em 1970, na capital, passaram a chamá-lo de Curso de Orientação para os Exames de Suficiência (Coes), ou como encontrado em alguns documentos: Curso de Orientação para Professores para os Exames de Suficiência (Copes). Como nos contou o professor Aquiles (Narrativa 6), ele funcionava de modo similar aos cursos da Cades, também para as modalidades Ginásio e Colegial. O curso durava três meses, ocorria nos meses de janeiro, fevereiro e março, nos períodos matutino, vespertino e em alguns dias, no noturno. Quando o professor Aquiles (Narrativa 6) o cursou iniciou em 03 de janeiro de 1970 e terminou em 10 de abril desse mesmo ano, totalizando 100 dias de curso. Sua duração era de 360 horas, como se fosse uma especialização de todo o conhecimento do Ginásio e/ou do Colegial.

Nas Figuras 23, 24, 25 e 26, abaixo, é disponibilizada uma prova de Matemática aplicada pelo Copes na cidade de Dourados, em 1968.

[149] Isso de estar cursando o antigo Segundo Grau e já estar lecionando também aconteceu com o professor Sérgio (Narrativa 8), no Paraná, na década de 1970.

Figura 23: Prova de Matemática – Capa.



CURSO DE ORIENTAÇÃO PARA PROFESSÔRES DE EXAME DE SUFICIÊNCIA (C.O.P.E.S.).

DOURADOS - JANEIRO DE 1968.

ALUNO-MESTRE: Lenildo G. de Silva CURSO Matemática.

GRAU 9 (nove) [illegible]

INSTRUÇÕES

1 - Leia, atentamente, o texto de cada questão.

2 - A interpretação das questões será, EXCLUSIVAMENTE, do aluno.

3 - Seja sempre objetivo nas respostas.

4 - Procure dar sempre a MELHOR resposta.

5 - Sentindo dificuldades em responder qualquer ítem passe para o seguinte.

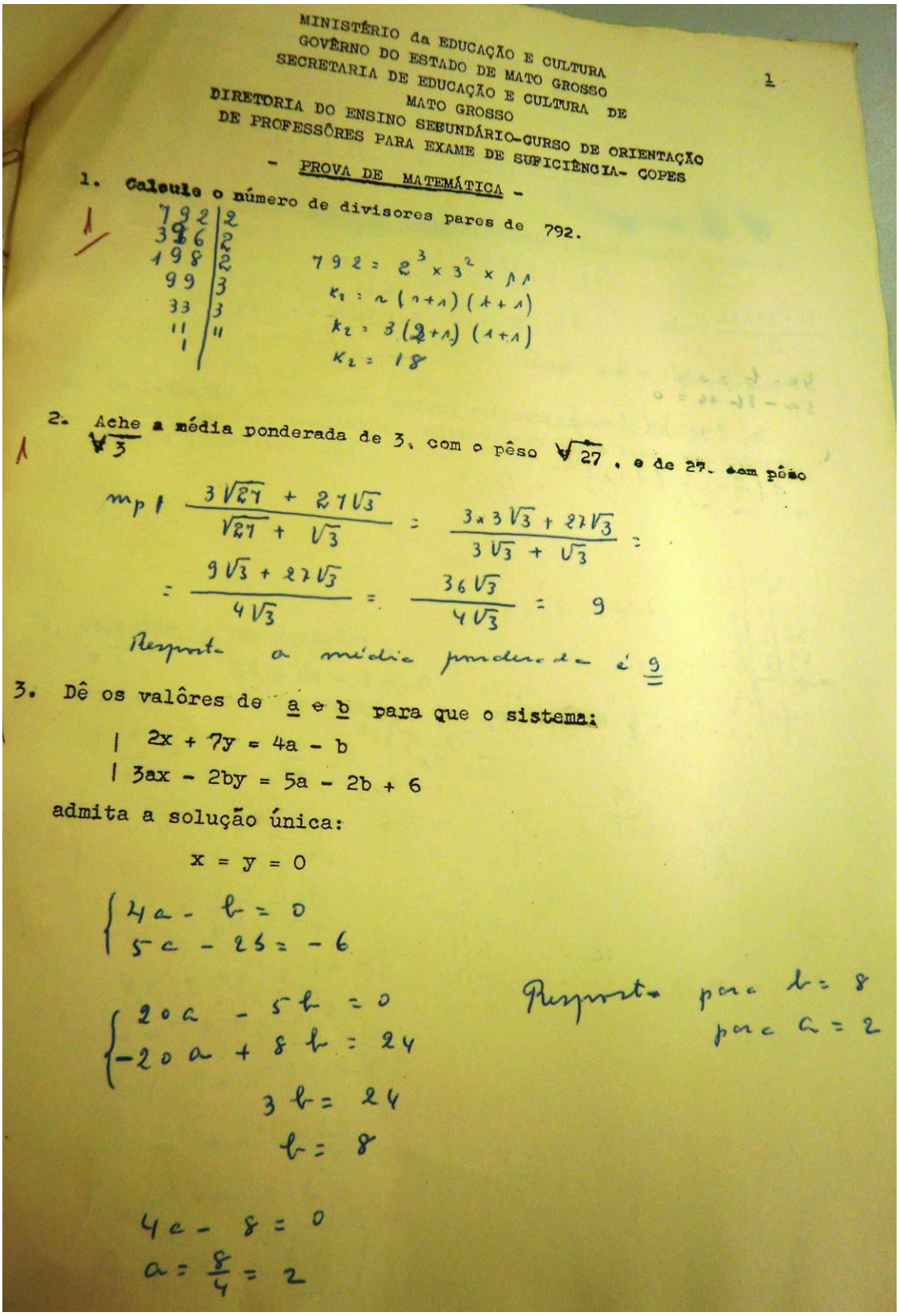
6 - Você é capaz de responder bem a tôdas as questões, pois você está preparado para isto.

7 - Desejamos, SINCERAMENTE, que você se saia bem.

FELICIDADES

Fonte: Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.

Figura 24: Prova de Matemática – Folha 1.



MINISTÉRIO da EDUCAÇÃO E CULTURA
GOVÊRNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE MATO GROSSO
DIRETORIA DO ENSINO SEGUNDÁRIO-CURSO DE ORIENTAÇÃO DE PROFESSÔRES PARA EXAME DE SUFICIÊNCIA- COPES

1

- PROVA DE MATEMÁTICA -

1. Calcule o número de divisores pares de 792.

1

792 | 2
396 | 2
198 | 2
99 | 3
33 | 3
11 | 11
1

$792 = 2^3 \times 3^2 \times 11$

$K_2 = 2(3+1)(2+1)$

$K_2 = 3(2+1)(1+1)$

$K_2 = 18$

2. Ache a média ponderada de 3, com o pêso $\sqrt{3}$, e de 27, com pêso $\sqrt{27}$.

1

$$m_p = \frac{3\sqrt{27} + 27\sqrt{3}}{\sqrt{27} + \sqrt{3}} = \frac{3 \times 3\sqrt{3} + 27\sqrt{3}}{3\sqrt{3} + \sqrt{3}} =$$

$$= \frac{9\sqrt{3} + 27\sqrt{3}}{4\sqrt{3}} = \frac{36\sqrt{3}}{4\sqrt{3}} = 9$$

Resposta a média ponderada é 9

3. Dê os valôres de a e b para que o sistema:

$$\begin{cases} 2x + 7y = 4a - b \\ 3ax - 2by = 5a - 2b + 6 \end{cases}$$

admita a solução única:

$$x = y = 0$$

$$\begin{cases} 4a - b = 0 \\ 5a - 2b = -6 \end{cases}$$

$$\begin{cases} 20a - 5b = 0 \\ -20a + 8b = 24 \end{cases}$$

$$3b = 24$$

$$b = 8$$

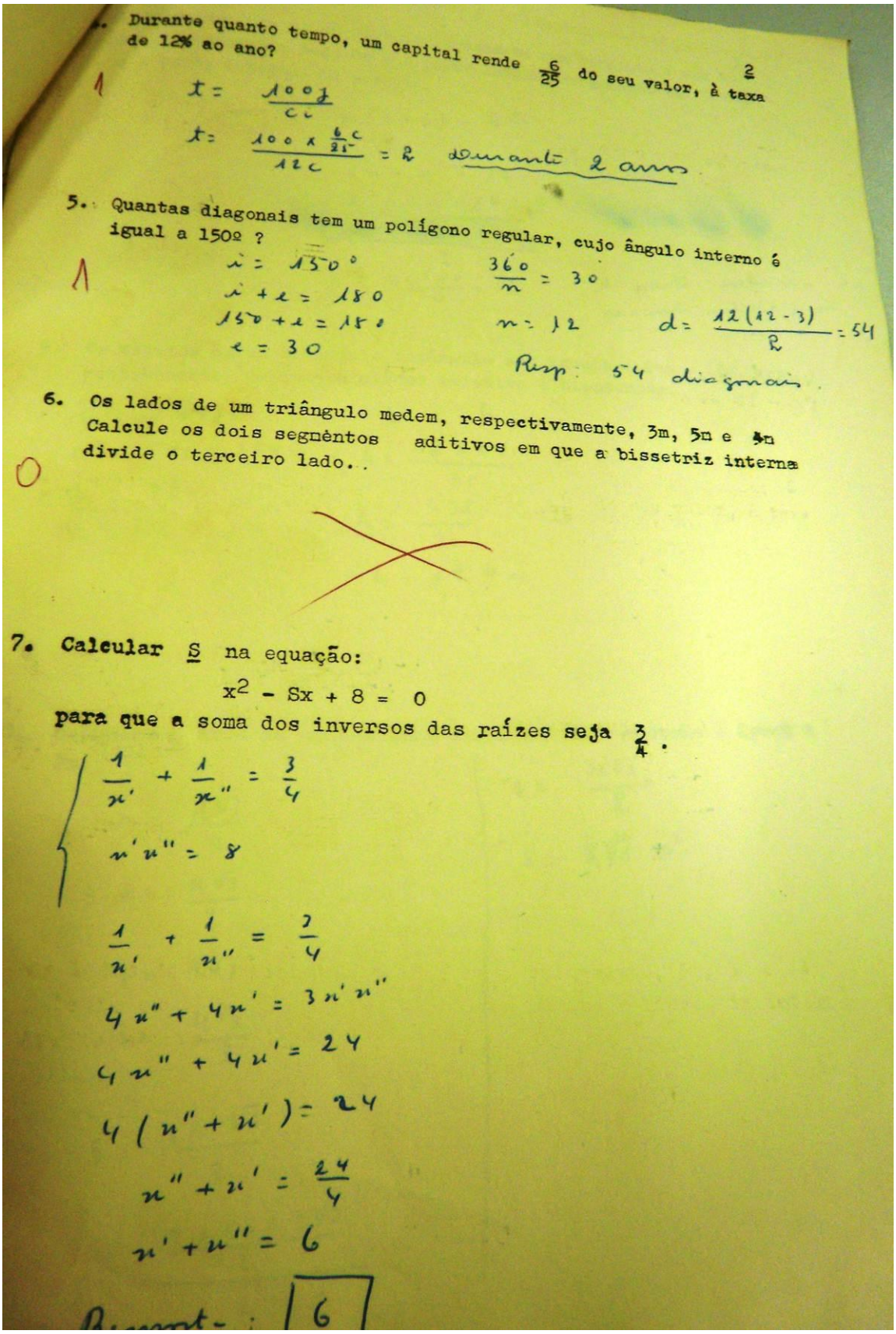
$$4a - 8 = 0$$

$$a = \frac{8}{4} = 2$$

Resposta para $b = 8$
para $a = 2$

Fonte: Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.

Figura 25: Prova de Matemática – Folha 2.



4. Durante quanto tempo, um capital rende $\frac{6}{25}$ do seu valor, à taxa de 12% ao ano?

1

$t = \frac{100 J}{C i}$

$t = \frac{100 \times \frac{6}{25} C}{12 C} = 2$ durante 2 anos.

5. Quantas diagonais tem um polígono regular, cujo ângulo interno é igual a 150º ?

1

$i = 150°$

$i + e = 180$

$150 + e = 180$

$e = 30$

$\frac{360}{n} = 30$

$n = 12$

$d = \frac{12(12-3)}{2} = 54$

Resp: 54 diagonais.

6. Os lados de um triângulo medem, respectivamente, 3m, 5m e 4m Calcule os dois segmentos aditivos em que a bissetriz interna divide o terceiro lado..

0

7. Calcular S na equação:

$$x^2 - Sx + 8 = 0$$

para que a soma dos inversos das raízes seja $\frac{3}{4}$.

$$\begin{cases} \frac{1}{x'} + \frac{1}{x''} = \frac{3}{4} \\ x' x'' = 8 \end{cases}$$

$\frac{1}{x'} + \frac{1}{x''} = \frac{3}{4}$

$4x'' + 4x' = 3x'x''$

$4x'' + 4x' = 24$

$4(x'' + x') = 24$

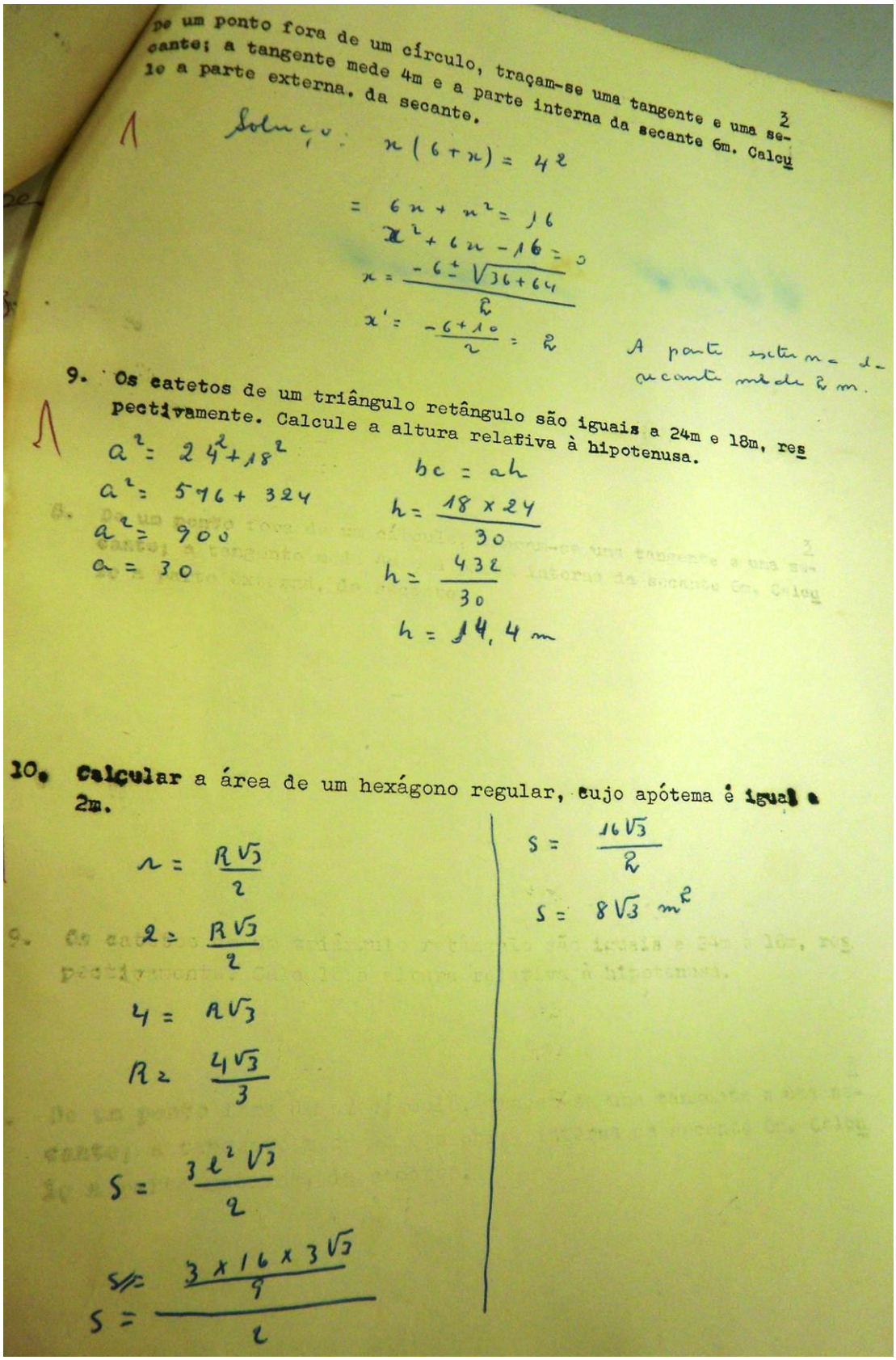
$x'' + x' = \frac{24}{4}$

$x' + x'' = 6$

Resposta: $\boxed{6}$

Fonte: Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.

Figura 26: Prova de Matemática – Folha 3.



de um ponto fora de um círculo, traçam-se uma tangente e uma secante; a tangente mede 4m e a parte interna da secante 6m. Calcule a parte externa. da secante.

Solução: $x(6+x) = 42$

$= 6x + x^2 = 16$

$x^2 + 6x - 16 = 0$

$x = \frac{-6 \pm \sqrt{36+64}}{2}$

$x' = \frac{-6+10}{2} = 2$

A parte externa da secante mede 2 m.

9. Os catetos de um triângulo retângulo são iguais a 24m e 18m, respectivamente. Calcule a altura relativa à hipotenusa.

$a^2 = 24^2 + 18^2$

$a^2 = 576 + 324$

$a^2 = 900$

$a = 30$

$bc = ah$

$h = \frac{18 \times 24}{30}$

$h = \frac{432}{30}$

$h = 14,4$ m

10. Calcular a área de um hexágono regular, cujo apótema é igual a 2m.

$a = \frac{R\sqrt{3}}{2}$

$2 = \frac{R\sqrt{3}}{2}$

$4 = R\sqrt{3}$

$R = \frac{4\sqrt{3}}{3}$

$S = \frac{3\ell^2\sqrt{3}}{2}$

$S = \frac{\frac{3 \times 16 \times 3\sqrt{3}}{9}}{2}$

$S = \frac{16\sqrt{3}}{2}$

$S = 8\sqrt{3}\ m^2$

Fonte: Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.

Em 1970 o curso foi ofertado no Centro Educacional Nilo Póvoas, que havia sido recentemente inaugurado. Os professores que trabalharam nesse curso eram conhecidos como catedráticos. Os conteúdos matemáticos foram lecionados por João Bosco London[150], já Metodologia e Didática do Ensino da Matemática por um professor que vinha de Goiás, chamado Gilberto[151]. Na disciplina de Metodologia e Didática, como meio de avaliação, os cursistas precisavam ministrar aulas sobre determinados assuntos para os demais colegas. Essa foi a última turma, pois a partir da criação da UFMT não foi mais ofertado.

Portanto, essas formações pela Escola Normal[152], ICLC e Cades/Coes/Copes foram ofertadas até a implantação da Universidade Federal de Mato Grosso, sendo que a partir de então ela ficou responsável por essa categoria.

3. A Universidade Federal de Mato Grosso e a formação de professores de Matemática em Cuiabá

3.1. A Universidade

Em plena ditadura militar, no final da década de 1960 e início de 1970, a população cuiabana começou a sair às ruas para reivindicar uma Universidade Federal e o ICLC foi um motivador, pois havia mostrado à capital que a formação superior era possível. Em Cuiabá a população fez passeatas, noites de vigília na Praça Alencastro, visitas ao Palácio do Governo[153] tecendo conversas com o governador Pedro Pedrossian, e nessas reivindicações a Universidade Federal era pedida à Cuiabá[154].

A população mato-grossense ansiava por uma universidade, Mato Grosso era um dos únicos estados brasileiros a não ter uma universidade federal e acreditava-se que nela estaria a base para um futuro mais promissor. Retratos desses anseios/manifestações estão representados nas Figuras 27 e 28.

---

[150] Engenheiro civil e um dos fundadores da Faculdade de Engenharia Civil da UFMT de Cuiabá.
[151] Não conseguimos localizar mais informações acerca deste professor.
[152] A Escola Normal funcionou até a implantação da LDB 5.692 de 1971, quando foram extintas essas escolas e em seu lugar passou a ser ofertado o curso de Magistério, que também tinha por objetivo formar professores para a primeira fase do Primeiro Grau.
[153] À época, funcionava onde atualmente está instalada a prefeitura da capital.
[154] TAVARES, R. N. **Universidade Federal de Mato Grosso:** memórias de uma conquista. 2001. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá (MT), 2001.

Figura 27: Tocha acesa na Praça Alencastro em meio à manifestação pedindo pela Universidade.

Fonte: Tavares (2001).

Figura 28: A solicitação da Universidade é notícia.

O ESTADO DE MATO GROSSO
ORGÃO INDEPENDENTE A SERVIÇO DE MATO GROSSO
DIARIO MATUTINO
EDITORA CUIABÁ LTDA.
Fundado em 27 de Agôsto de 1939
REDATOR CHEFE: Pedro Rocha Jucá — ANO XXVIII — DOMINGO, 11 de JUNHO de 1967 — Nº 5.068

Agenda:
PAGINA 2: A Cidade Dia a Dia
Resenha Internacional
ULTIMA PAGINA: TELEX
Cinema
Letras
página dos Servidores

Cuiabanos nas Ruas Exigem Universidade

Fonte: Arquivo público de Mato Grosso.

A UFMT era esperada e solicitada, pois se acreditava que representaria ao estado "o rompimento do determinismo geográfico, do isolamento a que está relegado"[155], e o aumento do número de profissionais técnicos e com nível superior possibilitaria ultrapassar o subdesenvolvimento de então.

Naquele período, segundo nossos depoentes, a rivalidade entre Cuiabá e Campo Grande, que já vinha de longa data (desde a década de 1930 já se sentiam anseios visando à divisão) se acentuou ainda mais, pois ambas almejavam a Universidade Federal, isso porque a primeira cidade era a capital política do estado e a segunda, a capital comercial. Campo Grande já dispunha da Faculdade Dom Bosco, bem como já estavam na ativa alguns cursos superiores em cidades que, após a divisão do estado, passaram a compor Mato Grosso do Sul,

[155] REINERS, J. J. **Universidade Federal para Mato Grosso.** Cuiabá: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mato Grosso, 1967. p.1.

entre eles o curso de Matemática do Centro Pedagógico de Três Lagoas, curso este que o professor Carlos (Narrativa 4) começou a cursar em 21 de fevereiro de 1972. Já Cuiabá, possuía a Faculdade de Direito[156] e o ICLC que estava em seus primeiros anos de funcionamento.

Muitos políticos apoiaram essa iniciativa para Cuiabá, sendo assim, a pressão exercida sobre o governador foi intensa. Como resposta, instalou-se na capital a Universidade Federal, no entanto, como meio de compensar Campo Grande criou-se naquele município a Universidade Estadual de Mato Grosso, a qual após a divisão territorial foi encampada pelo governo federal tornando-se a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. À época, como nos conta a professora Heliete (Narrativa 7), era melhor ser funcionário federal, pois o estado era muito grande e precário, logo o governo encontrava dificuldades em mantê-lo, incluindo nisso a Universidade Estadual que havia sido instalada.

A professora Heliete (Narrativa 7) nos conta ainda que para lecionar na Universidade Estadual eram realizados concursos, o que não ocorria para a Federal, na qual os docentes eram contratados. Com relação ao salário dos professores da UFMT, nas narrativas dos professores podemos perceber certas disparidades. Alguns comentam que o salário era bastante significativo, já outros que não era o motivador para permanecer no cargo. Para isso podemos aventar alguns questionamentos, entre eles: O salário era o mesmo para todos os docentes? O que é significativo para um o é para o outro também? No entanto, são apenas possibilidades, pois não temos informações suficientes para tecermos considerações mais concretas.

Portanto, como resposta às manifestações populares e também políticas, instalou-se a Fundação Universidade Federal de Mato Grosso (FUFMT), sendo empossado pelo então Ministro da Educação Jarbas Passarinho, seu primeiro reitor: Gabriel Novis Neves, que contou com a ajuda do vice-reitor na área acadêmica, Benedito Pedro Dorileo, o qual ficou responsável por toda a estrutura legal da Universidade. Na área administrativa estava Attílio Ourives e como primeiro coordenador do Centro de Ciências e Tecnologia, Ivo Cuiabano Scaff.

A UFMT iniciou seus trabalhos como uma Fundação, e, assim sendo, dispunha de "maior autonomia, flexibilidade, para promover acordos, convênios – e como tal não pode viver tão somente às custas [sic] [à custa] do saco monetário do orçamento da União"[157], foi

[156] A Faculdade de Direito funcionava em prédio próprio no centro de Cuiabá, aos fundos de onde hoje funciona o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT).
[157] DORILEO, B. P. **Universidade o fazejamento.** Cuiabá: UFMT, 1977. p. 95.

necessária a geração de recursos financeiros próprios, e desse modo, especialmente em seu primeiro ano de funcionamento, ela contou com recursos externos, em sua maior parte vindos do governo do estado.

Em nível nacional, segundo o professor Vinícius (Narrativa 9), nessa época, também estavam ocorrendo manifestações em prol de mais vagas para as universidades. Assim, quando a FUFMT foi instalada, ainda no governo de Pedro Pedrossian, foram fundadas em todo o país diversas fundações universidades, pois se passou a perceber que apenas as universidades existentes não estavam conseguindo atender a demanda. Desse modo, além de atender as reivindicações cuiabanas, a FUFMT ajuda a atenuar a situação de vagas nacionais.

A Universidade Federal de Mato Grosso foi criada em 10 de dezembro de 1970 por meio da Lei número 5.647[158], incorporando para isso o Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá e a Faculdade de Direito[159], juntamente com seus cursos. Como diretor da Faculdade de Direito havia o professor Alcedino Pedroso da Silva, enquanto que na diretoria executiva e presidência do conselho administrativo do ICLC estavam, respectivamente, Attílio Ourives e Benedito Pedro Dorileo. A transição entre essas instituições e instalação da Universidade ocorreu tranquilamente, correndo de acordo com os trâmites legais (Figura 29). Falando destas duas instituições, ICLC e Faculdade de Direito, cabe destacar que não foram apenas agrupadas formando a Universidade, e sim precisaram ser remodeladas de modo a tornarem-se mais homogêneas.

Figura 29: Registro da UFMT no cartório em 1971.

Fonte: Dorileo (1977).

[158] UFMT – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Projeto didático pedagógico:** licenciatura plena em matemática. Cuiabá, 2000. Disponibilizado pelo professor Carlos Dornellas.

[159] Apesar de criada em dezembro de 1970, a Universidade Federal iniciou, de fato, seus trabalhos em 1972, assim sendo no ano de 1971, até 30 de dezembro, embora já em espaço físico destinado a Universidade Federal, ainda estavam em atividade o Instituto e a Faculdade de Direito.

Com a criação da UFMT ampliaram-se as possibilidades disponíveis em nível superior, pois se expandiu o número de cursos ofertados, embora ela tenha se tornado a única instituição de nível superior do território que atualmente corresponde ao estado de Mato Grosso. Nessa fase inicial vigorava na Universidade três situações com relação ao sistema acadêmico: "seriado anual (Faculdade de Direito), seriado semestral (I.C.L.C.) e a matrícula por disciplina e sistema de crédito, que se implantavam com os alunos admitidos a partir de 1972"[160].

Com sua instalação, as instituições que a compuseram deixaram de ser comentadas, entrando em foco apenas a UFMT. Como contado pelo professor Aquiles (Narrativa 6), a Universidade chamava atenção e o pessoal da cidade ia visitá-la para ver como funcionava, quem eram os estudantes, como era o convívio ali dentro. Era tudo novidade nesta que era a primeira universidade a ser instalada no estado, sendo considerada por alguns como uma relíquia, um sonho cuiabano tornado realidade: "Os primeiros tempos lá foram como se estivesse descobrindo a América"[161].

A maioria dos professores do ICLC e da Faculdade de Direito passaram a compor o quadro docente da Universidade, sendo que todos aqueles que estavam atuando no dia em que entrou em vigor o Estatuto da UFMT, ou seja, 21 de outubro de 1971, foram considerados professores titulares fundadores[162], pois o ato de criação desta instituição garantia que professor fundador era professor titular. Assim sendo, existem professores titulares em todos os cursos que foram transpostos à Universidade, sendo eles: Direito, Economia, Engenharia, Pedagogia, Letras, Geografia, História Natural, Matemática, Serviço Social, Física, Química e Ciências Contábeis[163]. Esse nível de professor titular, atualmente só é atingido após um longo percurso de estudo e experiência, e que no caso do professor Claudio (Narrativa 2) foi adquirido no primeiro ano de docência em nível superior, mesmo tendo apenas graduação.

Como pudemos ver nos depoimentos por nós coletados, a UFMT foi recebida com bastante euforia, tanto pela população cuiabana quanto pelos profissionais que nela passaram a trabalhar. Embora faltasse experiência para boa parte de seus membros, a grande maioria mostrava vontade de vê-la progredir, por isso se buscou saber como estava sendo feito em outros lugares, como São Paulo e Belo Horizonte, visando se espelhar em suas instituições para moldar a Universidade nascente. No entanto, levou-se um tempo até que os cursos

---

[160] DORILEO, B. P. **Pensar para fazer.** Cuiabá: UFMT - Imprensa Universitária, 1984. p.29.
[161] Trecho retirado da textualização do professor Aquiles Leite do Nascimento (Narrativa 6), disponibilizada nesta dissertação.
[162] DORILEO, B. P. **Universidade o fazejamento.** Cuiabá: UFMT, 1977.
[163] DORILEO, B. P. **Universidade o fazejamento.** Cuiabá: UFMT, 1977.

adquirissem a "cara" da UFMT, pois as primeiras preocupações estavam mais voltadas à contratação de novos professores e com a construção de um espaço físico que atendesse as necessidades crescentes, nessa fase inicial foi necessário "arcar com todo o ônus das precaríssimas condições de recursos humano e material, acrescido ainda de desinformação da população universitária."[164]. Na Figura 30 tem-se a vista aérea da UFMT em 1970.

Figura 30: UFMT 1970: vista aérea.

Fonte: Siqueira; Dourado; Ribeiro (2011).

A falta de especialistas nas diversas áreas fazia com que todos precisassem ajudar nas diferentes frentes da Universidade, inclusive fazendo questões e organizando as provas para os vestibulares. Por exemplo, como membros da Comissão Examinadora para as provas de Matemática do concurso vestibular, para o primeiro semestre de 1972, estavam os professores Claudio Mellado, Luis Lotufo e Antônio Rodrigues da Silva, nenhum matemático, mas responsáveis por confeccionar o programa de disciplinas, elaborar, corrigir e avaliar as provas desse setor[165].

Devido aos poucos profissionais de áreas específicas disponíveis o professor Claudio (Narrativa 2), mesmo sendo licenciado em Física, foi o primeiro chefe do Departamento de Matemática da UFMT, assumindo em 1972. Ao mesmo tempo em que estava na chefia assumiu a direção do Centro de Tecnologias[166], em torno de 1973/1974, ao qual os departamentos de Matemática, Engenharias Civil, Elétrica e Sanitária, Física, Química, História Natural/Biologia/Geologia[167] estavam subordinados, e a presidência da Comissão Permanente do Concurso Vestibular (Copeve). Ao mesmo tempo em que o professor Claudio

[164] NASCIMENTO, M. J. do. **Ensino superior em Mato Grosso:** antecedentes históricos e a UFMT e a sua realidade. Cuiabá, 1984. p.78.
[165] UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso. **Relatório 1º período de 1972.** Cuiabá: UFMT, 1972b.
[166] O professor Ivo Cuiabano Scaff deixou a direção do Centro, a qual foi assumida pelo professor Claudio (Narrativa 2), após o convite feito pelo reitor Gabriel.
[167] Os cursos de Biologia e Geologia na Universidade foram criados a partir do curso de História Natural.

(Narrativa 2) assumiu o Departamento de Matemática, o professor João Vasconcellos Coelho assumiu a chefia do Departamento de Física.

O professor Claudio (Narrativa 2) permaneceu como chefe até 1974/1975, quando, devido à burocracia, percebeu que continuar nos três cargos estava se tornando complicado, por isso se manteve na coordenação do Centro, se afastando dos outros setores. Nesse tempo, como contado pelo professor Claudio (Narrativa 2), não havia eleição para esses cargos, não existia a procura por eles, eram frutos de indicações, ou melhor, os superiores buscavam as pessoas e tentavam convencê-las a os assumirem.

Nos primeiros tempos de UFMT, ela se resumia a um único bloco, localizado próximo à entrada da Universidade pela Avenida Fernando Côrrea da Costa. Vários setores administrativos funcionavam neste mesmo bloco, inclusive a biblioteca e o bloco de Tecnologia, criado um pouco mais tarde, atendendo as Engenharias, Matemática, Química e Física. Logo que foi instalada, a Universidade era cercada por fazendas e gado, como já mencionamos anteriormente, portanto, distante do centro da cidade, localizada em uma região ainda pouco povoada.

A UFMT iniciou seus trabalhos em duas áreas de conhecimento: Ciências Humanas, composta pelo Centro de Humanidades, do qual faziam parte os departamentos de Serviço Social, Direito, Letras, Ciências Contábeis, Educação, Geografia e Economia; e Ciências Tecnológicas, com o Centro de Tecnologia, que aglutinava os departamentos de Química, História Natural, Física, Matemática e Engenharia Civil[168].

Posteriormente, a intenção era uma subdivisão destes Centros, permanecendo o de Humanidades, com Letras e Educação; formando-se o de Ciências Sociais, com Geografia, Economia, Serviço Social, Direito, História e Ciências Sociais; e o de Ciências Exatas e de Tecnologia, abrangendo Matemática, Física, Engenharia Civil e Química; a intenção era criar também o Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, no qual História Natural estaria inserida. No entanto, enquanto este não fosse criado o referido curso faria parte do Departamento de Ciências Exatas e Tecnologia[169].

A estrutura física tinha uma arquitetura diferenciada (Figura 31), que quase não existe mais atualmente. O funcionamento neste prédio único não perdurou por muito tempo, pois com a criação da UFMT o espaço se tornou um grande canteiro de obras. Tudo acontecia de

---

[168] SIQUEIRA, E. M.; DOURADO, N. S.; RIBEIRO, R. S. (Orgs.). **Universidade Federal de Mato Grosso:** 40 anos de História (1970-2010). Dados Eletrônicos. Cuiabá: EdUFMT, 2011. CD-ROM./ DORILEO, B. P. **Universidade o fazejamento.** Cuiabá: UFMT, 1977.

[169] SIQUEIRA, E. M.; DOURADO, N. S.; RIBEIRO, R. S. (Orgs.). **Universidade Federal de Mato Grosso:** 40 anos de História (1970-2010). Dados Eletrônicos. Cuiabá: EdUFMT, 2011. CD-ROM./ DORILEO, B. P. **Universidade o fazejamento.** Cuiabá: UFMT, 1977.

modo acelerado, visando colocar em funcionamento a Universidade. O Departamento de Matemática, por exemplo, deixou esse prédio após 11 de julho de 1972, se instalando nas novas dependências do bloco de Tecnologia[170]. Na Figura 32 é apresentada uma imagem da inauguração deste bloco em 1975, contando com a presença do reitor Gabriel Novis Neves, do Ministro da Educação Ney Braga e do governador do estado José Garcia Neto.

Figura 31: Primeiros prédios da Universidade.

Fonte: Siqueira; Dourado; Ribeiro (2011, p.25).

Figura 32: Inauguração do bloco de Tecnologias da UFMT em 1975.

Fonte: Dorileo (1977).

[170] DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA – UFMT. **Relatório de atividades**: maio/junho/primeira quinzena de julho. Cuiabá, 1972. Disponibilizado pelo Departamento de Matemática.

A primeira colação de grau unificada, após a criação da UFMT, ocorreu em janeiro de 1971, no espaço aberto do parque aquático da Universidade, participando dela diferentes cursos (Figura 33).

Figura 33: Primeira colação de grau unificada da UFMT, participação do governador Pedro Pedrossian.

Fonte: Dorileo (1977).

Em 1973, visando se fazer presente também na selva amazônica, passa a denominar-se Universidade da Selva ou Uniselva. Um de seus principais projetos objetivando esse intento foi o da Cidade Laboratório de Humboldt, em Aripuanã, hoje em ruínas. Esse projeto permitiu a aquisição de importantes conhecimentos acerca da Floresta Amazônica e foi uma possibilidade interessante para cursos como História Natural e Economia[171]. Seu encerramento ocasionou um entrave no avanço dos conhecimentos científicos da Amazônia Legal[172].

Mesmo nessa fase inicial da Universidade, algumas necessidades se sobressaíam, como a construção do restaurante universitário. Foi feita, então, uma solicitação por meio de carta entregue pessoalmente ao ministro Ney Braga, quando estava inaugurando uma das obras da UFMT. Como resultado, na primeira metade da década de 1980, o restaurante já estava em plena atuação, funcionando inclusive aos domingos[173].

Além disso, sentia-se, segundo nossos colaboradores, a necessidade de um Diretório Central de Estudantes (DCE), mas como era algo mais político levou um tempo até

[171] Informações disponíveis na textualização do professor Carlos (Narrativa 4).
[172] A Amazônia Legal abrange nove estados brasileiros pertencentes à Bacia Amazônica e que dispõem de vegetações amazônicas: Acre, Amazonas, Roraima, Rondônia, Mato Grosso, Maranhão, Tocantins, Amapá e Pará. Amazônia Legal é o conceito instituído para atender regiões que possuem problemas sociais, políticos e econômicos similares, de modo a melhor planejar seus desenvolvimentos econômicos e sociais.
[173] Informações fornecidas pelos professores Carlos (Narrativa 4) e Sérgio (Narrativa 8).

concretizar-se. O primeiro movimento dos estudantes no interior da Universidade foi a criação do Clube Atlético Universitário (CAU), uma maneira encontrada na tentativa de suprir essa lacuna política deixada pela falta do DCE, pois para atender apenas ao esporte já existia a Federação Mato-grossense de Esportes Universitários (Femeu). No entanto, a primeira organização mais próxima ao DCE criada na UFMT foi o Centro Mato-grossense de Estudos de Geologia (Cematege), que foi o primeiro Diretório Acadêmico de Curso criado como um centro de estudos fora da Universidade.

Em 1974, as construções estavam em franco andamento, com muitas máquinas trabalhando, sendo estruturado o parque aquático, os Blocos A, B e C e o Centro de Tecnologias[174] (Figuras 34, 35 e 36). Sendo que até os anos 1980 a Universidade estava entre os maiores orçamentos do estado.

Figura 34: Obras na Universidade em sua fase inicial.

Fonte: Dorileo (1977).

[174] Atual Instituto de Ciências Exatas e da Terra (ICET). Tratava-se de um Centro politicamente ativo, com grande número de docentes.

Figura 35: Construção do bloco de Tecnologias.

Fonte: Siqueira; Dourado; Ribeiro (2011).

Figura 36: Construção do ginásio esportivo.

Fonte: Siqueira; Dourado; Ribeiro (2011).

Conforme o professor Sérgio (Narrativa 8), em torno do início da década de 1980 existiam apenas dois computadores no estado: um no Centro de Processamento de Dados do Estado de Mato Grosso (Cepromat) e outro no interior da Universidade, que foi o primeiro do estado. Por conta disso, à época, as folhas de pagamento de Mato Grosso eram feitas na UFMT.

Já com relação à formação, mesmo em seu início, a Universidade propiciou aos que possuíam alguma, complementá-la, como foi o caso da professora Elisete (Narrativa 5), que havia cursado a Licenciatura Curta em Matemática oferecida pelo Cecine/UFPE por meio do Premem. Ao regressar à Cuiabá, em 1972, a professora pediu aproveitamento das disciplinas

já cursadas e complementou seu curso[175], recebendo diploma de Licenciatura Plena pela UFMT[176], juntamente com os primeiros formandos desta instituição.

Inicialmente, os cursos da Universidade funcionaram em dois Ciclos: um Básico[177] e outro Específico. Ao ingressar na instituição o estudante precisava cursar as disciplinas comuns junto com diferentes cursos. A área de Ciências e Tecnologias, por exemplo, cursava as disciplinas comuns com os alunos da Engenharia, Física e Matemática. Após isso os estudantes poderiam dar continuidade ao curso estudando os conhecimentos específicos da área que haviam escolhido. Entre as disciplinas comuns, na área das exatas, havia Introdução à Matemática I e II, que eram ofertadas antes de Cálculo I[178].

No Ciclo Básico lecionavam muitos professores de diferentes áreas[179]. Na Matemática, Claudio (Narrativa 2) e Nilda (Narrativa 3); em Português, Isabel Campos; e em Sociologia, Serys Slhessarenko. O coordenador deste Ciclo era o professor Jurandir Melado[180].

Como nessa fase inicial eram poucos os professores e vários cursos reunidos no período das disciplinas em comum, as turmas, por vezes, se tornavam bastante numerosas, como uma em que o professor Claudio (Narrativa 2) lecionou em que havia em torno de 150 cursistas. Após essa fase inicial, as disciplinas foram se reestruturando, atendendo a turmas bem menores.

Nos primeiros tempos a Universidade oferecia disciplinas, também, em um horário intermediário, das 5 às 7 horas da noite, visando atender a um público mais amplo. Uma mesma disciplina era oferecida em diferentes horários e podia ser cursada junto a outros cursos, permitindo, assim, ao aluno que escolhesse os horários que melhor lhe coubessem[181].

---

[175] Na UFMT cursou as seguintes disciplinas: 1972/2: Iniciação à Metodologia Científica I, Introdução à Física I e Desenho Geométrico; 1973/1: Iniciação à Metodologia Científica II, Introdução à Física II, Geometria Descritiva I, Cálculo I, Geometria Analítica I; 1973/2: Física Geral e Experimental I, Cálculo Vetorial I, Álgebra I, Geometria Analítica II; 1974/1: Física Geral e Experimental II, Cálculo II, Cálculo Vetorial II, Cálculo Numérico e Gráfico, Álgebra II, História da Ciência; 1974/2: Cálculo III, Álgebra Linear I, Estatística Geral I, Psicologia da Educação VI; 1975/1: Cálculo Numérico e Gráfico, Geometria Descritiva II, Cálculo IV, Didática IV, Prática de Ensino de Matemática, Estudo de Problemas Brasileiros II. Essas informações foram retiradas do histórico escolar da professora Elisete (Narrativa 5), disponível em sua textualização apresentada nesta dissertação.

[176] Uma foto deste diploma, cedida pela professora Elisete (Narrativa 5), consta em sua textualização, disponível nesta dissertação.

[177] Também conhecido como Primeiro Ciclo, tinha por objetivo recuperar insuficiências na formação dos cursistas, que pudessem ser sanadas em um curto espaço de tempo. Além disso, visava uma orientação quanto à carreira a ser seguida, integrando-os à vida universitária. Era pré-requisito ao Ciclo Profissional, com duração mínima de dois e máxima de quatro períodos. Compunham esse Ciclo disciplinas comuns de área, de setor e as optativas (UFMT, 1973).

[178] Informações cedidas por nossos colaboradores.

[179] Dentre os professores do Departamento de Matemática que atuavam nesse ciclo no início de 1972 estavam: Antonio Rizo Corrêa Galvão, Nilson Caminha Azevedo, Aluízio Corrêa de Morais, Guilherme Júlio Müller e Edmundo Dias Molina (UFMT, 1972a).

[180] Informações fornecidas por nossos depoentes.

[181] Textualização professora Nilda (Narrativa 3).

Outro ponto de atuação na formação docente, realizado pela UFMT, era com relação ao curso de Pedagogia, que apresentava duas formas de ingresso: uma pelo vestibular e outra pelo que chamavam de Convênio, que atendia aos professores da rede pública sem formação. O objetivo desse convênio era promover aos docentes da educação básica maior acesso à instrução, independente se já atuavam ou se apenas pretendiam fazê-lo. A Universidade também promovia a formação de professores em outros locais, como os cursos ofertados em Cáceres e Rondonópolis. Isso proporcionou aos estudantes a possibilidade de saírem de suas cidades para Cuiabá somente quando fossem complementar a formação[182].

Em julho de 1975 havia 11 cursos legitimados, entre eles Matemática, e um ainda em processo. No período acima referido, além dos 12 cursos anteriormente existentes, já estavam em funcionamento outros cinco. Com relação aos Estágios, como eram muitos alunos nessa fase, nas diferentes licenciaturas oferecidas pela UFMT, o professor Edward Bertholine de Castro os levava para estagiarem em diferentes cidades do estado, entre elas: Paranaíta, Campo Novo dos Parecis e Ribeirão Cascalheira. Esse movimento permitia aos alunos que conhecessem um pouco mais de Mato Grosso, os incentivava à docência, aumentando o interesse em cursar as licenciaturas, e levava-os a refletir sobre a educação em realidades muito diferentes[183].

Nos anos iniciais a dificuldade em se conseguir professores para atuar na Universidade Federal, e anteriormente no ICLC, era intensa. Em torno dos cinco primeiros anos existiam dois níveis de professores na Universidade, o começo e o final da carreira, ou seja, os auxiliares de ensino e os titulares. A fim de conseguir docentes para a instituição, os diretores de centro, como o professor Claudio Mellado (Narrativa 2) que era o coordenador do Centro de Tecnologias, tinham como importante função contratá-los. Para isso necessitavam sair de Cuiabá e buscar centros maiores.

No caso do professor Claudio (Narrativa 2), ele constantemente saía em busca de professores em encontros realizados na Universidade de São Paulo (USP), por exemplo, nas reuniões da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). A busca primeiramente por esse centro se dava pelo fato de que nos encontros lá realizados sempre se reuniam muitos professores. Além disso, a relação entre Cuiabá e São Paulo era bastante forte, principalmente devido aos voos que decolavam da capital mato-grossense e pousavam na paulista, portanto, buscar professores em outras cidades acabava por se tornar mais trabalhoso. A opção pela USP se dava por ser a maior universidade do país, logo, possibilitava contatos. No entanto, os

[182] Informações cedidas pelos professores Claudio (Narrativa 2) e Heliete (Narrativa 7).
[183] Textualização professor Vinícius (Narrativa 9).

professores contratados desse modo eram docentes participantes dos cursos oferecidos na universidade e não os que nela atuavam[184].

Após se inscrever como participante desses cursos, o professor Claudio (Narrativa 2) visitava diversos setores que se mostravam carentes de docentes na UFMT. Participava de grupos de formação específica e apresentava a necessidade da Universidade, depois se colocava a disposição em determinado local para atender a quem se mostrasse interessado na ideia de ir trabalhar em Mato Grosso.

O professor Sérgio Scala, da Física, foi contratado desta maneira. Como requisito para a contratação exigia-se apenas a graduação na área, atendendo a isso a pessoa era contratada como auxiliar de ensino, sem a necessidade de realização de concurso[185], por tempo integral e com dedicação exclusiva, portanto, não se exigia especialização, mestrado ou doutorado[186]. Para Gabriel Novis Neves, primeiro reitor da Universidade, nesse período "a titulação ficou em segundo plano, o que importava era colocar pessoas sábias nas respectivas áreas de conhecimento"[187].

Como meio de tentar convencer aqueles que ainda ofereciam certa resistência, o professor Claudio (Narrativa 2) apresentava algumas fotografias de lugares turísticos em Cuiabá, como a Igreja Matriz e a praça, além delas destacava a beleza de cidades vizinhas como Santo Antônio do Leverger e Chapada dos Guimarães.

Deste modo, para o Centro de Tecnologias, foram contratados professores para os cursos de Matemática, Química e Física, em Belo Horizonte, São Carlos e na USP. Por cerca de dois anos esse movimento foi bastante intenso, até que os que haviam migrado começaram a contatar conhecidos e convidá-los a lecionar na Universidade. Assim, passado esse tempo, a UFMT começou a receber telefonemas de interessados na área docente, tornando a contratação um movimento mais fácil do que no princípio[188].

Havia também a necessidade de reconhecimento dos cursos, por isso se intensificava a busca pela contratação de professores. No caso da Engenharia Civil, quando a turma estava cursando o último semestre, um conselho do Ministério da Educação foi à Universidade realizar as análises e constatou a falta de um mestre em estradas para que o curso pudesse ser

---

[184] Informações fornecidas pelo professor Claudio (Narrativa 2).

[185] Os primeiros concursos foram realizados na Universidade na década de 1980, até então os professores eram apenas contratados por seus currículos, os contratos eram renovados periodicamente. O professor Sérgio (Narrativa 8), por exemplo, se concursou em Educação Matemática em 1989 e foi um dos primeiros a ser lotado nessa área.

[186] Informações disponíveis na textualização do professor Claudio (Narrativa 2).

[187] SIQUEIRA, E. M.; DOURADO, N. S.; RIBEIRO, R. S. (Orgs.). **Universidade Federal de Mato Grosso:** 40 anos de História (1970-2010). Dados Eletrônicos. Cuiabá: EdUFMT, 2011. CD-ROM. p.17.

[188] Textualização professor Claudio (Narrativa 2).

reconhecido. Consegui-lo no início da década de 1970 não foi fácil, tanto que foram necessárias muitas negociações e acordos para que o professor contratado para essa função pudesse fornecer seu currículo e assim reconhecer-se o curso[189].

As negociações para as contratações docentes eram constantes, sendo, por vezes, até caracterizadas por trocas de benefícios, como quando a professora Nilda (Narrativa 3) demonstrou interesse em participar da primeira especialização em Matemática ofertada pela UFMT e em troca recebeu o "convite" para nela lecionar.

A professora Nilda (Narrativa 3) nos conta que nesse período, para progredir-se na carreira eram realizados concursos internos. Para tal sorteavam-se os temas e os candidatos ministravam uma aula a uma banca que a avaliava e atestava, ou não, a possibilidade de ascensão na carreira.

Pontos positivos são elencados por nossos colaboradores em relação ao trabalho desenvolvido na instituição, dentre os quais está o bom relacionamento entre funcionários, direção e professores. Também, as oportunidades de crescimento profissional por meio de cursos de especialização, mestrado e doutorado e oportunidades de conhecer diferentes locais, por meio da atuação da Universidade em outras regiões. No entanto, relembram também o cansaço de ter que atuar em diversas "pontas" ao mesmo tempo, principalmente nos primeiros tempos de UFMT.

Nas décadas de 1970/1980 eram poucos os que saíam para cursar uma pós-graduação. Com relação ao Centro de Tecnologia, dos pedidos que chegavam, a maioria era destinado a São Paulo, na USP, ou ao Rio Grande do Norte, existindo casos, também, de pedidos para estudos a serem realizados fora do Brasil, tendo como destino, por exemplo, a França. Os professores que se ausentavam para essa complementação da formação recebiam uma bolsa de estudos no período em que estavam fora. Para receberem a licença, primeiramente, o pedido passava por uma comissão que, caso a aprovasse, encaminhava a autorização para ser assinada pelo coordenador do Centro. Para que um professor pudesse ir, outros se articulavam no interior da Universidade e assumiam suas turmas[190]. Cabe destacar que nesse período, em torno de 1977, a UFMT havia aumentado seus incentivos para que os docentes buscassem complementação de suas formações em nível de mestrado e doutorado por meio do afastamento e maior disponibilização de bolsas de estudo[191], o que ocorreu principalmente

[189] Textualização professor Claudio (Narrativa 2).
[190] Informações cedidas por nossos colaboradores.
[191] ARRUDA, M. L. de M. **Caracterização histórica da U.F.M.T.** Cuiabá: EdUFMT, 1985.

com a implantação do regulamento do pessoal docente da UFMT, que passou a vigorar a partir de julho de 1976[192].

Porém, nem todos os que saíam para cursar o mestrado retornavam mestres, alguns não conseguiam atingir os objetivos. Já os que obtinham resultados satisfatórios retornavam com novo ânimo para as pesquisas, passando a cobrar isso da Universidade, que lentamente começou a incentivá-las. Nesse período, a extensão também ganhou seu espaço[193]. Outro movimento na Universidade foi a implantação do regime de Dedicação Exclusiva, permitindo aos docentes mais tempo para se dedicarem à pesquisa e extensão, que juntamente com o ensino formam os três pilares da UFMT[194].

Em decorrência destes novos ares, se instalou na Universidade o Programa de Pós-Graduação em Educação, o primeiro da UFMT, em 1988, tendo como seu primeiro coordenador Nicanor Palhares Sá[195], e todos que possuíam doutorado foram convidados a dele participarem.

Os departamentos, de modo especial os que possuíam relação com as licenciaturas, procuraram apoiar o mestrado em Educação, para que pudesse ser implantado. Como eram poucos os doutores na Universidade, solicitou-se ajuda aos departamentos para que cedessem doutores disponíveis e, também, trouxessem de fora outros que pudessem contribuir[196]. Nesse processo de fortalecimento da Pós-Graduação um nome de grande importância, segundo nossos depoentes, foi o de Michael Otte[197], que passou a compor o programa por intermédio do Departamento de Matemática.

Na época da intermediação, o chefe do Departamento era o professor Carlos (Narrativa 4) que, por meio do professor João Afonso Silva, conseguiu o contato do professor Michael Otte. O professor Carlos (Narrativa 4) e ele trocaram alguns faxes e preencheram os formulários encaminhados pelo Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD). A documentação foi organizada em 1992 e em 1993 o professor Michael Otte foi para Cuiabá. Após conversar com o pessoal do Grupo de Ensino e Pesquisa em Educação Matemática

---

[192] DORILEO, B. P. **Universidade o fazejamento.** Cuiabá: UFMT, 1977.
[193] Temos como fonte para essas informações os depoimentos por nós coletados.
[194] No entanto, ainda hoje prevalece um maior incentivo ao ensino, sendo seguido da extensão, precisando ainda ampliar-se o estímulo às pesquisas.
[195] UFMT – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Programa de pós-graduação em Educação:** histórico. Cuiabá, 2014. Disponível em: <http://www.ufmt.br/ufmt/unidade/index.php/secao/siteAlt/3953/3946/PPGE>. Acesso em: 15 ago. 2014.
[196] Informações cedidas pelo professor Carlos (Narrativa 4).
[197] À época, diretor do Instituto de Didática da Matemática de Bielefeld, na Alemanha. Apesar de ser da Didática da Matemática possui formação em Matemática Pura. Fundou o primeiro Instituto de Didática da Matemática do mundo, na Universidade de Bielefeld, na Alemanha, da qual foi presidente por trinta anos. Considerado um dos cinco papas em Didática da Matemática possui produção elevada.

(Gepemat) e do Departamento de Educação, decidiu participar da Pós-Graduação em Educação da UFMT[198].

Por meio do professor Carlos (Narrativa 4), foi pedido para o Michael Otte o título de professor Honoris Causa. Suas primeiras orientandas em Cuiabá, 1993, foram as professoras Elisete de Miranda (Narrativa 5) e Heliete Martins Castilho Moreno (Narrativa 7), a primeira defendeu sua dissertação em 1996, já a professora Heliete (Narrativa 7), por motivos particulares, não concluiu esse mestrado; retomando seus estudos mais recentemente defendeu sua dissertação em 2014.

Dentre os que orientou no doutorado na UFMT, que contabilizam um número considerável, estão no Departamento de Matemática ainda hoje: Sérgio Antônio Wielewski (Narrativa 8), Gladys Denise Wielewski, Luzia Palaro, Alexandre Silva Abido e Demilson Benedito do Nascimento.

O Programa de Pós-Graduação passou por alguns obstáculos até se fixar solidamente, como está nos dias de hoje, um deles foi quando começou a ofertar o doutorado na linha de Educação em Ciências e Matemática e o curso não passou na avaliação do Ministério da Educação e Cultura (MEC), não sendo autorizado. Devido a isso os doutorandos que haviam começado o curso teriam o direito de concluí-lo, no entanto, seriam considerados doutores apenas para a UFMT, não podendo participar como orientadores, posteriormente, em Programas de Pós-Graduação. Nessa época o Michel Otte assinou contrato com a Pontifícia Universidade Católica da capital paulista e com ele levou seus orientandos de doutorado, que assim puderam o concluir com êxito[199].

Outro professor que também auxiliou no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT foi José Antônio Elias Damasceno, com formação em Matemática Aplicada e que se tornou professor permanente deste Programa. Também fornecendo respaldo à Pós-Graduação é criada, em 1992, a Editora da UFMT (EdUFMT), permitindo maior divulgação das pesquisas desenvolvidas.

A linha de pesquisa em Educação em Ciências e Matemática[200] do Programa de Pós-graduação em Educação da UFMT foi proposta em 1992, dentre os proponentes estavam os professores José Antonio Elias Damasceno, Elisete de Miranda (Narrativa 5), Carlos Antônio Dornellas (Narrativa 4), Heliete Martins Castilho Moreno (Narrativa 7), João Afonso Silva, Sérgio Antônio Wielewski (Narrativa 8) e Maria do Carmo Vila, esta última era assessora da

[198] Essas informações tem por fonte a entrevista do professor Carlos (Narrativa 4).
[199] Informações disponíveis na textualização do professor Sérgio (Narrativa 8).
[200] Vale destacar que inicialmente ela foi proposta como Educação Matemática e não como Educação em Ciências e Matemática, terminologia posteriormente assumida.

UFMG[201]. Essa proposta era constituída de disciplinas obrigatórias e complementares, de atividades supervisionadas, seminários de pesquisa e elaboração da dissertação/tese[202].

Dentre os objetivos propostos para essa linha de pesquisa estavam: "Preparar docentes, pesquisadores e especialistas na área de Educação Matemática capazes de atuarem na escola pública em suas diversas dimensões, a partir de uma visão totalizadora, mediada pelas especificidades da Região." de modo a "Propiciar condições para o repensar contínuo da escola pública, visando aprofundar e sistematizar conhecimentos alternativos à prática vigente da Educação Matemática." e "Socializar a produção científica na área da Educação Matemática através de formas diversificadas de participação e/ou divulgação nos diferentes níveis do sistema de ensino ou de educação."[203].

Com relação a essa linha de pesquisa, faz-se interessante destacar que ao propô-la havia apenas um doutor associado, professor Michael Otte, além dele se cadastraram José Antônio Elias Damasceno (na época doutorando em Didática na Universite Laval em Quebec no Canadá), Maria do Carmo Vila (no período doutoranda em Didática da Matemática também na Universite Laval) e Eliana Scheid Gazire (mestre em Educação Matemática pela Unesp de Rio Claro)[204].

E falando em Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática nos remetemos também ao curso de Matemática.

3.2. O curso de Matemática

O Departamento de Matemática instalou-se na UFMT em 1972[205], sendo composto por 28 professores[206], pertencente ao Centro de Ciências Exatas e Tecnologia. Os diretores dos Centros, nos anos iniciais da Universidade, possuíam diversas funções, como a de conseguir professores para os departamentos que o compunham, o que já comentamos anteriormente. Além dessa atividade importante, precisavam organizar cursos de

---

[201] Foi nos alertado no momento de defesa a respeito também da participação ativa nessa linha da professora Marta Maria Pontin Darsie.

[202] UFMT – Departamento de Matemática. **Proposta de implantação da pós-graduação em educação** – linha de pesquisa: Educação Matemática. Cuiabá, 1992. Disponibilizado pelo Gepemat.

[203] UFMT – Departamento de Matemática. **Proposta de implantação da pós-graduação em educação** – linha de pesquisa: Educação Matemática. Cuiabá, 1992. Disponibilizado pelo Gepemat. p.12.

[204] UFMT – Departamento de Matemática. **Proposta de implantação da pós-graduação em educação** – linha de pesquisa: Educação Matemática. Cuiabá, 1992. Disponibilizado pelo Gepemat.

[205] Aqui se faz interessante comentar que a segunda turma de licenciatura em Matemática de Cuiabá iniciou o curso nesse ano, sendo que antes deles apenas a do ICLC, que colou grau em 1969, havia se consolidado.

[206] WIELEWSKI, G. D.; PALARO, L. A.; WIELEWSKI, S. A. Cuiabá na década de 80: vestígios da matemática moderna nas quatro primeiras séries do 1º grau. **Diálogo Educacional,** Curitiba, v.8, n.25. p. 675-688, set./dez. 2008.

aperfeiçoamento para os professores desses centros. Assim, o professor Claudio Mellado (Narrativa 2) providenciou o primeiro curso de especialização em Matemática[207] ofertado no Centro de Ciências Exatas e Tecnologia da UFMT[208]. Desde os primeiros tempos, a UFMT preocupava-se com o aperfeiçoamento da formação de seus docentes, assim sendo, inicialmente, como forma de suprir essa necessidade a própria Universidade oferecia cursos de especialização, dos quais os docentes eram professores de outras instituições de ensino superior[209].

No caso dessa especialização em Matemática ela foi ministrada pelos professores: Osvaldo Sangiorgi, Irineu Bicudo, Luiz Henrique Jacy Monteiro, Renate Watanabe e Paulo Boulos, componentes do Grupo de Estudos de Ensino de Matemática (Geem)[210], de São Paulo, que trabalhavam, predominantemente, na Universidade Mackenzie na capital paulista. Para contratá-los o professor Claudio (Narrativa 2) entrou em contato com o Osvaldo Sangiorgi[211], que ficou encarregado de contatar os demais.

Os conteúdos trabalhados foram: Teoria dos Conjuntos, Estruturas Algébricas, Lógica Matemática, Cálculo e Álgebra Linear[212]. Dele participaram professores do Departamento de Matemática, além do seu chefe, professor Claudio (Narrativa 2). O curso foi ministrado de 25 de maio de 1973 a 15 de dezembro do mesmo ano, totalizando 486 horas. Ocorria nos finais de semana, ou seja, na sexta-feira, no sábado e no domingo.

Por meio deste curso, visou-se fornecer especialização aos docentes da Matemática, que em sua maioria não possuíam graduação na área[213], objetivando possibilitar o reconhecimento do curso pelo antigo Conselho Federal de Educação, o qual exigia professores com, no mínimo, especialização, principalmente por não serem da área em que

---

[207] Uma cópia de seu diploma foi disponibilizada pelo professor Claudio (Narrativa 2) e consta no corpo de sua textualização, nessa dissertação.

[208] Tal curso foi mencionado anteriormente, quando destacamos que a professora Nilda (Narrativa 3) dele participou.

[209] DORILEO, B. P. **Ensino Superior em Mato Grosso:** até a implantação da UFMT. Campinas: Komedi, 2005.

[210] Cabe destacar a estrita relação deste grupo com a divulgação do Movimento da Matemática Moderna, assim sendo, supomos, também devido ao período, que essa especialização tenha sofrido influência desse movimento, que "pretendia aproximar a Matemática trabalhada na escola básica com a Matemática produzida pelos pesquisadores da área" (WIELEWSKI, 2008, p.1).

[211] Depois de ter trabalhado nessa primeira especialização, o professor Osvaldo Sangiorgi foi também patrono da primeira turma de Matemática da UFMT.

[212] Informação retirada do certificado de conclusão do curso, cedido pelo professor Claudio Mellado (Narrativa 2).

[213] WIELEWSKI, G. D.; PALARO, L. A.; WIELEWSKI, S. A. Cuiabá na década de 80: vestígios da matemática moderna nas quatro primeiras séries do 1º grau. **Diálogo Educacional,** Curitiba, v.8, n.25. p. 675-688, set./dez. 2008.

atuavam. Essa especialização permitiu uma grande valorização dos currículos dos professores que a cursaram, auxiliando posteriormente no reconhecimento de outros cursos[214].

Com relação ao reconhecimento da Licenciatura em Matemática, o curso do ICLC foi reconhecido juntamente com o primeiro da UFMT, iniciado em 1972. O reconhecimento se deu em 1974[215], quando o quadro docente já era composto por especialistas. Nesse período, além da Matemática, foi reconhecido também o curso de História Natural. É interessante destacar que dois dos três que se formaram no ICLC cursaram essa especialização, Nilda (Narrativa 3) e Luiz Gonzaga, no entanto, eles ainda não haviam recebido seus diplomas, mesmo já atuando como docentes na Universidade.

Além dessa especialização, foram ofertadas outras. Uma delas foi oferecida no Departamento de Educação, em 1975, de 360 horas, intitulada Metodologia no Ensino Superior, e outra no primeiro semestre de 1976, voltada a Matemática, ministrada por Timothy Costigan[216]. Todas essas especializações tinham como foco a capacitação do corpo docente dos cursos ofertados pela UFMT[217].

Em determinados momentos, os cursos da Universidade sofreram com a pequena procura nos vestibulares, isso também ocorreu com a Matemática, o que acabava dificultando seus funcionamentos. A pouca procura, principalmente, pela Licenciatura, segundo nossos colaboradores, poderia ser atribuída, mesmo nas décadas de 1970 e 1980, aos baixos salários pagos aos docentes da Educação Básica. Também, poderia ser decorrência do modo como a formação era encarada, pois apesar dos profissionais disponíveis serem insuficientes, a população, em muitos casos, não a percebia como algo realmente necessário, o que ainda acontece em alguns locais atualmente. Além disso, muitos consideram a área extremamente difícil, logo não a procuram. No entanto, na Universidade, mesmo com a diminuição da procura, nunca houve interesse em fechar cursos, pelo contrário sempre se almejou criarem-se novos.

Portanto, naquele período, assim como agora, a busca pelas licenciaturas era reduzida, mesmo entre os que acabaram cursando Matemática, dos quais boa parte não a tinha como primeira opção e sim, como no caso da maioria de nossos colaboradores, por não ser possível iniciar o curso de Engenharia. Desse modo, muitas vezes, cursar a licenciatura não era uma

---

[214] Informações cedidas por nossos depoentes.

[215] O reconhecimento do curso foi assinado pelo presidente Ernesto Geisel e ministro da educação Ney Braga, em 24 de setembro de 1974, por meio do Decreto nº 74.602. Tal Decreto foi publicado no Diário Oficial em 25 de setembro deste mesmo ano. Uma cópia deste trecho do Diário foi disponibilizada em anexo (Anexo A).

[216] Professor americano enviado pelo Corpo da Paz, com mestrado em Matemática Aplicada realizado no estado de Washington.

[217] Textualização professor Carlos (Narrativa 4).

escolha e sim a possibilidade acessível. No entanto, nossos depoentes ressaltam que, atualmente, mesmo com a possibilidade de cursar uma Engenharia no interior da própria Universidade, não deixariam a docência para se dedicar a essa nova área.

No Brasil como um todo, como não havia muito interesse pelas licenciaturas, o número de docentes formados era pequeno, o que dificultava as contratações nos estados mais carentes de professores, como era o caso de Mato Grosso. Essa falta de profissionais aliada ao local de destino (Cuiabá), que era pouco povoado e desenvolvido nas décadas de 1960/1970, dificultava ainda mais o acesso aos licenciados. Com isso, nem sempre os professores convidados aceitavam trabalhar na cidade de Cuiabá: "Quê? Vou largar o meu conforto do Sul, Sudeste maravilha para ir para o matão? Fazer o quê em Mato Grosso?"[218].

Essa problemática, consequentemente, ocasionou a falta de professores formados na área de atuação em diversos cursos da UFMT, entre eles Matemática. Como já comentamos, essa falta já era sentida no Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá, permanecendo assim nos primeiros tempos da Universidade, tanto que até início de 1974 os únicos dois licenciados em Matemática da Universidade eram os que haviam se graduado no ICLC. Luiz Gonzaga Coelho, que se tornou docente desta instituição em 1972 e Nilda Bezerra Ramos (Narrativa 3) que começou a trabalhar em 13 de agosto de 1973. O primeiro trabalhava com Álgebra I e a última com as turmas iniciais de Introdução a Matemática, também trabalhou Cálculo nas Engenharias Civil, Elétrica e Sanitária e lecionou, ainda, na Agronomia e Engenharia Florestal. Além deles, no Departamento, o professor Claudio (Narrativa 2) possuía licenciatura em Física, os demais eram basicamente engenheiros, arquitetos ou economistas[219].

Em busca de atenuar essa carência, além dos formados pelo ICLC, os formandos das primeiras turmas da UFMT também foram contratados por esta última para atuarem na docência em nível superior. Destacamos especialmente a Licenciatura em Matemática, embora isso tenha ocorrido nos diversos cursos. Dentre os exemplos que podemos citar temos: além dos professores Luiz Gonzaga e Nilda (Narrativa 3), o professor Carlos (Narrativa 4), que colou grau em 26 de julho de 1975 e em 1º de agosto deste mesmo ano já se tornou professor do Departamento, passando inicialmente a lecionar Cálculo I e II para Agronomia e Engenharia Florestal e após uma semana assumiu também os Cálculos III e IV,

[218] Trecho extraído da textualização do professor Sérgio Antônio Wielewski (Narrativa 8), disponível nessa dissertação.
[219] Aqui utilizamos por base os depoimentos coletados.

no entanto, antes de assumir a docência já havia sido o primeiro estagiário do Departamento, atendendo a monitoria de diversas disciplinas[220].

Além do professor Carlos (Narrativa 4), dentre os alunos da primeira turma da UFMT, foram contratados José Figueira de Gusmão e Nilson José Alves Negrão, começando o primeiro a trabalhar com Introdução a Matemática I e II. Outra formada neste curso que se tornou docente da Universidade foi a professora Elisete de Miranda (Narrativa 5), que compôs o quadro a partir de 1978. Já o professor Aquiles (Narrativa 6) que colou grau em 27 de julho de 1977 se tornou professor da Universidade em 1º de agosto desse mesmo ano. O professor Sérgio (Narrativa 8), por sua vez, concluiu seu curso na UFMT em 1984 e em 1986 tornou-se docente visitante[221].

No curso de Matemática o número de engenheiros e economistas lecionando era elevado, eles trabalhavam na capital mato-grossense não como professores, mas devido a carência destes, acabavam ocupando também este posto. Os licenciados eram poucos, na área de Física, quando a Universidade começou a ofertar seus primeiros cursos em 1972, eram apenas dois: Claudio Mellado (Narrativa 2) e João Vasconcellos Coelho[222], o primeiro migrante de Minas de Gerais e o segundo da região Sul do país. Em Matemática não havia licenciado. Assim, no curso de Matemática o professor Claudio (Narrativa 2), sendo licenciado em Física, lecionou Introdução a Matemática I e II e Física I, II, III e IV[223].

Para a primeira turma de Licenciatura em Matemática da UFMT, conforme nos contam os próprios alunos do curso, os docentes da parte específica de Matemática não eram matemáticos, nem licenciados na área. Nos últimos semestres atuaram como docentes inclusive monitores da Engenharia que estavam em fase final do curso ou eram recentemente formados; por exemplo, Equações Diferenciais foi trabalhada por um monitor do professor responsável pela disciplina, ou seja, muitas vezes o monitor assumia as turmas.

Com relação às demais disciplinas, Cálculo I foi ministrado por um engenheiro agrônomo, Cálculo II, III e IV, Geometria e Geometria Analítica tiveram como professores engenheiros civis, Cálculo Numérico quem lecionou foi um engenheiro químico, para Cálculo Vetorial engenheiro mecânico e para Geometria Descritiva um arquiteto. Dentre os professores dessa turma estavam Antônio Rodrigues da Silva, Luís Lotufo, Pelágio Palma

[220] Textualização professor Carlos (Narrativa 4).
[221] Temos aqui como fonte as narrativas de nossos depoentes.
[222] Responsável por montar, em 1971, as estruturas das Licenciaturas Plenas em Física e Química, as quais já entraram em vigor em 1972. O reitor Gabriel havia as solicitado ao coordenador do Centro de Tecnologias, Ivo Cuiabano Scaff, o qual repassou o pedido ao João, que para organizá-las entrou em contato com universidades que já ofertavam esses cursos e adequou-os para a UFMT.
[223] Textualização professor Claudio (Narrativa 2).

Filho, Otacílio Canavarros, João Vasconcellos Coelho e Silvia Vitorino[224]. Quanto aos livros didáticos utilizados, alguns deles eram os de Dalton Gonçalves, Robert Resnick e David Halliday[225], Paulo Boulos[226] e Granville[227].

Essa grande permanência de engenheiros atuando no curso de Matemática foi sentida por muitos anos, pois como relembrado pelo professor Aquiles (Narrativa 6), que se formou em 1977, em sua turma esses profissionais ainda eram em número bastante significativo, embora, já houvesse licenciados na área trabalhando, entre eles: Nilda Bezerra Ramos (Narrativa 3), Olga Sartori e Carlos Antônio Dornellas (Narrativa 4).

Em 1979, quando a professora Heliete (Narrativa 7) começou a atuar na docência da Universidade, os matemáticos (bacharéis ou licenciados) ainda não eram em um grande número, tanto que ela sentiu a necessidade de buscar a área de ensino, pois não havia grupo para trabalhar Matemática Pura.

Mesmo ao fim da década de 1980, ainda existiam muitos engenheiros e economistas trabalhando no Departamento, no entanto, conforme nos contam nossos colaboradores, no curso de Matemática, a grande maioria que atuava já era formada na área. Dentre os licenciados/bacharéis em Matemática encontraram-se: Olga Sartori, Nilda Bezerra Ramos (Narrativa 3), Maria Elizabeth Milanezi de Paula, Paulo Afonso, Carlos Antônio Dornellas (Narrativa 4), José Luiz Marcio, Luiz Fernando Provenzano, Carlos Roberto Sanches, Aquiles Leite do Nascimento (Narrativa 6), João Afonso de Souza, Olga Nakajima, Sônia Regina Nascimento Moreno[228] e Nilson Negrão.

Se para os alunos assistirem aulas com professores formados em outras áreas não era fácil, para os docentes também não. Muitos recentemente graduados, sem possuir sequer especialização, se viam à frente de uma sala de aula em nível superior, bem diferente da Educação Básica, experiência para a qual a graduação e, às vezes, até mesmo a Pós-Graduação não preparam. Os docentes, mesmo precisando lecionar para um curso no qual não haviam se formado, tendo como agravante o fato de nem sempre terem optado realmente pela docência, a haviam encarado por ser a opção disponível. A dedicação à disciplina obrigatoriamente era maior, no entanto, por não ser da área, o senso crítico para discutir a adequação do currículo não existia, como nos conta o professor Claudio (Narrativa 2), não

[224] Professora do Departamento de Educação, trabalhou com essa turma Didática Geral.
[225] Dalton Gonçalves, Robert Resnick e David Halliday: professores e autores de livros de Física.
[226] Professor Livre-Docente da Universidade de São Paulo, autor de diversos livros didáticos.
[227] Subsidiam essas informações os depoimentos por nós coletados, de modo especial os dos professores Elisete (Narrativa 5) e Carlos (Narrativa 4).
[228] Também foi aluna da UFMT.

conseguiam argumentar, por exemplo, se a disciplina ofertada estava em acordo com o curso, entre outros fatores.

Essa questão dos professores, conforme o professor Carlos (Narrativa 4), acabava por inspirar nos alunos a necessidade de buscar, por conta própria, complementação de sua formação, principalmente por meio dos livros disponibilizados na biblioteca.

Como uma característica dos cursos voltados às áreas exatas, Matemática, Química, Física, Engenharia, tem-se que iniciaram predominantemente como masculinos, assim sendo, eram poucas as mulheres que os cursavam, e as que por eles optavam sofriam, de certa forma, preconceito. Considerava-se estranho mulheres se inscreverem nestas áreas, pois não era algo comum[229]. É possível perceber que esse número era pequeno quando verificamos a quantidade de formandos do ICLC, em Matemática que, de três, uma era mulher, e na primeira especialização nessa área, ofertada na UFMT, em que começaram 39 homens e uma mulher[230], a professora Nilda (Narrativa 3), que no início da Universidade era a única professora de todo o Centro de Tecnologias.

Com relação ao curso de Matemática, no início da década de 1970, não era obrigatório o cumprimento de oito semestres e sim dos créditos mínimos, assim, se o aluno cursasse mais disciplinas que o normalmente previsto, em torno de oito, conseguia terminá-lo antes de quatro anos. Nesse período, geralmente os semestres ímpares eram ofertados à tarde e os pares pela manhã[231].

A estrutura curricular dessa primeira licenciatura em Matemática, ofertada pela UFMT, era composta por dois ciclos, um básico e outro profissional. O Ciclo Básico era composto por disciplinas obrigatórias comuns, das quais participavam todos os alunos da Universidade; disciplinas obrigatórias de área, comum aos cursos de uma mesma área; disciplinas obrigatórias de setor, específicas de cada curso, complementam a parte básica do currículo de cada curso; e disciplinas optativas[232]. Nas Figuras 37 e 38 disponibilizamos a matriz da UFMT de plano integralizador dos créditos para o Primeiro Ciclo para a área de Ciências Exatas e Tecnologia.

---

[229] Textualização professora Elisete (Narrativa 5).
[230] Destas quarenta pessoas, dezoito concluíram o curso (RIBEIRO, 2011).
[231] Textualização professor Carlos (Narrativa 4).
[232] UFMT – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Catálogo geral 73.** Cuiabá, 1973. n.1.

Figura 37: Disciplinas para o Primeiro Ciclo.

1.º período

OBRIGATÓRIAS COMUNS

LET 201	Língua Portuguesa I	4
EDU 134	Iniciação à Metodologia Científica I	4
	Educação Física	

OBRIGATÓRIAS DE ÁREA

MAT 401	Introdução à Matemática I	4
FIS 301	Introdução à Física I	4

OBRIGATÓRIAS DE SETOR

MAT 404	Geometria Descritiva I (Curso de Engenharia Civil)	4
MAT 403	Desenho Geométrico (Curso de Matemática)	4
QUI 201	Química I (Curso de Química e Física)	4
QUI 213	Introdução à Química Orgânica I (Curso de História Natural)	4

OPTATIVAS

LET 218	Língua Inglesa I	4
LET 225	Língua Francesa I	4
GEO 632	Perspectivas Contemporâneas	4

Fonte: UFMT (1973).

Figura 38: Disciplinas para o Primeiro Ciclo.

2.º período

OBRIGATÓRIAS COMUNS

LET 202	Língua Portuguesa II	LET 201	4
EDU 135	Iniciação à Metodologia Científica II	EDU 134	4
EDU 158	Estudo de Problemas Brasileiros		4
	Educação Física		

OBRIGATÓRIAS DE ÁREA

MAT 402	Introdução à Matemática II	MAT 401	4
FIS 302	Introdução à Física II	FIS 301	4

OBRIGATÓRIAS DE SETOR

MAT 405	Geometria Descritiva II (Curso de Engenharia Civil)	MAT 404	4
QUI 202	Química II (Cursos de Química e Física)	QUI 201	4
QUI 214	Introdução à Química Orgânica II (Curso de História Natural)	QUI 213	4
MAT 404	Geometria Descritiva I (Curso de Matemática)		4

Fonte: UFMT (1973).

Para que o aluno pudesse cursar o Ciclo Profissional precisava ter integralizado 48 créditos no Primeiro Ciclo. No caso da Licenciatura Plena em Matemática o estudante precisava integralizar 156 créditos, 48 no Primeiro Ciclo, 44 em seu Campo Principal de Estudos, 24 no Campo Complementar, 16 em Disciplinas Optativas e 24 em Pedagógicas[233].[234] Na Figura 39 apresentamos as disciplinas oferecidas pelo Departamento de Matemática nos anos de 1972/1973.

[233] Não conseguimos localizar quais eram essas disciplinas pedagógicas, no entanto, a professora Elisete (Narrativa 5) cursou sua complementação de estudos na primeira turma de licenciatura em Matemática da UFMT e dentre as pedagógicas cursadas por ela nessa instituição estão Psicologia da Educação VI, Didática IV, Prática de Ensino de Matemática e Estudos de Problemas Brasileiros II. Além dessas disciplinas cursadas, a professora Elisete foi dispensada, devido a licenciatura cursada por meio do Premem, das disciplinas: Psicologia da Educação V, Didática III, Estudos de Problemas Brasileiros, Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Grau. Essas informações foram retiradas do histórico escolar da depoente disponibilizado em sua textualização.

[234] UFMT – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Catálogo geral 73.** Cuiabá, 1973. n.1.

Figura 39: Disciplinas oferecidas pelo Departamento de Matemática[235].

CÓDIGO	DISCIPLINAS	CRÉDITOS
MAT 401	Introdução à Matemática I	4
MAT 402	Introdução à, Matemática II	4
MAT 403	Desenho Geométrico	4
MAT 404	Geometria Descritiva I	4
MAT 405	Geometria Descritiva II	4
MAT 406	Geometria Analítica I	4
MAT 407	Geometria Analítica II	4
MAT 408	Desenho Técnico I	4
MAT 409	Desenho Técnico II	4
MAT 410	Álgebra I	4
MAT 411	Álgebra II	4
MAT 412	Álgebra Linear I	4
MAT 413	Álgebra Linear II	4
MAT 414	Análise I	4
MAT 415	Análise II	4
MAT 416	Cálculo I	4
MAT 417	Cálculo II	4
MAT 418	Cálculo III	4
MAT 419	Cálculo IV	4
MAT 420	Cálculo Vetorial I	4
MAT 421	Cálculo Vetorial II	4
MAT 422	Estatística Geral I	4
MAT 423	Estatística Geral II	4
MAT 424	Estatística Aplicada à Engenharia	4
MAT 425	Estatística Aplicada à Educação	4
MAT 426	Matemática p/. a Física I	4
MAT 427	Matemática p/ a Física II	4
MAT 428	Cálculo Numérico e Gráfico	4
MAT 429	Linguagem Fortran	2
MAT 430	Topografia e Geodésia I	4
MAT 431	Topografia e Geodésia II	4
MAT 432	Fundamentos da Matemática	4
MAT 433	Estatística Aplicada à Geografia	4

Fonte: UFMT (1973).

As disciplinas que compunham o Campo Principal de Estudos eram: FIS 303, FIS 304, MAT 416, MAT 417, MAT 406, MAT 407, MAT 410, MAT 411, MAT 428, MAT 432. Já as do Campo Complementar: MAT 420, MAT 422, MAT 421, MAT 412, MAT 418, MAT 419. E, para finalizar, como disciplinas Optativas tinha-se: FIS 305, FIS 306, FIS 315, FIS 316, MAT 426, MAT 427, MAT 429, MAT 405, GEO 632, MAT 414, MAT 413, MAT 415[236].

Para o cumprimento destes créditos tinha-se o seguinte programa de estudos (Figura 40).

[235] A ementa destas disciplinas está disponível em anexo (Anexo B).
[236] UFMT – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Catálogo geral 73.** Cuiabá, 1973. n.1.

Figura 40: Programa de estudos ciclo profissional.

CÓDIGO	DISCIPLINAS	PRÉ-REQUISITOS	CRÉDITOS
3.º período			
FIS 303	Física Geral e Experimental I	FIS 302	6
MAT 416	Cálculo I	MAT 402	4
MAT 406	Geometria Analítica I		4
MAT 420	Cálculo Vetorial I	MAT 402	4
MAT 432	Fundamentos da Matemática		4
4.º período			
FIS 304	Física Geral e Experimental II	FIS 303	6
MAT 417	Cálculo II	MAT 416	4
MAT 407	Geometria Analítica II	MAT 406	4
MAT 421	Cálculo Vetorial II	MAT 420	4
MAT 422	Estatística Geral I		4
5.º período			
MAT 410	Álgebra I		4
MAT 418	Cálculo III	MAT 417	4
MAT 428	Cálculo Numérico e Gráfico		4
MAT 412	Álgebra Linear I		4
	Optativa		
	Optativa		
6.º período			
MAT 411	Álgebra II	MAT 410	4
MAT 419	Cálculo IV	MAT 418	4
	Optativa		
	Optativa		
	Pedagógica		
7.º período			
	Pedagógica		
	Pedagógica		
	Pedagógica		
	Pedagógica		
	Pedagógica		

Fonte: UFMT (1973).

Para julho de 1975 eram oito possíveis formandos, desta que era a primeira turma de Matemática da UFMT e a segunda da capital. Destes oito, um, o Sinair, não conseguiu cumprir todos os créditos no tempo previsto, por isso, colaram grau em 26 de julho de 1975: José Figueira de Gusmão, Nilson Alves Negrão, Carlos Antônio Dornellas (Narrativa 4), Rosa do Carmo Taques, Maria Gonzaga de Mello, Neuza Rosa da Silva e Elisete de Miranda[237] (Narrativa 5)[238].

Já na turma ingressante de 1974 eram 56 estudantes, destes colaram grau em 27 de julho de 1977 três alunos: Edna Capistrano, Aquiles Leite do Nascimento (Narrativa 6) e

[237] Informações cedidas pela professora Elisete (Narrativa 5).
[238] Em anexo (Anexo C) disponibilizamos uma lista com todos os formados em Matemática, no ICLC e na UFMT, desde 1969, primeira turma de Cuiabá, até o primeiro período de 1993.

Aurélia Domingas de Oliveira Figueiredo[239]. Sendo que os dois últimos se tornaram professores da Universidade. Como professores nesta turma estavam, entre outros, segundo o professor Aquiles (Narrativa 6), Moacyr Freitas, Antônio Carlos Candia, Nilda Bezerra Ramos (Narrativa 3), Antônio Rodrigues da Silva[240], Olga Sartori e Lourdes Aroca.

O curso, no decorrer de todos esses anos, já passou por diversas reformulações, algumas que partiram do próprio Departamento e outras que foram, por assim dizer, impostas por outras instâncias superiores. Começou como seriado (ICLC), passando a regime de créditos (UFMT), se reestruturando como Licenciatura em Ciências com habilitação em Matemática, para, por fim, retornar a Licenciatura Plena (essa reconhecida já na década de 1990)[241].

3.2.1. Licenciaturas Plenas e Curtas

A licenciatura em Matemática começou no ICLC e na UFMT como Plena, passando depois à Licenciatura Curta para, por fim, retornar à Plena. Nesses períodos de transição entre as modalidades ficavam em funcionamento ambas, Curtas e Plenas, pois uma estava sendo extinta e a outra sendo implantada.

As Licenciaturas Curtas foram instaladas na UFMT a partir da Resolução do Conselho Diretor da Universidade número 82 de 02 de dezembro de 1974. Para tal Resolução considerou-se a Lei 5.540 de 1968, que trata do Ensino Superior e de sua relação com a Educação Básica, bem como a Lei 5.692 de 1971, que traça diretrizes e bases para essa última modalidade de ensino, e, principalmente, a Resolução 30 de 1974 do Conselho Federal de Educação, que dispõe da conversão dos cursos de Licenciatura da área científica para Licenciatura em Ciências disciplinada, ou seja, converte as Licenciaturas Plenas em Licenciaturas Curtas, dando-se novo direcionamento à formação de professores. Na UFMT foram extintas as Licenciaturas Plenas em Química, Física, Matemática e História Natural, no lugar das quais passou a ser ofertada a Licenciatura Curta em Ciências de Primeiro Grau, com habilitações Plenas em Matemática, Física, Química e Biologia.

---

[239] Nomes fornecidos em momento pós-entrevista pelo professor Aquiles Leite do Nascimento (Narrativa 6).
[240] Popularmente conhecido como Tonhão, lecionava Cálculo para essa turma.
[241] SANTOS, V. M. P dos. As Transformações na estrutura do curso de licenciatura em matemática do campus de Cuiabá da UFMT: da fundação da universidade até os primeiros anos do século XXI. In: Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática. Enaphem, 2, 2014, São Paulo. **Anais...** Bauru – SP, 2014, p. 1-10.

A Licenciatura Curta em Ciências do 1º grau tinha duração de 1800 horas[242], as quais poderiam ser integralizadas entre dois e quatro anos. Já a Licenciatura Plena, Licenciatura em Ciências com habilitação em uma das quatro áreas, totalizava 2800 horas, que podiam ser cumpridas em três a sete anos, ficando a média estabelecida em quatro anos[243].

Na Licenciatura Curta em Ciências, os 116 créditos exigidos pela UFMT eram distribuídos em 89 correspondentes às disciplinas obrigatórias, quatro em optativas, 12 em pedagógicas, quatro em prática de ensino/estágio supervisionado, quatro em estudo de problemas brasileiros e três em Educação Física[244]. Com relação a essa graduação, na UFMT, foi adotado o currículo apresentado na Figura 41.

[242] Cabe aqui destacar que, embora na resolução que cria essa modalidade de licenciatura na UFMT conste que a carga horária seria de 1800 horas, ao ser implantada, ela passou a ser de 1980 horas, distribuídas em 116 créditos (UFMT, 1976).

[243] UFMT - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Resolução do Conselho Diretor nº 82, de 02 de dezembro de 1974.** Cuiabá – MT. Disponível em: <http://sistemas.ufmt.br/ufmt.resolucao/OpenResolucao.aspx?resolucaoUID=579&ano=1974&tipoUID=1 >. Acesso em: 23 mar. 14.

[244] UFMT – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Portaria nº GR 1099/76, de 30 de dezembro de 1976.** Cuiabá – MT. Disponibilizada pelo Departamento de Matemática.

Figura 41: Estrutura curricular do curso de licenciatura em Ciências – Curta Duração sistema de crédito.

CÓDIGO	DISCIPLINAS	PRÉ - REQUISITOS	CRÉDITO	CARGA HORÁRIA
LET-201	Língua Portuguesa I	-	04	60
FIS-301	Introdução à Física I	-	04	75
MAT-401	Introdução à Matemática I	-	04	60
QUI-201	Química I	-	04	75
BIO-501	Biologia I	-	05	90
EDU-134	Iniciação à Metodologia Científica I	-	04	60
MAT-403	Desenho Geométrico	-	04	60
FIS-302	Introdução à Física II	FIS-301	04	75
MAT-402	Introdução à Matemática II	MAT-401	04	60
BIO-503	Biologia III	BIO-501	05	90
QUI-202	Química II	QUI-201	05	90
QUI-203	Química III	QUI-202	04	75
MAT-406	Geometria Analítica I	-	04	60
FIS-303	Física Geral e Experimental I	FIS-302	06	120
BIO-504	Biologia IV	BIO-503	05	90
MAT-416	Cálculo Diferencial e Integral I	MAT-402	04	60
MAT-420	Cálculo Vetorial I	MAT-402	04	60
GEL-532A	Elementos de Geologia	-	05	90
MAT-417	Cálculo Diferencial e Integral II	MAT-416	04	60
FIS-304	Física Geral e Experimental II	FIS-303	06	120
HIS-301	Estudo de Problemas Brasileiros I	-	02	30
HIS-302	Estudo de Problemas Brasileiros II	HIS-301	02	30
	Educação Física I	-	01	30
	Educação Física II	-	01	30
	Educação Física III	-	01	30
	DISCIPLINAS PEDAGÓGICAS			
EDU-165	Psicologia da Educação I	-	04	60
EDU-167	Didática I	EDU-165	04	60
EDU-120	Estrut. e Func. do Ensino de 1º e 2º Gs.	-	04	60
EDU-169	Prática do Ensino de 1º Grau	EDU-167	04	60
	OPTATIVAS			
LET-218	Língua Inglesa	-	04	60
MAT-404	Geometria Descritiva I	-	04	60
HIS-319	Introdução à Antropologia	-	04	60

Fonte: UFMT (1976).

Para complementar sua formação o estudante podia optar por uma das quatro habilitações: Física, Química, Biologia ou Matemática. Abaixo, na Figura 42, disponibilizamos a estrutura curricular da Licenciatura em Ciências de duração Plena com habilitação em Matemática. Para que pudesse obter essa habilitação, além dos 116 créditos já cursados na parte referente a Ciências, o aluno deveria completar mais 82 créditos, contabilizando 1250 horas. Esses créditos eram divididos em 60 voltados às disciplinas

obrigatórias, oito em optativas, oito em pedagógicas e seis em Prática de Ensino/Estágio Supervisionado[245].

Figura 42: Currículo da licenciatura em Ciências de duração plena com habilitação em Matemática.

CÓDIGO	DISCIPLINAS	PRÉ - REQUISITOS	CRÉDITO	CA HOR
MAT-410	Álgebra I	MAT-432	04	
MAT-418	Cálculo Diferencial e Integral III	MAT-417	04	
MAT-421	Cálculo Vetorial II	MAT-420	04	
MAT-434	Matemática Aplicada I	-	04	
MAT-432	Fundamentos da Matemática	-	04	
EDU-135	Iniciação à Metodologia Científica II	EDU-134	04	
MAT-411	Álgebra II	MAT-410	04	
MAT-412	Álgebra Linear I	-	04	
MAT-419	Cálculo Diferencial e Integral IV	MAT-418	04	
MAT-435	Matemática Aplicada II	MAT-434	04	
MAT-428	Cálculo Numérico e Gráfico	MAT-418	04	
MAT-413	Álgebra Linear II	MAT-412	04	
MAT-407	Geometria Analítica II	MAT-406	04	
MAT-414	Análise Matemática I	MAT-419	04	
MAT-450	Análise Matemática II	MAT-414	04	
	DISCIPLINAS PEDAGÓGICAS			
EDU-166	Psicologia da Educação II	EDU-165	04	
EDU-168	Didática II	EDU-166	04	
MAT-438	Prática de Ensino de 2º Grau (Estágio Supervisionado)	EDU-168/ RP	06	
	OPTATIVAS			
FIS-305	Física Geral e Experimental III	-	06	
FIS-306	Física Geral e Experimental IV	-	06	
FIS-315	Mecânica Racional I	-	04	
FIS-316	Mecânica Racional II	-	04	
MAT-421	Cálculo Vetorial II	MAT-420	04	
FIS-310	Mecânica Quântica	-	06	
MAT-448	Introdução à Ciência de Computação	-	02	

Fonte: UFMT (1976)

Embora devesse atingir a todas as universidades nacionais a partir de 1975, algumas como a USP, Unicamp e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por exemplo, não aderiram à Resolução[246]. Mesmo quando em março de 1975, por meio da Resolução 37 do Conselho Federal de Educação dispõe-se sobre a implantação progressiva do curso de Licenciatura em Ciências até que em 1978 deixassem de vigorar, por completo, as

[245] UFMT – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Portaria nº GR 1099/76, de 30 de dezembro de 1976.** Cuiabá – MT. Disponibilizada pelo Departamento de Matemática.
[246] Informações fornecidas por nossos depoentes.

modalidades de licenciaturas implantadas anteriormente a Resolução 30 de 1974[247], essas universidades não se adequaram.

Na UFMT os cursos de Licenciatura Plena em Matemática e em História Natural haviam sido recentemente reconhecidos e já foram colocados em processo de extinção. Com relação à História Natural, não funcionava em outro local e na UFMT também deixou de existir, em seu lugar foram criados os cursos de Geologia e de Biologia. No entanto, os que haviam iniciado o curso em Matemática e em História Natural tiveram o direito de terminá-los na modalidade Plena, o que não ocorreu com os alunos de Física e Química, que por ainda não terem seus cursos reconhecidos, foram convertidos automaticamente em Licenciatura Curta em Ciências, ocasionando que os estudantes tivessem que ficar mais um tempo no curso, para cursarem as disciplinas das outras áreas[248].

Em 1975, a Licenciatura Curta em Ciências começou a ser ofertada na Universidade Federal, ficando sua responsabilidade, de acordo com o professor Carlos (Narrativa 4), a cargo do Departamento de Matemática, passando aos outros departamentos apenas no momento de cursarem o específico escolhido como habilitação. Após cursar a parte referente à Ciências o estudante já podia lecionar no Primeiro Grau e se continuasse seus estudos na parte específica, recebia também autorização para o Segundo Grau.

Os estágios eram realizados na área escolhida pelo aluno, porém todos precisavam cursá-lo em Ciências no Primeiro Grau, pois a formação geral era nessa área. O professor que acompanhava os estudantes no Estágio em Matemática era também orientado a acompanhá-lo no de Ciências, área afim. A procura pela Matemática era menos significativa do que para as demais, principalmente por boa parte dos alunos apresentarem defasagem na Educação Básica com relação a ela[249].

Nessa licenciatura o volume de conteúdos voltados às outras ciências era grande, principalmente, dos destinados ao Primeiro Grau. Apenas na parte específica é que realmente entrava a Matemática, embora ainda fosse estudado nela também Física.

Logo que foi implantada na UFMT, a impressão que se tinha, como nos contam nossos colaboradores, era a de que se estava retrocedendo, tendo primeiro uma Licenciatura Curta para só depois poder complementá-la. Acreditava-se que ser direcionado já desde o início seria melhor, pois o aluno teria mais tempo de se aprofundar na área, "tal curso não consegue

---

[247] BRASIL. **Resolução nº 37, de 14 de fevereiro de 1975.** D. O. 26 de março de 1975. Dispõe sobre a implantação progressiva do curso de licenciatura em Ciências, a que se refere a Resolução nº 30/74. Conselho Federal de Educação, 1975. Disponibilizada pelo Departamento de Matemática.

[248] Textualização professor Carlos (Narrativa 4).

[249] Informações fornecidas por nossos depoentes.

habilitá-lo adequadamente, em virtude da pulverização de conhecimentos sem a menor possibilidade de aprofundamento numa área específica do saber", formando, devido a isso, "professores inseguros e ao mesmo tempo desinteressados com reflexos negativos para os alunos de 1º e 2º graus."[250]. Alguns, inclusive, despertavam dúvidas se era um curso superior, embora o fosse. Uma comparação feita pelo professor Aquiles (Narrativa 6) remonta a essa ideia, quando comenta sobre os cursos técnicos superiores, que por serem de dois anos, determinadas pessoas questionam se são em nível superior.

Hoje em dia, no entanto, muitos dos professores com quem conversamos mudaram sua forma de encarar as Licenciaturas Curtas e pensam ser até mais interessante, inicialmente, ter uma formação mais geral para depois partir para o específico. Podia-se ter mantido a Licenciatura em Ciências e reaberto a Plena nas áreas específicas, como ocorreu em algumas universidades, porém na época não se pensou nisso. Ela era interessante no sentido de que quem estava com pressa em começar a trabalhar, ao cursá-la já poderia atuar no ensino de Primeiro Grau.

Quando a Licenciatura em Ciências estava em vigor, muitos a buscavam como uma complementação de estudos para conseguirem passar no vestibular para Engenharia, pois em dois anos se preparavam com estudos em Física, Química, Biologia e Matemática[251]. Além disso, poderiam lecionar Ciências, Matemática e Desenho para o Primeiro Grau[252].

De acordo com a quantidade de horas de laboratório que cada aluno tinha, as quais eram avaliadas pelo MEC, esse Ministério fornecia autorização para lecionar diferentes disciplinas, como no caso do professor Sérgio (Narrativa 8) que por ter uma carga horária grande de laboratório nas diferentes áreas da Licenciatura Curta, pode lecionar Ciências, Matemática, Desenho Geométrico, Biologia, Física e Química.

Quando vigorava a Licenciatura Curta em Ciências, na UFMT foi criado o Núcleo de Apoio ao Ensino de Ciências (Naec), em 1981. No final da década de 1970 professores das áreas de Química, Física, Biologia e Matemática começaram a se reunir e discutir o ensino de Ciências e Matemática na Educação Básica. Durante esse período de discussões, professores da Universidade participaram do I Encontro para a Melhoria do Ensino de Ciências na Região da Amazônia Legal, realizado em Macapá entre os dias 11 a 15 de maio de 1981, lá puderam

---

[250] UFMT – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Ofício nº GR – 218/84, de 25 de setembro de 1984.** Cuiabá, 1984b. Disponibilizada pelo Departamento de Matemática. p.3.

[251] Informação fornecida por nossos depoentes.

[252] A Licenciatura em Ciências habilitava a docência, em 1º grau, nas áreas de estudo de Ciências, já para o 2º grau só era considerado apto a lecionar quem realizava a habilitação, ou seja, quem cursava a Licenciatura Plena em Ciências com habilitação em uma determinada área podia lecionar a disciplina correspondente em nível de Colegial, além da área de Ciências que a Licenciatura Curta já possibilitava (BRASIL, 1974).

perceber que muitas discussões realizadas na capital mato-grossense, por professores da UFMT das áreas de Física, Biologia e Matemática, a respeito do ensino de Ciências, também estavam ocorrendo em outros locais[253].

Essas discussões, aliada a participação no congresso e a um documento lançado pelo governo do estado destacando seu Diagnóstico Socioeconômico, no qual apontava entre os problemas de ordem educacional: falta de qualificação profissional e de equipamentos nas escolas; e currículos e programas inadequados, impulsionaram a criação do Centro de Ciências, depois denominado Naec, o qual objetivava auxiliar no ensino destas áreas no estado, de modo especial em Cuiabá[254].

O grupo deveria ser um "agente estimulador e catalizador de estudos, pesquisas e inovações que contribuíssem para manter o Ensino de Ciências sempre atualizado, além de se constituir em órgão de treinamento de professores"[255]. Para isso trabalhava orientando um ensino adequado à realidade que se mostrava, fornecendo cursos de capacitação docente, planejando a instalação de laboratórios de ensino alternativos, bem como na aquisição/produção/adaptação e distribuição de textos e materiais experimentais[256].

O Naec era composto por uma equipe multidisciplinar, ou seja, por professores das áreas de Química, Física, Matemática e Biologia. Da parte de Matemática participavam as professoras Elisete (Narrativa 5) e Heliete (Narrativa 7), da Química a professora Lydia Maria Parente Lemos dos Santos, da Física os professores Sérgio Brasil Nazário Scala e Luiz Gabriel de Piere, e da Biologia os professores Edward Bertholine de Castro e Miriam Arabela da Silva[257]. Houve rodízios de professores neste grupo, mas as representantes da Matemática se mantiveram. A coordenação do grupo ficou com a Biologia, mais especificamente com o professor Edward[258]. Além dos professores, como estagiário a Matemática teve o professor Sérgio Wielewski (Narrativa 8), que na época cursava a graduação em Ciências com habilitação em Matemática, na UFMT. Na função de estagiário atuava também como uma

---

[253] WIELEWSKI, G. D.; PALARO, L. A.; WIELEWSKI, S. A. Cuiabá na década de 80: vestígios da matemática moderna nas quatro primeiras séries do 1º grau. **Diálogo Educacional,** Curitiba, v.8, n.25. p. 675-688, set./dez. 2008.

[254] WIELEWSKI, G. D.; PALARO, L. A.; WIELEWSKI, S. A. Cuiabá na década de 80: vestígios da matemática moderna nas quatro primeiras séries do 1º grau. **Diálogo Educacional,** Curitiba, v.8, n.25. p. 675-688, set./dez. 2008.

[255] CODEX. **Naec: Núcleo de Apoio ao Ensino de Ciências**. UFMT, Cuiabá, 1982a. Disponibilizado pela professora Elisete de Miranda e pelo Gepemat. p. 8.

[256] CODEX. **Naec: Núcleo de Apoio ao Ensino de Ciências**. UFMT, Cuiabá, 1982a. Disponibilizado pela professora Elisete de Miranda e pelo Gepemat.

[257] CODEX. **Naec: Núcleo de Apoio ao Ensino de Ciências**. UFMT, Cuiabá, 1982a. Disponibilizado pela professora Elisete de Miranda e pelo Gepemat.

[258] CODEX. **Naec: Núcleo de Apoio ao Ensino de Ciências**. UFMT, Cuiabá, 1982a. Disponibilizado pela professora Elisete de Miranda e pelo Gepemat.

espécie de secretário, ajudando a escrever projetos, datilografando e produzindo material no mimeógrafo[259].

O Núcleo foi criado quando iniciaram os programas, pelo antigo CFE, buscando melhorias nas áreas de Ciências e Matemática do Primeiro Grau. Esse grupo foi projetado porque, nesse período, estava bastante forte a questão do trabalho interdisciplinar. Segundo nossos colaboradores, isso, aliado aos interesses e preocupações sentidas pelos professores que trabalhavam a parte didática das licenciaturas, fez com que surgisse o Núcleo, que além da formação continuada aos professores da rede pública, permitia aos docentes da Universidade maior contato com a Educação Básica e sua realidade, possibilitando a eles que pudessem fazer um trabalho diferenciado com seus licenciandos.

Como núcleo institucionalizado teve portaria de criação número 25/SRAc/81[260], datada de 13 de novembro de 1981, e recebia apoio da sub-reitoria acadêmica por meio da Coordenação de Extensão (Codex).

Com o Núcleo, os docentes da Universidade trabalhavam formação continuada em serviço com os professores da rede pública da Educação Básica. Dez escolas, oito estaduais e duas municipais, fizeram parte do levantamento das principais necessidades dos professores de Ciências e Matemática. Foram elas: Escola Municipal de 1º Grau "Dr. Orlando Nigro" e "Maria Dimpina Lobo Duarte", Escola Estadual de 1º Grau "Othon Viegas de Pinho", "Barão de Melgaço", "Senador Azeredo", "Alina Nascimento Tocantins", "Profª Vera Nascimento" e "Alcebíades Calhao", além destas duas Escolas Estaduais de 1º e 2º Graus também participaram: "Ulisses Cuiabano" e "André Avelino Ribeiro"[261].

Após essa tarefa inicial, trabalhou-se em duas escolas por ano. De acordo com o professor Vinícius (Narrativa 9) percebeu-se uma formação muito livresca e deficitária dos professores, para tentar amenizar esse cenário nas escolas os docentes universitários conversavam com os professores da rede, faziam experiências com conteúdos a serem abordados por eles, levavam os estagiários para participarem e conhecerem a realidade escolar. Mas cabe destacar que os estagiários recebiam uma preparação prévia na Universidade para, só depois, irem às escolas[262].

Para o desenvolvimento dessas ações foi então proposto o curso Instrumentalização para o Ensino de Ciências nível de 1ª a 4ª séries, o qual era composto por três fases: "1ª

[259] Informação disponibilizada por nossos depoentes.
[260] Uma cópia deste documento foi cedido pela professora Elisete de Miranda (Narrativa 5) e foi disponibilizado em anexo (Anexo D) nessa dissertação.
[261] CODEX. **Naec: Núcleo de Apoio ao Ensino de Ciências**. UFMT, Cuiabá, 1982a. Disponibilizado pela professora Elisete de Miranda e pelo Gepemat.
[262] Informações retiradas da textualização da professora Heliete (Narrativa 7).

Reflexão sobre a função do professor; 2ª Metodologia Científica; 3ª Instrumentalização ao Ensino de Iniciação de Ciências nível 1ª a 4ª séries". Por meio delas objetivava-se: "1º - Situar os professores dentro de uma proposta Ensino-Aprendizagem. 2º - Despertar atitude científica nos professores envolvidos. 3º - Dinamizar o ensino de Iniciação à Ciências"[263].

O curso totalizou 320 horas, as quais foram distribuídas em uma semana inicial com reuniões diárias entre os professores de Ciências das dez escolas, para planejamento do curso em conjunto, e posteriores reuniões mensais entre esses mesmos docentes para acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem. Além das reuniões foram realizados treinamentos de técnicas experimentais específicas para cada conteúdo, muitas vezes adaptadas de outros locais, e seminários mensais avaliativos dos conteúdos e metodologias aplicadas, bem como entrevistas e questionários destinados aos professores e alunos das escolas, como meio de avaliar se os objetivos pretendidos estavam sendo atendidos[264].

Pelo que pudemos perceber por meio de nossas entrevistas, o pessoal do Naec praticamente assumia as escolas, fazendo intervenções importantes por meio das capacitações ofertadas, permitindo que as escolas adquirissem novo aspecto de ensino e metodologias.

As relações entre Universidade e escola foram estreitadas por meio do Naec, passando a UFMT a trabalhar em parceria com as escolas. Nossos colaboradores nos contam que a formação continuada ofertada era realizada nos horários disponíveis dos professores, durante a semana no período noturno ou no sábado pela manhã, isso porque os docentes das escolas não possuíam um horário específico para essa formação. O treinamento era realizado nas próprias unidades escolares contempladas pelo projeto.

O Núcleo possuía uma espécie de modelo para cada área produzir suas atividades[265], as quais estão registradas em uma documentação publicada pela coordenação[266], destacando, assim, as ações do grupo.

Nossos entrevistados nos contam que na formação continuada, os educadores universitários procuravam trabalhar sempre um determinado conteúdo envolto em uma metodologia adequada para a criança. Dessa forma, o professor ao conhecer a metodologia aprendia também o conteúdo, que na maioria das vezes desconhecia, já que, segundo eles, a predominante formação em Magistério não era suficiente para aprender todas as disciplinas

---

[263] CODEX. **Curso instrumentalização para o ensino de ciências**. Naec: Cuiabá, 1982b. p.1. Disponibilizada pela professora Elisete de Miranda e pelo Gepemat.

[264] NAEC. **Projeto:** Apoio ao ensino de Ciências no 1ºgrau, nos níveis I a IV, em dez (10) escolas da rede oficial. Cuiabá, 1982. Disponibilizado pela professora Elisete de Miranda e pelo Gepemat.

[265] Informação concedida pela professora Elisete (Narrativa 5).

[266] CODEX. **Naec: Núcleo de Apoio ao Ensino de Ciências**. UFMT, Cuiabá, 1982a. Disponibilizado pela professora Elisete de Miranda e pelo Gepemat.

que deveria ensinar, ou seja, a carga horária destinada a Matemática não permitia a desenvoltura esperada do professor também nessa área.

No início de 1982 ainda eram muitos os professores leigos em Cuiabá, mesmo após todos os anos de UFMT. Para exemplificar, dos 36 professores envolvidos em um projeto do Naec: Apoio ao Ensino de Ciências no 1º Grau – 1ª a 4ª séries, 29 eram formados pela Escola Normal, extinta desde 1971, e sete eram pedagogos[267].

Em muitos casos, eles apenas sabiam resolver os problemas e contas, não percebendo o que estava implícito, assim sendo, por meio dessa formação continuada almejava-se que os professores percebessem que apenas dar as regras não adiantava, pois isso as crianças podem aprender com qualquer um ou mesmo utilizando um livro[268]. Com o Naec, os professores da rede passavam a ter contato com diferentes literaturas, referenciais teóricos, variados materiais de manipulação, opções/alternativas para o ensino[269].

As atividades desenvolvidas pelo grupo buscavam motivar o desenvolvimento da ciência, abordando as quatro áreas envolvidas. Para isso, os integrantes do Naec levavam laboratórios alternativos e experimentações, de modo a capacitar os professores nessa perspectiva diferenciada, pois as aulas até então, na maioria das vezes, eram muito teóricas. Por meio desses laboratórios mostravam a possibilidade do uso de sucata, da produção com baixo custo, de materiais que permitissem uma assimilação mais concreta do conteúdo[270].

Nesse período muitas escolas até haviam recebido laboratórios portáteis de Física, Química e Biologia, nas chamadas "caixas" da Fundação Brasileira de Ensino de Ciências (Funbec), esse material era composto de objetos/instrumentos bastante variados, relativos a diversos assuntos. Justamente por isso eram caras e cada instituição recebia apenas uma, logo a aula acabava sendo expositiva mesmo quando esse material era utilizado, pois não havia o suficiente para que todos os alunos o manipulassem. Além disso, por muitas vezes o professor optava por não o utilizar devido à caixa ser muito pesada para ser levada às salas; ainda, por se tratar de um material de custo elevado a cobrança da direção com relação ao seu uso e cuidado era imensa, sendo que, em alguns casos, a coordenação chegou a escondê-lo, pois se estragasse algo não havia quem consertasse[271].

Portanto, existia o material, mas era como se não houvesse. Enquanto que com a utilização da sucata o aluno podia manipular, acabando por assimilar melhor o conteúdo

---

[267] CODEX. **Curso instrumentalização para o ensino de ciências**. Naec: Cuiabá, 1982b. Disponibilizada pela professora Elisete de Miranda e pelo Gepemat.
[268] Informações trazidas na entrevista da professora Heliete (Narrativa 7).
[269] Fonte: narrativas de nossos depoentes.
[270] Esclarecimentos fornecidos pelo professor Sérgio (Narrativa 8).
[271] Como fonte para essas informações nos valemos da entrevista do professor Sérgio (Narrativa 8).

exposto, devido à utilização do material concreto. Os integrantes do Naec montavam alguns kits, nos quais além do material eram disponibilizados pequenos manuais de como utilizá-los[272].

O núcleo se reunia, rediscutia e propunha as atividades, geralmente interdisciplinares, que a cada semana eram aplicadas por uma equipe. No entanto, a carga horária de dispensa era pequena para que os professores participantes da Universidade pudessem organizar o material, se prepararem e saírem a campo. Além disso, como eram professores de diferentes departamentos nem sempre conseguiam a dispensa no mesmo horário, logo, apesar da liberação de 20 horas da carga horária, era difícil marcarem-se reuniões para o planejamento das ações a serem realizadas, isso acabou desmotivando o grupo, que aos poucos foi esmorecendo até se extinguir[273].

O trabalho realizado nas escolas foi muito significante, tornando-as reconhecidas, no entanto, quando o grupo esmoreceu elas acabaram sendo deixadas e o trabalho que estava em andamento começou a retroceder.

O Naec foi desvinculado pouco antes de meados da década de 1980, quando a política nacional sofria mudanças no sentido de descentralizar os centros de Ciências. Com isso, passaram a surgir grupos não mais interdisciplinares e sim específicos de cada área[274].

Não foi realizada uma avaliação formal para verificar se os objetivos do grupo foram atingidos, nesse momento não se tinha muito clara a ideia de registro e produção de relatórios, porém pelas manifestações dos professores, ao menos parcialmente, os propósitos foram alcançados, pois alguns mudaram suas posturas em sala de aula e outros buscaram a Universidade como meio de formação e posterior atuação, em menor número havia aqueles que não demonstravam muito interesse por considerarem trabalho a mais, sendo que a aula tradicional era mais cômoda[275].

Entre os anos de 1982 e 1983 o grupo desenvolveu atividades interdisciplinares em uma escola pública da capital, nesse período tiveram contato com um material instrucional de Matemática produzido pelos professores Reginaldo Naves de Souza Lima e Maria do Carmo Vila, da UFMG. Nesse momento, por meio de um convênio entre a Secretaria de Educação e Cultura de Mato Grosso (SEC-MT) e UFMT, foram ofertados cursos de extensão em Matemática aos professores da Educação Básica, cursos esses ministrados pelos autores do

[272] Textualização professor Sérgio (Narrativa 8).
[273] Informações trazidas pelo depoimento da professora Elisete (Narrativa 5).
[274] Entrevista do professor Sérgio (Narrativa 8).
[275] Para tais afirmações nos baseamos nos depoimentos das professoras Elisete (Narrativa 5) e Heliete (Narrativa 7).

material e pelas professoras do Naec, referentes à Matemática, Heliete (Narrativa 7) e Elisete (Narrativa 5), que tiveram como referencial esse material[276].

Essa experiência serviu de alicerce para que se elaborasse o primeiro projeto de Ensino de Matemática para o 1ºGrau: Desenvolvimento de Potencialidades Docentes, executado de 1984 a 1989, que recebeu financiamento do MEC/SESu/FNDE. Este projeto tinha por objetivo treinar em serviços docentes dos anos iniciais para que pudessem utilizar o material instrucional em suas salas e proporcionar aos alunos do Magistério e da Licenciatura em Matemática uma real participação em situações didático-pedagógicas. Esse projeto atendeu a 2.372 pessoas entre os anos de 1984 a 1989, estando assim divididas: 285 em 1984, 378 em 1985, 577 em 1986, 668 em 1987, 370 em 1988 e 94 em 1989[277]. Inicialmente, esses projetos eram financiados pelo MEC, mas passado algum tempo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) passou a financiar os cursos de especialização e fornecer bolsas aos cursistas.

Dentre os pontos positivos do projeto, no que se refere à aprendizagem dos alunos, o material e a metodologia se mostraram satisfatórios, no entanto, a grande rotatividade dos professores cursistas, a insegurança em utilizar um material diferente e a falta de tempo para o preparo das aulas acabaram por enfraquecer as ideias do curso[278].

Durante esse período houve o desligamento do Naec que ocorreu, mais ou menos, quando estava em andamento a reconversão das Licenciaturas Curtas em Plenas. Os departamentos de Química, Física, Biologia e Matemática se uniram para solicitar a reconversão em Licenciaturas Plenas específicas de cada área o que vinha sendo a Licenciatura em Ciências, para isso no ano de 1984 realizaram uma consultoria jurídica junto à reitoria da Universidade[279]. Vale lembrar que em 1978, começou-se a repensar nacionalmente as Licenciaturas Curtas[280] como resposta aos movimentos que se mostraram contrários a elas e, principalmente, devido às instituições que não as incorporaram.

---

[276] WIELEWSKI, G. D.; PALARO, L. A.; WIELEWSKI, S. A. Cuiabá na década de 80: vestígios da matemática moderna nas quatro primeiras séries do 1º grau. **Diálogo Educacional,** Curitiba, v.8, n.25. p. 675-688, set./dez. 2008.

[277] UFMT – Departamento de Matemática. **Proposta de implantação da pós-graduação em educação** – linha de pesquisa: Educação Matemática. Cuiabá, 1992. Disponibilizado pelo Gepemat.

[278] UFMT – Departamento de Matemática. **Proposta de implantação da pós-graduação em educação** – linha de pesquisa: Educação Matemática. Cuiabá, 1992. Disponibilizado pelo Gepemat.

[279] Informações fornecidas por nossos colaboradores, também estão presentes em: UFMT – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Parecer nº 099/84 – Conjur.** Desconversão do curso de Licenciatura em Ciências. Cuiabá, 1984a. Disponibilizada pelo Departamento de Matemática.

[280] Pela Resolução nº 5 de 1978 do Conselho Federal de Educação adiou-se o prazo estabelecido pela Resolução nº 37 de 1975, para a implantação obrigatória da Licenciatura em Ciências. O prazo, segundo essa nova Resolução, foi adiado até próxima deliberação (BRASIL, 1978).

Dentre os argumentos levantados estava a insatisfação com a Licenciatura Curta, na qual se visava fornecer uma formação geral na área de Ciências que acabava sendo insuficiente para o específico de cada área, ou seja, a formação conteudista do curso não agradava aos docentes, pois acabava sendo superficial, enquanto que a Licenciatura Plena, focando uma determinada área, permitiria um maior aprofundamento nos conteúdos específicos, permitindo que o futuro professor os dominasse mais solidamente[281]. Além disso, apontou-se a pequena procura pelo curso, a maioria das vagas era preenchida como segunda opção pelo candidato, além do alto índice de evasão e de troca de cursos, por meio de novos vestibulares[282].

Nesse período, nacionalmente, inicia-se uma resistência mais forte ao governo militar e as imposições que ele fazia. Começam as primeiras greves e foi criado o Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições Superiores (Andes), em 1981. É nesse cenário que a UFMT passa a expor sua resistência a Resolução 30 de 1974[283]. No entanto, apesar da insatisfação com a modalidade em vigor e o anseio para a reconversão, os movimentos não podiam ser muito radicais, pois ainda vivia-se o período da ditadura, logo era prudente um cuidado maior para manifestar-se a própria opinião.

Segundo nossos colaboradores, esse anseio por deixar a Licenciatura em Ciências foi intensificado com a criação de mais departamentos, logo, cada um queria o seu curso para que pudesse cuidar e trabalhar. Com a ruptura, os departamentos assumiram cada um para si a responsabilidade pela formação na área.

A proposta de reconversão foi encaminhada ao Conselho Federal de Educação, à qual a UFMT recebeu uma resposta favorável em 07 de novembro de 1984[284]. Assim sendo, tal Universidade em 24 de outubro de 1985, ou seja, quase um ano após a resposta recebida do CFE[285], apresenta a Resolução nº CD 64/85, pela qual são reconvertidas em Licenciaturas Plenas em Matemática, Química, Física e Biologia, a que era tida até então como Licenciatura em Ciências com habilitação nestas áreas, tendo direito de terminar a Licenciatura em

---

[281] UFMT – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Parecer nº 099/84 – Conjur.** Desconversão do curso de Licenciatura em Ciências. Cuiabá, 1984a. Disponibilizada pelo Departamento de Matemática.

[282] UFMT – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Ofício nº GR – 218/84, de 25 de setembro de 1984.** Cuiabá, 1984b. Disponibilizada pelo Departamento de Matemática.

[283] Textualização professor Vinícius (Narrativa 9).

[284] CFE – CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. **Resposta ao ofício GR – 218/84.** Brasília, 1984. Disponibilizado pelo Departamento de Matemática.

[285] Aqui cabe uma reflexão: após a Resolução 30/74 a UFMT já colocou em vigor, para o ano de 1975, a Licenciatura Curta em Ciências, o que não ocorreu com a reconversão, que, embora já autorizada pelo CFE, só foi liberada pela UFMT praticamente um ano depois. Teria isso alguma relação com o governo ditatorial que regia o país no momento? É interessante destacar que o regime militar cede lugar a democracia no ano de 1985, ou seja, a Universidade autorizou a reconversão quando o militarismo já não exercia pressão na sociedade, neste caso existe coincidência?

Ciências quem a havia começado[286]. Com a reconversão autorizada em 1985 não houve vestibular para entrada de alunos em 1986, pois o curso estava sendo reestruturado, voltando a funcionar em 1987.

Segundo o professor Vinícius (Narrativa 9) a reconversão às Plenas acontece e, de certa forma, volta-se a se basear nos Currículos Mínimos para formar professores[287] da década de 1960, ou seja, para a UFMT que fez esse movimento na década de 1980 são praticamente 20 anos de retrocesso. Isso ocorreu por não se ter outra proposta disponível e como não se queria a continuidade da Resolução 30/74, decidiu-se voltar 20 anos.

Embora tenha se pensado em mudanças não foi possível fazer nada radical, que fugisse muito ao que o governo propunha anteriormente. Para auxiliar na reformulação do curso, no retorno para as Plenas, o Departamento de Matemática recebeu assessoria de diversos professores, entre eles: Sérgio Aparecido Lorenzato, Maria Laura Mouzinho Leite Lopes, Reginaldo Naves de Souza Lima, Maria do Carmo Vila, Nilza Bertoni e Ubiratan D"Ambrósio.

Abaixo, nas Figuras 43, 44 e 45, disponibilizamos o currículo da Licenciatura Plena em Matemática que se instalou a partir de 1986 e em anexo (Anexo E) segue sua ementa.

---

[286] UFMT - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Resolução do Conselho Diretor nº 64, de 24 de outubro de 1985.** Cuiabá – MT. Disponível em: <http://sistemas.ufmt.br/ufmt.resolucao/OpenResolucao.aspx?resolucaoUID=1079&ano=1985&tipoUID=1>. Acesso em: 23 mar. 14.

[287] UFMT – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Parecer nº 099/84 – Conjur.** Desconversão do curso de Licenciatura em Ciências. Cuiabá, 1984a. Disponibilizada pelo Departamento de Matemática.

Figura 43: Currículo Pleno de Matemática a partir de 1986.

05

CURSO : LICENCIATURA PLENA EM MATEMÁTICA

SITUAÇÃO LEGAL : RECONHECIDO PELO DECRETO Nº	
Duração do Curso : 2.880 hs - 165 Créd.	Integralização do Curso
Disciplinas Obrigatórias : 2.580 hs	Tempo mínimo : 6 semestres
Disciplinas Optativas : 180 hs	
E.P.B. : 60 hs	Tempo máximo : 14 semestres
Educação Física : 60 hs	
Total : 2.880 hs	

CURRÍCULO PLENO DE MATEMÁTICA
PERIODIZAÇÃO SUGERIDA

CÓDIGO	DISCIPLINAS	PRÉ - REQUISITO	CRÉDITO	C.H.
	1º SEMESTRE			
MAT-501	Matemática para o Ensino	-	4.4.0	180
EDU-138	Introdução à Educação	-	4.0.0	60
HIS-301	Estudo de Problemas Brasileiros I	-	2.0.0	30
LET-201	Língua Portuguesa	-	4.0.0	60
EDF-107	Educação Física I	-	0.1.0	30
	2º SEMESTRE			
MAT-502	Vetores e Geometria Analítica	MAT-501	6.0.0	90
MAT-503	Cálculo I	MAT-501	6.0.0	90
MAT-525	Desenho Geométrico	MAT-501	2.1.0	60
SES-433	Sociologia Geral	EDU-138	4.0.0	60
EDU-165	Psicologia da Educação I	EDU-138	4.0.0	60
EDF-107	Educação Física II	EDF-107	0.1.0	30
	3º SEMESTRE			
MAT-504	Cálculo II	MAT-503	6.0.0	90
EDU-120	Estrutura e Func.do Ens. de 1º e 2º Graus	EDU-138	4.0.0	60
FIS-337	Física Geral e Exp. I	MAT-502/ MAT-503	4.1.0	90
HIS-355	Filosofia da Ciência	SES-433	4.0.0	60
EDU-166	Psicologia da Educação II	EDU-165	4.0.0	60

Fonte: UFMT (1987).

Figura 44: Currículo Pleno de Matemática a partir de 1986.

06

	4º SEMESTRE			
MAT-505	Cálculo III	MAT-504	6.0.0	90
MAT-507	Computação para o Ensino	MAT-502	4.1.0	90
MAT-509	Álgebra I	MAT-502	4.0.0	60
EDU-116	Didática	EDU-166	4.0.0	60
FIS-338	Física Geral e Exp. II	FIS-337	4.1.0	90
	5º SEMESTRE			
MAT-506	Equações Diferenciais	MAT-505	4.0.0	60
MAT-508	Cálculo Numérico	MAT-507/ MAT-506/RP	3.1.0	75
MAT-519	Álgebra II	MAT-509	4.0.0	60
MAT-520	Didática da Matemática	MAT-501/ EDU-116	3.1.0	75
FIS-339	Física Geral e Exp. III	FIS-338	4.1.0	90
	6º SEMESTRE			
MAT-511	Álgebra Linear I	MAT-510	4.0.0	60
MAT-517	Análise Matemática I	MAT-505	4.0.0	60
MAT-519	História e Fil. da Matemática	MAT-520	4.0.0	60
MAT-521	Instrum. para Ensino da Matemática	MAT-502/ MAT-519/RP	2.2.0	90
HIS-302	Estudo de Problemas Brasileiros II	HIS-301	2.0.0	30
	Optativa	-	4.0.0	60
	7º SEMESTRE			
MAT-512	Álgebra Linear II	MAT-511	4.0.0	60
MAT-514	Probabilidade e Estatística	MAT-505	4.1.0	90
MAT-515	Programação Linear	MAT-508/ MAT-512/RP	3.1.0	75
MAT-522	Prática de Ens. da Matemática I	MAT-521	1.2.0	75
	Optativas	-	4.0.0	60
	8º SEMESTRE			
MAT-513	Variáveis Complexas	MAT-505	4.0.0	60
MAT-523	Prática de Ens. da Matemática II	MAT-522	0.1.3	120
MAT-524	Seminário de Matemática Aplicada e Pesquisa em Ensino	MAT-523/RP	0.2.0	60
	Optativa	-	4.0.0	60
	OPTATIVAS			
MAT-470	Física Matemática	MAT-506	4.0.0	60

Fonte: UFMT (1987).

Figura 45: Currículo Pleno de Matemática a partir de 1986.

MAT-516	Programação Não Linear	MAT-515	3.1.0	75
MAT-518	Análise Matemática II	MAT-517	4.0.0	60
MAT-526	Topologia Geral	MAT-517	4.0.0	60
MAT-527	Processamento de Dados I	MAT-527	2.1.0	60
MAT-528	Processamento de Dados II	MAT-527	2.1.0	60
FIS-340	Física Geral e Exp. IV	FIS-339	4.1.0	90
FIS-341	Física Geral e Exp. V	FIS-340	4.1.0	90
LET-252	Inglês Técnico I	-	4.0.0	60
BIO-520	Ecologia Geral	MAT-514	3.1.0	75

Fonte: UFMT (1987).

Se por vezes o curso era pouco atrativo para os que estavam ingressando, isso não prevaleceu em 1987, quando a Licenciatura em Matemática foi o segundo curso mais procurado na área de Ciências Exatas e Tecnologia, perdendo apenas para Engenharia Civil. Esse aumento na procura foi influenciado por alguns fatores, entre eles a melhora na carreira docente do estado e uma grande campanha de marketing desenvolvida pela Universidade nas escolas e cursinhos. Até então não existia na UFMT cursos na área computacional, então como disciplinas optativas na Matemática passaram a ser ofertadas: Processamento de Dados I e II, que tiveram grande procura[288].

Com relação à parte de Física do curso, também foram oferecidas disciplinas optativas, o aluno obrigatoriamente cursava três disciplinas de Física Geral e Experimental. Como meio de continuar nesse caminho passaram a ser ofertadas Física Geral e Experimental IV e Mecânica Quântica, além de disciplinas voltadas à Educação Matemática. Tudo isso aliado aumentou a procura pelo curso. Na Matemática haviam disciplinas pouco ofertadas em outros locais, como História e Filosofia da Matemática, e Matemática para o Ensino, que faziam com que a estrutura do curso fosse considerada interessante para a época, até mesmo em nível nacional[289].

Por falar na Matemática para o Ensino, ela foi criada nesse momento de retorno às Licenciaturas Plenas, 1985-1987, com carga horária de 180 horas, visando uma revisão dos conteúdos matemáticos do ensino básico. Foi pensada justamente devido às deficiências em conhecimentos que os alunos apresentavam ao iniciarem o curso. Não era específica para recuperar a defasagem, mas sim relembrar o que já haviam estudado[290].

[288] Textualização professor Carlos (Narrativa 4).
[289] Informações fornecidas por nossos colaboradores.
[290] Textualizações dos professores Sérgio (Narrativa 8), Elisete (Narrativa 5) e Heliete (Narrativa 7).

Conforme a metáfora utilizada pelo professor Carlos (Narrativa 4), ela seria uma espécie de canal em que, de um lado ficavam os Fundamentos de Matemática e do outro a Didática e por ele passaria um barco que ora pararia de um lado, ora de outro. Acreditava-se que conhecendo a melhor forma de ensinar um conteúdo aprender-se-ia o conteúdo. A intenção era não trabalhá-la com aulas expositivas, o conteúdo devia ser repassado do modo como eles ensinariam aos alunos, com atividades e material concreto, ou seja, tinha-se uma parte prática, outra de aplicação e por fim entrava-se com a teoria e as listas de exercícios[291]. Quando foi criada, portanto, buscaram trabalhar essas duas áreas em conjunto, no entanto, aparentemente isso não foi possível do modo como programado.

Essa disciplina, segundo nossos entrevistados, era ofertada antes de Cálculo I e deveria fornecer uma base a ele, porém os alunos ainda estavam chegando com bastante dificuldade nessa disciplina subsequente. Motivo este, também, para ter mudado de nome; atualmente se chama Fundamentos da Matemática e tornou-se um obstáculo bastante trabalhoso aos que ingressam no curso, pois poucos têm conseguido passar para o Cálculo I, do qual ela é pré-requisito.

Para os matemáticos, essa disciplina foi mal interpretada e inicialmente não estava atendendo ao pretendido, considerando inclusive o nome como errado, já os educadores matemáticos acham que ela atendia aos propósitos logo que foi criada e depois de sua reestruturação é que se perdeu a ideia inicial. Em princípio, era ministrada por educadores matemáticos e atualmente é trabalhada por matemáticos. Esses desacordos em relação à disciplina decorrem, principalmente, das distintas concepções de ensino dos professores da Matemática Pura ou Aplicada e dos educadores matemáticos[292].

Essas diferenças no modo de encarar o ensino repercutem também em outros aspectos, como na organização do curso. Seria interessante, por exemplo, conforme afirmam alguns de nossos colabores, buscar uma aproximação dele com a proposta interdisciplinar que o estado tem pensado em implantar no Ensino Médio. No entanto, projetar uma licenciatura de forma interdisciplinar não é uma tarefa fácil, principalmente devido às linhas de pensamento bastante antagônicas presentes no curso.

Nesse período, 1986/1987, o Departamento de Matemática e os cursos por ele ofertados estavam assim organizados, Figuras 46, 47 e 48:

---

[291] Fonte: Narrativas de nossos depoentes.
[292] Considerações tecidas a partir das informações recebidas por meio das entrevistas.

Figura 46: Colegiados de cursos ofertados pelo Departamento de Matemática 1986-1987/1.

DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA

COLEGIADOS DE CURSO

1. Colegiado de Curso de Ciências

Curso : Licenciatura em Ciências do 1º Grau (em extinção).

MEMBROS :

Prof. Carlos Antônio Dornellas - Presidente
Prof. Edinaldo de Castro (Departamento de Química)
Profª Marlene Milharezi D. Mendonça (Dep. de Física)
Prof. Nilson José Alves Negrão (Coordenador de Curso)
Profª Vera Lúcia Graciani

DISCENTE :

Edna Ferreira

2. Colegiado de Curso de Matemática

Cursos : Habilitação em Matemática (em extinção)
Licenciatura Plena em Matemática

MEMBROS :

Prof. Carlos Antônio Dornellas - Presidente
Profª Ana Luíza Carvalho de Araújo
Profª Heliete Martins Castilho Moreno
Prof. José Luiz Márcio
Prof. Luiz Fernando Provenzano
Profª Valneide Cabral

DISCENTE :

Edson Evangelista dos Santos

Fonte: UFMT (1987).

Figura 47: Corpo docente 1986-1987/1.

CORPO DOCENTE :

Prof. Antônio Carlos Cândia
Prof. Antônio Rodrigues da Silva
Prof. Adalberto Jorge Félix
Prof. José Wellington Ferreira
Prof. José Pereira Régis
Prof. Mário Gomes Monteiro
Prof. Moacyr de Freitas
Prof. Oscar Arine
Prof. Pedro Novis Neves
Prof. Pelágio Palma Filho
Prof. Augusto Frederico Müller Júnior
Prof. Antônio Rizzo Corrêa Galvão
Prof. Benedito Barbosa de Souza
Prof. Carlos Antônio Dornellas
Prof. Cristovam Marcelo Siqueira de F_gueiredo
Prof. Carlos Roberto Sanches
Prof. Francisco Framarion Pinheiro
Prof. Hélio Trinas Filho
Prof. José Airton de Paula
Prof. José Figueira Gusmão
Prof. Jurandir Mellado
Prof. Luiz Gonzaga Coelho
Profª Lourdes Aroca
Profª Maria Alice Alves Corrêa da Silva Pereira
Profª Maria Elizabeth Milanezi de Paula
Prof. Nilson José Alves Negrão
Prof. Nilson Caminha de Azevedo
Profª Nilda Bezerra Ramos
Profª Olga Sartori
Prof. Paulo Afonso Orlando de Moraes
Profª Regina Célia Balbino Figueira Lisboa
Profª Valneide Cabral
Prof. Victor Hugo de Souza Lisboa
Profª Aurélia Domingas de Oliveira
Prof. Aquiles Leite do Nascimento
Profª Elisete de Miranda
Profª Heliete Martins Castilho Moreno

Fonte: UFMT (1987).

Figura 48: Corpo docente 1986-1987/1.

Prof. Humberto da Silva Metello
Prof. José Luiz Márcio
Prof. Luiz Fernando Provenzano
Prof. Luiz Lotufo
Prof. Nicolau Pinto de Godoy Filho
Profª Olga Nakajima
Prof. Reinaldo de Lamônica Freire
Profª Sônia Regina do Nascimento
Profª Vera Lúcia Graciani
Profª Ana Luiza Carvalho Araújo
Prof. José Roberto Schmaltz
Prof. Genivalter da Silva Gomes

Fonte: UFMT (1987).

Por falar em professores do Departamento, a valorização/priorização pela Matemática se faz presente em boa parte das narrativas de nossos colaboradores. No entanto, em algumas essa priorização pela Matemática se mostra mais forte, como quando afirmam que está se dedicando muitas horas para a formação profissional e o conteúdo que é muito importante tem sido posto um pouco de lado. Sendo reforçado pelo entendimento de que, talvez, seja mais interessante primeiro a pessoa aprender Matemática, para depois aprender como ensiná-la.

À época da Licenciatura Curta, conforme nossos depoentes, a parte matemática ficava ainda mais a desejar, pois quando chegavam ao específico havia muita defasagem, não conseguiam acompanhar e o tempo destinado para aprender o conteúdo referente à Matemática era pequeno, logo não dava para aprofundar-se muito.

A ideia de que educadores matemáticos não sabem Matemática já está tão incorporada que pode ser notada até mesmo em discursos de profissionais dessa área, quando afirmam, por exemplo, que possuem formação em Educação Matemática, mas que sabem Matemática e conseguem trabalhar bem com essa área. Nos discursos de alguns professores podemos sentir o apoio e a valorização da retenção em massa em disciplinas matemáticas.

No entanto, o antagonismo entre matemáticos e educadores matemáticos se mostra marcante, passando a impressão, em alguns momentos, de serem dois extremos: matemáticos que trabalham a Matemática como se fossem formar pesquisadores e educadores matemáticos que trabalham apenas metodologias ou amenidades pedagógicas.

O professor Vinícius (Narrativa 9) destaca a necessidade de tentar-se equacionar isso, entrar em um acordo do que se entende por formar professores. Lembrando que outros elementos, além da Matemática, são essenciais para a formação do conhecimento matemático

do futuro professor, ou seja, almeja-se mais ligação entre as disciplinas de modo que se evite a "licenciatura inspirada em curso de bacharelado, cujo ensino do conteúdo específico prevalece sobre o pedagógico e a formação direcionada para a prática docente assume, por sua vez, um papel secundário ou complementar."[293].

No entanto, as características da licenciatura próximas a do bacharelado mostram-se desde a primeira turma de Matemática de Cuiabá, ainda no ICLC, como é lembrado pela professora Nilda (Narrativa 3), pois embora tivesse a parte didática com professores de outras áreas, a parte matemática era muito exigente. Já o professor Carlos (Narrativa 4), da segunda turma de Cuiabá e da primeira da UFMT comentou que o curso não tinha as características da licenciatura por serem poucas as disciplinas pedagógicas, mas também não poderia ser caracterizado como um bacharelado, pois a parte matemática não era lecionada com a profundidade para tal, apesar disso a professora Elisete (Narrativa 5), colega de turma do professor Carlos (Narrativa 4), o considera mais como um bacharelado.

Essa aproximação com o bacharelado também é comentada pelo professor Aquiles (Narrativa 6), aluno da terceira turma da UFMT. Ele se recorda de disciplinas bastante exigentes na parte de Matemática, o que se justificava também porque os alunos, ao terminarem seus cursos, já começavam a docência em nível superior, sem cursar mestrado ou doutorado, logo precisavam de uma formação mais aprofundada já em nível superior. Segundo ele ainda hoje existem disciplinas com essa característica na Universidade.

Isso, no entanto, não foi sentido apenas na UFMT, a professora Heliete (Narrativa 7) se formou no interior de São Paulo, na instituição que hoje corresponde à Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), e em seu curso também predominava essa característica, tanto que a maioria de seus colegas, que prosseguiram os estudos, partiram para as áreas de Matemática Pura ou Aplicada.

No entanto, antes, talvez, fosse ainda mais difícil essa articulação, pois o Departamento de Matemática incorporava vários outros, até que em 1992 a Universidade passou por uma reestruturação, até então era dividida em Centros e passando a se organizar em Institutos e Faculdades. Devido a esse movimento, o Departamento de Matemática, que incorporava diversos cursos, foi dividido criando-se novos departamentos, como o de Computação; mais ou menos nesse período também foram desvinculados os departamentos de

[293] DALCIN, A.; CUNHA, R. da; SANTOS, V. M. P dos. Panorama histórico sobre a educação matemática e a formação de professores que ensinam matemática em Mato Grosso. In: Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática. Enaphem, 2, 2014, São Paulo. **Anais...** Bauru – SP, 2014, p. 1-10. p. 9.

Estatística e Arquitetura. No início, além destes, eram incorporados ao Departamento de Matemática os de Física e de Química, mas foram os primeiros a se separarem[294].

No entanto, conforme as narrativas de nossos depoentes, mesmo quando incorporava esses diferentes departamentos, atendendo a variados cursos, priorizava-se a formação do professor de Matemática, com isso para atuarem no curso dava-se preferência aos docentes formados na área.

E foi em meio a esse ambiente, dividido entre pensamentos de matemáticos e educadores matemáticos, que se criou, em 1985, o Grupo de Ensino e Pesquisa em Educação Matemática (Gepemat).

3.3. Gepemat e a formação continuada de professores da Educação Básica

O Gepemat se formou devido ao aumento de educadores matemáticos e interessados na área no interior da UFMT, os quais se mostraram preocupados com o ensino da Matemática em Mato Grosso, de modo especial em Cuiabá. Entre seus primeiros membros estavam Elisete de Miranda (Narrativa 5), Heliete Martins Castilho Moreno (Narrativa 7), Olga Sartori Farinelli e Maria Elizabeth Milanezi de Paula, além do, então estagiário, Sérgio Antônio Wielewski (Narrativa 8)[295]. O professor Sérgio (Narrativa 8) começou como estagiário do grupo, auxiliando na confecção de materiais e participando de atividades de capacitação.

Por meio do Grupo, segundo nossos colaboradores, foi possível rever a estrutura do curso e acrescentar a ele disciplinas pedagógicas, tornando-se mais fácil, por meio dele, a interação na licenciatura. Foi bastante ativo, principalmente ao final da década de 1980, sendo composto por muitos professores, quase todos os docentes da área de Ensino de Matemática faziam parte do Gepemat, além da área de ensino o Departamento era composto pelas áreas de Informática, Matemática Aplicada, Álgebra, Desenho e Estatística[296].

Desde seu início o grupo se tornou responsável pelas "disciplinas pedagógicas do Curso de Licenciatura Plena em Matemática, bem como pela elaboração e desenvolvimento de projetos de ensino do Departamento de Matemática, pelos cursos de extensão para

[294] Informações fornecidas pelo professor Vinícius (Narrativa 9).
[295] WIELEWSKI, G. D.; PALARO, L. A.; WIELEWSKI, S. A. Heliete Moreno. In: VALENTE, W. R. (Org.). **Educadoras matemáticas:** memórias, docência e profissão. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013. p. 97-112.
[296] Fonte: Narrativas de nossos colaboradores.

professores da rede de ensino"[297], além da prestação de assessoria às secretarias estaduais e municipais, bem como às escolas particulares.

O Gepemat foi criado em um período em que estavam saindo muitos editais de projetos e teve como sua primeira coordenadora Olga Sartori Farinelli[298]. Diferente do Naec, esse grupo não foi institucionalizado[299], no entanto, recebeu apoio do Departamento de Matemática para que se concretizasse. Pertencia, portanto, especificamente a essa área, diferente do Núcleo de Apoio ao Ensino de Ciências que trabalhava de modo interdisciplinar.

Também foi fruto da participação de seus membros em congressos na área de Educação Matemática, onde eles conheceram grupos que realizavam atividades semelhantes às objetivadas na UFMT[300]. Nesses encontros, de acordo com nossos entrevistados, além de novos saberes, adquiriam-se experiências bastante ricas que eram levadas a Cuiabá.

De certa forma, este Grupo foi fruto do Naec, sendo impulsionado por ele. A experiência adquirida com esse primeiro grupo forneceu força aos departamentos para que criassem os próprios da área, que no caso da Matemática foi o Gepemat[301]. Ainda estava em funcionamento o primeiro projeto de Ensino de Matemática para o 1º Grau (comentado anteriormente, iniciado no Naec), quando em 1985 o grupo submeteu à Capes, por meio do Subprograma Educação para a Ciência (SPEC), um segundo projeto - Melhoria das Potencialidades Docentes nos Cursos de Magistério: Uma Proposta Alternativa em Educação Matemática, o qual teve sua aprovação e desenvolvimento em 1986. Essa proposta tinha por objetivo o aperfeiçoamento em Educação Matemática, dos profissionais dos cursos de Magistério de oito escolas estaduais cuiabanas e varzeagrandenses[302].

Com o bom êxito desse projeto propôs-se sua continuidade até 1989, atendendo aos professores do Magistério, que atuavam de primeira a quarta séries e de alunos da Licenciatura em Matemática. Em 1986 este curso foi ampliado e se tornou uma especialização

---

[297] WIELEWSKI, G. D.; PALARO, L. A.; WIELEWSKI, S. A. Heliete Moreno. In: VALENTE, W. R. (Org.). **Educadoras matemáticas:** memórias, docência e profissão. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013. p. 97-112. p. 101.

[298] WIELEWSKI, G. D. O Movimento da matemática moderna e a formação de grupos de professores de matemática no Brasil. In: **ProfMat2008**, 2008, Elvas-Portugal. ProfMat2008 Actas. Lisboa. Associação de professores de matemática, 2008. p.1-10.

[299] E por não ser institucionalizado não possui portaria de criação.

[300] A presença brasileira na comunidade científica de Educação Matemática só se mostrou no início do século XX, sendo retomada de modo acanhado na década de 1950, se apresentando em âmbito internacional nos anos 1960/1970, culminando na fundação da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) em 27 de janeiro de 1988, na cidade de Maringá durante o segundo Encontro Nacional de Educação Matemática (II Enem). (PEREIRA, 2005).

[301] Informações cedidas por nossos depoentes.

[302] WIELEWSKI, G. D.; PALARO, L. A.; WIELEWSKI, S. A. Cuiabá na década de 80: vestígios da matemática moderna nas quatro primeiras séries do 1º grau. **Diálogo Educacional,** Curitiba, v.8, n.25. p. 675-688, set./dez. 2008.

intitulada Metodologia do Ensino da Matemática de 1ª a 4ª séries do 1º grau, dele participaram 46 professores[303], dos quais nove lecionavam Matemática, dez Didática, dez Metodologia, dois eram técnicos da Secretaria de Educação e Cultura do estado, quatro técnicos da Delegacia Regional de Educação e Cultura de Cuiabá e dois da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Cuiabá, além de nove supervisores de escolas[304].

O curso teve carga horária de 465 horas abrangendo as disciplinas: Psicologia do Desenvolvimento, Metodologia da Pesquisa Educacional, Ensino de Aritmética e Ensino de Geometria, além de Seminários sobre vários aspectos da educação. Após o cumprimento das disciplinas os cursistas produziram monografias a partir do tema A Situação do Ensino de Matemática na Escola Pública[305].

Além da especialização, realizada em 1986, conforme mencionamos, o projeto continuou. Entre 1987 e 1988 o projeto Melhoria das Potencialidades Docentes nos Cursos de Magistério: Uma Proposta Alternativa em Educação Matemática envolveu oito escolas de Magistério, tanto de Cuiabá quanto de Várzea Grande, foram elas sete Escolas Estaduais de 1º e 2º Graus: Antonio Epaminondas, Ulisses Cuiabano, Raimundo Pinheiro, Ferreira Mendes, Fenellon Muller, André Avelino Ribeiro e Licínio Monteiro, as seis primeiras cuiabanas e a última varzeagrandense; e a Sociedade Educacional Renascença, também de Cuiabá[306].

No entanto, nessa nova etapa visava-se oferecer treinamento em serviço aos professores que já haviam participado do curso, bem como para docentes dos anos iniciais que possuíam micro projetos, além da implantação da proposta metodológica nas escolas, enfocando o ensino de Matemática. Por fim também devido a esse projeto houve a instalação, na Universidade, de um Laboratório de Ensino-Aprendizagem de Matemática, que embora não fizesse parte do projeto inicial, a partir de agosto de 1988 se tornou meta prioritária. Por meio dele se visava dar suporte aos professores da Educação Básica, bem como aos estudantes da licenciatura em Matemática[307]. Estes licenciandos têm auxiliado na montagem

---

[303] WIELEWSKI, G. D.; PALARO, L. A.; WIELEWSKI, S. A. Heliete Moreno. In: VALENTE, W. R. (Org.). **Educadoras matemáticas:** memórias, docência e profissão. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013. p. 97-112.

[304] UFMT – Departamento de Matemática. **Proposta de implantação da pós-graduação em educação** – linha de pesquisa: Educação Matemática. Cuiabá, 1992. Disponibilizado pelo Gepemat.

[305] UFMT – Departamento de Matemática. **Proposta de implantação da pós-graduação em educação** – linha de pesquisa: Educação Matemática. Cuiabá, 1992. Disponibilizado pelo Gepemat.

[306] GEPEMAT. **Projeto:** Melhoria das potencialidades docentes nos cursos de magistério – uma proposta alternativa em Educação Matemática. Cuiabá, 1987. Disponibilizado pela professora Elisete de Miranda.

[307] UFMT – Departamento de Matemática. **Proposta de implantação da pós-graduação em educação** – linha de pesquisa: Educação Matemática. Cuiabá, 1992. Disponibilizado pelo Gepemat.

do laboratório[308], principalmente nas disciplinas Didática da Matemática, Instrumentação para o Ensino da Matemática e Prática de Ensino, as quais são ministradas por membros do Gepemat[309].

Nessa segunda etapa o curso teve carga horária de 436 horas, distribuídas em encontros de estudo, atividades a serem realizadas em momentos distintos aos do encontro e preparação/aplicação de uma unidade instrucional, do material já comentado dos professores Reginaldo Naves de Souza Lima e Maria do Carmo Vila, nas classes do Magistério. Os encontros foram quinzenais, aos sábados[310].

Neles trabalhou-se o conteúdo envolto em uma metodologia. As unidades instrucionais abordadas foram: "Conjuntos, Relações, Nº Natural, Geometria 6 (Áreas e Volumes), Multiplicação e Divisão 2, Algoritmo da Multiplicação, Algoritmo da Divisão, Frações (1) e (2), Frações (3) e (4), Potenciação, Círculos, Geometria 5, Calculogia."[311].

Outro espaço para esse curso também foi o de multiplicação do treinamento recebido, aplicado na Escola Ferreira Mendes, esse processo de multiplicação ficou sob responsabilidade de quatro professores que repassavam o aprendido no curso aos 20 professores dos anos iniciais desse colégio. Os multiplicadores foram assessorados durante todo o processo pelos membros do Gepemat. Esses multiplicadores atuaram na própria Escola Ferreira Mendes, o material, tanto para o professor quanto para o aluno, foi fornecido pelo grupo, sua aplicação foi gradual, em 1987 apenas para a 1ª série, já em 1988 para 1ª e 2ª séries. Além disso, todos os cursistas, tanto do Magistério quanto dos anos iniciais, receberam bolsas de estudo[312]. Essa escola foi abraçada de tal modo que era considerada praticamente como um colégio de aplicação[313] que a UFMT não tinha.

Essa multiplicação dos cursos funcionou até o fim do ano de 1988, quando se optou por finalizá-la devido a vários fatores, entre eles a troca frequente dos professores participantes, a dificuldade em se adaptar à metodologia proposta, redução do número de

---

[308] O laboratório foi organizado em uma sala cedida pelo Departamento de Matemática, local reservado para a realização de atividades de ensino e aprendizagem, os materiais disponibilizados foram construídos por professores e alunos, os trabalhos desenvolvidos nos cursos foram nele arquivados (DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA, 1988).

[309]GEPEMAT. **Relatório técnico sintético:** período set/88 a fev/89. Cuiabá, 1989. Material disponibilizado pela professora Elisete de Miranda.

[310] GEPEMAT. **Projeto:** Melhoria das potencialidades docentes nos cursos de magistério – uma proposta alternativa em Educação Matemática. Cuiabá, 1987. Disponibilizado pela professora Elisete de Miranda.

[311] GEPEMAT. **Relatório técnico crítico:** período set/88 a ago/89. Cuiabá, 1990. p.7. Material disponibilizado pela professora Elisete de Miranda.

[312] GEPEMAT. **Projeto:** Melhoria das potencialidades docentes nos cursos de magistério – uma proposta alternativa em Educação Matemática. Cuiabá, 1987. Disponibilizado pela professora Elisete de Miranda.

[313] Tratava-se de um colégio anexo a algumas instituições de nível superior federais, no qual a universidade aplicava suas pesquisas, nele funcionavam os diversos níveis de ensino.

multiplicadores e longas greves da rede pública da Educação Básica e da UFMT. Já o treinamento do Magistério se manteve até final do ano de 1989, período em que terminava a proposta do projeto, sendo que neste ano foram promovidos pelo Gepemat minicursos e palestras direcionadas também aos professores da rede[314].

Ainda em 1988 o Gepemat, em parceria com o Departamento de Matemática, ofereceu o curso Geometria de 5ª a 8ª séries do 1º Grau, ministrado pelo professor Reginaldo Naves de Souza Lima, entre os dias 22 a 27 de fevereiro, totalizando 45 horas, com 27 participantes, entre eles professores do Departamento e docentes da Educação Básica[315].

Nessas formações, o grupo trabalhava com metodologias diferenciadas com os professores, por meio das quais o docente aprendia formas diferentes de ensinar um determinado conteúdo, ao mesmo tempo em que aprendia o próprio conteúdo, já que muitos desses educadores não possuíam formação superior. Lembrando que a base das formações oferecidas pelo Gepemat estava no material instrucional dos professores Reginaldo e Maria do Carmo[316].

A metodologia adotada baseava-se nos conhecimentos psicológicos de como a criança raciocina, valendo-se de materiais concretos e atividades corporais. O material era composto de um manual destinado ao professor e um caderno para o aluno[317]. O do mestre era bastante ilustrativo, trazendo histórias em quadrinhos, com propostas de atividades corporais, manipulativas simples e com registro. Já o do aluno dispunha de fichas de registro e sistematização de conceitos e ideias trabalhadas. A coleção completa era composta de 23 unidades[318] atendendo ao programa oficial de Matemática do estado. Esse material foi utilizado, inclusive, no curso de Matemática, pois, ao desenvolverem os estágios, os alunos baseavam-se nele ou em suas adaptações[319].

---

[314] GEPEMAT. **Relatório técnico crítico:** período set/88 a ago/89. Cuiabá, 1990. Material disponibilizado pela professora Elisete de Miranda.

[315] GEPEMAT. **Relatório do curso de treinamento geometria de 5ª a 8ª séries do 1º grau.** Cuiabá, 1988. Material disponibilizado pela professora Elisete de Miranda.

[316] Informações fornecidas por nossos colaboradores.

[317] Algumas atividades apresentadas nesse material foram disponibilizadas no artigo de Wielewski, Palaro e Wielewski (2008).

[318] 1) Topologia; 2) Conjuntos; 3) Relações; 4) Número Natural; 5) Numeração; 6) Adição/Subtração (1); 7) Adição/Subtração (2); 8) Algoritmos da Adição; 9) Geometria – Polígonos; 10) Adição/Subtração (3); 11) Algoritmo da Subtração; 12) Multiplicação/Divisão (1); 13) Multiplicação/Divisão (2); 14) Algoritmos da Multiplicação; 15) Geometria – Círculos; 16) Frações (1); 17) Medidas; 18) Relógio; 19) Multiplicação/Divisão (3); 20) Algoritmo da Divisão; 21) Geometria – Poliedros; 22) Frações (2) e 23) Potenciação. (WIELEWSKI; PALARO; WIELEWSKI, 2008, p. 683-684).

[319] WIELEWSKI, G. D.; PALARO, L. A.; WIELEWSKI, S. A. Cuiabá na década de 80: vestígios da matemática moderna nas quatro primeiras séries do 1º grau. **Diálogo Educacional,** Curitiba, v.8, n.25. p. 675-688, set./dez. 2008.

Com o Gepemat, conforme nossos colaboradores, a relação com as escolas não foi tão direta, pois embora trabalhassem com a formação continuada desses professores, na maioria das vezes ela era realizada na própria Universidade nos finais de semana, permitindo, assim, maior participação daqueles que já atuavam em sala de aula durante a semana. Essa atuação não direta nas escolas se deu em decorrência do que ocorreu no Naec, pois embora a experiência desenvolvida por esse Núcleo tenha sido muito interessante, em certo momento, com o término do grupo, a parceria foi desfeita e um sentimentalismo surgiu por não ser possível dar continuidade.

Os alunos da UFMT também trabalhavam como estagiários no Gepemat, assim já começavam a atuar em ações voltadas ao ensino, embora não fossem tão formais a princípio. Por meio do Gepemat, os docentes universitários trabalhavam com os professores e os estudantes da Universidade com os alunos desses professores. Essa aproximação entre escola e Universidade propiciada pelo Naec e pelo Gepemat facilitava, também, a realização dos estágios obrigatórios das licenciaturas na Educação Básica[320].

À medida que o grupo foi se fortalecendo novos membros foram incorporados, como o José Luiz Marcio, Nilda Bezerra Ramos (Narrativa 3), Vera Lúcia Graciano, João Afonso da Silva e Luiz Gonzaga Coelho[321]. Os professores do grupo também tiveram redução de carga horária para que pudessem realizar as atividades promovidas, no entanto, não recebiam remuneração extra pelas atividades. Por meio do Gepemat conseguiram-se novos recursos que viabilizaram projetos de extensão e capacitação/formação continuada[322].

Nesse período não havia alguém com formação em Educação Matemática, portanto, o que o grupo precisava para caminhar foi sendo aprendido na prática, por meio da realização de eventos os quais traziam pessoas da área de diversas instituições. Dentre as contribuições se valeram da experiência do Rio de Janeiro, das professoras Maria Laura Mouzinho Leite Lopes e Lilian Nasser; da Unicamp, dos professores Sérgio Lorenzato, Rodney Bassanezi e Ubiratan D"Ambrósio; e da Universidade Federal de Minas Gerais, Reginaldo Naves de Souza Lima e Maria do Carmo Vila[323].

O grupo produzia diversos materiais, tanto no tempo do Naec quanto do Gepemat, que eram apresentados aos professores como ferramentas alternativas para o ensino. Muitos

[320] Informações disponibilizadas por nossos entrevistados.
[321] GEPEMAT. **Relatório técnico crítico:** período set/88 a ago/89. Cuiabá, 1990. Material disponibilizado pela professora Elisete de Miranda.
[322] Fonte: Narrativas de nossos colaboradores.
[323] Textualizações de nossos depoentes.

desses materiais foram confeccionados pelo professor Sérgio (Narrativa 8), que trabalhava com a parte de marcenaria e serralheria do laboratório do grupo.

De modo especial na década de 1980, o grupo era bastante ativo, participando inclusive de eventos da área fora do estado. Por meio dos projetos desenvolvidos conseguiam-se recursos para participação em eventos nacionais da área de interesse do grupo, dessa forma iam a encontros da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) e de Didática e Prática de Ensino. Alguns, conforme recordado pela professora Nilda (Narrativa 3), foram realizados em São Paulo, nos quais o grupo apresentava trabalhos expondo a metodologia que utilizavam. Parte de seus componentes está entre os membros fundadores da SBEM[324].

Dentre os cursos ofertados pelo Gepemat estão duas especializações e alguns eventos de significativa repercussão no estado, que estavam em amplo crescimento, participando deles, além de pessoas de todo o estado, alguns estrangeiros de países próximos, como Uruguai e Argentina[325].

Segundo o professor Sérgio (Narrativa 8), os eventos eram financiados pelo Subprograma Educação para a Ciência, que voltava suas remunerações à melhoria do ensino de Ciências, assim sendo, alguns desses encontros reuniram professores das áreas de Matemática, Química, Física, Geologia e Biologia para prepará-los, essa união dava-se também por meio da Rede Mato-grossense de Ações Integradas e objetivava fornecer apoio aos docentes da rede pública de ensino, da Educação Básica, envolvendo todas essas áreas foi realizado o I Encontro de Ensino de Ciências, Matemática e Educação Ambiental, entre 13 e 15 de maio de 1992.

Já na área de Educação Matemática foram realizados, desde 1986, oito encontros, com frequência anual. Nesse evento, Simpósio de Ensino de Matemática do Estado de Mato Grosso, eram organizadas cerca de 70 a 80 oficinas/minicursos desenvolvidas no decorrer da semana, além delas eram realizadas palestras, mesas redondas, debates e conferências, por meio dos quais se apresentavam metodologias e laboratórios de ensino diferenciados, permitindo a criação de grupos de ensino, pesquisa e divulgação científica em escolas e na comunidade em geral[326]. Neles divulgavam-se trabalhos e experiências pedagógicas desenvolvidas pelos docentes da UFMT e de outras instituições e estados, permitindo, assim,

---

[324] Segundo referenciado por nossos colaboradores, dos membros do Gepemat participaram como membros fundadores da SBEM as professoras Elisete (Narrativa 5), Heliete (Narrativa 7), Nilda (Narrativa 3) e Olga Sartori.

[325] Textualização professor Sérgio (Narrativa 8).

[326] CCET – Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia. **I Encontro de ensino de ciências, matemática e educação ambiental do estado de Mato Grosso.** Cuiabá, 1991.

um espaço de discussão[327]. Esses eventos contavam com a participação de aproximadamente 1500 pessoas.

Nesse período, como nos conta o professor Sérgio (Narrativa 8), era permitido o alojamento de pessoas nas universidades, assim muitos que vinham do interior do estado ali se instalavam. Esses eventos foram muito produtivos, porém o financiamento para tais foi cortado em torno de 1993, o grupo se reuniu e realizou ainda um último encontro, mas sem verba a sua continuidade ficou inviável.

Portanto, a partir do que expusemos acima, podemos dizer que o Gepemat desenvolveu dois grandes projetos, entre outros menores, um por meio da Secretaria de Educação Superior[328] (SESu) e outro com o Subprograma Educação para Ciências do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT) da Capes. O grupo organizava projetos e encaminhava para essas agências, que forneciam recursos para as capacitações de professores para a área de Matemática[329].

O primeiro projeto realizado, com duração de cerca de quatro anos, envolveu as séries iniciais do atual Ensino Fundamental. Tal trabalho foi desenvolvido na Escola Estadual Presidente Médici e foi a primeira movimentação envolvendo essa modalidade de ensino desenvolvida no Departamento de Matemática. Sempre que entravam novos professores no colégio o processo de capacitação e aplicação recomeçava[330].

Nessa proposta, realizou-se o treinamento dos professores dessa modalidade, fornecendo-lhes e a seus alunos todo o material para que pudessem desenvolver a metodologia proposta pelo Grupo, para isso contaram com recursos próprios do projeto.

Pelo método sugerido por eles, segundo nossos depoentes, valorizava-se muito o concreto, propondo-se a criação de diferentes materiais. A proposta utilizada perpassa desde os anos iniciais do antigo Primeiro Grau até aspectos do nível Médio, antigo Segundo Grau.

Outra ação de destaque foi realizada junto aos professores do Magistério, para que pudessem melhor orientar os alunos e futuros professores das séries iniciais, quanto a metodologias e práticas diferenciadas no ensino da Matemática. A proposta inicial visava um curso de aperfeiçoamento, que, posteriormente, se tornou especialização, atendendo a todos os trâmites legais para isso[331].

---

[327]WIELEWSKI, G. D.; PALARO, L. A.; WIELEWSKI, S. A. Heliete Moreno. In: VALENTE, W. R. (Org.). **Educadoras matemáticas:** memórias, docência e profissão. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013. p. 97-112.

[328] Unidade do MEC responsável pelo Ensino Superior.

[329] Fonte: narrativas de nossos colaboradores.

[330] Informações retiradas das entrevistas por nós realizadas.

[331] Fonte: Narrativas de nossos colaboradores.

O curso foi ofertado alternadamente nos finais de semana, nos sábados durante todo o dia e no domingo pela manhã. Tais horários foram escolhidos visando não prejudicar os docentes em suas atividades escolares. Os membros do Gepemat foram responsáveis por montar o programa desse curso, seus horários e ministrar as aulas. Para o encerramento foram convidados os professores Reginaldo e Maria do Carmo, autores do material utilizado, o qual se valia da perspectiva da aprendizagem a partir da necessidade da criança. Antes de sua divulgação, essa proposta metodológica foi testada, primeiro em pequena e depois em grande, no colégio de aplicação da UFMG[332].

Essa especialização teve duração de 360 horas, ocupadas com a elaboração e desenvolvimento de um projeto nas escolas, trabalho este que pode ser realizado individualmente ou em duplas, o qual foi acompanhado e avaliado pelos professores do Gepemat. O curso era voltado à questão da formação e metodologias para o ensino dos anos iniciais. O certificado de especialização fornecido pela coordenação da UFMT foi entregue a todos os cursistas que participaram com frequência e aproveitamento, desenvolvendo o projeto e elaborando o relatório final do curso. No projeto desta especialização foram previstas bolsas de estudo aos alunos, as quais foram repassadas a todos os participantes[333].

Como nos conta a professora Elisete (Narrativa 5), o recurso financeiro, nesse caso, vinha do SPEC do PADCT da Capes, recebido pela Universidade e direcionado à coordenação de Pós-Graduação. A verba era, então, repassada ao grupo e gerenciada pelo coordenador do projeto que, nesse caso, era um dos membros do Gepemat, que por sua vez prestava conta à Sub-reitoria de Pós-Graduação (SPG). Assim sendo, o coordenador do projeto, além do didático/pedagógico, precisava gerenciar o financeiro. Esse cargo por diversas vezes foi assumido pelas professoras Heliete (Narrativa 7) e Elisete (Narrativa 5).

Nesse período a UFMT não dispunha de um setor financeiro com infraestrutura adequada que facilitasse o trabalho do coordenador do projeto, de modo que cabia a ele, além da prestação de contas, a compra de materiais, a realização da folha de pagamento, entre outros[334].

Outra especialização oferecida pelo grupo foi em conjunto com professores da Unicamp, voltada à Modelagem Matemática intitulada Metodologia para o Ensino de

---

[332] Informações fornecidas por nossos depoentes.
[333] Textualizações de nossos entrevistados, de modo especial a da professora Elisete (Narrativa 5).
[334] GEPEMAT. **Relatório técnico crítico:** período set/88 a ago/89. Cuiabá, 1990. Material disponibilizado pela professora Elisete de Miranda.

Matemática[335]. Dentre os professores da Unicamp que vieram estavam Rodney Bassanezi, João Frederico Meyer (Joni) e Marineusa Gazzeta. Foi o segundo curso oferecido por essa universidade fora de sua área habitual de atuação, o primeiro foi em Guarapuava, no Paraná[336].

Nessa especialização oferecida pela UFMT buscava-se o preparo técnico-científico dos professores dos diferentes níveis de ensino, de modo a fornecer-lhes elementos técnicos e metodológicos para o ensino de Matemática de então, permitindo que fosse promovido por meio de modelos aplicáveis a diferentes áreas, ressaltando, assim, a importância de modelos matemáticos para a vida cotidiana e diferentes níveis de ensino. Esse curso foi financiado pelo MEC- BID III e realizado em três etapas: janeiro e julho de 1987 e janeiro de 1988, totalizando 390 horas[337].

No Gepemat, diferentemente do Naec, já havia a preocupação em avaliar o que vinha sendo feito e após sistematização dos produtos obtidos, foram apontados resultados satisfatórios na aprendizagem dos alunos e nas práticas dos docentes. Apesar disso, o grupo não se preocupou em publicar a respeito dos materiais criados/produzidos e das técnicas utilizadas pelo Gepemat. Como isso já foi amplamente repassado em cursos, muitos que com eles tiveram contato publicaram a respeito, enquanto os próprios membros do Gepemat não o fizeram[338].

Além dessas ações o grupo também atuou no Programa Unestado[339], no curso de Licenciatura Parcelada, ofertado no interior de Mato Grosso[340], coordenado pela UFMT e SEC/MT, bem como na realização de Ciclos de Conferências, Seminários e Simpósios de Ensino de Matemática promovidos anualmente[341].

Assim sendo, a Educação Matemática em Mato Grosso tem, de certa forma, suas raízes com a criação do Gepemat em 1985 e a implantação, novamente, da Licenciatura Plena em Matemática na UFMT em 1986. Com relação ao Gepemat justificamos sua participação anteriormente, já o curso ao ser reestruturado, após a extinção das Licenciaturas Curtas,

---

[335] WIELEWSKI, G. D.; PALARO, L. A.; WIELEWSKI, S. A. Heliete Moreno. In: VALENTE, W. R. (Org.). **Educadoras matemáticas:** memórias, docência e profissão. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013. p. 97-112.

[336] Textualização professor Sérgio (Narrativa 8).

[337] UFMT – Departamento de Matemática. **Proposta de implantação da pós-graduação em educação** – linha de pesquisa: Educação Matemática. Cuiabá, 1992. Disponibilizado pelo Gepemat.

[338] Textualizações de nossos depoentes, de modo especial a do professor Sérgio (Narrativa 8).

[339] Realizado em parceria com a UFMT, visava a capacitação dos docentes da Educação Básica das diferentes áreas.

[340] Oferecida nos municípios de Diamantino, Alta Floresta, Juína e Dom Aquino.

[341] UFMT – Departamento de Matemática. **Proposta de implantação da pós-graduação em educação** – linha de pesquisa: Educação Matemática. Cuiabá, 1992. Disponibilizado pelo Gepemat.

passou a ofertar disciplinas voltadas à Educação Matemática, como: Computação para o Ensino I e II, Prática de Ensino da Matemática I e II, Matemática para o Ensino, História e Filosofia da Matemática, Seminário de Pesquisa em Ensino de Matemática, Didática para Matemática e Instrumentação para o Ensino da Matemática; uma estrutura ousada para a época[342].

O grupo foi muito ativo até início da década de 1990, quando teve suas atividades enfraquecidas, houve tentativas de reativação, porém sem muito êxito, mas cabe destacar que mesmo assim o Gepemat não foi extinto.

A sala do grupo ainda é mantida no Departamento de Matemática da UFMT, nela estão guardados os materiais já produzidos, bem como projetos já propostos e desenvolvidos. Atualmente o grupo trabalha auxiliando também a Secretaria de Estado de Educação (Seduc), no Centro de Formação e Atualização de Professores (Cefapro), atuando na formação de seus formadores[343].

A partir do que relatou-se acima, podemos, portanto, afirmar que a UFMT, por meio do Naec e do Gepemat, de modo especial na década de 1980, desenvolveu importante papel na formação continuada dos professores da Educação Básica em Cuiabá, oferecendo a muitos deles a possibilidade de um primeiro contato com uma formação mais específica nas áreas de Matemática e Ciências. Ou seja, nesse período, tais grupos se mostraram como meios interessantes e necessários para a formação de professores em Cuiabá.

Contudo, esse movimento de formação e a constituição dos centros, departamentos, cursos e grupos não aconteceria se não fossem as pessoas que vieram de muito longe para Cuiabá.

4. O movimento migratório e a ida de professores formados à Mato Grosso

A rivalidade entre o sul e o norte já vinha de longa data. Inicialmente, Campo Grande solicitava a transferência da capital do estado para seu território, como o pedido não foi atendido iniciou-se a "luta" pela divisão, que passou a se fortalecer na década de 1930.[344] No período de solicitação e implantação da Universidade Federal de Mato Grosso em 1970, o estranhamento se intensificou ainda mais, pois Campo Grande, atual capital de Mato Grosso

[342] WIELEWSKI, G. D.; PALARO, L. A.; WIELEWSKI, S. A. Heliete Moreno. In: VALENTE, W. R. (Org.). **Educadoras matemáticas:** memórias, docência e profissão. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013. p. 97-112.
[343] Informações cedidas pelo professor Sérgio (Narrativa 8).
[344] SIQUEIRA, E. M. **História de Mato Grosso:** da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002/ PÓVOAS, L. C. **História de Mato Grosso**. São Paulo: Resenha Tributária, 1985.

do Sul, reivindicava para si o direito de receber a universidade, o que também ocorria com a capital Cuiabá[345].

O clima de tensão entre Cuiabá e Campo Grande encontrava-se praticamente insustentável no momento da divisão do estado, em 1977[346]. Há quem acredite que essa disputa possuía seu lado positivo, no sentido de buscar melhorias visando superar a rival, no entanto, de acordo com alguns de nossos depoentes, essa hostilidade ainda hoje não foi completamente superada.

Em princípio, o norte se manifestava contrário à divisão, acreditando que o Mato Grosso como um todo dispunha de maior potencial, mas tão forte era a campanha do sul, afirmando serem os mantenedores do estado, que os nortistas passaram, em determinado momento, a apoiar, de certa forma, a separação[347]. O governo federal ao optar pela decisão não solicitou auxílio dos políticos do norte para a elaboração da lei, assim como a população também não foi consultada, "Populações interessadas na divisão foram lançadas para este ou aquele lado, sem serem ouvidas"[348], em geral, a notícia foi recebida com certo espanto, pois não se sabia que os tramites estavam tão avançados.

Com a divisão, como nos conta o professor Aquiles (Narrativa 6), muitos funcionários do estado passaram a trabalhar para Mato Grosso do Sul, especialmente os que já conheciam e tinham experiência na área administrativa, para que ajudassem na estruturação do novo estado. Porém, como eram servidores mato-grossenses são até hoje encampados e recebem do governo de origem, devido a isso cerca de mil empregados do Mato Grosso do Sul são pagos por Mato Grosso. Esse fato também se repete com relação a Rondônia[349], da qual 40 funcionários, aproximadamente, recebem por Mato Grosso[350].

A professora Suíse (Narrativa 1) em sua textualização ressalta que, embora compusessem um estado com características muito próximas em sentido geográfico e físico, como as formas de relevo, bacias hidrográficas, vegetação e o próprio Pantanal, politicamente

---

[345] TAVARES, R. N. **Universidade Federal de Mato Grosso:** memórias de uma conquista. 2001. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá (MT), 2001.

[346] Mato Grosso foi dividido em 11 de outubro de 1977, por meio da Lei Complementar número 31, no entanto, o novo estado, Mato Grosso do Sul, somente se instala, de fato, em primeiro de janeiro de 1979 (BRASIL, 1977).

[347] PÓVOAS, L. C. **História de Mato Grosso**. São Paulo: Resenha Tributária, 1985.

[348] PÓVOAS, L. C. **História de Mato Grosso**. São Paulo: Resenha Tributária, 1985. p. 121.

[349] Rondônia foi desmembrada de Mato Grosso em 1943, se tornando então Território, o qual só passa a ser considerado estado a partir de 1981. A grande migração para Rondônia ocorrida entre as décadas de 1970 a 1980 ocasionou diversas dificuldades sociais, entre elas educacionais, que foram tratadas principalmente de modo paliativo ao longo dos anos. Os planos de ações de ocupação do estado possuíam principalmente cunho político e econômico, não estando o território preparado para atender aos migrantes que chegavam e acabavam, muitas vezes, tendo seus sonhos e planejamentos frustrados (similar ao que ocorreu em Mato Grosso) (RUEZZENE, 2012).

[350] Informações fornecidas pelo professor Aquiles (Narrativa 6).

viviam, antes da divisão, uma "guerra política" muito forte. Na parte hoje correspondente ao Mato Grosso do Sul alojava-se a maior parte da população, logo muitos políticos provinham dessa região. Quando os eleitos eram da parte sul mato-grossense tentavam levar tudo o possível para essa região, inclusive passavam mais tempo nela do que na capital mesmo, já quando era um representante do norte o inverso ocorria, o olhar voltava-se mais para Cuiabá[351].

Segundo o professor Sérgio (Narrativa 8), Campo Grande sentia que a devolução que recebia do estado não condizia com o quanto repassava, queria crescer, mas Mato Grosso a estava segurando. Talvez fosse algo similar ao que ocorre atualmente em relação à Sinop[352] ou Lucas do Rio Verde[353], que estão em amplo desenvolvimento. A criação de Mato Grosso do Sul não foi o último movimento visando a divisão, principalmente devido à expansão e fortalecimento agrícola no estado, que impulsionaram novas propostas divisionistas[354], no entanto, nenhum outro se concretizou.

A população cuiabana por muito tempo foi contrária à divisão, no entanto, as provocações sofridas eram tão intensas, "éramos tidos como um submundo, um subúrbio de Mato Grosso"[355], que por fim mesmo Cuiabá já cogitava o desmembramento. Conforme nos conta o professor Aquiles (Narrativa 6), à época da divisão todos os bustos das Praças Alencastro e da República, em Cuiabá, amanheceram cobertos de preto em sinal de luto.

Segundo nossos depoentes, os cuiabanos temiam que com a separação Mato Grosso ficaria em uma situação financeira bastante crítica, passando, talvez, a ter que exercer função semelhante a de Território, sem autonomia, dependendo de recursos do governo federal para se manter. No entanto, não foi isso que ocorreu, a divisão propiciou um salto qualitativo para o estado, foi uma abertura para Mato Grosso, sendo que "o crescimento econômico ocorrido em Mato Grosso superou Mato Grosso do Sul em quase todas as variáveis econômicas"[356]. Isso principalmente devido à intensa migração que já vinha ocorrendo no estado desde os anos 1950[357] e que aumentou consideravelmente após a separação territorial.

---

[351] Fonte: textualizações de nossos colaboradores.

[352] Polo de referência no norte de Mato Grosso, chegando a ser conhecida como capital do Nortão mato-grossense, é o quarto município mais populoso do estado.

[353] Fundada em 1982, possui atualmente mais de 45 mil habitantes, ficou conhecida por ter um dos melhores Índices de Desenvolvimento Humano, IDH"s, do país.

[354] O mais recente dentre eles é o que almejava a criação do estado do Araguaia.

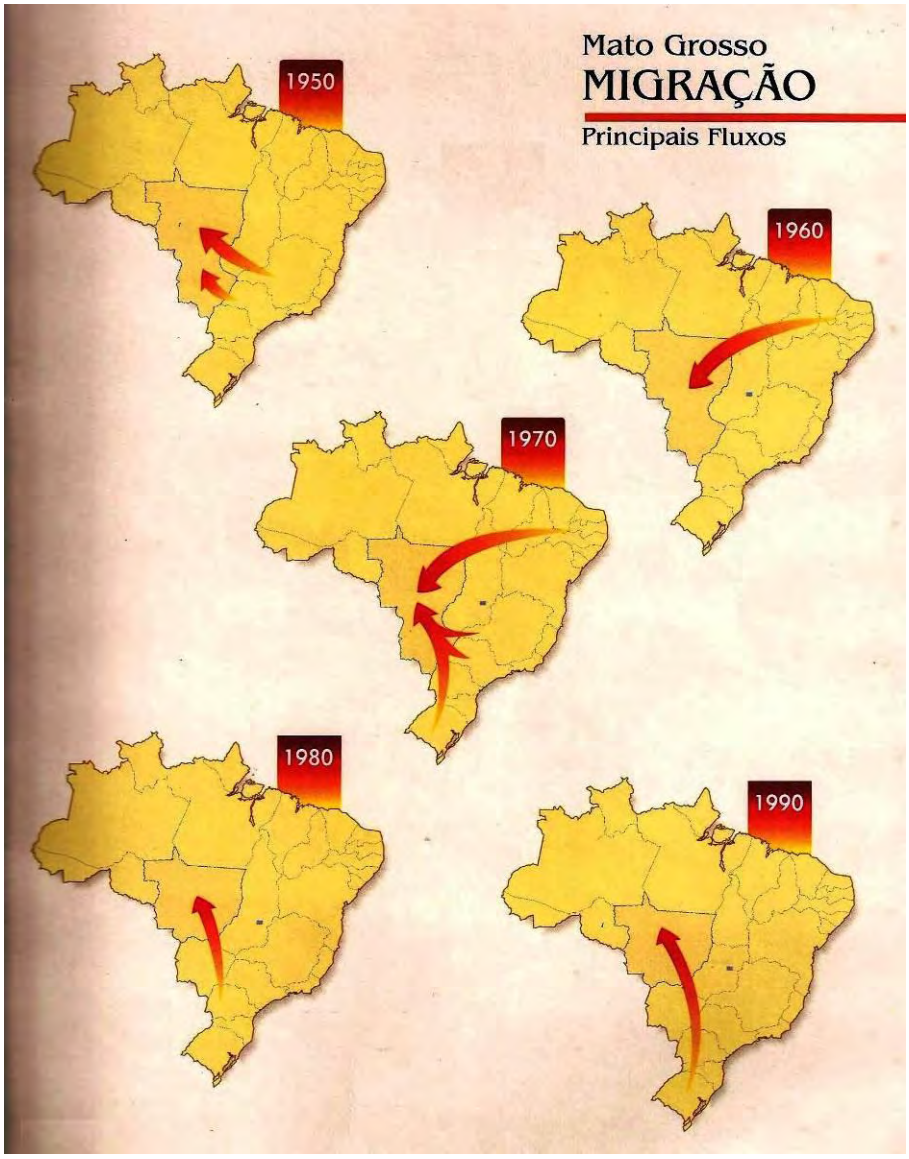
[355] Trecho retirado da textualização do professor Aquiles (Narrativa 6), disponível nesta dissertação.

[356] MURTINHO, M. N. Os Períodos pré e pós-divisão na história econômica mato-grossense (1970-2000). **Revista Científica da AJES.** Juína, MT, v.3, n.6, p.1-20, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.revista.ajes.edu.br/arquivos/artigo_20120212172832.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2014. p.1.

[357] Entre as décadas de 1950 e 1960 o crescimento populacional foi tão grande no estado que esteve entre os maiores do país no período, estando em torno de trezentos mil o número de habitantes vindos ao Mato Grosso (REINERS, 1967).

O estado recebeu pessoas de diferentes estados, os fluxos regionais eram caracterizados de modo bastante significativo, conforme consta na Figura 49. Assim, nos anos 1980 começaram a chegar famílias inteiras vindas principalmente do sul do país, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com isso as grandes extensões de terra, até então inabitadas, começaram a serem preenchidas, especialmente no norte do estado[358]. Na Figura 50 é apresentada a concentração do crescimento populacional em Mato Grosso entre as décadas de 1940 a 1990, já na Figura 51 mostra-se a evolução político-administrativa do mesmo local e período.

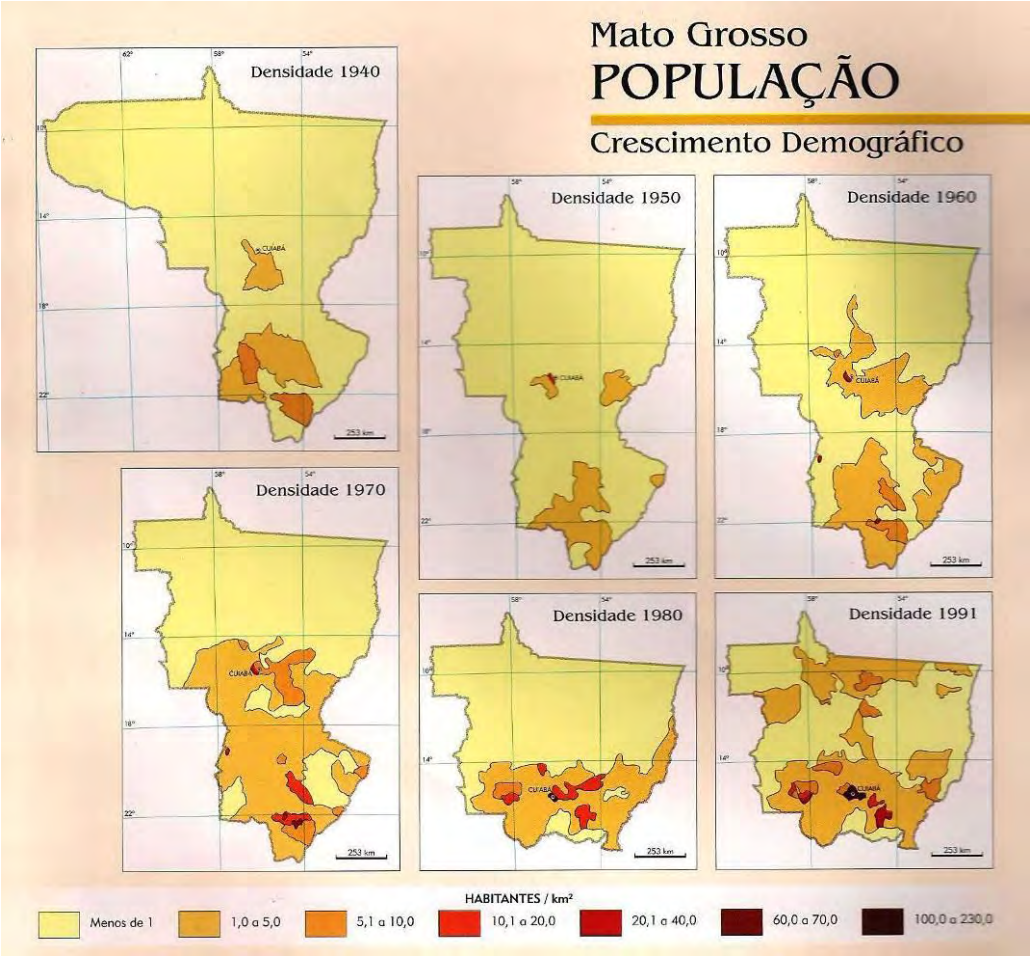
Figura 49: Fluxos migratórios para Mato Grosso.



Fonte: Miranda; Amorim (2000).

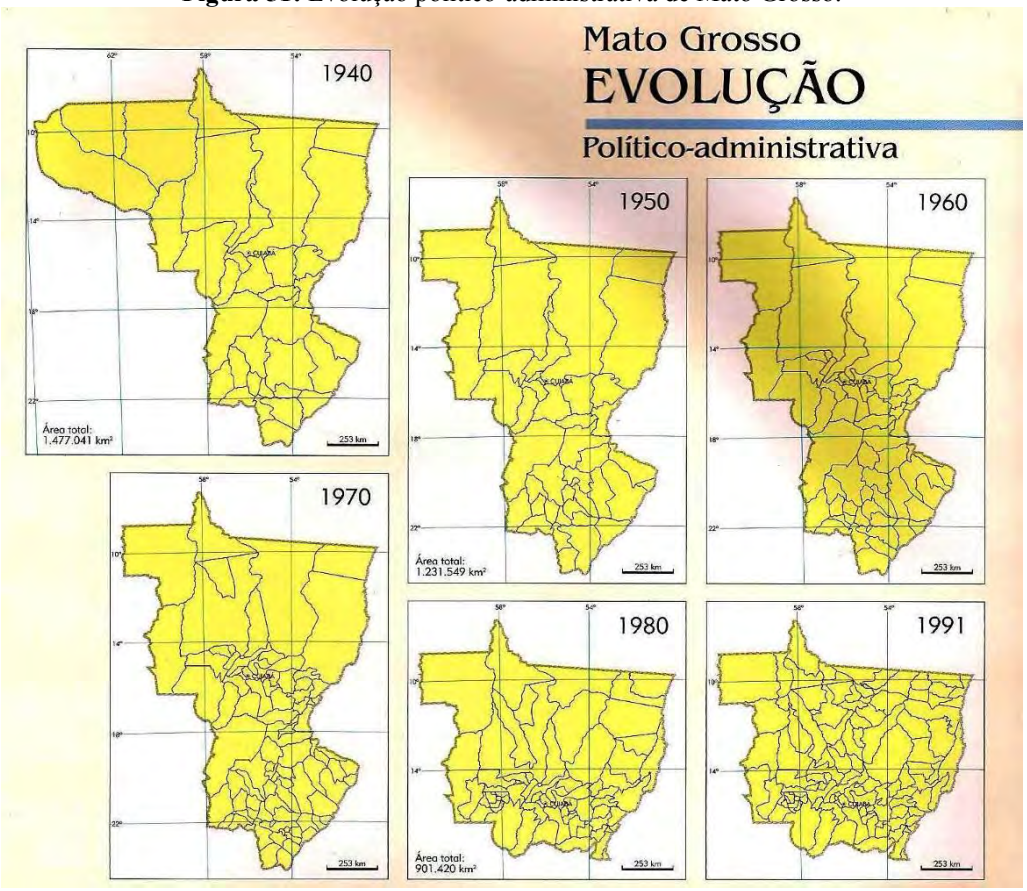
[358] Textualizações de nossos entrevistados.

Figura 50: Crescimento demográfico em Mato Grosso.



Fonte: Miranda; Amorim (2000).

Figura 51: Evolução político-administrativa de Mato Grosso.



Fonte: Miranda; Amorim (2000).

Também é importante lembrar que nesse período, durante a ditadura militar, era apoiada pelo governo a ideia de integração nacional, assim, muitos foram os programas criados voltados a esse incentivo, os quais auxiliaram nos processos migratórios e no desenvolvimento regional para a ida dessas pessoas para o Mato Grosso. Entre os programas que começaram a atuar mais fortemente no estado, têm-se: Programa de Ações Sócio Educativas e Culturais (Prodasec), Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco), Programa Especial de Desenvolvimento de Mato Grosso (Promat), Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil (Polonoroeste), Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (Polocentro), Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agroindustrial (Proterra), Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste

(Prodoeste) e Programa de Integração Nacional (PIN)[359], entre outros que tinham por intenção dinamizar a ocupação dando suporte a ela.

Com isso muitos novos municípios foram sendo criados e outros já existentes se desenvolveram consideravelmente, são vários os exemplos citados por nossos colaboradores, entre eles: Campo Novo dos Parecis, Tangará da Serra, Barra do Bugres, Primavera do Leste, Sorriso, Juína e Juruena. O que por um lado era positivo, por outro começou a se tornar também um problema, pois a demanda aumentou consideravelmente e o estado não estava preparado para atendê-la. Enquanto centrava-se apenas em Cuiabá, Cáceres, Rondonópolis e Barra do Bugres tinha-se um ritmo, mas com o aumento desses centros, Mato Grosso se viu obrigado a se reorganizar para conseguir atender as novas demandas de saúde, saneamento, moradia, educação, entre outros setores essenciais[360], pois mudaram suas necessidades.

Se o estado encontrou empecilhos para acolher aos migrantes, estes também enfrentaram obstáculos para chegarem e se manterem no novo estado. Dificuldades, às vezes, familiares como no caso do professor Sérgio (Narrativa 8) que queria buscar novos lugares e seus pais preferiam que ficasse, ou outras muito maiores como a história por ele contada a respeito do que denominou "frente fria", que trata do preconceito sofrido, em alguns casos, devido à naturalidade, como o que sofreu por ser paranaense, pois antes de sua vinda muitos conterrâneos seus ao chegarem a Mato Grosso não tiveram comportamento adequado, anoitecendo e não amanhecendo na cidade, deixando para trás, por exemplo, rastro de contas a serem pagas. Como decorrência adquirir crédito no comércio era difícil.

O desconhecido era a direção, partiam para lugares que apenas tinham ouvido falar, onde conheciam alguém, ou muitas vezes decidiam o destino rumo ao acaso mesmo, deixando a sorte de jogar uma moeda mostrar o caminho. Partiam, diversas vezes, com pouco dinheiro e chegando ao local escolhido nem sempre as coisas aconteciam como o esperado e as dificuldades começavam a aparecer[361]. Os discursos das propagandas divulgadas pelo estado e por colonizadoras privadas pintavam "O mito da Terra farta, que tudo que se plantasse, se colheria."[362], no entanto, quando os migrantes chegavam estava tudo ainda por ser feito, Mato Grosso precisava ser desbravado, pois uma terra sem preparo não produz. Para conseguirem

---

[359] UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso. **UFMT' 78.** Cuiabá: UFMT, 1978/ CARVALHO, C. G. de. **Governadores:** meio século de vida pública. Cuiabá: Carlini e Caniato, 2007/ SIQUEIRA, E. M. **História de Mato Grosso:** da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

[360] ROCHA, S. A. da. **Formação de professores em Mato Grosso:** trajetória de três décadas (1977-2007). Cuiabá: EdUFMT, 2010.

[361] Informações fornecidas pelo professor Sérgio (Narrativa 8) em sua entrevista.

[362] ROHDEN, J. B. Educação e colonização: histórias de muitas vidas e de uma escola „inventada". In: Congresso Luso Brasileiro da História da Educação. Colubhe, 10, 2014, Paraná. **Anais...** Curitiba – PR, 2014, p.1-15. p.2.

chegar já enfrentavam diversos obstáculos como o longo tempo de viagem, moradia precária, falta de alimentos, além do perigo e doenças a que se expunham indo morar em meio ao mato fechado. Assim, ao chegarem precisaram "não apenas recomeçar suas vidas, mas, sobretudo, construir uma cidade, uma de tantas outras, que juntas trariam o progresso, a „civilização" para àquela região, e, consequentemente, expandiriam à economia nacional."[363].

Junto à promessa da terra farta vinha, por parte das empreiteiras, a de educação, de escolas, porém, assim como aconteceu com a terra, não existiam escolas, sendo o estado, e mesmo o governo federal, negligentes com relação a isso na colonização do norte mato-grossense[364].

Nesses primeiros tempos, muitos receberam terras gratuitamente, ou as adquiriram por preços irrisórios, apenas para que nelas investissem, as melhorassem de algum modo[365]. Além das terras baratas e produtivas "O clima propício para a agricultura, o minério de fácil extração, as pastagem [sic] [pastagens] boas para gado de engorda e corte [...] intensificavam a busca de investidores em Mato Grosso"[366]. Assim, muitos passaram a vender suas terras no Rio Grande do Sul, por exemplo, e comprar inúmeras vezes mais em Mato Grosso, que com isso foi sendo ocupado.

O fluxo de pessoas era intenso, passavam, conforme nossos depoentes, rumo a Sinop, Alta Floresta ou mesmo ao estado de Rondônia. Devido a essa migração, nos anos 1980, Cuiabá se tornou uma cidade em trânsito, como muitas outras, entre elas Cáceres, por ela as pessoas passavam e muitas vezes ficavam, tanto quando o destino era o Nortão do estado, como quando dele estavam retornando. Com isso, a capital foi crescendo de modo desordenado e com problemas de infraestrutura[367], exigindo do governo medidas que possibilitassem melhorias nessas condições. Nesse âmbito de mudanças a educação também precisou ser revista, pois não estava preparada para atender às necessidades dos novos moradores, ocasionando evasão e repetências[368], no entanto, conforme o professor Sérgio

---

[363] ROHDEN, J. B. Educação e colonização: histórias de muitas vidas e de uma escola „inventada". In: Congresso Luso Brasileiro da História da Educação. Colubhe, 10, 2014, Paraná. **Anais...** Curitiba – PR, 2014, p.1-15. p.2.

[364] ROHDEN, J. B. Educação e colonização: histórias de muitas vidas e de uma escola „inventada". In: Congresso Luso Brasileiro da História da Educação. Colubhe, 10, 2014, Paraná. **Anais...** Curitiba – PR, 2014, p.1-15.

[365] SIQUEIRA, E. M. **História de Mato Grosso:** da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

[366] ROCHA, S. A. da. **Formação de professores em Mato Grosso:** trajetória de três décadas (1977-2007). Cuiabá: EdUFMT, 2010. p.19.

[367] JOANONI NETO, V. **Fronteiras da crença:** ocupação do norte de Mato Grosso após 1970. Cuiabá: Carlini e Caniato Editorial; EdUFMT, 2007.

[368] SILVA, C. A. C. A Formação do professor mato-grossense – considerações históricas preliminares. **Coletâneas do Nosso Tempo.** Rondonópolis, n.1, p. 114-125, 1997.

(Narrativa 8), a entrada de Serys Slhessarenko na Secretaria de Educação possibilitou alterações interessantes na área educacional.

Mato Grosso, ao ser dividido, tornou-se um lugar chamativo para muitos que viam nele a chance de concursos, de modo especial relacionados à educação[369]. Nesse período foram construídos, em diversas cidades, centros educacionais, sendo que, somente em Cuiabá se edificaram 18 grandes escolas. De 1983 a 1987 construíram-se mil salas de aula e o piso salarial do professor, de 20 horas de trabalho, passou a ser de três salários mínimos, além disso, o número de vagas e matrículas na Educação Básica aumentou consideravelmente[370].

Em princípio, especialmente até a década de 1960, como não havia muitas escolas, os professores que existiam iam se organizando e conseguiam atender a todas, mas com o aumento do número de centros escolares e com a criação da Universidade, no início da década seguinte, começou-se a notar o aumento da falta de docentes, daí a importância da migração para atender a este setor, pois mesmo com a Universidade já formando professores, nesses primeiros tempos os que se graduavam praticamente não eram aproveitados na rede pública, ficando para abastecer a própria UFMT, não sendo, portanto, suficientes para suprir a necessidade.

Diante disso, o estado passou a ser considerado como uma possibilidade, uma nova oportunidade de emprego, com chance de crescimento. Tanto que houve uma migração muito grande de professores nas décadas de 1970/1980, os municípios contratavam para assumir a docência mesmo antes de terem terminado suas licenciaturas na região sul do país[371], um exemplo, segundo o professor Vinícius (Narrativa 9), é o município mato-grossense de Terra Nova do Norte, que tinha uma relação direta com o Rio Grande do Sul.

No entanto, como dito anteriormente, essa migração iniciou antes da divisão, assim sendo, destacamos que para diversos cursos ofertados na capital e em cidades maiores do interior vinham professores de outras regiões, como no caso da Cades e dos cursos para diretores e professores. Os formados que chegaram para compor o quadro de funcionários das secretarias do estado, na década de 1960, também passaram a atuar na docência, inclusive em nível superior, no ICLC, mesmo sem ter formação na área, pois a maioria era economista ou geólogo. Todos os professores que atuavam nessa instituição, com exceção dos advogados, eram formados fora do estado, fossem eles cuiabanos de nascença que apenas haviam

---

[369] Textualização professor Sérgio (Narrativa 8).
[370] PÓVOAS, L. C. **História de Mato Grosso**. São Paulo: Resenha Tributária, 1985/ BORGES, F. T. M. **Prosas com governadores de Mato Grosso:** 1966 – 2006. Cuiabá: Carlini e Caniato, 2007/ CARVALHO, C. G. de. **Governadores:** meio século de vida pública. Cuiabá: Carlini e Caniato, 2007.
[371] Fonte: textualizações de nossos colaboradores.

estudado fora ou migrantes. Sendo que alguns deles se mudaram para Cuiabá exclusivamente para atender ao convite do Instituto ou da UFMT para lecionar[372].

A questão da migração de professores era tão forte, especialmente nos anos iniciais da Universidade Federal, que até mesmo os alunos já tinham isso claro, como relata a professora Nilda (Narrativa 3) ao lembrar que lhe perguntavam se tinha feito graduação fora do estado para estar lecionando para eles.

Conforme nos contam nossos colaboradores, os professores formados em Matemática começaram a chegar a Cuiabá para atuar na UFMT apenas em 1974. Desses, muitos vinham do Paraná e interior de São Paulo. Entre eles estavam: Olga Sartori, Lourdes Aroca, Regina Célia Balbino Figueira Lisboa e Victor Hugo de Souza Lisboa, enquanto que em 1975 chegou a Maria Elizabeth Milanezi de Paula. Outros nomes de docentes que vieram mais tarde e que também migraram para lecionar na UFMT são: Carlos Roberto Sanches, Vera Lúcia Graciani e Paulo Afonso Orlando de Morais.

Além destes, como representantes de professores migrantes podemos também citar nossos colaboradores, dos quais apenas uma não se ausentou do estado por pelo menos uma parte de sua formação. Dentre eles têm-se migrantes dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Paraná.

Na década de 1980, Mato Grosso estava passando por sério problema no pagamento de professores, como nos conta o professor Sérgio (Narrativa 8) que começou a lecionar em fevereiro e só recebeu o salário correspondente a essas aulas no mês de novembro, ou seja, o ano quase inteiro sem pagamento. Além disso, a inflação estava em níveis exorbitantes[373], logo o valor recebido foi ínfimo, pois não possuía mais o valor de mercado. Assim, para que pudessem se manter, os docentes se viam obrigados a atuarem em outras escolas (municipais/particulares) ou buscarem outras áreas.

Para que conseguissem aulas, um documento que auxiliava era a carteirinha do MEC, quando um licenciando estava em fase de conclusão de seu curso a solicitava, encaminhava toda sua documentação, histórico e diploma, caso já o tivesse, a esse Ministério, por meio da Secretaria de Educação ou da Delegacia de Ensino. O MEC então, por meio de análise do currículo do solicitante, lhe fornecia a carteirinha para que pudesse atuar na docência no Primeiro e/ou Segundo Grau. Ela possuía abrangência nacional, era possível lecionar sem tê-la, no entanto, a carteirinha proporcionava algumas vantagens em relação aos que não a

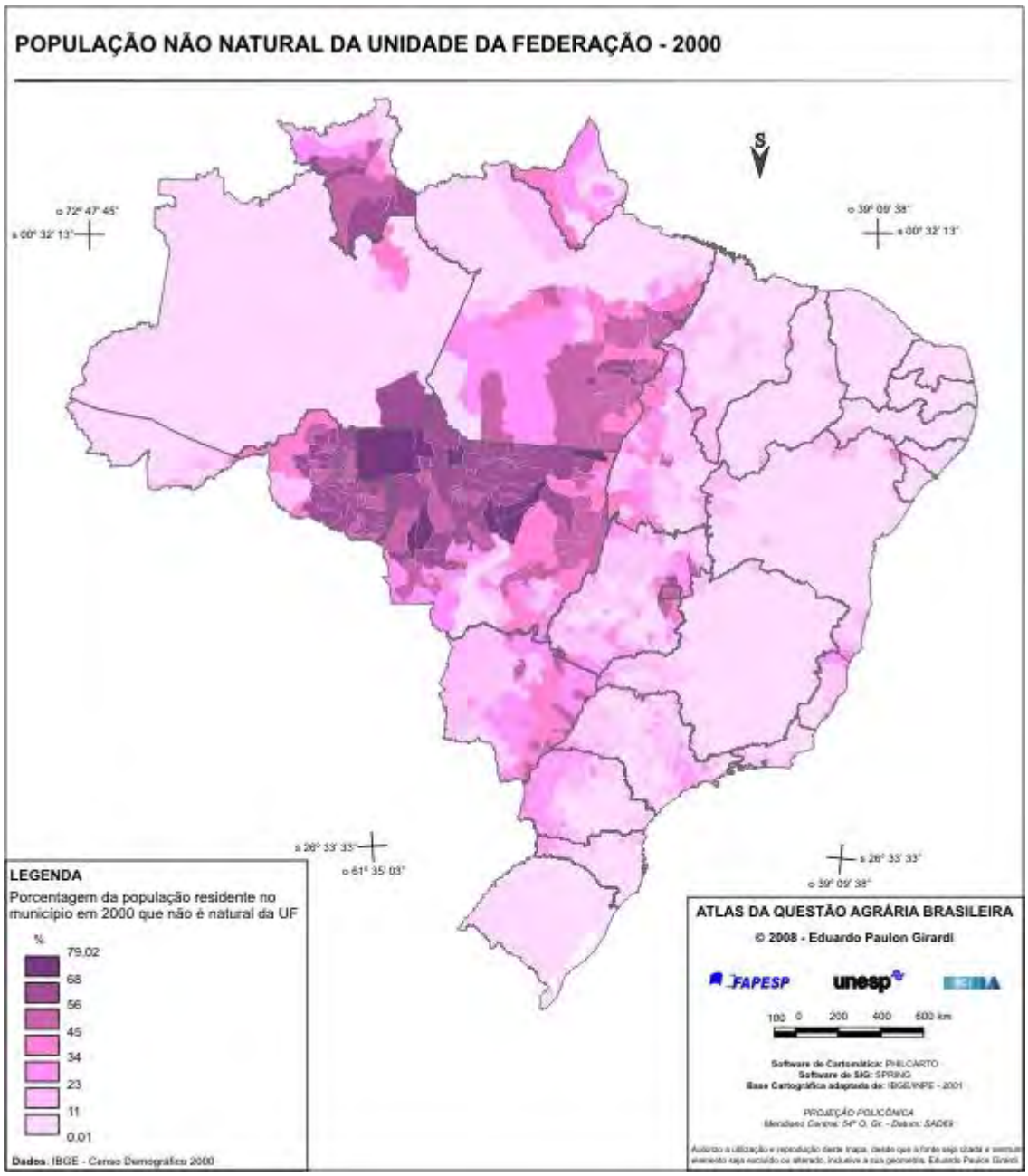
[372] Informações fornecidas por nossos colaboradores.
[373] A economia nacional, do início dos anos de 1980 até 1994, sofreu altos índices de inflação, que só foram reduzidos com a implantação do Plano Real.

tinham. Servia inclusive para a realização de concurso, mesmo não tendo o diploma de conclusão do curso, portanto dava respaldo a quem a possuía, pois era um documento oficial[374].

Assim, a partir do que acima destacamos, podemos perceber que a migração se fez fortemente presente na educação, principalmente por meio da vinda de professores, que além da Educação Básica atendiam a Universidade. Desse modo, os migrantes foram/são muito importantes para o Mato Grosso que temos hoje, sendo que boa parte da população atual é de pessoas vindas de outras regiões, de modo especial da região Sul e Nordeste (Figuras 52, 53 e 54).

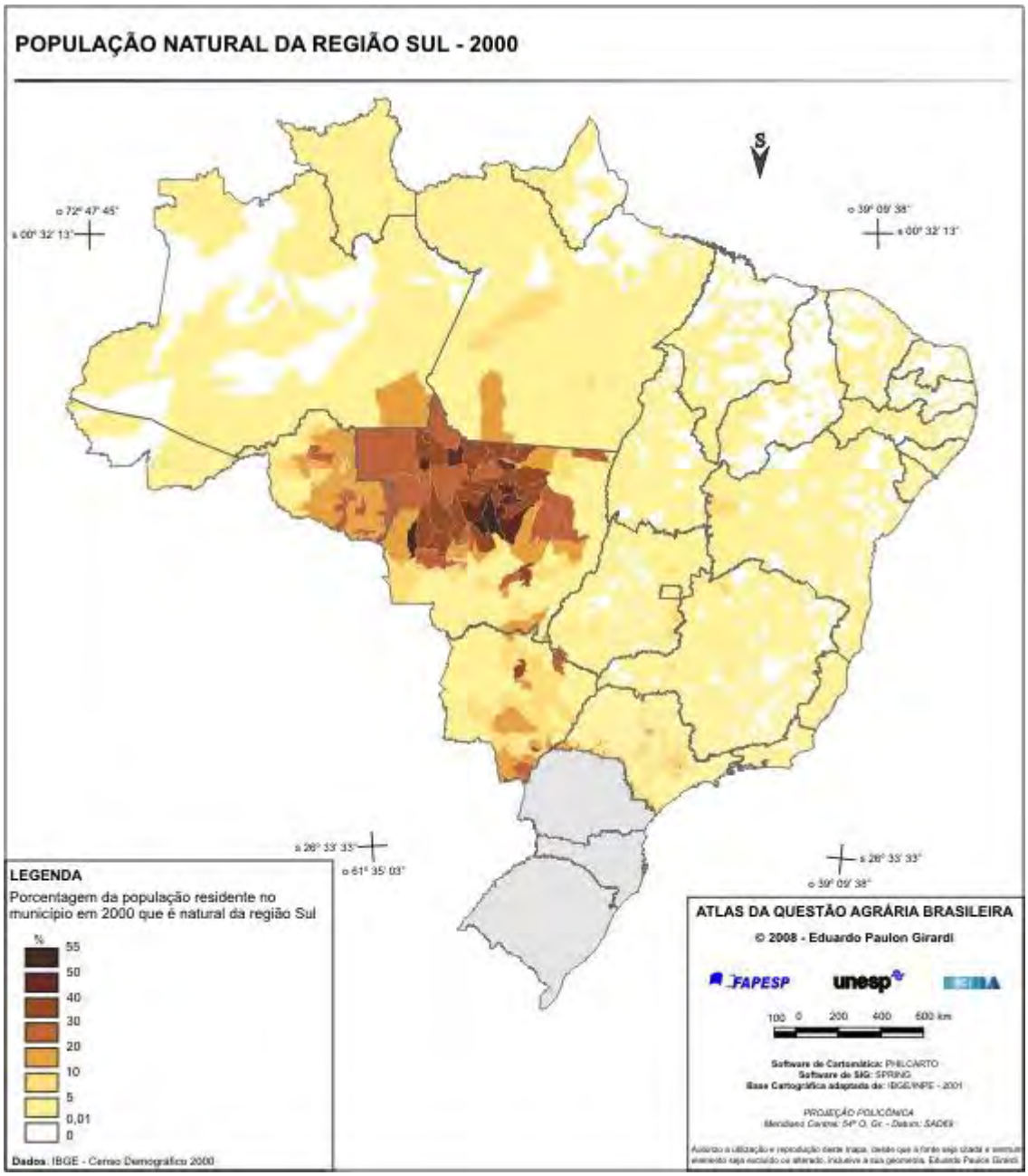
[374] Informações disponíveis na textualização do professor Sérgio (Narrativa 8).

Figura 52: População não natural – Estados – 2000.



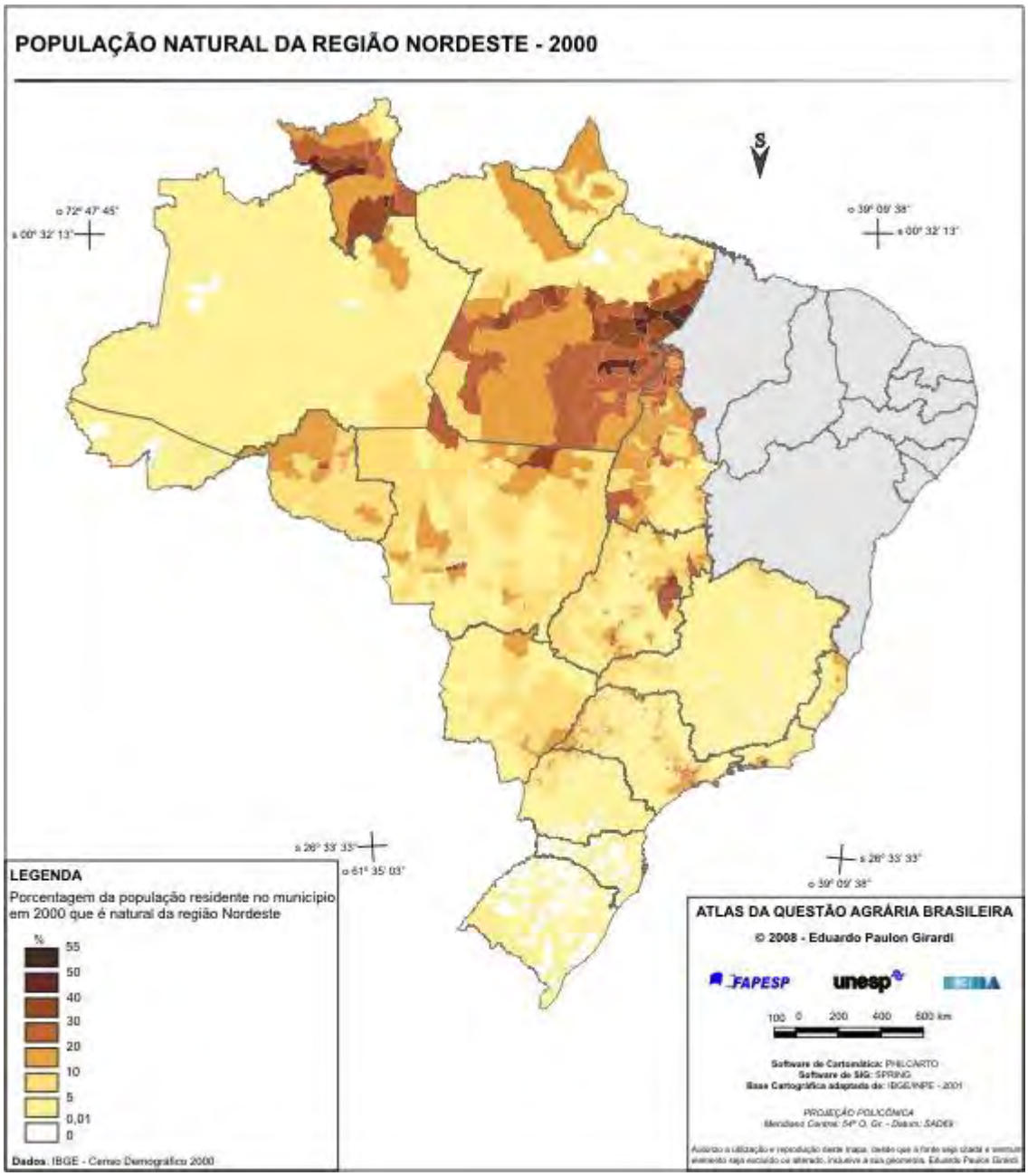
Fonte: PVS Itaboraí (2012).

Figura 53: População natural da Região Sul.



Fonte: PVS Itaboraí (2012).

Figura 54: População natural Região Nordeste.



Fonte: PVS Itaboraí (2012).

Além dos enfrentamentos já citados, os educadores migrantes ao chegarem a Mato Grosso tiveram que conviver com outro cenário, o da forte relação entre política e educação. "No setor educacional mato-grossense são nítidas as influências advindas de pressões externas, quando os poderes dos gestores estaduais agiam na definição da forma de ingresso de administradores e professores das escolas"[375], outra face desse aspecto pode ser percebida nas entrevistas que coletamos, onde com frequência nomes de políticos são citados com

[375] AMORIM, R. P. de. **Professoras primárias em Mato Grosso:** trajetórias profissionais e sociabilidade intelectual na década de 1960. 2013. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá (MT), 2013. p. 89.

orgulho como sendo ex-alunos, por exemplo: Dante de Oliveira, Wilson Santos, Eliene Lima, Mauro Mendes ou o atual vice-reitor da Universidade, João Carlos de Souza Maia.

Além desse aspecto, outro que se mostra nos comentários do professor Sérgio (Narrativa 8) é o de que ao trocar-se o Secretário de Educação de Cuiabá um curso de capacitação tecnológica ofertado aos professores de Matemática, que estava em pleno desenvolvimento e produzindo frutos interessantes, foi cortado, pois fazia parte da gestão anterior.

Estratégias de ações que envolviam educação e o poder público federal e estadual, eram/são sentidas, foram elas que possibilitaram a elaboração/aquisição do material instrucional de Matemática, bem como a realização dos encontros que o tinham como suporte. Foram essas relações que permitiram a criação do Naec e do Gepemat, de modo a atuarem em cursos de capacitação docente. Ações que só foram possíveis devido aos financiamentos recebidos, entre outros, do MEC, SESu e SPEC[376].

Portanto, além do cenário físico bastante distinto do que estavam acostumados, muitos dos migrantes eram obrigados a terem que trabalhar com essa forte relação educação/política, o que talvez não tenha sido fácil e garantido sua permanência no local.

5. Só mais algumas linhas...

Agora que expusemos nossa versão cabe-nos destacar como a elaboramos. Para constituí-la, inicialmente, destacamos alguns temas recorrentes nas narrativas e que julgávamos que deveriam aparecer na análise, então fizemos recortes das entrevistas atendendo a cada um deles. Feitos os recortes percebemos que não seria possível manter a organização inicial que pensamos, assim decidimos com eles escrever um texto único, nossa versão, nossa história para a formação, em princípio apenas por meio das narrativas. Com esse ensaio pronto, fomos a ele incorporando leituras que já havíamos feito e outras que foram por ele disparadas, bem como imagens que nos ajudavam a compor o cenário. Finalizando na versão que apresentamos.

Nela realizamos uma contextualização espaço-temporal de nosso cenário de investigação, apresentamos os primeiros movimentos visando a formação de professores em Cuiabá, para, a seguir, tratar da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e da formação por ela realizada, de modo especial na Matemática. Abordamos os movimentos de

[376] WIELEWSKI, G. D.; PALARO, L. A.; WIELEWSKI, S. A. Cuiabá na década de 80: vestígios da matemática moderna nas quatro primeiras séries do 1º grau. **Diálogo Educacional,** Curitiba, v.8, n.25. p. 675-688, set./dez. 2008.

Licenciaturas Plenas e Curtas e o papel, nesse período, de dois grupos no interior da Universidade: o Núcleo de Apoio ao Ensino de Ciências (Naec) e o Grupo de Ensino e Pesquisa em Educação Matemática (Gepemat).

Por meio desses aspectos podemos reforçar o que já é apontado em outros trabalhos do Mapeamento, em Cuiabá a formação de professores também foi marcada pela carência e urgência, ou seja, quando a carência se apresentava forte a urgência era resultado para supri-la, tendo em cursos como a Cades, por exemplo, um modo de formar professores antes de se implantar um curso superior.

Outro aspecto relevante que se mostrou foi a relação entre a migração e a formação/ida de professores formados ao estado. Essas "missões" migratórias foram fundamentais para a criação/desenvolvimento dos cursos instalados em Cuiabá, podemos considerar que essas idas de professores a capital mato-grossense eram sempre de cunho colonizador, fossem no sentido mais artificial: quando apenas ofereciam um curso e retornavam, não se envolvendo, portanto, tão intimamente com a formação de professores do lugar, como no caso do GEEM, por exemplo; ou mais no sentido de tomar conta, como no caso dos professores que para lá se deslocaram e assumiram a docência, passando a "cuidar" da formação que era oferecida.

Com relação a migração, é interessante destacar que ela se mostrou, em Cuiabá, como normalmente ocorria em cidades do interior de São Paulo[377]. Nos primeiros tempos eram poucos os interessados em irem à Cuiabá, mesmo sendo capital do estado, resistência apresentada geralmente para o interior, além disso, os professores com formação ao migrarem já assumiam a Universidade, o que na maioria dos outros locais era voltado a Educação Básica.

Portanto, podemos afirmar que alguns pontos se mostraram fortes em nossa pesquisa: sócio-político-culturais e de instituições que contribuíram para essa formação, dessa forma acreditamos termos *Estudado aspectos de como ocorreu a formação de professores de Matemática em Cuiabá, entre as décadas de 1960 a 1980,* que era nossa pretensão.

Além disso, devido ao tema de interesse, as considerações aqui apresentadas possibilitam a nossa dissertação ser encarada como um ensaio para uma História da Educação Matemática, de modo especial a mato-grossense, e também como uma peça ao projeto maior em que nos inserimos, o de *Mapeamento da Formação e Atuação de Professores de*

[377] MARTINS-SALANDIM, M. E. **A interiorização dos cursos de matemática no estado de São Paulo:** um exame da década de 1960. 2012. 379f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

Matemática no Brasil. Não menos importante, nosso estudo contribuiu igualmente para meu crescimento e amadurecimento pessoal e profissional.

Na verdade quando falo de crescimento profissional posso afirmar que aprendi a fazer pesquisa por meio desse estudo, já que antes não havia desenvolvido trabalho algum nesse sentido. Assim sendo, as discussões no grupo de pesquisa em que estou inserida, as leituras que realizei, o contato e conversas com os colaboradores, as narrativas produzidas por meio das entrevistas, as participações em congressos, a escrita dessa dissertação contribuíram para que hoje eu possa me considerar uma pesquisadora. Foi muito gratificante desenvolver o trabalho que aqui apresentamos, aprendemos muito com nossos colaboradores e ao tentarmos cotejar as diferentes fontes que utilizamos.

Certamente muito ainda há por se contar, outras pessoas, pesquisas ou enfoques trariam aspectos aqui não abordados, no entanto, sendo a história contínua está em permanente invenção, logo não pretendemos, e nem podemos, aqui, esgotar esse estudo e sim objetivamos mostrar nossa versão para ele, o que nos foi possível por meio da metodologia por nós adotada, da História Oral.

Assim, esse trabalho sobre Cuiabá e a formação de seus professores não é um tema esgotado, muito ainda há por se dizer com relação a Mato Grosso (como estado, em suas particularidades e generalizações) e sobre a capacitação recebida por seus professores. Desse modo, acenam-se possibilidades de novas pesquisas voltadas a tal, como, por exemplo, sobre a formação matemática recebida na Escola Normal em Cuiabá, como era o ensino nos primeiros colégios da capital, quais foram as implicações/resultados das formações continuadas oferecidas pelo Naec e pelo Gepemat para os professores da Educação Básica ou sobre a Cades, que na capital mato-grossense se mostrou em alguns aspectos diferente do restante do Brasil.

Com essa percepção indicamos que um aprofundamento maior sobre Mato Grosso e a atuação da Cades na formação de professores em Cuiabá pretendem ser realizados em nossa pesquisa de doutorado. A opção por esse tema se deu pela curiosidade, em mim aguçada, de entender melhor essa Campanha que, como nos conta a professora Suíse, era tão valorizada ao ponto dos licenciados serem convidados a cursá-la em Cuiabá, além disso, algumas particularidades, como a de, mesmo com o nome de Coes/Copes, ser ofertada já após o Ginásio e não apenas após o Secundário, como normalmente ocorria, nos levam a querer compreender melhor essa Cades que é múltipla, olhando para o específico da capital mato-grossense.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, A. C. S. **Ciência, Educação e Sociedade:** o caso do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (Ibecc) e da Fundação Brasileira de Ensino de Ciências (Funbecc). 2008. 312 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2008.

ALBUQUERQUE JR, D. M. **História:** a arte de inventar o passado. Bauru, SP: Edusc, 2007.

AMORIM, R. P. de. **Professoras primárias em Mato Grosso:** trajetórias profissionais e sociabilidade intelectual na década de 1960. 2013. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá (MT), 2013.

AMORIM, R. P de; FERREIRA, M. S. O Estado e o ensino normal em Mato Grosso nos anos 1960. In: Congresso Luso Brasileiro da História da Educação. Colubhe, 10, 2014, Paraná. **Anais...** Curitiba – PR, 2014, p.1-15.

ARRUDA, M. L. de M. **Caracterização histórica da U.F.M.T.** Cuiabá: EdUFMT, 1985.

BARALDI, I. M. **Retraços da educação matemática na região de Bauru (SP):** uma história em construção. 2003. 241f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

BARALDI, I. M.; GAERTNER, R. **Textos e contextos:** um esboço da CADES na história da educação (matemática). Blumenau, SC: Edifurb, 2013.

BENJAMIN, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas I. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221.

BOLÍVAR, A. „¿De nobis ipsis silemus?": Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. In: **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, Barcelona, v.4, n.1, p. 1-26, 2002. Disponível em: < http://redie.uabc.uabc.mx/vol4no1/contenido-bolivar.html>. Acesso em: 20 set. 2014.

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNÁNDEZ, M. **La investigación biográfico-narrativa em educación:** enfoque y metodologia. Madrid: La Muralla, 2001.

BORGES, F. T. M. **Prosas com governadores de Mato Grosso:** 1966 – 2006. Cuiabá: Carlini e Caniato, 2007.

BORGES, R. M. R.; SILVA, A. F. D.; DIAS, A. L. M. . Ciência, cultura e educação na história dos centros de ciências no Brasil. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Enpec. 7, 2009, Santa Catarina. **Anais...** Florianópolis – SC, 2009, p. 1-11.

BRASIL. **Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968.** Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5540.htm>. Acesso em: 21 maio 2014.

BRASIL. **Decreto-lei nº 477, de 26 de fevereiro de 1969.** Define infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimentos de ensino público ou particulares, e dá outras providências. Disponível em: <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/126092/decreto-lei-477-69>. Acesso em: 21 maio 2014.

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm>. Acesso em: 21 maio 2014.

BRASIL. **Resolução nº 30, de 11 de julho de 1974.** Dispõe sobre o curso de licenciatura de Ciências e fixa o respectivo currículo mínimo. Conselho Federal de Educação, 1974. Disponibilizada pelo Departamento de Matemática.

BRASIL. **Resolução nº 37, de 14 de fevereiro de 1975.** D. O. 26 de março de 1975. Dispõe sobre a implantação progressiva do curso de licenciatura em Ciências, a que se refere a Resolução nº 30/74. Conselho Federal de Educação, 1975. Disponibilizada pelo Departamento de Matemática.

BRASIL. **Lei complementar nº 31, de 11 de outubro de 1977.** Cria o estado de Mato Grosso do Sul, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/Lcp31.htm>. Acesso em: 22 maio 2014.

BRASIL. **Resolução nº 5, de 15 de junho de 1978.** D. O. 28 de junho de 1978. Implantação Licenciatura Ciências. Conselho Federal de Educação, 1978. Disponibilizada pelo Departamento de Matemática.

CAMPANHA de aperfeiçoamento e difusão do ensino secundário. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, p. 1, 1º jan. 1960. Disponível em: Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.

CAMPANHA, D. **Operação resgata jovens em regime de trabalho escravo em MT.** Folha UOL, 2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/03/1422795-operacao-resgata-jovens-em-regime-de-trabalho-escravo-em-mt.shtml>. Acesso em: 10 out. 2014.

CARVALHO, C. G. de. **Governadores:** meio século de vida pública. Cuiabá: Carlini e Caniato, 2007.

CAVALCANTE, L. G.; OLIVEIRA, R. T. C. de. História e política: O Processo de implantação da escola normal em Campo Grande. In: Seminário Internacional: Fronteiras Étnico-Culturais e Fronteiras da Exclusão - Práticas Educativas Num Contexto Intercultural (CD-ROM), 2, 2006, Mato Grosso do Sul. **Anais**... Campo Grande - MS, 2006. p.1-16.

CCET – Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia. **I Encontro de ensino de ciências, matemática e educação ambiental do estado de Mato Grosso.** Cuiabá, 1991.

CFE – CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. **Resposta ao ofício GR – 218/84.** Brasília, 1984. Disponibilizado pelo Departamento de Matemática.

CODEX. **Naec: Núcleo de Apoio ao Ensino de Ciências**. UFMT, Cuiabá, 1982a. Disponibilizado pela professora Elisete de Miranda e pelo Gepemat.

CODEX. **Curso instrumentalização para o ensino de ciências**. Naec: Cuiabá, 1982b. Disponibilizada pela professora Elisete de Miranda e pelo Gepemat.

COHEN, J. J. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, T. T. da. **Pedagogia dos monstros:** os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CURY, F. G. **Uma Narrativa sobre a formação de professores de Matemática em Goiás.** 2007. 201f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

CURY, F. G. **Uma História da formação de professores de Matemática e das instituições formadoras do estado do Tocantins**. 2011. 255f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

CURY, F. G.; SOUZA, L. A. de; SILVA, H. da. Narrativas: um olhar sobre o exercício historiográfico na Educação Matemática. **Bolema**, Rio Claro, v.28, n.49, p. 910-925, ago. 2014.

DALCIN, A.; SILVA, A. A. da; SANTOS, V. M. P. dos. (Org.) **Memórias do curso licenciatura em matemática da Unemat de Barra do Bugres**. Cuiabá: KCM Editora, 2012.

DALCIN, A.; CUNHA, R. da; SANTOS, V. M. P dos. Panorama histórico sobre a educação matemática e a formação de professores que ensinam matemática em Mato Grosso. In: Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática. Enaphem, 2, 2014, São Paulo. **Anais...** Bauru – SP, 2014, p. 1-10.

DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA – UFMT. **Relatório de atividades**: maio/junho/primeira quinzena de julho. Cuiabá, 1972. Disponibilizado pelo Departamento de Matemática.

DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA – UFMT. **Laboratório de ensino de matemática.** Cuiabá, 1988. Material disponibilizado pela professora Elisete de Miranda.

DIÓZ, R. **Em 2012, mais de 80 foram vítimas de trabalho escravo em fazendas de MT.** G1 Mato Grosso, 2013. Disponível em: < http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2013/05/em-2012-mais-de-80-foram-vitimas-de-trabalho-escravo-em-fazendas-de-mt.html>. Acesso em: 10 out. 2014.

DORILEO, B. P. **Universidade o fazejamento.** Cuiabá: UFMT, 1977.

DORILEO, B. P. **Pensar para fazer.** Cuiabá: UFMT - Imprensa Universitária, 1984.

DORILEO, B. P. **Ensino Superior em Mato Grosso:** até a implantação da UFMT. Campinas: Komedi, 2005.

FEBVRE, L. P. V. **Combates pela história.** Tradução Leonor Martinho Simões. Lisboa: Presença, 1977.

FERNANDES, D. N. **Sobre a formação do professor de Matemática no Maranhão:** cartas para uma cartografia possível. 2011. 388f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

FERREIRA, S. **Governo resgata parte da história da educação com inauguração de galeria**. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação – Seduc, 2006. Disponível em: <http://www.seduc.mt.gov.br/conteudo.php?sid=20&cid=4919&parent=0>. Acesso em: 07 ago. 2014.

FILLOS, L. M. **A Educação Matemática em Irati (PR):** memórias e histórias. 2008. 228f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

GAERTNER, R.**A matemática escolar em Blumenau (SC) no período de 1889 a 1968:** da Neue Deutsche Schule à Fundação Universidade Regional de Blumenau. 2004. 249f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

GALETTI, I. **Educação Matemática e Nova Alta Paulista:** orientação para tecer paisagens. 2004. 204f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

GARNICA, A.V.M. História Oral e Educação Matemática: do inventário à regulação. In: **Zetetiké**. Campinas: FE/CEMPEM, v.11, n.19, p. 9-55, 2003.

GARNICA, A. V. M. **Um Tema, Dois Ensaios**: Método, História Oral, Concepções, Educação Matemática. 2005. 203 f. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru.

GARNICA, A. V. M. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, v. 32, p. 29-42, 2010.

GARNICA, A. V. M. Cartografias contemporâneas: mapa e mapeamento como metáforas para a pesquisa sobre a formação de professores de Matemática. **Alexandria**- Revista de Educação em Ciências e Tecnologia. Florianópolis, v. 6, n.1, p. 35 – 60, 2013a.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, M.de C. e ARAÚJO, J. de L. (Org.) **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. 5.ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 87-109, 2013b.

GARNICA, A. V. M. (Org.). **Cartografias Contemporâneas:** Mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil. Curitiba: Appris, 2014.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regimes de historicidade e História Oral. **Bolema**. Rio Claro, v. 25, n.41, p. 213-250, dez. 2011.

GEPEMAT. **Projeto:** Melhoria das potencialidades docentes nos cursos de magistério – uma proposta alternativa em Educação Matemática. Cuiabá, 1987. Disponibilizado pela professora Elisete de Miranda.

GEPEMAT. **Relatório do curso de treinamento geometria de 5ª a 8ª séries do 1º grau.** Cuiabá, 1988. Material disponibilizado pela professora Elisete de Miranda.

GEPEMAT. **Relatório técnico sintético:** período set/88 a fev/89. Cuiabá, 1989. Material disponibilizado pela professora Elisete de Miranda.

GEPEMAT. **Relatório técnico crítico:** período set/88 a ago/89. Cuiabá, 1990. Material disponibilizado pela professora Elisete de Miranda.

GERMANO, J. W. **Estado militar e educação no Brasil (1964 - 1985)**. São Paulo: Cortez, 1993.

GHIRALDELLI JR, P. **História da educação.** São Paulo: Cortez, 2001.

GOMES, M. L. M. Formação e atuação de professores de matemática, testemunhos e mapas. In: GARNICA, A. V. M. (Org.). **Cartografias Contemporâneas:** Mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil. Curitiba: Appris, p. 11-37, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, IBGE. Mapa de Mato Grosso. IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/download/mapa_e_municipios.php>. Acesso em: 21 abr. 14.

JOANONI NETO, V. **Fronteiras da crenças:** ocupação do norte de Mato Grosso após 1970. Cuiabá: Carlini e Caniato Editorial; EdUFMT, 2007.

JUCÁ, P. R. Curso da CADES em janeiro. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, p. 1 e 3, 25 nov. 1966. Disponível em: Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.

JUCÁ, P. R. CADES em Cuiabá: instalado ontem. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, p. 1, 10 jan. 1967a. Disponível em: Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.

JUCÁ, P. R. CADES encerrou seus cursos na última sexta-feira. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, p. 4, 28 jan. 1967b. Disponível em: Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.

LANDO, J. C. **O ensino de matemática em Sinop nos anos de 1973 a 1979: uma história oral temática**. 2002. 168f. Monografia (Especialização em Educação Matemática) – Faculdade de Ciências Exatas, Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop, 2002.

LOUREIRO, J. P. **Inundações fizeram desabrigados em 42, 74 e 95.** Diário de Cuiabá, 2001. Disponível em: <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=49719>. Acesso em: 10 out. 2014.

MACENA, M. M. M. **Sobre Formação e prática de professores de matemática:** estudo a partir de relatos de professores, década de 1960, João Pessoa (PB). 2013. 369f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **A interiorização dos cursos de matemática no estado de São Paulo:** um exame da década de 1960. 2012. 379f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

MELO, S. B. de. **Estudo preliminar sobre avaliação dos cursos de licenciatura de curta duração em ciências e matemática realizados na UFPE, em regime intensivo nos anos de 1971 a 1976.** 1982. 175 f. Dissertação (Mestrado em Matemática). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 1982.

MEYER, M. **Marilena Chauí fala sobre trágica herança deixada pela ditadura militar à educação.** Educar para crescer, 2011. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/blog/boletim-educacao/2011/10/13/marilena-chaui-fala-sobre-heranca-ruim-deixada-pela-ditadura-militar-a-educacao/>. Acesso em: 18 maio 2014.

MIRANDA, L.; AMORIM, L. **Mato Grosso:** atlas geográfico. Cuiabá: Entrelinhas, 2000.

MORAIS, M. B. **Peças de uma história:** formação de professores de matemática na região de Mossoró (RN). 2012. 300f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

MOTTA, R. P. S. **As Universidades e o regime militar:** 1964 – 50 anos depois. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MOURA, E. C. M. **O Ensino de matemática na Escola Industrial de Cuiabá/MT no período de 1942 a 1968.** 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

MURTINHO, M. N. Os Períodos pré e pós-divisão na história econômica mato-grossense (1970-2000). **Revista Científica da AJES.** Juína, MT, v.3, n.6, p.1-20, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.revista.ajes.edu.br/arquivos/artigo_20120212172832.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2014. p.1.

NAEC. **Projeto:** Apoio ao ensino de Ciências no 1ºgrau, nos níveis I a IV, em dez (10) escolas da rede oficial. Cuiabá, 1982. Disponibilizado pela professora Elisete de Miranda e pelo Gepemat.

NASCIMENTO, M. J. do. **Ensino superior em Mato Grosso:** antecedentes históricos e a UFMT e a sua realidade. Cuiabá, 1984. p.78.

OLIVEIRA, L. L. **A Construção de Brasília.** FGV – CPDOC: Fundação Getúlio Vargas – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 2012. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Brasilia/Construcao>. Acesso em: 04 ago. 2014.

OS EFEITOS da ditadura na educação pública por Marilena Chauí. Salvador: Aldeia Nago, 2014. Disponível em < http://aldeianago.com.br/artigos/7-cidadania/6045-os-efeitos-da-ditadura-na-educacao-publica-por-marilena-chaui->. Acesso em 18 maio 2014.

PARRON, T. **Ditadura:** a cara e a coroa. Guia do estudante, 2012. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/ditadura-cara-coroa-434200.shtml>. Acesso em: 11 dez. 2014.

PEREIRA, D. J. R. **História do movimento democrático que criou a Sociedade Brasileira de Educação Matemática –** SBEM. 2005. 261 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

PIMPÃO, T. **Quase 80% das estradas estaduais não tem asfalto; cidades reclamam.** RD News, 2014. Disponível em: < http://www.rdnews.com.br/materias-especiais/rotas-e-percalcos/quase-80-das-estradas-estaduais-nao-tem-asfalto-cidades-reclamam/52532>. Acesso em: 10 out. 2014.

PORTELLI, A. **Ensaios de historia oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PÓVOAS, L. C. **História de Mato Grosso**. São Paulo: Resenha Tributária, 1985.
PVS ITABORAÍ. **Movimentos migratórios.** Itaboraí, 2012. Disponível em: <http://pvsitb.blogspot.com.br/>. Acesso em: 10 set. 2014.

PVS ITABORAÍ. **Movimentos migratórios.** Itaboraí, 2012. Disponível em: <http://pvsitb.blogspot.com.br/>. Acesso em: 10 set. 2014.

REINERS, J. J. **Universidade Federal para Mato Grosso.** Cuiabá: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mato Grosso, 1967.

RESENDE, L. A. V. Reorganização educacional: as escolas polivalentes como uma das vias para a profissionalização do ensino. In: Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no Tempo Presente, 4, 2008, Minas Gerais. **Anais...** Uberlândia – MG, Digiteca, 2008, p. 1-17.

RIBEIRO, I. F. **Primeiro esboço da história do curso de matemática do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá (ICLC).** 2011. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (Licenciatura em Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2011.

ROCHA, S. A. da. **Formação de professores em Mato Grosso:** trajetória de três décadas (1977-2007). Cuiabá: EdUFMT, 2010.

ROHDEN, J. B. Educação e colonização: histórias de muitas vidas e de uma escola „inventada". In: Congresso Luso Brasileiro da História da Educação. Colubhe, 10, 2014, Paraná. **Anais...** Curitiba – PR, 2014, p.1-15.

RUEZZENE, G. B. **Os Cursos de licenciatura em Matemática no estado de Rondônia:** um panorama histórico. 2012. 222f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá (MT), 2012.

SALIBA, E. T. Pequena história do documento: aventuras modernas e desventuras pós-modernas. In PINSKY, C. B. e LUCA, T. R. de (Org.) **O Historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, p. 309-328, 2012.

SANTOS, V. M. P dos. As Transformações na estrutura do curso de licenciatura em matemática do campus de Cuiabá da UFMT: da fundação da universidade até os primeiros anos do século XXI. In: Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática. Enaphem, 2, 2014, São Paulo. **Anais...** Bauru – SP, 2014, p. 1-10.

SEVERINO, N. **Enchente de 74:** 6 bairros destruídos, 5 mil desabrigados e 40 anos de história. Hiper Notícias, Cuiabá, 2014. Disponível em: <http://www.hipernoticias.com.br/TNX/conteudo.php?sid=180&cid=33136>. Acesso em: 29 out. 2014.

SILVA, A. P. da. Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá: edital de concurso de habilitação. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, p.3, 31 dez. 1967. Disponível em: Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.

SILVA, C. A. C. A Formação do professor mato-grossense – considerações históricas preliminares. **Coletâneas do Nosso Tempo.** Rondonópolis, n.1, p. 114-125, 1997.

SILVA, E. F. de S. P. e. Escola Normal de Cuiabá: história da formação de professores em Mato Grosso (1910-1916). In: SÁ, N. P.; SIQUEIRA, E. M. (Org.). **Coletânea Educação e Memória.** Cuiabá: EdUFMT, 2006a, v.2.

SILVA, E. R. M. da; CASTRO, F. J. L. de A. **Análise da educação no período da ditadura militar brasileira e os reflexos e saídas para a educação atual.** Acesse24horas, 2013. Disponível em < http://a24horas.com/destaques/analise-da-educacao-no-periodo-da-ditadura-militar-brasileira-e-os-reflexos-e-saidas-para-a-educacao-atual/>. Acesso em: 18 maio 2014.

SIMIÃO, R. A. V. O Processo de profissionalização docente em Mato Grosso (1930-1960). In: SÁ, N. P.; SIQUEIRA, E. M. (Org.). **Coletânea Educação e Memória.** Cuiabá: EdUFMT, 2006, v.4.

SINTEP. **Tabela salarial rede estadual – março/2014 – reajuste de 10,84%.** Cuiabá, 2013. Sintep subsede de Cuiabá: livre, democrático e de luta. Disponível em: <http://sintepcba.org.br/materia.php?subcategoriaId=35&id=1364&>. Acesso em: 04 nov. 2014.

SIQUEIRA, E. M. **História de Mato Grosso:** da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

SIQUEIRA, E. M.; DOURADO, N. S.; RIBEIRO, R. S. (Orgs.). **Universidade Federal de Mato Grosso:** 40 anos de História (1970-2010). Dados Eletrônicos. Cuiabá: EdUFMT, 2011. CD-ROM.

STRENTZKE, I. **Inajá, Homem-Natureza, Geração e Tucum:** uma análise da proposta pedagógica de 1987 a 2000. 2011. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2011.

TAVARES, R. N. **Universidade Federal de Mato Grosso:** memórias de uma conquista. 2001. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá (MT), 2001.

TOILLIER, J. S. **A Formação do professor (de matemática) em terras paranaenses inundadas.** 2013. 285f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

UFMT – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Professores do departamento de matemática que lecionam no 1º ciclo.** Cuiabá, 1972a. Disponibilizada pelo Departamento de Matemática.

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso. **Relatório 1º período de 1972.** Cuiabá: UFMT, 1972b.

UFMT – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Catálogo geral 73.** Cuiabá, 1973. n.1.

UFMT - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Resolução do Conselho Diretor nº 82, de 02 de dezembro de 1974.** Cuiabá – MT. Disponível em: <http://sistemas.ufmt.br/ufmt.resolucao/OpenResolucao.aspx?resolucaoUID=579&ano=1974&tipoUID=1 >. Acesso em: 23 mar. 14.

UFMT – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Portaria nº GR 1099/76, de 30 de dezembro de 1976.** Cuiabá – MT. Disponibilizada pelo Departamento de Matemática.

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso. **UFMT' 78.** Cuiabá: UFMT, 1978.

UFMT – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Parecer nº 099/84 – Conjur.** Desconversão do curso de Licenciatura em Ciências. Cuiabá, 1984a. Disponibilizada pelo Departamento de Matemática.

UFMT – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Ofício nº GR – 218/84, de 25 de setembro de 1984.** Cuiabá, 1984b. Disponibilizada pelo Departamento de Matemática.

UFMT - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Resolução do Conselho Diretor nº 64, de 24 de outubro de 1985.** Cuiabá – MT. Disponível em: <http://sistemas.ufmt.br/ufmt.resolucao/OpenResolucao.aspx?resolucaoUID=1079&ano=1985&tipoUID=1 >. Acesso em: 23 mar. 14.

UFMT – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Catálogo geral**: 1986-1987/1. CCET. Cuiabá, 1987. 4v.

UFMT – Departamento de Matemática. **Proposta de implantação da pós-graduação em educação** – linha de pesquisa: Educação Matemática. Cuiabá, 1992. Disponibilizado pelo Gepemat.

UFMT – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Projeto didático pedagógico:** licenciatura plena em matemática. Cuiabá, 2000. Disponibilizado pelo professor Carlos Dornellas.

UFMT – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Programa de pós-graduação em Educação:** histórico. Cuiabá, 2014. Disponível em: <http://www.ufmt.br/ufmt/unidade/index.php/secao/siteAlt/3953/3946/PPGE>. Acesso em: 15 ago. 2014.

UNEMAT – UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO. **Campus universitário de Cáceres.** Cáceres, 2011. Disponível em: <http://www.novoportal.unemat.br/index.php?pg=campus&idc=2#>. Acesso em: 05 ago. 2014.

WIELEWSKI, G. D. O Movimento da matemática moderna e a formação de grupos de professores de matemática no Brasil. In: **ProfMat2008**, 2008, Elvas-Portugal. ProfMat2008 Actas. Lisboa. Associação de professores de matemática, 2008. p.1-10.

WIELEWSKI, G. D.; PALARO, L. A.; WIELEWSKI, S. A. Cuiabá na década de 80: vestígios da matemática moderna nas quatro primeiras séries do 1º grau. **Diálogo Educacional,** Curitiba, v.8, n.25. p. 675-688, set./dez. 2008.

WIELEWSKI, G. D.; PALARO, L. A.; WIELEWSKI, S. A. Heliete Moreno. In: VALENTE, W. R. (Org.). **Educadoras matemáticas:** memórias, docência e profissão. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013. p. 97-112.

XAVIER, A. P. da S.; SÁ, N. P. A Escola normal de Mato Grosso no século XIX. **Revista Série-Estudos - UCDB**. Campo Grande, v.25, [s. n.]p. 123-132, jan./jun. 2008. Disponível em <www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/245/216>. Acesso em: 22 mar. 14.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Roteiros das entrevistas

Roteiro de entrevista 1

Este roteiro foi utilizado apenas na entrevista da professora Suíse Monteiro Leon Bordest.

Roteiro para entrevista 1

1. Apresentação.
2. Quando a senhora veio para Cuiabá? Como era Cuiabá nesse período?
3. Qual sua formação e onde a realizou? Fale um pouco sobre sua escolarização.
4. Como era o cenário político-educacional no período de sua formação?
5. A senhora saberia falar como era a formação de professores de Matemática em Cuiabá antes do ICLC/UFMT?
6. Fale sobre a criação do ICLC.
7. Como e onde ele funcionava?
8. Quais eram e como eram os cursos do ICLC?
9. Qual era, em geral, a formação dos professores que atuavam no ICLC? Onde haviam se formado?
10. Quais as principais dificuldades enfrentadas em sua implantação e caminhada? E os pontos positivos?
11. O ICLC chamava atenção aqui em Cuiabá? De que forma?
12. Como era a procura pelas licenciaturas no Instituto? Qual era o perfil dos estudantes dele?
13. Para trabalhar no ICLC os professores eram convidados ou era feita uma análise de currículo?
14. O que a senhora saberia falar sobre a turma de Matemática do ICLC?
15. Só houve uma turma de Matemática no ICLC, a senhora sabe por que não continuou?
16. Como foi o processo de reconhecimento dos cursos do ICLC?
17. Porque criar a UFMT já tendo o ICLC e a Faculdade de Direito?

18. Como foi esse processo de mudança do ICLC para a UFMT? Quais os pontos positivos e negativos?
19. O que mudou em relação ao trabalho e aos cursos, após essa transição?
20. A divisão do estado influenciou no ensino na Universidade? De que forma?
21. Como traduziria o tempo em que esteve na UFMT?
22. O que a levou a buscar a área escolar como formação superior e local de trabalho?
23. O que significava se formar professor no período em que a senhora se formou?
24. Quais as principais diferenças que percebe na formação de professores do período em que se formou para os presentes dias? E na educação quais as principais mudanças de que se lembra?
25. Considerações.

Roteiro de entrevista 2

O roteiro que segue foi usado na condução de oito entrevistas: Claudio Mellado, Nilda Bezerra Ramos, Carlos Antônio Dornellas, Elisete de Miranda, Aquiles Leite do Nascimento, Heliete Martins Castilho Moreno, Sérgio Antônio Wielewski e Vinícius Machado Pereira dos Santos.

Roteiro para entrevista 2

1. Apresentação
2. Quando você veio para Cuiabá? Como era Cuiabá nesse período?
3. Você saberia falar como era a formação de professores de Matemática em Cuiabá antes do ICLC/UFMT?
4. Fale sobre a criação do curso de Matemática no ICLC. Ele se manteve na UFMT com as mesmas características?
5. Como foi esse processo de mudança do ICLC para a UFMT?
6. Como foi o período de implantação do curso na UFMT?
7. Conforme o livro "Universidade: o Fazejamento" (p.124-125), do professor Dorileo, logo depois da implantação da UFMT pensava-se em acabar com o curso de Matemática. Por que não acabou? Em algum momento, essa discussão foi retomada?
8. A divisão do estado influenciou no ensino na Universidade? De que forma?

9. Fale sobre o Naec (Núcleo de Apoio ao Ensino de Ciências).
10. O que você saberia falar sobre o Gepemat (Grupo de Ensino e Pesquisa em Educação Matemática)?
11. Fale um pouco sobre sua escolarização.
12. Como era o cenário político-educacional no período de sua formação?
13. Quando você cursou sua Licenciatura ela era Plena ou Curta? Em Matemática ou Ciências com Habilitação em Matemática? O que mudava de uma para outra?
14. O que o levou a buscar a área escolar, como formação superior e local de trabalho?
15. O que significava se formar professor no período em que você se formou?
16. Quais as principais mudanças que você percebe na formação de professores, do período em que se formou para os presentes dias?
17. Quais as principais mudanças ocorridas na educação, no período em que estudava, de que se lembra?
18. Como traduziria o estar na UFMT?
19. Considerações.

APÊNDICE B – Cartas de Cessão

CARTA DE CESSÃO

Eu,

Suzé Monteiro Leon Bordest

, RG 018 451-SSP.MT,

declaro para devidos fins ceder a Bruna Camila Both, RG 186.1049-8, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 21 / dezembro / 2013, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ela concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Bruna Camila Both, que tem a sua guarda, ou a outro que ela possa vir a determinar.

Cuiabá, 11 de abril de 2014.

Suzé Monteiro Leon Bordest

Assinatura

CARTA DE CESSÃO

Eu, CLAUDIO MELLADO,
RG 55.113.451-3 SSP.SP declaro para devidos fins ceder a Bruna Camila Both, RG 186.1049-8, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 15 / AGOSTO / 2013, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Bruna Camila Both, que tem a sua guarda, ou a outro que ele possa vir a determinar.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, 08 de MAIO de 2014.

Assinatura

CARTA DE CESSÃO

Eu, Nilda Begerra Ramos,
RG 029.931-6, declaro para devidos fins ceder a Bruna Camila Both, RG 186.1049-8, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 021 agosto / 2013, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Bruna Camila Both, que tem a sua guarda, ou a outro que ele possa vir a determinar.

Cuiabá, 07 de fevereiro de 2014.

Nilda Begerra Ramos

Assinatura

CARTA DE CESSÃO

Eu, CARLOS ANTONIO DORNELLAS, RG 115762-SSP/MT declaro para devidos fins ceder a Bruna Camila Both, RG 186.1049-8, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 31 / AGOSTO / 2013, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Bruna Camila Both, que tem a sua guarda, ou a outro que ele possa vir a determinar.

CUIABÁ - MT, 11 de ABRIL de 2014.

CAbornellas.

Assinatura

CARTA DE CESSÃO

Eu, ELISETE DE MIRANDA, RG 008285, declaro para devidos fins ceder a Bruna Camila Both, RG 186.1049-8, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 01 / 08 / 2013, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ela concedidos. Ficando vinculado o controle a Bruna Camila Both, e somente a ela, que tem a sua guarda.

Cuiabá, 22 de abril de 2014.

E Miranda

Assinatura

CARTA DE CESSÃO

Eu, Aquiles Leite Nascimento,
RG 104.986-4-MT, declaro para devidos fins ceder a Bruna Camila Both, RG 186.1049-8, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 31/07/2013, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Bruna Camila Both, que tem a sua guarda, ou a outro que ele possa vir a determinar.

Cuiabá, 23 de abril de 2014.

Assinatura

CARTA DE CESSÃO

Eu, HELIETE MARTINS CASTILHO MORENO, RG 5. 526.756 – SSP/SP, declaro para devidos fins ceder a Bruna Camila Both, RG 186.1049-8, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 30/ julho /2013, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ela concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Bruna Camila Both, que tem a sua guarda, ou a outro que ela possa vir a determinar.

Cuiabá, 10 de abril de 2014.

Heliete M. C. Moreno

Assinatura

CARTA DE CESSÃO

Eu, Sérgio Antônio Wielewski,
RG 1.928.435 SSP/PR declaro para devidos fins ceder a Bruna Camila Both, RG 186.1049-8, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 31/ julho /2013, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Bruna Camila Both, que tem a sua guarda, ou a outro que ele possa vir a determinar.

Cuiabá, 22 de abril de 2014.

Assinatura

CARTA DE CESSÃO

Eu, Vinicius Machado Pereira dos Santos,
RG 9297 514 SSP/SP declaro para devidos fins ceder a Bruna Camila Both, RG 186.1049-8, sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 09/ Setembro /2013, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também das imagens e documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Bruna Camila Both, que tem a sua guarda, ou a outro que ele possa vir a determinar.

Cuiabá, 23 de Abril de 2014.

Assinatura

ANEXOS

ANEXO A – Reconhecimento do curso de Matemática da UFMT no Diário Oficial em 1974.

Quarta-feira 25 DIÁRIO OFICIAL (Seção I — Parte I) Setembro de 1974 11015

DECRETO Nº 74.602 — DE 24 DE SETEMBRO DE 1974

Concede reconhecimento aos cursos de Letras, de Geografia, de História Natural, de Matemática e de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso, com sede na cidade de Cuiabá, Estado do Mato Grosso.

Transcrição do trecho em destaque:

DECRETO Nº 74.602 – de 24 de setembro de 1974

Concede reconhecimento aos cursos de Letras, de Geografia, de História Natural, de Matemática e de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso, com sede na cidade de Cuiabá, Estado do Mato Grosso.

O Presidente da República, usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição, de acordo com o artigo 47, da Lei nº 5.540 de 28 de novembro de 1968, alterado pelo Decreto-lei nº 842, de 9 de setembro de 1969, e tendo em vista o Parecer do Conselho

Federal de Educação nº 2.317-74, conforme consta dos Processos nºs 1.192-70 – CFE e GM/BSB 004.421-74 do Ministério da Educação e Cultura, decreta:

Art. 1º É concedido reconhecimento aos cursos de Letras (licenciatura plena, habilitações em Português-Inglês, em Português-Francês, em Português-Literatura e em Português-Latim), de Geografia, de História Natural, de Matemática e de Pedagogia (licenciatura plena, habilitação em Administração Escolar) da Universidade Federal de Mato Grosso com sede na cidade de Cuiabá, Estado de Mato Grosso.

Art. 2º Este Decreto entrará em vigor na dará de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 24 de setembro de 1974, 153º da Independência e 86º da República.

Ernesto Geisel

Ney Braga[1]

[1] Essa cópia do Diário Oficial foi disponibilizada pelo Departamento de Matemática, mas também se encontra disponível no endereço eletrônico: <file:///F:/Documents/Documents/Disserta%C3%A7%C3%A3o/Pesquisa%20documental/di%C3%A1rio%20oficial%20rec%20mat.pdf>. Acesso em 02 out. 14.

ANEXO B – Ementa Ciclo Profissional da primeira Licenciatura Plena em Matemática oferecida pela UFMT[2].

EMENTAS

MAT 401 **INTRODUÇÃO À MATEMÁTICA I** — 4 créditos
Teoria dos conjuntos. Relações e aplicações. Sequências e somatórios. Funções exponenciais e logarítmicas.

MAT 402 **INTRODUÇÃO À MATEMÁTICA II** — 4 créditos
Funções circulares. Análise combinatória e probabilidades. Matrizes-sistemas de equações lineares. Números complexos e equações algébricas.

MAT 403 **DESENHO GEOMÉTRICO** — 4 créditos
Construções fundamentais. Construções de triângulo e quadrilátero. Estudo da circunferência. Traçado de ovais. Evolventes. Curvas cíclicas. Elipse, hiperbole e parábola.

MAT 404 **GEOMETRIA DESCRITIVA I** — 4 créditos
Noções básicas. O ponto. Planos bissetores. Estudo de simetria. Lugares geométricos. Noções de geometria plana e desenho geométrico. Retas e seus traços. Estudo das retas nos planos. Intersecções. Métodos descritivos. Problemas métricos.

MAT 405 **GEOMETRIA DESCRITIVA II** — 4 créditos
Poliedros regulares. Poliedros irregulares. Perspectiva cônica. Rebatimento do plano geometral sobre o quadro. Princípios fundamentais em várias posições. Classificação e geração das superfícies.

MAT 406 **GEOMETRIA ANALÍTICA I** — 4 créditos
Geometria plana: Coordenadas cartesianas, retas, circunferência, parábola, elipse e hipérbole. Transformação de coordenadas. Tangentes e normais. Coordenadas polares. Curvas transcendentes. Funções paramétricas. Funções gráficas e equações empíricas.

MAT 407 **GEOMETRIA ANALÍTICA II** — 4 créditos
Geometria especial: Sistemas de coordenadas. Plano e linha reta. Curvas reversas. Hélice circular. Estudo da esfera. Geração das superfícies do 2.º grau. Generalidades sobre as quádricas.

MAT 408 **DESENHO TÉCNICO I** — 4 créditos
Para o domínio da técnica do desenho a lápis. O material de desenho. Projeto de arquitetura. Detalhes construtivos. Detalhes de esquadras. Detalhes de escadas e rampas. Locação dos prédios. Detalhes de telhados. Instalações elétricas. Instalações hidráulicas. Instalação sanitária. Detalhes de ferros e armaduras. Perspectiva.

[2] UFMT (1973).

MAT 409 **DESENHO TÉCNICO II** — 4 créditos
Mesmos tópicos abordados em MAT 427. Para o domínio da técnica do desenho a tinta — Instrumental: caneta graphos, caneta oxford, desenho a mão livre.

MAT 410 **ÁLGEBRA I** — 4 créditos
Teoria elementar dos conjuntos. Números naturais. Números inteiros. Noções sobre teoria das teorias dos números. Teorema fundamental da aritmética. Congruências lineares. Anéis e corpos.

MAT 411 **ÁLGEBRA II** — 4 créditos
Álgebra de transformações lineares. Forma canônica de Jordan. Grupos com operadores. Grupos livres. Fatorização em anéis principais e euclidismos. Módulos de tipos finito sobre anéis principais.

MAT 412 **ÁLGEBRA LINEAR I** — 4 créditos
Sistemas abstratos. Espaços vetoriais. Transformações lineares. Matrizes. Equações lineares e determinantes.

MAT 413 **ÁLGEBRA LINEAR II** — 4 créditos
Relações de equivalências de matrizes. Uma forma canônica para similaridade. Conceitos métricos. Equivalência combinatória. Funções de matrizes.

MAT 414 **ANÁLISE I** — 4 créditos
Sistema dos números reais. O espaço euclidiano, funções de **n** variáveis. Topologia de convergência de sequências de pontos e de séries. Continuidade e continuidade uniforme. Teoremas de aproximação.

MAT 415 **ANÁLISE II** — 4 créditos
Análise no espaço euclidiano. Teorema da função inversa. Teorema da função implícita. Integrais múltiplas. Mudança de variáveis nas integrais múltiplas.

MAT 416 **CÁLCULO I** — 4 créditos
Cálculo diferencial. Variáveis, funções e limites. Derivação. Aplicações das derivadas. Derivação das funções transcendentes. Derivação sucessiva. Diferenciais. Teorema do valor médio.

MAT 417 **CÁLCULO II** — 4 créditos
Cálculo integral. Integrais imediatas. Integral definida. Integral como processo de soma. Integração formal por artifícios. Fórmulas de redução. Uso de tabelas de integrais.

MAT 418 **CÁLCULO III** — 4 créditos
Séries. Desenvolvimento em séries. Funções hiperbólicas. Derivação parcial. Integrais múltiplas.

MAT 419 **CÁLCULO IV** — 4 créditos
Equações diferenciais.

MAT 420 **CÁLCULO VETORIAL I** — 4 créditos
Vetores. Operações com vetores. Projeção. Coordenadas cartesianas. Paralelismo e perpendicularismo de dois vetores. Produto escalar e vetorial. Produto misto. Duplo produto vetorial. Equação vetorial. Equação vetorial da reta e do plano. Equações vetoriais clássicas. Operadores.

MAT 421 **CÁLCULO VETORIAL II** — 4 créditos
Análise vetorial: vetor função de uma variável escalar. Ponto função de uma variável escalar. Equação vetorial das curvas. Estudo vetorial das curvas. Integral vetorial de função de uma variável escalar. Vetor função de duas variáveis escalares. Campo escalar. Derivada direcional de função escalar. Gradiante. Campo vetorial. Derivada direcional de função vetorial. Operadores diferenciais.

MAT 422 **ESTATÍSTICA GERAL I** — 4 créditos
A natureza da estatística. As séries estatísticas. Distribuição de frequência. Média aritmética simples ponderada. Média geométrica e harmônica. Moda e mediana. Quartis decis e centis. Medidas de dispersão.

MAT 423 **ESTATÍSTICA GERAL II** — 4 créditos
Momentos. Números índices. Probabilidades. Representatividade das medidas. Ajustamento teoria da correlação. Distribuição. Teoria elementar de amostragem.

MAT 424 **ESTATÍSTICA APLICADA À ENGENHARIA** — 4 créditos
Distribuição de frequência. Probabilidade. Distribuição de variável aleatória discreta. Distribuição de variável aleatória contínua. Teoria elementar da amostragem. Estimaçção. Testes de hipóteses. Análise de variância. Correlação e regressão.

MAT 425 **ESTATÍSTICA APLICADA À EDUCAÇÃO** — 4 créditos
Planejamento na escola, séries estatísticas, representação gráfica, distribuição de frequência, médias, moda; outras medidas de tendência central; medidas de dispersão e assimetria; coeficientes ou taxas; construção de escalas do rendimento escolar.

MAT 426 **MATEMÁTICA PARA A FÍSICA I** — 4 créditos
Transformada de Laplace. Conjuntos ortogonais de funções. Séries de Fourier. Propriedades de séries de Fourier. Problemas de contorno. Funções especiais da Física.

MAT 427 **MATEMÁTICA PARA A FÍSICA II** — 4 créditos
Cálculo de variações. Problemas de contorno (métodos de separação de variáveis). Problemas de contorno (Funções de Green). Equações integrais.

MAT 428 **CÁLCULO NUMÉRICO E GRÁFICO** — 4 créditos
Escalas. Papel de gráfico especial. Nomografia. Integração gráfica e mecânica. Evoluções do cálculo mecânico e automático.

MAT 429 **LINGUAGEM FORTRAN** — 2 créditos
Estudos introdutórios da Linguagem Fortran. Programações elementares.

MAT 430 **TOPOGRAFIA E GEODÉSIA I** — 4 créditos
Definições. Erros e suas fontes. Topografia exclusivamente com medidas lineares. Magnetismo terrestre. Bússolas. Poligonais abertas e fechadas.

MAT 431 **TOPOGRAFIA E GEODÉSIA II** — 4 créditos
Tipos de nivelamento. Erros de nivelamento. Curvas de nível. Diferentes tipos de níveis. Retificações. Nivelamento trigonométrico. Nivelamento barométrico. Nivelamento estatimétrico. Topologia. Taquiometria.

MAT 432 **FUNDAMENTOS DA MATEMÁTICA** — 4 créditos
I — Cálculo profissional bivalente. Sentenças simples; negação. Conectivos lógicos ("s", "ou", "se... então...", "...se e somente se..."); sentenças compostas. Tábua verdade. Relações lógicas. Aplicações em circuitos elétricos. Regras de inferência. II — Estruturas matemáticas Apresentação das estruturas de ordem e estruturas algébricas.

MAT 433 **ESTATÍSTICA APLICADA À GEOGRAFIA** — 4 créditos
População, composição e crescimento, censos, estimativas. Índices e coeficientes: definições, coeficientes brutos e específicos. Noções de amostragem: conceito de amostra e população.

ANEXO C – Formados em Matemática no ICLC e na UFMT (1969 - 1993/1).

FORMANDOS DE 1969 - 2º PERÍODO - ESTRUTURA ANTIGA

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 14/12/69

CURSO: MATEMÁTICA

01 - LUIZ GONZAGA COELHO

02 - MAURO CUSTODIO DE SOUZA

03 - NILDA GOMES BEZERRA

FORMANDOS DE 1975 - 1º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 26/07/75

01 - CARLOS ANTONIO DORNELAS

02 - ELIZETE DE MIRANDA

03 - JOSÉ FIGUEIRA DE GUSMÃO

04 - MARIA GONZAGA DE MELO

05 - NEUSA ROSA DA SILVA

06 - NILSON JOSÉ ALVES NEGRÃO

07 - ROSA DO CARMO TAQUES

FORMANDO DE 1975 - 2º PERÍODOD

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 17/01/76

01 - NAOMI OHISHI

02 - SINAIR ALVES SILVERIO

FORMANDOS DE 1976 - 1º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 23/07/76

01 - ANTONIO ADAILTO RIBEIRO

02 - CELINA DIAS PEREIRA

03 - DINAHROSA DE OLIVEIRA

04 - EDSON ALVES VIEIRA

05 - EDINA COLETA SANTIAGO

06 - LIDIA MARIA CURVO DE ALMEIDA LASTORIA

FORMADOS DE 1976 - 2º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 14/01/77

01 - AUGUSTO MÁRIO SANTANA

02 - JOSEMAR OLIVEIRA DO AMARAL

03 - MAREMI ERMINIA BIANCO SANTANA

04 - TAMIA MARIA DORNELES VASCONCELOS

05 - UDENYR AMORIM DE OLIVEIRA

06 - NILTON LUCIANO MARQUES

FORMANDOS DE 1977 - 1º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 29/07/77

01 - AURELIA DOMINGAS DE OLIVEIRA

02 - AQUILES LEITE NASCIMENTO

03 - EDNA CAPISTRANO DE ALENCAR

FORMANDO DE 1977 - 2º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 13/01/78

01 - ALBERY QUEIROZ SANTANA

02 - IRACEMA TOMBOSI

03 - JOÃO DE SOUZA LIMA

04 - LUIZ CARLOS REZENDE FORTES

05 - MANOEL SIDNEY DE ARRUDA

06 - SÔNIA REGINA NASCIMENTO

07 - TARCISIO LOPES DE SOUZA

08 - VALDECI GUIRADO PRATES

FORMANDO DE 1978 - 1º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 28/07/78

01 - CECÍLIA KUSUNOKI MINUZZO DOS SANTOS

FORMANDO DE 1978 - 2º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 12/01/79

01 - AGUSTINHO SALES DOS SANTOS

FORMANDO DE 1979 - 1º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 27/07/79

01 - LENILDO NILO SOLANO DA MATA

02 - MARCOS AMORIM DA SILVA

FORMANDO DE 1980 - 1º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 25/07/80

01 - HÉLIO MALUF

FORMANDO DE 1980 - 2º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 24/01/81

01 - WALDIR QUADROS

FORMANDO DE 1981 - 1º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 01/08/81

01 - MARIA DAS GRAÇAS PEREIRA ALVES

FORMANDO DE 1982 - 2º PERÍODO
DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 22/01/83

01 - DALVA MARIA DE BARROS

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS - DURAÇÃO PLENA (HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA)

FORMANDO DE 1978 - 1º PERÍODO
DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 28/07/78

01 - MARGARIDA SILVA E SOUZA

FORMANDO DE 1978 - 2º PERÍODO
DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 12/01/79

01 - ANA LUIZA DE CARVALHO ARAUJO
02 - JOÃO BATISTA PINTO DA FONSECA

FORMANDO DE 1979 - 1º PERÍODO
DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 27/07/79

01 - JOSÉ PARRON RUIZ
02 - WILMA OLIVEIRA DANTAS DE FARIA

FORMANDO DE 1979 - 2º PERÍODO
DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 11/01/80

01 - ANTONIA SOARES DA COSTA
02 - FRANCISCO ANTONIO DE SOUZA
03 - MARIA ESTELA RIBEIRO GONÇALVES

FORMANDO DE 1980 - 1º PERÍODO
DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 25/07/80

01 - HABIB KMEIK
02 - MARIA ATILIO
03 - MARIA LEÃO PEREIRA

FORMANDO DE 1980 - 2º PERÍODO
DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 24/01/81

01 - ROSEMAI MARIA VICTÓRIO

FORMANDO DE 1981 - 1º PERÍODO
DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 01/08/81

01 - RITA FRANCISCA GOMES BEZERRA

FORMANDOS DE 1981 - 2º PERÍODO
DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 23/01/82

01 - AMÁLIA LEITE DE BARROS NETA

CONT.

02 - DARCIBEL SILVA RAMOS

03 - FÁTIMA AMÉLIA PINTO DE QUEIROZ

04 - NEUSA BLASQUES RINALDI

05 - VICENTE BELLAVER

FORMANDO DE 1982 - 1º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 24/07/82

01 - ANA MARIA GARCIA FANAIA

02 - ANDRÉS AVELINO SANTIDRIÁN CASTRO

03 - CÉSAR HIROSHI ITO

04 - JOSÉ DE FREITAS JUNIOR

05 - LEILA PINTO MIRANDA

06 - MANOEL BENEDITO NIRDO DA SILVA CAMPOS

07 - ODILON NOVAES SILVA

08 - OLÍMPIO SANT'ANA DE OLIVEIRA SANTOS

FORMANO DE 1980 - 2º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 22/01/83

01 - FERNANDO JORGE AHI

02 - ODDINO FREDERICO VENZO

FORMANDO DE 1983 - 1º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 30/07/83

01 - DEIZE ÀGUENA MOREIRA

02 - JOSÉ FELIX SANTOS DA SILVA

03 - RITA FERRONATO

04 - ZILDA APARECIDA SIMÃO VIEIRA

FORMANDO DE 1983 - 2º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 14/01/1984

01 - ENIO VAZ

02 - GERALDO LUCIO TARDIN

03 - HERICE TORRES DE AZEVEDO

04 - JONAS MARTINS SILVA

FORMANDO DE 1984 - 1º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 28/07/84

01 - CATARINA DE SENA BARROS

02 - DELZA FERNANDES ZAMBONINI

FORMANDO DE 1984 - 2º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 12/01/85

01 - ELIANE MARIA DUARTE DE BARROS

CONT.

02 - IRANIDES MARTINS DE AMORIM

03 - LUCIMARA DE LIMA RISPOLI

04 - MARIA ISABEL SOUSA DO NASCIMENTO

05 - STILLAC VAZ DE CAMPOS

FORMANDOS DE 1985 - 1º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 27/07/85

01 - ALEXANDRE SILVA ABIDO

02 - JOSÉ CARLOS DE JESUS FILHO

03 - JOSÉ EURIPEDES COUTO SALES

04 - LUZIA PARECIDA PALARO

05 - MARI CARLOTO

06 - RUTH BARROS DA SILVA

07 - SERGIO ANTONIO WIELEWSKI

FORMANDOS DE 1985 - 2º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 01/03/1986

01 - GILBERTO SANTOS PEREIRA

02 - JOÃO MENA BARRETO NETO

03 - JOSÉ CARLOS DE JESUS FILHO

FOR MANDOS DE 1986 - 1º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 17/01/87

01 - BENEDITA ROSÁLIA BARBOSA

02 - BENEDITO JORGE DA SILVA

03 - DORINDA APARECIDA MARQUES

04 - MARCIA CONCEIÇÃO ARAUJO SANTOS

05 - SILVIO FERREIRA VIANA

06 - VICENTE PEDROSO DA SILVA FILHO

FORMANDOS DE 1987 - 1º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 10/10/87

01 - ARNALDO PAES JUNIOR

02 - EDSON EVANGELISTA DOS SANTOS

03 - HERMES TESEU BISPO FREIRE

04 - JOSÉ ROBERTO DAMASCENO DA SILVA

05 - MARIA LUZIA BARBOSA

FORMANDO DE 1987 - 2º PERÍODO

DATA DE COLOCAÇÃO DE GRAU - 12/03/1988

01 - EUNICE PAULINA DA SILVA NETA

02 - GLADYS DENISE WIELEWSKI

03 - MARILENE ANASTACIO GUIMARÃES

04 - ROSEMARI MARTINS DE ANDRADE

FORMANDO DE 1988 - 1º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 06/08/88

01 - CASTELINO ROBERTO DA SILVA

02 - ELIETE DUARTE BELEM

03 - JOSÉ GONÇALO DA SILVA

04 - JOSÉ OLIVEIRA GOMES

05 - LUIZ CARLOS DE LIMA

06 - MARIA ODILENE DAMASCENO SILVA

07 - MÁRIO MÁRCIO ARAUJO SANTOS

FORMANDOS DE 1988 - 2º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 14/01/89

01 - MARTA MOREIRA LEITE SOARES

FORMANDOS DE 1989 - 1º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 14/12/89

01 - CÉLIA FERREIRA DE SOUZA

02 - RICARDO REALINO

03 - ROBERTO OLIVEIRA SOUZA

FORMANDOS DE 1989 - 2º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 30/06/90

01 - ANISIO JOSÉ GUIMARÃES

02 - CLAUDIONOR BOTELHO

03 - EUCLIDES FERREIRA DA SILVA FILHO

04 - EUGUIDSON JORGE DE CAMARGO

FORMANDO DE 1990 - 1º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 27/10/90

01 - ALMIR CESAR FERREIRA CAVALCANTI

FORMANDO DE 1990 - 2º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 06/04/91

01 - ADELAIDE FERREIRA DOS SANTOS

02 - GUILHERME BENEDITO DE ALBUQUERQUE

03 - JOÃO LAZARO DA SILVA

04 - JOANIR IRENE DE SAMPAIO

05 - LIDUVINA NICOLINA DO CARMO

06 - LUSINETH COÊLHO SOUZA

07 - SOFIA PEREIRA DE SOUZA

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM MATEMÁTICA

FORMANDO DE 1989 - 2º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 30/06/90

01 - CLEIDE APARECIDA ARAUJO BASTOS

02 - DAVI LEITUN PEREIRA

03 - EDILA CRISTINA DE SOUZA

04 - EVILASIO JOSÉ DE ARRUDA

05 - RENATO LOPES

06 - TULANE BATISTA DE ALMEIDA

FORMANDO DE 1990 - 2º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 06/04/91

01 - ANTONIO CARLOS LISBOA

02 - HUMBERTO CRUZEIRO MAGALHÃES

03 - SUELY APARECIDA FURLAN ALEGRIA

FORMANDO DE 1991 - 1º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 30/11/91

01 - CELSO LUIZ MENDES

02 - JAQUELINE MARIA ALVES

03 - MARCIA HELENA DE MORAES SOUZA

04 - SUELY VENÂNCIO DA SILVA

05 - WILLIAN DE SOUZA PEREIRA

FORMANDO DE 1991 - 2º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 23/05/92

01 - DENILSON BENEDITO NASCIMENTO

02 - EDINETE SILVA PEREIRA

03 - IVONETE BATISTA DUARTE

04 - LUZINETH FERREIRA MORAES

05 - MARCO ANTONIO DE OLIVEIRA BARROS

06 - MARIA RITA DE CASTRO BRANCO

FORMANDO DE 1992 - 1º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 10/10/92

01 - ALICE DE PAULA

02 - HELENA MARIA ROSA

03 - JOERSON MARIO DA SILVA

04 - MARIA LÚCIA GALVÃO

05 - NÉRIO JOSÉ DE ARAUJO

06 - VICENTE CORRÊA DE MORAES FILHO

FORMANDO DE 1992 - 2º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 17/04/93

01 - DIKSON TSUYOSHI MINAMI

02 - EUCLÉIA RODRIGUES DE ALMEIDA

03 - FRANCISCO DELMADI

04 - OTAIR RODRGUES RONDON FILHO

05 - PAULO FERENZINI GUTTIERREZ

06 - SILVIA PAZIN BARROS SEIXAS

07 - TICIANA DE AZEVEDO E SILVA

FORMANDO DE 1993 - 1º PERÍODO

DATA DE COLAÇÃO DE GRAU - 25/09/93

01 - CARMEN CENIRA PRAEIRO DA SILVA

02 - LIA CLAUDINE DA SILVA

03 - MÁRCIO SEBASTIÃO DOMINGOS

04 - ROSÂNGELA POLETTO

ANEXO D – Portaria de criação do Naec.

ANEXO 1

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

PORTARIA 25/SAAc/81 – Em, 10 de novembro de 1981

O Sub-Reitor Para Assuntos Acadêmicos, no uso de suas atribuições legais e,

Considerando que as prioridades do MEC no atual contexto político-administrativo do país se voltam para o ensino de primeiro e segundo graus;

Considerando a necessidade da Universidade integrar-se ao processo de ensino-aprendizagem, na área de ciências para equacionar e solicionar problemas locais e regionais desta área;

Considerando a necessidade de apoio às experiências de ensino-aprendizagem voltadas para o aperfeiçoamento do ensino de primeiro e segundo graus;

Considerando a necessidade de ampliar, criar, implantar e difundir experiências que visem contínuo compromisso com o atendimento e transformações das estruturas básicas de educação;

Considerando, finalmente, a vocação extensionista da Universidade Federal de Mato Grosso que a projeta no meio social como importante agência de mudanças.

R E S O L V E :

Artigo 1º – Fica criado o Núcleo de apoio ao Ensino de Ciências – NAEC com o objetivo de prestar apoio ao ensino de ciências do primeiro e segundo graus, no Estado de Mato Grosso.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO Fls.02

Artigo 2º - O NAEC será operacionalizado por docentes em regime de 40 horas, com D.E. com redução de encargos didáticos prevista no Plano Departamental, designados por ato do Sub-Reitor Acadêmico, na seguinte lotação limite:

3 professores do Departamento de Biologia
2 " " " " Matemática
2 " " " " Física
2 " " " " Química

Artigo 3º - O NAEC ficará ligado à Sub-Reitoria Acadêmica através da CODEX - Coordenação de Extensão e seu coordenador será eleito pelo próprio grupo dentre um de seus componentes, homologado pelo Sub-Reitor Acadêmico.

Artigo 4º - Todas as atividades extensionistas, na área de ciências, voltadas para o ensino de primeiro e segundo graus deverão ser feitas através do NAEC.

Artigo 5º - Os componentes do NAEC terão o prazo de 60 dias, a contar da data de suas designações, para apresentar, à aprovação da SRAc suas normas de funcionamento.

Artigo 6º - Esta Portaria entra em vigor a partir desta data.

REGISTRADA, PUBLICADA,

C U M P R A - S E

ATTILIO CURIVES

Sub-Reitor Para Assuntos Acadêmicos

ANEXO E – Ementa Licenciatura Plena em Matemática UFMT 1986[3].

E M E N T A S

MAT - 470 - FÍSICA MATEMÁTICA - (4.0.0) - 60
PRÉ-REQUISITO - MAT - 505

Conjuntos Orgonoais de Funções. Cálculo de Variações . Problemas de Contorno (Método de Separação de Variáveis e Funções de Green). Equações Integrais.

MAT - 471 - ELEMENTOS DE MATEMÁTICA - (5.0.0) - 75

Expressões Algébricas. Funções e Gráficos. Funções Exponenciais e Logaritmicas. Noções de Trigonometria. Limites e Derivadas de Funções. Noções Integrais.

MAT - 501 - MATEMÁTICA PARA O ENSINO - (4.4.0) - 180

Revisão dos conteúdos de aritmética, álgebra, geometria Euclidiana, Trigonometria, Geometria Analítica e Análise de 1º e 2º Graus através de um enfoque essencialmente voltado para o ensino. Levantamento bibliográfico. Utilização do livro didático de 1º e 2º Graus.Rudimentos de análise do livro didático e de utilização de laboratório.

MAT - 502 - VETORES E GEOMETRIA ANALÍTICA - (6.0.0) - 90
PRÉ-REQUISITO - MAT - 501

Vetores no R^n Operações com Vetores no R^n. Independência Linear. Retas e Planos. Cônicas e Quádricas. Hiperplanos. Matrizes. Determinantes e Sistemas Lineares.

MAT - 503 - CÁLCULO I - (6.0.0) - 90
PRÉ-REQUISITO - MAT - 501

Funções. Limites. Derivadas e Aplicações. Diferenciais e Aplicações. Integrais Definidas e Indefinidas.

[3] Fonte: UFMT (1987).

MAT - 504 - CÁLCULO II - (6.0.0) - 90
PRÉ-REQUISITO - MAT - 503

Técnicas de Integração. Aplicações do Cálculo Integral. Sequências e Séries. Séries de Potências.

MAT - 505 - CÁLCULO III - (6.0.0) - 90
PRÉ-REQUISITO - MAT - 504

Funções de várias variáveis. Derivação Parcial e Aplicação. Integração Múltipla e Aplicações. Integrais Curvilínea e Aplicações.

MAT - 506 - EQUAÇÕES DIFERENCIAIS - (4.0.0) - 60
PRÉ-REQUISITO - MAT - 505

Equações Diferenciais Ordinárias e Aplicações. Noções de Equações Diferenciais Parciais.

MAT - 507 - COMPUTAÇÃO PARA O ENSINO - (4.1.0) - 90
PRÉ-REQUISITO - MAT - 502

Introdução aos Computadores. Visão Crítica do Papel dos Computadores no Ensino. Estudo e Aplicações de uma linguagem em alto nível. Noções Básicas de "SOFTWARE" e "HARDWARE".

MAT - 508 - CÁLCULO NUMÉRICO - (3.1.0) - 75
PRÉ-REQUISITO - MAT-505 - MAT - 507 - MAT - 506-RP

Noções sobre erros. Algorítmos e Fluxogramas. Aproximação Polinomial. Derivação e Integração Numérica.Raízes de Equações. Solução de Sistemas Lineares.

MAT - 509 - ÁLGEBRA I - (4.0.0) - 60
PRÉ-REQUISITO - MAT - 501

Aplicações. Operações. Grupos. Sub-Grupos.

MAT - 510 - ÁLGEBRA II - (4.0.0) - 60
PRÉ-REQUISITO - MAT - 509

Anéis. Ideais. Polinômios. Corpos. Teorema Fundamental da Álgebra. O corpo dos reais e complexos. A construção dos números reais.

MAT - 511 - ÁLGEBRA LINEAR I - (4.0.0) - 60
PRÉ-REQUISITO - MAT-502 e MAT - 509

Matrizes e Sistemas Lineares. Espaços Vetoriais Reais. Base e Dimensão. Transformações Lineares. Matrizes de uma Transformação Linear.

MAT - 512 - ÁLGEBRA LINEAR II - (4.0.0) - 60
PRÉ-REQUISITO - MAT - 511

Espaço com produto interno. Determinantes. Valores e Vetores Próprios. Formas Bilineares e Quadráticas.Diagonalização de Operadores.

MAT - 513 - VARIÁVEIS COMPLEXAS - (4.0.0) - 60
PRÉ-REQUISITO - MAT - 505

Número Complexos. Funções Elementares. Integração e Diferenciação Complexa. Sequência e Séries. Séries de funções. Resíduos. Cálculo de Resíduos. O Teorema do Resíduo.

MAT - 514 - PROBABILIDADE E ESTATÍSTICA - (4.1.0) - 90
PRÉ-REQUISITO - MAT - 505

Noções de teoria dos conjuntos. Variável aleatória. Evento. Espaço amostral. Conceitos de probabilidade. Teoremas de probabilidade. Distribuição de frequência. Distribuição de probabilidade. Distribuição normal. Distribuição binomial. Medidas de tendência central. Medidas de variabilidade. Amostragem. Atividades práticas.

MAT - 515 - PROGRAMAÇÃO LINEAR - (3.1.0) - 75

Revisão de Álgebra Linear. Problemas de Programação Linear PPL. Solução Gráfica de um PPL. Algoritmo Simplex. Degeneração. Dualidade. Aplicações de Programação Linear. Atividades Práticas.

MAT - 516 - PROGRAMAÇÃO NÃO LINEAR - (4.0.0) - 60
PRÉ-REQUISITO - MAT - 515

Problemas de Otimização não restringida. Problemas de Maximização restringida e Multiplicadores de Lagrange. Otimização com restrições de desigualdades; Método de Kuhn Tucker; outros métodos de programação não Linear, Funções Concavas separáveis e Método de Fiacco McCormick (SUMT).

MAT - 517 - ANÁLISE MATEMÁTICA I _ (4.0.0) - 60
PRÉ-REQUISITO - MAT - 505

Números reais. Sequências e séries. Limites e Continuidade de Funções Reais. Derivação e Integração de Funções Reais. Relação entre Derivação e Integração.

MAT - 518 - ANÁLISE MATEMÁTICA II - (4.0.0) - 60
PRÉ-REQUISITO - MAT - 517

Teorema de Heine-Borel. Integrais Impróprias. Sucessões e Séries numéricas de funções. Teste de Abel e Dirichlet. Teorema de Arzela Ascoli. Funções de várias variáveis. Teorema de função inversa. Teorema da Função Implícita.

MAT - 519 - HISTÓRIA E FILOSOFIA DA MATEMÁTICA - (4.0.0) - 60
PRÉ-REQUISITO - MAT - 505

Geometria. Álgebra e Aritmética na Antiguidade. A Matemática a partir do século XVII : Logarítmos, Geometria Projetiva, Máquinas de Cálculo e Análise. A Matemática e o Ensino da Matemática na época Contemporânea. A

transposição didática de Conceitos Matemáticos.

MAT - 520 - DIDÁTICA DA MATEMÁTICA - (3.1.0) - 75
PRÉ-REQUISITO - MAT - 501 e EDU - 116

Seleção e organização de conteúdos de experiência de aprendizagem em Matemática. Estratégias para o ensino da matemática: solução de problemas - situação problemas - jogos. Aplicações e análise crítica de técnicas de ensino da matemática. O Contrato didático. A negociação do contrato didático.

MAT - 521 - INSTRUMENTAÇÃO PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA - (2.2.0)-90
PRÉ-REQUISITO - MAT - 520

Soluções didáticas abertas e fechadas. Noções de engenharia didática. Análise, Construção e adaptação de material didático. O laboratório de ensino. Atividades de pesquisa bibliográfica : pesquisa e análise de artigos, livros e obras didáticas sobre educação matemática.

MAT - 522 - PRÁTICA DE ENSINO I - (1.2.0) - 75
PRÉ-REQUISITO - MAT - 520

Treinamento em habilidades técnicas de ensino. Elaboração de instrumentos de observação do campo de estágio, do processo ensino-aprendizagem e da caracterização da clientela. Preparação para aplicação de instrumentos de observação e coleta de dados necessários para diagnostico educacional. Revisão de conteúdos disciplinares numa perspectiva funcional.

MAT - 523 - PRÁTICA DE ENSINO II - (0.1.3) - 120
PRÉ-REQUISITO - MAT - 522

Observação do processo ensino-aprendizagem. Participação no planejamento, execução e avaliação de atividades curriculares a nível de escola. Planejamento execução de avaliação de atividades de ensino-aprendizagem.

MAT - 524 - SEMINÁRIO DE MATEMÁTICA APLICADA E PESQUISA EM ENSINO-(2.1.0)-60
PRÉ-REQUISITO - MAT - 523 / RP

Seminários envolvendo aplicações práticas de matemática e projetos de pesquisa em Ensino de Matemática.

MAT - 525 - DESENHO GEOMÉTRICO - (2.1.0) - 60

Representação e Construções Geométricas fundamentais : ângulo, segmentos, polígonos, circunferência, concordância, Tangentes, arcos, espirais.

MAT - 526 - TOPOLOGIA GERAL - (4.0.0) - 60
PRÉ-REQUISITO - MAT - 517

Espaços topológicos. Espaços Métricos. Espaços Completos, totalmente completos, Conexos e totalmente conexo. Produtos de espaços topológicos. Espaços quocientes.

MAT - 527 - PROCESSAMENTO DE DADOS I - (4.0.0) - 60
PRÉ-REQUISITO - MAT - 507

Teoria Geral dos Sistemas. Sistemas de Informação. Conceitos Básicos de Computadores. Principais Categorias de Computadores. Linguagem de Computação. Utilização de um "SOFTWARE" Aplicativo em microcomputadores.

MAT - 528 - PROCESSAMENTO DE DADOS II - (4.0.0) - 60
PRÉ-REQUISITO - MAT - 527

Arquitetura de Computadores. Sistemas de Informação . Estruturas de um Centro de Processamento de Dados. Estruturas Elementares de Informação e Organização de Arquivos. Programação Estruturada. Linguagem Cobol. Métodos de Acesso. Construção e Manipulação de Tabelas.Confecção de Programas de Crítica. Atualização e Emissão de Relatórios.

HIS - 301 - ESTUDO DE PROBLEMAS BRASILEIROS I - (2.0.0) - 30

Introdução doutrinária. Conceitos. Problemas morfológicos. Análise das estruturas sociais, políticas e econômicas. Problemas de desenvolvimento econômico. Problemas sócio-econômicos. Problemas políticos. Segurança Nacional.

HIS - 302 - ESTUDO DE PROBLEMAS BRASILEIROS II - (2.0.0) - 30
PRÊ-REQUISITO - HIS - 301

Aprofundamento dos conhecimentos apresentados em EPB I, com enfoque específico para a Região Centro-Oeste.

HIS - 355 - FILOSOFIA DA CIÊNCIA - (4.0.0) - 60
PRÊ-REQUISITO - SES - 433

O Surgimento da Ciência. História da Ciência e da Teoria do Conhecimento. Os Critérios de Demarcação da Ciência. A Ciência e sua Função Social : Pesquisa, Tecnologia e Ensino. O Problema do Método. Empirismo e Dedutivismo. O Problema da Fundamentação da Verdade. Observação e Experimentação: Hipótese, Lei e Explicação Científica. Ciência Aplicada e Ciência Teórica.

BIO - 520 - ECOLOGIA GERAL - (3.1.0) - 75
PRÊ-REQUISITO - MAT - 514

Níveis de organização. Métodos de investigação-questões e terminologia. Técnicas de observação e tomadas de dados. Populações: Tamanho e dinâmica, adaptações morfológicas, fisiológicas, comportamentos, fatores limitantes e tolerância. Distribuição e variação no tempo e no espaço. Competição e exclusão competitiva. Nicho e participação de recursos. Comunidade: Estrutura trofica, composição, riqueza e diversidade. Regulação de estrutura comunitária por intenções bióticas. Ecossistemas: Biogeoquímica, energética e produtividade, comunidades e ecossistemas, sucessão. Populações humanas e exploração da natureza. Ecossistemas e comunidades tro

picais. Ecossistemas regionais.

LET - 201 - LÍNGUA PORTUGUESA I - (4.0.0) - 60

Expressão Oral e Escrita. Redação. Gramática Aplicada.

LET - 252 - INGLÊS TÉCNICO I - (4.0.0) - 60

Iniciação à técnica de tradução, comparações morfológicas e estruturais. Leitura e compreensão de textos.

EDU - 116 - DIDÁTICA - (4.0.0) - 60
PRÉ-REQUISITO - EDU - 166

Espaço para a discussão das características das diferentes teorias de aprendizagem e suas derivações metodológicas. As principais correntes de ensino e suas implicações para a escola.

SES - 433 - SOCIOLOGIA GERAL - (4.0.0) - 60
PRÉ-REQUISITO - EDU - 138

A condição social do homem. Condições históricas do surgimento da Sociologia. Processos sociais fundamentais. A estruturação social. A estratificação social. Instituições sociais. Controle social e mudanças. Agências sociais, Institucionais e culturais de controle. Mudança social cultural. Fenômeno de ideologia.

EDU - 138 - INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO - (4.0.0) - 60

Educação Brasileira sob o ponto de vista sócio-econômico, político e histórico: Perspectiva Humanista e Democratizante, Perspectiva Tecnista, Perspectiva Crítica, Perspectiva Dialética. Papel da Educação no Contexto Brasileiro Atual. Problemas Educacionais: Natureza e Abrangência. Função das Disciplinas de Fundamentação Sociológica, Filosófica, Psico-Biológica, Histórica e Econômica no Currículo do Curso de Pedagogia. Função do Pedagogo.

EDU - 165 - PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO I - (4.0.0) - 60

Psicologia da Educação: conceito, objetivos e métodos. Sua função no curso da formação pedagógica, Psicologia do desenvolvimento. Princípios gerais do desenvolvimento. O desenvolvimento físico intelectual e social da criança. O desenvolvimento da personalidade. A Teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget.

EDU - 120 - ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DO ENSINO DE 1º E 2º GRAUS - (4.0.0)-60

Estudo do Sistema Educacional Brasileiro e sua perspectiva histórica. O Ensino de 1º e 2º Graus: objetivos, princípios, estrutura, currículo, organização e funcionamento.

EDU - 166 - PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO II - (4.0.0) - 60
PRÉ-REQUISITO - EDU - 165

O processo de Aprendizagem: conceitos, características, princípios, tipos, fatores que influenciam. A direção da aprendizagem: motivação, transferência e controle do processo. Teoria de aprendizagem: 05 autores distintos: Skinner, Gestalt, Piaget, Gagné e Rogers. Aplicação do Ensino: Exploração e expansão dos conhecimentos adequados visando sua aplicação no campo educacional.

EDF - 107 - EDUCAÇÃO FÍSICA I (0.1.0) - 30

Tem por objetivo conscientizar os futuros profissionais da importância da atividade física para a manutenção da saúde, como meio de integração social através de exercícios de formação corporal, exercícios básicos localizados (orientações e prescrição) e atividades recreativas.

EDF - 107 - EDUCAÇÃO FÍSICA II (0.1.0) - 30

Tem por objetivo oportunizar aos futuros profissionais orientações dentre as diversas modalidades esportivas através de noções básicas da técnica individual de cada modalidade, suas regras e sua importância como meio de integração social.